

**PAUL MURRAY**

# A Picada de Abelha



**VENCEDOR DO NERO GOLD 2023  
VENCEDOR DO AN POST LIVRO IRLANDÊS DO ANO**

**FINALISTA DOS PRÉMIOS BOOKER 2023,  
KIRKUS 2023, WRITERS' 2024**



# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir  
a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [convertEPub](#)



**PAUL MURRAY** nasceu em Dublin em 1975. Em 2003, estreou-se na escrita com *An Evening of Long Goodbyes*, com o qual foi finalista do Prémio Whitbread, para primeiras obras, e do Prémio Kerry Group, para ficção irlandesa. O seu segundo livro, *Skippy Dies*, foi selecionado para os prémios Booker, Costa e National Book Critics Circle. Em 2016 venceu o Prémio Everyman Wodehouse com o seu terceiro romance, *Mark and the Void*. Publicou em 2023 *A Picada de Abelha*, finalista de várias distinções, incluindo o Prémio Booker, selecionado como livro do ano por publicações britânicas e norte-americanas e vencedor do Prémio Nero Gold e do An Post Livro Irlandês do ano.

## **A Picada de Abelha**

Paul Murray

Publicado em Portugal por  
Livros do Brasil ([www.livrosdobrasil.pt](http://www.livrosdobrasil.pt))

Título original: *The Bee Sting*

© Paul Murray, 2023

© Porto Editora, 2024

Tradução: João Reis

Projeto gráfico da coleção e design da capa: Ideias com Peso com ilustração de Luís Alegre  
Fotografia do autor: © Chris Maddaloni

1.ª edição em papel: outubro de 2024

Este livro foi publicado com o apoio de Literature Ireland.



Publicação apoiada no âmbito do PRR e UE – NextGenerationEU\_teste

Rua da Restauração, 365  
4099-023 Porto  
Portugal

[www.portoeditora.pt](http://www.portoeditora.pt)

**ISBN 978-989-711-178-5**

«Elevo-me acima da minha mediania quando estremeço  
de medo.»  
John Donne

**SYLVIAS**

# I

Na vila mais próxima, um homem matara a família. Entaipara as portas para que não saíssem, e os vizinhos tinham ouvido as vítimas a correr pela casa e a gritar por misericórdia. Quando terminou, o assassino virou a arma para si e disparou.

Toda a gente falava daquilo: que género de homem era capaz de uma coisa daquelas, que segredos teria, etc. Circulavam rumores sobre casos amorosos, vícios, ficheiros ocultos num computador.

Elaine disse apenas que a surpreendia aquilo não acontecer com mais frequência. Enfiou os polegares nas presilhas do cinto das calças e fitou a tenebrosa rua principal da sua vila natal. Quer dizer, disse ela, pelo menos sempre é algo que *fazer* para passar o tempo.

Cass e Elaine tinham-se conhecido durante uma experiência numa aula de Química, quando Elaine vertera acidentalmente iodo no eczema de Cass. Elaine chorara mais do que a colega e insistira em acompanhá-la à enfermaria. Eram amigas desde então. De manhã, Cass passava pela casa de Elaine e caminhavam juntas até à escola. Na hora de almoço, enrolavam as saias compridas e deambulavam pelo supermercado enquanto ouviam música no telemóvel de Elaine e comiam *croissants* da secção de padaria, que tragavam por inteiro antes de chegarem às caixas de pagamento. Ao fim do dia, estudavam em casa de uma ou da outra.

Cass sentia que conhecia Elaine desde sempre e não entendia como não eram amigas havia mais tempo. Chegava a ser assustador o quanto as suas vidas eram semelhantes. Ambas as raparigas eram de famílias bem conhecidas na cidade: o pai de Cass, Dickie, era dono do *stand* local da Volkswagen, e o pai de Elaine, Big Mike, empresário e criador de gado. Eram as duas ligeiramente mais altas do que a média e também

inteligentes — na verdade, as melhores alunas da turma. Ambas pretendiam, um dia, sair daquela vilória e nunca mais lá regressar.

Elaine tinha cabelo loiro-dourado, olhos verdes e um corpo esbelto e imaculado. As roupas que comprava *online* assentavam-lhe sempre na perfeição, como se feitas de propósito para ela. Quando escrevia sobre a amiga no seu diário, Cass recorria a palavras como «graciosidade» e «estilo». Elaine tinha aquilo a que os franceses chamam *je ne sais quoi*. Até mesmo quando cortava as unhas dos pés, ela parecia estar a fazer algo sublime.

Quando Cass ia à casa da amiga, sentavam-se no quarto de Elaine, com o candeeiro — que tinha um abajur com um carrossel — aceso, e visitavam o *site* da Miss Universo Irlanda. Elaine ponderava seriamente em participar no concurso, não tanto pelo prémio em si, mas sobretudo pelas oportunidades que este lhe poderia proporcionar. A vencedora do ano anterior tornara-se, entretanto, embaixadora de uma marca de sumos.

Cass achava que Elaine era mais bonita do que todas as concorrentes cujas fotografias estavam disponíveis *online*. Mas vencer o concurso não seria fácil. Todas as raparigas que competiam para serem Miss Universo Irlanda — e depois para serem Miss Universo no mundo/universo em geral — tinham ultrapassado uma adversidade. Uma fora refugiada de uma guerra qualquer em África; outra fora sujeita a uma cirurgia quando muito pequenina; e uma concorrente muito magra fora outrora muito gorda. A adversidade por que passavam tinha de ser algo mau, como, por exemplo, ter dificuldades de aprendizagem na escola, mas não verdadeiramente mau, como passar dez anos acorrentada na cave de um pedófilo. O eczema de Cass seria uma adversidade perfeita: poderia porventura transmiti-lo a Elaine se mantivessem as respetivas peles em contacto durante tempo suficiente? Aparentemente, não. Um dia, Elaine

alegou que a necessidade de se ter uma adversidade era injusta. Se pensares bem nisso, é quase como uma espécie de discriminação, disse ela.

Nesse momento, a criada bateu à porta para lhes comunicar que estava na hora de Elaine ir para a aula de natação. Elaine revirou os olhos. A piscina estava sempre cheia de pensos rápidos a boiar e velhotes. E são todos *daqui*, disse ela. Se isso não é uma adversidade, não sei o que seja.

Elaine odiava a sua terra natal. Ali, toda a gente conhecia toda a gente, todos sabiam o que os outros andavam a fazer, e os condutores abrandavam para identificar os peões e acenar-lhes. Não havia lojas decentes e, em vez da McDonald's e da Starbucks, tinham a Binchy Burgers e a Mangan's Café, onde os proprietários trabalhavam ao balcão e lhes perguntavam pelos pais. Não consegues sequer comprar um folhado de salsicha sem teres de contar a alguém a tua vida toda, queixava-se ela.

A pequenez da povoação não seria tão má se os habitantes locais fossem um pouco mais sofisticados, mas aqueles labregos só pensavam em agricultura, na fábrica local de *microchips* e em jogos gaélicos. O futebol gaélico, o *hurling*, o *camogie*, os condados desportivos, a Taça, os sub-21 — não falavam de mais nada. Elaine odiava a GAA, a Associação Atlética Gaélica. Pouco destra, apesar da sua graciosidade, era sempre a última a subir a corda nas aulas de Educação Física, e nos desportos coletivos mantinha-se nos limites do campo, onde fazia má cara, enrolava o cabelo e deambulava relutantemente para a frente e para trás, de acordo com a direção geral da partida, como uma adorável alface-do-mar no fundo de um oceano barulhento.

O Comité da Tidy Towns, de que a mãe de Cass era membro, estava sempre a alardear a beleza natural da região, mas Elaine não concordava

com esta visão. Na sua opinião, a natureza era quase tão má quanto o desporto. Acaso já teriam visto como as plantas nunca paravam de *crescer*? Já teriam reparado em como as coisinhas verdes — as colheitas, ou lá como se chamavam aquelas tretas — morriam e *regressavam* no ano seguinte? Mais ninguém se apercebia do quanto isso era sinistro?

Não estou a ser negativa, dizia ela amiúde. Só quero viver num sítio onde possa tomar café do bom, não tenha de ver natureza nenhuma e as pessoas não pareçam ser feitas de puré de batata.

Cass também não queria saber dos jogos gaélicos para nada e concordava que havia ali uma falta generalizada de *je ne sais quoi*. Contudo, para ela, a presença de Elaine por si só anulava todos os pontos negativos da vila.

Nunca se sentira tão ligada a ninguém. Quando trocavam mensagens à noite — por vezes, ficavam acordadas até às duas da manhã —, sincronizavam-se de tal maneira que quase pareciam uma e a mesma pessoa. Se Elaine lhe enviasse uma mensagem a dizer *WTF*, viste aquela camisola, o que era aquilo?, Cass sabia de imediato a que camisola se referia. Uma única palavra sem explicação, como *bagatela* ou *lambidelas*, fazia-a rir-se tão alto que o pai a ouvia do outro lado da casa e lhe batia à porta para lhe pedir que fosse dormir. De certo modo, aquela era a melhor altura do dia — sentia-se até melhor do que quando estavam juntas. Quando, deitada na cama, as mensagens voavam entre elas, Cass sentia-se também a voar no céu, bem acima da povoação, num espaço puro que lhe pertencia na sua totalidade e que partilhava apenas com a sua melhor amiga.

Depois das aulas, iam, na maior parte dos dias, para casa de Elaine. Por vezes, para mudarem de ares, Elaine preferia ir a casa de Cass. Gostava de se esgueirar até à cozinha para falar com Imelda — era assim

que chamava à mãe de Cass. Chamava-lhe «Imelda» com tanta naturalidade que, passado algum tempo, Cass também começou a tratar assim a própria mãe. Essas *jeggings* ficam-te a matar, Imelda, disse Elaine em certa ocasião. Oh, achas que sim?, respondeu a mãe de Cass/«Imelda», que se curvou com uma graciosidade incrível, qual salgueiro ao vento, para analisar as suas coxas e barrigas das pernas. Estive indecisa e quase não as comprei por causa das riscas. As riscas é que lhe dão a graça toda, disse Elaine em jeito conclusivo, e Imelda pareceu ficar contente.

A mãe de Cass era famosa pela sua beleza. Também ela tinha cabelo loiro e olhos verdes. É estranho ela ser *tua* mãe, disse Elaine. Não faria mais sentido que eu fosse filha dela?

Nesse caso, seríamos irmãs!, disse Cass.

Não: que eu fosse filha dela em vez de seres tu, ripostou Elaine.

Cass não soube ao certo o que pensar sobre este comentário. Mas a verdade é que a mãe se dava melhor com a sua amiga do que com ela. Imelda gostava de dar a Elaine cremes faciais para experimentar, e as duas trocavam segredos de beleza e conselhos sobre produtos cosméticos. Cass mantinha-se à parte nessas conversas. Nada funciona na pele dela, dizia Imelda, por causa do eczema. É uma verdadeira adversidade, concordava Elaine.

Uma vez, Imelda levava as raparigas aos pré-saldos em Dublin. Ainda não tinham afixado as etiquetas com os descontos e só os clientes com cartão de acesso a produtos exclusivos (cartão platina) tinham conhecimento das promoções. Esta vantagem secreta sobre os reles mortais maravilhara, sem sombra de dúvida, Elaine, que contemplara Imelda a lançar-se ferozmente às roupas penduradas em cruzetas — mexendo-lhes e remexendo-lhes sem piedade, tal qual uma imperatriz

num mercado de escravos — como se de algum modo conseguisse ver a diferença. Como se a rodeasse uma aura ou um brilho platinado.

Cass não entendia totalmente o porquê da idolatria a Imelda. A seu ver, Elaine era muito mais bonita do que a sua mãe. Pois, mas a tua mãe tem de ter pelo menos, tipo, 34 anos, disse Elaine. Quero dizer, ela conservou o bom aspeto.

Elaine achava que a sua própria mãe não tinha envelhecido bem e confessara em certa ocasião que o seu «maior medo» era o de que o seu bom aspeto fosse apenas transitório, e que viesse a passar o resto da vida como uma daquelas pessoas-tipo-batata-amolecida que via a empurrar os carrinhos de compras pelo parque do estacionamento do Lidl.

E isto correspondia, de facto, à verdade: apesar de ser mãe de dois filhos e já não ser uma jovenzinha, Imelda exercia ainda um efeito eletrizante sobre as pessoas. Quando caminhava pela rua, as mulheres viravam a cabeça para a observar com laivos de adoração, como se exibisse no simples ato de caminhar dotes atléticos invulgares. Os homens, por seu lado, quedavam-se no meio do passeio, gaguejantes e com as pupilas dilatadas, e as bocas tremiam-lhes com os lábios unidos num O, como se tentassem pronunciar uma palavra inefável.

Cass, todavia, não exercia nenhum efeito eletrizante. Quando dizia que era filha de Imelda, fitavam-na por um momento, como se tentassem resolver um enigma; depois, davam-lhe uma palmadinha na mão, por empatia, e diziam: então saís ao teu pai, não é?

Elaine alegava que não era apenas uma questão de aspeto. Imelda tinha também mística, magnetismo.

Até me custa a acreditar que tenha casado com o teu pai, disse ela, uma vez, com uma certa candura.

Por vezes, Cass também não percebia como é que o seu pai, um homem tão atencioso e sensível, se apaixonara pelo charme cem por

cento superficial de Imelda como se fosse um palonço qualquer. Conquanto não quisesse denegrir a mãe, não percebia como Elaine podia achar que Imelda tinha mística. Conviver com a sua mãe implicava ouvir os seus comentários infundáveis e, por conseguinte, aceder ao conteúdo da sua mente — ou seja, ser-se exposto a uma metralhada incessante de pensamentos, divagações inconscientes e observações aleatórias, todas elas insignificantes se consideradas individualmente, mas avassaladoras quando tomadas no seu todo. Tenho de te marcar uma sessão na depilação por causa desse teu buçozito, já se te nota a penugem, dizia ela, por exemplo. E enquanto se estava ainda a assimilar o que se acabara de ouvir, acrescentava: aquilo são túlipas ou begónias? Olha, vai ali a Marie Devlin, a mulher não tem estilo nenhum, que coisa. Aquele homem é árabe? Isto está a ficar cheio de árabes. Onde é que eu vi que tinham aquele *chutney* dos bons? A Kay Connor disse-me que a Anne Smith emagreceu, mas que o médico lhe disse que ela perdeu o tipo errado de peso. Pensava que hoje ia estar sol, mas não está sol nenhum. Quem é que inventou o *chutney*, foi o Gorbachov? E por aí em diante, sem parar — escutá-la era como atravessar um nevão, uma tempestade de vazios brancos e tresloucados que cegavam como neve.

Sinceramente, Cass preferiria que Elaine não fosse de todo a sua casa, e que depois das aulas se reunissem apenas na casa da amiga, onde a criada, Augustina, lhes fazia café gelado e onde, no quarto de Elaine, visitavam o *site* da Miss Universo Irlanda, trocavam dicas sexuais que nunca tinham utilizado na prática e faziam listas dos rapazes mais bonitos da escola secundária ao fundo da rua.

Ao mesmo tempo, sabia que se devia sentir grata pelo *glamour* inegável da mãe; grata por ter, em especial naquela época negra, algo que a amiga invejava.

A verdade é que as suas vidas não eram tão parecidas quanto Elaine imaginara. Sim, tinham a mesma raquete de ténis e a mesma *sweatshirt* laranja-pêssego com capuz. Contudo, embora Elaine parecesse ainda não se ter apercebido disso, algumas das outras coisas que tinham em comum eram na realidade coisas que *costumavam* ter em comum. Ambas as famílias tinham ao seu serviço criadas brasileiras. Mas Marianna fora «visitar a família» havia quase um ano, e Cass sabia que ela nunca mais regressaria. Cass era capaz de indicar as melhores lojas de Nova Iorque e as melhores praias de Cap d'Antibes; no entanto, nos braços de Elaine, viam-se ainda as marcas de bronzeado das últimas férias, ao passo que, no seu caso, se olhasse para os seus braços, algo que tentava não fazer, Cass veria que, entre as marcas de eczema, a sua pele era de um branco pegajoso, quase indistinguível do tecido da feia blusa do uniforme escolar.

Quando se dera conta pela primeira vez de que os negócios estavam «a abrandar», para usar os termos do pai, parecera-lhe que uma quebra de rendimentos não lhes faria mal nenhum. Elaine confessara-lhe recentemente que, antes de se tornarem amigas, pensava que Cass e a família eram arrogantes e se armavam em finos. Não era só eu, apressara-se a explicar, é o que a maior parte das pessoas acha.

Cass ficara horrorizada. Sabia que a sua família era abastada, mas nunca se comportara como se estivesse acima de ninguém. Ser-lhes-ia talvez benéfico descer um pouco à terra, porque assim Elaine saberia que ela não estava a tentar armar-se em superior ou a competir para ser o centro das atenções.

Contudo, o abrandamento dos negócios depressa se aproximou mais de uma queda livre. Um ambiente de receio abateu-se sobre o *stand* automóvel. Antes, Cass adorava visitá-lo. Das alas, observava o centro da loja, onde os carros novos e brilhantes quase a ofuscavam. Depois,

sentava-se alternadamente nos modelos em exposição e imaginava uma vida diferente por associação a cada um deles: vidas imaginárias onde era princesa, exploradora, cientista, fada. Já não suportava ir até lá. Os carros que ninguém amava nem comprava, mas que ainda cintilavam desesperadamente no centro da loja, lembravam-lhe os cães vadios no canil municipal. Cães que aguardavam o abate iminente.

O pai tentava animá-la o melhor que podia. As coisas vão melhorar, dizia. Todas as coisas seguem um ciclo, é normal. Mas os seus esforços contribuía apenas para que a filha sentisse um nó ainda mais apertado no estômago.

Dickie Barnes não era um vendedor nato. Quando ia ao *stand*, Cass encontrava-o amiúde a ler um livro no escritório. Mas talvez fosse preferível fechar-se na salinha privada, porque Dickie era um desastre no atendimento. Um cliente entrava à procura de um carro novo e ele encaminhava-o para um carro usado. Se o cliente queria um carro usado, apresentava-lhe um modelo mais pequeno e mais barato. De resto, Cass ouvira-o mais do que uma vez a convencer pessoas a não comprarem, de todo, um carro.

Quando lhe faziam notar esta idiossincrasia, Dickie gostava de citar o seu pai, o avô de Cass, que dizia que a chave para o sucesso naquele negócio não era vender carros, mas construir relações. Um cliente que confia em ti nunca mais te abandona, dizia. E, para provar o que dizia, apontava para a rua, onde se via o autocolante da Maurice Barnes Motors no vidro traseiro de um em cada três carros que por ali passavam.

No entanto, os clientes tinham deixado de aparecer.

A culpa não era do seu pai. Tinha havido um *crash* financeiro. Eram esses os termos com que se lhe referiam nas notícias: duas palavras que levavam Cass a imaginar algo súbito e explosivo, como um carro a

embater num muro. Mas aquele embate era lento — na verdade, estava a decorrer há anos — e nada tinha explodido. Não acontecera nada de palpável, de visível, e, contudo, já não havia dinheiro por causa do dito embate. Até os bancos estavam sem dinheiro. No ano anterior, a fábrica de *microchips* despedira cem pessoas e metade das lojas na Main Street tinha uma página A4 afixada na janela, na qual agradecia aos clientes os muitos anos de fidelidade. Estavam todos no mesmo barco.

Ainda assim, algumas pessoas estavam num barco diferente.

O pai de Elaine tinha-se «metido» em negócios com um promotor imobiliário na construção de um pequeno número de fogos na floresta atrás da propriedade da família de Cass. Entretanto o promotor imobiliário falira sem terminar as casas, que estavam desde então a apodrecer. Elaine dissera-lhe que Big Mike passava três dias por semana em Dublin, para tratar do imbróglio com diversos advogados. No entanto, além de terem passado as férias de verão em França, Big Mike levava a família a esquiar na pausa de outono. Ademais, a mercearia requintada da vila providenciava-lhes lagosta com a regularidade habitual, e, aos domingos, na missa, sentavam-se na primeira fila.

É um grande aldrabão, dizia a mãe de Cass. Não suportava Big Mike e o seu sorrisinho insolente, os seus investimentos, as suas botas à *cowboy* da *Gucci*. E não passa de um parolo que vingou à custa de ofertas do Lions!

Mas o sujeito sabia como usar os recursos que tinha à mão. Não podia dizer o mesmo de toda a gente...

A mãe de Cass não estava a lidar bem com os problemas financeiros da família. Fora sempre uma compradora compulsiva — conhecia de nome todos os estafetas da vila e o seu roupeiro era um paraíso secreto, em cujas prateleiras camisolas, *écharpes* e botas nunca usadas se apinhavam como bailarinas estonteadas que aguardassem o momento

oportuno para tomar um palco de assalto. Não obstante, nas circunstâncias em que se encontravam, não podia sequer fazer compras nos saldos. Para Imelda, isto equivalia a uma sentença de morte. Excetuando as idas ocasionais às reuniões da Tidy Towns, que tinham lugar na sala das traseiras da *boutique* Olivia Smythe, na Main Street, deixara praticamente de sair de casa.

Quase sempre fechada entre quatro paredes e sem ninguém a quem se exhibir, entregava-se as mais das vezes a um mau-humor tenebroso. Sentava-se de pernas cruzadas no sofá e virava as páginas de uma qualquer revista com tanta força que Cass, no andar de cima, a ouvia. Depois, com um suspiro de insatisfação, atirava a revista para o lado e deambulava de divisão em divisão enquanto estalava os dedos — uma mulher «ativa» mas sem nada que a ocupasse, como uma adolescente de castigo ou uma reformada enérgica num lar de terceira idade —, antes de decidir fazer algo que garantidamente a enfureceria, como confeccionar um suflé ou tricotar meias.

Imelda não ouvia as notícias. Não queria ouvir um chorrilho de comentários sobre economia não sei quê e não sei que mais global. No que concernia aos negócios em maus lençóis, sabia bem a quem atribuir a culpa.

Imelda alegava que Cass e Dickie estavam «de conluio». As suas acusações eram tudo menos recentes: afinal, pai e filha tinham sempre gostado de livros e de conversas inteligentes e cultas. Parecia-lhe, pois, que tinham uma ligação que a excluía. Entretanto, começara a acreditar que Cass «virara» o pai contra o *stand*. No ano anterior, Cass fizera um trabalho de Geografia acerca das alterações climáticas. Os alunos tinham de calcular em que medida o trabalho dos pais contribuía para o

aquecimento global. Para isso, teriam de contar com a ajuda dos pais, é claro. Dickie lançara-se com ímpeto ao projeto — adorava trabalhos de casa! Um dia, sentaram-se na cozinha e fizeram uma lista de todos os carros que o *stand* vendera; depois, contabilizaram quanto dióxido de carbono fora necessário para os produzir e transportar até lá, e estimaram por alto quantos gases com efeito de estufa libertariam durante a sua vida útil. No fim, somaram todos os valores.

Cass lembrava-se ao pormenor desse momento. Até então, tinham-se apenas divertido. C’um caraças, dissera o pai, enquanto olhava ora para a fotografia que Cass tirara à Maurice Barnes Motors, ora para as imagens de refugiados fugidos de aldeias submersas no Bangladesh. Isto não pode estar certo, dissera ele, confirmando outra vez o total.

De acordo com Imelda, nunca mais fora o mesmo desde então. Começara a fazer refeições vegetarianas e a ir de bicicleta para o trabalho. Está doido varrido!, dizia Imelda. Que aspeto dá o dono de um *stand* de carros ir para o trabalho de bicicleta?

O próprio Maurice, o avô de Cass, regressara de Portugal para o convencer a não expandir a frota de carros elétricos. Não vamos vender carros a arquitetos suecos. O Björn e a Agneta não são o nosso público-alvo, Dickie!, dissera-lhe ele. As pessoas daqui querem gasóleo! *Diesel* do bom. *Mama lá gasóleo* — é o que dizem os autocolantes que colam nos para-choques! Não dizem *Mama lá uns feijõezinhos de soja*.

Mas o estrago está feito, dizia Imelda. Dickie nunca mais se entregara de corpo e alma ao trabalho. E tudo por causa das palhaçadas da sua filhinha querida, o seu tesouro. Espero que estejas satisfeita, minha menina.

Cass não o negava: o trabalho de Geografia perturbara-a. O *stand* do pai não era o único culpado, porque ela também contribuía — e muito — para as alterações climáticas. Estava atolada naquilo até ao pescoço. Dar uma vista de olhos ao Instagram, comer um gelado, acender uma luz: o ato mais corriqueiro deixava atrás de si um rasto de toxicidade, como se Cass tivesse um eu-sombra maléfico que asfixiava o mundo em que vivia. Durante semanas, ficara apática, paralisada pela inelutabilidade da sua própria maldade. Parava no limiar do jardim das traseiras, olhava as flores e a relva e as árvores distantes, e imaginava tudo aquilo a enegrecer e os pássaros e os insetos a caírem, estorricados, do céu. Até nos dias bons, como quando Elaine lhe deu uma pulseira por ter duas iguais, se lembrava de repente de todos os animais que se iriam extinguir e de que a terra seria inundada e de que tudo estava condenado — por causa da família Barnes.

No entanto, tinha já idade suficiente para se aperceber de que o comércio internacional de automóveis não cessara por efeito da sua aula de Geografia sobre a necessidade de uma transição energética. Está a acontecer em todo o mundo, mãe, disse-lhe ela. A culpa não é do pai. É um fenómeno global.

Um fenómeno global e pouca vontade de trabalhar, respondeu Imelda.

Era por isso que Cass ficava tão nervosa quando Elaine ia a sua casa. A mãe mudava de humor como um cata-vento mudava de direção numa tempestade. Ninguém sabia o que ela seria capaz de dizer em determinado momento. Era bem possível que começasse a queixar-se de Dickie à frente de Elaine e assim desvelasse toda a verdade. E o que aconteceria então? O que faria Elaine? Teria Cass em menor conta? Continuaría a ser sua amiga quando descobrisse que já não levavam o mesmo género de vida?

Tentava por vezes convencer Elaine a não ir lá a casa e denegria subtilmente a mãe sempre que podia. Mas — embora lhe tivesse recentemente acabado o tonificante e se queixasse de que sentia a cara como que asfaltada — Imelda continuava tão bonita como antes e Elaine igualmente obcecada.

Foi Elaine quem reparou nas fotografias de casamento.

Estavam as duas na sala boa, onde, na verdade, não deveriam estar — Cass e PJ só lá podiam entrar quando havia visitas, era essa a regra. Mas Elaine queria ver o tio Frank, que ela achava sensual, embora já tivesse morrido. De qualquer forma, segundo alegava, ela era tecnicamente uma visita.

Quem entrava na dita sala boa sentia-se como que a visitar a secção reservada de um museu, secção essa acessível apenas em visitas guiadas. A sala estava mobilada com um enorme sofá de veludo turquesa, um candelabro de cristal e várias mesinhas repletas de ornamentos de porcelana. A consola da lareira estava coberta de fotografias da família tiradas ao longo dos anos: Maurice e Peggy de óculos escuros no convés de um iate; Dickie e Frank quando crianças pequenas com macacões a combinar; Frank com equipamento de futebol gaélico (ele é tão jeitoso, disse Elaine, que até uma camisola de futebol gaélico lhe fica bem); a primeira comunhão de Cass, a primeira comunhão de PJ; Dickie, Imelda e as crianças em férias passadas em Málaga, em Chamonix, na Disneylândia, em Marraquexe, a esquiares, a mergulharem, a apanharem banhos de sol, montados em burros.

Mas, como Elaine fez notar, não havia fotos de casamento.

Cass tinha a certeza de que a amiga só podia estar errada e de que teria de haver pelo menos uma fotografia escondida algures. No entanto

procurou-a e de facto não a encontrou.

É um mistério, disse Elaine, e dessa vez Cass não teve como discordar. Se havia coisa de que a mãe gostava era de que lhe tirassem fotografias. A casa estava cheia de jornais de distribuição gratuita e revistas impressas em papel brilhante em cujas últimas páginas se encontravam imagens de uma Imelda radiante no concurso de talentos da vila, ou no almoço de Natal do Lions, ou na inauguração de uma loja da Hermès na Brown Thomas, ou na reabertura do Cody's Pub, com o presidente da Câmara ou o relações públicas ou uma das suas amigas do comité da Tidy Towns, que ao seu lado pareciam invariavelmente desgastados ou alaranjados ou cheios de celulite. O facto de a sua mãe não ter exposto fotos de um evento tão importante como o próprio casamento era, mais do que surpreendente, simplesmente chocante.

Passaram a tarde no quarto de Cass, onde urdiram teorias da conspiração sem, todavia, encontrarem uma explicação plausível para a ausência de fotografias do casamento. Nessa noite, Cass sentou-se ao lado do pai no sofá da sala. Ele estava a ver televisão. Pai? Têm fotografias do vosso casamento?

Ensaiaara aquela fala diante do espelho para a pronunciar com a maior das naturalidades possível.

O pai não lhe respondeu de imediato e, de olhos postos no ecrã, tão-só coçou o queixo. Como não tinha a certeza de que se tivesse feito ouvir, Cass preparava-se para o inquirir uma segunda vez quando ele enfim lhe respondeu: Há algumas fotografias guardadas num sítio qualquer, acho; tenho de ver se as encontro. E virou-se e olhou-a com o mesmo sorriso com que a encarava quando lhe dizia que os reveses no negócio eram cíclicos.

Mas que porra?, disse Elaine quando Cass lhe contou a conversa com o pai.

Pois, é esquisito, é, disse Cass.

Até então, Cass desconfiava que haveria uma resposta banalíssima para aquele mistério: que tinham perdido as fotografias ao mudarem de casa, que PJ entornara papas em cima delas ou que ocorrera um qualquer incidente típico dos tempos antigos — alguma coisa com os negativos, ou o que quer que fosse. Mas agora perguntava-se se não existiria ali, de verdade, uma conspiração secreta.

Tens de perguntar à tua mãe, disse Elaine.

Sim, disse Cass.

Posso perguntar-lhe, se não quiseres falar tu com ela, disse Elaine.

Eu pergunto, disse Cass.

A resposta ao mistério estava ali. Imelda não sabia mentir. Se Cass a interrogasse corretamente, a mãe haveria de desembuchar a verdade.

Contudo, Cass tentava por aquela altura evitar o mais possível a mãe, que andava particularmente mal-humorada. Na semana anterior, Dickie vendera-lhe o carro. Imelda estacionara-o no *stand*, como era seu hábito, e fora para as massagens. Depois de se ir embora, Big Mike aparecera em busca de um carro para Augustina, a criada. Dissera a Dickie que queria apenas um chaço, mas depois vira o *Touareg*.

O carro — como o pai de Cass repetira vezes sem conta, mas em vão — não era, *na verdade*, dela, e ele tentava vendê-lo havia mais de um ano. Se o tivesse vendido a qualquer outra pessoa, Imelda talvez não tivesse ficado tão furiosa. Todavia, ela estava convencida de que Big Mike o comprara apenas por maldade. O tipo está a gozar-nos e a esfregar-nos na cara que somos pobres — gritou diversas vezes a Dickie. Até a mãe se acalmar em definitivo, Cass achava melhor evitar todas as perguntas potencialmente provocadoras e manter Elaine à distância.

Elaine, no entanto, não gostava de esperar. Nesse domingo, após a missa, correu até junto de Cass num estado de grande exaltação para lhe

comunicar que o seu pai fora ao casamento de Dickie e Imelda, dezassete anos antes, e que lhe contara o que acontecera.

Aconteceu alguma coisa?, perguntou Cass.

Elaine não lho podia contar de imediato, porque tinha aula de *ballet*. Mais tarde passo por tua casa, prometeu.

Foi uma coisa má?, perguntou Cass.

Mas Elaine estava já a entrar no carro do pai.

Quando a amiga tocou a campainha, Cass correu para lhe abrir a porta. Depois, conduziu-a apressadamente até ao andar de cima, para que Imelda não a visse. Saída diretamente da aula de *ballet*, Elaine vestia uma camisola com capuz sobre o *maillot*. Uma vez no quarto, sentou-se de pernas cruzadas no edredão de Cass, mas não disse nada por alguns segundos.

Cass sentira-se um pouco ofendida por Elaine se lhe ter antecipado e revolvido um segredo que lhe pertencia por direito. Porém, viu-se então acometida por um medo súbito. E se os seus pais nunca se tivessem casado!? Talvez não fossem sequer seus pais biológicos! E então?, disse ela.

Elaine fitou-a com olhos vidrados. Depois, disse: Foi tudo por causa de uma abelha.

O quê?

Foi tudo por causa de uma abelha, repetiu Elaine.

Não percebo, disse Cass.

Esforçando-se por manter uma expressão imperturbável, Elaine explicou-lhe que, enquanto o pai de Imelda levava a filha à igreja, uma abelha entrara pela janela do carro e ficara retida no véu da noiva. A

Imelda começou a passar-se da cabeça, disse Elaine, mas o pai pensava que ela estava possessa porque já não queria casar com o Dickie.

Quando, por fim, se apercebera do que se estava a passar, o pai de Imelda encostara o carro à berma e tentara arrancar-lhe o véu. Mas o véu estava preso no cinto de segurança e ele não o conseguia soltar. Por isso, saltou fora do carro e contornou-o até ao lado do pendura, disse Elaine. Mas quando finalmente soltou o véu, ouviu-se um grito.

A abelha picou-a?, disse Cass.

Em cheio no olho, disse Elaine com um certo deleite.

O pai de Imelda tentara encontrar uma farmácia a caminho da igreja, mas o melhor que lhe aparecera fora um pequeno *pub*, onde comprara um *Twister* que a filha pousou no inchaço até chegarem à cerimónia, o que, contudo, de nada lhe servira. O inchaço não esmorecera e Imelda não destapara o rosto ao entrar na igreja, percorrendo em seguida toda a nave central com o véu posto. Véu que, de resto, mantivera sobre o rosto mesmo diante do altar, enquanto os noivos trocavam os seus votos matrimoniais, mesmo quando Dickie a beijara. Não o tirou por um só momento durante toda a boda, disse Elaine. E não contara a ninguém o que acontecera. Todos julgavam que tinha perdido o juízo.

Jesus, disse Cass.

Pois, foi tramado, disse Elaine.

Então foi por isso que não tiraram fotografias?, questionou Cass. A picada foi assim tão má?

O meu pai disse que ela parecia ter uma bexiga de porco colada à cara, disse-lhe Elaine.

Meu Deus, respondeu pensativamente Cass.

Fizeram um momento de silêncio antes de se entreolharem. Assim que começaram a rir-se, nunca mais conseguiram parar e não

demoraram muito a rebolar pelo chão; Cass riu-se tanto que pensou inclusive que iria vomitar.

Uma abelha no véu de noiva da sua mãe! Uma abelha a zumbir-lhe no cabelo! Era demasiado hilariante, demasiado perfeito. E a cereja no topo do bolo era o facto de nunca ter mencionado o que acontecera aos próprios filhos, embora toda a vila o soubesse. Imelda era tão vaidosa que não suportava que fizessem piadas às suas custas.

Nessa noite, depois de Cass ir para casa, Elaine enviou-lhe uma fotografia em grande pormenor de uma abelha com a mensagem Aceitas esta minha picada, minha amada? Cass enviou-lhe, em resposta, uma montagem fotográfica de uma abelha com um vestido de noiva, acompanhada pela mensagem De flor em flor até à nossa lua de mel. Ficaram acordadas metade da noite a enviarem uma à outra imagens de abelhas. Todas elas muito engraçadas. Quando finalmente pousou o telemóvel, Cass sentiu-se exausta, mas no bom sentido — era como se tivesse escalado uma montanha.

No entanto a cena retornou-lhe à mente quando apagou a luz. Dessa vez, pareceu-lhe testemunhá-la ao vivo, como se estivesse sentada num banco ao fundo da igreja. Viu a mãe abrir a porta e caminhar pela nave, e, embora o véu lhe cobrisse o rosto, Cass notou a sua humilhação, a sua confusão, e também o espanto de Dickie, boquiaberto perante a figura misteriosa (quem se escondia ali debaixo?) com que estava prestes a casar-se. Não eram muito mais velhos do que Cass era agora, e Cass teve pena deles, ali especados diante do altar da igreja que ela conhecia tão bem, ambos vítimas dos olhares de todas as pessoas que, ali presentes, não se coíbiam de os julgar.

Também sentiu pena da abelha. As abelhas estavam a morrer por todo o lado: PJ estava sempre a falar sobre isso. Ninguém sabia porquê, mas era mau, porque as abelhas transportavam pólen de planta em

planta: sem elas, a própria natureza morreria. Aquela abelha em particular estava a zumbir pelo campo, concentrada nas suas coisas, quando, sem que nada o fizesse antever, entrara pela janela do carro e no mundo da sua mãe. Envolta pelo seu véu, atordoada com os seus gritos, decerto se terá julgado perdida numa vasta flor labiríntica. Perdera por completo todos os pontos de referência e via apenas o véu e o enorme rosto bonito da sua mãe. Pareceu-lhe sentir o pânico da abelha, a sua ânsia por escapar dali, e imaginou a mãe a socar o ar e o último esforço suicida da abelha para se defender, cravando na pele de Imelda um ferrão pulsante repleto de um veneno inútil. Sentiu a vida da abelha a escapar-se-lhe. A natureza estava a morrer, o mundo a chegar ao fim. Quando adormeceu, era seu o corpo no chão, junto aos sapatos de seda que a mãe calçara no casamento. Um corpo que se estava já a transformar em pó.

A partir desse dia, Elaine pareceu perder muito do seu interesse por Imelda. Cass supunha que a história da abelha contribuía para ofuscar a mística da mãe. Preocupava-a, contudo, que, sem o *glamour* de Imelda em jogo, Elaine viesse também a desinteressar-se dela. Mas isso não aconteceu e as raparigas não tardaram a reencaminhar as suas atenções para uma nova obsessão.

Não lhes faltavam motivos para odiar a escola: as saias até aos tornozelos, o cheiro a hospital, o diretor mumificado, as orações, o desporto, o tédio — tudo isso as enojava. Contudo, a sua professora de Inglês, a Menina Ogle, era mais merecedora de compaixão do que de desprezo. A Menina Ogle, também conhecida como «a Última Freira», era uma solteirona que nunca saía da casa paterna porque se vira obrigada a cuidar da mãe. E a mãe estava no seu leito de morte havia

trinta anos, mas nunca chegara a morrer. Viviam as duas numa casinha decrépita perto da Main Street. A pasta da Menina Ogle estava cheia de amostras de papel de parede e catálogos de tinta que nunca usaria.

A Menina Ogle era, no fundo, uma personagem trágica, mas parecia não se aperceber disso. Tinha trejeitos grandiloquentes e adorava usar palavras compridas e exóticas — *bagatela, melífluo, distintivo* — como quem usa estranhos laços de seda que encontra guardados numa caixa algures no sótão da avozinha. Por outro lado, não vestia roupas acetinadas ou delicadas, optando por combinar macacões com blusas aos folhos, num estilo que Elaine apodava de «gasolineira vitoriana».

As raparigas troçavam incessantemente da Menina Ogle. Por vezes, o dia parecia não ser longo o suficiente para comportar toda a sua zombaria. Tudo nela era engraçado, incluindo o nome, e chamavam-na muitas vezes de Menina Ogre. Mas, nas suas conversas, ela surgia também como a exemplificação de um perigo — o perigo de permanecer naquela vilória e de «se ficar preso ali» para tomar conta de um parente.

A Menina Ogle também não tinha consciência disto. Adorava Cass e Elaine, as suas melhores alunas. «As minhas meninas», como ela lhes chamava.

Um dia, a Menina Ogle não apareceu para dar aulas. Constou-se que estava muito doente: tão doente que a sua mãe moribunda se levantara da cama pela primeira vez numa década para cuidar dela.

Uma situação irónica? Engraçada? No domingo seguinte, viram a Menina Ogle na missa. Estava pálida, a sua pele cerosa, e os olhos pareciam prestes a saltar-lhe da cabeça, como se ela tivesse mirrado. As minhas meninas, disse-lhes ela em tom emotivo e esticando-se na cadeira de rodas, para as abraçar. Uma cena tão trágica que tiveram de morder os lábios para não se partirem a rir. Mas sentiram também, de

modo um tanto indefinível, que aquela desgraça era culpa delas, que a troça com que a fustigavam tão regularmente a levava ao colapso.

Esqueceram tudo isso assim que a Menina Grehan apareceu. Esqueceram-se inclusivamente de que a Menina Ogle existia. A Menina Grehan entrou na sala com um fato branco que realçava o seu cabelo ruivo, comprido e magnífico, dirigiu-se diretamente ao quadro e escreveu em maiúsculas: POETISAS.

Bastava olhar para a Menina Grehan para se perceber que não era nem solteirona nem uma personagem trágica. Confirmaram estas suas assunções nessa mesma noite, quando descobriram os seus perfis nas redes sociais. No campo relativo à relação amorosa, indicava que «É complicado...». De acordo com as fotografias disponíveis, a sua vida parecia uma festa contínua em que saltava de cidade em cidade, como num filme de James Bond. Numa foto, estava numa discoteca em Barcelona. Na seguinte, posava nas ameias de um castelo em Praga. Na costa da Califórnia, um pôr do sol envolvia-a como uma irradiação de luz do seu glorioso cabelo ruivo. Em Dublin, estava sentada, descalça, diante de uma fogueira. Todas as pessoas que conhecia eram bem-parecidas. Incluindo os velhotes, disse Elaine.

Que diabo estava ela a fazer ali, naquela terra? Grehan, Grehan... Cass mencionou o nome ao jantar e o seu pai pôs-se a pensar. Há alguns anos, vendi um *Passat* a um Grehan. Espera... ou foi um *Fabia*? Deixa-me pensar um bocadinho.

Não vende um carro há tanto tempo que já nem se lembra, comentou jocosamente Imelda.

Oh, céus, não comeces, disse Dickie.

A Menina Grehan poderia ter ou não alguma ligação ao homem que comprara o *Passat* ou o *Fabia*; nunca o descobriram. Nas aulas, não

falava nem sobre o seu passado nem sobre aquele seu presente repleto de castelos e pores do sol. Falava apenas de poetisas.

As poetisas tinham vidas glamorosas e apaixonantes, ou, em alternativa, torturadas e desgraçadas. Por vezes, tinham uma mistura de ambas. Falou-lhes de Anna Akhmátova, uma russa que, em jovem, parecia uma estrela de cinema e escrevia sobre todos os seus casos amorosos, mas que, em velha, foi banida pelo governo, e a quem fuzilaram o marido e prenderam o filho e apreenderam a caneta e o papel para que não pudesse escrever. Falou-lhes de Anne Sexton e Elizabeth Bishop, duas mulheres talentosas muito incompreendidas que haviam vivido em depressão crónica até se suicidarem, e cujas vidas tenebrosas pareciam em si mesmas uma espécie de poemas, críticas a um mundo que tão pouco as merecera. Falou-lhes de Safo, uma poetisa da Antiguidade, da ilha de Lesbos, e, quando se ouviram algumas risadinhas na sala, começou a recitar um poema no qual Safo sente ciúmes ao ver a mulher que ama rir-se com um homem; Safo emudece e um fogo alastra-lhe por sob a pele, enquanto nos ouvidos lhe ressoam os zumbidos.

As pessoas achavam que os poemas eram coisas fofinhas, disse ela, coisas aos folhinhos, como naperons. Mas na verdade eram como garras, como os espigões de metal que os alpinistas usam para encontrar apoio na superfície escorregadia de um glaciar. Quando escreviam um poema, as poetisas conseguiam romper a superfície escorregadia e vazia da vida em que estavam aprisionadas, acedendo à realidade apaixonada que pulsava sob o gelo. Em vez de escorregarem pela superfície nua, conseguiam escalá-la, verso por verso, até por fim alcançarem o cume da montanha. E então conseguiam, por vezes — só por vezes, e com sorte —, ver por um instante o mundo como ele realmente é.

Ela é incrível, disse Elaine quando o toque da campainha anunciou o fim da aula.

Ela *era* incrível. Até custava a crer que alguém tão glamoroso e sofisticado pudesse ser natural de uma qualquer povoação nas proximidades. Por um lado, dava-lhes esperanças de que também elas pudessem escapar e recomeçar as suas vidas longe dali. Por outro lado, tornava-lhes a fuga mais urgente, porque viam a sua vila como a Menina Grehan certamente a veria, ou seja, como uma terriola estúpida e desprovida de toda a poesia. Em casa, Cass começou a ver os pais com um novo olhar: Dickie estava a perder o cabelo, os músculos em redor da sua boca já não tinham a mesma firmeza, e todo ele se curvava sob o peso do negócio fracassado; Imelda estava empastelada em maquilhagem, embora tivesse passado o dia inteiro em casa — o seu rosto era como que uma máscara que segurava ligeiramente afastada da pele. Sim, era fácil imaginá-los a cair e a escorregar pela encosta de uma montanha em direção a um penhasco.

Nessa noite, ao jantar, tinham discutido por causa das «extravagâncias» da sua mãe. O pai queria que a mãe optasse por uma mensalidade de telemóvel mais barata. A mãe respondera-lhe que ele tinha uma grande lata para lhe estar a falar de mensalidades de telemóvel. Depois, tinham-se sentado em divisões diferentes: o pai a beber uma cerveja à frente da televisão, a mãe a escrever mensagens ao telemóvel, com as suas unhas compridas e curvadas a fazerem clique, clique, no vidro do ecrã. Nenhum deles pareceu sequer aperceber-se de quando tocaram a campainha — o que veio mesmo a calhar, porque era Elaine.

Estava afogueada. Descobri uma coisa, disse ela.

Cass não tinha a certeza se era boa ideia ter Elaine em casa naquele preciso momento, não fosse haver mais discussão entre os pais, mas a

amiga não perdera tempo e já entrara. Tinha de te mostrar isto ao vivo, disse ela. Cass seguiu-a até ao quarto, onde Elaine abriu o portátil. Deu um passo ao lado e Cass agachou-se e olhou para o ecrã boquiaberta. Oh, meu Deus, disse ela. Sim, disse Elaine. É ela?, perguntou Cass. Elaine fez *scroll* até ao fundo da página — e lá estava ela, com o fato branco e um sorriso misterioso, os seus cabelos ruivos caídos sobre os ombros como chamas invertidas. «Julie Grehan é mestre pelo Trinity College», dizia em baixo. «Viveu em Paris e Nova Iorque.»

Cass afastou-se do portátil de Elaine como que estonteada. A Menina Grehan era também *ela* uma poetisa! Escrevera um livro — um livro inteiro! — de poemas intitulado *Sal: Uma Coletânea*. Era inacreditável. Ao mesmo tempo, fazia todo o sentido. De repente, era impossível imaginá-la como *não* sendo uma poetisa.

*Sal: Uma Coletânea* estava à venda por 18,99 €. Temos de o comprar!, disse Elaine. Sim!, disse Cass. Agora mesmo!, disse Elaine.

Elaine tinha o seu próprio cartão bancário, mas deixara-o em casa e não se lembrava do número. Pede ao teu pai para to comprar, disse ela a Cass. Diz-lhe que é para a escola. Está bem, disse Cass. Vai pedir-lho agora, disse Elaine. *OK*, disse Cass. Levantou-se. A palavra *extravagâncias* veio-lhe à mente. Vou então pedir-lho, disse ela com toda a naturalidade.

No andar de baixo, uma mulher com um blazer estava a falar sobre a crise financeira no noticiário da RTÉ. Um gigantesco 3,7% em formato digital pairava atrás dela, no estúdio, e a mulher referiu-se-lhe com ar assustado, como se o 3,7% estivesse à solta na cidade, tal qual um assassino em série. A luz do ecrã conferia ao perfil de Dickie um branco-azulado cadavérico. Concentrado no noticiário, não parava de rodar a aliança no dedo.

Cass parou à porta, à espera que ele reparasse na sua chegada. Se me falar, peço-lhe, disse para consigo. No entanto, ele manteve-se de olhos postos no ecrã e ela esgueirou-se até à cozinha. Imelda ainda comprava com frequência determinadas coisas por mero despeito ou simples hábito, coisas essas que escondia de Dickie. Talvez fizesse mais sentido pedir-lhe a ela.

A mãe não estava na cozinha; só ali estava PJ, que encontrou sentado ao balcão do pequeno-almoço e com um livro à frente.

Onde está a mãe?, perguntou Cass.

Na Tidy Towns, disse PJ. Ouve só isto, disse ele, e leu: *O teu corpo liberta nove quilos de pele todos os anos. No tempo que demoraste a ler esta frase, o teu corpo perdeu duas mil células cutâneas.*

Isso é nojento, disse Cass.

Enquanto dizias isso, deves ter perdido umas oitocentas células cutâneas, disse PJ. E enquanto dizia isto, devo ter perdido umas duas mil e quinhentas células cutâneas.

Elaine apareceu à porta. Já lhe pediste?, perguntou ela.

Já me pediu o quê?, disse PJ.

Podes calar-te por um segundo que seja?, disse Cass. Sentia-se embaraçada e confusa, como se estivesse rodeada por minúsculos fragmentos mortos do seu corpo.

Sabias, disse PJ, de novo de olhos postos no seu livro, que a primeira parte do corpo humano a formar-se na placenta é o ânus?

Elaine olhou para PJ com uma expressão de completa repulsa. Mas qual é o teu problema, caramba?, perguntou Cass.

Estou a falar de coisas naturais, protestou ele.

Pediste ao teu pai?, disse Elaine.

Pediste-lhe o quê?, disse PJ.

E se não te metesses onde não és chamado?, disse Cass.

Viu, então, a carteira de Imelda em cima da mesa. Vou usar o da minha mãe, disse ela com naturalidade. Mas tinha o coração aos pulos quando abriu o fecho da carteira e deu uma vista de olhos aos cartões, apercebendo-se de que PJ a observava do seu ponto de observação estratégico ao balcão do pequeno-almoço. O que foi?, perguntou ela. PJ olhou de novo para o livro. Cass pegou no cartão e enfiou-o no bolso. Estás sempre a espiar, disse ela a PJ.

Saiu da cozinha tomada por uma estranha impressão: sentia-se vitoriosa, mas também humilhada. A tua família é mesmo hilariante, disse Elaine.

Na aula seguinte, falaram sobre Sylvia Plath, a poetisa mais famosa de sempre. Plath tivera até direito a um filme autobiográfico, no qual fora representada por Gwyneth Paltrow. As raparigas viram também o vídeo em que a própria Sylvia Plath circula por Cambridge numa bicicleta com um cesto. Aos dezanove anos, mudara-se da América para Inglaterra, onde ingressara na universidade e se apaixonara por um inglês chamado Ted. Ele também era poeta, disse a Menina Grehan. Em seguida, mostrou-lhes uma fotografia do sujeito, o que originou um murmúrio geral de comoção. Era literalmente o homem mais bonito que Cass já vira: tinha um queixo quadrangular, forte, e olhos profundos e inflexíveis, mas também amáveis e brincalhões. Tinham-se conhecido no lançamento de uma revista universitária de poesia chamada *St Botolph's*. Ted fora à festa com outra rapariga. Sylvia aproximara-se dele e dera-lhe uma dentada na bochecha com tanta força que lhe deixara uma marca, disse a Menina Grehan.

Cass lançou um olhar a Elaine, que se sentava no outro lado da sala. Ter-se-iam provavelmente desmanchado a rir se tivessem ouvido aquela

história da boca da Menina Ogle. Sylvia Plath nunca tinha ouvido falar de apertos de mão? Existira em toda a história nome mais ridículo do que Botolph?

Mas Elaine estava extasiada e não tirava os olhos da professora; a sua pele refulgia e os seus lábios estavam tão vermelhos que decerto os mordiscara durante toda a aula. Cass sabia que a amiga estava a pensar no que uma mulher sentiria ao ver-se arrebatada de paixão por um homem daqueles, com um queixo quadrangular e forte, a ponto de fazer coisas — a ponto de *querer* fazer coisas — que em condições normais nunca sequer sonharia em fazer, como dar-lhe uma dentada na bochecha, ou pôr o pénis dele na boca. E ao observá-la a pensar nestes termos, deu por si a também pensar o mesmo, e a sentir o mesmo, e pareceu-lhe que aquela paixão lhe estava muito próxima, como uma lua escondida na claridade do céu diurno, cuja gravidade sentia a atraí-la para longe da Terra.

No fim da aula, Elaine disse a Cass que já não queria ser embaixadora de uma marca, mas sim poetisa. Cass disse que isso era incrível, porque tivera a mesmíssima ideia. Correram pelo corredor fora até alcançarem a professora. Depois, perguntaram-lhe o que deviam fazer.

Cass só então reparou que a Menina Grehan era na verdade apenas um pouco mais alta do que Elaine. Além disso, tinha algumas sardas no nariz, e o seu cabelo bonito era mais cor de canela do que ruivo.

Pareceu surpreendida e feliz quando Elaine lhe comunicou os seus planos. Disse às raparigas que, para serem poetisas, bastava-lhes amar a poesia. Dedicuem-se aos poemas! Enchem a vossa vida de poesia!

E aconselha-nos a mudarmo-nos para a cidade, para uma cidade grande?, sondou-a Elaine.

Não necessariamente. A Menina Grehan soou um pouco admirada. Podem escrever poesia em qualquer sítio e sobre qualquer coisa.

Mas morou em Paris, não morou?, perguntou Elaine.

E em Nova Iorque, disse Cass.

Depois de se formar no Trinity, disse Elaine.

A Menina Grehan pareceu uma vez mais um tanto estupefacta. Como sabem disso?

Está no seu Facebook, disse Elaine.

Não era, para elas, uma situação inédita: os adultos pareciam surpreender-se amiúde quando alguém acedia, com efeito, a informações que eles próprios haviam tornado disponíveis a qualquer pessoa, a qualquer momento.

Podem mudar-se para a cidade, se quiserem, disse a Menina Grehan. E estudar poesia na universidade é fantástico. Mas é mais importante ler e escrever poesia todos os dias. Não tem de ser muito tempo. Garanto-vos que o mundo seria bem melhor se as pessoas lessem um poema pelo menos uma vez por dia, em vez de estarem sempre com o telemóvel na mão.

Depois de a professora se ir embora, Elaine disse que ela lhes tinha dado bons conselhos, mas que ainda achava crucial viver numa cidade grande. A primeira coisa que nós temos de fazer é de nos candidatarmos à Universidade de Dublin, disse ela, foi o que ela fez. Cass concordou que esse era o melhor plano.

Estava, de facto, entusiasmadíssima. Já tinham falado muitas vezes de escapar ao tédio da vila natal, mas aquela era a primeira vez que Elaine lhe propunha uma fuga conjunta. Saíram pelo portão da escola de braço dado e Elaine descreveu-lhe os seus planos ao ouvido. Lésbicas!,

gritaram-lhes os rapazes lânguidos que estavam a fumar cigarros eletrónicos à porta do Spar. Fufas! Mas Cass nem sequer corou. *Nós!* A palavra ecoou-lhe na cabeça como se anjos a cantassem em unísono.

Atrás dela, uma porta abriu-se e a luz esgueirou-se pela frincha, iluminando o patamar. O que estás a fazer?, perguntou PJ.

O que te parece que estou a fazer?

A ouvir os pais às escondidas?

Olha quem fala, ripostou Cass, que se apercebeu de imediato que aquele tom não a levaria a lado nenhum. Queria pedir uma coisa ao pai, disse ela.

O irmão sentou-se ao seu lado no alto das escadas. Ouve só esta, disse ele. Há uma borboleta chamada borboleta de Flambeau que *bebe* lágrimas de crocodilo! Bebe-as diretamente dos olhos! Não é de doidos?

Cass suspirou. A discussão no andar de baixo fazia-se ouvir ali como uma espécie de zumbido sinistro.

A coisa está séria, não está?, disse PJ.

Saíste-me cá uma criancinha, disse ela.

Sou quase adolescente, disse ele. Tecnicamente, *sou* adolescente.

Cass não lhe respondeu. Pouco depois, o irmão perguntou: Ainda estão a discutir?

Cass encolheu os ombros. Viu, por entre os pilares do corrimão, a mãe a entrar na sala de estar e a parar, com as mãos nas ancas, diante da televisão. Quem era o crocodilo e quem era a borboleta? Imelda era bonita e iridescente e vivia do trabalho de Dickie — um trabalho que ele odiava —, por isso, à primeira vista ela parecia ser a borboleta. Mas não era Dickie quem de facto se mostrava gentil e esvoaçante? E Imelda seria capaz de arrancar e comer a perna a uma pessoa — por

consequente, não teria ela lágrimas de crocodilo em abundância? Mas isso significaria que Dickie vivia às custas dela?

PJ disse a meia-voz: As coisas no *stand* estão mesmo muito más.

Dah, disse Cass, que pousou o queixo nos braços cruzados.

Um rapaz da minha turma disse que vai fechar. Não o de cá; o outro.

Cass virou-se para o encarar. PJ tinha um rosto delicado, e, à sombra do patamar, os seus olhos grandes pareciam quase pretos.

E que sabe um rapaz da tua turma sobre o assunto?, refutou ela.

O tio dele trabalha lá. É mecânico.

Cass soltou um suspiro de cansaço. Estava saturada da família e da incapacidade humilhante que todos eles tinham de dizer a coisa certa no momento certo. Alguma vez te passou pela cabeça que posso ter outras coisas em que pensar?

Está bem, disse PJ. Mas não se levantou do degrau. Depois, disse: Só queria saber... O que achas que vai acontecer?

Eu cá vou mudar-me para Dublin, por isso, não sei dizer.

Arrependeu-se de imediato das suas palavras irrefletidas; ali, em casa, o seu plano soava como uma mera ilusão, um capricho de criança em nada diferente das crenças infantis de PJ, que amiúde lhe asseverava que passara o dia todo a praticar telepatia e que já quase lhe apanhara o jeito.

Vais mudar-te para Dublin?, perguntou PJ.

Vou para a universidade, respondeu ela com relutância. Com a Elaine.

Com a Elaine?

O que é que te custa tanto a entender?, disse-o num tom mais ríspido do que pretendia e PJ retraiu-se. Cass sentiu-se mal. Ainda falta algum tempo. Só vou depois de fazer os exames.

Oh, disse ele. Soou aliviado. Levantou-se para regressar ao quarto, mas entregou-lhe uma coisa antes de se ir embora. Toma.

Era um envelope almofadado com o nome de Imelda no rótulo impresso.

Chegou mesmo depois de eu voltar da escola, disse ele. Escondi-o antes que a mãe o pudesse ver. Escreveram o nome dela no destinatário, mas percebi que era um livro e que devia ser para ti.

Ah, disse ela, como que indiferente, e pegou no envelope.

De qualquer maneira, vai aparecer-lhe no extrato do cartão de crédito, disse ele. Mas normalmente ela atira-o para o caixote do lixo.

Ela olhou-o de novo. Em pequenos, costumavam brincar aos esquilos na floresta. Ele era o esquilo-cinzento, ela, o vermelho. Esquilo-vermelho!, gritava ele. Vem aí o caçador! Obrigada, esquilo-cinzento! Depois, trepavam a uma árvore para escaparem a Dickie. Na verdade, quem tinha o cabelo acobreado, quase ruivo, era PJ, mas, como era a mais velha, Cass tinha o direito a escolher qual o esquilo que queria ser.

É para a escola, disse-lhe ela, contrafeita. Rasgou o embrulho assim que o irmão fechou a porta. Em simultâneo, tratou também de compor mentalmente uma mensagem para Elaine, algo mais ou menos na linha de Adivinha o que chegou. OMG. Vem já para cá!!!

Mas parou de repente quando tirou o livro do envelope.

Parecia muito diferente da imagem no site: mais um panfleto do que um livro a sério. A capa era feita de um papel grosso castanho-avermelhado, e tinha agrafos no meio, como se tivesse sido feito à mão.

*Sal: Uma Coletânea*, dizia, por Julie Grehan.

Os poemas no interior não lhe aliviaram de todo a inquietação. O primeiro intitulava-se «Sal» e começava do seguinte modo: «O teu sal na minha língua / Uma causa de doença cardíaca / Contudo, a carne precisa de sal / E tu transformas-me em carne.» Cass lançou-se

rapidamente ao seguinte poema, intitulado «O Talhante»: «Uma placa alegre acima da porta: *Gosto em vê-la! Carne a seu gosto! / Diz-me, talhante, amante, a minha carne agrada-te? / Ou afastas-te com o fígado / Como se com os restos putrefactos da minha vagina...»*

Nas páginas seguintes, surgiam vezes sem conta as mesmas palavras — *carne, sal, talhante* —, juntamente com outras de um tom semelhante e desagradavelmente corpóreo, como *naco, coração, fatia*. Tentou, sem sucesso, reconciliar estes termos com a professora graciosa que conhecia, com a sua gargalhada musical e a sua sabedoria caprichosa. Sozinha no quarto, sentiu as bochechas a arder. Como poderia falar sobre isto a Elaine? Tinham encomendado o livro com a esperança de conhecer mais pormenores da vida pessoal da professora, e tinham-no imaginado como uma espécie de extensão do seu Facebook, com mais fotografias de castelos e de homens de queixo quadrangular. Isto, por seu lado, era literalmente como olhar para o interior de alguém, para as vísceras por baixo da pele. Porque é que alguém havia de querer ver aquilo? Pousou o livro. *Dezoito euros e noventa e nove!*, pensou, tristíssima.

Mas então recompôs-se. Correria um grande risco para comprar aquele livro. Devia ter alguma coisa no seu conteúdo que fizesse valer a pena o esforço. Folheou bruscamente as páginas com poemas, deparando apenas com mais do mesmo, até chegar aos *Agradecimentos* no fim. Consistia numa lista de pessoas que a tinham ajudado a escrever o livro. A primeira linha estava cheia de outros Grehans — a sua família, como presumiu Cass. Mas depois vinham outros nomes com uma sonoridade mais exótica, nomes de pessoas que lhe tinham dado alojamento em Paris e Barcelona enquanto estava a escrever. Quando pesquisou os nomes *online*, Cass encontrou dois ou três rostos que reconheceu das redes sociais da professora. Sentiu-se arrebatado de novo

pelo entusiasmo. Encontrara precisamente o que procurava: factos adicionais, um olhar exclusivo atrás do palco. A última linha dos agradecimentos era mais misteriosa: a autora jurava «fealdade eterna» às «Cabras de Beastwick».

E quando pesquisou este nome no Google, Cass teve uma grande surpresa.

Não sabia o que fazer. Não gostava de esconder nada de Elaine. Não tinham segredos entre elas. No entanto, aquele segredo era feio — feio como o livro, pensou, com os seus poemas nojentos e a sua ilustração anatómica de um coração — e Cass não queria ser a responsável por mostrar a Elaine uma coisa daquelas.

No entanto, e apesar dos seus esforços, o livro não deixou de contaminar o ambiente com a sua iniquidade. Na aula de Inglês, antes da chegada da Menina Grehan, encontraram um grupo de raparigas a ouvir Sarah Jane Hinchy, que estava a fazer um grande alarido acerca de uma coisa qualquer que descobrira *online* acerca de Sylvia Plath. Aparentemente, antes de ir para Inglaterra e conhecer Ted, «Plath» — como Sarah Jane Hinchy lhe chamou — tentara suicidar-se.

E então?, perguntou Elaine. Ela era suicida. E suicidou-se mesmo. Toda a gente sabe disso.

Elaine não suportava Sarah Jane Hinchy, que estava ligeiramente à frente das duas amigas nas classificações da turma. Além disso, no ano anterior, Sarah Jane Hinchy tornara-se popular na escola por ter usado um crachá com um arco-íris na camisola do uniforme; as freiras tinham-na, por fim, obrigado a tirá-lo, mas a fama já ninguém lha roubava.

A tentativa de suicídio de que Sarah Jane Hinchy tomara conhecimento fora particularmente horripilante. Plath tinha, de acordo

com ela, engolido uma grande quantidade de barbitúricos antes de se esconder debaixo da sua casa — era uma daquelas casas americanas com um espaço vazio entre o piso inferior e os alicerces. Plath tinha rastejado para debaixo da casa para morrer, mas a família pensava que estava desaparecida, disse Sarah Jane Hinchy. Haviam-na procurado por toda a cidade durante três dias. Ela, contudo, passara todo esse tempo inconsciente — basicamente a *apodrecer* — debaixo da própria casa.

Elaine ouviu todo este relato com aparente repulsa, o que não deixou de inquietar Cass. O suicídio era uma coisa: afinal, muitos famosos suicidavam-se e não chegavam, por conseguinte, nem a envelhecer nem a perder o bom aspeto. Outra coisa muito diferente era apodrecer viva e sair como que da sepultura, tal qual um zombie — isto em si não tinha nada de glamoroso, e decerto ninguém pensaria o contrário. Elaine tinha uma forte aversão a este género de coisas. E as outras raparigas também.

Acho que não devíamos falar de pessoas destas nas aulas, comentou Petra Gilhooley. Tipo, desculpem lá, mas isto não me parece nada apropriado.

Provavelmente nem é verdade, disse Karen Casey. Não me lembro de ver nada disso no filme.

No entanto, quando chegou à sala, a Menina Grehan confirmou que a história era verdadeira. Disse ainda que eram estes pormenores que tornavam Sylvia tão interessante — o facto de ser, à superfície, uma rapariga bonita e muito americana, de uma boa família, e de, em simultâneo, esconder problemas terríveis no seu íntimo.

Mas acha que é apropriado dar-nos aulas sobre uma pessoa dessas?, perguntou, inflexível, Petra Gilhooley.

Somos todas *pessoas dessas*, disse a Menina Grehan. Todas nós temos problemas. Mas muitas vezes tentamos esconder a verdade sobre nós próprias, em vez de a aceitarmos. Tentamos transformar-nos naquilo

que pensamos que os outros esperam de nós. Muitas das coisas más que acontecem no mundo são feitas por pessoas que fingem ser algo que não são.

Escrever um poema tem o efeito contrário, disse ela. Se olharem para o mundo, para uma pequena parte do mundo, e tentarem vê-lo como na verdade é, começam também a ver-vos a vós próprias com mais clareza. E isso pode ser muito libertador. Às vezes, pode salvar-vos a vida.

Por isso, como trabalho de casa, cada uma delas devia escrever um poema. Ouviram-se lamúrias e suspiros por toda a sala. A Menina Grehan riu-se. Não é um castigo, disse ela. Até podem gostar de o escrever. Escrevam sobre a vossa vida, sobre o vosso mundo. O vosso mundo está cheio de *pormenores*. *Olhem* para eles antes de escreverem. Se uma coisa é vermelha, que tipo de vermelho é? E se virem uma árvore, perguntem-se que tipo de árvore é.

No fim da aula, e para surpresa de Cass, Elaine não mencionou de todo a horrível história de Sylvia Plath. Tinha, contudo, algumas palavras fortes a dizer sobre *certas pessoas* que pareciam decididas a sabotar as aulas da Menina Grehan.

Achas que a Petra não tinha razão nenhuma?, sugeriu, em tom neutro, Cass. Tipo, talvez não seja apropriado.

Elaine disse que Petra Gilhooley era apenas um fantoche. Sarah Jane Hinchy manobrava-a a seu bel-prazer. E é óbvio porquê, disse ela. Tem um fraquinho pela Menina Grehan. E tem ciúmes, porque a Menina Grehan nos prefere a nós.

Achas que sim?, disse Cass. Sentiu de novo um aperto no estômago.

Oh, sim, disse Elaine. Está sempre a olhar para ela e a tentar chamar-lhe a atenção.

O que eu queria saber era se achas mesmo que a Menina Grehan nos prefere a nós, disse Cass.

Sem dúvida, disse Elaine. Porque nós entendemos aquela cena toda de se ser poetisa. Isto lembrou-lhe alguma coisa. Os olhos faiscaram-lhe e aproximou-se de Cass, como se para lhe confidenciar algo. Passa por minha casa depois da escola. Tenho de te mostrar uma coisa.

Depois, largou a correr para chegar a tempo à aula de Economia.

A caminho de casa, Elaine disse a Cass que iria publicar o seu poema no Instagram. Descobrira que uma nova geração de poetisas partilhava os seus poemas *online* e tinham milhões de visualizações. Escreviam sobre assuntos da vida real, como o racismo e a homofobia, e eram amigas de cantores, *influencers* e outras celebridades. Elaine garantiu que se podia ficar muito famoso à conta da poesia.

Cass realçou que a Menina Grehan não parecia ter ficado muito famosa. Elaine concordou que era estranho, sobretudo tendo em conta o seu bom aspeto. Cass perguntou a Elaine se achava a Menina Grehan bem-parecida. Elaine respondeu apenas com um sorrisinho bizarro, como se tivesse em mente uma piada que Cass talvez não viesse a entender.

Vais escrever sobre o quê?, perguntou-lhe Cass.

Tenho algumas ideias, disse distraidamente Elaine. Estavam sentadas no chão do seu quarto, com um prato de *crackers* de centeio entre as duas. Inclinou a cabeça sobre o teclado e o cabelo cobriu-lhe o rosto. Cass olhou para o seu ecrã em branco. Não tinha ideia nenhuma. O livro de poesia não lhe saía da cabeça; trouxera-o na mochila, caso mudasse subitamente de ideias e o quisesse mostrar a Elaine. Naquele momento, contudo, receava que de algum modo Elaine o descobrisse por si mesma.

Elaine levantou a cabeça. Entreolharam-se por um instante. Como é que se escreve *acariciar?*, perguntou Elaine.

Cass soletrou a palavra. Elaine franziu o sobrolho. Tinha quase a certeza de que se escrevia com dois esses.

Será que estou errada?, disse Cass. Elaine concentrou-se de novo no seu teclado e não lhe respondeu. Pouco depois, perguntou a Cass pelas árvores.

As árvores? Quais árvores?, disse Cass.

Sim, as árvores, a porra das árvores que tens no teu jardim das traseiras, disse Elaine, estalando os dedos.

Mas temos lá muitas espécies diferentes, disse Cass. Acho que são carvalhos na maioria.

Elaine juntou os lábios e teclou um pouco mais. O que estás a escrever?, perguntou Cass.

Digo-te quando acabar, disse matreiramente Elaine. Cass sorriu. Teve de conter a ânsia de arrancar o portátil a Elaine para ler o poema. A sua página permanecia imaculada.

Estava a anoitecer. Ao brilho prateado do ecrã, Elaine parecia uma filha da lua. Diz-me um sinónimo para vermelho, disse ela.

Escarlate, disse Cass.

Não, é para uma cor de cabelo. Não é ruivo. Mais escuro do que isso.

Sem saber ao certo porquê, Cass sentiu-se inquieta, tal qual na aula daquela manhã.

Canela, disse ela num fio de voz. A palavra estava-lhe mesmo na ponta da língua, como se esperasse sair a qualquer momento.

Canela. Elaine ficou satisfeita e continuou a teclar e a morder violentamente os lábios, que tinham adquirido um tom púrpura, rubi, vermelho-sangue.

Cass tinha a cabeça a andar à roda. Bocejou artificialmente. Não me querias mostrar uma coisa?

Ah, sim! Elaine levantou-se de um salto e, sem acrescentar mais nada, correu até ao quarto de banho da suíte.

Cass agarrou-lhe de imediato no portátil, mas Elaine bloqueara o ecrã. Onde é que te meteste?, perguntou um minuto depois. Está quase pronto, cantarolou Elaine no quarto de banho.

Cass pegou numa *cracker* e esmigalhou-a entre os dedos. Olhou à sua volta e observou atentamente o quarto, que conhecia tão bem. Atentou em particular no candeeiro do Meu Pequeno Pónei, que projetava nas paredes sombras de corcéis de olhos esbugalhados num carrossel de arco-íris pálido, e na cama coberta de peluches.

Olha só para isto, disse Elaine atrás dela.

Cass virou-se. Elaine estava à porta do quarto de banho e tinha vestido um fato branco brilhante.

O que te parece?, perguntou, enquanto rodopiava. Pareço uma poetisa?

Cass não sabia o que dizer. A cabeça esvaziou-se-lhe. Elaine transformara-se de repente numa pessoa diferente — uma pessoa chique, cosmopolita, mais velha. Não parecia uma poetisa nem uma estudante universitária, mas uma rapariga que vivia numa cidade grande e trabalhava numa galeria de arte ou numa agência de publicidade, alguém que se levantava às seis da manhã para fazer pilates e depois ia à varanda com um robe vestido e uma caneca de café nas mãos. Cass constatou que a amiga já era uma mulher; o seu futuro estava ali mesmo — uma antecâmara de pelúcia na orla do quarto de dormir, onde podia entrar quando bem lhe apetecesse.

Sem perceber ao certo porque se sentiu, de súbito, tão triste, conseguiu apenas sussurrar: Bonita.

Elaine olhou-a com um meio sorriso enigmático e logo soltou uma gargalhada. É uma piada!, exclamou. Encontrei-o no roupeiro da minha

mãe. Não ia usar isto a sério!

Cass riu-se sem grande vontade. Sentiu uma vez mais a cabeça a andar à roda e cheia de zumbidos, como se todo um enxame de abelhas estivesse preso no seu interior, atrás de um véu invisível.

Tenho de arranjar maneira de o mostrar à Julie, disse Elaine. Vai achar-lhe imensa piada.

À Julie?, repetiu, atordoada, Cass. À Menina Grehan, disse Elaine. Sacou do telemóvel e deu-o a Cass. Toma, tira-me uma *selfie*.

Era ponto assente entre as amigas que Cass era quem melhor fotografa Elaine, que não tinha grande jeito para autorretratos. Mas, naquele momento, Cass teimava em não se concentrar e à sua frente via apenas uma cintilação branco-dourada que parecia esbater-se e prolongar-se para fora do ecrã.

Ouviu alguém bater à porta. Era a criada. A tua mãe está lá em baixo, disse ela.

A minha mãe?, disse Cass.

O que é que a tua mãe está aqui a fazer?, disse Elaine.

Não sei, disse Cass, e depois, abatida, acrescentou: É melhor ir ver o que é que ela quer.

Chegada ao patamar das escadas, viu Imelda no átrio do rés do chão. Estava a falar com a mãe de Elaine e avistou de imediato Cass no alto das escadas. Tens de vir comigo para casa, disse ela.

Agora?, disse Cass, e depois: Porquê? Mas Imelda já saíra. Cass lançou um último olhar sobre o ombro. Elaine, toda de branco, desceu as escadas agarrada ao corrimão, literalmente como um anjo que do céu lhe acenasse em despedida. Até logo, disse ela.

No carro, Cass disse à mãe que lhe devia ter enviado uma mensagem. Podia ter voltado a casa a sós, não havia necessidade de a ir buscar a casa da amiga...

Caluda!, disse perentoriamente Imelda. Fizeram o resto da viagem em silêncio.

PJ estava sentado à mesa de jantar como se petrificado. Não se mexeu nem olhou para ela, e tinha aquele olhar perdido e cansado com que ficava depois de nadar. Cass ouviu o pai a falar ao telefone na sala ao lado. A conversa parecia séria. Tomada por um terror súbito, Cass apercebeu-se do que tinha acontecido. PJ contara-lhes o que fizera com o cartão de crédito! O coração quase que lhe saltou do peito. No seu íntimo, chorou e amaldiçoou o livro e a Menina Grehan, cuja chegada lhe destruíra a vida! O pai entrou na cozinha e sentou-se à cabeceira da mesa. Soltou um longo suspiro. Depois, começou a falar.

Não a tinham chamado de volta a casa por causa do cartão de crédito. Era por causa do *stand* — o da vila mais próxima. O pai disse-lhes que, para sua grande tristeza, decidira fechá-lo. Fizera tudo o que pudera para o manter vivo, mas as contas não tinham maneira de bater certo. Encerrariam o negócio até ao fim da semana seguinte.

Falou durante algum tempo num tom estranhamente formal e Cass apercebeu-se de que estava a treinar o discurso com que teria de dar a notícia aos funcionários. Por fim, olhou para os dois filhos, sentados do outro lado da mesa. Queria que soubessem o que vai acontecer, disse ele. Para o caso de ouvirem alguma criança a falar sobre isso na escola. Ou alguém na vila. Fez uma pausa. Querem perguntar-me alguma coisa?

PJ abanou a cabeça.

Posso voltar para casa da Elaine?, perguntou Cass.

Não, disse Imelda.

Cass desfez-se em lágrimas.

Dickie esticou-se sobre a mesa, timidamente, para lhe pousar uma mão no ombro. Sei que isto é um choque, disse ele, no tom contido e implacável que usara pouco antes. Mas não quero que tu e o PJ se preocupem. Estas coisas são cíclicas. Agora, o mercado está lento, mas vai melhorar outra vez. O importante é...

Por amor de Deus, Dickie!, exclamou Imelda, batendo com as mãos abertas na mesa. Arrasaste o *stand*! Deste cabo dele!

O alívio que sentira por não terem descoberto a trapaça com o cartão de crédito durara apenas um momento, dando então lugar à raiva — à raiva por a terem arrastado para longe da amiga para ouvir aquilo, por a terem arrastado para aquelas suas confusões humilhantes. Enviou uma mensagem a Elaine assim que entrou no quarto. Treta de merda, escreveu. Um sinal de visto indicou-lhe que a mensagem tinha sido entregue, e depois dois sinais azuis assinalaram que Elaine a tinha lido. Mas não obteve resposta.

Cass soltou um grunhido de fúria. Cerrou os punhos e cravou as unhas nas palmas das mãos, e depois bateu com os punhos na cabeça. Olhou para o espelho e viu o seu rosto odioso. As lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo. Estava tudo perdido. Elaine acabaria por descobrir que o *stand* iria fechar, é claro. Descobriria por fim a verdade sobre Cass e a sua família. E depois? Isso significaria também o adeus ao Trinity College? Desesperada, escreveu nova mensagem: Podes ligar, preciso falar

ctg

Dessa vez, a mensagem nem sequer foi lida. Olhou pela janela para a paisagem inóspita e morta — para os campos molhados, os cabos elétricos, as árvores. O céu estava soturno e cinzento. Sentia-se como que sepultada sob as vidas dos seus pais, sob os seus fracassos, a sua

infelicidade. Veio-lhe à cabeça a imagem grotesca de Sylvia Plath a apodrecer debaixo de uma casa americana. Soluçou de repulsa e logo afastou a imagem da cabeça — apenas para que outra tomasse o seu lugar. Uma imagem ainda mais aterradora.

Elaine *já* saberia de tudo? Imelda teria contado o que se passava à mãe de Elaine enquanto a esperavam no átrio? Seria por isso que Elaine não lhe respondia? Era já demasiado tarde? Soltou um gemido de dor, pegou no telemóvel e suplicou em voz alta que Elaine lhe telefonasse. Mas Elaine não a conseguia ouvir. Provavelmente estava a enviar mensagens à Menina Grehan. À *Julie!* Tinha-lhe pedido amizade no Facebook e enviado a *selfie* por mensagem privada, e naquele preciso instante trocavam entre elas mensagens novas e pairavam, com os seus fatos a condizer e de mãos dadas, acima da vila, enquanto Cass jazia enterrada sob tudo aquilo! As imagens mentais sucediam-se: a dado momento, Elaine atravessou a calçada do Trinity College com a Menina Grehan ao seu lado — não fazia sentido, mas ela estava lá —, e depois, nesse sonho ou visão, a professora virou-se para ela e fitou-a e ofereceu-lhe um sorriso fingido de manequim antes de se concentrar de novo em Elaine, deixando Cass a sós, tão a sós, a chorar...

Na manhã seguinte, Cass disse a Elaine que Imelda a levava para casa para falar por Skype com o avô, que fazia anos naquele dia. Hum, está bem, disse Elaine. Estava de olhos postos na porta, à espera que a Menina Grehan aparecesse. Cass sabia que a amiga levava com ela uma fotografia do fato, e que estava ansiosa por partilhá-la com a professora. Tendo em conta o seu tom de voz, Cass concluiu também que não estava a par do encerramento iminente do *stand*. Quando a aula começou, perguntou-se se haveria forma de lhe contar a notícia de maneira a que

parecesse menos má — de forma a que soasse como se Dickie o fosse fechar por motivos de dinâmica empresarial; como se planeasse abrir um *stand* noutro condado. E se lhe dissesse que ele estava a planear abrir um negócio completamente novo...

A Menina Grehan pousou-lhe uma mão no ombro. Importas-te, Cass?

De quê?

Importas-te que leia o teu poema em voz alta?, perguntou a Menina Grehan.

Oh, disse Cass, corando. Viu Elaine a fitá-la do outro lado da sala. Não, disse ela. Ela própria não sabia se queria dizer que não, que não se importava, ou que não, preferia que a professora não o lesse em voz alta. Fosse como fosse, a Menina Grehan pigarreou e começou a ler.

*Voar, por Cassandra Barnes*

*De mãos dadas, noite após noite*

*Voamos para longe da vista*

*Ninguém nos pode tocar quando voamos*

*As nossas palavras, os nossos sonhos tornam-se o céu.*

*Quanto mais altas, mais invisíveis*

*As nuvens estão muito abaixo de nós*

*E os nossos corpos adormecidos, a milhas de distância,*

*Enquanto nos aproximamos, coração com  
coração.*

*E unimo-nos mais e mais, até a alvorada  
Nos devolver à nossa forma mortal  
E ao dia, e às regras — ainda assim, nos teus  
olhos  
Vejo o sonho noturno do nosso céu.*

Não é sensacional?, disse a Menina Grehan, que sorriu a Cass e logo depois ao resto da turma. Eu cá acho que é sensacional. Interpelou de novo Cass. Posso perguntar-te onde foste buscar inspiração para escreveres o poema?

Cass olhou com tristeza para as suas mãos, pousadas na mesa à sua frente. Escrevera o poema deitada na cama e de coração partido. *Inspirei-me no crepúsculo*, disse ela em surdina.

A Menina Grehan pendeu um pouco a cabeça, e depois anuiu com um aceno e sorriu de novo. Bem, obrigada por me deixares partilhá-lo, disse ela, e depois, dirigindo-se às outras alunas, acrescentou: Como podem ver, qualquer coisa pode servir de inspiração para um grande poema.

Afastou-se, por fim. Cass manteve-se de olhos postos no manual. Sentia-se desconfortavelmente observada por Elaine, que a fitava da sua mesa junto à janela. Estava ansiosa por lhe falar. Contar-lhe-ia tudo assim que tivesse oportunidade. Mas o tempo arrastou-se como se até ao infinito, e quando a campainha finalmente tocou, a Menina Grehan chamou-a à sua secretária.

Cass acercou-se contrafeita das filas da frente, de novo consciente de estar a ser observada por Elaine, que em seguida saiu da sala juntamente

com as outras colegas.

A Menina Grehan olhou-a com satisfação. É um poema maravilhoso, Cass, disse ela. Muito bem.

Obrigada, disse Cass, ainda de olhos postos no chão.

Espero não te ter envergonhado quando o li em voz alta. A poesia pode ser muito pessoal.

Cass abanou a cabeça e disse que o seu poema não tinha nada de pessoal. A professora continuou a perorar: Cass devia participar em certos concursos, ler certos livros de poesia. Cass, por seu lado, continuou a anuir estupidamente com a cabeça até a Menina Grehan terminar por fim o seu discurso. Bem, disse ela, enquanto guardava os seus livros num saco de pano, façás o que fizeres, espero que continues a escrever.

Cass correu em busca de Elaine. Encontrou-a junto aos cacifos, onde estava a conversar com Sarah Jane Hinchy. *Sensa-cional!*, disse Elaine.

*SENSA-CIONAL!*, exclamou, mais alto, Sarah Jane Hinchy. Riram-se as duas.

Oh, olá, disse-lhe casualmente Elaine, olhando Cass por cima do ombro. Depois, retomou a conversa com Sarah e Cass manteve-se à margem até acabarem de falar. Até logo, não?, disse Sarah Jane Hinchy a Elaine quando se despediram. Mando-te mensagem, disse-lhe Elaine. Depois, abriu o cacifo e tirou o casaco. Cass tentava em vão encontrar forma de entabular conversa com a amiga. Nesse momento, a Menina Grehan passou por elas; sorriu-lhes e seguiu caminho. Cass perguntou: Não lhe vais mostrar a fotografia?

Hã?, disse Elaine, de rosto voltado para o interior do cacifo.

A foto em que estás com o fato? Não a ias mostrar à... Julie?

Elaine virou-se para a encarar. Os seus olhos verdes estavam frios e não denotavam qualquer emoção. Foi só uma brincadeira, Cassandra,

disse ela.

Pois, eu sei, disse Cass. Soltou uma gargalhada forçada e soprou ar por entre os lábios. Nem acredito que leu em voz alta a porcaria do meu poema, disse ela num jeito indiferente, à moda de Elaine. Escrevi-o hoje de manhã em literalmente trinta segundos.

Não o deites abaixo, disse Elaine, olhando de novo para um qualquer ponto distante. É um bom poema. Fez uma pausa e depois acrescentou, como se falasse para consigo: *É sensacional.*

Cass riu-se outra vez com ligeireza, conquanto sentisse, bem lá no fundo, um medo imenso. Hoje vou eu a tua casa?

Tanto me faz, disse Elaine, encolhendo os ombros.

Transpuseram o portão da escola e passaram em silêncio pelos rapazes lânguidos. Elaine não parecia zangada. Caminhava com um olhar plácido e um sorriso retorcido. Eram como duas desconhecidas que, por acaso, caminhassem ao mesmo ritmo, lado a lado, na rua de uma qualquer cidade.

Ouve, tenho uma coisa para te dizer.

Só um minuto, murmurou Elaine, batucando freneticamente com o polegar no telemóvel.

Cass esperou com impaciência. Já abrira a mochila para tirar o livro. Estava ansiosa por contar a Elaine o que descobrira sobre as Cabras de Beastwick! O que é isso?, questionaria ela, e Cass diria, procura no Google, e ela assim faria e veria por si própria, e então começariam uma nova história juntas, uma história na qual só elas conheciam a verdadeira identidade daquela professora aparentemente perfeita, cabendo-lhes expor lentamente o seu plano maléfico.

Ouve, insistiu ela quando Elaine guardou finalmente o telemóvel. Descobri uma coisa com que te vais passar. É sobre a Menina Grehan.

Elaine revirou os olhos.

Nem vais acreditar nisto, prometeu Cass.

Tens noção de que falas imenso sobre ela?, disse Elaine. Tipo... *imenso?*

Eu?, disse Cass.

É como se estivesses obcecada, disse Elaine.

Cass ficou boquiaberta. Tinha o coração aos pulos. Não sabia o que dizer ou fazer. Começou a sentir-se como se encurralada, como se a Menina Grehan a tivesse puxado para o seu lado ao diferenciá-la na aula — como se soubesse que Cass sabia a verdade e a quisesse separar de Elaine, para a tornar tão repugnante quanto ela, para que não pudesse assim contar o seu segredo. É de doidos, juro, disse ela, tateando em busca do livro. Olha.

Estou um bocado cansada, disse, hesitante, Elaine.

Só demora um segundo, suplicou Cass.

Sou capaz de ir fazer uma sesta, disse Elaine. Estavam diante da sua casa.

Oh, disse Cass. Lembrou-se da conversa de Elaine com Sarah Jane Hinchy. *OK*, disse ela.

Podes contar-me amanhã, seja lá o que for, disse Elaine.

Claro, disse Cass. Viu então a amiga subir a rampa de acesso à casa. Por instantes, não se conseguiu mexer nem falar — era como se um fogo se propagasse em ondas por baixo da sua pele. Depois, deu meia-volta. Não prosseguiu em direção à sua casa e, em vez disso, regressou à escola. Prendeu a bicicleta com um cadeado ao suporte de bicicletas, entrou no edifício e percorreu o corredor até ao gabinete da diretora. Deixou o livro à porta, com uma dobra na página dos *Agradecimentos*.

No dia seguinte, a Menina Grehan não apareceu para dar aulas. Na verdade, não apareceu no resto da semana, e as raparigas passaram na sala de estudo as horas correspondentes às aulas de Inglês.

Nenhum responsável lhes dizia o que era feito dela, mas havia rumores de que um encarregado de educação apresentara uma queixa. Queixara-se do quê? No que a isto concernia, as histórias tornavam-se mais vagas, mais bizarras. Algumas pessoas diziam que o conteúdo das aulas era inapropriado. Outras diziam que era a própria professora que não se adequava a dar aulas no estabelecimento. Petra Gilhooley disse que lhe constara que a Menina Grehan pertencia a um grupo de bruxas. Karen Casey dizia que não, e que ela pertencia era a um grupo qualquer de dança, cujos membros usavam adereços nos mamilos e cintos com dildos.

Nenhum dos rumores previa o seu regresso.

Sabem quem é que está por trás disto, não sabem?, disse soturnamente Elaine. A puta da Sarah Jane Hinchy.

Elaine estava tão perturbada com o desaparecimento da professora que nem se apercebeu de que o *stand* tinha fechado, pese embora a notícia já tivesse começado a circular. Andava em transe, com os olhos vermelhos de tanto chorar. Depois, uma manhã, pouco antes das férias de Carnaval, tentou convencer Cass de que tinham de ir a Dublin procurar a Menina Grehan. Estava corada, o seu cabelo desalinhado, parecia tresloucada. E se lhe aconteceu alguma coisa?, disse ela. Temos de a encontrar!

Mas como?, perguntou Cass.

Usamos o Facebook dela para a encontrar, disse Elaine.

Cass ficou surpreendida, porque, na semana anterior, a Menina Grehan tornara o seu perfil privado. Mas aparentemente Elaine havia feito diversas capturas de ecrã antes de a conta se tornar inacessível.

Mostrou a Cass o telemóvel, no qual tinha centenas de fotografias de *pubs*, cafés, mercearias, livrarias e passeios à beira-mar. Tenho aqui todos os sítios onde foi identificada nos últimos três meses, disse ela a Cass. Ziguezagueou com o dedo sobre o ecrã, onde surgiu um mapa com linhas vermelhas traçadas entre todas as localizações assinaladas. Podíamos começar por aqui, disse Elaine, pousando a ponta do dedo numa densa mancha vermelha no centro da imagem.

Cass escutou-a, anuiu com um aceno de cabeça, e concordou que deviam arranjar uma desculpa para ir a Dublin. No seu íntimo, sentiu-se confusa e triste, como se, pouco a pouco, a envolvesse uma espécie de névoa ácida que lhe esborratava e corroía os contornos.

No entanto, não chegaram a ir a Dublin. No primeiro dia de férias, Elaine viu-se arrastada para o aeroporto numa viagem-surpresa planeada pelo pai. Enviou a Cass mensagens com teorias da conspiração quando no aeroporto, no táxi, no átrio do hotel. Depois, remeteu-se ao silêncio.

Cass ponderou ir a sós a Dublin. Imaginou-se a calcorrear as ruas de olhos postos no diagrama em forma de floco de neve criado por Elaine — só descansaria quando encontrasse a professora. Ao invés, passou a semana inteira em casa, imersa num ambiente infernal. A mãe vituperava continuamente Dickie sempre que o homem punha um pé em casa; quando o marido saía, criticava-o perante as senhoras da Tidy Towns, Dennis, o carteiro, ou até os próprios filhos. Sempre agarrado aos seus livrinhos, o Sr. Trinity College!, dizia. A dar-se ares de grande génio! Mas onde estão as provas da sua suposta genialidade? Sabem? Há quantos anos não lhe põem a vista em cima? Onde andarás? E levava a mão à testa, perscrutando o horizonte em busca da genialidade que Dickie tivera outrora e depois perdera.

Cass tinha ainda esperança de que os rumores fossem falsos e que a professora regressasse após as férias. Mas depois aconteceu uma coisa.

A mãe da Menina Ogle — que recuperara espetacularmente a saúde desde que a filha adoecera — escorregou numa goiaba enquanto fazia compras na secção de fruta exótica do supermercado e bateu com a cabeça. Morreu no hospital no dia seguinte.

Elaine chegou tarde ao funeral; devia ter acabado de regressar da viagem. Não se apercebeu da presença de Cass, embora estivessem próximas uma da outra, e Cass não a abordou. Mas a Menina Ogle levantou-se da cadeira de rodas e juntou-as à força. Estendeu os braços e abraçou-as às duas ao mesmo tempo. As minhas meninas!, exclamou. Entreolharam-se, sobressaltadas, sobre a cabeça da professora chorosa. A Menina Ogle secou os olhos com a ponta de um lençinho. Ora bem, disse ela num tom de voz mais profissional. Contem-me tudo o que fizeram nas aulas durante a minha ausência.

Cass ficou assolapada. Como podiam descrever todas aquelas semanas tumultuosas? Como lhe podiam explicar a exaltação e a desilusão que tinham sentido, como lhe podiam fazer perceber que um certo futuro se abria diante delas só para logo se voltar a fechar? Olhou uma vez mais para Elaine — com tristeza, sem esperanças. Elaine encolheu os ombros. Estava bronzeada e tinha no pulso uma pulseira com um coração que Cass nunca antes vira.

Nada, disse ela. Só aprendemos as coisas que estão no manual.

Quando as aulas recomeçaram na segunda-feira, a Menina Ogle voltou ao serviço. Estava corada e parecia radiante por se ver de novo na sala. O supermercado oferecera-lhe um montante avultado como compensação pela tragédia, segundo tinham ouvido dizer. Já pintara a porta de casa de um cintilante cor-de-rosa-goiaba.

## II

O pai deixara de dizer que as coisas iriam melhorar desde que o *stand* na vila mais próxima fechara. Sabiam que as coisas estavam péssimas; toda a vila o sabia. As velhinhas interpelavam Dickie no fim da missa e diziam-lhe que tinham rezado uma novena por ele e pela indústria automóvel em geral. Outras pessoas afastavam-se, evitando-o, como se o seu fracasso fosse contagioso. Por vezes, quando Cass entrava numa loja, fazia-se silêncio completo, e a vergonha que sentia era como uma ardência por todo o corpo, como uma segunda pele hedionda, uma nova adversidade surgida para tomar o lugar do seu eczema.

A Crise transformara a Main Street numa boca desdentada, levando à destruição de diversas empresas, tanto grandes quanto pequenas. No entanto os habitantes locais sentiam que o colapso do *stand* se devia a outros motivos. Uma queda tão abrupta quando a dos Barnes não podia ser apenas resultado da conjuntura económica. Teria necessariamente de haver ali um elemento moral.

Muitos achavam que a culpa era de Imelda. Dickie fizera uma fortuna e Imelda gastara duas — era o que as pessoas diziam. Imelda, com as suas maçãs do rosto proeminentes e as botas de couro italianas, exhibia-se como a rainha de Sabá só para ir de carro ao supermercado! E dava uma descompostura ao desgraçado do gerente da loja porque não tinham anis ou tamarindo ou o que quer que fosse que supostamente estava na berra em Nova Iorque! Ela agora bem pode esquecer o tamarindo, diziam entre eles, com laivos sinistros. E também o piso radiante e os tratamentos dentários e essas tretas todas. Bem, bem, olhem só para ela agora.

Sim: olhem bem para Imelda. Unhas lascadas, as raízes do cabelo por pintar, a ir ao Lidl logo de manhãzinha para não se cruzar com ninguém que conhecesse; passava os dias a vasculhar o roupeiro e a pousar luvas, chapéus, cachecóis, blusas, vestidos, calças, saias, coletes almofadados, estolas e peliças no chão do quarto e a tirar-lhes fotografias de todos os ângulos possíveis, como um polícia num local de um crime. Ao fim do dia, sentava-se ao portátil para vender todas aquelas peças de roupa, amaldiçoando os abutres *online* que regateavam até ao último centavo, como camponeses na feira, e que, quando finalmente pagavam, a enlouqueciam com mensagens, perguntando-lhe incessantemente porque ainda não haviam recebido os produtos que tinham comprado.

Em boa verdade, por vezes não os recebiam porque Imelda não os tinha enviado; por mais do que uma vez, Cass entrara na cozinha e deparara com a mãe agarrada ao *Dyson* sem fios ou ao «velho» *Dyson* ou ao serviço de porcelana de osso de quarenta e oito peças que nunca chegara a abrir. E esbugalhava os olhos como se prestes a enviar um pónei muito amado para o matadouro.

O pai trabalhava amiúde até tarde — parecia que quantos menos carros o *stand* vendia, mais tempo tinha de passar lá. Mas quem o poderia censurar? Quando chegava a casa, enfrentava invariavelmente a mesma diatribe de Imelda: Dickie arruinara-os, traíra-os, ela tinha sido enganada. Cass adoraria ver o pai defender-se, dar luta à mãe! Mas ele limitava-se a sentar-se à mesa de jantar, cabisbaixo, e não dizia uma única palavra, o que, é claro, ainda enfurecia mais Imelda.

Tu estás safa, dizia por vezes PJ num sussurro, como se Imelda os pudesse ouvir, embora estivesse sempre a berrar no andar de baixo. Vais para a universidade. Já eu vou ficar cá a apodrecer.

Oh, sim, vai ser ótimo para mim, dizia Cass. Vai ser ótimo ir-me embora com isto tudo a acontecer.

Na verdade, dizia para consigo exatamente a mesma coisa — que dali a poucos meses se iria embora. Raramente se deitava antes da meia-noite, a fim de rever factos após factos — parábolas, modos verbais, *yardangs*, a Land League —, assimilando pouco a pouco o conhecimento necessário para obter as melhores classificações nos exames nacionais. Porém, tornara-se-lhe mais difícil acreditar no futuro; custava-lhe imaginá-lo. Os problemas em casa eram tão avassaladores e desgastantes que a ideia de lhes escapar, de *ir para outro lado qualquer*, começara a parecer-lhe uma mera ilusão. O seu pai — que frequentara o Trinity College quando em novo, e que se mostrara tão entusiasmado quando ela lhe contara os seus planos — já não lhe garantia que correria tudo bem. Já pouco falava com ela, fosse qual fosse o assunto. A mãe, por seu lado, limitava-se a dizer que Dublin estava cheia de tarados e que não percebia porque é que alguém queria viver lá. Lera algo nas notícias sobre um homem que tinham apanhado a caminhar pelo TK Maxx com espelhos nos sapatos, para assim conseguir olhar por baixo das saias das raparigas.

Mas o pior de tudo é que Cass já não tinha Elaine.

Não era que já não se falassem: ainda conversavam todos os dias na escola e por vezes também caminhavam juntas até casa. Contudo Elaine já não convidava Cass para ir estudar a sua casa, já não lhe pedia informações sobre Imelda, já não falava sobre a vida que levariam em Dublin. Dever-se-ia tudo aquilo ao encerramento do *stand*? Ou ao que acontecera com a Menina Grehan? Cass não fazia ideia — sabia apenas que, naquele momento, Elaine tinha a cabeça noutra lugar, e que já não se interessava por ela.

Dizia para consigo que isto não a entristecia. Apesar de sentir uma mágoa quase indescritível, não queria que Elaine tivesse de partilhar a humilhação da sua família. Seria preferível que se afastassem uma da outra.

Por aquela altura, Elaine estava mais interessada em rapazes. Começou a dedicar-se-lhes com a mesma determinação exaustiva com que se dedicara à poesia no período anterior. No entanto não se poderia dizer que *andasse atrás deles* — Elaine era demasiado bonita para precisar de «andar atrás» de quem quer que fosse. Tratava-se na realidade mais de controlar os rapazes que andavam atrás dela. Para Elaine, os rapazes não eram nem um desafio nem um objetivo nem um Outro; eram mais como um bem material, um recurso que devia ser gerido. A sua vida amorosa assemelhava-se ao inventário de *stock* de um armazém. Quando disse a Cass que já não estava a sair com Ryan Doyle porque estava a sair com Ciaran Teeling, mas que esta era apenas uma situação temporária até que Malachy Atkins rompesse com Lucy O'Neill, algo que ela sabia, de fonte segura, que viria a acontecer muito em breve, Cass pensou nos quadros esquemáticos que desenhara em que ela e a amiga transitavam da sua vila natal para o Trinity College, e daí para Paris e Nova Iorque.

Elaine e o seu grupo de rapazes em alternância constante juntavam-se num *pub* da vila conhecido como Drain, e na escola estava sempre rodeada de outras raparigas que frequentavam o mesmo estabelecimento, como Holly Maguire, Jane Tan e Rachel McElligott. Devias aparecer por lá uma noite destas, dizia ela a Cass. Cass sabia que Elaine sabia que ela diria que não. Tentava ao máximo abster-se de aparecer na vila; embora o ambiente em casa fosse de facto infernal, andar pelo centro, onde as

peessoas a olhavam com pena, era infinitamente pior. Ainda assim, parecia-lhe simpático de sua parte convidá-la.

Perguntava-se, contudo, porque é que a amiga escolhera *aquele momento*, com os exames finais e a partida no horizonte, para iniciar a sua nova vida como amante de festarolas. As suas notas escolares já tinham descido ligeiramente. Por vezes, quando conversavam, Cass parecia detetar um certo desajuste na capacidade de fala de Elaine. No entanto, se havia algo de errado, ela não o iria confessar a Cass.

Como Elaine andava ocupada com outras pessoas, Cass deu por si completamente sozinha na escola. No entanto, algum tempo depois, apercebeu-se de que Sarah Jane Hinchy, também ela uma solitária, andava amiúde a seu lado. Não se tinham juntado num qualquer momento especial de ligação afetiva, como se por efeito de uma epifania. Não, nada disso. As coisas tinham acontecido sem que desse por ela e, de início, aceitara-o como outro sinal da sua decadência. Tinham sempre desprezado Sarah Jane Hinchy. Era a marrona da turma, e embora tivesse historicamente resultados escolares um pouco melhores do que elas, isto só acontecia porque se esforçava muito mais. Ser amiga dela era uma espécie de círculo vicioso, porque Elaine ficava claramente enojada com Cass por conviver com uma falhada daquele calibre, o que por sua vez tornava ainda menos provável que quisesse conviver de novo com Cass. Contudo, após duas ou três semanas a almoçarem juntas no parque, Cass já não se lembrava ao certo porque é que ela e Elaine a tinham odiado tanto. Sim, Sarah Jane tinha pernas gordas e quase de certeza cortava o próprio cabelo. Vivia numa espécie de quinta nas colinas e dizia-se que a família era pobre. Mas era sem dúvida inteligente, e, embora parecesse muito tapadinha, sabia imenso sobre muitas coisas interessantes, do Harry Potter ao A\$AP Rocky e ao Xeeon. Uau, disse Cass, e em seguida: O que é o Xeeon?

É como o novo Instagram, disse Sarah Jane Hinchy, só que não é gerido como um espetáculo de aberrações do Zuckerberg.

Fazia amiúde declarações deste género, como se tivesse acesso a uma realidade de que Cass nunca ouvira falar. Era confuso. Elaine e Cass tinham sempre concordado que Sarah Jane Hinchy sabia coisas apenas para se fazer de interessante. No entanto, e se as coisas que ela sabia *fossem* de facto interessantes? E se as coisas que ela escolhera para a fazer parecer diferente a tivessem de facto transformado numa pessoa diferente, numa pessoa com as suas próprias opiniões? Bastava pensar, por exemplo, no seu crachá com um arco-íris. Ainda o usava, mas na blusa, por baixo da camisola do uniforme; dificilmente se poderia dizer que o fazia para se exhibir. Disse a Cass que não se identificava como homossexual, e que na verdade nem sequer acreditava que a orientação sexual fosse fixa e determinada. Usava o arco-íris como um sinal da sua crença de que todos eram livres de escolher quem queriam ser e com quem queriam estar.

Porque tinham achado aquela perspetiva problemática? Cass começou a perguntar-se se ela e Elaine não teriam achado Sarah Jane Hinchy uma falhada porque *elas* não sabiam o que era fixe, tal como os parolos da vila poderiam achar Cass e Elaine foleiras porque não usavam *tops* da GAA. Não deixava de ser uma ideia preocupante.

Sarah Jane também se iria candidatar ao Trinity. Já pensaste onde vais viver?, perguntou a Cass. Cass respondeu-lhe de forma conscientemente vaga. Uma coisa era falar com Sarah Jane Hinchy na escola, outra muito diferente era torná-la parte do seu futuro. Sonhava ainda em recuperar Elaine após os exames — quando estivessem na universidade e vivessem segundo as suas próprias regras, longe das suas famílias. Ainda não estava pronta para sacrificar tudo isso.

Então, um dia, Sarah Jane Hinchy falou-lhe de uma bolsa a que se iria candidatar. Para que precisava ela de uma bolsa se a universidade era gratuita, questionou Cass. A renda não é gratuita, disse Sarah Jane. Nem a comida. Nem os livros. A bolsa pagaria tudo isso e permitir-lhe-ia ainda guardar algum dinheiro todos os meses. Devias pensar nisso, disse ela a Cass.

Cass nunca pensara em quem pagaria o seu alojamento, os seus livros, as suas refeições. Nunca lhe ocorrera que isso pudesse ser um problema. A possibilidade de poder necessitar de auxílio financeiro horrorizou-a. Tinham-se, então, transformado *naquilo*? Eram como as pessoas de anoraque que faziam fila diante da estação dos correios às quartas-feiras de manhã?

Posso mostrar-te como pedi-la, se quiseres, disse Sarah Jane. Como te podes candidatar, quero eu dizer. Se vieres a minha casa, podemos fazê-lo juntas. E depois podíamos ver *O Trono de Sangue*.

Era um filme japonês antigo, mas baseava-se em *Macbeth*, a peça que tinham de estudar para os exames nacionais. Pode ser interessante vê-la de uma perspetiva não ocidental, disse Sarah Jane.

Cass hesitou. Ir a casa de Sarah Jane Hinchy parecia-lhe um grande salto em termos de amizade. Contudo, preencher um formulário e ver um filme decerto não a comprometeriam de nenhum modo. E talvez fosse agradável sair um pouco de casa. Na véspera, ao jantar, Imelda atirara uma caixa de cereais do Lidl à cabeça de Dickie.

Sarah Jane vivia a algumas milhas da vila e, para lá chegar, Cass teria de pedir a alguém que a levasse de carro. Os pais estavam outra vez a discutir e esperava que o pior passasse para lhes pedir que a levassem até lá. Foi então que recebeu uma mensagem.

Era de Elaine.

Tão cabra q se passa???, dizia.

Cass não respondeu de imediato, porque não sabia ao certo o que a amiga queria dizer com aquilo: não sabia se Elaine lhe estava de facto a chamar cabra ou se a estaria a interpelar de modo amigável. Enquanto tentava perceber o que tudo aquilo queria dizer, recebeu uma nova mensagem.

Tou no Drain cum tipo k diz goooosta ti

Esta mensagem era ainda mais enigmática, mas, antes que conseguisse perceber do que é que Elaine estava a falar, ou de quem, Cass recebeu uma nova mensagem, desta vez mais simples.

Vem já pra cá miúda!!!!

Não sabia o que fazer. Era óbvio que Elaine já tinha como garantido que Cass apareceria no Drain. Ao mesmo tempo, irritava-a saber que Elaine pensava que, apesar de a ter ignorado literalmente durante meses, podia simplesmente estalar os dedos para Cass se lhe juntar num ápice. Assim sendo, pousou o telemóvel sem responder e desceu até ao andar de baixo para ver se alguém lhe dava boleia. Nas escadas, cruzou-se com Dickie. Pai?, disse ela. Mas ele pareceu não a ouvir e continuou a subir. Tinha uma lata de cerveja na mão e cereais no cabelo, e estava a usar um anoraque velho e seboso que ela nunca tinha visto. De repente, imaginou-o e a ela própria e a Sarah Jane Hinchy numa fila na estação dos correios. Por isso, gritou por cima do ombro — Vou sair! — e dirigiu-se ao centro da vila.

O nome que constava no letreiro do *pub* era Doran's, mas toda a gente lhe chamava Drain [Cano de Esgoto/Ralo]. Cass percebeu porquê assim que entrou no estabelecimento. Diziam que na época em que se podia fumar dentro dos bares mal se notava o cheiro, mas a verdade é que quem punha um pé ali dentro não tinha como não sentir de imediato um imenso fedor, embora a porta do pátio estivesse sempre aberta. Ninguém sabia ao certo de onde vinha aquele cheiro nauseabundo — era

estrutural. O sistema de som tocava continuamente *metal* dos anos oitenta em altos berros, a mesa de bilhar tinha um rasgão e a torneira de *Guinness* ficava frequentemente infestada com formigas. Contudo, o *barman* nunca verificava a idade dos clientes e, por conseguinte, excetuando um punhado de genuínos roqueiros com cachos de cabelo grisalho gordurosos e *t-shirts* com pentagramas invertidos, o bar estava repleto de menores na maior parte das noites. Era assim há já uma geração, e portanto até a mãe mais certinha da vila era capaz de indicar o *line-up* e a ordem das faixas do álbum *Seasons in the Abyss*, dos Slayer.

A porta estava voltada para o balcão, onde os metaleiros mais idosos se sentavam em bancos altos. Dois deles viraram-se e olharam resignadamente para Cass quando ela entrou no bar. O *barman* estava a olhar para o telemóvel. Atrás deles, estavam fiadas e mais fiadas de garrafas de bebidas espirituosas e uma fotografia a preto e branco de um homem com uma permanente e um fato preto de licra. Ao espelho manchado, Cass parecia uma criancinha mirrada e cinzenta, uma maltrapilha numa floresta de pó.

Cass! Elaine acenou-lhe. Estava no meio de um grupo onde se encontravam uma ou duas raparigas da escola, mas que era composto na sua maioria por pessoas que Cass não reconheceu. Elaine estava a usar uns brincos que Cass nunca tinha visto. Enrubescida e de olhos cintilantes, tinha na mão um copo com cubos de gelo e uma fatia de lima. Quando Cass se aproximou, levantou-se e deu-lhe a mão. Esta é a Cass, anunciou aos outros. A minha melhor amiga desde sempre. Olhou para Cass com um sorriso de aprovação orgulhosa. Depois, arrastou-a até à casa de banho para retocar a maquilhagem.

Porque é que este sítio cheira tão mal?, perguntou Cass, olhando para o espelho.

Acabas por te habituar, disse Elaine. O Rowan Headley acha-te atraente.

Quem é o Rowan Headley?

É amigo da Enda Frame, disse Elaine.

Isto não esclareceu, de todo, Cass.

Bem, seja como for, ele deve-te ter visto por aí, acrescentou Elaine com laivos de impaciência, porque disse que eras atraente.

Ele usou essa palavra? Atraente?

Acho que sim, disse Elaine. Talvez tenha sido eu a dizê-la, não me lembro.

*Tu?*

Talvez eu tenha dito que tinha uma amiga atraente. Não interessa!

Ele sabe sequer quem eu sou?

Elaine não lhe respondeu. Fechou a bolsa de maquilhagem e fitou Cass com insatisfação, como uma pasteleira confrontada com um bolo não totalmente bem-sucedido.

Cass acompanhou-a até à área de fumadores, onde Elaine depressa desapareceu na multidão. Um sujeito de sobretudo aproximou-se dela. Reconheceu-o como um dos rapazes lânguidos que costumavam gritar-lhe junto ao portão da escola. E lembrou-se então de que por vezes lhe gritavam coisas lisonjeiras — não necessariamente que era atraente, mas que tinha boas mamas, por exemplo.

Era alto e pálido e tinha cabelo escuro e encaracolado. Então és a amiga da Elaine, disse ele.

Sim. Cass, disse ela. O rapaz anuiu com um aceno de cabeça, de olhos postos no vazio, como se tivesse antecipado tudo aquilo.

És o Rowan?, perguntou ela. Ele resfolegou com irritação. Cass pensou em fazer-lhe notar que ele é que tinha ido ter com ela. Mas, então, o rapaz disse: Vou ao bar; queres alguma coisa?

OK, disse ela.

Rowan afastou-se da coluna onde estava encostado e entrou no *pub*. Cass perguntou-se se teria feito alguma coisa de errado. Apoiou-se à parede; tinha frio, embora estivesse debaixo de um radiador. Depois, viu Elaine não muito longe dali, de costas para ela. A amiga virou-se para trás por um momento e olhou-a, mas voltou-se de novo para o outro lado antes que Cass lhe pudesse acenar. Cass tinha a vaga noção de que Elaine queria que ela fizesse alguma coisa, que a chamara até ali com um objetivo específico. Soprou sobre os dedos, para os aquecer, ao som da barulheira horrenda e estridente emitida pela aparelhagem de som.

Rowan regressou com duas canecas. A cerveja aqui é mijo, disse ele, entregando-lhe uma.

Obrigada, disse Cass.

Jogas?, perguntou Rowan.

O quê?

Videojogos.

Oh, disse ela. O *Angry Birds*? Como este comentário pareceu desagradar-lhe, acrescentou: O meu irmão é um grande *gamer*.

Ah, sim? Rowan pareceu despertar. O que é que ele joga?

Atrás dele, outro rapaz — não tão alto, mas um pouco mais lânguido — começara a beijar Elaine. Os beijos distraíram-na: parecia-lhe que os ouvia na perfeição, apesar do *metal* que tocava incessantemente. Soavam como passos num terreno enlameado e viscoso repleto de ovas de rã. Rowan esperou a resposta sem qualquer indício de expressão facial, como um soldado que aguardasse ordens. Cass tentou concentrar-se. Ela e PJ costumavam jogar *Donkey Kong* quando tinham a Wii. Mas os gostos do irmão haviam mudado, e de momento PJ preferia jogos onde a personagem principal parecia encurralada num processador de alimentos. Não há um jogo qualquer sobre castores? Ou lontras?

Sim, o *Otter Devastation*, disse ele abstraidamente. Não é nada mau, não. Se ele gosta de jogos *wipeout*, diz-lhe para jogar o *Agents of Extinction*.

Está bem, disse ela. Fez-se silêncio por um momento. Cass ouviu, algures atrás deles, Elaine a soltar gritinhos de dor extasiada.

Então, de onde é que conheces a Elaine?

Oh, disse de novo Cass, animando-se, antes de lhe começar a contar a história da aula de Química. Porém, ainda não tinha chegado à parte do iodo e já ele a tinha agarrado para a beijar. Fechou os olhos. Os dedos de Rowan tocavam-lhe no rosto — eram macios. A sua língua, em contraste, era inesperadamente dura, e o rapaz mexia-a de um lado para o outro sem um objetivo definido, como se a manobrasse à distância com um controlo remoto, pensou Cass. O radiador embutido na parede estava-lhe mesmo em cima da cabeça e estorricava-lhe o cabelo sem, contudo, lhe aquecer o resto do corpo, que estava enregelado. O aparelho desligava-se constantemente, voltando a ligar-se poucos segundos depois com um baque, e Cass sentia o cabelo a fritar. Disse para consigo que tinha de se concentrar no momento. Encostou-se de corpo inteiro a Rowan e pousou-lhe uma mão no peito. O rapaz, que lhe rodeava já a cintura com um braço, fez a mão livre deslizar-lhe pela barriga, que ela encolheu por instinto. Demorou-se no toque para em seguida lhe esfregar indiferentemente a barriga com movimentos ascendentes e descendentes. Depois, levou a mão à mama, que apertou com alegria e de maneira tal que Cass não pôde deixar de se lembrar da bola *anti-stress* que o pai tinha no escritório. Um dos seus agentes comerciais oferecera-lha em jeito de piada antes da crise económica, quando não tinha motivos para se stressar. Era vermelha e tinha impressa a seguinte frase: NÃO ME MEXAS NAS BOLINHAS!! Tinha-a na secretária, ao lado de uma fotografia a preto e branco do seu irmão Frank, de um modelo de

um *Carocha* de 1953, e de outra fotografia deles os quatro, ou seja, de Cass e da mãe e do pai e PJ, todos a sorrir com camisolas natalícias numa visita ao parque de diversões de Funderland. A mãe estava sempre a perguntar-lhe se não podia arranjar uma fotografia melhor para o escritório, mas o facto é que, na dita foto, todos eles pareciam felizes, embora PJ tivesse ficado enjoado nas Crazy Cups; *estavam* felizes, incluindo a mãe. Na altura, Cass teria o quê, dez, onze anos? Na fotografia, tinha ainda o peito liso, não havia bolas *anti-stress* que pudesse apertar, uma camada de eczema cobria-lhe parte da mão e do pulso, ainda não conhecia Elaine, Elaine ainda não tinha entornado iodo em cima dela nem gritado como doida à porta da enfermaria, ainda não se tinham inscritos juntas no Clube do Pónei nem construído um palácio no *Minecraft* nem tido aquela aventura parva, na qual faltaram à escola e foram ao centro da vila em fato de treino e com o cabelo preso num rabo de cavalo. Elaine pensava que ninguém as reconheceria porque estavam a usar um visual muito diferente do habitual, mas deram com elas vinte minutos depois e ficaram as duas de castigo. Tinham-lhes tirado os telemóveis e Cass pousara a mão na vidraça da janela do seu quarto e perguntara-se onde estaria Elaine, e em seguida tivera a certeza — com a mesma certeza de saber o próprio nome — de que naquele mesmo momento Elaine também pousara a mão na *sua* janela, e que nada jamais as separaria uma da outra...

A língua que tinha dentro da boca e que se remexia como um grande animal selvagem retraiu-se de repente. Tenho de mijar, disse Rowan, afastando-se.

Elaine surgiu de imediato a seu lado. Ele beija mesmo bem, não beija?, disse ela.

Sim, sim, beija, disse Cass, embora lhe parecesse uma coisa estranha de se dizer. Começou a beber a cerveja. Sabia ao mesmo que Rowan, ou

talvez fosse o contrário, presumiu. O copo parecia enorme e sentiu o corpo cheio, como se não houvesse nele espaço para mais nada — espaço para mais álcool, línguas, ou sequer palavras. Viu-se, sem saber como, no centro do grupo, que aparentemente saíra em massa de dentro do bar, para ouvir Elaine contar uma história que, como se apercebeu com um sobressalto, se centrava em Sarah Jane Hinchy, ou mais especificamente na irmã de Sarah Jane Hinchy.

Ah, sim, esta é hilariante, disse Rowan, que já tinha regressado, enquanto bebericava cerveja e dava uma vista de olhos ao telemóvel.

Bem, estão a ver a irmã da Sarah Jane, a Denise, que é mesmo esperta, não é?, disse Elaine. Estava três ou quatro anos à nossa frente. E o pai dela vende ração para gado ou algo assim, e é um forreta de primeira. Tipo, é mesmo um mão de vaca dos grandes. Mas ele vai e diz-lhe que lhe compra um carro se ela tiver sete 20 nos exames. Tipo, quer encorajá-la, mas não acha que ela vá conseguir, porque ela é esperta, mas não tão esperta assim, *OK?*

Tão, tão engraçada, disse Rowan. Guardou o telemóvel e pegou na mão de Cass.

Mas então a Denise estudou mesmo, mesmo muito e, em agosto, os resultados saíram e ela teve sete 20. Ela foi, tipo, a melhor classificada do condado. Por isso o pai tem de lhe dar o carro. Ele é tão avarento que ela tem a *certeza* que não vai cumprir a promessa. Mas cumpre. Um dia, ele chama-a, e no pátio está um *Volkswagen Golf*. Não era novo, mas também não era muito velho, tinha, tipo, oito anos.

Fixe, disse outra rapariga.

Sim, mas espera, disse Elaine. Quando ela olha para um dos lados do carro, tipo, para o lado do passageiro...

Era a porta, disse Rowan. As polpas dos dedos de Cass transpiravam na palma da sua mão.

Sim, na porta do lado do passageiro estava escrito CONAS em letras grandes.

Isso estava escrito no carro? Cass não percebia. O pai dela escreveu isso no carro?

Alguém riscou a porta com uma chave, ou uma coisa assim. E tinham tentado pintar por cima, mas ainda se via bem a palavra. Já imaginaste o que é dar a uma filha um carro com CONAS escrito na porta?

Porque é que ele fez isso? Cass tinha a cabeça a andar à roda. Acima dela, o radiador estava sempre a ligar-se e a desligar-se com estalidos, e pelo altifalante ouvia-se um homem a gritar, literalmente a gritar, como se a música o estivesse a esfaquear.

Bem, deve tê-lo comprado muito barato. Mas assim pôde dizer que cumpriu a sua parte do acordo.

Costumava vê-la por aí a conduzir o carro, disse um dos rapazes. Eles vivem perto de Naancross.

Não sabia que a Sarah Jane tinha uma irmã, disse Cass.

Mudou-se para Londres. Não vem cá muitas vezes, disse o rapaz.

Quem é a Sarah Jane Hinchy?, disse uma rapariga.

Tu sabes quem é, disse Elaine. É aquela rapariga que cicia e é estrábica e tem acne.

Também dá pelo nome Sortuda, disse outro rapaz.

Ela diz que é lésbica, mas é só para chamar a atenção, disse Elaine.

Isto não correspondia totalmente à verdade, e Cass ponderou intervir: no entanto, quando tentou lembrar-se ao certo de como Sarah Jane lhe tinha explicado a sua sexualidade, aquilo que dissera sobre a fluidez de género e por aí fora, não conseguiu organizar as ideias. Apercebeu-se, então, de que devia ter enviado uma mensagem a Sarah Jane para lhe dizer que não iria a sua casa, e sentiu uma onda de

irritação para com ela, isto é, para com Sarah Jane, de maneira que não disse nada.

Não disseste que o teu pai te disse que te dava um carro se tivesses boas notas nos exames?, perguntou Rowan a Elaine.

Oh, nem me fales desse tipo, disse Elaine com frieza.

O teu pai é o dono do *stand*, disse o novo rapaz a Cass. Tinha sobrelhas pretas e hirsutas e um olhar vivo. Tu de certeza que recebes um carro, mesmo que chumbes.

O *stand* fechou, seu monga, disse outro rapaz.

Elaine explicou que o *stand* principal não tinha fechado, mas só o da vila ao lado. Não é, Cass?

Cass, desalentada, anuiu com um aceno de cabeça.

De qualquer maneira, é impossível a Cass chumbar nos exames. É a pessoa mais inteligente que conheço, disse Elaine. Vamos as duas para a universidade no outono, acrescentou, e agarrou na mão livre de Cass e deu-lhe um aperto firme, mas gentil, como uma educadora de infantário que puxasse a corda de uma sineta. Não vamos?, perguntou.

Surpreendidíssima, Cass não conseguiu mais do que anuir com novo aceno de cabeça; no seu íntimo, porém, sentiu uma descarga tão intensa de alegria que seria capaz de entrar ali mesmo em combustão e arder por completo no chão de cimento da área de fumadores do *pub*, como se numa cena retirada de um dos velhos vídeos de *metal* tão apreciados pelos roqueiros.

Mais tarde nessa noite, Elaine perguntou-lhe porque a andava a evitar. Cass ficou atónita: Elaine teria de facto encarado a situação dessa forma? Disse-lhe que não era nada disso, que não a estava a evitar, e confessou-lhe que não falava muito com ela por vergonha. Os problemas com os *stands* confrangiam-na. Isto dito, começou a chorar.

Elaine pousou-lhe uma mão no ombro. O teu pai é que tem culpa disso, disse ela, não tu.

Cass começou a choramingar e a tartamudear uma algaraviada quase ininteligível — nem ela sabia ao certo o que estava a dizer —, algo sobre todos a culparem também a ela, por ser filha de Dickie. Elaine mostrou-se sábia e calma. Ninguém te culpa de nada, disse a Cass. Têm todos pena de ti. O teu pai não devia ter deixado as coisas chegarem a este ponto. É suposto proteger-vos, e não protegeu. Pôs um braço em volta de Cass e puxou-a para junto dela. Ele que se foda, disse, a fim de a reconfortar.

A partir de então, Cass passou a frequentar o Drain algumas noites por semana. Os seus exames de aferição estavam à porta, mas não lhe era difícil sair de casa. O pai quase não punha lá os pés, e a mãe ou estava a lamuriar-se ao telemóvel em conversa com as senhoras da Tidy Towns, ou a embrulhar os seus pertences no andar de cima. Após meses de vendas *online*, começavam a aparecer áreas expostas no roupeiro, quais zonas de superfície terrestre que um glaciar expusesse ao derreter e retrair-se. Nem sequer ouvia Cass avisá-la, do átrio, que ia a casa de Elaine.

PJ reparava que havia algo de diferente, é claro: afinal, não tinha nada melhor que fazer do que reparar no que se passava à sua volta.

Porque te maquilhas para ires estudar a casa da Elaine?, perguntava.

Cass não acreditava que o irmão a viesse a denunciar, mas não gostava de se sentir à sua mercê. Por isso, começou a esconder a maquilhagem — na sua maioria roubada à mãe — no antigo barraco na floresta atrás da casa, onde também instalara, no parapeito de uma janela, um espelho. Maquilhava-se à luz da lanterna do telemóvel.

O barraco situava-se mesmo no meio da floresta. Não sabia qual a sua função inicial, porque já o conhecera vazio e abandonado. Em pequena, brincava lá com o irmão. Enterravam pinhas e voltavam a desenterrá-las, e quando o pai aparecia e soltava os seus grunhidos, guinchavam e riam-se e trepavam o mais alto possível a uma árvore, para que ele não os apanhasse. Contudo, ela fingia por vezes tropeçar e Dickie agarrava-a com as duas mãos, para logo a erguer acima da cabeça e gritar: Um esquilo! Um esquilo para o jantar!

À noite, quando ia em segredo à floresta, pensava nessa época da sua infância, e as recordações tornavam as escapadelas solitárias ligeiramente menos assustadoras. De qualquer modo, o medo fazia parte do encanto. Aprendeu a maquilhar-se em exatamente três minutos; assim que terminava, largava a correr — corre, corre! — por entre as árvores, rumo à estrada nova, de onde seguia até à vila. Corria sob o céu noturno, ao mesmo tempo aterrorizada e livre, até chegar ao Drain, onde, assim que transpunha a porta, sentia caírem-lhe em cima o já familiar fedor e o ruído da música datada, como se lhe saltassem às pernas dois cães velhos e malcheirosos. Encontrava quase sempre Rowan a fumar um cigarro eletrónico no pátio e, no meio do grupo, Elaine, que se voltava para a cumprimentar. Elaine sorria e Cass sorria, sentindo-se cintilar como um pirilampo à luz das estrelas.

No Drain, passava a maior parte do tempo aos beijos com Rowan, enquanto Elaine, sempre a poucos metros de distância, fazia o mesmo, de início com Jesse Farrell, e depois com Fiachra O'Grady, e em seguida com Malachy Atkins, que tinha finalmente acabado com Lucy O'Neill. Quando saíam do Drain e não estava a chover, levavam por vezes bebidas para o cemitério. Em certa ocasião, Rowan disse-lhes que a escritora Mary Shelley perdera a virgindade com Percy Shelley em cima da campa da própria mãe. Lançou um olhar expressivo a Cass.

Imaginem só fazer sexo com alguém chamado Percy, disse Elaine. Come-me, Percy!, gracejou Cass. Com mais força, Percy! A caminho de casa, paravam na Topaz e compravam cada um três sacos de batatas fritas com sabores diferentes para encobrir o cheiro a álcool. As batatas fritas cumpriam esse desígnio muito mais eficazmente do que as pastilhas elásticas, cuja utilização servia apenas como uma confissão de culpa.

Tendo apenas como base as horas que passavam aos beijos, Cass achava-se no direito de apelidar Rowan de namorado. Tinha, todavia, dúvidas quando abordava a questão de qualquer outra perspectiva. Quando não se beijavam, ele mostrava-se em regra distraído e pouco falava, ou então falava de coisas sobre as quais Cass não sabia nada, como videojogos ou *hip-hop*. Tinha teorias da conspiração sobre tudo e mais alguma coisa e irritava-se quando Cass não conhecia determinados acontecimentos que, segundo ele, não passavam de farsas.

Por vezes, perguntava-se se de facto gostava dele, mas normalmente dedicava mais tempo a tentar perceber se ele gostava dela. Compôs listas de motivos que o poderiam levar a terminar o namoro: ela tinha o nariz pontiagudo; ele ainda estava apaixonado por Elaine, etc. Rowan nem sequer tentava esconder a pornografia que via e guardava no telemóvel. Raramente lhe enviava mensagens, e, quando o fazia, não lhe remetia mais do que meros *links* para as gravações de *beat* que publicava no Soundcloud. Uma vez, perguntou-lhe — em jeito de troça, mas na verdade muito a sério — se gostava dela um pouco que fosse, e ele respondeu de imediato, como se estivesse à espera da pergunta a qualquer momento, que só gostava de *rappers* mortos. Parecia considerar a maior parte das coisas que ela dizia um tédio, e oscilava entre a tentativa de a convencer a fazer sexo e uma indiferença quase

completa, por vezes alternando os dois estados num curtíssimo período de tempo.

Os rapazes são mesmo assim, disse-lhe Elaine. Tendo em conta a forma como a amiga lhe explicou a situação, Cass concluiu que não era suposto gostar-se de verdade de um namorado, pelo menos da mesma forma de que se gostava dos amigos; andar com rapazes era algo que se fazia sem se apreciar necessariamente, tal como se bebia cerveja embora não se gostasse do sabor. Cass sentiu-se melhor depois desta conversa esclarecedora.

De qualquer maneira, às vezes gostava dele. Rowan tinha cabelo brilhante e sedoso e um casaco almofadado muito suave. Também planeava ir para a Universidade de Dublin; queria ser DJ profissional, mas, para jogar pelo seguro, ia candidatar-se a Farmácia na UCD. Além disso ele era engraçado. Inventou um jogo, no qual se tinha de pensar num nome estúpido — Adolfo Dias, Óscar Alho, Genoveva Gina — e depois pesquisá-lo no Google: se *não* se obtivesse nenhum resultado, tinha-se de beber um *shot*. Mas na maior parte das vezes obtinham, de facto, resultados: o mundo revelava-se um verdadeiro baú do tesouro de nomes genuinamente embaraçosos. Quem havia de dizer?

Às vezes, depois de beber uma ou duas cervejas, saía-se com ideias bizarras. Por exemplo: se o olfato de um cão era cinquenta mil vezes mais poderoso do que o de um humano, isso significava que, em vez de terem a perceção binária dos humanos dos conceitos de Presença/Ausência, os cães deviam apreender todo um *espectro* de presença. Do género, imaginemos que estás aqui, e que depois te vais embora. Para mim, estás ausente. Mas, para um cão, ainda estás *na maior parte* aqui, porque o teu cheiro paira no ar por muito mais tempo, e o olfato é o seu sentido mais apurado. Por isso devem ter uma compreensão totalmente diferente do tempo, porque, para eles, o

passado está literalmente ainda presente. Quando um cão olha para o mundo, deve ver todas estas presenças a desvanecerem-se gradualmente como um céu cheio de rastos de avião.

Quase de certeza que isto está mais próximo de como as coisas são na realidade, disse ele, tipo, com o passado e isso tudo. O que é, de certa maneira, mais ou menos bom, porque significa que os momentos de felicidade não nos escapam para sempre. Olhou-a ao proferir a última afirmação, mas apenas de soslaio, como se não quisesse que se apercebesse das suas insinuações.

Elaine dizia que aquele jogo era infantil e que não tinha jeito nenhum para imaginar nomes. E dizia também que as teorias dele lhe lembravam o irmão de Cass. Começava a distanciar-se de Rowan. Disse a Cass que havia outros rapazes interessados nela, embora, quando pressionada, tenha confessado que era mais uma sensação geral, e que não lhe podia apontar indivíduos específicos.

Rowan começou a ir ao barraco a fim de acompanhar Cass ao Drain. Gostava da floresta; bosques de caducifólias eram raros na Irlanda, disse-lhe ele. Os britânicos tinham cortado a maior parte das árvores para as usar como lenha nas suas fábricas. O barraco lembrava-lhe o *bunker* de Hitler, onde o *Führer* se tinha escondido com o seu pessoal mais próximo e as respetivas famílias nos últimos dias da guerra. Disse a Cass que, quando tinham percebido que iriam perder a guerra, os nazis envenenaram os filhos antes de se matarem a tiro. Depois, tentou beijá-la. Ela riu-se.

Ele sabia muitas coisas sobre os nazis. Alguns nazis tinham fugido para a Irlanda depois da guerra. A maior editora de manuais escolares da Irlanda tinha sido fundada por um nazi. Esse era um dos motivos para o sistema de educação nacional ser uma porcaria. E a Volkswagen também

tinha sido fundada por nazis, disse ele. Por isso, Cass não devia ficar triste se o *stand* do seu pai fechasse de vez.

Quando o tempo começou a aquecer, passou a levar latas de cerveja para o barraco, ou para «o *Bunker*», como ele lhe chamava. Algumas pessoas não tinham problemas de dinheiro, mas ele não tinha possibilidades de passar a noite a beber num *pub*. Em certa ocasião, perguntou-lhe porque haviam sequer de ir ao Drain. Porque a Elaine está lá, disse Cass, confusa. E os outros.

A Elaine, repetiu ele sardonicamente.

Não gostas da Elaine? Cass não conteve o tom de espanto.

Rowan disse que Elaine tinha a mania. Pensa que é muito esperta. Mas tu és muito mais inteligente do que ela.

Cass disse-lhe que, na verdade, ela e Elaine tinham exatamente as mesmas notas na escola.

Isso é porque tu não queres ter notas melhores do que ela, disse ele.

Esta conversa deixou-a perante um dilema. Por um lado, apelidá-la de inteligente fora literalmente o único elogio que ele alguma vez lhe fizera. Por outro, não se queria ver forçada a ter de escolher entre ele e a amiga. Elaine estava a passar por um mau momento. Não estava a namorar com ninguém e já tinha beijado toda a gente que frequentava o Drain, excetuando, é claro, os roqueiros, que eram velhos, e não passava pela cabeça de ninguém beijá-los. Cass acabou de beber a sua lata de cerveja e disse a Rowan que se deviam fazer ao caminho para não chegarem atrasados.

Nessa noite, um novo roqueiro apareceu no *pub*. Era jovem e atraente — realmente atraente, como alguém da televisão, e tinha um cabelo tão preto que quase parecia azul e os braços cobertos de tatuagens. Sentou-se sozinho ao balcão, a beber. Quando reparou que as raparigas o estavam a observar, ergueu-lhes o copo. Quem é *aquele?*, perguntou Elaine.

Cass não sabia. Nunca o tinha visto, pois lembrar-se-ia se tivesse.

É um Rowan, mas com bom aspeto, disse Elaine. Foi falar com ele. Após alguns minutos de conversa animada, acenou a Cass. Este é o Richard, disse ela. Ele proferiu uma palavra que soava como Richard, mas que não era bem Richard. É da Polónia, disse Elaine, ignorando-o. Acabou de chegar à vila.

Visto de perto, o homem era, mais do que atraente, lindo — com uma beleza feminina —, e na sua estrutura facial delicada sobressaíam dois olhos pretos, que pareciam espreitar de dois buracos, como nos retratos das casas assombradas.

Ouve só esta, disse Elaine. O Richard é mecânico. E está à procura de trabalho! Cass olhou para ela sem perceber ao certo a ligação. Portanto pensei que talvez pudesse trabalhar no *stand* do teu pai.

Cass sentiu o sorriso esmorecer.

Não pode?, pressionou Elaine. Trabalhar no *stand* do teu pai?

Cass ficou irritada. Então era por isso que Elaine a tinha chamado — para a usar na sua sedução? Não sei se de momento estão a empregar pessoal, disse ela.

Não custa nada perguntar, pois não?, questionou Elaine.

Não sei se vale a pena, disse Cass.

Porque não perguntas ao teu pai agora mesmo?

Perguntar-lhe o quê?

Se estão a contratar. Manda-lhe uma mensagem.

Ele pensa que estou a estudar em tua casa, lembrou-lhe Cass.

E então?

Então... porque é que havia de estar, agora, a falar com mecânicos?

Oh, meu Deus, está bem, disse Elaine, levantando as mãos no ar.

Cass voltou para junto de Rowan. Quem é aquele gajo?, perguntou ele.

Um tipo qualquer. Anda à procura de emprego.

Parece um vampiro dos anos oitenta.

É da Polónia.

Ah, pois.

Elaine regressou para junto deles não muito depois. Cass pediu-lhe desculpa por não a poder ajudar mais. Pois, disse vagamente Elaine. Ao aperceber-se de um certo desagrado no tom da amiga, Cass relanceou o balcão. O banco de Richard estava vazio. O que aconteceu?

Elaine soltou um suspiro e disse-lhes que Richard tentara seduzi-la com a frase literalmente mais foleira que alguma vez ouvira. Recusou-se a revelar-lhes o piropo, alegando que era demasiado embaraçoso. Tarado de merda, disse ela, olhando, ansiosa, para o banco vazio.

Mais tarde, quando saiu da casa de banho, Cass julgou ver o dito homem a fumar no pátio. Estava escuro lá fora e de início não teve a certeza. Depois, ele puxou uma fumaça e a cinza em brasa do cigarro iluminou-lhe o rosto envolto em sombras. Estava a olhar para ela — estava, na verdade, a fitá-la de uma forma que pareceria sinistra se fosse outra pessoa a fazê-lo. Vindo dele, aquele olhar não tinha nada de sinistro, e era como se lhe estivesse a perguntar: E então? Era como uma mensagem numa língua que mais ninguém a sabia capaz de falar: uma comunicação secreta que Cass não pôde deixar de acolher no seu íntimo. O sujeito tinha uns olhos pretos e húmidos que pareciam penetrá-la, fazendo-a sentir-se em simultâneo mais nova e mais velha do que na

realidade era. Teve vontade de se rir. Que foleirada! O desejo carnal que sentia era deveras rasca, e a beleza do homem também tinha o seu quê de foleira; se Elaine ali estivesse, decerto se desfariam em gargalhadas. Uma pirosada.

Mas Elaine não estava lá. Cass manteve-se à porta e balanceou um pouco. Olá, disse ela. Olá, respondeu-lhe ele num tom meigo. A luz do cigarro deu-lhe a ver as tatuagens que lhe cobriam o antebraço: dados, a Morte, um anjo a chorar. Pensou em Elaine a olhar embevecida para o banco onde ele se sentara. Dás-me uma passa?, pediu-lhe. Richard estendeu-lhe o cigarro. Cass acercou-se dele e pegou no cigarro, que sorveu toscamente e com notória falta de experiência. O fumo nocivo encheu-lhe os pulmões num ápice. Devolveu-lhe o cigarro, deu meia-volta, afastou-se e voltou atrás, sempre a besourar algo ininteligível, como se não o sentisse a fitá-la. Enfim, disse: Podes tentar o *stand*, se quiseres. Mas fala com o meu pai. Dickie Barnes. Não fales com o Phil. É o gerente, mas é um idiota e está sempre maldisposto. Ah, e odeia estrangeiros. O meu pai é um coração de manteiga.

Richard manteve-se em silêncio por um instante. Depois encolheu os ombros, sorriu e abeirou-se muito ligeiramente dela. Cass virou o rosto para o olhar com um sorriso tímido que se mostrou, na verdade, bastante atrevido. No entanto, depressa perdeu a coragem quando o viu inclinar-se demasiado na sua direção. *Vem aí o caçador!* Escapuliu-se como um esquilo na floresta.

Ele não voltou a aparecer no bar e ela não contou a Elaine o que acontecera.

Depois vieram as cheias. Num só dia choveu o equivalente a três semanas ordinárias e o rio galgou as margens num fenómeno noticiado a

nível nacional. As escolas encerraram e todos ficaram retidos em casa, de onde olhavam com ansiedade pelas janelas. Viam apenas lagos cinzentos onde antes se estendiam prados verdes. Estou a dar em doida, escreveu Elaine numa mensagem. Rowan nem sequer entrava em contacto. Perguntava-se se ele iria acabar o namoro com ela, ou se já o teria feito e não a avisara. Contudo, ao terceiro dia, ele apareceu-lhe — encharcado — à porta de casa. Entreolharam-se por um momento. A água da chuva gotejava-lhe sem cessar do capuz. Por fim, disse: Vens?

Onde?, perguntou ela.

Olhou-a como se fosse idiota. Ao *Bunker*, não?, disse ele.

Tinha chegado até ali pela floresta e descobrira que o velho barraco continuava incólume, apesar de toda a vila estar inundada. Caminharam juntos por entre as árvores molhadas, de onde caíam pesadas gotas de chuva. Rowan deu-lhe a mão e disse-lhe que nos últimos dias ouvira muito *hip-hop* angolano. Em seguida, disse que estava a pensar em ouvir apenas música angolana dali em diante.

O *Bunker* não estava mais húmido do que já era costume. Rowan tinha os lábios frios, mas depressa os aqueceu. O seu corpo quente envolveu, num abraço, o de Cass, que lhe pousou a cabeça no peito. Rowan deu, então, uma vista de olhos ao telemóvel e queixou-se da falta de rede. Pela porta, via-se a chuva cair incessantemente. Rowan perguntou-lhe o que é que ela ia fazer quando fosse para a universidade. A pergunta surpreendeu-a, porque já lho dissera, mas a verdade é que ele se esquecia de muitas das coisas que lhe contava. Vou estudar Inglês, disse ela.

Não, o que eu quero dizer é se, tipo, vamos continuar a sair juntos, ou assim, disse Rowan. Parecia triste, pese embora ela não soubesse se o seu sofrimento se devia à ideia de namorar com Cass em Dublin ou porque o vídeo de *hip-hop* angolano estava sempre a travar.

Não soube o que dizer. Elaine realçara a necessidade de perderem a virgindade antes de entrarem na universidade, mas também a alertara para não se deixar enredar em excessos de intimidade. Não queres mudar-te para Dublin e continuar presa a alguém de cá. Cass presumiu que era precisamente isso que preocupava Rowan. Sentiu-se triste, mas não deixou transparecer os sentimentos. Disse tão-só que provavelmente quereriam sair com outras pessoas.

Quando ouviu isto, Rowan ficou hirto e, por um instante, não disse nada, como se, tal como o vídeo, também ele tivesse travado. Depois, empertigou-se e franziu o sobrolho e olhou para os sapatos, como era seu costume se prestes a falar de um assunto sério — como quando, por exemplo, explicava a ordem certa para se ver os filmes da *Guerra das Estrelas*. Porém, antes que pudesse dizer o que quer que fosse:

Cu-cu! Elaine baixou o capuz e olhou em volta, espantada; nunca tinha estado no barraco. Porque têm um barraco no meio da floresta? É quê, tipo um abrigo antibomba?

Um abrigo antibomba?, disse Rowan. É feito de pedras, pá.

Soou mais irritado do que nunca. Cass enviara uma mensagem a Elaine enquanto atravessava a floresta com Rowan, e apercebeu-se então de que não lhe dissera que a tinha convidado para lá ir.

Os outros vêm a caminho, disse Elaine. O Malachy traz cerveja.

A escola continuou encerrada por quase duas semanas, e iam ao barraco todas as noites. Por vezes, juntavam-se lá quinze pessoas, apinhadas como sardinhas em lata em volta das colunas de som portáteis com que ouviam *hip-hop* angolano. Era como um carnaval: um carnaval húmido, encharcado. O mundo estava virado do avesso, e não conseguiam sequer imaginar como seria regressar à realidade passada.

Mas regressaram, é claro. Quando voltaram à escola, receberam os resultados dos exames de aferição. Presumo que os vossos pais tenham visto isto?, perguntou-lhes a Menina Ogle no fim da aula.

Cass não respondeu. Em sua casa, quem lia os relatórios escolares era o pai, que desde as cheias nunca saía da oficina do *stand*, onde reparava carros com cabos elétricos danificados, motores danificados, transmissões danificadas; as cheias tinham sido um desastre para a vila, mas um maná para os negócios, como dizia Imelda. Elaine também não respondeu e limitou-se a franzir o sobrolho com desagrado e a premir a biqueira do sapato esquerdo contra o chão, como se estivesse a esmagar um cigarro na cara da Menina Ogle.

A Menina Ogle soltou um suspiro. Tinha um botão da sua blusa de xadrez aberto e Cass via-lhe o gancho branco-acinzentado do sutiã. Os seios pousavam-lhe nos braços cruzados como os sacos de areia espalhados pelas ruas inundadas. Meninas, disse ela, percebo que tenham outras coisas em que pensar, e que, por comparação, os vossos estudos vos pareçam menos importantes. Mas daqui a três meses vão fazer os exames nacionais, e os resultados que obtiverem vão ditar o resto das vossas vidas. Como vos disse muitas vezes, o sistema de educação é muito memorioso e não se esquece facilmente de nada. O que quer que seja que esteja a acontecer de momento nas vossas vidas há de passar. Mas o certificado com os resultados dos exames vai-vos ficar associado para sempre. Percebem?

Finda a conversa, percorreram o corredor em silêncio. E então Cass disse, num tom jocoso: *Me-mooo-ri-o-sooo*.

Elaine disse que era tudo uma treta. Afinal, eram só os testes de aferição, que não valiam nada; quem queria saber daquela porcaria para alguma coisa?

Nos exames a sério, vamos mesmo esforçar-nos, disse Cass.

Sim, concordou Elaine. Seja como for, não há nenhuma lei que diga que *temos* de estudar no Trinity. Há, tipo, um milhão de cursos em Dublin.

E não estava propriamente a mentir: duas semanas antes, tinham preenchido os formulários de candidatura ao Ensino Superior em casa de Elaine, e o número de ofertas disponíveis fascinara-as. Radiografia? Agricultura biológica? Vários futuros possíveis rodopiavam à sua volta como imagens num caleidoscópio.

Mas o Dickie ia ficar triste se eu não fosse para o Trinity, disse Cass.

Porque havias de te esforçar para lhe agradar?, disse Elaine. Arruinou-te a vida. Não lhe deves nada.

O tom enraivecido surpreendeu Cass, que se lembrou do que a professora lhes dissera sobre *terem mais em que pensar*. Era óbvio o que pretendia dizer no caso de Cass. A vila inteira — o mundo inteiro — sabia o que se passava com o *stand*. Mas teria Elaine também as suas preocupações? Daquela vez em que fora a casa dela, encontrara tudo de pantanas — havia pilhas de roupa suja na cozinha, pratos no lava-loiça, uma desarrumação completa por todo o lado. Nunca a tinha visto naquele estado.

Não *temos* de fazer nada, disse Elaine. Podemos simplesmente ir para Dublin. Ou para outro sítio qualquer. Olhou à sua volta e esfregou os braços como se estivessem na floresta e fizesse um vento frio. Só sei que me vou literalmente matar se não sairmos deste pardieiro.

Nos últimos tempos, a mãe de Rowan massacrava-o para que estudasse, e ele só podia sair ao fim de semana. Elaine não tinha pena nenhuma dele. Alegava que Rowan era um coninhas e ainda por cima

pretensioso, e que nunca mais na vida queria voltar a ouvir *hip-hop* angolano.

Também já se tinha saturado do *Bunker* — afirmava que o chão húmido lhe tinha causado uma micose. O Drain continuava encerrado, porque a inundação finalmente arrasara com a antiga canalização. Temos de encontrar outro sítio para beber uns copos, disse ela.

Cass não estava certa de que isso fosse boa ideia. A mãe de Rowan talvez tivesse razão, talvez devessem rever a matéria? No entanto Elaine estava pelos cabelos com os estudos. E, de qualquer maneira, faltava imenso tempo para os exames.

Na vila, havia sinais das cheias por todo o lado. Os edifícios da Main Street tinham as paredes manchadas com linhas de sujidade que assinalavam a altura a que a água chegara, e uma água negra inundava ainda o chão das lojas encerradas. Pensavam que as cheias lavariam tudo, mas dera-se exatamente o oposto. Toda a vila cheirava às casas de banho do Drain.

Quando Cass não tinha dinheiro — o que acontecia na maioria das noites —, iam ao Clarke's ou ao Coady's ou ao Devine's e procuravam rapazes que não conheciam para que estes lhes pagassem umas quantas bebidas. Quem tivera a ideia fora Elaine; para Cass, aquele plano lembrava-lhe os esquemas loucos que ela gizava quando se tinham tornado amigas, como dizer à mulher da loja de maquilhagem que eram modelos para assim a convencerem a dar-lhes *eyeliner* de borla. No entanto, ao contrário dessas ideias estapafúrdias, o esquema com os rapazes funcionava às mil maravilhas. Bastava-lhes sentarem-se ao balcão para serem abordadas por rapazes. Embora fossem mais homens do que propriamente rapazes: sujeitos altos e pernilongos com camisas da *Ralph Lauren* e botas pontiagudas, agricultores de cabeça bovina prontos para irem ao mercado, representantes comerciais, serralheiros,

engenheiros eletrotécnicos. Homens que montavam exaustores ou vendiam sistemas de armazenamento digital. Que haviam viajado até à Austrália e ao Alasca. E que tinham chaves de carros, cartões de visita, alianças de casamento e fotografias de bebês nos telemóveis.

Cass nunca sabia ao certo o que dizer àqueles homens, mas de uma forma diferente do que quando não sabia o que dizer a Rowan, porque reparou que naquelas conversas não interessava, na verdade, o que dizia ou não dizia. Conversar era apenas um tipo de distração ou uma manobra de diversão enquanto uma outra coisa ocorria sob a superfície. Não sabia se era suposto ela e Elaine deixarem-se ludibriar com aquelas jogadas, ou seja, se os homens pensavam que elas palravam com toda a inocência numa conversa aparentemente inofensiva enquanto caíam, contra a sua vontade e sem se aperceberem, na armadilha deles, ou se era suposto participarem conscientemente no jogo, ou seja, se os homens sabiam que elas sabiam que tudo aquilo era mentira. Que tudo não passava de um jogo estranho, ao mesmo tempo aborrecido e excitante.

Elaine era boa naquilo e fingia na perfeição não ter consciência desta atividade secreta. Dizia aos rapazes/homens que elas eram rececionistas na Sports Centre, ou jornalistas estagiárias no jornal local, ou terapeutas ocupacionais na vila ao lado, tagarelando alegremente enquanto os homens as fitavam como cães a um bife. De resto, quando os homens lhes ofereciam bebidas, fingia julgar que estavam apenas a ser generosos. E eram generosos, sem dúvida. Pediam-lhes uma cerveja e eles juntavam-lhe uma vodca, e quando lhes pediam uma vodca, levavam-lhes uma vodca dupla. Antes que dessem por ela, já estavam com a tosga sem terem despendido um cêntimo.

Às quintas e sextas-feiras, era possível que um dos homens com camisa da *Ralph Lauren* lhes pagasse a entrada no Papparazzi's, onde

dançavam com Elaine do mesmo modo ansioso e desconcentrado com que a ouviam contar-lhes que eram terapeutas ocupacionais. Era hilariante ver aqueles homens — com os seus bíceps e tatuagens no pescoço — a dançar com movimentos descoordenados ao som da *Wake Me Up Before You Go-go*. Cass sabia que Elaine não pretendia, de todo, beijá-los, e também que a amiga era capaz de dançar por horas a fio. Os homens acreditavam aproximar-se, pouco a pouco, de um objetivo, mas não havia objetivo nenhum; Elaine queria somente ver quanto tempo aguentavam aquela farsa.

Mesmo quando um deles obtinha o que queria e Elaine estava agarrada a ele na pista de dança ou na área de fumadores ou num dos muitos recantos e alcovas do labirinto escuro que era o Paparazzi's — com uma perna em redor dele, puxando-o para si, e de olhos bem fechados —, acontecia amiúde ela soltá-lo de repente e ir ter com Cass como se não tivesse acontecido nada, deixando o agente comercial ou engenheiro curvado sobre si mesmo a fim de esconder a ereção, num estado de profunda estupefação. Por vezes, parecia arrebatada pela paixão, como em êxtase, mas enviava a Cass uma mensagem cujo conteúdo se limitava a algo como OMG ou AJUDA — um sinal para que a amiga interrompesse a cena: por norma, mencionava que estava menstruada, e o homem em questão batia em retirada sem tecer qualquer comentário.

Porém, em certas ocasiões, não queria que a interrompessem, e restava a Cass vaguear em redor da pista de dança. Na verdade, não gostava de dançar, e só se mantinha por ali para não ser obrigada a conversar com ninguém. Queria ser destemida e brincar com os homens, como Elaine, mas eles pareciam-lhe muito grandes vistos de perto, inclusive (e em especial) quando eram simpáticos.

No fim, contudo, acabava por ter de falar com alguém — isto se queria que lhe oferecessem bebidas, é claro. As coisas tornaram-se-lhe fáceis assim que percebeu como agir. No fundo, tinha apenas de se rir das piadas deles e de se fingir interessada e de antecipar o momento em que se debruçariam para a beijar, de modo a, como um toureiro, dar um passo ao lado num único movimento gracioso que quase não parecia implicar movimento nenhum e que não feria o orgulho a ninguém.

Por vezes, não dava o tal passo ao lado; por vezes, quando lhe ofereciam muitas bebidas, deixava-os beijá-la. Tinha de beijar alguém de vez em quando, para não ficar com a reputação de ser uma mulher que não beijava ninguém. Se ganhasse essa fama, os homens não mais lhe ofereceriam bebidas. De qualquer modo, já tinha má fama. Sabiam que não era terapeuta ocupacional nem uma jovem e promissora jornalista do *Midlands Monitor* que estaria a escrever, de momento, um artigo de fundo sobre o despejo ilegal de entulho. Até os forasteiros sabiam que era uma Barnes, ou seja, uma daquelas pessoas que viveram à grande e à francesa nos bons tempos, mas que, entretanto, faliram. Que direito tinha ela de se armar em fina, de os rejeitar? Por conseguinte, beijava-os e sentia a sua barba rala e dura arranhar-lhe a pele e o cheiro do seu *aftershave* ou desodorizante a penetrar-lhe as narinas, e permitia também que lhe enfiassem as mãos por baixo do *top* e lhe afagassem as costas, certa de que, mais cedo ou mais tarde, Elaine apareceria para a chamar e as duas se afastariam e ririam à gargalhada junto à máquina de tabaco.

Embora Elaine nem sempre aparecesse, é certo, e os homens nem sempre fossem muito educados, e uma vez Cass deu um passo ao lado e o homem agarrou-a, seguindo-se-lhe um momento de desorientação, no qual se apercebeu não se lembrar da cara dele, embora estivesse mesmo à sua frente, mas somente conseguir vê-lo, ou melhor, ouvi-lo a

empurrá-la, com uma mão, contra a máquina de *pinball* e com a outra a apertar-lhe com força o maxilar e a enfiar-lhe a outra mão, espera lá, outra mão?, por entre as pernas, enquanto por baixo dela a máquina de *pinball* abanava e anunciava numa voz sinistra: *Toda a gente para o cemitério, vamos lá!*

Porém, normalmente aparecia alguém no momento certo e, fosse como fosse, não importava — nada importava. Nada importava! Estava tudo a aproximar-se do fim, a acabar; as cheias tinham arrastado tudo para bem longe dali. A escola, a família, o namorado, os homens, o álcool — deixaria tudo aquilo para trás, como uma cobra abandona a pele que se lhe tornou demasiado pequena. Ou talvez fosse ela própria a pele. Talvez viesse a ser abandonada, dissolvendo-se depois na noite.

Era por isso que, conquanto ainda pensasse por vezes no que a Menina Ogle lhes dissera, não acreditava que aquelas semanas definiriam de facto todas as semanas futuras até ao fim dos seus dias. Não conseguia de todo acreditar que o agora, o presente, tão frágil e incontrolável, incerto e tortuoso, pudesse ser a imagem sobre a qual se moldaria o resto da sua vida quando ela quase não se conseguia sequer ver refletida nela.

Vais sair?

Cass estacou. Não valia a pena negá-lo, porque, no fim de contas, tinha a mão no puxador da porta e estava toda arranjada e maquilhada. Havia muito que deixara de ir ao *Bunker* para se arranjar — por norma, às oito da noite o irmão e a mãe estavam trancados nos respetivos quartos, e como o pai continuava como que a viver no *stand*, ela podia sair de casa sem que ninguém a visse ou sequer se apercebesse de que se ausentara.

Mas eis que, do nada, Dickie se materializara das trevas da sala de estar. Tinha um copo vazio na mão. Cass afastou-se da porta. Vou só ver a Elaine, disse ela, o que não era totalmente mentira.

Dickie sentou-se no sofá-miniatura junto à porta onde nunca ninguém se sentava. A casa estava repleta de objetos inúteis e minúsculos — cadeiras em miniatura, mesas em miniatura —, porque Imelda passara por uma fase em que os acumulava, como se já não lhe restasse mobília de adultos que comprar e se houvesse direcionado, por conseguinte, para móveis de gnomos. Aquele sofá estava, de momento, à venda no Ebay, como tudo o resto.

Ainda têm a mesa de bilhar?, perguntou ele. No Doran's? No... como é que vocês lhe chamam... Drain?

Cass não respondeu. O que é que ele estava ali a fazer? Mal punha os pés em casa desde as cheias. Parecia diferente, embora não fosse capaz de dizer ao certo o que mudara.

Houve um verão em que eu não saía de lá, estava sempre lá metido. Trabalhávamos para o meu pai durante o dia, eu e o teu tio Frank — andávamos a tirar pneus de um armazém antigo —, e à noite estávamos lá batidos. Na mesa de bilhar. *Dinheiro pelo ralo abaixo!*, dizia o teu avô. *Estão literalmente a deitar dinheiro pelo ralo abaixo!*<sup>1</sup> Mas, a mim, ninguém me impedia de lá ir. Até sonhava com aquilo. Sonhava que metia as bolas nos buracos, só para veres como estava obcecado.

Cass não disse nada. Estava a cerrar os dentes com tanta força que todo o corpo lhe tremia. Ao invés de lhe gritar quando fazia algo de errado, como era hábito da mãe, o pai gostava de a levar primeiro a dar uma pequena volta pelas colinas e montanhas. Este seu método dificultava toda e qualquer oposição que Cass pensasse oferecer-lhe, pois tinha de seguir o caminho que ele traçara com a sua voz serena, enquanto a culpa lhe pesava nos ombros, esmagando-a, até, após uma

curva apertada, dar por si no cume. Com o crime que cometera espreado por um panorama que, defronte dela, seria obrigada a observar juntamente com o pai.

No outro dia, passei por uma das tuas professoras, disse ele. Tinha cruzado uma perna sobre a outra e estava a examinar a sola da bota. Na verdade, não passei nada por ela. Ela é que me ligou para o *stand*. A Menina Ogle.

Olhou de novo para a filha. Ela retribuiu-lhe o olhar, fitando-o com fúria. Parecia-lhe inacreditável que o pai a obrigasse a passar por tudo aquilo, que a submetesse à sua rotina de papá naquele momento, quando durante os últimos seis meses pouco mais fora do que um fantasma! Esteve a ponto de lhe dizer que se calasse e deixasse de tretas — quis inclusive dizer-lhe que aquilo de que a acusava já passara à história. Estava desatualizado! Não ia ao Drain havia um mês! Isto embora tivesse ido a quase todos os restantes *pubs* da vila, e portanto a sítios muito piores, e houvesse desmaiado mais do que uma vez em pleno chão do estabelecimento — o que acharia ele desta revelação?

Ouve, Cassie, disse ele, olhando-a seriamente nos olhos. Estavam na parte em que ele lhe pedia para ter em atenção que as coisas que ela tinha feito não só magoavam outras pessoas como também, e sobretudo, ela própria, e que esperava mais dela. Sei que te deve ser difícil pensar nos exames, tendo em conta tudo o que tem acontecido por aqui. Mas é o teu futuro. Não quero que desperdices a tua oportunidade.

Estas palavras como que a acicataram. Não queres que *eu* desperdice a *minha* oportunidade?, disse ela. Não queres que a desperdice? *Tu* é que a desperdiçaste.

Dickie pareceu surpreendido. Cass deu por si a tremer.

Como é suposto eu ir para a faculdade se já não temos dinheiro nenhum?

Com base na expressão do pai, concluiu que ele não estava, de facto, à espera daquilo. Mas, assim que o acusou, não teve dúvidas de que tudo aquilo era verdade. Aquelas coisas não andavam a pairar no ar — não, aquelas coisas estavam debaixo de água. Submersas. Estavam feitas e feitas estavam. Cobertas de pó, mortas e enterradas.

O pai começou a gaguejar algo sobre algum dinheiro posto de lado, mas era óbvio que estava apenas a inventar uma história qualquer. Todos os planos que ele tinha para ela, e que tinham sido também os seus planos, estavam a cair por terra. No entanto, isto deu a Cass uma espécie de satisfação soturna. Elaine tinha razão! Imelda tinha razão! Ele tinha culpa de tudo! Quase valia a pena perder o futuro para lhe atirar a culpa à cara. Sabes quanta vergonha tenho de ser tua filha?, disse ela.

Dickie sobressaltou-se. Cass, disse ele num tom áspero.

Mas ela não se calou; queria magoá-lo, devastá-lo, para que nunca mais pensasse em falar-lhe naqueles modos. Traíste-nos, disse ela. Traíste a tua família.

Um olhar estranhíssimo perpassou-lhe o rosto quando lhe disse isto. Uma expressão que ela nunca lhe vira. Por um momento, perguntou-se se ele lhe iria bater, e deu por si a desejar que sim. Mas ele pareceu, ao invés, aninhar-se e diminuir de volume, como se todo o ar lhe tivesse escapado de dentro.

Teve pena dele, mas só por um instante, porque a raiva tragou-lhe a compaixão — porque tinha de se sentir também culpada daquilo, quando ele é que tinha estragado tudo? Deu meia-volta e saiu de casa. Chorou todo o caminho até ao centro da vila.

No Coady's, Elaine pagou-lhe um *shot*. São todos iguais, disse ela. Fodem tudo e depois comportam-se como se a culpa fosse nossa.

Contou a Cass que a sua mãe apanhara Big Mike a fazer sexo com a criada. Tinha chegado a casa mais cedo do golfe, apanhando-os em flagrante.

Cass ficou tão chocada que se esqueceu de Dickie. Pensou na rapariga brasileira, sempre tão pura e inamovível como uma estátua: era-lhe difícil imaginá-la a fazer uma coisa daquelas — sexo, mais concretamente. Mas a verdade é que lhe era difícil imaginar quem quer que fosse a fazê-lo, e, todavia, parecia que as pessoas não faziam outra coisa.

Foi já há algumas semanas, disse Elaine com um encolher de ombros. Não tem importância.

Mas tinha, é claro. De repente, tudo fez sentido.

A mãe de Elaine pusera imediatamente a criada no olho da rua. Dissera também a Big Mike para se ir embora, mas ele recusara-se, e dormia desde então num dos quartos de hóspedes. Lamento, disse Cass. Não é assim tão mau, disse Elaine. Está sempre a dar-me guita desde que foi apanhado com a boca na botija. Sacou, então, de um rolo de notas que guardava no bolso. As bebidas hoje são por conta do papá, disse ela.

Depois da discussão, Dickie não mais incomodou Cass. A mãe também não a apoquentava. Ao jantar, como já não podia gritar ao marido, que nunca estava em casa, passara a concentrar-se no irmão de Cass. PJ, quando é que aprendes a mastigar como um ser humano normal em vez de comeres como um búfalo? É melhor puxares as meias para cima, meu menino, ou, juro por Deus, que te ponho num colégio interno! Até PJ parara de se intrometer na vida de Cass. Embora por vezes estivesse a jogar à bola no jardim quando a irmã saía. Quando o relanceava por sobre o ombro, via-o a olhá-la e a saltitar à luz do

crepúsculo, como um balão em forma de animal que flutuasse, à deriva, até ao mar.

As alunas do último ano terminavam as aulas um mês antes das outras raparigas, para que pudessem estudar para os exames nacionais. No último dia, a Menina Ogle agarrou-lhe a mão quando estava a sair da sala. És boa rapariga, Cass, disse ela. Espero que as coisas te corram bem. Tinha lágrimas nos olhos. Hoje vai ser a noite mais louca de sempre, disse Elaine.

E assim deveria ser. Afinal, tinham concluído o seu percurso escolar! No entanto, quando foram ao centro da vila, depararam com um ambiente mais do que mortiço. Foram ao Drain, mas não encontraram ninguém seu conhecido; outros jovens ocupavam o *pub*, como um elenco completamente novo na recriação de uma antiga série de televisão. Até os clientes habituais — os roqueiros que nunca mudavam sequer de *t-shirt* — pareciam de algum modo diferentes. Tentaram outro *pub*, e depois mais outro. Elaine via defeitos onde quer que fossem. A música estava demasiado alta, ou demasiado baixa, os *barmen* eram desagradáveis e estúpidos, não vendiam *Pringles*. Era uma daquelas noites onde nada parece correr bem. Uma daquelas noites em que se encontram as pessoas erradas e se dizem as coisas erradas, e em que, por mais que se beba, não se relaxa. Quando o melhor a fazer seria desistir e ir para casa — mas, é claro, ninguém desiste nem volta para casa.

No Deasy's, encontraram algumas colegas de turma e Elaine pareceu finalmente serenar. Cass dirigiu-se ao balcão. Enquanto esperava ser atendida, um sujeito de certa idade, com pinta de agricultor e um boné da *John Deere*, entabulou conversa com ela. Ora bem, tu és quem, ao

certo?, perguntou ele. Cass respondeu-lhe com um sorriso tímido, bateu nervosamente com um pé no chão e olhou para o *barman*. O agricultor insistiu. Conheço-te de algum lado, disse ele. Só não me lembro de onde.

Não estava a tentar seduzi-la; queria apenas saber quem ela era. Os velhotes da vila eram todos assim: só se sentiam satisfeitos quando localizavam uma pessoa, fixando-a no seu mapa de árvores genealógicas e designando-a como o último espécime de Barnes ou Donnelly ou o que quer que fosse.

Fez o pedido ao *barman*. Quando se virou para trás, o agricultor ainda a fitava boquiaberto, como se para a encorajar a falar. Ela cedeu e disse-lhe como se chamava.

Cass Barnes!, gritou ele, dando uma palmada de satisfação no balcão. Cass Barnes... bem, bem. Não te via há séculos. Que idade tens agora? Céus, deves estar quase a ir para a faculdade, não?

Cass sorriu timidamente. Esperava que o homem dissesse a qualquer momento algo sobre Dickie, e que era uma pena o que se passava com o *stand*, mas disse antes: Fui muito amigo do teu tio. Treinava-o para a GAA. Mais ou menos quando ele ficou noivo da tua mãe.

Fitou-o, perguntando-se se ele não a estaria a confundir com alguém. O meu tio?, disse ela. O teu tio Frank, disse o homem. Quando ele era para se casar com a Imelda.

Sob o boné, o rosto do agricultor mostrava-se sincero, enrugado, inocente — o género de rosto que inundava as ruas da vila em dias de jogo. Não parecia nem louco nem demente, e falava-lhe como se de coisas do conhecimento geral.

Anunciaram o noivado neste mesmo *pub*, disse ele. Nessa noite houve cá uma festarola, ui, ui!

Cass respondeu-lhe com um sorriso pálido, esperando assim contentá-lo. Mas o agricultor continuou a perorar e a sala começou a rodopiar, como um carrossel que tivessem posto em movimento, e a voz do agricultor chegava-lhe, em fragmentos, por entre as vertigens. Bem, o Dickie... é claro que algumas pessoas não...

O *barman* trouxe, por fim, o que Cass lhe pedira. Nesse preciso instante, viu Elaine aproximar-se vinda do átrio. Pegou nos copos e murmurou algo ininteligível ao agricultor antes de se apressar a reunir-se à amiga. Elaine deu-lhe o braço, já excitadíssima com um qualquer sujeito que encontrara no *pub*. Cass anuiu com a cabeça, sorriu e deixou que Elaine a conduzisse de volta à sua própria vida — à sua verdadeira vida.

Chegaram à mesa com as colegas, mas Elaine prosseguiu sem se deter e dirigiu-se ao pátio coberto. Aí, esparramado numa cadeira disposta sob um guarda-sol seboso que gotejava água da chuva, estava Richard, o mecânico sensual que tinham conhecido no Drain, antes das cheias. Ele olhou para Cass com uma indiferença benigna, como se nunca a tivesse visto.

Elaine estivera a falar a Richard do homem que assassinara a mulher e os filhos. E o Richard teve uma ideia fantástica, disse Elaine. Porque é que não damos uma vista de olhos à casa?

Cass fitou a amiga com uma expressão idiota. Richard estava a olhar para o telemóvel como se não tivesse nada que ver com o assunto.

Tipo, não é de doidos nunca a termos visitado?, perguntou Elaine. É literalmente a única coisa interessante que alguma vez aconteceu aqui.

Cass realçou que não tinha efetivamente acontecido *ali*, mas na vila vizinha.

O Richard tem carro, disse Elaine. Agarrou a mão de Cass. Anda lá! Foi o nosso último dia de escola. Temos de fazer *alguma coisa*.

Abraçava-se, embora não fizesse frio, saltitando de um lado para o outro nas pontas dos pés e dançando à luz escura dos olhos daquele desconhecido como se fosse uma adorável mariposa loira.

Cass olhou para Richard e ele, por sua vez, olhou-a com o seu sorriso imperturbável e arrogante. Porque queres lá ir?

Gosto de sítios sombrios, disse ele num tom de voz agudo e com sotaque da Europa de Leste. Mas tu tens medo?

A Cass não tem medo de nada, disse Elaine, dando-lhe a mão.

Aguardaram debaixo da cobertura enquanto Richard foi buscar o carro. O ar ainda fedia por causa das cheias, como se um cadáver estivesse a apodrecer sob a vila. Defronte do *pub*, veios negros de água escorriam pelas paredes do antigo convento.

Só espero que ele não seja um psicopata, disse Elaine. Seria um bocado nojento sermos assassinadas no último dia de escola. Riu-se.

Cass não acreditava que Richard fosse violento. Pelo menos não lhe parecia que fosse. Tinha trejeitos afetados, quase femininos. Num tom meigo, perguntou: Tens a certeza de que queres que vá convosco?

Claro que tenho! Não vou sozinha a... tipo, ao local de um crime com um gajo que mal conheço.

OK, mas não vou... atrapalhar?

Atrapalhar o quê? Bah, com ele? Porquê, quere-lo para ti?

Que vômito!, disse Cass. Mas ambas as raparigas vibravam com a mesma eletricidade. Estavam deliciadas e ansiosas, e viram dois faróis aparecerem no alto da rua. Quando os faróis se aproximaram, os pneus do carro em contacto com o asfalto molhado provocaram um som como

o de um fecho a ser lentamente corrido. O condutor permaneceu invisível atrás do brilho das luzes, e ela imaginou-o a olhá-las pelo para-brisas: dois vultos pálidos, pequenos e esguios como fósforos, com casacos cujas cores brilhavam como se em chamas. Em viagens longas de carro, costumava fazer uma brincadeira com PJ: *carro vermelho ou carro azul*, dizia um deles, e se o próximo carro que viam era azul, sabiam que teriam um bom dia pela frente.

O carro era vermelho. Richard encostou à berma e abriu a porta. Entrem, disse ele. Elaine não se mexeu, ela também não. Então, ouviu uma voz interpelá-la: Boa noite, Cass!

Olhou para trás: era o velho agricultor com o boné, que lhe acenava do alpendre do *pub*. Ela praguejou. Depois, entrou no carro.

O carro arrancou assim que fecharam a porta e as raparigas foram de imediato projetadas, em gritos, no sentido oposto ao da marcha, chocando uma com a outra. Richard tinha um *Saab* velho, que cheirava a tabaco e desodorizante. Um chaço, mas rápido. Passaram sem parar por um sinal vermelho, depois por outro, e Cass sentiu uma descarga de adrenalina. Richard ligou o telemóvel ao aparelho de som e as amigas procuraram algo aceitável nas suas listas musicais. Não leves a mal, mas a tua biblioteca é super gay, bradou Elaine. Havia muitas faixas de Mariah Carey e de diversas bandas, presumivelmente polacas, com membros de cabelos aos cachos e a fazerem beicinho. Por fim, encontraram Iron Maiden. Passaram pela escola: parecia estranha à noite — um edifício mirrado e insignificante. Enquanto saíam a toda a brida da vila por estradas tortuosas e escorregadias por conta da chuva, cantaram a plenos pulmões a *The Evil That Men Do*.

O que é que aquele tipo te disse?, perguntou de súbito Elaine.

Qual tipo?, disse Cass, sobressaltada.

O velhote do *pub*, disse Elaine. Pareceste passar-te quando chamou por ti.

*Treinava-o para a GAA. Mais ou menos quando ele ficou noivo da tua mãe.*

Ah, esse, disse Cass. Esteve a perguntar-me pelos exames.

*É claro que algumas pessoas não gostaram que ela se casasse com o Dickie.*

Porque é que o pessoal está sempre tão obcecado com essa merda?, disse Elaine.

Ao volante, Richard inquiriu-as de novo sobre o assassino. Porque matara a família? As raparigas não sabiam. Havia vários rumores: que ele tinha dívidas, que a mulher tinha encontrado coisas esquisitas no seu computador, que abusava sexualmente dos filhos, que fazia parte de um culto. Ninguém gosta de falar do assunto, disse Elaine, por isso é difícil encontrar informações credíveis.

Na verdade, pensou Cass, o que a amiga dissera não correspondia totalmente à realidade. As pessoas *diziam* umas às outras que não gostavam de falar do homicídio, mas depois discutiam-no em pormenor. No entanto, havia outras coisas das quais não diziam não querer falar e que nunca, mas mesmo nunca, mencionavam. Como, por exemplo, a lavandaria no centro da vila. Fizera parte do convento, e, durante sessenta anos, tinham enviado para lá as raparigas «desencaminhadas», de maneira a salvar a povoação dos seus comportamentos desviantes. Algumas nunca voltavam a sair e passavam a vida inteira atrás das paredes altas e cinzentas a lavar as roupas de cama dos padres e das freiras, como castigo pelos seus antigos pecados. Todas essas pessoas tinham, entretanto, morrido. O convento havia encerrado, bem como a lavandaria, e ninguém falava do que tinha acontecido lá dentro.

E o tio Frank? Era também um tabu? Um tema que não podiam mencionar? Os pais nunca falavam dele, e nem sequer sabia ao certo onde tinha morrido. Podia ter sido naquela mesma estrada.

*Bem, compreende-se, não é... A noiva do desgraçado do próprio irmão!*

Alguém aproveitara o recato de uma noite escura para apagar o nome do assassino da lápide da família. Não o tinham reposto.

*Mas se a visses na altura... Que beldade! Como quando um vitral ganha vida...*

O seu olhar cruzou-se com o de Richard no reflexo do espelho retrovisor.

Sob eles, a estrada virava e revirava de um lado para o outro, como se tentasse escapar-lhes.

Quando chegaram à vila vizinha, aperceberam-se de que tinham um problema. Não sabiam onde ficava «a casa da morte», como Richard lhe chamou. Richard presumira que elas sabiam. E elas, por seu lado, tinham presumido que Richard sabia. Elaine desligou a música. Odiava saídas mal organizadas.

Pararam numa estação de serviço e sacaram dos telemóveis. Cass escreveu o nome da vila e «homicídio de família» no campo de pesquisa *online*. Uma série de imagens começou de imediato a encher-lhe o ecrã. Eram, na sua maioria, fotos do homem — a mesma imagem em diferentes tamanhos e resoluções. Na dita foto, o sujeito usava barba e uma *t-shirt* cinzenta. Não parecia um assassino; parecia simplesmente um pai qualquer. Quando fez *scroll down*, encontrou uma fotografia dele e da mulher — uma imagem de muitos anos atrás, na qual ela posava, com olhos vermelhos e um sorriso de orelha de orelha, no seu vestido de

noiva. Viu depois uma foto da mãe e dos filhos, dois rapazes com camisolas da GAA num jardim ensolarado. Tinham o mesmo baloiço que Cass e PJ. A foto exibia um *link* para o perfil de Facebook da mãe. O mural estava cheio de palavras de tributo, publicadas por pessoas do mundo inteiro que nunca tinham conhecido a mulher ou os seus filhos, e que os tinham visto apenas nos seus telemóveis já depois de terem morrido.

Encontrei a casa!, exclamou Elaine. Mostrou o telemóvel a Richard, e em seguida a Cass. Sim, era um facto que se tratava de uma fotografia da casa. Mas não havia qualquer indicação da morada.

Faz uma pesquisa inversa da imagem, disse Richard. Elaine não sabia como fazer a tal pesquisa de imagem e ele começou a explicar-lhe como proceder no seu inglês macarrónico. Elaine suspirou de irritação.

Pronto, está bem, disse Richard, também ele irritado. Vou perguntar. Saiu do carro e dirigiu-se à oficina da estação.

Não digas que é uma casa da morte!, gritou-lhe Elaine. São capazes de estranhar.

Sentou-se no assento da frente e tentou ligar outra vez o aparelho de som. O telemóvel de Cass apitou. Rowan tinha-lhe enviado uma mensagem:

posso ver te? tás em casa? vamos ao Bunkr?

Ela respondeu:

Desculpa só vi agora não posso hj tou a estudar

Que raio?, disse Elaine. Tinha aberto o porta-luvas e encontrado uma escova e uma pasta de dentes. Vasculhou-o um pouco mais. Tem aqui todo o género de merdas... meias... creme hidratante...

Richard saiu de rompante da estação de serviço e marchou de volta ao carro. Estava furioso. Treta merda, disse ele. Vi que sabe onde fica a casa da morte.

Moras no teu carro?, perguntou Elaine.

Porque estás a ver as minhas coisas? Arrancou-lhe a pasta de dentes das mãos e voltou a guardá-la no porta-luvas. Depois, ligou o carro e fez marcha-atrás até à rua. Aonde vamos?, perguntou Elaine.

Richard ignorou-a. Saiu da rua principal e entrou numa área residencial com moradias, que começou a comparar uma a uma com a imagem no telemóvel de Elaine.

A sério? Estás a pensar em ir a todas as casas da vila até a encontrares?, perguntou Elaine. Achas que tem uma nuvem gigante de tempestade por cima dela o tempo todo?

Richard franziu o sobrolho. Tinha os olhos semicerrados e o maxilar contraído. Bateram rua atrás de rua. A urbanização era composta por casas idênticas e parecia não ter fim. Depois, cruzaram-se com um carro da polícia que se deslocava no sentido oposto. Viram os agentes observá-los pelo para-brisas. Richard praguejou. Assim que os polícias desapareceram de vista, carregou no acelerador e levou-os de volta à rua principal e, por último, para fora da vila.

Provavelmente não ias conseguir ver nada, de qualquer maneira, reconfortou-o Elaine. Deve estar tudo entaipado. E já limpam o sangue todo e essas coisas.

Até pode ter sido demolida, disse Cass. Agora que pensava nisso, parecia-lhe o desfecho mais provável. Dificilmente poderiam deixar uma casa daquelas de pé e à vista de toda a gente, não? Todavia, era bem verdade que a lavandaria continuava no mesmo sítio...

Richard não respondeu; a sua fúria divertia-o. A estrada serpenteava sob o carro e a escuridão rodava a alta velocidade do outro lado das janelas. Cass teve uma ideia. E se formos ao *Bunker*?

Que porra é essa do *Bunker*?, disse Richard.

Cass começou a cantar-lhe as loas do barraco: o *Bunker* era um misterioso edifício de pedra no meio da floresta onde tinham acontecido coisas terríveis anos atrás. Era super sinistro. Richard pareceu interessado, embora se esforçasse por não o deixar transparecer.

E há lá cerveja, disse Elaine. Não há?

Há *Monster Munch*, de certeza, disse Cass.

Disse-lhe onde virar; o local para que apontara mais parecia um mero buraco na muralha da floresta, mas um caminho enlameado conduzia à urbanização inacabada em que Big Mike investira. Ao luar, as fachadas das casas pareciam tristes e pálidas. Qualquer uma delas poderia ser uma casa da morte, pensou Cass. Deviam tê-lo levado diretamente para ali.

Quem está ali?, perguntou Richard, apontando para uma luz ténue.

Ninguém.

Mas há uma luz acesa.

Deve ser por segurança.

Parou diante de uma das casas vazias. Os faróis do carro brilharam nas janelas, aumentando cada vez mais de intensidade, como se prestes a engoli-las em luz. Depois, saíram do carro e encararam a floresta. A escuridão parecia pulsar como se retida atrás da cerca de arame farpado.

Estão a gozar com a puta da minha cara, disse Richard. Mas estava de novo entusiasmado e seguiu na dianteira, embora não soubesse para onde ia. As árvores surgiam estreitas e pálidas à luz fantasmagórica do seu telemóvel.

Falou-lhes de uma floresta perto da sua terra natal onde milhares de pessoas tinham sido executadas durante a Segunda Guerra Mundial. Imaginem só, é intenso: a porra dos fantasmas todos num só sítio. Vais lá, fumas uma broca, pões os auscultadores, fez um gesto com as mãos como se a indicar que o cérebro lhe explodia.

Elaine começou a soltar risadinhas. O telemóvel de Cass apitou outra vez. Era uma mensagem de Elaine. Se ele vive no carro onde é k achas k ele caga??

Cass respondeu-lhe: N sei mas aposto q é INTENSO.

Quando chegou ao *Bunker*, Richard calou-se. Contornou-o algumas vezes e por fim apontou a lanterna ao interior. Ninguém vem cá?, perguntou. Só... miúdos? Virou a lanterna para as raparigas. Cass anuiu com um aceno de cabeça e não disse nada. Está abandonado, disse Elaine, que logo acrescentou: Provavelmente podias ficar aqui, se quisesses.

O quê, na floresta?, disse Cass. Sentiu-se tão irritada como quando Elaine lhe oferecera emprego no *stand* do seu pai.

É mais confortável do que dormir num carro, ripostou Elaine, ignorando o olhar que Cass lhe lançara. Podíamos trazer-te, bem, tu sabes, roupas de cama, disse ela a Richard, prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Richard apontou a lanterna à ombreira da porta. Esta porta... tranca? Ao ver a expressão de Cass, acrescentou rapidamente: Não penso em trancar as duas.

Não tranca, disse-lhe ela. Richard ponderou. Depois, como se se lembrasse de que devia ter boas maneiras, disse Façam favor, convidando-as a entrar.

Era estranho ter um adulto ali. Sentiu-se confrangida e consciente da sua posição: uma criança que se apercebe subitamente de que está a brincar. Elaine não pareceu reparar. Ofereceu uma cerveja a Richard e, enquanto ele a abria, ela olhou Cass nos olhos e ofereceu-lhe um sorriso esfuziante, como se tivessem obtido uma vitória incrível. Richard, com a cerveja na mão, perdeu as reservas e mostrou-se mais indulgente. E um pequeno charro?, disse ele. Respondendo à sua própria pergunta,

agachou-se e começou a enrolá-lo. Elaine observou-o por um momento e depois, sentindo-se talvez negligenciada, disse: O que achas do *Bunker*? Bem te disse que era todo marado.

Ele não disse nada, limitando-se a passar a ponta da língua pela mortalha.

Nunca mais te vimos depois daquela noite. Onde te meteste?

Tiveram saudades minhas. Proferiu estas palavras mais como uma afirmação do que uma pergunta. Elaine corou.

És um homem misterioso, disse ela. Deu-lhe uma pancadinha com a ponta do pé. Porque é que vieste para a nossa vilória de merda?

Disseram-me que as raparigas daqui são muito bonitas. Quando sorriu, a sua beleza como que explodiu, fragmentando-se num milhão de pedacinhos de uma luz miraculosa. Era como ser-se atingida pelos estilhaços radiantes de uma bomba luminosa.

Richard acendeu o charro, puxou uma longa fumaça, susteve o fumo e depois soltou-o com um suspiro de êxtase. Passou o charro a Elaine, que se sentou a seu lado e imitou com precisão os seus gestos — expirando profundamente e libertando uma grande nuvem de fumo branco com o mesmo ar de satisfação lasciva. Cass virou-se para a porta aberta e observou a floresta. A escuridão escondia as árvores a que trepara outrora com o irmão, para juntos fugirem de Dickie, que os perseguia com a sua arma de brincar.

Cass. Elaine, sentada no chão, ofereceu-lhe o charro. Richard tinha então o braço à sua volta. Cass pegou no charro e puxou uma fumaça. O fumo subiu-lhe à cabeça. Regressou para junto da porta e expeliu o ar para a noite. Atrás dela, Elaine sussurrou algo a Richard, e os dois riram-se. Depois, calaram-se.

Não queria fumar mais, mas também não queria voltar-se para trás, por isso continuou com o charro na mão. Sacou do telemóvel, dando de

caras com a fotografia da família assassinada e mais mensagens de Rowan. Pf deixa me ver te.

No fim de semana anterior, Rowan aparecera-lhe inesperadamente em casa. Atendera a campainha e tivera um choque quando o vira à porta, embora fosse na verdade mais a forma de um choque — uma forma sem conteúdo, como se o carteiro lhe houvesse entregado uma carta sem nada dentro do envelope. De início, pensara que ele descobrira que havia beijado vários rapazes no Paparazzi's e que fora até lá para acabar com ela. Em vez disso, Rowan dissera-lhe que estava apaixonado por ela e começara a chorar.

Cass não sabia o que dizer. Sentira-se envergonhada por ele — e também culpada, porque aquelas palavras pouco significavam para ela, porque amar alguém pouco significava para ela. Segundo concluía, a situação era-lhe mais agradável quando julgava gostar mais dele do que ele dela. Desde então, evitava-o, mas ele continuava a enviar-lhe mensagens. sei k n tás em casa tás com a elane achas k ela quer saber de ti???

O charro brilhava, incandescente, entre os seus dedos. Puxou outra fumaça e sentiu uma náusea queimá-la sob as costelas. Atrás dela — sabia-o sem sequer ter de olhar —, Elaine beijava Richard. Vira-a beijar muitos, muitos rapazes e não sabia porque é que naquela noite havia de encarar as coisas de forma diferente. Não havia ali nada de diferente. achas k ela quer saber de ti???. Enxugou os olhos e tentou escrever uma resposta a Rowan. Tinha a cabeça a andar à roda. Lembrou-se de algo que ele lhe dissera uma vez: que o passado pairava sobre o presente como fumo no ar, como rastos de vapor que desvanecessem lentamente no céu. Na altura, não entendera o que queria dizer, mas, naquele exato momento, pareceu-lhe que não só o entendia como conseguia literalmente ver uma série de imagens que representavam essa sua

teoria: o tio Frank estendido a arder num prado azul; a sua mãe, embutida nos vitrais da igreja, com uma luz colorida a atravessar-lhe o corpo. Viu-se também a ela própria, uma estudante, com uma sensação de estranheza a zumbir-lhe por dentro como uma abelha encurralada num véu, agarrada à mão da sua melhor amiga. Aquela noite também desapareceria, também se desvaneceria, quais nuvens brancas de substâncias químicas no azul. O seu coração soltou um gemido triste de mágoa, como se ela se estivesse a dissolver nas sombras, ou as sombras estivessem nela, corroendo-a de dentro para fora.

Foi então que sentiu algo tocar-lhe no pescoço — muito ligeiramente, com uma leveza que era pouco mais do que um sopro. De início, pensou que era fruto da sua imaginação. Mas não, dedos de uma outra mão tocavam em definitivo na sua. Afastou-se, mas o seu corpo estava pesado e lento, e então uma mão, a mão de Richard, fechou-se em volta da sua. A custo, voltou-se para ver o que se passava. Ele estava de costas para ela e abraçado a Elaine. Estavam tão juntos que pareciam congelados. Elaine tinha os olhos fechados e Richard enlaçara-a com um braço. Mas o seu outro braço estava estendido para trás, apelando a Cass. Com gentileza, mas insistentemente, puxou-a para junto dele.

Cass cambaleou em frente, como se estivesse a ser guiada ao longo de um túnel, até parar mesmo ao lado deles, como se fossem uma porta a que ela se tivesse detido para esperar alguma coisa. Ainda de olhos fechados, Richard separou os lábios dos de Elaine. Ao mesmo tempo, deslizou a mão pelas costas de Cass até lhe chegar à nuca, e orientou gentilmente a boca dela para a sua. Ela sentiu o seu calor, o seu cheiro, rodeá-la, e depois os lábios dele nos seus, mas apenas por um momento, porque ele afastou-se e voltou a pousar a mão na sua nuca, guiando-a numa nova direção. Algures no interior do sudário aveludado de fumo, o coração de Cass começou a bater com mais força e ouviu a própria

respiração ecoar-lhe nos ouvidos; o seu corpo parecia eletrificado quando percorreu uns poucos centímetros de espaço. E outros lábios, macios e pegajosos de *gloss*, cobriram os seus. Um relâmpago convulsionou-a e ela rodopiou descontroladamente e irrompeu em chamas ao embater na parede. Mas na realidade não se mexeu, limitando-se a tão-só abrir um pouco a boca. Atrás de si, ouviu Richard respirar pesadamente; estava a fazer alguma coisa ou a tentar fazer alguma coisa: afastava a mão e voltava a pô-la no mesmo sítio para se certificar de que ela não saía dali. Esforçou-se por fechar os olhos e sentiu a floresta entrar pela porta e insuflá-la com o seu espírito, percorrendo-lhe o corpo e entrando pela boca do corpo cuja boca estava na sua. Reabriu os olhos e viu que Elaine também os tinha aberto mesmo em frente aos seus; os olhos da amiga pareciam duas luas verdes que enchessem por completo o céu. Por um momento, nenhuma das duas se mexeu. Elaine quedou-se a poucos milímetros de distância, de olhos postos nos de Cass. Depois, afastou os lábios. Em voz baixa, disse: *Me-mo-ri-o-so*.

Cass fitou-a. Depois, respondeu com grande eloquência: *Me-MOOO-ri-o-so*.

Xiu, disse-lhe Richard. Beija a amiga.

Mas Cass não a beijou. *BAGATELA*, pronunciou.

Elaine deu uma espécie de espirro e curvou-se a meio, e, quando se endireitou, tinha os olhos marejados de lágrimas. *Melífluo!*

Beija, disse Richard. Mas isso só fez com que Elaine se risse mais com gargalhadas suprimidas que soltou numa série de roncões e aspirações e estremecimentos e soluços, como um motor a vapor da época vitoriana. *Vá, meninas*, disse Cass. Elaine gritou e levantou uma mão para pedir misericórdia. E então Cass também se começou a rir, e as duas riam-se como não se riam há uma eternidade, e com tanta

intensidade que já não tinham fôlego para soltar um *ai*, e tudo o que Richard dizia ou fazia só piorava a situação. Estavam a rir-se tanto que tiveram de se sentar, o que as fez rir-se ainda mais. Putas do caralho! Criancinhas de merda! Tentaram parar de se rir, mas de nada lhes valeu: curvaram-se, aninhadas, no chão frio e não pararam de tremer com os olhos fechados e as cabeças enterradas no ombro uma da outra.

Por fim, Cass olhou para cima e viu que Richard já não estava lá. Deve ter desistido, disse ela a Elaine, o que espoletou outra onda de gargalhadas.

*Beija a amiga!*

*Onde é casa morte?*

*Vivo em carro!*

*Treta merda!*

Por fim, sentaram-se a arfar por conta das gargalhadas e olharam para o sítio que Richard deixara vazio. As faces de Elaine estavam húmidas. Limpou-as com a manga. Acreditas que o tipo nos deixou aqui, tipo, perdidas na floresta?

Enfiou os dedos na boca, de onde tirou um resquício de tabaco.

Fez-nos beijar uma à outra, disse serenamente Cass, porque Elaine não parecia inclinada a mencioná-lo.

Idiota, disse Elaine, que acrescentou: Beijas melhor do que ele. Esticou-se para tirar uma lata de cerveja das reservas, que pouco a pouco iam decrescendo, abriu-a e baixou a cabeça, para levar os lábios à espuma que começou a sair pela abertura. Suspirou. Meu Deus, isto é tão nojento, disse ela. Pousou a cabeça no ombro de Cass. Estou toda cega, disse ela.

Eu também, disse Cass, embora, em boa verdade, após a negritude densa que a envolvera antes, sentisse de momento uma estranha clareza. A noite caiu sobre elas com as paredes negras e planas como se feitas de

vidro; tudo parecia ressoar numa única nota: a escuridão, as árvores, as pedras.

A escola acabou, disse ela.

Até me esqueci disso, disse Elaine. É de loucos.

Calaram-se de novo. Elaine afagava-lhe distraidamente a mão com o polegar. Algum tempo depois, disse: Lembras-te de te entornar iodo no eczema na aula de Química?

Hum. Sabia o que Elaine ia dizer em seguida.

Fi-lo de propósito, disse Elaine. Achava que te ia livrar do eczema. Encostou-se mais a Cass. Queria ajudar-te, disse ela. Mas só te magoei.

Não tem mal, disse Cass. Sentiu Elaine apertar-lhe a mão. Era a mão com eczema, embora o eczema tivesse desaparecido. Desaparecera por si só naquela primavera, e Cass adquirira uma pele nova.

Continuaram assim por muito tempo: com o ouvido de Elaine encostado ao coração de Cass.

Qual delas se apercebeu de que ainda tinham tempo de ir ao Papparazzi's? Animaram-se de imediato: levantaram-se e seguiram pela floresta até à estrada. Uma vez aí, correram o caminho todo de mãos dadas e aos gritos, como duas *banshees*. O vento revolteava-lhes o cabelo, tinham a cabeça cheia de ganza e cerveja do supermercado, e correram tão depressa que perderam a memória, tornaram-se amnésicas. Corriam acima da cidade, para longe das suas próprias histórias, para longe de todos os que as queriam recordar. Não eram ninguém, estavam juntas, e estavam vivas vivas vivas vivas.

E depois, um dia, deu por si sentada a uma mesa no ginásio com uma sebenta em branco e uma folha de papel cor-de-rosa à sua frente.

No topo da folha de papel, dizia: *Roinn Oideachais Exame Nacional*, com a data daquele dia.

Olhou em volta, em busca de Elaine, e encontrou-a sentada paralelamente a ela, a duas filas de distância. Tentou chamar-lhe a atenção, mas Elaine estava a estudar a folha com toda a atenção.

Passou a mão pelo cabelo e tentou recompor-se.

*Plath recorre à linguagem para explorar o modo muito pessoal como enfrenta o sofrimento e para conceder aos outros vislumbres ocasionais do poder redentor do amor. Comente.*

Era a pergunta perfeita, uma oferenda. Viu Sylvia à sua frente, e, ao seu lado, as poetisas Safo, Anna, Anne. Mas os seus rostos estavam distorcidos, e, quando levou a caneta ao papel, não lhe saiu nada.

Fazia calor no ginásio; a luz entrava pelas janelas e despertava o odor a borracha do chão que se ia corroendo pouco a pouco, fazendo-lhe a cabeça andar à roda e as polpas dos dedos transpirarem a ponto de lhe ser difícil agarrar na caneta. E os poemas também eram escorregadios: sabia que os tinha na cabeça, mas os versos, as palavras exatas, estavam sempre a escapar-lhe! Uma onda de calor desceu-lhe pelo pescoço, pelos ombros. Tirou apressadamente a camisola e aproveitou o movimento para relançar novamente Elaine, sentada a duas filas de distância. Se Elaine ao menos olhasse para ela, nem que fosse por um momento! Se o seu olhar se cruzasse com o de Cass, iriam provavelmente desfazer-se a rir perante o ridículo de tudo aquilo! Estavam bem fodidas! Era hilariante!

No entanto Elaine não olhou na sua direção, pois tinha a cabeça quase ao nível da mesa e a caneta corria-lhe pela página, enchendo uma linha da sebenta, depois outra, com a sua caligrafia certinha, azul, implacável. Em todo o ginásio, como se apercebeu Cass, ecoava o som das canetas que vertiam as respostas a toda a velocidade.

Foi então que começou a ter um mau pressentimento.

---

<sup>1</sup> Trocadilho intraduzível com o nome do *pub*, Drain (cano de esgoto/ralo). (*N. do T.*)

# **O COVIL DO LOBO**

As florestas da Bielorrússia são um labirinto, um labirinto verde coberto de neve que rodopia sobre si mesmo sempre que ele lhe vira as costas. É inverno: faz um frio atroz, os inimigos estão por todo o lado — breves relampejos cinzentos que vislumbra entre os ramos.

Atrás de ti!, diz Nev.

PJ dá meia-volta mesmo a tempo de ver uma espingarda apontada na sua direção e um vulto ensombrado que o tem em mira...

*Granada!*

Atira-se para dentro de um buraco quando a granada atinge o solo. Com o impacto da explosão, rebola e embate no tronco de uma árvore, mas logo se levanta e corre sem olhar para trás — corre para as árvores, para a luz.

Por aqui!, grita Nev, que vai pelo caminho errado.

A luz penetra por entre os ramos, retorce-se e serpenteia, são facas de luz, rios de luz, muros de luz que se viram e reviram e caem sobre ele — quanto mais depressa corre, mais sente que o peito se lhe vai fender a qualquer momento.

*Granada!* Uma segunda granada cai-lhe aos pés.

Espera lá, diz PJ, enquanto se detém. És *tu* que estás a atirar as granadas?

Foi um *sniper*, responde Nev. Porque és muito *lento*.

Os *snipers* não atiram granadas, diz PJ. Mas Nev já desapareceu nas árvores à sua frente. Lança-se de novo no seu encaço, mas tem os pulmões em chamas, os pés também a arder, e grita como se estivesse a correr sobre lâminas. O céu, vermelho e roxo, encolhe-se e escurece, formando uma bola, uma bola negra de dor que não para de girar. Cai de joelhos, tomba ao comprido na terra macia, e tateia em busca do inalador.

O céu abre-se de novo. A floresta já não está a arder. Desaperta as sapatilhas e descalça-as o mais delicadamente que consegue. Ainda lhe parece que arranca a maior parte da pele quando as tira.

Ouve, ao longe, Nev a atravessar atabalhoadamente a vegetação rasteira e, mais perto, algo a saltitar. Saltinho para aqui, saltinho para acolá algures nas proximidades.

Caramba — é um esquilo, um esquilo-*vermelho*! Um esquilo-vermelho empoleirado num ramo, praticamente imóvel, como se se tivesse materializado ali vindo de outro mundo. O que talvez corresponda à verdade: não faltam esquilos-cinzentos na floresta, mas nunca viu um esquilo-vermelho por aqui. Olá, amiguinho, diz ele. O esquilo observa-o do seu ramo. Muito, muito, muito lentamente ele enfia a mão no bolso e saca do telemóvel. Só te vou tirar uma fotografia, mais nada, diz ao esquilo. O esquilo empina a cabeça num trejeito simpático, como se para dizer: Fixe, estás à vontade.

*Granada!*, grita uma voz. Uma pedra cai à sua frente. Quando olha em volta, o esquilo já desapareceu. É como se nunca tivesse lá estado.

O que estás a fazer aqui sentado?, pergunta Nev. Não podes fazer pausas quando estás numa missão. No mundo a sério, podia fuzilar-te por desobedeceres a ordens.

Vi um esquilo, diz PJ. Estava a tentar tirar uma fotografia a um esquilo e tu assustaste-o.

Achas que na Segunda Guerra Mundial paravam para tirar fotografias a esquilos?, pergunta Nev. Pensava que estávamos à procura da nossa base.

Está bem, está bem, diz PJ.

Tu é que quiseste brincar a esta estupidez, lembrou-lhe Nev.

OK, já vou, diz PJ. Pega nas sapatilhas.

Jesus, diz Nev. O que te aconteceu aos pés?

Na verdade, é verão, não inverno. Há já semanas que a temperatura está muito acima do normal, e PJ quase deseja que estivessem, de facto, na Bielorrússia, mesmo que sob a ameaça de *snipers* e granadas. A temperatura vai aumentando durante o dia, como o nível da água numa inundação. À noite baixa um bocadinho, mas depois, chegando a manhã, começa de novo a aumentar, e em breve atinge valores mais elevados do que na véspera, deixando-o como que submerso.

Estão proibidos de regar os relvados. Os bombeiros deslocam-se constantemente às montanhas para apagar fogos florestais. Na vila, todos se fingem muito contentes. «É fantástico, não é?», dizem uns aos outros — o talhante, o barbeiro, todos se quedam diante das suas lojas, envoltos pelo ar escaldante, mas, sob os seus braços, surgem manchas escuras, e gotículas prateadas de humidade irrompem do seu couro cabeludo, e é mais do que óbvio que, no seu íntimo, têm sede e estão cansados e irritados.

Seria bem melhor se não o obrigassem a sair de casa. Uma vez, tinham ido de férias ao Egito: quando punham um pé na rua, sentiam-se engolir por um bafo infernal, como se alguém os queimasse com uma lupa, de maneira que acabaram por não ir a lado nenhum, nem sequer às pirâmides. Nunca saíam do hotel. Pouco mais fizeram do que nadar na piscina e ver documentários sobre o Egito na televisão, e, segundo PJ, foi uma das melhores férias em família de sempre.

Mas, neste verão, não vão a lado nenhum e, apesar de a casa ser fresca e terem uma televisão disponível, não pode ficar em casa a ver televisão. Pela manhã, ouve o seguinte: *Então, meninos, vão passar o dia todo deitados na cama?* Depois, assim que se levanta: *Andam sempre de volta das minhas saias, meninos; porque é que não me desaparecem da vista?!*

Este *meninos* refere-se, já agora, somente a PJ. A mãe parece ter desistido de gritar a Cass, que, quando se digna a descer para tomar o pequeno-almoço, leva de imediato a comida para o andar de cima. Mas a mãe obriga PJ a sentar-se à bancada, e depois queixa-se de que faz barulho. Mastiga ruidosamente, tem o volume do telemóvel muito alto. Uma vez, dá-lhe uma descasca porque *não para de piscar os olhos*. PJ Barnes, estou pelos cabelos contigo, diz ela. Está sempre pelos cabelos. É como uma mina antipessoal humana: está sempre pronta a espoletar ao mínimo toque de PJ.

É por isso que o melhor plano, o único plano de PJ, é sair de casa cedo e permanecer lá fora o máximo de tempo possível. Resta-lhe apenas perder-se nos túneis sufocantes da floresta.

Continuam a percorrer o labirinto. O chão sob os seus pés está seco, quebradiço, e dá estalidos como se lhe tivessem acabado de deitar fogo. Olha para isto, diz Nev, é a tua escola nova!

PJ olha para o telemóvel. No ecrã, vê-se um sujeito com um *blazer* e um boné de uniforme, embora pareça demasiado velho para andar na escola. Tem as mãos e os pés atados, e outros três sujeitos vestidos como professores alinham-se para se virem nele. *Professores castigam um magricela malcomportado e fodem-no até que aprenda*, diz acima do vídeo.

Nev ri-se. Ainda bem que gostas de levar no cu, diz ele.

Abaixo do clipe há vários miniecrãs.

*Recomendado para si:*

*Anão diverte-se com adolescente bonitinha*

*magricela amarrado pede misericórdia a um anão bem dotado*

*incesto real com anões certificado verdadeiro*

Não posso deixar de reparar que o teu algoritmo te recomenda muita pornografia com anões, diz PJ.

Dá cá isso! Nev arranca-lhe o telemóvel da mão e guarda-o no bolso. Então onde é que está o tal sítio maravilhoso que me querias mostrar?, diz ele.

Hum, diz PJ. Hum, bem, é isto.

Isto?, diz Nev. Olha à sua volta, não se vá ter enganado. Mas isto é um *barraco*, diz ele.

Sim, diz PJ. Quer dizer, à primeira vista.

É um barraco *velho e vazio*, diz Nev. Com buracos nas paredes.

Sim, diz PJ, mas... Cala-se. É estranho, quando aqui vem sozinho ou com Zargham, há sempre uma espécie de ambiente especial, como se fosse fácil imaginar que se está nas ruínas de um passado distante ou numa base militar destruída num qualquer matagal pós-apocalíptico. Mas com Nev a seu lado é certo que parece mais um pequeno barraco de pedra, muito foleiro, com um telhado enferrujado e ervas daninhas nos cantos.

Achava que ia ter qualquer coisa cá *dentro*, diz Nev. Não acredito que me fizeste caminhar isto tudo para ver um *barraco*.

Às vezes, a minha irmã vem até cá com os amigos e dão aqui festas, diz PJ. Durante muito tempo, tiveram uma grande pilha de latas de cerveja naquele canto.

Nev olha para o canto vazio e sem cervejas.

Chamam-lhe *Bunker*, insiste PJ. Tu sabes, como o *bunker* do Hitler.

Nev solta um longo suspiro. Não sabes que o *Führerbunker* ficava debaixo de terra?, diz ele. Tipo... a ideia não era essa?

Certo, diz PJ. O *Führerbunker* é onde se enfrenta Hitler no fim do *Black Dawn*, só que nesse jogo o ditador escapa numa espécie de

máquina-toupeira. Pelo menos fora isso que PJ lera no fórum — ele e Nev ainda estão retidos no Covil do Lobo.

Sim, não sei bem porque é que lhe chamam *bunker*, admite.

Nev não lhe responde. De mãos nas ancas, inspeciona com insatisfação o barraco de parcas dimensões. Então, lentamente, ocorre-lhe uma coisa. Achas que eles *fazem sexo* aqui?, pergunta.

Não sei, diz PJ.

Pensava que os observavas, diz Nev. Não disseste que vinhas até cá para os observar?

*Vi-os* duas ou três vezes, diz PJ, ofendido. *Vi* que estavam a dar uma festa. Não os *observei*. De qualquer maneira, já não vinha cá há séculos.

A expressão de Nev ensombra-se uma vez mais. PJ apercebe-se demasiado tarde de que devia ter aproveitado um pouco mais o potencial voyeurístico do local. Mas lembra-se de outra coisa. Ah, mas uma vez..., diz ele. Pouco antes das férias de verão, vim até cá e o *bunker* estava todo...

O barraco, diz Nev.

Bem, seja, o barraco estava cheio de peças, tipo peças de carro. Mas depois, quando cá voltei na manhã seguinte, já tinham desaparecido.

Zargham acompanhara-o naquele dia. Quase apostavam que eram contrabandistas! Vasculharam a floresta inteira em busca de rastos de pneus ou pegadas, e pareceu-lhes até ver um desconhecido a uma longa distância! Mas Nev olha simplesmente para o chão com ar traumatizado, como se PJ o tivesse raptado e o retivesse ali como refém. Tenho fome, diz ele.

Ah! Nesse caso! Com um novo ímpeto, PJ vai até um canto e, com um gesto floreado, puxa o que parece ser parte do chão de terra batida, mas é na verdade uma toalha coberta de terra que esconde um buraco. Há uma caixa no buraco. Serve-te à vontade, diz ele, abrindo a caixa.

Nev olha para aquilo e depois para PJ. Que caralho é isto?, diz ele. Filetes de arenque? Fatias de ananás?

Só saquei coisas de que a minha mãe não desse pela falta, diz em jeito de desculpa PJ. Mas, olha, também tenho barras energéticas, vês?

Nev vira-lhe a cara, enojado. Quero uma coisa *fresca*, diz ele. Uma coisa que tenha estado, tipo, num *frigorífico*. Encara PJ com toda uma postura corporal solicitante que sem dúvida aperfeiçoou em inúmeras idas à secção de doces do supermercado. Não podemos voltar para tua casa?

Hum, bem, hã, podemos, diz PJ. Embora talvez seja melhor não irmos já, já.

Nev semicerra os olhos, que cintilam de maldade. Oh, já me esquecia, diz ele. Não queres que a tua mãe te veja, porque tens medo que ela te mande para um colégio interno.

Não tenho nada, diz PJ.

*Eu* cá teria, diz Nev. Provavelmente vais ser violado por lá.

É o que acontece nos colégios internos, acrescenta ele, abrindo a embalagem de uma barra energética. Violações.

No último verão, PJ passou todo o mês de julho num campo de férias. Tinham Oficina de Arte de manhã e Escolhe o Teu Desporto depois do almoço — ele escolheu Tiro com Arco. Zargham também estava lá; na verdade, a maior parte da turma estava lá. PJ ganhou uma medalha com o seu mosaico de um *monster truck* feito de conchas e outra de Melhor Iniciante de Tiro com Arco.

Mas este ano disse que não queria ir.

Não queres ir? O pai pareceu surpreendido. Pensava que tinhas gostado.

E gostei, disse PJ. Mas às vezes é melhor não se voltar a fazer coisas de que se gostou.

Pois, está bem, disse, hesitante, o pai.

Além disso, também não tinha muito tempo só para mim. Tipo, passo o ano todo a brincar com os meus colegas de turma. Por isso, o verão é uma boa altura... tu sabes, para estar a sós.

E não te vais aborrecer o dia todo sozinho?

Nem pensar! PJ abanou enfaticamente a cabeça. De qualquer maneira, o Nev vai andar por cá.

Ah, sim, disse o pai. Gostas dele, não é?

Sim, disse PJ, gosto mesmo dele.

Faz tudo parte da estratégia. Não dês nas vistas, não chames a atenção. Um sorvedouro de tempo e dinheiro? Pelo contrário: mal damos por ele! Ah, o bom e velho PJ... porque havíamos de o mandar para o colégio interno?

Infelizmente, isto significa que PJ tem de aturar Nev. Nev também não vai ao campo de férias, porque tende, digamos assim, a irritar os colegas, e os organizadores do campo de férias explicaram aos pais de Nev que não o poderiam proteger em todas as circunstâncias.

PJ tenta aceitar a situação, encarando-a como o castigo que receberia para expiar os seus pecados se os tivesse confessado ao padre, isto é, este verão com Nev é como um castigo pelo que quer que tenha feito, e estará limpo e imaculado quando regressar à escola. Mas às vezes passa de bicicleta pelo O'Malley Park e vê as outras crianças no campo de férias e imagina-se a jogar *rounders* com eles, ou a melhorar o seu drible. Além disso, de acordo com Zargham, este ano também têm oficinas de batique, portanto, também se imagina a fazer batique e a sentar-se, ao almoço, ao lado de Zargham nos bancos à sombra, e a perguntar-lhe se quer trocar o seu *Capri-Sun* por um *KitKat*.

O mais frustrante é que não tinha necessariamente de ser, de todo, um verão de castigo. Com um tempo destes, podia ser um verão fabuloso, lendário, e nem sequer precisariam de ir para o campo de férias! Se Zargham estivesse por ali, brincariam o dia todo na floresta e nem lhes passaria pela cabeça irem para dentro de casa! Nev, por outro lado, queixa-se sem cessar da falta de rede de telemóvel, ou que lhe entrou caruma nos calções, ou que há demasiadas formigas — PJ trava, portanto, uma batalha constante para o manter satisfeito.

Mas, na verdade, PJ está sobretudo frustrado com ele próprio. Podia, ainda assim, ter um verão lendário se simplesmente conseguisse ficar a sós! Ele bem tenta. Banido de casa, vai até à estrada e anota a cor dos carros que por ali circulam durante uma hora, e depois regressa ao *Bunker* e senta-se debaixo de uma árvore, ao sol, a comer uma fatia de ananás ou um filete de arenque enquanto lê o *The Shining* ou troca mensagens com Ethan:

PERA LÁ KER DIZER K TENS A TUA PRÓPRIA FLORESTA??!!! FIXE!!!!

Pois é. Olha pra isto é o Bunker

EI FIXE

Obg:) mas acho k não devia ser Bunker. Não é subterrâneo

SIM TALVEZ MAIS COMO WOLFSSCHANZE

Ahah nem me fales desse sítio!!!

LOL AINDA N SAÍRAM DESSA PARTE? MAS É FIXE TERES 1 MSMO TEU!!!

E sim, com os pássaros e os grilos a cantarem e duas ou três borboletas a dançarem à sua volta, PJ tem de reconhecer que aquele sítio é bastante fixe, quase perfeito, na realidade, o que torna tudo ainda mais irritante quando, mais cedo ou mais tarde, sente aquela ardência fria e húmida aproximar-se como uma sombra que caísse sobre ele, só que é uma sombra que cai desde o interior, e depois de pousar o livro e de se insultar — *Idiota de merda! Seu atrasado do caralho, estúpido!* — por

estar triste, por lhe fazer diferença estar a sós, sai da floresta para ir ter com Nev.

De volta a casa, correm pelos corredores tortuosos do complexo nazi. Um homem salta-lhes ao caminho com cara de furioso e os olhos tão vermelhos quanto a faixa que tem no braço. Cuidado!

Estou a vê-lo! A arma estremece em espasmos, as balas martelam-lhe o tronco, mas o homem não para de se aproximar.

Porque é que ele não morre?!, grita Nev.

É um *zombie*, usa o lança-chamas!

Não está a funcionar!

Deves estar sem combustível! Vai aos arrumos!

Onde ficam os arrumos?

Outros nazis erguem-se do chão para lhe bloquear o caminho; as suas muitas mãos mirradas enchem o ecrã, quais ramos de árvore despídos. Depois, veem apenas uma cortina de sangue. Estou farto deste nível, diz Nev, atirando o comando para o outro lado do quarto.

Posso jogar?, pergunta PJ. Nev não responde. PJ pega no controlo e renasce num corredor húmido de pedra.

Uma coisa que Nev tem de bom — de facto, é a única coisa que tem de bom — é ter o *Black Dawn*. O *Black Dawn* é provavelmente o jogo preferido de PJ. Era suposto recebê-lo pelo aniversário, mas, como isso não aconteceu, decidiu que era melhor não falar muito do assunto, nas atuais circunstâncias. De facto, não precisa mesmo de o ter, porque vai todos os dias a casa de Nev; ele é um bocadinho agarrado à consola, mas se PJ tiver paciência, acaba por jogar.

A porta abre-se atrás dele. Como estão, rapazes?

Bem, obrigado, Sra. O'Connor, diz PJ.

Para de interromper, mãe, diz Nev.

Venho só trazer-vos algumas bolachas, diz a mãe de Nev.

Mas não vieste *só trazê-las*, porque ainda estás aí a falar connosco, diz Nev.

Obrigado, Sra. O'Connor, diz PJ quando pega numa bolacha.

Vês como o PJ é educado?

Nev revira os olhos.

Como está a família, PJ?, diz ela. Como está a tua mãe? Não a vejo há séculos.

Está bem, diz PJ, tentando ser bem-educado e ao mesmo tempo lutar contra um nazi meio queimado que arrasta o tronco pelo chão num rasto viscoso de intestinos.

E o teu pai? Como vai o *stand*? Há novidades?

Novidades? Crava a baioneta no meio-nazi que NUNCA MAIS MORRE.

Pareceu-me ouvir qualquer coisa sobre o *stand*. Deve ter sido imaginação minha.

Mãe, PQP!

Olha a linguagem, Neville!

Só disse as *letras*, não disse as *palavras*.

Quando a mãe de Nev sai finalmente do quarto, faz-se silêncio por algum tempo, o qual é apenas interrompido pelo som do lança-chamas e pelos gritos gorgolejantes de nazis moribundos. Depois, Nev diz: Como sabias onde estavam os arrumos?

Devo tê-lo visto no fórum, ou assim.

É um bocado estranho estares no fórum de um jogo que nem sequer tens.

Talvez receba o *Black Dawn II* quando sair, diz PJ.

Sim, pois, diz Nev, com uma risadinha sarcástica. Serve-se de uma bolacha e vê PJ correr pelo comprido salão intermédio do *Sperrkreis I*. Os nazis tombam no chão à esquerda e à direita, todos eles ardem. Nunca chegaram até tão longe! Se conseguir transpor a porta, deve chegar ao fim do nível, não?

O meu pai diz que o *stand* do teu pai está com problemas, diz Nev sem tirar os olhos do ecrã. Diz que vai entrar em liquidação.

PJ escapa a uma bala e evita uma espada, mas não deve ter visto um arame armadilhado. Uma estaca de madeira salta da parede e crava-o à coluna atrás dele. Mexe-se, assim preso, mas inutilmente: depois, vê o ecrã encher-se de sangue.

Nev estende a mão para que lhe dê o comando. É a minha vez, diz ele.

Quando PJ se aproxima de casa, os sinos tocam, ao longe, as Trindades. E quando entra na sala, ouve os sinos tocarem também na televisão, embora um pouco dessincronizados com os de lá de fora.

Olá, pai: nem vais acreditar no que vi na floresta!

Só um segundo, filho, diz o pai, deixa-me só ouvir as notícias principais.

Na televisão, uma Irlanda prateada rodopia sobre si mesma e depois explode num milhão de fragmentos que se reagrupam formando um 6. E agora, as notícias de hoje, diz um homem num tom seríssimo. PJ aguarda. Nem vais acreditar, diz. Hum-hum, responde o pai. A mãe aparece à porta. PJ, vai dizer à tua irmã que o jantar dela está pronto.

OK, diz PJ. Olha, mãe, adivinha o que é que...

Anda lá!, diz ela.

Está bem, *OK*, sim, diz PJ antes de correr pelas escadas acima.

Cass está sentada à secretária e olha tão intensamente para o livro à sua frente que é como se o estivesse a ler ao microscópio. Agora, pega num marcador fluorescente e *scriii* fá-lo correr ao longo de uma linha, de um lado ao outro da página, e depois *scriii* na linha abaixo. O som fá-lo estremecer e, como se o sentisse fremir, Cass olha para trás. O que foi?, diz ela.

Adivinha o que vi hoje na floresta. Ele espera, mas como ela não lhe responde, diz-lhe: Um esquilo-vermelho!

Ótimo, seu verme, diz Cass sem desviar os olhos do livro.

É muito raro ver um vermelho, diz ele. Normalmente só se veem cinzentos.

O que estás a fazer no meu quarto?, pergunta ela.

O jantar está pronto.

Cass levanta-se com um suspiro de desespero. PJ espreita para ver o que a irmã esteve a sublinhar. Porque é que estás a ler um manual escolar?

Porque é interessante?

Mas a escola já acabou.

Não deixa de ser interessante só porque a escola acabou, diz ela. Não é como se tivesse data de validade, como os iogurtes, ou assim.

DEZ PRINCIPAIS MOTIVOS POR QUE A CASS É UMA CABRA E ESTÁS CONTENTE POR ELA SE IR EMBORA #1: TEM A MANIA QUE É SARCÁSTICA.

O manual até pode ser fabuloso, sem dúvida, mas PJ acha um certo pormenor ainda mais «interessante»: desde que fez os exames, Cass mal sai de casa. Não vai ao *Bunker* e quase não vê Rowan. Está sempre

sentada no quarto, a ler os seus manuais escolares, a tirar notas, inclusive a escrever respostas num bloco. É como se estivesse a fazer as coisas ao contrário, pensa PJ: dedicou-se primeiro às bebedeiras e festas que deveria ter guardado para o verão, para depois dos exames, e está agora, quando já é tarde de mais, a ler e a estudar fechada em casa. É como se acreditasse que, como os resultados ainda não foram anunciados, ainda há tempo para os mudar se for Boa o suficiente.

O que quer dizer *entrar em liquidação?*, pergunta-lhe enquanto a segue até ao patamar.

Ela detém-se e volta-se para trás. Onde ouviste isso?

Ele encolhe os ombros.

Significa..., ela cala-se. Que merda estás a fazer? Estás a *mancar*?

É uma ferida de combate, diz ele. Estilhaços.

És mesmo anormal, diz ela.

DEZ PRINCIPAIS MOTIVOS POR QUE A CASS É UMA CABRA  
#2: DESRESPEITA OS OUTROS MEMBROS DA FAMÍLIA.

No andar de baixo, entram na cozinha e deparam com a mãe numa grande azáfama e rodeada de fumo, embora o jantar consista em carnes frias. Faz ali tanto calor quanto num forno — é a mãe que o liberta, como se emanasse ondas de radiação. O pai está à mesa de jantar e sustenta a cabeça nas mãos. A mesa é feita de carvalho com acabamento *shabby chic*, vulgo rústico, e está de momento à venda no Bargainzz.ie por 2000 €. A mesma vendedora tem também disponível: quatro cadeiras de carvalho com acabamento *shabby chic*; um massajador de pés novo (por estrear), ainda com as etiquetas; um massajador de pés, novo, sem etiquetas; um Campo de Treino *Ninjago* da *LEGO*, em muito bom estado, todas as peças incluídas, com imagens que o exibem

totalmente construído por PJ Barnes, com a ajuda de D. Barnes, no Natal de há dois anos.

Quando ocupa o seu lugar à mesa, PJ sente-se bastante desgastado. Jamais o admitiria, mas por vezes prefere que o pai nem venha a casa. Pelo menos há sossego quando não está.

As discussões são sempre iguais, já o são há meses. A mãe quer que o pai ligue ao avô e lhe peça dinheiro. O pai recusa-se. Mas *porquê?*, pergunta a mãe. Ele não te vai negar ajuda! O *stand* não tem o nome dele? Explica-me só *porque é* que não falas ao menos com o teu pai!

O pai pousa o garfo, leva as mãos à nuca e pressiona-a, curvando o pescoço como se se quisesse atirar de cabeça para dentro da tigela da salada. Oh, céus, diz ele. Mas terei de ouvir isto até ao fim dos meus dias?

Bem, então não falta muito, porque estamos a aproximar-nos do fim, diz a mãe. Está tudo a ruir e tu não mexes um dedo!

Ele está velho, *OK?* Não o quero incomodar com os nossos problemas.

Oh, sim, nem pensar em incomodá-lo! Que nada se intrometa entre ele e o seu querido golfe!

Cass está sentada ao lado de PJ. Tem o telemóvel no colo e está a dar uma vista de olhos ao Instagram de Elaine. Vê-a reagir com um «coração» ao quarto de hotel de Elaine e uma «chama» a um par de pernas compridas e branco-douradas que descem até uma piscina natural delimitada por rochedos.

E o que é que achas que ele vai fazer? O pai tem a cara vermelha como um pimento e a cabeça treme-lhe toda. Achas que vai sacar do livro de cheques e resolver tudo num instantinho? Vê as notícias — isto está a acontecer em todo o lado!

Mas vai fazer *alguma coisa*, não vai?, grita a mãe. Não vai simplesmente deixar que o *stand* feche!

Oh, meu Deus, que feche de uma vez para se arrumar com o assunto! O pai está a berrar como um doido quando Cass solta um gritinho e aponta para o chão.

O que foi? Viste um rato?, diz PJ, alerta.

Não, não é um rato, mas sim uma poça de água que apareceu de súbito no chão da sala de jantar. Expande-se lentamente sob o olhar atento dos quatro, e depois o pai levanta-se e tapa-a com uma toalha.

É só uma fuga, grunhe. Nada de preocupante. De manhã, peço ao Victor que venha cá ver o que se passa.

Antigamente, o pai nunca se zangava. Nem quando a mãe ficava fula com ele — quando isto acontecia, o pai como que lhe absorvia a fúria até ela se acalmar de novo. Mas agora responde-lhe aos gritos, e berra tanto que até a faz saltar da cadeira. Ou, pior, deixa-se ficar calado e gira vezes sem conta a aliança no dedo, e não se sabe se está ou não prestes a explodir. É como se fosse uma pessoa completamente diferente. E quando se porta como era seu hábito, parece apenas que está a representar um papel.

PJ sabe que são negócios e essas coisas, e que é tudo muito complicado. No entanto, não entende porque é que o pai não segue a sugestão da mãe e telefona ao avô. O avô é rico. Mora em Portugal, junto a uma praia, e está sempre de férias. Quando os visita, traz-lhes muitas prendas. Fala num tom firme e perentório, e conversar com ele pelo Skype, com o oceano banhado de sol por trás e face a face com os seus olhos azuis e plenos de uma autoridade calma, é como falar com um general, ou um deus, ou seja, é em simultâneo assustador e

tranquilizante. O avô decerto *saberia* como resolver os problemas. Porque é que o pai não lhe pede ajuda?

Porque é chalado de todo, murmura Cass. Está deitada na cama, com o nariz enterrado no *Deutsch macht Spaß!*

O avô?

Ela solta um suspiro, esfrega os olhos, fita-o. Não vão resolver os problemas deles, mesmo que o avô lhes dê dinheiro, diz ela. Não ia adiantar de nada. O pai está farto disto tudo. Está a tentar levar a empresa ao charco. Quer bazar.

Bazar para onde?

Cass encolhe os ombros.

Mas não se vão divorciar, pois não?

Cass diz-lhe sempre que não se vão divorciar, porque a mãe acha que é pecado. Mas desta vez tão-só comprime os lábios sem desviar os olhos do livro.

Disseste que não iam!, exclama ele. *Disseste!*

Mas não seria melhor se se divorciassem?, refuta. Não seria melhor para toda a gente? Melhor do que... do que aquilo?

Aponta para a porta, para a sala de jantar, para a mesa *shabby chic*.

Mas assim ela vai-me mandar para o colégio interno!, grita ele.

Meu Deus, faz-te à vida e desanda! Cass tapa a cara com as mãos.

**DEZ PRINCIPAIS MOTIVOS POR QUE A CASS É UMA CABRA #3: ATITUDE NEGATIVA. #4: NÃO É FIEL À FAMÍLIA. #5: NÃO QUER SABER DOS PROBLEMAS DE NINGUÉM, A NÃO SER DOS DELA.**

Faz-se um silêncio pesado. Está enganada, diz para consigo. Não se vão divorciar. Há um mês que se senta, todos os dias, durante uma hora na berma da estrada, e os carros azuis estão a ganhar aos vermelhos com uma diferença de 263 para 108. De qualquer maneira, o pai ainda ama a

mãe. E a mãe voltaria a amar o pai se ele pusesse o *stand* a funcionar como deve ser. Resolver-se-ia tudo com a maior das facilidades se o avô estivesse ali!

PJ quer, no seu âmago, dizer-lhe: Lembras-te de quando o pai era divertido? Lembras-te de quando passava o fim da tarde a correr atrás de nós no jardim? Era o melhor cá de casa a jogar o *Sonic the Hedgehog* e sabia tudo sobre animais. O que é que aquela abelha está a fazer, pai? Bem, PJ, muitas abelhas, como os abelhões, por exemplo, não moram em árvores, mas em ninhos subterrâneos, por isso aquela senhora pode ser uma rainha à procura de uma casa nova. As abelhas vivem debaixo de terra? Alguns tipos de abelhas, sim. E se abirmos um buraco para lhe servir de ninho? Bela ideia!

Quando o pai era divertido, tudo o resto era divertido. Não só as férias ou o Natal, mas tudo. Como, por exemplo, ir ao supermercado! Cortar a relva! À hora de dormir, faziam corridas em pijama, liam *O Senhor dos Anéis* do início ao fim, punham uma lanterna por baixo do queixo e contavam histórias de fantasmas, e quer dizer tudo isto a Cass: Lembras-te?

Mas não o faz, não vá ela ripostar: Não, não era nada assim. Estás muito enganado, isso nunca aconteceu.

No quarto, descalça as sapatilhas e as meias. A bolha no pé direito está maior, e uma das que lhe afetam o pé esquerdo rebentou, mas com as bolhas pode ele bem. O grande problema são os dedos — os dedos pequeninos dos pés. Com a fricção, tem constantemente feridas na pele, que agora não param de sangrar. De manhã, cobriu-as com ligaduras, que, contudo, se desprenderam. E as ligaduras têm um problema: dificultam-lhe ainda mais enfiar os pés nas sapatilhas.

Olha para os pés — inchados, vermelhos e miseráveis. E os pés olham para ele do género *Por favor, não nos ponhas outra vez dentro daquelas sapatilhas, PJ!* Suspira. *Estou pelos cabelos convosco,* sussurra.

A culpa não é deles, que não têm como não crescer. Mas deram-lhe aquelas sapatilhas há apenas dois meses, e como na altura foi um grande acontecimento, já imagina o que a mãe vai dizer se tiver de lhe arranjar umas novas. É por isso que não toca no assunto, só que não é assim tão simples, porque tem sujado as meias de sangue, e as manchas não saem ao lavar. De maneira que as tem escondido no baú, para que a mãe não repare, mas, mais cedo ou mais tarde, vai ficar sem meias limpas, e não sabe o que vai acontecer então. O que sabe, isso sim, é que o problema com os pés não o irá favorecer em nada se os pais se divorciarem. Quem quer um filho com pés que não param de crescer?

O engraçado é que ele *sabe* que não o vão mandar para o colégio interno. Cass já lho explicou muitas vezes. Os colégios internos são caros, e eles discutem precisamente por não terem dinheiro. No entanto, apesar de achar que este raciocínio faz sentido, PJ parece não conseguir *acreditar* que, de facto, não corre tal risco. Ao invés, está sempre a pensar em Jamie Cavendish, que na escola se sentava ao seu lado e ao de Zargham até os pais se separarem e o transferirem para sabe Deus onde. Nunca mais ninguém lhe pôs a vista em cima. Num colégio interno nem sequer se tem férias de verão — pelo menos é o que Nev diz. Os pais pagam até um extra, porque nenhum deles quer o filho em casa.

Acrescenta as meias de hoje à pilha de meias sujas e saca do telemóvel. No seu perfil de Instagram, Elaine publicou uma foto de um prato com camarões, ou lá o que são, com a legenda #lagostins, uma foto de uma praia comprida e em forma de crescente apinhada de pessoas bronzeadas em fato de banho e, por último, uma da própria Elaine numa

espreguiçadeira, de onde, sentada, espreita por sobre os óculos escuros com um esboço de sorriso enquanto beberica algo de um copo alto. #fériasfelizes.

PJ coloca uma «chama» debaixo da foto e acrescenta-lhe um *smiley*, caso a «chama» pareça demasiado forte, e depois apaga-a e substitui-a por um «coração». Seja como for, ela não vai saber que foi ele, porque no Instagram usa o pseudónimo Max Winter, que se apresenta como matemático e surfista.

O telemóvel apita assim que o pousa. É Ethan: JÁ VISTE ISTO? NOVO TRAILER DO BD III!!! Clica no *link*. De entre um nevoeiro cerrado surge lentamente uma figura. É a Estátua da Liberdade, só que, em vez de uma tocha, está a segurar num punhal, e, no seu braço estendido, tem uma suástica. Em volta dos seus pés, há milhares de corpos amontoados — cadáveres de homens, mulheres e crianças com os rostos azulados. Então, uma mão ergue-se, com uma arma, do meio dos corpos, e da imagem projetam-se as seguintes palavras: *Black Dawn II*.

COMPREI EM PRÉ VENDA MAL POSSO ESPERAR!!!

Fixe!

COMO VAI O COVIL DO LOBO

Mais ou menos n conseguimos abrir um alçapão tão sempre a matar-nos  
PRECISAM DA CHAVE ENCONTRARAM O KAPO?

O que é um kapo?

TÁ NUMA SALA DA GUARDA NÍVEL 3 GAJO MAGRO COM AS ROUPAS  
CINZENTAS?

O Nev matou-o. Pensou k era um guarda?

LOL N VIRAM A CORRENTE K TINHA NO TORNOZELO? LOL

ELE É O KAPO NÃO O MATEM VAI DAR VOS A CHAVE

HEI TOPA ME ISTO

BUGATTI VEYRON VEL MAX 350 KMH

Uau belo carro

O MEU PAI É CAPAZ DE COMPRAR 1

VAMOS FAZER TEST DRIVE AMANHÃ!

Fixe! Olha adivinha só o k vi hoje na floresta 1 esquilo vermelho!

OMG!!!! TÃO GIRO!!!!

Quase lhe consegui tirar foto mas fugiu

NUNCA VI 1 ESQ VERMELHO AO VIVO! NEM NO ZOO!

K FIXE VIVERES JUNTO A UMA FLORESTA!

Sim

Acho k é fixe pois

KERES JOGAR MARIO KART?

O pai bate-lhe à porta. Está na hora de apagar as luzes, filho. E de largar o telemóvel.

Hj à noite n posso, tenho d ir!

OK DORME BEM! BOA SORTE COM O KAPO!

*Liquidação: encerramento da atividade (de uma empresa) por meio de uma operação comercial que consiste em pagar os débitos e repartir o ativo.*

Quando apaga a luz, imagina a água a acumular-se no chão do andar de baixo. Imagina também uma inundação no *stand*, e a sala de exposição com os carros a encher-se de água, como a cave dos pais do Cian Conlon durante as grandes cheias. À sua volta, a casa range e crepita e solta estalidos como um navio no mar.

P: Que tipo de navio não tem mastros nem é de madeira, mas range e faz barulho por todo o lado?

R: Um navio de carga que transporta carros destravados que balançam de um lado para o outro, de um lado para o outro...

P: Que tipo de navio não flutua na água?

O seu navio. PJ está a dissolver-se, a afundar-se rumo às profundezas. As pernas branco-douradas de Elaine estão suspensas acima dele. Ela debruça-se e diz-lhe, num murmúrio tão suave quanto um beijo: Vais ser *liquidado*.

Na manhã seguinte, Victor está na cozinha a olhar para um buraco que abriu no chão. Está a usar um casaco militar e dois tipos de camuflado — cinzento e branco nas calças, verde e castanho na camisola.

Acha que quem está por trás disto são os vietnamitas, Victor? A mãe está num canto, de braços cruzados, e observa-o a olhar para o buraco. Ou talvez o Estado Islâmico?

Acho que tem um cano entupido, Sra. Barnes, diz ele.

É uma bênção atrás da outra, diz soturnamente a mãe antes de sair de supetão da cozinha.

Victor vira a sua cabeça rosada e tristonha para PJ, que está a comer à bancada do pequeno-almoço.

Bem..., diz ele.

Como tem a boca cheia de granola, PJ limita-se a anuir com a cabeça.

A mãe não gosta de Victor. Foi ele quem lhes renovou a casa. Os canos com fugas, o chão aos altos e baixos, os azulejos mal encaixados, as tomadas que às vezes funcionam, outras não — tudo isso é obra de Victor.

Há que ser justo — diz o pai —, ele tenta sempre compor tudo. Quando há um problema, aparece cá no próprio dia.

Isso é só porque mais ninguém o contrata!, replica a mãe. És o único atrasado mental que o deixa entrar em casa! E, minha nossa, o tipo anda sempre por aí de camuflado... Quem é que ele acha que é? O Rambo?

Victor pertence à Defesa Civil, e ao fim de semana é fácil vê-lo em manobras: sobe e desce a Ned's Hill com uma mochila às costas e uma espingarda de plástico nas mãos.

Tem bom coração, diz o pai.

É mas é maluco, diz a mãe. Só a tinta segura esta casa, ou já teria caído.

Victor abre o saco e começa a vasculhar as ferramentas. O pai entra na cozinha. Então, Victor, diz ele. Como é que vão as coisas?

Vão indo, diz Victor, anuindo tristemente com um aceno de cabeça.

Temos aí um cano entupido, ou algo assim, diz o pai.

Parece que sim, diz Victor.

Os dois homens olham para dentro do buraco.

Não tem nada que ver com as cheias, pois não?, pergunta o pai. Já foram há alguns meses.

Até pode ter, diz Victor. Está tudo interligado. Assoa o nariz. Vamos começar a ver cada vez mais este género de coisas, diz ele.

Ah, sim?, diz o pai.

Os esgotos da vila têm duzentos anos. O sistema nunca foi feito a pensar no uso que tem agora. Há cada vez mais casas e edifícios em áreas de cheia. E se lhes juntarmos o aquecimento global... Vai dar asneira, diz ele, e começa a aparafusar uma vareta fina a outra vareta fina.

Estás a dizer que o sistema não vai durar muito?, diz o pai.

Eu cá digo que está sob uma pressão enorme, diz Victor. Uma pressão enorme.

O seu tom é catastrófico. Mas o pai está contente, os olhos brilham-lhe de satisfação. O pai gosta de falar com Victor. Victor é uma das poucas pessoas da vila que partilha alguns dos interesses do pai — sabe bastante sobre os nazis e Napoleão e a queda dos Maias e a longa e terrível lista de genocídios que é o Passado. PJ desconfia que é por isso que o pai não se importa muito quando acontece algo de errado na casa; afinal, isso permite-lhe falar com Victor.

Presumo que as pessoas não tenham noção de como estas coisas são frágeis, diz o pai.

As pessoas não fazem ideia, diz Victor. Não fazem ideia.

Mas basta olhar para a história, diz o pai.

Oh, estão-se a marimbar.

Uniu as varetas, que parecem agora uma comprida ténia de metal com que alimenta as vísceras da casa. Mas, nos últimos meses, tem havido muita procura pelas tecnologias do futuro, diz ele.

Pelas tecnologias do futuro?, pergunta o pai.

Painéis solares e essas coisas, diz Victor.

Também instalas disso?

Oh, céus, sim, diz Victor.

Hei de pensar nisso, diz o pai.

É um começo, diz Victor, falando para com as suas varetas. Mas é como digo às pessoas, e digo-lhes sem rodeios: os painéis solares não servem para tudo. Torce a cara e empurra a vareta. Imagina que as coisas dão para o torto, para não dizer outra coisa, porque está aqui uma criança. Não há dinheiro nos multibancos, três dias depois não há nada à venda nos supermercados, e o governo, nem vê-lo. De que é que achas que te servem uns poucos de painéis solares nesse caso? Não te servem de muito, diz ele. Cerra os dentes e puxa a vareta. Ouve-se um gorgolejo debaixo do chão. Pois é, não servem de muito, diz ele com satisfação.

Depois de assentar de novo a tijoleira, Victor fá-los contornar a casa em busca de locais por onde o futuro possa entrar. Explica-lhes como se instala uma fossa séptica, uma bomba de calor, um coletor de água da chuva.

E também têm aquela floresta, diz ele. É toda vossa?

Sim, embora não valha muito, diz o pai. Estás a pensar em combustível, lenha?

Não, diz Victor. Põe as mãos nas ancas e observa a floresta no lado oposto do prado. Está em terreno inclinado, diz ele.

Está?, diz o pai.

Victor bufa. Aquele terreno ficou inundado durante as chuvas?

O pai coça a cabeça.

Não, diz PJ.

Victor coça o queixo e anui com um aceno de cabeça. Goldenhill [Colina Dourada], diz ele. Deve ser aquela. O pai e PJ entreolham-se; nunca lhes passou pela cabeça que a propriedade tivesse aquele nome por um motivo. Uma colina é um bom sítio para se estar quando chove, diz Victor.

O telemóvel do pai toca, ele pede desculpa e retorna a casa. PJ segue Victor até à carrinha, que está apinhada de ferramentas, tubos, quadros elétricos.

Que é aquilo?, PJ aponta para uma unidade pesada com interruptores que se parece um pouco um droide *Astromech* tombado.

É um gerador de reserva, diz Victor. Oito mil *watts*. Se o fornecimento de eletricidade falhar, em princípio isto dá-te energia suficiente para cozinhares, aqueceres a casa e teres luz.

E porque é que havia de falhar?, diz PJ.

Há milhentas coisas que o podem deitar abaixo, diz Victor. Infraestruturas antiquadas. Temporais. Tempestades solares. Um ataque

nuclear. Um outro imprevisto qualquer. Nunca ouviste falar da teoria do cisne preto? E, já agora, porque é que a corrente elétrica não há de ir abaixo?, acrescenta. Essa é a pergunta que devias fazer.

PJ acha que ele é capaz de ter razão: se a Maurice Barnes Motors pode ir ao charco sem que ninguém a consiga salvar, o fornecimento de eletricidade também pode falhar.

As coisas vão mudar, diz Victor. Temos de estar preparados.

Estou a ver, diz PJ, e depois: Presumo que não vá ser assim tão mau se se estiver preparado. Tipo, as coisas provavelmente não vão ser assim tão diferentes.

Victor fita-o de uma forma estranha, porque cada um dos seus olhos aponta numa direção diferente, sem que nenhum deles esteja de facto virado para PJ. No entanto, *está* a olhar para ele, disso tem PJ a certeza. Basta atentar à ruga que vinca a pele encorilhada, rosada e peluda entre as suas sobrancelhas.

Vão ser diferentes, diz Victor. Vai ser mau.

De volta ao *Wolfsschanze*. O pseudónimo de Hitler era «Lobo». Ethan visitou o verdadeiro Covil e alega que a representação do local no jogo é bastante fidedigna.

Acredito mas provavelmente n tinham zombies e demónios e assim a lutarem por eles

LOL QUEM SABE?????)

De repente, surge de uma porta um cão com uma cabeça humana, ou melhor, um cão com uma cara humana que parece ter sido cosida à cabeça do cão. Tem dentes de homem, e morde-lhes a perna. Dão-lhe uma cacetada para o afastar, correm pelo corredor fora, está escuro como breu.

Vai por aquela porta, diz PJ.

Estão dois homens lá dentro, mas desta vez veem que o primeiro homem tem uma arma na mão e que está a apontá-la ao segundo homem, e não a eles.

Não o mates, diz PJ. É o Kapo.

Quem te disse isso?, pergunta Nev. O Ethan?

PJ não responde.

É um bocado batota usar as dicas das outras pessoas, diz Nev.

Então não as uses, diz PJ.

Nev concentra-se e abate o guarda. O Kapo aninha-se num canto com as mãos à frente da cara. Como é que nunca tinham visto aquele tipo? Mesmo sem verem as correntes, é óbvio que é diferente. Tem as roupas todas esfarrapadas e uns olhos esbugalhados, mais visíveis por conta de ter o rosto emaciado e cinzento.

Dá-lhe a tua arma, diz PJ.

A sério?

PJ dá uma vista de olhos ao telemóvel. Sim, dá-lha. Nev assim faz. O Kapo baixa lentamente as mãos e olha para eles como se estivesse a olhar do fundo de um lago. Vais precisar disto, diz o homem. Pousa-lhe algo na mão.

A chave!, exclama Nev.

N DEMOREM AÍ JÁ TÃO ATRÁS DE VCS

Porque é que ele não vem connosco?

NÃO O PODEM AJUDAR

O Kapo olha para o ecrã com olhos vazios e escuros. Estou preparado para morrer, diz ele. Só receio já estar morto.

Este gajo é a felicidade em pessoa, diz Nev.

Sai daí, diz PJ.

Deixam-no no seu canto e ouvem um único tiro quando fecham a porta.

Sobreviver na natureza é difícil, mas não impossível. Em terreno seco, basta recolher folhas mortas do chão, fechá-las num saco de plástico e deixá-las a aquecer ao sol. Em poucas horas forma-se dentro do saco condensação em quantidade suficiente para se beber. Também se pode comer plantas silvestres, tendo o cuidado de se evitar as venenosas, como as plantas com bagas brancas, com espinhos, folhas brilhantes, peludas ou amargas. As formigas e os escaravelhos são comestíveis, embora seja necessário arrancar-lhes as asas e as pernas...

De que é que estás para aí a falar?, diz Nev. Comer formigas? De que caralho estás a falar?

Estou a falar no caso de se viver na floresta, explica PJ.

E porque é que eu havia de querer viver na floresta?, diz Nev.

Bem, se precisasses de sair de casa por um motivo qualquer, diz PJ.

Tipo... se os teus pais te mandassem para um colégio interno?, diz Nev com um sorrisinho maléfico. Para quando se foge de casa, é?

Não, diz PJ. No caso, por exemplo, de o fornecimento de eletricidade falhar. Ou se houver um ataque de cisnes.

Um quê?

Hã... tipo um ataque de cisnes pretos?

Que caralho?!, diz Nev. Onde vais buscar estas merdas?

Foi o Victor que me contou, diz PJ.

Esse gajo é maluco, diz Nev.

Sabe muita coisa, diz PJ. Sobre como sobreviver.

Não foi ele que entrou com uma escavadora pela vossa casa dentro? Não vos mandou a parede abaixo?

Isso foi há anos, diz PJ. De qualquer maneira, ele depois arranhou a parede.

Bem, boa sorte com a tua vida nova. Vais adorar comer escaravelhos e lambar condensação de sacos de plástico, diz Nev. Sinceramente, soa pior do que ser violado na escola.

Estão uma vez mais a caminhar na floresta. O calor ergue-se do chão em ondas verdes e cai do céu em blocos de luz. Os pés de PJ sofrem atrocemente, quase que os ouve gritar de dor. A floresta à sua volta parece-lhe vastíssima. No mapa, não o é de todo, mas, quando se entra nela, estende-se sem fim e, de repente, ele pensa: *conseguiria* viver ali? Do género — seria *ele* capaz de viver ali? Imaginou a mãe a apertar-lhe a gravata: Então, PJ, pronto para o teu primeiro dia no colégio interno? E ele: Sim, é claro, mãe, vou só lá fora um instantinho — e pumba, desaparece e nunca mais o veem, exceto talvez no Futuro, quando se tornar milionário aos vinte e cinco anos e chegar com o seu carro desportivo à estação de serviço em que a Elaine trabalha, e ela ficar tipo: Não te conheço de algum sítio? e ele tira os óculos escuros, que são daqueles espelhados, e diz: Sim, de um lugarzinho que dá pelo nome de Passado.

Mas ela também pode dizer: Não te conheço?, e ele diz: Talvez achasses que sim.

Ou diz-lhe: Foste a única que alguma vez me conheceu.

Ou ela não diz nada, e ele estende-lhe simplesmente a mão e diz: Vens?, e entram os dois no seu carro de alta cilindrada, é um *Bugatti*, como o que o pai de Ethan vai comprar, e vão-se embora.

Dentro do *Bunker*, o ar está húmido e fresco, embora se sinta o calor acumular-se, lá fora, em volta das paredes. Nev deixa-se cair no colchão e solta um suspiro melancólico. Fica sempre assim depois de jogar *PlayStation*. Às vezes, PJ consegue animá-lo um pouco fazendo com que

imagine que a floresta é uma extensão especial do videogame, como uma *Black Dawn* em versão real. Hoje, contudo, Nev está demasiado deprimido.

PERGUNTEI E N HÁ NENHUM ESQUILO VERMELHO NO ZOO!!! MAS OLHA SÓ PRA ISTO!!! UM SAGUI BEBÉ ACABADO DE NASCER!

Oh uau é adorável!

HÁ UM CONCURSO PRA LHE DAR NOME! ALGUMA IDEIA? GANHAS UMA VIAGEM A DUBLIN!!!!

Que tal Sanguíneo?

GOSTO!

É o Zoo de Dublin? Moras em Dublin?

SIM TU?

A tipo 2 horas daí. A minha irmã vai para aí para a faculdade!

Como é que tens rede?, pergunta Nev.

Aparece e desaparece, não tenho sempre, diz PJ.

Nev solta um suspiro e encosta de novo a cabeça à parede. Achas que a tua irmã fez sexo neste colchão?

Não sei, diz PJ. Nev senta-se e observa o colchão. De certeza que fez, diz. De certezinha.

Sabes como é que as libélulas fazem sexo?, pergunta PJ. É mesmo esquisito, fazem uma coisa em forma de coração, tipo...

Para de me falar de ciência!, diz Nev, tapando os ouvidos. Estar contigo é como estar na escola!

Desculpa, diz PJ. Nev fecha-se num silêncio mal-humorado.

DEVIAS VISITAR NOS!!!! TEMOS QUARTO EXTRA PODÍAMOS IR AO ZOO + HÁ 1 NOVA LOJA DE JOGOS!!!!

Uau isso era fixe

A SÉRIO PEDE À TUA MÃE!

Talvez. Tá sempre a queixar-se que atrapalho aqui

:) A MINHA TB!!!

Nev, que estava perdido em pensamentos, fala, por fim. Já fodeste a tua irmã?

Jesus!, diz PJ.

Sim ou não?

É claro que não, diz ele. É minha irmã.

Mas até a fodias se pudesses, não é?, diz Nev. Se tivesse uma irmã, ia querer fodê-la, sem dúvida.

Não, não ias, diz PJ. Olha, já falámos sobre isto. Achas que a ias querer foder, mas, se tivesses mesmo uma irmã, não querias.

Queria, sim, diz Nev. Sobretudo se fosse boazona como a tua irmã.

É uma cabra, diz PJ.

E a tua mãe?

PJ nem lhe responde. Está a esforçar-se imenso para não perder a calma. Ou podes tu visitar-me!, escreve.

Olha lá, posso ver uma coisa no teu telemóvel?, pergunta Nev.

OK, diz PJ. Está prestes a dar-lhe o telemóvel quando, de súbito, se detém. Espera aí, vais ver porno?

Oh, pá, caramba!, exclama Nev. Saca outra vez do seu telemóvel e tenta ligar-se à *internet*, mas não tem rede. Era capaz de pagar, diz. Pagava para ver pessoas a sério a fazerem sexo agora mesmo.

Bem, estamos na floresta. Não sei que te diga, diz PJ.

Nev atira o telemóvel para o chão de terra. Isto é uma merda, diz ele.

Sim, pensa PJ, lá isso é, mas então Nev levanta-se com uma determinação invulgar e pega no telemóvel. Aonde vais?

Para casa, diz Nev.

PJ entra em pânico. Espera, diz.

Nev não espera. Começa a caminhar pela floresta com passadas longas. Segura o telemóvel como se fosse uma lanterna e se encontrasse

num túnel escuro como breu. PJ, que vê o resto do verão a rodopiar numa grande espiral verde de solidão, corre atrás dele. Os seus pés gritam a cada passo. Espera, diz, podes usar o meu telemóvel. Alcança-o e agarra-lhe o braço. Espera, diz. Vou mostrar-te uma rapariga.

Mora numa das casas inacabadas no outro lado da floresta. A dela é a que está mais perto de ficar pronta; tem um lavatório, um fogão, um sofá. Algumas das outras casas nem têm soalho, e por todo o lado há cabos a saírem das paredes. Descobriu-a por mero acaso num dia em que andava a abrir caminho por entre a vegetação rasteira em redor dos edifícios. Foi então que viu o carro da mãe lá estacionado. Foi isso que lhe chamou a atenção. Quando chegou à janela, já se tinha lembrado de que a mãe vendera o carro, ou melhor, que o pai o vendera, e que a mãe tinha ficado chateada. Fosse como fosse, espreitara para dentro da casa. E vira-a.

O quê? Ela mora lá?, diz Nev. No meio da floresta? Sozinha?

Não sei se mora mesmo lá, diz PJ. Só lá está às vezes.

A fazer o quê?

Nada. Na maior parte do tempo senta-se a ler uma revista ou a olhar para o telemóvel.

Já a viste nua?

PJ não responde, mas cora.

*Já?!*, grita Nev.

Não há cortinas!, grita PJ em sua defesa.

Nev levanta um dedo em jeito de ameaça. Se estiveres a inventar esta treta... diz ele.

Faz agora um calor opressivo que os envolve como ligaduras espessas e invisíveis quando avançam por entre as árvores, enquanto os

mosquitos pairam sobre as suas cabeças em minúsculas nuvens vingativas. Nev arfa de esforço e excitação e larga a correr quando chegam à orla da floresta. PJ teme o que possa acontecer se a mulher não estiver lá, embora também tema, em certa medida, o que poderá acontecer se estiver. Mas o carro está estacionado defronte da casa. É vermelho, uma cor de azar; ficou contente quando o pai o vendeu.

Quando se acerca, apercebe-se de que Nev, demonstrando uma inquietante capacidade furtiva que até então não lhe imaginava, descobriu qual o melhor ponto de observação no meio da vegetação. A sua expressão facial denota um certo assombro religioso. Isto é incrível, murmura.

A rapariga está sentada no sofá e tem uma toalha enrolada, qual turbante, em volta da cabeça. Veste também um roupão branco.

Acabou de tomar banho, diz Nev em meia-voz.

Sim, está sempre a tomar banho, diz PJ.

Incrível, repete Nev. Depois, volta-se para PJ: Nem posso acreditar que nunca me falaste dela! Podíamos ter passado aqui o verão inteiro, a olhar para mamas a sério, em vez de andarmos a correr por uma floresta de porcaria como dois idiotas!

Bem, mas agora estamos aqui, não estamos?, diz PJ.

Foste bastante egoísta, diz, com sinceridade, Nev.

PJ baixa a cabeça. A verdade é que não se sente totalmente confortável quando observa aquela rapariga bonita, mas é-lhe muito mais fácil aplacar a consciência se estiver a sós. Como se, por acaso, vislumbrasse pela janela ao passar por ali, e ela, também por acaso, estivesse ali a ler a *Vogue* brasileira em roupa interior e tudo isto lhe parecia bastante inocente. De facto, no decurso do tempo, como que se convenceu de que a rapariga sabe, de algum modo, que a observa e não se importa com isso, e que inclusive eles são, de uma forma pouco

convencional, amigos. Agora, agachado no meio dos arbustos enquanto Nev tenta fazer *zoom* com o telemóvel, parece-lhe que a situação já não é a mesma, e que em certos aspetos está a trair a confiança sagrada que ele e a rapariga — sem que ela tenha noção disso — desenvolveram ao longo da sua relação de amizade.

Espera lá, diz Nev, baixando o telemóvel. *Conheço-a* de algum lado.

É a antiga criada da Elaine, diz PJ.

A criada da Elaine Comerford, diz Nev, pensativo. O que é que ela está aqui a fazer?

Acho que era o pai da Elaine que estava a construir estas casas, diz PJ. Mas isso não explica porque é que ela está aqui, é claro.

A menos que... Um sorriso desdobra-se lentamente no rosto de Nev. A menos que ele a esteja a manter aqui, diz ele.

PJ sente uma pontada de inquietação no peito. É possível, diz ele com um encolher de ombros.

É que é isso mesmo, pá, diz Nev. Ele mantém-na aqui como *escrava sexual secreta*. Ocorre-lhe outra coisa. C'um caraças — se calhar ele vem cá comê-la!

PJ concede que se trata, de facto, de uma possibilidade, embora nunca tenha visto Big Mike por ali. Na verdade, tem quase a certeza de que, de momento, ele está a passar férias com Elaine e a mulher. Está prestes a acrescentar que por hoje provavelmente já expiaram que chegue e que deviam começar a pensar em ir-se embora quando, lá dentro, a porta da sala de estar se abre e um homem entra na divisão.

Quem raio é este gajo?, diz Nev em voz baixa.

Não sei, diz PJ.

Não é o Big Mike, diz Nev. Isso é certo.

Pois não, diz PJ. O sujeito tem o ar ágil e maléfico de um terrorista de um filme. Tem cabelo preto e olhos ainda mais pretos. Está de tronco

nu, e o seu peito e braços são musculosos e estão cobertos de tatuagens: a Morte, uma mulher zombie, dados de jogo e uma espiral que PJ não consegue... C'um caraças.

C'um caraças, diz Nev. Ele vai comê-la!

O homem aproximou-se da rapariga e passa-lhe as costas dos dedos pela bochecha. A rapariga fecha os olhos e encosta a cabeça à sua mão, como uma gata.

Nunca deixei de acreditar, diz, comovido, Nev. Disseste que não íamos ver sexo na floresta, mas eu nunca perdi a esperança.

O homem está agora a despir as calças. A rapariga, o roupão. O homem senta-se no sofá com o seu pénis enorme apontado para o teto. A rapariga põe-se em cima dele.

Sim, foi um dia e peras, diz PJ. Vê que horas são, levanta-se, espreguiça-se. Bem, talvez seja melhor começarmos a voltar para trás.

O quê?, diz, incrédulo, Nev. Olha para PJ como se este tivesse perdido a cabeça. PJ talvez *tenha* perdido a cabeça. Ver pessoas a fazer sexo na vida real parece-lhe muito mais errado, vários graus mais errado, do que simplesmente observar alguém a olhar para o telemóvel com uma toalha em volta do corpo — parece-lhe, na verdade, exatamente o género de crime que atira com uma criança para o colégio interno. E PJ não sabe quem é aquele sujeito, mas é capaz de apostar que não gostaria que o espiassem.

Vai tu!, diz Nev. Eu cá fico. Isto é sexo a sério! Isto... *Larga-me!*

Isto porque PJ lhe está a puxar pelo braço. Larga-me!, resmunga, dando murros para trás, sem olhar para PJ enquanto fita a janela, e depois grita: *LARGA-ME!*

Oh, merda. O homem separou-se da rapariga e olha para a janela. Não te mexas, sussurra PJ a Nev. Mas é tarde de mais: Nev desandou dali fazendo restolhar as folhas. O homem corre até à janela, e depois

até à porta por onde entrou; PJ dá meia-volta e corre em direção às árvores.

De volta ao *Bunker* e, portanto em segurança, Nev não para de saltitar, apoiando-se ora num pé, ora no outro. Aquilo foi incrível!, exclama, como um personagem num livro de Roald Dahl. Estupendo! Extraordinário! Fenomenal!

Depois, de repente, enfurece-se. Porque é que me obrigaste a vir embora?, pergunta-lhe em tom acusativo.

Eu?, diz PJ. Tu é que gritaste.

*Gritei* porque me estavas a obrigar a vir embora.

Volta para lá, se quiseres, diz PJ. Volta e leva uma tarefa de um nazi. De certeza que vai gostar imenso quando lhe explicares que o querias filmar a comer a namorada.

Nazi? De que é que estás a falar?

Não viste a tatuagem dele?

Não, diz Nev. Porque é que estavas a olhar para o gajo, hã?

Tinha uma tatuagem de um *Sonnenrad*, diz PJ.

Não era *Sonnenrad* nenhum, diz Nev. Era só uma teia de aranha.

Tenho quase a certeza de que era um *Sonnenrad*, diz PJ.

Bem, e então?, diz Nev. É só uma tatuagem. Não significa que seja nazi.

PJ abandona este argumento e diz que, fosse como fosse, por esta altura já estariam a terminar. De acordo com o que aprenderam com a pornografia, ambos sabem que o sexo tende a durar cerca de vinte minutos. PJ propõe que, ao invés, experimentem de novo amanhã, quando o homem das tatuagens já tiver baixado a guarda. Nev concorda com relutância e diz que trará a máquina fotográfica do pai, que tem

uma objetiva telescópica. Vou dizer-lhe que estou a estudar a natureza. Ah, ah!

Caminham até ao centro da vila e discutem a cena de sexo. Nev pensa que, pese embora o sujeito estivesse a rebentar completamente a criada de Elaine, ele (Nev) a teria comido à canzana. PJ acredita que o sujeito poderia ter dedicado mais tempo aos preliminares, algo que as mulheres apreciam.

Apesar destas reservas, estão ambos muito animados. Na verdade, estão a ter um grande dia. Pela primeira vez em todo o verão, Nev parece verdadeiramente contente por estar com PJ e por ouvir o que ele tem a dizer. Além disso, PJ recebe um gelado de borla no quiosque de Hourihan, porque o homem ao balcão diz que ele é a cara chapada do seu tio Frank, que era um tipo à maneira e um bom atleta de jogos gaélicos, que Deus o tenha em eterno descanso. Entram no Dingo's e jogam bilhar sem ter de esperar, e depois passam para as máquinas de jogo, que, de modo invulgar, Nev paga. Sentado na cabine em forma de carro, a lamber o seu gelado enquanto atropela peões a torto e a direito, PJ pensa que há duas ou três horas estava determinado a fugir de casa, mas que agora se sente esplendidamente e que nunca se sabe para onde a vida vai virar, e é com esta boa disposição, uma vez mais invulgar, que se lembra de que têm ali uma versão *arcade* do *Quem Quer Ser Milionário?*

Ao longo dos anos, muitas pessoas disseram a PJ, amiúde num tom cáustico, sardónico, que, com a sua paixão por factos curiosos e a sua vasta cultura geral, devia ir ao *Quem Quer Ser Milionário?* Em boa verdade, imagina-se a participar no concurso e a ganhá-lo e a salvar a família, como naquele filme, e embora a versão *arcade* do jogo não prometa a mesma quantia de dinheiro que o programa de televisão — nas primeiras rondas, paga ao jogador com moedas de cinco e dez

cêntimos, por isso há que se sair bem para se tão-só recuperar o dinheiro investido —, dizem os rumores que, se se chegar ao fim, o *Jackpot* é enorme: talvez mesmo um milhão. Nunca ninguém chegou até tão longe nesta máquina, mas PJ sente-se com sorte.

Nev concorda, após alguma persuasão, a emprestar-lhe um euro para jogar. Poucos minutos depois, está já na quarta ronda. É como se as perguntas tivessem sido feitas para ele. A que género pertence a abelha comum? Onde encontra uma dendrite? Quem descobriu a ilha de Baffin? Responde a uma atrás da outra, bum, bam, bum. Um pequeno grupo de rapazes junta-se, pouco depois, à sua volta, e alguns tentam — sem o conseguir — acompanhá-lo recorrendo aos seus telemóveis, ao passo que outros testemunham a demonstração cabal da sua cultura geral com assombro. ESTÁS PRONTO PARA A PRÓXIMA PERGUNTA?, pergunta o apresentador.

PJ olha rapidamente para a esquerda e para a direita e prime OK. Sim, vamos lá andar com isto.

COMO SE CHAMAVA O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO NAZI EXCLUSIVO PARA MULHERES:

RAVENSBRÜCK BUCHENWALD SOBIBOR FELSENNEST

Os rapazes à sua volta gemem de frustração, mas PJ está confiante. Felsenest era um quartel-general, portanto, é óbvio que não pode ser esse. Sobibor não era um campo de concentração, mas de extermínio, embora Ethan diga que essas coisas eram todas uma treta. A questão está em saber se era Buchenwald ou Ravensbrück. PJ sente que sabe a resposta, falam sobre isto no fórum do *Black Dawn*. Deviam ter mantido esse aberto! Conheço muitas putas que deviam ir lá bater com os costados!!! Mandava para lá a minha ex-namorada! Esse género de coisas — mas como se chamava?

O TEMPO ESTÁ QUASE A ACABAR.

OK, que se lixe, RAVENSBRÜCK.

O apresentador parece hesitar. TENS A CERTEZA?

Não, só que soa mais nazi, gostavam de nomes de animais. SIM.

O apresentador parece triste e olha para Nev com ar de compaixão, como se soubesse como tem sido a vida de PJ nos últimos tempos, embora, é claro, não o saiba, porque é só uma imagem digital de uma gravação feita há anos para que uma companhia a pudesse usar nas suas máquinas...

É A RESPOSTA CERTA!

O dinheiro começa a sair em catadupa pela abertura. Os rapazes atrás dele gritam vivas, Nev pede-lhe de volta a moeda que lhe emprestou, a imagem digital do apresentador gravado há muito tempo sorri, como se os deixasse aproveitar o momento, e PJ começa de facto a sentir — pela primeira vez há quanto tempo? — que as coisas podem mudar, que pode dar a volta. Na última hora, recebeu, primeiro, um gelado de borla, e agora pelo menos dois euros em moedas de cinco cêntimos! Mas estes acontecimentos são meros sintomas e o mais importante é a sensação de que, depois de dois anos merdosos, tudo isto marca o início de uma nova fase, porventura só para ele, mas talvez para todos eles, e que, por exemplo, ao contrário do esperado, as coisas com o *stand* vão também começar a correr de feição, e imagina-se a ele e à família a rir, e depois imagina-se com Nev e Zargham diante da casa da criada bonita, que lhes sorri e acena, *Entrem, entrem!*, e imagina-a a preparar-lhes *smoothies* e a ler-lhes a *Vogue* brasileira, e embora esta última parte lhe pareça ainda um tanto rebuscada neste momento, neste instante em que o sol brilha pelas janelas sujas do salão de jogos e o apresentador pergunta COMO SE CHAMAVA A MULHER DO PRIMEIRO-MINISTRO CONSERVADOR TED HEATH?, PJ pensa que este pode, de facto, vir a ser o melhor verão de sempre quando, de súbito, dá por si a soltar o

*joystick* e a erguer-se, sem que saiba como, no ar, bem acima da alcatifa roxa manchada com pastilhas elásticas, e a embater na máquina do *Pac-Man Battle Royale*.

Os rapazes gritam e fogem a toda a brida. Estendido no chão, PJ vê duas *Nike Airs* sebosas a caminharem na sua direção, e depois dois punhos carnudos descem para o agarrar. É o sujeito da casa, o sujeito com a tatuagem do *Sonnenrad*, seguiu-os aquele tempo todo, esperou pelo momento certo...

Mas não, não é ele. Quando o põem, à força, de pé, PJ depara com um rosto diferente, um rosto que o fita com olhos de uma cor normal, uma boca descaída e duas orelhas tão grandes que fazem com que a cabeça pareça um troféu, como o prémio dado ao Homem das Cavernas Mais Feio. Conhece o tipo: andava alguns anos à sua frente na escola e foi expulso por atirar um compasso pelo ar numa sala de aula cheia de alunos. Mora num bairro social atrás do parque. Chama-se qualquer coisa Moran — Henry? Hugo? — mas toda a gente lhe chama Orelhas, por causa das orelhas. PJ e Zargham chamaram-lhe algumas vezes, ao desafio, *Orelhas!* de detrás de carros ou de esquinas de edifícios, largando a correr quando ele, furioso, os tentava apanhar. Será por isso que o está a atacar? Para uma vingança muito tardia? Por sobre o ombro, vislumbra Nev, pálido, a observá-lo. Depois, o Orelhas arrasta-o de pé e atira-o contra a máquina do *Aliens: Extermination*. Achas-te muito esperto?, grita o tipo das orelhas de abano. Achas que podes roubar a minha família?

Roubar? Quando ouve isto, PJ sente-se... bem, não propriamente aliviado, mas pelo menos tranquilizado, porque é óbvio que há aqui um engano qualquer: PJ pode ser muitas coisas, desde *voyeur* a ocultador de meias e mentiroso de pequeno calibre, mas nunca roubou nada, e está

pronto a explicar isto assim que o rapaz deixar de o sufocar com o braço. És um daqueles gatunos dos Barnes, não és?, questiona o rapaz.

Sim, mas... bem, não, quero dizer..., diz PJ.

A porra do *stand* do teu pai enganou a minha mãe! Deves à minha mãe cento e sessenta e três paus!

O quê?, diz PJ, estupefacto. À tua mãe? Mas não há mais explicações e, ao invés, um punho cai sobre ele e por um segundo fica tudo preto, e depois outro murro ilumina a escuridão com dezenas de centelhas. Ouve, ao longe, alguém a dizer: Rua! Rua! Fora daqui!

E quando, ainda estendido no chão, que pelos vistos é onde está outra vez, olha em frente, PJ vê o gerente da loja a caminhar como um ovo manchado de nicotina sobre duas perninhas atarracadas e a esbracejar com os dois braços, também eles atarracados, em direção ao Orelhas. Não quero nada desta porra aqui. Fora! Rua, põe-te no caralho!

Mas, antes de se ir embora, o Orelhas olha para PJ estendido no chão e diz: É melhor arranjares-me esse dinheiro ou juro por Deus que te dou uma tarefa que nunca mais te mexes.

Consegues ver com os olhos assim?, diz Nev.

Consigo, diz laconicamente PJ. Só que doem.

Parecem dois tomates esmagados, diz Nev, que acrescenta em tom de admiração: Se visses como ele pegou em ti e te *atirou* pelo ar! Como se fosses um peluche.

Estão de volta ao *Bunker* depois de escaparem em segurança pela saída de emergência do salão de jogos. Os globos oculares pulsam-lhe de calor — de calor e vergonha. Não consegue deixar de acreditar que isto foi um castigo por espiar a rapariga.

O gajo é mesmo psicopata, diz Nev. Sei que dizemos isso de muitas pessoas, mas com ele é verdade, o tipo é mesmo um psicopata genuíno.

Anui a si mesmo com um aceno de cabeça e sacode uma folha da manga.

E então, o que é que vais fazer?

Como assim?, diz PJ.

Vais dar-lhe o dinheiro?

Onde é suposto arranjar cento e sessenta e três euros?

Nev encolhe os ombros e lança um olhar ansioso em direção à casa do sexo. O gajo é um aldrabão, diz PJ. O meu pai não rouba nada a ninguém.

Pode ter roubado em desespero, sugere Nev. Porque o negócio está a ir pela sanita abaixo.

Nunca faria isso, insiste PJ. Não rouba.

Nev não diz nada.

Seja como for, não tenho cento e sessenta e três euros, diz perentoriamente PJ, como se assim encerrasse o assunto.

OK, diz Nev. Mas suponho que isso significa que não podes voltar à vila, a menos que queiras que ele te dê uma tarefa das grandes. Nunca mais, enquanto fores vivo, podes voltar à vila. Não te deve fazer muita diferença durante o verão, mas o que vais fazer quando começarem as aulas?

Enfia os dedos na boca e puxa um naco de filete de arenque que lhe ficou preso entre os dentes.

Talvez seja melhor fugires mesmo de casa, diz ele.

Vai para casa e diz à mãe que ficou com os olhos negros porque usou, emprestados, os óculos de natação de Nev, e por fim tranca-se no

quarto.

Guarda numa caixa debaixo da cama dinheiro que tem poupado para comprar o *Black Dawn II*. Tem ali um total de 38,33 €. Então tenho de arranjar cento e vinte e quatro euros e sessenta e sete cêntimos, diz para consigo em voz alta, tentando com que pareça apenas um montante normalíssimo, ao invés de um valor impossível de arrebanhar. Se o avô estivesse ali, não seria impossível, é claro: 124,67 € não são nada para um homem como o avô. Uma vez, PJ viu-o gastar 25 € num queijo francês. Bem, há já meses que quer que o avô regresse e, no entanto... nem vê-lo.

A coisa mais óbvia a fazer seria contar ao pai o que aconteceu, porque é óbvio que tudo aquilo não passa de uma confusão; a mãe do Orelhas deve ter recebido a conta errada ou o serviço errado, ou o carro precisava de mais reparações e o mecânico não lho explicou de antemão, é algo que está sempre a acontecer. Também é possível, é claro, que o Orelhas tenha inventado a história. E sim, se contasse o sucedido ao pai da maneira certa — se não lhe mencionasse as ameaças e as agressões e lhe dissesse apenas algo do género *Hoje, tive com um conhecido meu uma conversa curiosa acerca do preçário habitualmente aplicado às reparações automóveis* —, resolveria provavelmente o problema em cinco minutos.

No entanto, não quer contar nada ao pai.

Porque, embora saiba que o pai nunca roubaria um cliente ou quem quer que fosse, a possibilidade de estar errado amedronta-o. Não viu, nos últimos dois anos, serem destruídas, lenta e metodicamente, todas as verdades que tinha como certas? Não assistiu à lenta transformação do pai noutra pessoa? Encarando o problema desta perspetiva, a própria impossibilidade de o pai roubar — de o pai ser outra coisa que não um homem sábio e inteligente e bom — não torna o dito roubo inevitável,

precisamente por este se opor a todo um sistema de verdades entretanto desaparecido? Não seria essa a derradeira mudança, o último e catastrófico passo em direção à perdição total?

Depois do jantar, recebe uma mensagem de Cian Conlon a perguntar se é verdade que o Orelhas planeia espancá-lo com um martelo em direto na *internet*. Não ouvira nada acerca da emissão em direto, e até então entretivera a esperança de que o Orelhas, que expressara os seus sentimentos mais profundos — libertando assim a tensão acumulada — no salão de jogos, se pudesse contentar com a sova já dada. Conclui que de certo modo isto é positivo, porque agora tem perfeita noção da situação em que se encontra. Deita-se de cara para baixo, na cama, durante algum tempo. Mas depois senta-se. As lamúrias não o vão levar a lado nenhum. Tem de ser *proativo*, de gizar um plano. Pega no telemóvel e abre um documento.

OBJETIVO 124,67

DINHEIRO JUNTADO ATÉ AGORA 0

Olha para o documento e muda o 0 para 0,00 para lhe dar um ar mais de acordo com os conformes. Depois, abre a lista de contactos. Olá, Sra. Salehi, o Zargham está aí?

Quem fala?, diz a mãe de Zargham.

Hã, é o PJ.

Será imaginação sua ou faz-se uma pausa de ligeira desaprovação no outro lado da linha?

Depois, a Sra. Salehi diz: Bem, espera aí, PJ, vou ver se o encontro.

De que é que adianta os teus pais darem-te um telemóvel se nunca to deixam usar?, diz a Zargham quando este atende o telemóvel.

Porque me estás a telefonar tão tarde?, diz Zargham.

São oito e meia, diz PJ.

Tenho de me levantar cedo para ir para o campo de férias, diz Zargham. Não parece contentíssimo por falar com PJ. PJ está preocupado; receia ter entrado na conversa com o pé esquerdo.

Vai direto ao assunto. Estou a vender os meus jogos, diz ele.

Estás? Zargham soa surpreendido. Porquê?

Vou comprar uma *Switch*, diz PJ. (Uma das regras da Arte de Bem Vender do seu avô: a melhor maneira de ganhar dinheiro é fingir que não se precisa dele.)

A sério?, perguntou Zargham.

Sim, é por isso que me estou a desfazer dos meus jogos antigos, diz com naturalidade PJ. Pensei em contar-te a ti primeiro.

No outro lado da linha faz-se um silêncio complexo e prolongado.

Então não é porque deves cento e sessenta e três euros ao Orelhas?

Ah, ah, ouviste falar disso?, diz PJ com ligeireza.

A minha *mãe* ouviu falar disso, diz, pesaroso, Zargham. Ouviu dizer que andaram os dois ao soco na rua.

Não foi nada disso que aconteceu, diz PJ. Foi só um mal-entendido. Já o resolvemos. E então, o que me dizes? Estás interessado?

Quanto?, diz Zargham.

Vinte cada?, diz PJ como se não tivesse verdadeiramente pensado na questão do preço.

Faz-se silêncio no outro lado da linha. Zargham está a pensar e a fazer contas, e PJ tem apenas de controlar a ansiedade, mas ouve-se dizer de repente: *OK*, dez. *FODA-SE*, fez precisamente o que não devia fazer, porque agora Zargham está todo do género: Não sei, já tenho muitos jogos.

Não queres pelo menos dar-lhes uma vista de olhos?, diz PJ. Passa por cá amanhã, posso mostrar-tos.

Ando muito ocupado com o campo de férias, diz Zargham.

Vem cá depois do campo, diz PJ.

Zargham hesita, expelindo ar pelo nariz. Depois, diz: Acho que a minha mãe não quer que continuemos a ser amigos.

Uma pequena punhalada no coração de PJ. Por causa da cena com o Orelhas?

Não sei. Por isso. Ou outra coisa.

Sim, ele já adivinhava. Mas finge que não tem importância. E se nos virmos só por acaso? Não terias culpa se nos encontrássemos ao calhas, não é?

Não sei, diz, triste, Zargham.

OK, não faz mal, diz PJ. Mas também está triste.

Recompõe-se e faz mais algumas chamadas. Mas o mercado está difícil. A maioria dos rapazes com quem fala já sabem do que aconteceu com o Orelhas, o que os leva a tentar baixar ainda mais os preços ou a evitar por inteiro as suas ofertas, como se os seus bens estivessem amaldiçoados — como se fossem relíquias de um morto. Vende o *skate*, que lhe custou cem euros, por apenas cinco, uma consola portátil por três euros, a sua adorada coleção de *Calvin & Hobbes* por cinquenta cêntimos. No fim, consegue apenas juntar uma ninharia: é como levar uma segunda sova.

Tiveste sorte?, pergunta-lhe Nev numa mensagem.

Não, responde, e em seguida: N me podes emprestar?

É do conhecimento geral que Nev recebeu mil euros na Primeira Comunhão. E também é do conhecimento geral que ainda não gastou um cêntimo desse dinheiro.

Acho que não, diz Nev.

Anda lá meu és o meu melhor amigo, diz ele; não tinha pensado nisto antes, mas é provavelmente verdade e, por conseguinte, muito deprimente.

Gostava de emprestar, diz Nev. Só k n sei se me devolves. Tipo a tua família tá a entrar em liquidação e isso tudo.

Eu devolvo. Vou vender os meus jogos.

Por favor, diz ele.

Dois sinais de «visto» ao lado da mensagem comprovam que Nev recebeu a mensagem, e estes mesmos sinais adquirem o tom azul que demonstra que a leu. Todavia, decorrem alguns segundos até responder. Se calhar podemos chegar a um acordo

OK, diz PJ, que tenta ignorar a onda de Imperador Palpatine desta conversa.

Posso emprestar te o guito temporariamente, escreve Nev.  
TEMPORARIAMENTE.

PJ sente-se nas nuvens. Temporariamente.

Mas quero uma coisa em troca

OK o quê

Quero foder a tua irmã

O quê?, diz em voz alta PJ de olhos postos no telemóvel, e depois escreve: Vá lá a sério

Estou a falar a sério, diz Nev. Dou te o € todo mas primeiro quero fodê-la

FDX. Ok vai em frente fode a minha irmã quem te impede

n tu tens de a fazer foder me e tem de ser sexo completo n só broche como caralho é suposto fazê-la foder-te

Isso é problema teu, diz Nev.

E pouco depois: ok então um broche

qual é o teu problema pá

qual é o TEU problema oh espera já me lembrei a tua família tá fodida e o vss stand a ser liquidado e o teu pai roubou uma cliente e vais ficar com os ossos tds partidos

vai te foder, escreve PJ.

Vê aparecer um sinal de «visto», depois outro.

Mas não recebe mais nenhuma mensagem.

Esta noite, Cass não está a ler os seus livros nem colada ao telemóvel. Está simplesmente deitada na cama. Tem os olhos abertos, mas não parece aperceber-se de que ele entrou no quarto. PJ pigarreia e ela dá um salto com o susto. Meu Deus, diz ela. Porque estás sempre a entrar-me pelo quarto?

Só queria falar contigo de uma coisa.

Já te passou pela cabeça que estou no meu quarto precisamente porque *não quero* falar?, diz ela.

Só demora um segundo, promete ele.

Cass suspira de desespero e senta-se na cama. Que te aconteceu aos olhos?

Fui contra uma árvore, diz PJ.

Boa, diz Cass. E então?

Bem, pois, então é assim..., diz PJ com ar miserável. Depois, pigarreia e olha para os sapatos. *Conheces o meu amigo Nev? Com a sua personalidade cativante e uma vasta coleção de jogos de PlayStation, custa até acreditar que este jovem expedito esteja solteiro...*

Estava aqui a pensar na criada da Elaine, diz ele, ao invés.

Na criada?, diz Cass, lançando-lhe um olhar atento.

Sim, lembras-te daquela criada que ela tinha? Que eles tinham? Acho que ela era do Brasil, ou assim.

Vieste aqui perguntar-me pela criada da Elaine?, diz Cass.

Ela foi-se embora ou...?

Sim, diz ela pouco depois. Foi-se embora.

Hummm, diz ele, fingindo estar a pensar no assunto. Só mais uma coisinha...

Não consigo falar contigo tendo tu os olhos assim, diz ela, deitando-se sobre a almofada.

DEZ PRINCIPAIS MOTIVOS POR QUE A CASS É UMA CABRA  
#6: INCAPAZ DE AJUDAR QUEM QUER QUE SEJA EM QUE  
SITUAÇÃO FOR.

No entanto, quando PJ está prestes a sair, chama-o: Espera!

Ele dá meia-volta. O pai alguma vez te disse alguma coisa sobre o tio Frank?, pergunta.

Sobre o tio Frank?, repete ele.

Sabias que ele esteve noivo da mãe?, diz ela.

PJ olha-a sem compreender. Quem?

O tio Frank. Mas depois ele morreu e foi o pai que casou com ela.

PJ reflete sobre isto. Parece-lhe uma solução sensata. Mas há mais.

Eu nasci cinco meses depois de eles se casarem, diz ela.

Interessante, diz PJ com um aceno de cabeça. *Cento e vinte e quatro euros e sessenta e sete cêntimos*, ecoa no seu cérebro.

Imagina, diz ela lentamente, que não és a pessoa que toda a vida achaste que eras.

Fita-o com um olhar sinistro. PJ pressente que ela está à espera de uma qualquer reação, mas não sabe ao certo qual. Queres dizer... desculpa, de quem é que estamos a falar?

Cass revira os olhos. Esquece, diz ela.

O quê?, diz ele. Diz-me.

Não interessa, diz ela, e logo pega no telemóvel para mostrar que a conversa acabou.

Ele afasta-se de novo, sentindo-se muito infantil e parvo, algo que lhe acontece com frequência quando fala com Cass, embora se lembre de uma época em que as coisas não eram assim — quando ela, na verdade, era a sua melhor amiga, apesar de saber que não era o melhor amigo dela, e ao recordar essa época, para à porta e diz-lhe sem mais rodeios: Olha, eu não to queria pedir, mas preciso mesmo de dinheiro, porque há um tipo, o Orelhas, que pensa que o pai o roubou e agora anda atrás de mim...

Oh, meu Deus, diz Cass.

Sim, diz ele, é mesmo tramado. Se tivesses pelo menos uns cinquenta euros...

Mas ela está a olhar para o telemóvel. A Elaine voltou!

Ou pelo menos vinte?

Desculpa! Ela levanta-se de um salto. Tenho de ir!

Não consegue dormir. Ouve alguém lá fora, à janela, sempre que fecha os olhos. Acaba por sair da cama e abrir a porta. Vai até ao patamar. Está tudo em silêncio, a escuridão é absoluta. Lembra-se de como, em pequeno, podia ir para o quarto da mãe e do pai quando tinha medo. Enquanto dormiam, pareciam os dois muito maiores e inchados, como grandes animais marinhos — morsas ou baleias — a descansarem na cama. E bastava-lhe aninhar-se debaixo de uma barbatana para que o mundo e os seus monstros desaparecessem.

O cachalote é o animal com maior poder de vocalização do mundo. Comunica através de guinchos e estalidos mais sonoros do que a

descolagem de um foguetão. Quem falasse com um cachalote depressa ficaria com os tímpanos rebentados.

Vai ao quarto de banho e vê o seu rosto, pequeno e triste, iluminado pela luz branca do candeeiro, que emite um zumbido. Imagina Zargham, Elaine, Cian Conlon, todas as pessoas que conhece a assistirem ao seu espancamento — estas pessoas riem-se e publicam fotos com a legenda MARICAS nas redes sociais, ou pensam, no seu íntimo, que é um rapaz miserável e muito azarado. E a *internet* guardará para sempre aquelas imagens, e todos poderão vê-lo estendido no chão e o Orelhas a arrear-lhe forte e feio com um martelo.

No andar de baixo, a malinha da mãe está a abarrotar de listas de compras e de raspadinhas já usadas. Depois de a vasculhar sem encontrar nada de relevante, esvazia-a na bancada e encontra, por fim, uma nota de cinco euros cinzento-verde muito amarrotada. Pega-lhe e segura-a à sua frente por muito tempo. Permanece assim, em silêncio e imóvel na cozinha escura, até a pôr de volta na malinha, para onde atira também a restante tralha, como talões de compras e de estacionamento, até deparar com outra coisa no meio dos trocos. De início, parece-lhe uma moeda, mas não é: é mais leve e oval, não redonda. Tem gravada a imagem de uma mulher de túnica, com as mãos estendidas e rodeada de estrelas. É uma Medalha de Nossa Senhora das Graças. Ele também tem uma. Tem, de repente, uma ideia. Corre até ao andar de cima, regressa ao quarto e começa a vasculhar o baú. Afasta vários livros de banda desenhada e uma pilha de meias ensanguentadas até encontrar uma caixa. Dentro da caixa está uma medalha idêntica à da mãe, embora esta esteja presa a um fio. Foi Rose quem lha deu da última vez que a viu. Usa-a sempre, disse ela. E, quando estiveres muito aflito, diz três vezes esta oração — nunca falha.

*Nunca falha!* É mesmo do que precisa! Mas onde está a oração? Lembra-se de que Rose a usou para embrulhar a medalha; estava impressa num papel, e ele achava que os tinha guardado juntos. Mas não está ali. Vira o conteúdo do baú no chão. Cartas de *Pokémon* antigas, uma *shuriken* de borracha, esboços mal conseguidos do Wolverine, cartas inacabadas para Elaine. Nada de oração. Foda-se!, diz ele em voz alta, e depois pede desculpa. Puxa pela cabeça. Ela não mencionou uma coisa qualquer sobre uma flor? Uma flor secreta? É difícil ter a certeza, só percebe no máximo cinquenta por cento do que ela diz.

A tia Rose é muito velha. Nunca percebeu ao certo de quem é tia. Costumava trabalhar como cartomante, contou-lhe Cass. Uma vez, há muito tempo, foram visitá-la; vivia numa casinha com um galinheiro e um barracão onde amontoava turfa, por onde PJ se deixou escorregar e se escondeu enquanto a mãe e a tia Rose falavam em voz baixa na cozinha. Agora, a tia Rose está num lar de idosos. Tem bigode e chama Frank ao pai e a PJ, vá-se lá saber porquê, Lar.

Mas Cass diz que ela costumava ter poderes estranhos.

Ela deu-lhe a medalha já no lar de idosos: pôs-lha na mão quando se estavam a despedir. Falou-lhe em voz baixa e rouca, de perto cheirava a couve-flor. Quando passares por dificuldades, disse ela. É como se ela soubesse, pensa ele, como se ela soubesse que lhe iria acontecer tudo aquilo.

Pesquisa no Google «oração da flor sagrada». Obtém 12 000 resultados. O primeiro parece-lhe bastante fidedigno, embora não saiba dizer se é exatamente a mesma oração que ela lhe deu.

Põe a medalha ao pescoço e começa a ler: Ó linda flor do Monte Carmelo, Vinha Abundante...

Parece-lhe estranho ler uma oração no mesmíssimo telemóvel que usou para ver muitas coisas pouco religiosas. Espera que a Nossa

Senhora saiba que a oração lhe é dedicada e que não está a rezar, por exemplo, ao *Candy Crush* ou ao Pornhub.

Esplendor do Céu, Abençoada Mãe do Filho de Deus, Virgem Imaculada, ajudai-me na minha hora de necessidade. Ó Estrela do Mar, ajudai-me e mostrai-me que sois minha mãe. Ó Santa Maria, Mãe de Deus, Rainha do Céu e da Terra, rogo-vos humildemente do fundo do meu coração que me socorrais na minha hora de necessidade:

*[Inserir aqui o seu pedido pessoal à Nossa Senhora.]*

OK, aqui vamos. Pensa que Deus não ficaria satisfeito se lhe pedisse diretamente dinheiro, por isso, fecha os olhos e sussurra às sombras: Por favor, traz o avô de volta a casa.

Reabre os olhos e lê a última parte da oração. Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós. Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós. Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós.

Santa Maria, entrego esta oração em vossas mãos.

Ámen.

O telemóvel vibra-lhe na palma da mão assim que termina a oração. Avô!

EI PÁ TÁS ACORDADO??

Não, é apenas Ethan. Sente-se desapontado. Mas diz para consigo que a oração não vai funcionar de imediato, não é um feitiço. Escreve: Ei sim.

K TAL UMA CORRIDA RÁPIDA?

Não posso é suposto tar a dormir!!!

FIXE, responde Ethan juntamente com um GIF de um Pikachu com óculos escuros e a andar de *skate*.

PJ sorri apesar da sua desilusão. Claro que está tudo bem, que é fixe, com Ethan está sempre tudo fixe.

EI OUVESÓ PARTICIPEI NO CONCURSO DO SAGUI SE GANHARMOS A MINHA MÃE DIZ K PODES FICAR CÁ

Uau isso é fantástico

MESMO K N GANHEMOS SE KISERES SÓ VISITAR VIVEMOS MESMO PERTO DO MCDONALDS:)

Obrigado meu, diz PJ. Pensa, e não pela primeira vez, que seria fantástico se Nev fosse Ethan. Quem me dera k vivesses + perto, diz ele.

EU TB:)

TUDO OK CTG? N PUBLICASTE ND HJ

PJ não responde de imediato. Por norma, nas suas conversas concentram-se apenas nos jogos e não falam sobre o que se passa em casa. Mas não há nenhuma regra que os proíba de o fazerem, pois não? Ethan não é menos seu amigo só por viver longe. Na verdade, não será ele *mais* seu amigo por isso mesmo? Mais do que aqueles que tem aqui, na sua vila? Mais do que aqueles que supostamente «conhece»?

Ah sim aconteceram umas coisas

OH NÃO:(

Pois. Durante algum tempo, é tudo o que diz. Num canto do ecrã está a imagem de perfil de Ethan — um rapaz com um sorriso apatetado e cabelo desgrenhado montado numa bicicleta, num pátio ensolarado, e com uma camisola do Manchester United que levou PJ a provocá-lo por muitas vezes. (É o teu único defeito! NÃO É DEFEITO RED DEVILS PRA SEMPRE!!!)

Depois, escreve: Tou preocupado com um amigo. Os pais dele tão sempre a discutir e ele acha k se vão divorciar e o vão mandar para o colégio interno

:(

Pois + agora 1 tipo anda a pedir lhe dinheiro e ker bater lhe.

EI ISSO É HORRIVEL

Pois é ele anda a dizer coisas doidas do tipo k ker fugir

N sei o k fazer

N o quero trair e contar aos pais dele mas fugir é de doidos não é?

Segue-se uma pausa longa, muito longa.

No topo do ecrã, lê-se *Ethan está a escrever*. Mas não aparece nada, e é como se Ethan escrevesse algo e apagasse constantemente o que acabou de escrever antes de carregar em Enviar. Depois:

DEPENDE

P ONDE PLANEIA IR???

Para a floresta, diz PJ.

O BUNKER ONDE SE DIVERTEM??

Sim

Outra pausa. Em seguida:

É O 1. SÍTIO ONDE VÃO PROCURAR

PJ sabe que ele tem razão assim que lê a mensagem. É óbvio, só uma criança não o teria percebido. Encontrá-lo-ão de imediato e levá-lo-ão de volta para casa, e o Orelhas desancá-lo-á ainda mais por lhe ter tentado escapar.

Certo, diz ele. Uma ideia estúpida de qq maneira acho k ele n o faria mesmo

NÃO N É ESTÚPIDA

UMA VEZ FUGI DE CASA

QD AS COISAS N TAVAM MT BEM

Quando as coisas não estavam muito bem? Esta revelação surpreende-o, porque teve sempre a impressão de que Ethan leva uma vida fácil e agradável. Mas não lhe pergunta porquê, apenas: Para onde foste?

FIQUEI NUM AMIGO

Mas encontraram-te?

ACABAM SEMPRE POR TE ENCONTRAR

MAS CMG TAVAM TÃO PREOCUPADOS K QD ME ENCONTRARAM SE  
ESQUECERAM DE TUDO AQUILO COM K ME ANDAVAM A CHATEAR E AQUILO  
K ME ANDAVA A INCOMODAR

FICARAM MT FELIZES POR ME TER DE VOLTA

POR ISSO RESOLVEU OS MEUS PROBLEMAS EMBORA N TENHA MESMO  
ESCAPADO N PRECISEI DE ESCAPAR

ISSO TVZ FUNCIONASSE TB C O TEU AMIGO????

PJ está estupefacto. Então não precisa, de facto, de fugir — pelo menos de vez. Precisa apenas de um lugar seguro onde se esconder por algum tempo. Depois, os pais passar-se-ão tanto dos carretos que irão resolver o que quer que seja que o levou a fugir. Acabar-se-ão as discussões, não haverá divórcio nenhum, não falarão mais sobre o colégio interno. Não o escorraçarão de casa, não se queixarão de que não para de crescer. Todos o tratarão com respeito e terão em conta os seus sentimentos, incluindo Cass. O avô regressará num jato particular. Elaine correrá ao seu encontro para o abraçar em lágrimas. *Tive tanto medo!* O Orelhas será vilificado, proscrito, e os seus planos para transmitir a sova em direto cairão por terra.

MAS TEM DE IR P 1 SÍTIO ONDE N O ENCONTREM POR ALGUM TEMPO

SE O ENCONTRAREM LOGO N VAI FUNCIONAR

PRECISA DE OS ASSUSTAR

E como é que ele pode fazer isso?, pergunta PJ. O meu amigo, claro.

N CONHECE NGM COM 1 QUARTO A MAIS NUM SÍTIO QQ? É A MELHOR  
SOLUÇÃO A + SEGURA

Não sei, diz PJ. Vou perguntar-lhe.

Vou falar-lhe disso.

Na manhã seguinte, os pais discutem no andar de baixo. Estás a deixar ir tudo pelo ralo abaixo, diz a mãe. E porque hei de ser responsável por isso, hã?, responde o pai. Pago pela melhoria e depois fico preso para o resto da vida? Só te estou a contar o que as pessoas andam a cochichar, diz a mãe. Céus, diz o pai.

Alguns minutos depois, o pai bate-lhe à porta. Como estão os olhos?, diz ele. Podes dar-me uma mãozinha com uma coisa?

Quer ir dar uma vista de olhos ao clube, para ver de que consertos precisa.

Porque tens de lá ir?, pergunta PJ.

Todos temos de fazer a nossa parte pela Tidy Towns, diz o pai. Anda daí.

PJ odeia o clube; a única benesse trazida pelas cheias foi o facto de as instalações estarem fechadas desde então e não ter tido de ajudar o pai, todos os sábados de manhã, a preparar o treino de futebol dos sub-10. PJ praticamente não joga futebol por causa da sua asma (e também porque não sabe jogar muito bem), e ser arrastado à força para ajudar o pai pareceu-lhe sempre um castigo, ou pelo menos uma lição de moral, como se o pai o obrigasse a observar de fora do campo todo o espírito de equipa e a sensação geral de pertença e completude de que ele próprio não tomava parte. O que tornava tudo aquilo particularmente revoltante era que o pai também não jogara futebol em criança. Tenta esconder a sua falta de jeito nos treinos, mas mal consegue dar um chuto numa bola. Só treina os sub-10 porque o tio Frank também foi treinador; quando morreu, o pai tomou o seu lugar. Portanto, parece-lhe uma traição o pai fingir que se importa com aquilo e querer que PJ jogue bem, sobretudo tendo em conta que lhe transmitiu exatamente zero das capacidades de que ele necessitaria para que tal acontecesse.

PJ pensou muitas vezes no quão estranho é recordar que o seu pai teve outrora um irmão, e que ambos cresceram juntos na mesma casa em que mora agora. Em casa, o pai raramente fala de Frank, mas, por vezes, quando estão a arrumar as coisas no fim do treino — a recolher as redes e as caneleiras —, começa a contar histórias sobre ele: conta-lhe como era um futebolista fabuloso, como todos gostavam dele, como marcou este ou aquele golo, como jogava por esta e aquela outra equipa, e como toda a vila o apoiava. PJ nunca percebeu ao certo qual o intuito destas histórias, mas só o levaram a odiar ainda mais o desporto, assim como o tio Frank. Sente um peso na consciência por odiar o tio, uma vez que nunca o conheceu. No entanto, parece-lhe deprimente que o pai lhe fale com tanto afinco sobre este assunto em particular e poucas palavras tenha a dizer-lhe acerca de qualquer outra coisa, para mais tendo em conta que PJ não tem sequer a certeza de que o pai acredite, de verdade, no que lhe conta.

Hoje o céu está de um azul brilhante e límpido e até lhe custa acreditar que houve cheias na vila. PJ olha pela janela do carro para as florestas e para os campos e para as casinhas de madeira com os seus cães e os seus pátios empedrados, os seus baloiços, as suas antenas parabólicas, as suas roupas penduradas no estendal. Passam pelas Creaghan's Stores — como sempre, protegidas por um pequeno exército de botijas de gás amarelas — e depois pela placa castanha da Bord Fáilte que indica a localização da Cantwell House Fishing and Golf, que no Tripadvisor se encontra no oitavo lugar na lista de coisas a ver nas Midlands, embora PJ e Zargham tenham passado um fim de semana inteiro a publicar críticas de uma estrela, nas quais se queixavam de fantasmas (CUIDADO) e outras ocorrências sobrenaturais

(FANTASMA SEM CABEÇA NA SALA DE PEQUENOS-ALMOÇOS, COMO É QUE ISTO TEM QUATRO ESTRELAS???). Isto depois de o gerente os ter expulsado do estabelecimento porque tinham atravessado a pé o campo de golfe. O que sentiria ao olhar para tudo aquilo pela última vez? Mas *não seria* a última vez, lembra, pois tratar-se-ia apenas de uma fuga temporária — por uma, duas semanas no máximo, ao fim das quais se deixaria «encontrar» e regressaria a casa: e então tudo seria melhor!

UM NOVO COMEÇO

E não só para ele, mas para toda a família.

QD FOGES DE CASA OS TEUS PAIS LEMBRAM SE DAS COISAS K  
REALMENTE IMPORTAM

Cass talvez não se vá embora e volte até a ser como era antes; sim, todos eles tornarão a ser como eram antes.

O TEU AMIGO TVZ POSSA FICAR CÁ EM CASA!!!!

Uau isso seria fantástico

SE ELE FOR MESMO TEU AMIGO;)

O clube está em pior estado do que o pai esperava. As paredes ainda estão húmidas e as luzes não acendem. Bem, isto está para lá das nossas capacidades, acho eu, diz o pai. Voltam para o carro sem terem feito nada. Vamos dar uma vista de olhos à loja de ferramentas, diz ele. Arrancam e o pai começa a assobiar.

O pai não gosta das mulheres da Tidy Towns. Chama-lhes Comintern. Estão sempre a pedir-lhe que limpe as manchas de gasolina no parque de estacionamento do *stand*.

Hoje vais estar com o teu amigo?, pergunta ele.

Qual amigo?, diz PJ.

Como é que ele se chama... o Nev.

PJ responde-lhe com um silêncio pleno de sentido cujo significado, contudo, o pai não apreende. Consta-me que vocês os dois já conhecem a floresta como a palma da vossa mão, diz ele. Estão sempre lá metidos!

PJ sente de imediato um aperto no estômago. O pai volta-se para ele com um sorriso. Sim, sim, responde.

O pai volta para a estrada. Aquele barraco que há lá na floresta, diz ele, costumava ser usado para guardar gelo, se não me engano. O Victor acha que o podíamos converter numa cabana, ou coisa assim. Era fixe, não era? Assim tínhamos um retiro de montanha nas traseiras da casa.

Hum-hum, diz PJ. Preocupa-o a possibilidade de se cruzar com o Orelhas na loja de ferramentas. Mas é pouco provável, não? A menos que o Orelhas lá tenha ido comprar martelos.

Eu e o teu tio Frank costumávamos usá-lo como base, diz o pai. Estávamos lá metidos noite e dia. A brincar à Guerra das Estrelas e por aí. Isso foi antes de o Frank começar a levar o futebol a sério.

Pois, diz PJ.

Uma vez, diz o pai, decidimos que íamos fugir de casa.

PJ, sentado no lugar do pendura, fica aterrorizado. Será que ele sabe de alguma coisa?

Foi o teu tio Frank que teve a ideia, diz o pai. Ele é que traçava sempre os planos. Já não me lembro do motivo. Já não sei se um de nós ou os dois estávamos zangados com os nossos pais, ou se era apenas pela aventura. Seja como for, o teu avô descobriu tudo, vá-se lá saber como, e quando fomos para o barracão na floresta a meio da noite, ele estava lá à nossa espera. E foi assim que acabou a nossa fuga.

Ri-se. Provavelmente nem precisava de se ter dado a tanto trabalho. Duvido que tivéssemos chegado muito longe depois de comermos as provisões que levávamos. E o teu tio foi sempre muito caseiro.

Era eu que queria fugir de casa, diz ele.

Cala-se por um instante. As árvores e os edifícios correm em direção ao para-brisas e afastam-se no último segundo. O pai vira-se uma vez mais para o encarar e sorri-lhe, indicando-lhe assim que a história terminou. PJ apercebe-se de que ele não sabe de nada e não se trata de uma armadilha. E mais: quando o fita, repara que é de novo o seu pai, que o seu velho pai está ali, naquele rosto, como já não estava há uma eternidade, embora PJ não consiga explicar exatamente como. E, de repente, descobre que quer, acima de tudo, contar-lhe tudo — sobre a rapariga que em segredo habita a casa inacabada, sobre o homem com a tatuagem nazi, sobre a sova que o Orelhas lhe deu no salão de jogos, sobre os 163 €. Sobre Ethan e o colégio interno e o seu plano para fugir de casa e reunir a família. Não quer apenas contar-lhe tudo isto: parece-lhe, na verdade, que os consegue imaginar aos dois depois de lhe contar o que lhe quer contar, sim, ambos a rirem-se a bom rir. E depois imagina-se a dizer a Zargham que foi tudo um mal-entendido, uma falha de comunicação. Acreditas que eu pensei mesmo em fugir de casa?!

Imagina tudo isto com tanta nitidez que é como se já tivesse acontecido. Uma sensação de alívio percorre-lhe calorosamente o corpo, como se tudo tivesse acabado bem sem que precisasse de dizer o que quer que fosse. Mas vai mesmo contar tudo ao pai; vai, pois. Se o próximo carro com que se cruzarem for azul, vai contar-lhe tudo. *OK*, depois de passarem a colina. *OK*, assim que estacionarem. *OK*, quando estiverem dentro da loja.

A loja tem já disponíveis diversos artigos de Halloween, entre eles uma avozinha *zombie* com os braços esticados e um telefone antigo que grita quando se lhe levanta o auscultador. E um tapete de entrada que, quando pisado, se ilumina e diz em voz grave: *Bem-vindo à tua perdição*.

Que chungaria!, diz o pai com uma gargalhada. Atira o tapete para o cesto. Compra também alguma lixívia para limparem o clube. Depois, telefona a Victor e faz-lhe algumas perguntas sobre um qualquer material que ele lhe terá mencionado, e tratam então de o procurar. *Conta-lhe agora!*, diz para consigo PJ, mas, enquanto procuram o material pelos corredores, é o pai quem lhe diz que da última vez que ali foi tinham um gorro com uma luz LED incorporada que seria útil à mãe quando corresse no inverno, e PJ sabe que este é o momento certo para falar, mas não quer estragar a sua boa disposição, embora esta já se tenha estragado de qualquer maneira — foi ele próprio que a estragou com as suas hesitações.

E agora estão de volta ao carro e dirigem-se a casa. *CONTA-LHE CONTA-LHE CONTA-LHE*, grita no seu íntimo. Os relvados secos e amarelos estão a adquirir um tom acastanhado. Passam pela fábrica de *microchips*, pelo lago, de novo pelas Creaghan's Stores. Cruzam-se com um carro da polícia vindo no sentido oposto, o pai acena com a cabeça, o polícia levanta um dedo do volante e já não lhe resta muito tempo e PJ remexe-se no assento e obriga-se a dizer: Pai, tenho de te perguntar uma coisa.

Sim, PJ, o que é?, diz o pai.

Bem, eu sei que é de doidos, mas um tipo que encontrei no salão de jogos disse..., começa PJ. Depois, ouvem uma sirene atrás deles.

O carro da polícia está agora no seu encalço. Deve ter feito inversão de marcha. O pai liga os quatro piscas e encosta à berma da estrada.

Olá, Ken, diz o pai.

Olá, Dickie, diz o polícia. Olha pela janela para PJ. Olá, jovem, diz ele.

Tenho alguma luz fundida, Ken?

Não, não, nada disso. O polícia tem um rosto sardento e pastoso, tal como 95% das pessoas da vila, mas tem também olhos como que feitos de gelo, e mais parece um robô que os fitasse por debaixo de uma máscara. Não te queria assustar, mas lembrei-me de uma coisa quando te vi.

Ah, sim?, diz o pai.

Sim. Tens a trabalhar contigo, lá no *stand*, um tal Ryszard Brankowski?

O Ryszard? Oh, sim, tenho — quer dizer, tive.

Já não trabalha lá?

Não. Desapareceu; foi-se embora.

Sabes para onde foi?, pergunta o polícia.

Não me lembro ao certo, deixa-me cá pensar... O que é que ele me disse? Já foi há algum tempo, só trabalhou connosco dois meses. Porquê, meteu-se em sarilhos?

Se o vires, avisa-me, diz o polícia, que dá uma palmadinha no chapéu com a palma da mão. Boa sorte!

Tudo de bom, Ken, diz o pai. Em seguida, liga o motor, mas espera que o carro-patrolha faça nova inversão de marcha e se afaste no sentido oposto antes de dar sinal e regressar à estrada.

O que foi aquilo? O que se passa?, pergunta PJ. Mas o pai não lhe responde e, não muito depois, encosta novamente à berma.

Porque estamos a parar?, diz PJ.

No entanto, o pai volta a não lhe responder, e quando PJ se vira para o fitar, repara que está branco como a cal. Tem os olhos esbugalhados e os dentes cerrados, e está a agarrar no volante com tanta força que mais parece que as falanges lhe vão saltar das mãos a qualquer momento.

Pai?, insiste PJ. Pai? Estás bem? Pai? Abana-lhe o braço, mas não obtém resposta, é como se ele não estivesse ali: desapareceu de novo, e desta feita por completo. PJ tem um mau pressentimento. Olha para a estrada — se vir alguém aproximar-se, poderá fazer-lhe sinal. Contudo, como não aparece ninguém, saca do telemóvel e começa a marcar o 112, mas deixa-o cair para debaixo do assento, e quando se curva para o procurar, o pai começa a fazer um barulho, um grunhido horrível, ou um grunhido invertido, como se tentasse respirar fundo e não conseguisse, e continua a não aparecer ninguém na estrada, não há carros nesta estrada sempre tão movimentada, como se todos se mantivessem deliberadamente afastados dali. Uma voz atende a chamada algures debaixo do assento, mas quando tenta falar, PJ apercebe-se de que não sabe o que dizer. *Está?*, diz a voz. *Está? Está aí alguém? Está?* É o meu pai, murmureja PJ para debaixo do assento. É o meu...

De repente, o pai respira fundo, levanta a cabeça, olha para a esquerda e para a direita, volta-se para PJ e diz: Sou capaz de passar primeiro pelo Lidl para comprar uns folhados de salsicha para o almoço, e depois conduz *como se não tivesse acontecido nada...*

Não me querias perguntar uma coisa?, diz.

*Está, está*, diz a voz ao telemóvel. PJ apanha o telemóvel, desliga a chamada e guarda-o no bolso. Olha para a estrada. Não é importante, diz.

Num derradeiro esforço, tenta de novo vender as suas coisas. Vende o *iPod* a um rapaz no Subway que parece nunca ter tido um corte de cabelo enquanto o amigo do rapaz ouve Drake no telemóvel e come maionese diretamente da saqueta de plástico. Um rapaz do ano abaixo do dele compra-lhe uma série de jogos por um euro e, quando lhos

entrega, amedronta-se, insiste para que PJ os aceite de volta e diz-lhe que fique com o dinheiro. Um conhecido de Cian Conlon promete comprar-lhe o drone por vinte euros, mas não aparece e deixa de lhe responder, apesar de estar a jogar *League of Legends* em direto no seu canal na *Twitch*, por isso, PJ vende-o a um sujeito que encontra à saída do *pub* em troca do que ele tem na carteira (5 €). Rowan envia-lhe uma mensagem do nada, diz que está interessado em dar uma olhadela à sua coleção de *Yu-Gi-Oh!*, mas quando se encontram no jardim em frente à biblioteca, fala-lhe apenas de Cass. PJ diz-lhe que a irmã não tem namorado e que parece deprimida. Rowan fica claramente contente com as informações e compra-lhe as cartas todas. Depois, PJ monta a bicicleta para se encontrar com os rapazes que estão a sair do campo de férias. Uma pistola de água, um conjunto de plasticina, uma *Poké Ball* que lê pensamentos: tem de vender tudo. Livrar-se de tudo isto exerce sobre ele um estranho fascínio e PJ está exaltadíssimo, como se houvesse saltado de um avião e estivesse agora em queda livre. Quando chega a casa, guarda o dinheiro no baú, esconde-o debaixo das meias, e atualiza o documento onde anotou o valor já angariado. E então sente-se desanimar, porque não é suficiente. Longe disso.

Diz para consigo que, de qualquer modo, aquilo de nada lhe serviria — pelo menos a longo prazo. Até podia saldar a dívida ao Orelhas, mas seria apenas uma questão de tempo até enfrentar o próximo problema, o próximo desastre. Os problemas vêm de dentro: têm origem na sua família. E a menos que aconteça algo que lhes ponha termo, vão continuar a acumular-se e a piorar, como nuvens negras de um petroleiro em chamas, até tudo estar manchado de preto, até todos sufocarem com o seu fumo venenoso.

Faz *login* no fórum. Poucos segundos depois, recebe uma mensagem.  
ENTÃO NC + APARECIAS!

Olá, escreve em resposta. Lembras-te do k falámos no outro dia sobre o meu amigo?

A partir de então, tudo decorre com celeridade. Ethan sabe exatamente como proceder. Primeiro, há que fazer a mala e escondê-la num sítio seguro e longe de casa. Isso significa que i) não há como descobrirem a mala; ii) PJ está pronto a partir a qualquer momento. Enche uma mochila com dinheiro, comida, um carregador de telemóvel e duas mudas de roupa e, uma vez no *Bunker*, consegue enfiá-la à força no buraco debaixo do chão.

Em seguida, tem de eliminar as pistas.

A PARTIR DE AGORA TD NO TEU QUARTO É UM ENGODO

Tem de deixar uma nota com os horários do *ferry*, ou com números de voo.

O FERRY É MELHOR PQ N DEIXA RASTOS C PAPELADA

Escreve uma lista de destinos longínquos. É o que vão encontrar quando te fores embora.

VÃO ACHAR K TÁS MT LONGE

Tudo o que lhes atrase a busca é uma ajuda.

Confessou ontem à noite que não há «amigo» nenhum.

LOL SIM JÁ TINHA PERCEBIDO!!!!:)

Então posso ficar em tua casa?

CLARO!

Mas tenho de me esconder dos teus pais? Tipo é provável k apareça nas notícias

LOL OS MEUS PAIS NUNCA VEEM AS NOTÍCIAS TÃO SMP MT OCUPADOS C  
TRABALHO VÃO FICAR CONTENTES POR TER ALG C QUEM BRINCAR

A MINHA MÃE FEZ BISCOITOS VOU GUARDAR TE UNS!!!!:)

Uau isso é fantástico, obg

Ethan é, de facto, um belo amigo, pensa PJ. Na verdade, pode até ser o seu melhor amigo. É um pouco estranho ter como eventual melhor amigo alguém que nunca viu, mas as coisas são o que são. Enquanto pensa nisto, recebe uma mensagem: SEM PROBLEMA MEU

ÉS O MEU MELHOR AMIGO NO FÓRUM

TALVEZ O MEU MELHOR AMIGO DE TODOS!!!!

Obrigado meu, diz PJ. E tu o meu.

A última parte do plano. Reveem-na juntos. Um autocarro liga a vila a Dublin quatro vezes por dia. PJ vai apanhá-lo numa paragem fora da vila, para que ninguém seu conhecido o veja. Assim que chegar à cidade, Ethan vai encontrar-se com ele na estação rodoviária e levá-lo para sua casa.

Vais lá estar, não vais? PJ sente-se de repente nervoso quando pensa que estará sozinho em Dublin.

LOL N TE PREOCUPES

Dá o seu número a PJ. PJ dá-lhe o seu.

+ FAZ DOWNLOAD DISTO

É uma aplicação — uma aplicação que ajuda o utilizador a encontrar os amigos. Se se desencontrarem, Ethan poderá descobrir onde está.

Uau isto é mesmo à profissional, diz PJ.

IRRITA SE PLANEARES TUDO + DPS CORRE MAL POR CAUSA DE 1  
COISINHA

PJ não acredita que algo possa correr mal. Parece-lhe que tem as coisas bem delineadas. Na verdade, é tudo muito simples, quase até demasiado simples, porque seria de esperar que algo tão drástico fosse mais complicado, que demorasse mais tempo a planear. No fundo, quer que demore mais tempo. Mas já tem tudo pronto. Nessa noite, quando se deita na cama, sente-se como que a correr e a perder o pé. O amanhã abre-se sob ele como um abismo.

N achas k é covarde? Tipo fugir dos meus problemas?

TÁS A FUGIR PRA RESOLVER OS TEUS PROBLEMAS

+ PRA AJUDAR A TUA FAMÍLIA!

PARECE ME MT CORAJOSO!!!!:)

MAS TB DIVERTIDO!!! VAIS TER FÉRIAS DUAS SEMANAS!!! E QD VOLTARES VAI SER TD MELHOR!!!!!!:)

SEJA COMO FOR PARECE K N TENS ESCOLHA!!!!!!:)

Olha, PJ, diz a mãe, está ali um dos teus colegas a acenar-te.

PJ vira-se dentro do carro e vê o Orelhas parado no passeio entre as faixas de rodagem e de olhos postos nele.

Está a acenar-te, PJ. Não podes acenar-lhe também, como um ser humano civilizado e decente?

E PJ, com uma mão que parece não ter peso, não ter ossos, acena ao Orelhas, que abre um pouco o casaco e lhe dá a ver um martelo suspenso entre o cinto e as calças. Quando o carro avança com uma lentidão dolorosa, o Orelhas, radiante, mostra-se tão orgulhoso quanto um gladiador que se vangloriasse da sua força perante o cadáver estripado de um inimigo derrotado.

Vou sair, mas volto num instantinho, diz ele à mãe quando chegam a casa.

Hum, diz a mãe enquanto limpa a bancada.

PJ para à porta. Acho que não demoro muito, diz ele.

Muito bem, diz ela, e depois, como ele ainda não saiu do sítio, acrescenta: PJ, ou entras, ou saís! Decide-te de uma vez e fecha-me essa porta! Sinceramente, não sei o que te ensinam no raio da escola.

Está um sol radiante. Sai de casa. E ouve uma voz, vinda algures de debaixo dos seus pés, dizer-lhe: *Bem-vindo à tua perdição.*

Atravessa o campo em direção à floresta. Alguns pássaros sobrevoam-no. Uma luz dourada inunda o céu azul.

EI OLHA SÓ O K CHEGOU!!!!

PJ vê o *Black Dawn II* na sua caixa, sob uma luz azul, pousado numa mesa. OMG já saiu?

PODEMOS COMEÇAR A JOGAR ASSIM K CHEGARES CÁ!!!!

Uau mesmo a tempo! Vou a caminho!

Olha de novo para a imagem. Esse é o teu quarto?

OH É TIPO UNS ARRUMOS C TRALHAS

N VAIS FICAR NESTE QUARTO

FOI ONDE TIREI A FOTO

AVISA QD TIVERES NO AUTOCARRO!!!

Para na orla da floresta. As meias! Deixou as meias manchadas de sangue dentro do baú. Quando descobrirem que desapareceu, os pais vão possivelmente vasculhar-lhe o quarto, e assim encontrarão decerto a pilha de meias, o que, por sua vez, diminuirá o impacto do seu

desaparecimento. No fim de contas, quem sente a falta de um rapaz que amontoa em segredo meias sujas e ensanguentadas? Talvez prefiram até que nunca mais regresses!

Olha para o telemóvel. Se voltar agora para casa, provavelmente não apanhará o autocarro das onze horas. Mas há outro às duas da tarde. Dá meia-volta e corre até casa. Esqueci-me de uma coisa, diz à mãe.

Ah, sim?, diz ela. A sério? Acena com a cabeça a PJ e aponta para o telemóvel: está a falar com alguém.

Quando se dirige ao quarto, vê, pela porta aberta, Cass sentada na cama com um livro de Matemática na mão. O que foi?, diz ela.

Nada, responde ele. Só vim dizer olá.

Hum, diz Cass.

DEZ PRINCIPAIS MOTIVOS POR QUE A CASS É UMA CABRA  
#7: NEM SEQUER CONSEGUE DIZER OLÁ A UMA PESSOA.

Vai arrepender-se quando PJ desaparecer. Vão todos arrepender-se.

Isso fá-lo pensar numa coisa. Não disseste que a Elaine voltou?

Cass solta um suspiro de desespero.

Fazes-me um favor? Diz-lhe que o Max Winter lhe manda cumprimentos.

Saíste-me cá um psicopata!, diz ela sem tirar os olhos do livro de Matemática.

No quarto, olha uma última vez os seus livros e brinquedos. E os pósteres da *Skulduggery Pleasant* e dos Peixes da Islândia. Adeus, *Beinhákarl* (tubarão-frade); adeus, *Marsíli* (galeota-menor). Os peixes olham-no com indiferença. Tudo é indiferente, tudo lhe parece raso, superficial, quando, em boa verdade, o que mais deseja é que tudo aquilo tenha substância, emoções! É como se, para o seu quarto, já se tivesse

ido embora; como se tivesse concluído o nível de um jogo a que nunca mais regressará. Envergonhado, abre o baú, tira as meias, põe-nas dentro de uma fronha de almofada. Quando regressar, diz para consigo, comprar-lhe-ão todas as meias que quiser. No entanto não acredita nisto, porque o futuro também lhe parece raso, superficial — um peixe que o fitasse, com olhos vidrados, no Oceano Ártico.

Algo brilha no tapete. É a Medalha de Nossa Senhora das Graças; deve tê-la tirado do sítio e deixado cair quando mexeu nas meias. Apanha-a e aperta-a por um momento no seu punho cerrado. Não se lembra da oração. Diz apenas, para consigo: *Por favor*.

De volta ao andar de baixo, está prestes a sair pela porta quando a mãe o chama. Ei, PJ. Estás aí?

PJ imobiliza-se com a fronha cheia de meias na mão.

Anda cá, por favor.

Onde é que ele tinha a cabeça? Achava mesmo que ela não ia reparar? Arrasta-se de volta até junto dela, e agora consegue ver claramente o futuro, que se desenrola diante dele de modo insuportável, cena após cena: descoberta das meias / mãe horrorizada / plano arruinado, PJ de castigo, o Orelhas surge para o confrontar, colégio interno, etc., etc.

Estive ao telefone com a Marita Scanlon, diz ela. O nome não diz nada a PJ, que, contudo, tenta parecer atento enquanto esconde lentamente a fronha atrás das costas.

Pertence à direção do Lions Clube, diz a mãe. Era suposto terem o jantar anual esta quinta-feira com o Paddy Wall como convidado de honra. Mas o Paddy Wall caiu de um escadote e vai passar os próximos três meses de cama. Por isso, adivinha quem é que vão convidar em vez dele?

PJ não faz ideia do que é que isto significa, mas a mãe parece vibrar com uma energia radiante, intensa. Se fosse outra pessoa, diria que se está a conter para não rir à gargalhada. Quem?, pergunta ele.

O Maurice!, exclama a mãe. Vão trazer o Maurice de Portugal! Escolheram-no como novo convidado de honra do jantar.

O avô vai voltar!

Não é uma bela notícia? Perguntei à Marita se ele vem mesmo, porque o convidaram muito em cima da hora e já se sabe como é, está sempre muito ocupado com o clube de golfe, e ela disse que sim, que ele vai jogar golfe no dia seguinte, mas pode voar até cá na quinta-feira e regressar a Portugal na manhã seguinte.

O avô vai voltar, repete ele, em transe.

Ele mesmo, diz ela. É melhor contar ao teu pai, diz ela, dirigindo-se à bancada do pequeno-almoço em passos de dança.

O avô vai voltar! C'um caraças!

De volta ao quarto, a primeira coisa que faz é sacar da medalha e beijá-la. Obrigado, Deus! Obrigado, Nossa Senhora, Flor Sagrada, por pedires ajuda a Deus! E, acima de tudo, obrigado, tia Rose. Uau, ela não lhe tinha mentido acerca da oração. Sente-se mal por causa do sujeito que caiu do escadote abaixo e começa a rezar pelas suas melhoras, mas desiste a meio da oração, porque está demasiado excitado. O avô vem aí! Chega depois de amanhã! Imagina-o já à porta e com os braços cheios de presentes! Dará dinheiro ao pai, que resolverá o que há de errado com o *stand*; a mãe, por seu turno, comprará de novo o creme hidratante certo e deixará de se zangar por causa da sua pele; Cass irá para a universidade; e PJ pagará ao Orelhas e não terá os ossos todos partidos — em suma, toda a gente ficará feliz e não mais falarão em divorciar-se

ou em inscrevê-lo num colégio interno, e tudo ficará outra vez bem a partir de então e para sempre! Viva, viva!

Ethan é a primeira pessoa a quem conta a novidade.

FANTÁSTICO!

Eu sei, tava mesmo a ir para o autocarro!

!!!

E O PLANO?

Bem, já não preciso de fugir!

N PRECISAS??

TENS A CERTEZA K O TEU AVÔ TE VAI DAR O \$\$\$ K PRECISAS?

Quase a certeza. Quer dizer, ele é bastante rico.

FIXE!!!!

K engraçado eu tava a 30 segundos de me ir embora

LOL BEM SE N RESULTAR JÁ TENS PLANO DE RESERVA

CERTO???:)

Obrigado pá por tudo

ESQUECE LÁ ISSO AMIGOS PRA SEMPRE

Não é fantástico?, diz ele a Cass.

Ela está a maquilhar-se ao espelho. Nunca ouviste falar em bater à porta?, comenta ela.

Sim, está bem, desculpa, diz ele. Mas é fixe, não é?

Oh, sim, jantar no Lions Clube e passar horas sentada numa sala de hotel com duzentos velhotes, *que fixe*, diz ela.

DEZ PRINCIPAIS MOTIVOS, oh, que se lixe, que interessa, está demasiado bem-disposto para que Cass o incomode.

A mãe está num frenesim de limpeza. Mais parece um tornado que estivesse a arrasar a casa inteira. Ainda bem que escondeu o dinheiro e as coisas da fuga no *Bunker*, porque ela também lhe limpa o quarto e grita-lhe quando descobre um iogurte de que ele se esqueceu.

Porque é que também estás a limpar isto aqui?, pergunta PJ, porque não é que o avô vá entrar no seu quarto. Mas a mãe responde-lhe apenas com um olhar de Medusa. Depois, passa-lhe um esfregão para a mão. Limpa a casa de banho, diz ela.

Na manhã seguinte, assim que acabam de tomar o pequeno-almoço, a mãe enfia PJ e Cass no carro. Vão a Dublin comprar roupas novas para o jantar do Lions Clube.

Pensava que não tínhamos dinheiro, diz Cass.

Deixa-te de comentários parvos, Cass, já tenho que me chegue, diz a mãe.

Não é um comentário parvo, só estou admirada.

CASSANDRA BARNES!, diz a mãe e, depois, em tom mais baixo, acrescenta: Vou dizer-te isto uma vez, e só uma vez. Há muito em jogo neste jantar. É muito importante passarmos a imagem cert...

Cuidado!, grita Cass. A mãe estava a conduzir sem olhar para a estrada, porque se tinha virado para lhe dar um sermão, e agora um camião buzina e dá uma guinada e ela sai-lhe da frente no último instante, tratando também ela de buzinar e de gritar, Oh, vai buzinar ao raio que ta parta, Ollie McGettigan, desaparece-me mas é da vista, seu tarado, volta para a Feis Ceoil, lá é que estás bem a olhar para os cus das meninas.

A mãe tem sempre um fluxo de insultos pronto a soltar a qualquer altura, é uma característica sua que PJ sempre admirou.

Mas o avô tem dinheiro, não tem, mãe?, diz PJ, só para se certificar de que não está a apostar no cavalo errado.

O Maurice tem dinheiro, sim, diz ela. E vai querer ajudar-nos *se* parecermos estar a aproveitar o melhor possível a situação e esta treta toda não for culpa nossa. É por isso que precisamos de nos vestir bem para representar esse papel.

A melhor maneira de ganhar dinheiro é fingir que não se precisa dele, diz PJ.

Exatamente, diz a mãe.

Porque é que o pai não vem também?, pergunta Cass. Não precisa de representar o papel dele?

Nem me fales desse homem, diz a mãe.

Acho que ele está a fazer qualquer coisa com o Victor, diz PJ. Uma coisa para salvaguardar o futuro.

Salvaguardar o futuro, o tanas, diz a mãe. Só se for para salvaguardar o Victor. Não precisávamos de mais nada...

O pai não ficou tão contente com a novidade quanto PJ antecipava. Quando a mãe lhe deu a notícia ao jantar, ele continuou a mastigar a alface durante muito tempo, como se a fosse mascar para todo o sempre. Depois, disse algo como *Espetáculo*, embora pudesse ter dito *Está bem*.

PJ sentiu-se um pouco triste por ele, porque, como é óbvio, vai ser estranho quando o avô chegar e vir tudo o que ele fez de errado no *stand*. Ao mesmo tempo, percebe também porque é que a mãe está zangada por o pai se ter ido encontrar com Victor ao invés de a ajudar na limpeza.

Disse-me que iam fazer não sei o quê na floresta, diz PJ à mãe. Que tinham de selar uma coisa qualquer, acho eu. A mãe abana a cabeça. Fazem eles muito bem, diz ela, que continuem a brincar ao fim do

mundo enquanto todos os outros estão a tentar, com todas as forças, sair do buraco em que se encontram de momento.

Fazem um belo par, os dois, diz ela. O Sr. Apocalipse e o Sr. Armagedão.

Entram na autoestrada e, pouco depois, a emissão da rádio local começa a sofrer interrupções e as vozes desaparecem por completo e a mãe sintoniza a RTÉ.

O grande sinal azul rodoviário indica DUBLIN e PJ está entusiasmado. Envia uma mensagem a Ethan: Adivinha para onde tou a ir!

E depois, como não obtém resposta: Dublin!

Com a minha mãe, prossegue, mas talvez possa dar uma fugida? Podemos ver a tal loja de jogos?

Embora saiba que a mãe provavelmente não o vai deixar encontrar-se com o amigo nem dar nenhuma fugida. De qualquer maneira, Ethan não responde.

Cass, que tem estado calada e debruçada sobre o telemóvel, solta um pequeno suspiro. A Elaine diz que amanhã o pai a vai levar a Dublin para verem apartamentos, diz à mãe.

Ah, sim?, diz a mãe.

Pergunta-me se posso ir.

Lança um olhar esperançoso à mãe, que a olha de volta, e depois para a estrada, e então de novo para Cass, como se não acreditasse no que Cass lhe está a pedir. Como é que havias de ir a Dublin amanhã? Vamos ter o jantar.

Mas não posso ir de qualquer maneira? Tipo, se fôssemos...

NÃO, diz a mãe.

Mas se fôssemos de manhã, voltávamos a tempo de...

Cass! Não! Já disse que não!

Nem sequer estás a ouvir o que estou a dizer! Só vamos ver duas ou três casas...

Cass, o que é que acabei de te dizer? Vamos ao jantar! É uma ocasião muito especial para a nossa família e temos de nos organizar.

Mas porque é que tenho sequer de ir...

Mas, mas, mas, interrompe a mãe, porque é que não podes ir com a Elaine noutro dia? Podes ir em qualquer altura! Podias ter ido hoje; não vais estar em Dublin daqui a meia hora?

Porque o pai dela só está livre amanhã, e ele tem de pagar o depósito.

Oh, é claro, já me esquecia de que o mundo inteiro gira em volta do Big Mike e dos seus compromissos — não, Cass, já disse! Ergue a voz acima dos protestos de Cass. Não to volto a dizer! A Elaine pode tirar fotografias, não pode, e enviar-tas, estamos no século XXI, vocês resolvam lá isso entre vocês.

Cass começa a chorar. Odeias-me, não odeias?, choraminga. Admite que me odeias.

Oh, por amor de Deus, diz a mãe.

Odeias-me porque achas que vou ter a vida que nunca tiveste e não o suportas.

O motor do carro ronca com o acelerar das rotações. Cuidado, diz a mãe em voz baixa, e PJ estremece no assento de trás, porque a mãe nunca fala em voz baixa. Cuidado com o que dizes, minha menina.

E Cass não discute mais e limita-se a curvar a cabeça e a olhar para o telemóvel.

Olha lá, minha menina, diz a mãe alguns quilómetros depois, não sei o que é que o teu pai te disse, mas se o teu avô não nos ajudar, não vai haver nem universidade nem apartamentos. Vais passar o próximo ano a esfregar sanitas no Supermac's, percebes?

Cass anui com um aceno de cabeça.

Muito bem, diz a mãe.

PJ está confuso. Ouviu Cass dizer a Rowan que julgava nem sequer conseguir entrar na faculdade, então porque está a fazer tanto alarido por causa de um apartamento onde nunca irá morar? Mas com Cass nada é cem por cento claro. Talvez queira apenas conviver o máximo possível com Elaine, pensa ele, e dá por si a imaginar-se junto com Elaine a verem apartamentos. Temos de comprar uma casa com jacúzi, querido, sussurra-lhe ela ao ouvido. Ele não diz nada. Está ainda a usar os óculos escuros e espelhados.

A mãe já não vem às compras a Dublin há dois ou três anos. Mas veem-na recuperar, de repente, os seus poderes assim que entra no Arnotts. Caminha com altivez, fala com mais convicção. Os homens viram-se mais do que uma vez para a ver passar nos corredores e uma rapariga da secção de maquilhagem pergunta-lhe se está interessada em trabalhar como modelo. Não lhes presta atenção, está cem por cento concentrada nas compras. É como quando num filme o herói vive algum tempo numa cabana nas montanhas e depois sai da reforma para fazer um último trabalho e ainda é fabuloso a abrir cofres ou a fazer ninjútsu ou a montar um dragão ou o que quer que seja: a mãe consegue varrer com o olhar uma parede inteira de roupas num só minuto e depois atacar e recolher a peça perfeita, como se estivesse a pescar com uma lança. Um vestido, uma camisola, colãs para Cass; uma camisa, uma camisola e calças para PJ.

E talvez uns sapatos, já que temos a mão na massa, diz ela.

É então que PJ entra em pânico. E o que é que estes têm de mal?, objeta ele. Não os tenho há muito tempo.

São demasiado informais, diz ela. Já o disse antes e volto a dizê-lo: se há coisa com base na qual as pessoas te vão julgar, são os teus sapatos.

Não tem outra escolha. Dirigem-se juntos à secção de calçado. A mãe escolhe um par de sapatos. Parecem-me bem, diz ele. Não preciso de os experimentar. Senta-te, diz a mãe. O funcionário descalça-lhe um sapato.

A mãe e o funcionário olham para o pé de PJ.

Meu Deus, diz a mãe.

Pouco depois, o funcionário solta uma gargalhada forçada. Acho que estes já te estão pequenos!, diz ele.

Mas a mãe não se está a rir. Ajoelha-se com o calcanhar de PJ na palma da mão e olha para ele com uma espécie de admiração triste. Estes sapatos são demasiado pequenos para ti, diz ela.

PJ anui com um aceno lento de cabeça, estupidamente, como se não tivesse reparado nisso até então.

Porque é que não me disseste nada? Não te magoam?

Nem por isso, diz ele.

Tens o pé a sangrar, diz ela. Está a sangrar.

Não está assim tão magoado, diz ele. Quer dizer, sei que está com mau aspeto, mas... Perde o fio à meada.

A mãe começa a dizer alguma coisa, mas logo se detém. Olha-o nos olhos por algum tempo. Por um instante, parece tristíssima.

E PJ deixa pender a cabeça, sente-se corar. Não tem importância, diz ele. Mas ela está ainda a segurar-lhe no pé e a fitá-lo, e agora PJ sente os olhos humedecerem-se-lhe, porque é como se a mãe tivesse mesmo vivido nas montanhas por muito tempo, mas agora estivesse de novo ali, ao seu lado, com todo o amor acumulado anos a fio a irradiar-lhe do corpo, como uma domadora de dragões que recuperasse os seus poderes

adormecidos. E isto é demasiado emotivo para ele, sim, demasiado emotivo.

O funcionário regressa e olha-os com uma expressão do género: Por favor, comportem-se como pessoas normais.

Vamos levar estes também, diz a mãe.

Na caixa, olha para o cartão que insere no terminal de pagamento como se temesse que fosse explodir. Crava-lhe os dedos no ombro e estão ambos prontos para dar meia-volta e largar a correr dali para fora.

Bem, diz ela quando voltam para o carro, como a minha tia Rose costumava dizer: se as coisas não correrem bem, pelo menos seremos os mais janotas na choldra.

À noite, a casa está transformada. O cheiro a cano entupido desapareceu finalmente. Há flores nos jarros, fruta na fruteira. Todas as superfícies brilham. PJ tem de admitir que tudo isto tem o seu quê de impressionante. E eles também se transformaram: estão limpos e empertigados nas suas roupas novas.

Não precisavas de ter este trabalho todo, diz o pai. Ele disse que não queria grande estardalhaço.

Isso é o que ele *disse*, contrapõe a mãe. É teu pai e não fazes ideia de como a cabeça dele funciona?

À noite, no quarto, abre o documento: precisa ainda de arranjar 50 €. Exatamente 50 €. Há alguns dias, parecia-lhe uma quantia astronómica, impossível de obter. Agora, é apenas uma questão de pedir ao avô da maneira certa.

Mas e se ele não vier? Não consegue adormecer e imagina todas as coisas que poderiam correr mal. Uma bomba em Portugal, incêndios pelo país todo, o avião do avô a cair, a explodir na pista de descolagem. Um desconhecido qualquer a tossir-lhe em cima e a transmitir-lhe um germe fatal. O avô a dormir a sono solto no seu quarto sem qualquer noção de que uma nuvem se forma no espelho pendurado na parede e que a Morte se prepara para estender as suas garras através do vidro, a fim de o levar com ela.

O telemóvel apita a meio da noite. Recebeu uma mensagem.

SABES KAL É O TEU PROBLEMA PJ

ÉS UM JUDEU SUJO E MENTIROSO

SEU RATO DE ESGOTO ESPERO K SEJAS ESFOLADO JUDEU MENTIROSO  
DE MERDA

ACHAS K ÉS + ESPERTO K EU SEI ONDE TÁS

VOU TE ENCONTRAR E APANHAR TE ACORRENTAR TE E ESVENTRAR TE

VOU TE COMER AS VÍSCERAS E VIOLAR TE A ALMA VAIS IMPLORAR PLA  
MORTE

E continua neste tom em dúzias e dúzias de mensagens.

De manhã, não consegue encontrar a medalha. Vira o quarto do avesso, mas não a vê em lado nenhum. A mãe tê-la-ia deitado fora no seu frenesim de limpeza? Não deitaria fora uma coisa sagrada, pois não?

Mas, e se tiver deitado? O que acontece se se deitar fora uma coisa sagrada? O que seria da sua oração? Ficaria sem efeito?

Desce ao rés do chão para perguntar à mãe se a viu, mas ela está a discutir com o pai.

O avô enviou ao pai uma mensagem para o informar de que, afinal, não vai dormir em casa deles. Ao invés, reservou um quarto no hotel Burke's, onde vão servir o jantar.

E só nos diz agora?, diz a mãe. Depois de me matar a limpar a casa toda?

Foi o Lions Clube que lhe reservou o quarto. Só lho disseram agora.

A mãe cerra os dentes. Ele está a lixar-nos, diz ela. Está a manter-se ao largo. Quer distância. Pega num pano e começa a limpar uma vez mais a bancada da cozinha, embora esta brilhe de tão polida. Ah, ele é matreiro, é, sim... é uma raposa velha, diz ela. Não se vai deixar enredar e engolir pela nossa merda.

Mas ainda vamos estar com ele, não vamos?, diz PJ, tentando não soar preocupado. Tipo... não vamos?

Claro, diz o pai. Ele vem cá a casa antes do jantar, e depois vamos todos juntos para o hotel.

Afinal, conseguiu fingir este tempo todo que não sabia de nada, diz a mãe enquanto limpa a bancada. Vão ver como depois do jantar se vai pisgar para Portugal antes que lhe possamos deitar a unha. Não posso dizer que o culpe. Olha em frente e afasta-se da bancada de um salto e com um grito. Que raio?!

Victor observa-os do outro lado da janela.

A mãe lança um olhar furioso ao pai. Agora? Hoje? Estás a gozar comigo?

Só temos de terminar uns trabalhinhos, diz o pai.

PJ ouve de facto a mãe a cerrar os dentes. Quando o pai sai da cozinha para ir ter com Victor, ela diz: Bem, não é de admirar que estejamos a entrar em falência, pois não?

Não é o dia ideal para passar despercebido em casa. Depara com a mãe onde quer que vá. Ela diz-lhe que se faça útil, pede-lhe que faça isto e aquilo e depois fica insatisfeita com o resultado. Quando já não tem tarefas para lhe dar, diz-lhe que experimente as roupas novas, para que veja como lhe assentam. Quando acaba de mudar de roupa, a mãe está já a enfrentar uma nova crise. Um bolo! Não têm um bolo para o avô. Deviam servir-lhe bolo, mas não têm nada a apresentar.

Não vamos jantar fora?, pergunta PJ. Não lhe vão servir bolo no hotel?

Temos de lhe oferecer alguma coisa quando vier cá a casa, diz a mãe. Nossa Senhora, não podemos dar-lhe umas míseras *crackers*! Tem a cara vermelha como um pimento quando puxa o cabelo e diz: Serei a única pessoa nesta casa que percebe o que se está a passar?

PJ oferece-se para ir ao centro da vila comprar um bolo.

É bom sair de casa. Está um dia quente e abafado, mas o ar circula-lhe pelos orifícios do capacete e volveia-lhe nos ouvidos. Prende a bicicleta com um cadeado na praça principal e caminha até ao supermercado. Diz para consigo que o avô chegará dali a duas ou três horas. Vai correr tudo bem. A mãe pensa que não, mas a mãe acha sempre que vai correr tudo mal. Bem lá no fundo, o estômago de PJ também sente que vai correr tudo mal, mas as células estomacais renovam-se a cada dois dias, por isso no fim de semana já terá um estômago completamente novo. Enquanto espera na fila com o bolo na mão, imagina um final feliz, no qual o avô lhe dá 50 €, e em que, em seguida, ele próprio entrega ao Orelhas 163 €. Está tão imerso nestas imagens que quando regressa à praça se esquece de tomar o caminho mais longo e, ao passar pelo salão de jogos, duas mãos agarram-no pelos ombros e arrastam-no para um beco e atiram-no para trás de um

contentor. Um bolo? O Orelhas está fulo. Compraste a porra de um bolo?

Não é para mim!, grita PJ.

Cala a puta da boca! Orelhas pontapeia-lhe os tomates. PJ guincha e contorce-se de dor no chão húmido de cimento. Achas que ando a brincar?! Já te disse para me pagares a porra do dinheiro que me deves!

PJ tenta explicar-lhe que está prestes a conseguir o tal dinheiro, mas não consegue falar, e, de qualquer modo, o Orelhas não o está a escutar. Estão, ao que parece, num pátio nas traseiras de um dos *pubs*. Vê alguns barris de cerveja empilhados junto a uma porta e uma nuvem de vapor a sair de uma grelha de ventilação. O Orelhas foi até à parede do fundo, onde deixaram duas barreiras de aço; estão ali provavelmente desde o último dia de jogo. O Orelhas pega numa delas e ergue-a acima da cabeça.

Onde está a porra do meu dinheiro?, grita, pronto a atirar a barreira para cima de PJ, que guincha: Eu tenho o dinheiro! Já tenho o dinheiro!

Então, onde é que está?

PJ encolhe-se. Está em casa, diz ele. E depois, por uma questão de honestidade: Só preciso de arranjar mais cinquenta euros.

PAAAMM! A barreira cai sobretudo no chão, mas em parte também na sua cabeça. Por favor!, diz. Eu trago-to! Eu trago-to!

O Orelhas ajoelha-se. Está ajoelhado na cabeça de PJ. Tiveste a tua oportunidade, diz ele.

PJ sente a cabeça prestes a explodir. Eu trago-to, sussurra. Está a escorrer-lhe alguma coisa do nariz. O meu avô está a chegar, vou arranjar-to.

O Orelhas puxa-lhe a orelha, torce-lha e obriga-o a levantar-se. Olha, diz ele.

Mostra-lhe o telemóvel. No ecrã, vê-se a cozinha de PJ filmada do lado de fora. É de noite. PJ está a falar com a mãe, sentado à bancada do pequeno-almoço. A câmara faz *zoom* no rosto de PJ e depois move-se da janela para a outra mão da pessoa que está a filmar. Uma pessoa que segura, com essa outra mão, um martelo.

Hoje, diz ele.

Onde estavas metido?, pergunta-lhe a mãe assim que PJ entra em casa. Ele pode chegar a qualquer instante! Dá um passo atrás e olha-o da cabeça aos pés. Meu Deus, o que te aconteceu?

Oh, diz PJ. Caí da bicicleta.

As tuas calças novas, PJ! Nem as tens há uma semana!

Eu sei. Desculpa.

A mãe fita-o com um misto de frustração e desespero, como uma pintora que contemplasse uma obra sem salvação possível. Já não tenho tempo para as lavar, diz. É melhor ires lá acima mudar de calças.

No seu quarto, uma Cass ainda de pijama olha para o espelho como se para um lago de tristeza.

PJ prossegue até ao seu quarto e despe as calças enlameadas. A cabeça lateja-lhe no sítio onde o Orelhas a comprimiu com os joelhos, onde a barreira a atingiu. Mas, por sorte, nada disso deixou marca. Sorri ao espelho. Olá, avô. Não me queres patrocinar numa corrida de angariação de fundos? É uma corrida de dez quilómetros, e a maioria das pessoas está a dar cinco euros por quilómetro.

Está com aspeto de quem precisa de uma transfusão de sangue e de um transplante de coração. Lá se vai o estratagema de fingir que não precisa de dinheiro para tentar sacar algum! Esforça-se por sorrir de orelha a orelha e com alegria. Uma corrida de angariação de fundos.

Para pagar o telhado da escola. Dez quilómetros. Sempre que fecha os olhos, vê incêndios, explosões, o ar a ser sugado. Respira fundo e afasta todos estes pensamentos.

Vá, tu consegues, diz para consigo. Vais ultrapassar isto tudo.

Ouve o motor de um carro. Oh, meu Deus — ele já cá está!, grita, do átrio, a mãe.

Foda-se.

Chega ao rés do chão no preciso momento em que o táxi entra no pátio. A mãe já correu até lá fora. E agora o avô está a sair do carro com o seu cabelo prateado a brilhar ao sol e sacos de compras no braço, como doces em forma de bengala pendurados no ramo de uma árvore. PJ alegra-se de imediato. Que parvo foi por pensar que alguma coisa poderia impedir o avô de os visitar! Basta um olhar para saber que o seu plano vai funcionar, porque o avô é capaz de resolver tudo.

O avô já cá está!, anuncia ele a ninguém em particular, mas apenas por pura felicidade.

O avô entra em casa e para no átrio, e então olha para cima e à sua volta. A casa está com bom aspeto, diz ele, parece mais espaçosa do que me lembrava.

A mãe cora de vergonha: provavelmente, a casa parece-lhe mais espaçosa porque ela vendeu muita da mobília, mas o avô já seguiu em frente. Ah, cá está o rapaz!, diz. PJ sorri, mas recua, presa de uma súbita timidez. Bom, bom!, diz o avô. Anda cá para te ver bem. Pousa as mãos nas ancas e fita PJ. Os seus olhos têm o mesmo azul-esbranquiçado das barras do eletrocutor de insetos, e, quando se olha para eles, leva-se com um raio, ZAP, como se uma minúscula parte da pessoa tivesse sido aniquilada. Mas depois o avô sorri e esse pedacinho morto ressuscita de

repente. Quando sorri, vê-se-lhe o dente de ouro. Costumava dizer a PJ que aquele dente era a semente de que germinara. PJ enfiava-lhe a mão na boca e tentava arrancar-lho. Hoje em dia, em vez de dizer que é uma semente, o avô prefere dizer que o usa no caso de se esquecer do dinheiro para o bilhete de autocarro, e todos se riem, porque sabem que o avô nunca apanharia o autocarro. No entanto, isto fá-lo ainda acreditar que o avô é feito de uma matéria diferente de todos os outros.

Como está o meu netinho?, diz ele. Sabias que te pareces cada vez mais com o teu tio Frank?

Sim, as pessoas estão sempre a dizer-mo, diz PJ.

O avô parece satisfeito. Como te tens saído no futebol? Em que posição jogas? O teu tio era avançado. E dava cada chuto! Meu Deus, aquele miúdo sabia chutar uma bola.

PJ cora. Não sou lá muito bom jogador.

O avô despenteia-o. Bem, vou contar-te o segredo dele. É o segredo de todas as pessoas bem-sucedidas: ele praticava dia e noite. Sempre que tinha um momento livre, punha-se a chutar a bola contra a parede. Dava com a tua pobre avó — Deus a tenha em eterno descanso — em doida.

O avô levanta o olhar. E onde está a minha menina?

Cass surge com o seu vestido novo no alto da escadaria. O vestido é comprido e trágico e ela desce lentamente as escadas, como se estivesse a entrar no mar.

Como ela cresceu!, diz o avô. Olha só para ti, diz ele.

Tenho a mesma altura que tinha da última vez que me viste, diz Cass. Já tenho esta altura desde os treze anos.

Não é a altura, é a cara. O avô estica o braço, segura-lhe o queixo entre o polegar e o indicador, e examina-a. Sim, diz ele. Já és uma mulherzinha. Tens andado a partir muitos corações aos rapazes? Aposto que sim.

Não, diz Cass, com as bochechas ligeiramente enrubescidas.

Então e o Rowan?, diz a mãe.

Ah! Rowan, é?, diz o avô.

Está a crescer, sem dúvida, diz a mãe. Daqui a dois meses já vai para a faculdade.

Não se sabe... Ainda nem sequer sei as notas dos exames, murmura Cass.

Vais entrar, diz a mãe. Sim, estamos muito orgulhosos dela, diz ao avô.

E com razão, diz o avô. Vai ser a primeira pessoa da família a licenciar-se. É claro que o teu pai chegou a entrar, diz a Cass, mas as coisas não lhe correram muito bem. Logo no primeiro dia na cidade grande, o desgraçado saiu pelo portão da universidade fora, meteu-se a direito pelo trânsito e levou uma cacetada de um autocarro.

O seu dente de ouro, os seus olhos azuis e o seu cabelo prateado cintilam em conjunto enquanto conta esta história, que já ouviram muitas vezes. Não me devia rir, diz ele, recompondo-se. Ficou num estado lastimável. Voltou para casa e ficou por cá meses seguidos. Por isso, diz ele a Cass, cabe-te a ti corrigir o que correu mal.

Curva-se e pega nos sacos de compras que tem aos pés. Ora bem, diz ele, passemos aos presentes!

Oh, não havia necessidade, diz a mãe quando ele lhe entrega um dos sacos.

São só umas coisinhas de nada, diz ele.

Dentro do saco está uma caixinha. A mãe abre-a boquiaberta. Oh, Maurice, é fabulosa! Meu Deus, deve ter custado uma fortuna.

É o problema de comprar prendas para uma mulher bonita, diz o avô. As prendas também têm de ser requintadas, ou vão parecer fracas

comparadas com a presenteada. Também tenho uma para ti, minha menina, diz ele, oferecendo a Cass um saco idêntico.

Não havia mesmo necessidade... Que maroto, diz a mãe. Olha-se ao espelho e encosta o colar ao pescoço.

E agora para ti, meu rapaz, diz ele, interpelando PJ. Não te preocupes, não é uma joia.

Obrigado, diz PJ quando o avô lhe passa para a mão outro saco de compras.

Um passarinho disse-me que deves gostar disto, diz ele. É este?

PJ espreita para dentro do saco. Não consegue evitar que um olhar apatetado lhe perpassasse o rosto.

Ah! É este mesmo, diz o avô, despenteando-o. Depois, faz uma pausa e semicerra os olhos. Bateste com a cabeça? Pareces ter aí um galo.

Caiu da bicicleta, diz a mãe.

E está bem?, pergunta o avô. É preciso estar sempre atento às concussões. Tens dores de cabeça? Estás enjoado?

Está ótimo, diz a mãe. Só está excitado por te ver.

O avô observa-o. Estás bem? PJ acena com a cabeça. O avô continua a observá-lo por um momento e depois endireita as costas. Ora bem, onde está aquele sacana que se diz meu filho?

Oh, algures no pátio com o Victor, diz a mãe. Estão a instalar ou a atualizar alguma coisa, não sei ao certo.

O avô inclina a cabeça. O Victor McHugh? Deixaram-no entrar outra vez cá em casa?

Bem, vou-te cá contar, Maurice, aquele homem é como as ratazanas, quando entram, nunca mais nos livramos delas. Eu levo-te até ele.

Deixa-te estar, não é preciso, diz o avô, dando-lhe uma palmadinha na mão, eu encontro-o sozinho.

Sai pela porta do pátio e a mãe vê-o atravessar o terraço, enquanto toca sonhadoramente na mão que ele acabou de lhe afagar. PJ também o observa. Será que é o momento certo? Parece estar bem-disposto. Mas no preciso momento em que se prepara para correr no seu encalço, a mãe interpela-os aos dois. Bem!, grita. Que tipo de atuação foi aquela, querem-me explicar?

Cass não diz nada. Ali espedada, com a prenda na mão, parece agora completamente submersa: tem os olhos vazios e o cabelo flutua-lhe em cem direções diferentes.

Já é mau que chegue o vosso pai não se dignar a aparecer. Que conversa é essa de ainda não saberes se entras na faculdade? Estás amuada porque não te deixei ir a Dublin com a Elaine, é isso? Estás a vingar-te?

Ainda não recebi os resultados, murmura Cass.

Vais entrar na faculdade, diz a mãe, e agora é ela quem tem olhos de eletrocutor de insetos. E deixa-me que te diga, menina, que é *bom* que entres. Já me é difícil que chegue mostrar-me na vila com a vergonha que sinto. E quanto a ti — vira-se agora para PJ —: que se passa agora contigo?

Nada, diz PJ. Estou bem.

Ótimo, diz a mãe. Porque vais ao raio do jantar nem que tenha de te levar numa maca, ouviste? Tens tempo, podes morrer à vontade depois do jantar. Põe as mãos nas ancas e dá um passo atrás. Ouçam, meninos... Perde o rumo à conversa e pende a cabeça. Parece a professora de Música da escola pouco antes de fazer uma pausa sabática. De repente, ouvem-se gargalhadas atrás dela.

O avô reaparece com o pai no seu encalço. Estão ambos a rir. Ao lado do avô, o pai parece mais novo, ou mesmo ameninado. O seu rosto

como que resplandece de juventude, sobretudo em redor da boca e dos olhos.

Encontrei-o na floresta, diz o avô. Estava a construir um forte!

Bem, já cá estou, diz o pai, e depois, virando-se para a mãe: e que tal oferecermos uma bebida aqui ao homem?

Ah, sim, onde é que eu tinha a cabeça, que falta de tato a minha, diz ela.

Não é preciso, não é preciso, diz o avô, e em seguida: uísque. Escocês, de malte único, se tiverem. Ah, diz ele. Isto é uma maravilha. É bom estar de volta e ver-vos a todos outra vez. É uma pena ter de ir à porcaria do jantar com aquela velhada.

Mas é uma grande honra, diz a mãe, dando-lhe um copo. Para a família toda.

Não se sintam obrigados a ir, diz o avô. Não há necessidade nenhuma de vos arrastar a todos até lá. Vai ser só uma cambada de velhotes, como eu, e uma data de discursos.

Não o perderíamos por nada deste mundo, diz a mãe. Não é uma celebração de tudo o que construístes?

Pois, diz o avô com uma risadinha. Então é melhor celebrarmos depressa, enquanto ainda sobra alguma coisa. Não é assim, Dickie? Dá uma palmada nas costas do pai e ergue o copo no ar. À vossa!

No quarto, PJ ouve as gargalhadas no andar de baixo. Não se lembra da última vez que ouviu os pais rirem-se. Agora já ninguém os para. É como se tivessem poupado as gargalhadas a que tinham direito por um ano para as usarem todas neste dia.

Despe a camisola nova, a camisa nova, descalça os novos sapatos, tira as calças velhas, veste o fato de treino que usa nas aulas de

Educação Física.

O que estás a fazer? Cass surge à porta. Vamos jantar daqui a uns vinte minutos.

Ah, sim, diz ele.

Ela fita-o, e como ele não diz mais nada, revira os olhos. Às vezes parece-me que estou a viver no manicómio, diz ela.

PJ aperta os atacadores dos sapatos novos. Vê-se ao espelho. Força um sorriso caloroso, como se fosse rir à gargalhada — um sorriso como o do tio Frank na fotografia. Respira fundo e caminha até às escadas.

Uma nova estratégia. Esta é muito melhor do que a ideia do telhado, porque é pessoal. No entanto, os próximos instantes são cruciais. Espera no patamar até ouvir a porta da sala de jantar abrir-se e o avô a trautear uma canção enquanto percorre o corredor. É a sua deixa para saltar pelas escadas abaixo com uma bola de futebol debaixo do braço...

Ups!

Oh, desculpa, avô.

Não faz mal, diz ele, rindo-se. Aonde vais? Já sabes que vamos sair para jantar daqui a pouco.

PJ anui com um aceno de cabeça. Sim, mas pensei em praticar uns chutos antes de irmos. E logo acrescenta: Tu sabes, como o tio Frank.

Muito bem, muito bem, diz o avô. E dá meia-volta para ir ao quarto de banho. *Volta!*, grita no seu íntimo PJ, ao mesmo tempo que não deixa de pensar: *Seu idiota, devias ter insistido no plano do telhado!* Que tipo de chuteiras é que ele usava?, diz ele, de repente.

Chuteiras?, diz o avô. Para no corredor, volta-se para trás e olha para os pés de PJ.

Não vais usar esses sapatos, pois não?

Hum?, diz PJ, olhando para os seus sapatos novos.

Não tens umas chuteiras ou sapatilhas adequadas?

PJ parece tristíssimo. Bem, não. Sabes, os meus pés têm crescido muito e as minhas sapatilhas antigas já não me servem.

O avô coça a sua magnífica cabeça prateada. Bem, não podes andar a chutar a bola com esses sapatos.

A Elverys tem umas sapatilhas em promoção, diz PJ. Estão em saldos e custam cinquenta euros, mas a promoção acaba hoje, por isso, se por acaso tivesses cinquenta euros em dinheiro, eu podia ir comprá-las antes de irmos jantar.

Pelo menos, é isso que quer dizer, mas na verdade as palavras saem-lhe todas misturadas, e enquanto está a falar, a mãe aparece e começa a gritar-lhe: PJ, que raio estás a fazer com essa roupa? Saímos daqui um quarto de hora!

Só queria ir praticar os meus chutos, diz ele em voz baixa.

Os teus quê?, a mãe parece estupefacta.

Estávamos aqui a falar de comprar um par de sapatilhas novas, explica o avô.

Ai, ele e o raio dos pés, é preciso um empréstimo do banco só para o calçar, diz a mãe. Vai mas é lá para cima mudar de roupa e para de incomodar o teu avô.

A mãe afasta-se num ápice a fim de se maquilhar. O avô dá uma risadinha.

O teu tio Frank também andava sempre a cravar-me um dinheirito, diz ele. Saca da carteira. O coração de PJ está aos pulos. Por fim, por fim, este pesadelo vai acabar...

Mas hoje em dia já não trago comigo muito dinheiro vivo, diz o avô.

Espera lá, o que...

É inconveniente, pesa e ocupa espaço, diz o avô. Uso sobretudo o cartão.

PJ fita-o horrorizado.

Mas, depois do jantar, tu e eu vamos dar uma saltadinha à Elverys para comprarmos as melhores sapatilhas que lá tiverem, diz o avô. Pode ser? Pisca-lhe o olho como se fosse Deus, capaz de fazer o que quer que seja exceto perceber aquilo de que ele precisa, aquilo que lhe pede. PJ acena com a cabeça e tenta sorrir, embora sinta que o crânio se lhe gelou por completo e está prestes a cair-lhe por entre...

Ah, espera, tenho aqui uma nota de cinquenta, diz o avô. Tira uma nota da carteira e põe-na na mão de PJ.

PJ, por amor de Deus! A mãe está a regressar.

Sim, mãe, diz PJ, e desta vez o seu sorriso é genuíno.

De volta ao quarto, começa a despir o fato de treino e a vestir as roupas novas, mas está felicíssimo! Está tão feliz que não resiste a tirar o telemóvel do baú, onde o escondeu, e a ligá-lo e a tirar uma fotografia à caixa do jogo — em cuja capa frontal se vê a Estátua da Liberdade com uma suástica — e a enviá-la a Nev.

Olha o k o meu avô trouxe!

Nev recebe a mensagem, mas não lhe responde. PJ imagina-o no seu quarto, roído de inveja e a praguejar, e delicia-se por um momento com esta imagem mental antes de enviar a mesma fotografia a Zargham.

Olha só!!! É o Black Dawn II!!!

Uau!, diz Zargham.

Logo queres vir cá jogar?

Mais logo tou ocupado, responde Zargham.

Mas, logo em seguida: OK talvez

Meninos!, grita, no andar de baixo, o pai. PJ veste as suas estranhas roupas novas sem largar a nota de 50 € por um só instante, e depois corre até ao rés do chão e está pronto para entrar no carro quando se

apercebe — mesmo a tempo! — de que o resto do dinheiro está ainda escondido na sua mochila no *Bunker*. E ele pretende escapulir-se durante o jantar para pagar ao Orelhas. Já venho, só um segundo, grita por sobre o ombro. O pai solta um grunhido de protesto ou perplexidade, mas PJ já atravessou o jardim em direção à floresta.

Está um belo dia e o sol tão forte que mesmo dentro da floresta quase não vê um palmo à frente da cara por conta da luz. Ouve, ao longe, o pai a chamá-lo, e em resposta grita algo sem sentido e ininteligível e continua a correr. É-lhe difícil correr com os sapatos novos, mas já lhe doem menos os pés. Vira à esquerda no carvalho caído, desliza pela encosta abaixo até à vala e sobe de novo. Não está preocupado com o homem das tatuagens. Nev diz que espiou a casa durante três dias e que não está lá ninguém. Vês, está tudo a correr bem, vai voltar tudo ao normal.

EI PÁ ONTEM RECEBESTE UMA DATA DE MSGS ESQUISITAS ENVIADAS POR MIM?

Passa pela árvore onde viu o esquilo-vermelho. Imagina-se no hotel e a entregar 163 € ao Orelhas, pondo fim a toda aquela triste saga. *Está tudo certo?*, diz ele com um toque de altivez. *Sim*, responde o Orelhas, e depois, contrafeito: *Obrigado*.

EI O MEU TLM MANDOU MTS MSGS DESCULPA SE RECEBESTE ALGUMAS

E PJ afasta-se sem levar uma tarefa com transmissão *online* e regressa ao jantar, que é um sucesso. Divertem-se imenso! Estão todos felicíssimos. Mas afinal porque é que discutimos e nos preocupámos tanto?, diz o pai. Só por causa do dinheiro? Dinheiro?, repete o avô. Tenho montes de dinheiro! Dinheiro a rodos! Dou-vos quanto quiserem! Mas com uma condição: não se podem divorciar! A mãe e o pai

entreolham-se e riem-se à gargalhada. Achavam mesmo que nos íamos separar...?, e depois imagina a mesma conversa, mas desta vez com uma variante. Colégio interno? Achavas mesmo que te íamos enviar para...?

ALGM HACKEOU A MINHA CONTA ALGUM NAZI TARADO E MALUCO

E depois, quando derem por ela, já toda a gente quer outra vez comprar um carro e o pai corre atrás dele e de Cass, em gargalhadas, pela floresta, como quando eram pequenos, e Cass vai para a universidade em Dublin, mas regressa amiúde para os visitar, e por fim PJ também vai para a faculdade e estuda Inteligência Artificial e Robótica, vive com Cass e tem um laboratório no sótão.

PEDI AO MEU PAI K DESCUBRA O K ACONTECEU!

É uma bela ideia; Elaine arrulha-lhe ao ombro enquanto trabalha. Usa sempre uma bata quando no laboratório. Afasta-te, é muito perigoso, diz-lhe ele.

DESCULPA MEU ESPERO K TEJA TD BEM CTG

PJ está tão imerso nos seus sonhos de um futuro feliz que só se apercebe de que a floresta está em silêncio já quase no *Bunker*.

Não se ouvem pássaros a cantar e os esquilos não apareceram, sorrateiros, para ver quem anda por ali.

A luz atravessa os ramos das árvores, mas PJ sente, de repente, muito frio, como se placas de gelo lhe caíssem em cima.

Alguém esteve ali, e agora todos os animais da floresta observam, vigilantes e em silêncio, os seus movimentos.

Caminha lentamente e as folhas secas estalam-lhe em conspiração sob os pés. E quando entrevê finalmente o *Bunker* por entre as árvores, fica alerta, não vá alguém estar escondido lá dentro — alguém que o ataque assim que transpuser a entrada.

Só repara que já não há entrada nenhuma quando se acerca do barraco.

A entrada está agora obstruída por uma placa de metal.

Pousa-lhe a mão e empurra-a, para ver se é verdadeira. É. Em seguida, aplica-lhe o ombro e dá-lhe um encontrão com toda a força. Não se mexe. Houve um som — é ele próprio que está a choramingar. Como? O quê? Porquê? Empurra-a de novo; nada. Vira-lhe costas e, boquiaberto, perscruta o chão e o céu em busca de uma explicação.

E agora a floresta ganha vida com um coro de grasnidos e rangidos e estalidos e trinados e guinchos, e o vento que corre por entre as folhas produz um silvo de muitas línguas, *sssssss*, em todas as direções possíveis, como se se risse da situação problemática em que PJ se encontra, como se para lhe dizer: *Bem, meu menino, e agora?*

Deus do Céu, onde te meteste, PJ? Temos de ir!

O pai está diante da porta aberta do carro. À luz branca do sol, parece em simultâneo jovem e velho, como um rapazinho que não dormisse há mil anos.

Pai, diz PJ num fio de voz que ele próprio mal discerne, como se o vento lhe roubasse as palavras. Pai, o que aconteceu ao *Bunker*?

Anda daí, PJ, estamos todos à tua espera, diz o pai. Três rostos azul-cinzentos e parcialmente invisíveis olham-no de dentro do carro.

O *Bunker*... o barracão na floresta... tem agora uma porta de metal, e não a consegui abrir.

Sim, selámo-lo. Vamos fazer-lhe umas reparações.

Mas... como é que se abre?

Não é suposto abrir-se. Não é seguro.

*OK*, mas é que deixei lá umas coisas, tinha coisas lá dentro...

Agora não temos tempo. Falamos disso mais tarde.

Só preciso de ir buscar...

Mais logo, diz o pai. Depois do jantar.

Mas preciso mesmo disso agora... só demora um segundo...

Entras no carro ou não? Fazes-me o favor de entrar de uma vez por todas na porcaria do carro?

Que dia maravilhoso!, diz o avô quando o pai liga o motor. É claro que em Portugal está sempre assim.

Volta-se para trás e o seu rosto surge por entre os encostos de cabeça dos assentos dianteiros. E então, estão animados?

Oh, em pulgas, diz a mãe. Está branca como a cal, embora tenha a cara empastelada de maquilhagem.

Nota-se que nunca foste a um jantar do Lions Clube, ou saberias que não há grandes motivos para se estar em pulgas!, diz o avô com uma risadinha. Aqueles discursos! Meu Deus! Nunca mais acabam!

AINDA TÁS AÍ?

ACHO K ME TÁS A IGNORAR:(

N tou

Só tive umas cenas e tal. O meu avô tá cá

OH FIXE! PORREIRO!

SABES K N FUI U K ENVIEI AQUELAS MSGS N SABES?:) NC O FARIA ÉS O MEU MLHOR AMIGO

claro:)

O avô está a explicar ao pai como são as estradas em Portugal. O pai está a conduzir. A mãe, sentada ao lado de PJ, tem as mãos sobre a malinha; estão, também elas, brancas como a cal. Do outro lado da mãe, Cass solta um som que está entre um arquejo e um soluço: leva uma mão à boca e ele vê-a empalidecer. Tem o telemóvel erguido à sua frente como se segurasse num punhal.

Olha

O plano funciona à mesma se for até aí hj?

VENS CÁ HJ?????!!!!

Tou a tentar acertar as coisas. Dá?

!!!! GRANDE NOTÍCIA OH VAMOS DIVERTIR NOS MT

Diz que se encontra com PJ na estação rodoviária. Diz que a sua mãe também estará lá, chegou cedo a casa e ele contou-lhe tudo, falou-lhe de PJ. Diz ainda que há promoções na loja de jogos. E que têm um cachorrinho novo.

Uau isso é mesmo fixe, responde PJ.

Um autocarro parte da praça principal daqui a uma hora e quarenta e cinco minutos, ou seja, um quarto de hora antes da hora a que PJ combinou encontrar-se com o Orelhas. Estará em Dublin antes de os sinos tocarem as Trindades.

INCRVL ENTAO VAIS MSM FUGIR E VIR ATÉ CÁ???

Sim mas

Detém o polegar sobre o ecrã do telemóvel. Precisa, primeiro, de saber uma coisa. Mas como lha poderá perguntar? Qual a melhor forma de abordar a questão? Deve perguntar-lhe algo do género:

Ethan, existes mesmo?

Existes mesmo, do tipo, és mesmo um rapaz? Tens mesmo uma mãe que faz biscoitos e tens um quarto a mais com uma claraboia e um amigo que trabalha no zoo?

O momento passa e mantém o polegar suspenso sobre o ecrã. Não tem como lhe perguntar nada disto. O carro abrandando, estão a entrar na vila.

Ethan escreve: ????

PJ, contudo, não lhe responde.

# **A NOIVA VIÚVA**

# I

A caminho do hotel ela pensa que se vai cagar literalmente cagar-se

De carro são só dez minutos de viagem Foi ao quarto de banho antes de sair No entanto ao passar pelas Creaghan's sente de repente uma vontade tão forte de cagar que está quase quase a dizer ao Dickie para fazer inversão de marcha e a levar de volta a casa mas então pensa se sequer aguentará durante toda a viagem de regresso a casa Devia dizer-lhe simplesmente para já o carro e deixa-me ir ali às moitas Meu Deus Isso é que era não era Na berma da estrada com as cuecas para baixo e a vila inteira a olhá-la boquiaberta Então é que haviam de julgar que era mesmo tolinha de todo

Não Cerra os dentes Une as pernas Lembra-se de alguém talvez PJ lhe dizer que o esfíncter é o músculo mais forte do corpo humano

Enquanto isso os dois homens à frente pai e filho parecem calmíssimos Maurice está a aprumar-se ao espelho A dar retoques no cabelo prateado na nuca Dickie olha inexpressivamente para a estrada como se não tivesse nada que ver com aquilo Não acelera embora não se veja um único carro na estrada

Vai contar-lhe tudo ou vai deixá-lo escapular-se para o Algarve Ainda não percebeu pois não Nasceu num berço de ouro e ainda não percebeu o que lhes está a acontecer

És uma mártir nas mãos daquele homem É o que as amigas lhe dizem As coisas por que ele te fez passar Imelda!

Ao seu lado os dois filhos enterraram a cabeça nos telemóveis até Maurice se virar para trás Vocês estão mesmo muito calados diz ele Ainda aí estão?

Imelda dá uma cotovelada a PJ Não vale a pena falar com a outra O teu avô está a falar contigo diz ela

PJ arregala os olhos parece tresloucado como se tivesse sido acordado a meio de um sonho

Então e o jogo? Acertei? O tipo da loja disse que é o mais recente da série

Sim sem dúvida que é o jogo certo muito obrigado diz PJ

É sobre o quê a Segunda Guerra Mundial? Lutar contra os nazis?

Sim só que este passa-se no presente tipo se os nazis tivessem vencido a guerra É uma realidade alternativa

Ah sim realidade alternativa diz Maurice Vira-se para a frente Bem eles não haviam de fazer muito pior do que estes tipos que lá estão Enfia a mão no bolso do casaco Saca de um pequeno molho de cartões com apontamentos e folheia-os depois parece satisfeito olha de novo para a estrada Em breve será aplaudido terá o mundo a seus pés

O Dickie queria dar-te uma palavrinha depois da cerimónia diz ela porque se ela não o disser ele nunca o fará Não querias Dickie?

Dickie não diz nada

Uma palavrinha sobre o *stand* diz ela Antes de te ires embora Porque ele lhe disse dez vezes ou até mais que se vai embora de manhã bem cedo porque tem uma partida de golfe Ele disse que ia jogar *golfe de quatro* De início ela tinha pensado que ia jogar de gatas Tinha-se perguntado se era uma mania dos ricos

Claro disse Maurice tenho todo o tempo do mundo Não é nada de sério espero?

Não não diz ela enquanto pensa Ele sabe bem o que é que se passa Senta-se muito sentadinho junto à piscina no seu *resort* de golfe em Portugal e vê o Dickie levar tudo ao charco e não mexe um dedo para o ajudar Pensa que ela é parva ou quê

Agora que o disse não sente tanta pressão Respira fundo saca do telemóvel Um concorrente do *Strickly* foi apanhado a trair Sapatilhas

*Balenciaga* em promoção são bonitas As trinta e oito melhores curas para as olheiras Um concorrente do *X Factor* foi apanhado a trair Ela não para de fazer *scroll* Vai ficar tudo bem As pessoas nunca têm de cagar na berma da estrada São coisas que simplesmente não acontecem mas então o carro abranda Ela olha com atenção à sua volta O que se passa Porque estamos a parar

Por causa de um trator diz Dickie Sim Uma carripiana muito velha e podre que avança aos sacões à frente deles Um velhote na cabina a gingar para a frente e para trás sem dar sinal de se aperceber que estão ali Não o podes ultrapassar? diz ela

É proibido ultrapassar nos próximos dois quilómetros diz ele

Oh por amor de Deus Dickie! Vamos chegar atrasados! Podes ultrapassá-lo por favor?

Mas não não vai ultrapassá-lo Ao invés espera pacientemente que o trator laranja avance a passo de caracol E quando olha para trás Imelda vê que se formou uma fila de carros ao longo da estrada e sente as tripas às voltas As cólicas estão de regresso e piores do que nunca Retesa o corpo todo Mas não consegue reter aquilo por mais tempo Não consegue não consegue Vão ter de parar ali na berma da estrada onde há apenas um campo aberto sem sequer uma moita onde se possa esconder e a porra de todos os carros do condado estão em fila atrás deles para testemunhar tudo aquilo Aquela não é a Imelda Barnes dirão eles O que é que ela está a fazer Está agachada no meio da erva com as cuecas para baixo a cagar-se toda A derradeira humilhação Depois disso é para esquecer voltar à mó de cima Mas ela não tem outra opção Estica-se para dar uma palmadinha no ombro de Dickie Dizer-lhe que pare o carro enquanto pensa Estar viva é um inferno ser uma pessoa é um inferno É um inferno...

O trator sai da estrada

Dickie engata outra mudança acelera Entra ar fresco pela janela As cólicas esmorecem

Imelda recosta-se no assento Descontra um pouco Vai correr tudo bem diz para consigo É só um hotel Um sítio como qualquer outro Não tem lá nada que te possa fazer mal

Uma mártir É o que as amigas dizem A sério Imelda não sabemos como o suportas

Só se apercebe de que Cass está a chorar quando estacionam

Dickie e PJ e Maurice já se estão a dirigir à entrada onde os mandachugas se reuniram Mas Cass não desce do carro Olha para Imelda muito pálida As lágrimas caem-lhe sem parar no vestido novinho em folha e ainda nem sequer chegou à porta do hotel

O que é? pergunta Imelda

A Sarah Jane Hinchy foi com ela à visita sussurra

O quê? diz Imelda Qual visita? A Sarah Jane quem?

Foi ver apartamentos com a Elaine diz Cass Tapa a cara com as mãos E se elas acabam a viver juntas

Bem noutra dia Imelda talvez a tivesse reconfortado um pouco embora não perceba patavina do que se está a passar porque a rapariga está claramente perturbada Mas a verdade é que se não encontrar um quarto de banho de imediato vai dar-se ali um Ragnarok por isso prende o queixo da filha entre o polegar e o indicador e vira-lhe a cara para a olhar nos olhos

Agora não diz ela Estás a ouvir-me?

Cass olha-a com uma mistura de tristeza e desafio apesar das lágrimas

Estás a ouvir-me? repete

Cass anui com um aceno de cabeça

Chegámos até aqui diz ela falando tanto para consigo quanto para Cass Agora só temos de aguentar este jantar e depois as coisas vão começar a melhorar queira Deus

Mas quando sai do carro e vê a fachada do hotel a tremeluzir cai-lhe tudo em cima outra vez e ela pensa *Não consigo fazer isto não consigo*

Depois sente alguém dar-lhe o braço É Maurice Presumo que não te importes de me emprestar a tua mulher por um momento diz ele a Dickie Condu-la sem esperar uma resposta Entram no átrio principal passam pelo presidente da Câmara e pelos outros velhotes com casacos pretos Inclina-se sobre ela e murmura Estás encantadora nunca te vi tão bonita Oh céus és tão mentiroso responde-lhe ela Mas deixa-o guiá-la através do átrio passando pela escadaria avassaladora em direção às portas no salão de baile no fundo do corredor e uma vez lá chegada está contente por ele lhe dar o braço porque por um momento é só ele que a segura em pé

Tinha imaginado que certamente estaria diferente Decerto teria mudado decorridos dezoito anos! Mas não parece exatamente o mesmo O mesmo tapete no chão Os mesmos quadros na parede O mesmo bando de guardanapos-cisne brancos a flutuar nas mesas e o mesmo cheiro a sopa no ar e as mesmas cortinas vermelhas atrás do palco onde a banda atuou De repente cai-lhe tudo em cima Todos estes pormenores que ela nem sequer se lembrava de ter notado Assaltam-na como uma horda de fantasmas como se tivessem esperado todo este tempo que ela chegasse ali para a fazer olhar para eles *recordarecordarecordarecorda* E ela sente o suor escorrer-lhe dos sovacos Naquele dia também fazia calor Ela transpirava no seu vestido As presilhas do corpete cravavam-se-lhe na carne A pálpebra pulsava-lhe como se prestes a explodir O ar estava tão estagnado quanto dentro de uma cripta Sob a névoa branca do véu o ar que expirava retornava-lhe ao rosto húmido e quente tornando o salão

abafado mais quente e ainda mais abafado e ela sentia-se assim aprumada tão pesada quanto betão com chumbo Uma rapariga num vestido de betão a enfiar-se pelo chão adentro

Ouve-se uma salva de palmas quando os convidados se apercebem de que Maurice chegou Em seguida outras pessoas no salão viram-se para trás e juntam-se aos aplausos e gera-se uma barulheira Um Maurice elegante e magnânimo aceita os aplausos graciosamente modestamente e agarrada ao seu braço Imelda sorri sem parar Se tens dúvidas sorri É o que diz Clara Langan Quando te dói sorri

Tem aqui muita gente ansiosa por o ouvir diz-lhe Dickie quando Maurice a liberta de maneira a cumprimentar o seu público

Pois tem é verdade Vai sair daqui de bom humor Vais mesmo falar com ele não vais Dickie? diz ela ao marido

Dickie não responde Também ele parece muito abalado Será de pensar que tem de falar com Maurice ou será que também se lembra daquele dia De certeza que se lembra Mas antes que lho possa perguntar alguém lhe vem dar um aperto de mão e Dickie força um sorriso e lança-se ao trabalho

As pessoas que os querem cumprimentar e dar-lhes os parabéns parecem formar uma procissão interminável Dão-lhes apertos de mão e beijinhos na cara Muitas daquelas pessoas tinham estado presentes daquela vez Homens na altura já em ascensão Homens influentes que Maurice achava que seria bom o Dickie conhecer Era assim que ele pensava mesmo nesse tempo Mesmo depois do que acontecera Um homem de negócios de corpo e alma E tinha razão ou não tinha porque dezoito anos depois esses homens estão na Câmara de Comércio no *Cumann* no Conselho dos Laticínios e nunca fizeram nada de bom pelo Dickie Riem-se e chamam-lhe querida enquanto as mulheres deles a olham com óbvio desprezo Olham-na de olhos semicerrados

Sim ela sabe muito bem o que dizem sobre o Dickie por aqui Depois de tudo o que ele fez por estes tipos do Lions Clube pelo Rotary Clube e pelos Winnies e pelo clube de futebol Além de ter dado trabalho a metade dos desocupados da vila Corruptos a quem não deixariam pôr produtos nas prateleiras de um supermercado quanto mais mexer numa caixa registadora quem é que os tinha acolhido e pagado bom dinheiro para varrerem o chão do *stand* só Dickie mesmo quando os tempos estavam difíceis tudo por simples bondade! Sem falar dos outros Aqueles que nem ele conseguia empregar mas que de qualquer modo lhe estavam sempre a contar as suas desgraças Caí de uma escavadora lixei as costas Perdi o emprego porque roubaram dinheiro da caixa mas não fui que o roubei E Dickie sacava do livro de cheques Dava dinheiro a torto e a direito distribuía notas de dez e vinte e até cinquenta

És um coração mole dizia-lhe ela Achas que o Maurice chegou onde chegou a dar dinheiro a todos os miseráveis que lhe tentaram sacar algum? Mas ele não lhes conseguia dizer que não embora ela soubesse que eles lhe haviam de virar as costas assim que o dinheiro se esgotasse Tanto os ricos quanto os pobres E assim foi Agora chamam-lhe parvo e têm razão

E o que lhe chamam a ela? O que é ela aos olhos deles a história mais triste de sempre? Olham para ela sem dúvida e veem onde é que as coisas começaram a correr mal a Dickie Barnes Foi naquele mesmíssimo sítio dizem entre eles Foi aqui que começou

Enfim pessoas Nunca estavam satisfeitas Pega na carteira e diz a Cass para ir ao bar buscar-lhe um *gin* tónico

E traz uma *Coca-Cola* para ti e para o teu irmão PJ larga já esse telemóvel ou tiro-to Não te volto a avisar

Podemos comprar batatas fritas? diz Cass

Batatas fritas? diz Imelda Mas para quê se vão já jantar?

Mas então repara que PJ está branco como a cal Tem andado esquisito nos últimos dias É aquela preocupação toda Tenta-se esconder-lhes o que se passa mas descobrem sempre Oh céus está bem diz ela

Cass afasta-se com ar mal-humorado e PJ coxeia no seu encalço Agora sempre que olha para ele vê o seu pé em péssimo estado tal qual o viu na Arnotts azul-esbranquiçado e com vários cortes quase morrera de vergonha Meu Deus se ao menos as coisas com o Maurice se resolverem Imaginem só ter outra vez dinheiro! Imaginem só não terem de viver preocupados!

Mas vai resolver-se Ele não é má pessoa E fizeram bem em esperar por estar com ele ao vivo e não lhe pedirem ajuda pelo Skype É mais difícil dizer que não quando se está cara a cara com a pessoa De qualquer maneira ele não terá também culpa de estarem na situação em que estão? Afinal entregou-lhes não só o *stand* mas também a porcaria da casa Atira-lhes para as mãos com um negócio moribundo e um milhão de euros de património líquido negativo e pisga-se para o Algarve?

A procissão continua Cumprimenta o Monsenhor e Phil o mecânico-chefe e os Cronins e os Woodleys e um mandachuva ou outro da fábrica de *microchips* Sorri o mais que pode uma e outra vez um farol que cintila num oceano de indiferença Pergunta-se quando é que se vão sentar nunca mais se sentam e então quem é que vai ter com ela é o Big Mike Comerford

Bem diz ele

Bem Mike responde-lhe ela o mais educadamente que consegue

Estás com ótimo aspeto diz ele

Obrigada diz ela Olha em volta em busca de alguém que a salve Mas todos no salão estão de costas voltadas para ela parece que vai ter de aturar o Big Mike que lhe diz Bem

Tens um lindo vestido diz ele

Obrigada diz ela outra vez enquanto olha noutra direção

Assenta-te bem diz ele O corte ou lá o que é Ajusta-se

Hum-hum diz Imelda

É um vestido da Clara Langan não é diz ele

Imelda olha-o uma e outra vez com espanto e contrafeita

Reconheço as folhas diz ele e toca-lhe na manga do vestido As folhas de carvalho são o padrão dela Põe-nas em tudo Porque ela é de Kildare É um como é que se chama Um motivo

Imelda está completamente pasma É como se o cão do carteiro se tivesse de repente aproximado dela e entabulado conversa Embora nunca tenha suportado o Big Mike já não podia com ele ainda antes de ele comprar o seu querido *Touareg* para o dar à criada com quem ia para a cama Ou antes de deixar aquelas casas por acabar nos terrenos atrás da floresta com as portas abertas a qualquer vagabundo que quisesse dar lá uma saltada A verdade é que Dickie não teceu nenhum comentário sobre o motivo ou o corte do vestido Assim como não comentou se o vestido lhe assentava bem Ao invés mordeu o lábio com apreensão quando ela tirou o vestido da caixa e era óbvio que estava mortinho por lhe perguntar quanto tinha custado mas não teve coragem porque sabia que ela lho teria literalmente enfiado pela goela abaixo

Vi-a no *Late Late* diz Big Mike É uma mulher e peras Começou por ser modelo e agora tem a sua própria marca de roupa

E de mobiliário diz Imelda E também produz alimentos integrais Sem glúten

Ai sim diz Big Mike Bem bem Abana a cabeça por um momento e em seguida acrescenta Nunca pensaste em trabalhar nessa área?

Em quê diz ela Fazer móveis?

Achas mesmo que a Clara Langan faz os armários com as próprias mãos num barraco qualquer? pergunta ele com uma gargalhada Ela é só a imagem da marca A cara que as pessoas reconhecem Seria algo à tua medida diz ele Para uma mulher como tu

Para uma mulher como eu há vinte anos riposta ela Podes ir pregar para outra freguesia Mike Comerford já conheço as tuas lérias

Embora seja verdade que as amigas lhe disseram coisas parecidas Com o teu aspeto Imelda! Ainda serias capaz! Começa com uma foto tua em biquíni ao lado de uma caixa de pastilhas para a máquina da loiça no *Sunday Independent* Quando deres por ela já és uma empresária!

Sabe que têm boas intenções Mas soa-lhe a algo como Olha só o que *podias* ter feito Imelda Olha só o que *podias* ter sido se não tivesses ficado cá Se não te tivesses agarrado com unhas e dentes à primeira boia de salvação que te atiraram Neste mesmo salão pensa ela E tudo à sua volta parece uma vez mais rodopiar

Por isso é um alívio ver Cass regressar um tanto curvada com as bebidas bem seguras na mão Imelda vira costas a Mike e pega no seu copo antes que caia tudo ao chão

Cass devolve-lhe o dinheiro Foram de borla diz ela Ah têm bar aberto pensa Imelda Isso explica a multidão

Já conhece a minha neta? pergunta Maurice ao presidente da Câmara Proclama tudo o que diz de maneira tal que mais parece estar a doar um jarro Ming a um museu A Cassandra vai entrar em breve no Trinity College em Dublin Vai estudar Literatura Inglesa

Big Mike saca do telemóvel Vamos tirar uma fotografia de vocês todos juntos diz ele Sorriam!

Onde está o PJ? diz Imelda mas Mike já está a tirar a fotografia Olha para o telemóvel Fabuloso diz ele e em seguida Dá-me o teu número

Imelda e eu envio-ta

Que mais pode ela fazer senão dar-lho? Logo a seguir recebe de facto a fotografia Nela o cabelo de Imelda parece um ninho de pássaros o Dickie parece prestes a ter uma trombose Cass está com uma expressão de infelicidade pura e no meio deles Maurice e o presidente da Câmara surgem radiantes como se estivessem a fazer uma visita a um hospital psiquiátrico

Encontrámos uma amiga tua em Dublin diz Big Mike a Cass A Sarah Jane Hinchy Tem uma irmã que é agente imobiliária está atenta ao mercado e anda à procura de um apartamento para vocês as três

Nós as três? repete Cass

Oh vocês vão-se divertir imenso por lá diz Mike Vai ser uma diversão

Eu disse-te que teríamos regressado a tempo murmura-lhe Cass quando ele finalmente se vai embora

De que é que estás a falar? diz Imelda

Se tivéssemos ido visitar as casas Teríamos voltado a tempo diz Cass E lança-lhe um olhar como se com ganas de a matar Como se a própria Imelda tivesse programado todo aquele jantar só para atormentar a filha e a impedir de ir visitar apartamentos com a amiga Quando *na verdade só estão ali* praticamente para que ela possa ir para Dublin E embora se arrependa de lhe ter falado com brusquidão no carro pensa que talvez lhe possa de qualquer maneira dar uma perspectiva das coisas Quando de repente alguém lhe dá uma palmadinha nas costas e lhe diz Estou de olho em ti Imelda Barnes

Dá meia-volta Geraldine e Maisie A cavalaria Graças a Deus

Onde estavam metidas? diz ela Pensava que não vinham

Estamos atrasadas? pergunta Geraldine Fomos tomar um copo de vinho ao Bojangles Estás linda diz ela

Não estou nada diz Imelda Estou em péssimo estado

Isto não é incrível diz Maisie enquanto olha à sua volta É como um casamento só que somos todos velhos

Já vi que ele anda a farejar atrás de ti agora não anda? Geraldine aponta com o queixo para Big Mike que está com um braço em volta da mulher no outro lado do salão

A desfaçatez daquele homem diz Imelda Como é que ele não tem vergonha de aparecer numa festa de pessoas decentes Embora lhe ocorra que as pessoas estarão provavelmente a comentar o mesmo acerca dela e de Dickie e das suas dívidas

Soubeste da última? pergunta Geraldine

O quê diz Imelda mas depois repara que Cass está é claro a ouvir e a assimilar tudo aquilo Vai procurar o teu irmão diz ela E Cass afasta-se com o seu habitual revirar de olhos e a suspirar e etc.

Porque é que ela está tão aborrecida? diz Maisie a olhar para a rapariga

Oh nem falemos disso diz Imelda

É a tua cruz diz com uma risadinha Geraldine Estás a pagar pelo que fizeste na idade dela

Quem mais está cá? diz Imelda

A Una teve de ir fazer radioterapia a Dublin diz Geraldine A Roisin está a caminho

Olha cá está ela diz Maisie Tens aí uma bela maquilhagem de olhos Roisin Como é que se chama?

*Maniac* diz Roisin Olha à volta Não há aqui um único homem com menos de cinquenta anos

As amigas encontram-se uma vez por semana na sala das traseiras da loja de Una Dwan para realizarem aí as sessões da Tidy Towns mas passam muito do seu tempo a discutir Big Mike e as suas prevaricações

O consenso entre as amigas é que embora a culpa seja sem dúvida dele Joan a sua mulher também contribuiu para o problema

Como é que ela deixou uma mulher daquelas entrar-lhe em casa! diz Geraldine Uma boazona loira Magra como um espeto exceto aquelas mamalhonas uma pessoa até era capaz de dar um olho ou os dentes por elas Estava-se mesmo a ver como é que aquilo ia acabar

O problema foi arranjar uma brasileira diz Maisie Devia ter arranjado uma polaca As brasileiras são demasiado sexuais As polacas são mais bonitas mas são frígidas

Sexuais ou não diz Geraldine estava-se mesmo a ver que era uma caça-fortunas Quem é que confia numa mulher daquelas

Ele tem sorte de a Joan o ter aceitado de volta diz Maisie

Ele passou noventa por cento dos negócios para ela para o banco não lhe deitar a mão diz Geraldine Acho que no fim foi isso que o fez recuar O Big Mike é um idiota mas não é parvo de todo A Menina Brasileira pode ter umas belas mamas mas ele não vai deitar tudo a perder por causa delas

Aquele tipo nunca vai desistir diz Maisie Era capaz de tentar a sorte dele com qualquer pessoa

A Joan vai andar de olho nele diz Geraldine E as espias dela também Já sabem como é que é esta terriola Toda a gente vê tudo

Faz-se silêncio por um momento e depois Maisie pergunta Não tens medo de *seres* apanhada?

Não porque eu tenho cuidado diz Geraldine Olha para a esquerda e para a direita e depois acrescenta num fio de voz Ele até pode estar aqui agora mesmo

O quê? O Mickey Misterioso? Aqui? dizem as amigas em uníssono e depois começam a olhar por cima dos ombros Quem é? O Tony Daley? Não é o presidente da Câmara pois não?

Geraldine sorri enigmaticamente e depois sussurra Será que vos mostro uma fotografia dele?

Saca do telemóvel dá-lhe alguns toques e depois passa-o a Maisie que solta uma espécie de ganido e leva a mão à boca e entrega o telemóvel a Imelda

E agora o que acham disso diz Geraldine

É uma fotografia de um pénis Um pénis ereto

Olhem só para a cara dela! Adorava deitar-lhe a mão não adorava?

Oh a nossa Imelda é demasiado pura para uma coisa dessas

Não é nada pura só prefere provocá-los não é Imelda Meu Deus quantas punhetas os homens desta vila não devem ter batido à tua conta Milhares literalmente milhares!

Mãe dá-me um euro para jogar na máquina diz PJ que aparece do nada e Imelda esconde o telemóvel e depois leva a mão à carteira mas deixa cair o telemóvel Geraldine ri-se sem parar

Geraldine tem um caso extraconjugal Ela não tem como é que é a palavra *remorsos*

Olhem meninas diz ela estou casada há vinte e dois anos e estou mais do que convencida Apostei no cavalo errado e não há mais nada a dizer

Ao mesmo tempo não quer o divórcio Porquê passar por tudo isso nesta altura do campeonato? diz ela Para quê obrigar os filhos a passar por isso? Não isto é muito melhor e quando me fartar dele posso pô-lo a andar e ninguém leva a mal

O que acontece se te apaixonares por ele? pergunta Imelda

Geraldine ri-se e diz que vai correr o risco

O que Imelda queria dizer era é claro Mas é pecado Como quando Roisin se vangloria e lhes diz que é maravilhoso ser-se *Swingle* como ela lhe chama ela quer dizer Mas é pecado Mas não o diz porque sabe o que

elas lhe vão responder A sério Imelda Ainda acreditas nessas coisas depois de tudo por que passaste?

As pessoas começam a sentar-se às mesas Devem ter-lhes feito algum sinal As amigas correm até ao bar para se abastecerem antes de os discursos começarem Imelda procura a sua mesa

Big Mike pisca-lhe o olho quando se cruzam Finge não o ver A desfaçatez do sujeito depois de todas as suas asneiras! Embora por vezes se pergunte se de facto se podia culpá-lo A rapariga era uma verdadeira beldade A criada Chamava-se Augustina E ele estava preso a Joan Uma mulher que era um tédio de morte muito desenxabida mais parecia água de lavar a loiça e tinha a mania Uma daquelas pessoas que comprime o maxilar enquanto fala como se tivesse os dentes soltos nas gengivas e eles lhe fossem cair ao chão se abrisse a boca

Mas ninguém o obrigou a casar com ela pois não Só que ela tinha dinheiro A família dela tinha dinheiro Foi por isso que ele se casou com ela Embora nunca ninguém lhe chame caça-fortunas

Sim se ela pudesse ter falado com aquela rapariga ter-lhe-ia dito de caras Esquece o Big Mike Deixa de limpar casas Esquece as vilórias como esta Tens de agir depressa Usa a beleza que Deus te deu para que quando ela desaparecer tenhas a tua próxima vida pronta *Designer Influencer* Especialista em Nutrição Caso contrário não vais passar de uma antiga beldade à espera de ser traída O cavalo errado O cavalo que envelheceu Aquela pessoa sobre quem as outras cochicham entre si *Ninguém o diria mas ela foi*

Roisin parece fula junto ao mapa de lugares Demorei uma hora inteira a pôr um vestido sem costas e enfiaram-me numa mesa de freiras diz ela Alguém se está a rir à minha conta

E talvez se esteja mesmo porque quando olha para o plano Imelda vê que lhes deram a mesma mesa em que tinham ficado antes Precisamente

quando pensava que se começava a acostumar a estar ali outra vez A mesma mesa e o mesmo lugar A olhar de frente para os convidados que olhavam para ela É como se alguém ou algo quisesse fazer-lhe ver que esteve aqui este tempo todo O hotel O passado À sua espera o tempo que fosse preciso Era ali que o bolo estava Era ali que estava a banda Dickie sentava-se à sua direita E do outro lado da mesa Rose Sim lembra-se de olhar para Rose através do véu De como tentara atrair-lhe o olhar Rose desviara-o

Claro que é a única tansa que se deu ao trabalho de se sentar Os outros convidados pararam a meio caminho da mesa Estão todos a olhar para ela? Estão a pensar Ela também se sentou naquele sítio naquele dia? Quem lhe dera ter outra vez o véu Em vez disso saca do telemóvel Clara Langan num piquenique com a família num parque em França Os filhos estão tão bonitos com as suas roupinhas aos folhos e a comer à colher morangos que tiram de tigelinhas às pintas #summerfun Clara Langan está a usar as mesmas sapatilhas *Balenciaga* agora em promoção e uma nova janela abre-se-lhe com um anúncio Ofereça a si mesma um miminho Imelda! Um desconto extra de 10%! E está a pensar que as devia comprar só por vingança por ter sido arrastada de volta até ali quando um empregado de mesa passa por ela e lhe põe à frente uma terrina de sopa De repente o salão fica cheio de empregados que andam para a frente e para trás como gaivotas Quatro terrinas idênticas surgiram nos lugares desocupados à sua volta Dickie senta-se ao seu lado Bem diz ele

De início ela não lhe responde Dá-lhe um momento para ver se ele repara em alguma coisa Para ele olhar por sobre o ombro e dizer *Meu Deus Melds estou a dar em doido ou esta é a mesma mesa a que nos sentámos na boda do nosso casamento*

*Imagina só parece mentira* diria ela e eles rir-se-iam e os fantasmas ameaçá-los-iam com os seus punhos esqueléticos mas esfumar-se-iam no ar

O Tony Daley está a pensar comprar um daqueles fornos com função de autolimpeza diz ele

Ah sim diz Imelda

É verdade Ele diz que é o que está a dar

*És uma mártir nas mãos daquele homem És uma mártir*

Em seguida Cass aparece à mesa Atira-se para cima da cadeira Bate na mesa com o copo cheio de *Coca-Cola* mesmo à sua frente e fica a olhá-lo de cenho franzido Onde está o teu irmão? pergunta-lhe Imelda Cass nem olha para ela Como é que eu havia de saber?

Imelda sente a raiva efervescer-lhe na cabeça como as bolhas no copo Tem tudo de mão beijada e não dá valor a nada! Meu Deus adorava levá-la a fazer uma viagem ao passado Levá-la à sua infância Havia de aprender a ter maneiras O que temos para o pequeno-almoço Nada O que temos para o jantar Nada O xerife está a bater à porta A polícia a Segurança Social os parvalhões daquele mesmo Lions Clube com as suas caixas de cartão com milho em lata e *Terry's Chocolate Orange* uma semana fora do prazo de validade a cruzarem-se com ela boquiabertos com cara de horror como se tivessem tropeçado e caído dentro de uma catacumba Ela a aprender a coser ao dar pontos na cabeça do irmão depois de o pai lhe acertar com um martelo E que tal para começar?

Mas onde *está* o PJ?

A maioria dos convidados já está sentada mas ela ainda não o consegue ver Ele não estava a jogar um videojogo qualquer? diz Dickie Mas não está ninguém na cabina de videojogos junto ao bar

Será que encontrou algum conhecido?

Mas quem é que ele havia de conhecer aqui? diz ela É a única criança na festa Dickie cerra os dentes faz girar a aliança no dedo Ele não pode ter desaparecido pois não? diz ela tomada subitamente pelo pânico

Desaparecido? diz ele Que queres dizer com isso?

Desaparecido desaparecido diz ela furibunda sem saber ao certo o que de facto quer dizer Mas de repente do nada tem de novo o coração aos pulos e apesar de a luz do sol entrar ainda pelas janelas largas vê tudo escuro e vá-se lá saber de onde terá surgido a ideia mas para seu horror tem a certeza de que *ele já não está cá* Que o salão o devorou como paga pelo que aconteceu naquele dia Pela vida que ela nunca devia ter tido Agora nunca mais o verá e ninguém irá sequer perceber a quem se refere quando mencionar o nome do filho...

Ali está ele diz Dickie Olha Ali junto à saída de emergência E aponta para o fundo da sala onde vê PJ de pé e encostado às cortinas compridas está concentradíssimo no telemóvel Provavelmente está a mandar mensagens aos amigos diz Dickie Vou lá chamá-lo

Imelda sente um alívio enorme Não é preciso diz ela mas ele levanta-se e ela mantém-se de olho no filho enquanto Dickie abre caminho por entre as mesas como se caso contrário ele pudesse desaparecer Parece tão pequeno no meio daquelas badochas que só têm conversas de chacha e no entanto pela expressão facial parece mais velho do que na verdade é Parece destroçado será um bom adjetivo Angustiado Parece-lhe que neste verão mal lhe pôs a vista em cima Não consegue arrancar-lhe uma palavra A porcaria do *stand* fodeu tudo Aquele *stand* de merda é uma chaga viva

PJ chega à mesa com a mão de Dickie no ombro Senta-se e começa a comer mecanicamente a sopa à colherada Ela resiste à tentação de o interrogar Ao invés espera que olhe para ela Está tudo bem? pergunta ela

Ele sorri-lhe E ela sobressalta-se Porque vê o seu próprio brilho de farol ser-lhe devolvido num reflexo

Pouco depois Maurice abre caminho por entre a multidão Murmura cumprimentos e dá mais apertos de mão ao longo do percurso como se fosse Frank Sinatra E assim que se senta como se tudo estivesse à sua espera Tommy Shiels diretor do Lions Clube sobe ao palco

Frango ou carne de vaca? murmura ao ouvido de Imelda um empregado de mesa que logo interpela Dickie Frango ou carne de vaca?

Para começar deixo-vos algumas informações importantes diz Tommy Shiels que começa a apontar as saídas de emergência Imelda levanta a tampa da sua terrina O que é que ela comeu naquele dia se é que comeu alguma coisa Teria sido difícil comer com o véu à frente mas se não comeu o que é que fez durante a refeição Olhou para Rose? Sondou as sombras?

À sua direita Maurice pôs os óculos para dar uma olhadela aos seus cartões com apontamentos À sua esquerda Dickie dá voltas e mais voltas à aliança está a preparar-se para fazer o seu mísero discurso Do outro lado da mesa no lugar antes ocupado por Rose Cass recosta-se na cadeira beberica a sua *Coca-Cola* e olha distraidamente para o vazio sem tocar na sopa Na semana passada deu-lhe de repente na veneta que a queria visitar A Rose é claro Fez um escarcéu quando Imelda lhe disse que não podia Típico Durante anos era praticamente preciso arrastá-la de escavadora até ao lar de idosos Mas assim que não se quer levá-la lá não há como a convencer de que não pode ir

Pobre Rose Sabe Deus há quanto tempo não vai lá Tem de a visitar Assim que isto terminar se é que alguma vez vai terminar

Agora Tommy Shiels está a recapitular o bom trabalho feito no último ano pelo Lions Os cabazes que ofereceram Carvão e lenha

entregues aos mais necessitados da vila E não são sempre quem se julga que são diz ele

Tem defronte dela os rostos de todos os convidados presentes no salão Olham para um ponto atrás dela para o palco enquanto trazem a sopa e pão de soda Monica Chambers Odette O'Leary Angela Batt O dentista o diretor da escola o médico de família dos miúdos

Há já meses que tem um sonho recorrente Sonha que uma inundação atravessa a casa de um lado ao outro Que a água arranca roupas dos guarda-roupas Brinquedos dos armários Comida da mesa Arrasta-os com ela No sonho tenta detê-la Caminha de um lado para o outro na água enquanto tenta recuperar as coisas Mas não consegue segurar tudo nos braços e é derrotada A corrente torna-se mais forte Arranca os eletrodomésticos a ilha da cozinha os mosaicos do chão a tinta das paredes Arranca-lhe também as roupas que leva vestidas Até também ela ser arrastada A vila inteira reúne-se nas margens do curso de água criado pelas cheias para a ver passar Veem-na ser levada pela corrente Aos seus olhos ela é velha Também perdeu a juventude A água levou-lha de arrasto

Então como se lhe pudesse ler a mente ele pousa uma mão na dela e aperta-lha Uma voz sussurra-lhe ao ouvido Estás mais bela do que nunca

Dickie? Não claro que não só podes estar a brincar É Maurice A Dickie nunca na vida lhe passaria pela cabeça elogiá-la daquela maneira

Estou a falar a sério diz ele Estás fabulosa

Não estou nada diz ela O meu cabelo está um desastre

Estás perfeita diz ele Esmeraste-te Depois aperta-lhe de novo a mão e sussurra Foges comigo Imelda? Vais comigo para Portugal? Estou velho não te vou cansar

Ela solta a mão e dá uma palmada na dele Tenha modos Maurice Barnes!

Os pequenos jogos de sedução de Maurice nunca a incomodaram Sabe que encara tudo aquilo como uma brincadeira tal como ela Entendem-se um ao outro São iguais em certos aspetos

Aqui estamos diz ele É a minha despedida Só falta mesmo repicarem o sino a avisar o funeral Uma pessoa até se põe a pensar para que é que foi isto tudo não é

Não digas essas coisas diz-lhe ela No outro lado da mesa as orelhas de Dickie quase lhe saltam da cabeça de ele tanto tentar perceber o que estão a dizer Estás no teu auge Tenho duas ou três amigas não vou dizer nomes mas chamavam-te um figuinho

Maurice sorri Ela aposta que ele tem uma *señorita* na Quinta do Lago e que é por isso que não veio a casa no Natal

Ainda bem que pudeste vir diz ele Fico muito contente

Não perdia isto por nada neste mundo diz ela É o reconhecimento do teu mérito

O nosso convidado de honra de hoje é de facto um homem que não precisa de apresentações diz Tommy Shiels

É estranho voltar aqui diz Maurice Não é

Ela não lhe responde

Nunca mais cá vim desde aquele dia diz ele Desde — Meu Deus estava quase a dizer funeral desculpa Desde o casamento quero eu dizer

Para as pessoas desta vila o nome Maurice Barnes é sinónimo de *altruísta interessado pródigo* diz Tommy Shiels

Deve trazer-te recordações diz ele Ela limita-se a sorrir

Ele personifica o espírito da generosidade que é a própria razão de ser do Lions Clube diz Tommy Shiels

Aquela abelha! diz Maurice meneando a cabeça A Peggy achava que era um sinal Mas eu nunca duvidei que foi a coisa certa Que fizeste a coisa certa

Olha abstraidamente em frente Ainda tem um sorriso nos lábios como uma recordação de que se esqueceu e por um instante ela vê-o de novo junto à campa com o seu casaco preto Com os olhos fechados como se nunca mais os fosse reabrir O rosto vazio como se tivessem aberto a sepultura nele e não na terra

Levanta-te e anda cá acima meu palerma! diz do palco Tommy Shiels

Maurice reabre os olhos Levanta-se de um salto dá um jeito aos punhos da camisa e sobe os degraus até ao estrado Quando se acerca de Tommy Shiels baixa ligeiramente a cabeça como quem já está muito habituado a receber medalhas e Tommy põe-lhe uma banda ao pescoço As pessoas em volta de Imelda levantam-se Aplaudem e gritam viva

Mãe sussurra aflitivamente PJ

Imelda vira-se vê que Cass está a chorar Recostada na cadeira as lágrimas correm-lhe pelo rosto como se de uma torneira aberta Como se por ela corresse toda a tristeza do mundo

Todo o salão está agora de pé O clamor dos aplausos mais parece o ribombar de um rio prestes a transbordar Dickie debruça-se e tenta convencer Cass a levantar-se Tens de te levantar diz ele Tens de te levantar Cass afasta-o

Quando lhe vê as lágrimas Imelda lembra-se de chorar a coberto do véu É como se se estivesse a ver a si mesma A olhar para o passado Como se aquele dia tivesse permanecido ali trancado à espera que ela voltasse ao local

Por isso quando Dickie se baixa para agarrar Cass e a levantar à força ela vira costas ao palco Olha para o mar de rostos que olham no

sentido oposto Um minúsculo fragmento daquela velha esperança  
acende-se-lhe no coração Olha para o fundo do salão onde ela tinha  
esperado que ele aparecesse O seu amado o seu noivo

Frank

## II

Quem é que lhe contou a história Não pode ter sido o seu pai ele só falava dele próprio E a mãe não contava histórias só gostava de pentear o cabelo de Imelda Então deve ter sido Rose Lembra-se de que Rose ia lá a casa quando era pequena E era o género de história que ela contaria Um aviso antes que algum deles soubesse que havia algo sobre o qual deviam estar de sobreaviso

Era a história de um viajante de regresso a casa depois de uma viagem longa Uma noite dá por si no meio dos campos depois do pôr do sol e não encontra nem casas nem nenhuma estalagem onde possa pernoitar É uma noite agreste mas que mais pode ele fazer senão deitar-se na encosta de uma colina e estender o seu capote sobre o corpo para se proteger do frio Uma lua branca paira sobre ele Tiritando de frio deitado na erva Demora muito tempo a adormecer Mas acaba por adormecer e acorda ao som de música

Levanta a cabeça A lua desapareceu o céu está escuro como breu Não se vê viva alma em lado nenhum no entanto ainda ouve a música Um violino um acordeão um tamborim irlandês tocam música de dança

Levanta-se e caminha em direção ao som e depois vê uma porta no outro lado da colina

Pela frincha da porta entreaberta saem uma luz e a música

O viajante detém-se porque conhece histórias sobre os Sídh o povo das fadas que vive lado a lado connosco nunca os vemos mas de vez em quando conseguíamos vislumbrá-los perto de uma determinada árvore ou de um poço ou de uma das suas colinas São bonitos mas praticam uma magia cruel Se se lhes tocar não se sabe o que farão Podem matar-te o gado por prazer Roubar-te o bebé Fazer-te adoecer Ou pregar-te uma partida e trocar-te a cara e o cu de sítio ou fazer crescer uma árvore

dentro de ti até os ramos te saírem pela boca e pelos olhos e pelos ouvidos

Ele sabe que é melhor manter-se bem longe deles No entanto faz tanto frio naquela noite! A noite está gélida e a música muito alegre e quem toca música assim decerto não lhe quererá mal Logo dá por si a aproximar-se da porta Vai só transpô-la e espreitar pensa ele Ouvir a música Esperar só até se aquecer um pouco Nem sequer precisa de falar com quem quer que seja que está lá dentro Porém quem lhe diz que é mesmo o povo das fadas e não são simplesmente pessoas normais que vivem dentro de uma colina?

Com isto em mente transpõe a porta

E depara não com um buraco na terra mas com um salão imponente É um festim Na mesa estão pratos com carnes de todos os tipos possíveis e imagináveis Garrafas de hidromel e uísque Nunca viu pessoas tão bonitas como as sentadas à mesa Têm cabelo amarelo os olhos azuis e assim que o avistam gritam um viva como se estivessem à espera dele para se começarem a banquetear Convidam-no a sentar-se Põem-lhe um cálice na mão Dizem-lhe para comer à vontade Ele assim faz E quando está saciado despem-lhe o velho capote húmido e põem-lhe um manto belíssimo aos ombros e um aro na cabeça e um anel no dedo ambas as peças de ouro Os cálices e os pratos também são de ouro Todos os comensais têm colares de ouro ao pescoço As paredes estão debruadas a ouro Uma donzela dá-lhe a mão O seu cabelo é dourado como um dia de verão

A música recomeça mas não consegue ver quem a toca A donzela dança sem parar à sua volta Beija-lhe a fronte a face os lábios Ele diz-lhe que é casado tem uma mulher à sua espera em casa e ela ri-se Essas coisas não importam nada aqui diz ela Neste sítio não há preocupações E então ele dança e bebe e sempre que esvazia o cálice enchem-lho de

novo sem que alguma vez chegue a ver como e o festim continua mas ele não se cansa e as pessoas gentis que o atraíram para o seu salão de festas dispõem-se em círculo à sua volta enquanto dança com a donzela e batem palmas e gritam vivas São muito amigáveis pensa ele E depois acorda

É de manhã Está deitado na erva na encosta da colina O velho capote que estendeu sobre ele está mais molhado do que nunca Põe-se de pé com um gemido Doem-lhe os ossos À luz do dia não encontra nenhum vestígio da porta aberta na colina contudo procura-a Até desistir Tudo aquilo não passou de um sonho nada mais Continua a caminhar em direção à sua aldeia

Ao percorrer a estrada apercebe-se de várias diferenças Encontra uma estalagem que nunca tinha visto antes Uma floresta onde antes havia uma quinta Quando chega à aldeia as coisas tornam-se ainda mais estranhas Alguém lhe levou a casa e deixou no seu sítio apenas uma pilha de pedras E não encontra a mulher e os filhos em lado nenhum

Pergunta aos aldeões onde estão Mas os aldeões também mudaram O padeiro é agora um homem que não conhece de lado nenhum E ao novo padre também nunca o tinha visto E nenhum deles sabe para onde poderá ter ido a sua família

Até por fim o levarem a um homem Um homem muito muito velho com uma barba grisalha e comprida Sim diz ele Conheceu uma mulher com aquele nome Quando era criança Mas ela era muito velha Tão velha quanto eu sou agora diz ele E agora está enterrada no cemitério Não é ela diz o viajante porque a sua mulher é nova e bonita Diz-me lá uma coisa diz o velhote onde é que arranjaste esse anel E o viajante vê que ainda tem no dedo o anel de ouro que as pessoas gentis que moram debaixo da colina lhe deram E começa a contar-lhe a sua história mas

antes que a consiga acabar os aldeões exaltam-se ao perceberem que está amaldiçoado e escorraçam-no da aldeia

E ele faz-se à estrada e caminha a sós até ao fim dos seus dias Separado cem anos da sua mulher e dos seus filhos e de todas as pessoas que conhecia E busca em vão uma porta numa colina para suplicar aos desconhecidos gentis que o levem de volta para onde estava antes de os conhecer

Vá-se lá saber porque não esquecera aquela história já que não vivia num salão de festas com fadas nem numa aldeia com um padeiro e um padre mas numa rua com casinhas quase encavalitadas umas nas outras como numa cidade grande com campos abertos a toda a volta Num dos campos ficava a Texaco onde vendiam rolinhos de salsicha e no outro a Statoil que tinha tartes embora se tivesse de atravessar a autoestrada para lá chegar A casa deles ficava no fundo da propriedade para haver espaço no pátio para o carro e a carrinha e os baloiços e os barracos do pai Havia seis barracos mas um deles estava ainda cheio de lixo do tempo em que ele recolhia sucata Estava sempre a pedir à Câmara Municipal que o fossem lá limpar mas eles não iam e ele alegava que não iam por maldade Quatros dos outros barracos tinham os seus produtos para venda embora a mãe dissesse que só ele os conseguia distinguir do lixo Duzentas bonecas sem cabeça Duas paletes de saquetas de chá produzidas havia cinco anos Uma pilha de rádios que só falavam francês *Tupperwares* rachados e fogareiros descartáveis cobertos de pó Algumas das coisas estavam lá havia anos Eram mais velhas do que ela

Imelda e Lar brincavam nos barracos quando o pai não estava em casa só não no do lixo por causa das ratazanas E ele dizia-lhes que não podiam entrar no sexto barraco para jamais porem lá os pés Era onde ele

tinha posto o *Butch* quando a Câmara Municipal o notificara porque ele ladrava muito E o que é que é suposto eu fazer? perguntou o pai ao homem da Câmara Municipal Os miúdos adoram-no não o posso simplesmente matar

Ninguém lhe disse para o matar disse o homem da Câmara Municipal Só não o deixe o dia todo acorrentado no pátio

Quando é que vêm cá buscar o lixo perguntou o pai mas o homem já estava a entrar no carro

A Noeleen é que os tinha denunciado alegou o pai Estava sempre a queixar-se de o cão ladrar A gaja moía-lhe mais a cabeça do que o cão Bem ela podia pôr a porra de uns tampões nos ouvidos não podia Mas depois no dia de São Patrício estavam todos a assistir à parada na televisão E viram uma rapariga no carro alegórico do leite Era a Miss Laticínios de Qualidade a rapariga mais bonita que ela já tinha visto e o *Butch* estava a ladrar nas traseiras a ladrar a ladrar sem parar e o pai por fim grunhiu Foda-se lá para isto Levantou-se e foi lá fora e pegou num tijolo com uma mão e com a outra arrancou a estaca do chão e arrastou o cão para o sexto barraco Ela e Lar tentaram detê-lo mas ele mandou-os voltar para dentro de casa Eles que se queixassem à Noeleen da porta ao lado não a ele disse ele Bem podiam chorar à vontade A partir de então nunca mais falaram com Noeleen nem ela com eles

Sim o pai podia ser muito severo quando se enfurecia Agora estava a receber pensão de invalidez mas costumava lutar e os seus braços eram como as carcaças ainda com cabeça que ela via penduradas na carrinha do talhante Ela via amiúde os seus vídeos juntamente com ele Ele segurava numa cerveja com uma mão e punha-lhe a outra no ombro e dizia-lhe Olha para este tipo vai tentar apanhar-me desprevenido com uma esquerda e ela escondia a cara porque pensava que o pai podia morrer Olha só olha só olha para o tipo! dizia ele enquanto a forçava a

levantar a cabeça Exaltava-se como se tudo aquilo estivesse a acontecer de novo e soerguia-se do sofá de punho cerrado ao alto Pum! gritava quando o outro homem tombava no asfalto e ele caía sobre ele martelando-o com os dois punhos

Levar com aqueles punhos não era brincadeira nenhuma diziam os homens mais velhos Viam-se-lhe as marcas no corpo quando despiam as camisas Pensam que ele é mau agora mas têm é sorte diziam eles Antigamente não sabíamos se não nos ia mesmo matar quando bebia Mas ele está a beber dizia Lar e eles riam-se Isto não é beber

Todavia com ela o pai era sempre tão dócil quanto um cordeiro Os rapazes tinham ciúmes porque ela tinha um quarto só para ela e lhe davam roupas novas ao passo que eles tinham de usar peças usadas Mas acima de tudo porque o pai nunca lhe batia por pior que se portasse mas também ela nunca se portava mal com ele De resto ele não os deixava tocar-lhe com um dedo que fosse nem a eles nem a qualquer outra pessoa Ela era demasiado boa para os imbecis e selvagens que moravam por ali dizia ele Era uma verdadeira beldade Um dia havia de ganhar o festival Rose of Tralee Um dia havia de se casar com um milionário

Enquanto isso ela tinha de ter cuidado Ele também tinha cuidado Vigiava-a no fim das aulas não fosse um rapazola qualquer começar a meter conversa com ela Ele aparecia na carrinha e os rapazes piscavam-se antes de ele sequer ter tempo de sair e depois gritava-lhes São todos uns rafeiros e nunca hão de deitar a mão a uma cadelinha de raça como a minha filha por isso tirem daí a ideia E também punha os irmãos na linha Os irmãos que começaram a troçar dela assim que começou a ganhar peito Chamavam-lhe Mamas Anda cá Mamas Estavam sempre a tentar apalpá-la Arrancavam-lhe a toalha quando saía do chuveiro e isso só acabava quando o pai os fazia temer Deus com a ajuda de uma cruzeta de arame ou do tacão do sapato

Mas a ela não Ela permaneceu intocada Uma beldade intocada como uma princesa num conto de fadas E penteava o cabelo dourado e sonhava com o dia em que o seu príncipe a salvaria

A mãe dizia que ela era vaidosa

Continua a olhar para esse espelho minha menina e o Diabo vai acabar por te aparecer Era o que ela dizia

Ela própria fora linda em nova e tratava Imelda como uma bonequinha Vestia-lhe roupinhas rendilhadas e cheias de folhos e punha-lhe um chapeuzinho na cabeça para que as mulheres se alvorotassem em redor dela nas escadas da igreja Mas a mãe estava agora doente e não ia nem à missa nem a lado nenhum Nenhuma das duas brincava mais às roupinhas A mãe passava o dia todo sentada na cama e gritava aos filhos no andar de baixo que lhe levassem o jantar Era uma aventesma embora estivesse doente Era uma montanha de gordura meio-afundada na cama mas tinha uma voz débil e aguda como se uma menina pequena estivesse aprisionada no pudim gigantesco que constituía o seu corpo

Quando Imelda nasceu Rose disse-lhe que não teria mais filhos E assim foi Tentou dar à luz mais bebés mas nunca conseguiu levar mais nenhuma gravidez a bom termo *A gaja tem a cona toda rebentada* Imelda ouviu o pai dizer a Nat O'Neill *A maldição nunca acaba* Sim A cona estava rebentada e o pai também tinha o coração rebentado Quando fazia mal à mulher desculpava-se com a tristeza causada pelos filhos que nunca teria

A mãe pensava que a culpa era de Imelda Pensava que Imelda lhe tinha feito alguma coisa enquanto a carregava no ventre Para se certificar de que não teria irmãos mais novos Traçava ainda antes de nascer planos obscuros para roubar o lugar à mãe

Eu sei bem quem tu és Podes ter enganado o teu pai Mas a mim não enganas

Chamava-lhe arruaceira Estava sempre de olho nela Sempre que via um vídeo no sofá a sós com o pai Imelda ouvia mais cedo ou mais tarde o gemido da cama no andar de cima e o baque dos pés no chão Cinco minutos depois a mãe aparecia à porta Demasiado ofegante para falar Limitava-se a olhá-la como um fantasma enorme e carnudo até o pai tirar os olhos da televisão e gritar-lhe que fechasse a porta para não fazer corrente de ar e a mãe dava meia-volta sem responder e subia a custo as escadas e a cama rangia e gemia de novo como a tampa de um caixão a fechar-se Sei o que andas a fazer dizia ela quando Imelda lhe levava o chá Vou contar tudo às freiras e elas vão fechar-te num buraco qualquer durante cem anos

Não lhe faças caso dizia o pai Só diz isto porque está doente

Mas Imelda não tinha tanta certeza E se a mãe via nela algo que ele não via? E se ela tinha de facto algo mau dentro dela Algo que levasse as pessoas a querer fazer coisas más Que as atraísse como um íman e as obrigasse a correr atrás dela ao voltar da escola A agarrá-la quando passasse nas escadas Que fizesse o Diabo agitar-se nas profundezas do espelho?

Restava-lhe apenas tentar o mais possível ser boa menina E era uma boa menina como dizia para consigo porque no fim de contas não continuava intocada? Os irmãos tinham olhos negros e lábios rebentados e a mãe também se sentava na cama em frente à televisão com um saco de gelo na cara mas Imelda permanecia intocada e isso era a prova de que era boa menina e sentia então uma aura que a marcava como um ser especial E jurava que continuaria intocada Porque embora o pai tivesse os seus planos para a sua puro-sangue a verdade é que ela não queria que ninguém lhe tocasse Jamais

Depois um dia alguns homens apareceram à porta de casa

Estava a ver *Neighbours* no sofá com o Lar quando a carrinha parou do lado de fora com uma chiadeira Nesse mesmo momento JohnJoe entrou de rompante pela porta e gritou São duas! referindo-se a duas carrinhas Tinham estacionado a segunda carrinha a cinquenta jardas para bloquear a estrada mas ela só soube disso mais tarde Naquele instante estava a olhar para a *Hiace* à frente da casa de onde saíram três sujeitos Um deles levava uma marreta outro um macaco hidráulico e o terceiro uma gadanha Pouco depois dois outros apareceram e juntaram-se-lhes um sujeito pernilongo com um andar gingão e um taco de baseball e outro sujeito com olhos esbugalhados e a esse não conseguiu ver o que levava com ele e todos eles correram e desaparecerem de vista na rua à frente e tentaram deitar a porta abaixo

Mas foram à porta errada Foram à porta da desgraçada da Noeleen a vizinha deles o que foi uma estupidez dos sujeitos porque qualquer imbecil podia ter percebido que não era aquela casa Noeleen tinha o jardim cheio de gnomos e poços de desejos e roseiras e pequenos arbustos em vasos ao passo que no deles estava um *Datsun* em cima de tijolos e muitas peças automóveis espalhadas pela relva e o pónei de Lar a comer o forro de um sofá desfeito e vários barracos decrepitos

Mas Imelda pensou que talvez estivessem à procura de Noeleen Que ela talvez se tivesse queixado deles à Câmara Municipal como se tinha queixado do *Butch* E virou-se para os rapazes para lhes dizer isto mas depois viu Lar a olhar para trás dela de boca aberta e quando se virou também viu JohnJoe a correr pelo jardim das traseiras abaixo e a saltar o muro Depois olhou para Lar e Lar olhou para ela

Corre disse Lar

Lá fora Noeleen estava a gritar que ia chamar a polícia e os homens devem ter percebido que se tinham enganado porque ela viu um vulto

aparecer do outro lado da janela fosca da porta da frente

Anda lá Corre disse Lar empurrando-a pelas escadas acima porque devia ter pensado que ela não ia conseguir saltar o muro das traseiras mas de qualquer maneira ela não o teria deixado

Quem é? perguntou do quarto a mãe Quem é que está à porta?

Ela não respondeu

Ouviu baterem à porta no andar de baixo e depois Lar a abri-la e a dizer que o pai não estava em casa Não está ninguém em casa só eu disse ele

O homem à porta não deve ter acreditado nele porque logo a seguir começaram a ecoar passos por toda a casa Vozes de homens a entrarem no *hall* e depois na sala da frente e na cozinha

O que se passa disse a mãe sentando-se na cama *Neighbours* a passar na televisão Quem está cá em casa? Onde está o vosso pai?

Xiu sussurrou-lhe Imelda do patamar Cala-te!

Mas a mãe não se calou pelo contrário Sou uma mulher doente! disse ela Não posso ter esta algazarra toda em casa! Imelda ignorou-a correu para dentro do seu quarto e escondeu-se debaixo da cama Ouviu por entre as tábuas do soalho gritos e o clamor de coisas a caírem ao chão e depois uma barulheira nas escadas eram passos e em seguida mais perto dela a voz da mãe a dizer mais baixo Quem são vocês?

Ela susteve a respiração mas se alguém respondeu à mãe não a ouviu e pouco depois expeliu de novo ar

Depois a porta abriu-se lentamente com um rangido De debaixo da cama viu um par de botas enlameadas Depois mãos peludas Depois um par de olhos pretos de lobo

Bem diz ele Que bela surpresa que temos aqui

No rés do chão os homens estavam a virar a casa de pernas para o ar

A esvaziar armários a arrancar as almofadas do sofá e depois a virar o sofá do avesso Não temos dinheiro nenhum se é disso que estão à procura! gritou a mãe do seu quarto mas não lhe prestaram atenção até Imelda aparecer nas escadas Depois pararam todos e olharam para ela

Um deles tinha arrancado o telefone da ficha Outro tinha a televisão nos braços Lar estava no meio deles a esbracejar Todos eles pararam e olharam para ela Vejam só o que encontrei disse atrás dela o homem que parecia um lobo

Os homens juntaram-se em círculo à volta dela e sorriram-lhe como se fosse um prémio que tivessem encontrado num qualquer pardieiro O pernilongo desengonçado era da idade de Golly O ruivo teria mais ou menos a idade de Christy O que tinha a gadanha era da idade de JohnJoe O dos olhos esbugalhados da idade de Lar

O homem que parecia um lobo era mais velho Tinha-a arrastado de debaixo da cama puxando-lhe o cabelo Empurrava-a por trás e ela começou a descer as escadas Talvez haja outra forma de resolvermos isto disse ele

Lar olhou para ela com a sua grande cabeça branca como um nabo e os seus olhos escuros quando ela desceu e ela desviou o olhar Os homens ou rapazes deram um passo ao lado para a deixar passar como se ela fosse a convidada de honra e estivesse a ser escoltada até um baile O que se passa? gritou da cama a mãe mas ninguém lhe respondeu Seguiram todos Imelda e o homem-lobo até à cozinha

Na mesa estavam pratos com salsichas meio comidas e chávenas de chá frio No rádio Larry Gogan tocava Boyzone na *The Golden Hour* como se tudo estivesse normal e ela tentou concentrar-se nas coisas que eram normais e não ver o resto

Vamos lá dar-te uma vista de olhos O homem-lobo fê-la dar uma volta sobre ela e observou-a Bem disse ele Cresceste e tornaste-te uma

bela mulher não é?

Ela não disse nada Pouco depois ele deu-lhe um abanão Não é?

Não sei disse ela

É pois disse ele O teu pai tinha razão sobre ti Olhou para ela e os olhos dele pareciam cobertos de uma película de ranço como os dentes quando a pessoa não os lava Não os olhos propriamente ditos mas o olhar Onde está o teu pai? disse ele

Ela não respondeu porque não sabia a resposta

Foi-se embora e abandonou-vos disse ele Sentiu na cara o hálito dele como se fosse uma chapada No rádio estavam a dar o *Just a Minute Quiz* e no andar de cima a mãe gritava e Lar dizia no *hall* numa voz com que tentava imitar a de um adulto Então rapazes não podemos resolver isto de forma sensata e lá fora ainda se ouvia tilintar o vidro da janela estilhaçada de Noleen e os motores das duas carrinhas que tinham deixado ligadas Tudo aquilo amontoado como uma grande pilha de lixo de barulho mas dentro dela fazia ainda silêncio no sítio onde permanecia intocada

E no silêncio o homem-lobo aproximou-se dela

Não tens nada a dizer-me

Ela não respondeu Respirava pelo nariz numa tentativa de refrear o medo porque sabia que isso só o estimularia ainda mais mas não o conseguia parar por completo Ao medo Libertava-se dela como o vapor de um cavalo numa manhã fria e é verdade ela tinha razão o medo só o espicaçava espicaçava-os a todos O medo ou o que quer que ela tivesse dentro dela o íman a maldade Mas ela tinha noção disto sentia que os atraía embora não se mexessem Consequia sentir algo a abrir-se dentro de cada um deles e nas suas mãos a gadanha o taco de basebol o macaco hidráulico a marreta e um x-ato que só então viu mas que foi o que mais a assustou Um x-ato na mão do rapaz dos olhos esbugalhados com uma

camisola da *Superdry* que ainda não tinha dito uma única palavra e estremeceu embora fosse junho e estivesse calor e até abafado com todos eles apinhados na cozinha minúscula O concurso ainda estava a decorrer na rádio A imagem de Jesus na parede a olhar tristemente para baixo a apontar para o coração e o medo a libertar-se dela e o íman a sair-lhe do corpo e a regressar até ela sob a forma de um brilho nos olhos de todos eles e passaram-lhe pela cabeça ideias terríveis acerca das raparigas nas revistas do pai com as suas conas tão vermelhas como feridas de lhes tocarem e a cona da mãe que estava toda rebentada e o comité do festival Rose of Tralee que queria verificá-la e o x-ato a abanar na mão do rapaz dos olhos esbugalhados que a fez pensar de repente que eles fariam não só o que iriam fazer mas que depois a deixariam marcada para sempre um castigo por todas aquelas horas a contemplar-se no espelho E com o medo tentou sorrir ao homem-lobo para lhe agradar Mas isto teve o efeito oposto Ele ficou mais soturno a sua boca contorceu-se num esgar e disse-lhe Deves julgar-te uma dádiva dos céus

No andar de cima a mãe começou a guinchar como se a tivessem levado a ela e o homem-lobo gritou por sobre o ombro Alguém que trate deste caralho de um gato a berrar-me aos ouvidos e depois ergueu ainda mais a voz e disse Já te dou motivo para guinchares sua puta do caralho espera só que vamos tratar desta primeiro E um deles sobe e vai ter com a mãe e com um braço o homem-lobo atira ao chão tudo o que está na mesa da cozinha pratos latas garrafas um carburador caíram todos ao chão e tudo aquilo como que lhe explodiu na cabeça Não! grita Lar que se atira ao rapaz ruivo que só pestaneja como se levasse marretadas na cabeça dez vezes por dia e que depois dá um murro ao Lar que o atira ao chão Levanta o taco de basebol acima da cabeça de Lar mas o homem-lobo diz Não deixa-o ver isto E ouve-se um grito não se sabe de onde e depois uma mão tapa-lhe a boca e ela percebe que foi ela que gritou A

mão sabe a gordura O grito prolonga-se dentro da sua cabeça Mistura-se com o barulho das carrinhas e dos estilhaços de vidro que não param de cair e da mãe a bater na porta do quarto no primeiro andar E a mão puxa-lhe a cabeça para trás e outras mãos agarram-lhe os braços e empurram-na para cima da mesa e ainda outras agarram-lhe os tornozelos e imobilizam-na e ela pensa nos cavalos do pai a revirarem os olhos Presos à carrinha pelas suas cordas azuis e depois o homem-lobo avança e crava-lhe os dedos nas coxas e diz Quando acabarmos nunca mais ninguém vai querer olhar para ti e contorce o rosto como se o Diabo tivesse finalmente escapado do espelho e afasta-lhe as coxas à força e depois

E depois a porta das traseiras abre-se e Rose entra em casa

O homem-lobo petrifica-se com as mãos nas coxas de Imelda e juntamente com os outros dá meia-volta e vê Rose passar ofegante por eles em direção ao *hall* onde pendura o casaco E depois veem-na regressar e passar pela mesa onde estão a reter Imelda e ir em seguida à bancada onde pousa dois sacos de plástico às riscas que começa a esvaziar Plantas ervas aromáticas ou algo assim Põe-nas uma por uma no corredor da loiça Só depois de esvaziar os sacos se vira para trás e olha os homens Mas quem temos aqui? diz ela e fixa o olhar neles Os rapazes Finlay é Francis Bernard William Patrick John

Os homens nada respondem

A vossa mãe está melhor do tornozelo? pergunta Rose Fui visitá-la fez ontem duas semanas

O sujeito pernilongo começa a dizer alguma coisa mas o homem-lobo interrompe-o

Agradecíamos-te que te pusesses a andar Rose diz ele Temos de resolver uns assuntos

Rose não lhe responde Começa a assobiar para consigo tira uma chávena do corredor e passa-a por água e depois repete o procedimento com outra chávena Os homens atrás dele estão confusos A energia contida e prestes a libertar-se há pouco desvaneceu embora ainda segurem os pulsos e os tornozelos de Imelda

Não temos nenhum problema contigo Rose diz o homem-lobo Estamos aqui por causa do Paddy Joe estamos aqui porque ele nos fez uma trapaça das grandes Como ela não responde ele diz com impaciência Tirem-na daqui

No entanto antes que qualquer um deles tenha tempo de se mexer Rose que está agora a encher a chaleira diz sobre o ombro Rapazes são os vossos cães que estão a ladrar ali na rua da frente?

Os homens entreolham-se Não trouxemos cão nenhum connosco Rose diz por fim o pernilongo desengonçado

Bem isso é muito estranho diz Rose porque quando entrei vi um cão preto sentado na rua da frente a ladrar que nem um doido como se estivesse a chamar alguém

Faz-se um momento de silêncio enquanto pensam nisto Silêncio sim porque de algum modo o barulho dos motores das carrinhas desapareceu e o vidro estilhaçado também bem como tudo o resto a mãe o rádio Mas quando ela se apercebe disto surge um novo som Um cão a ladrar Um som aterrador como de pregos a serem cravados em pedra uma e outra vez

O homem-lobo acena com a cabeça e o ruivo larga-lhe o tornozelo e ela ouve-o abrir a porta da frente E por um instante ouvem o cão ladrar ainda mais alto Toda a casa parece abanar sob o seu efeito Depois a porta fecha-se e o ruivo volta para a cozinha Está pálido Diz algo que Imelda não ouve Os homens vão um por um ao *hall* e por fim o homem-lobo tira-lhe os dedos de cima e também vai ver o que se passa Pouco

depois Imelda senta-se na mesa Não sabe se deve descer ou não Arranja a saia e espera

Rose pôs a chaleira ao lume e abriu o armário Sabe onde guardam o chá em todas as cozinhas num raio de dez milhas disse-lhe uma vez a mãe

Os homens regressam à cozinha Parecem perturbados Não é nosso diz o pernilongo

Rose enche as chávenas de água Bem está à procura de um de vocês é o que parece diz ela

É vosso? pergunta o pernilongo a Imelda Ela abana a cabeça Não têm cão desde que Noeleen se queixou à Câmara Municipal e o pai teve de levar o *Butch* para o barraco

É um cão preto? pergunta ela

Os homens não respondem É só a porra de um cão! grita o homem-lobo como se tivesse perdido a compostura Mas os outros não respondem ao comentário Talvez estejam tal qual Imelda a pensar em histórias que ouviram contar Como a do cão preto junto ao lago na véspera em que os rapazes dos Gallagher caíram no buraco no gelo Ou a do cão preto que Harriet Maguire viu quando tinha cancro embora tenha sido Rose quem o viu primeiro e lho disse e Harriet sorriu pela primeira vez em meses Ou a da noite em que apareceu um cão preto debaixo da janela dos Cawley e quando Mary-Jo Cawley acordou na manhã seguinte a sua filhinha que era de uma inteligência sem igual estava morta e bem morta

Os homens sabem tal como Imelda sabe que além de curar pessoas Rose também vê coisas Quando olha para os padrões desenhados pelas folhas de chá ou pelos bandos de pássaros em voo ou pelo gelo no poço vê o que vai acontecer E às vezes vê morte

Mas só a vê Ou será que é por a ver que faz com que aconteça? Essa é que é a questão

Isto é o que Lar disse que viu quando foi ao *hall* Os cinco tipos estavam reunidos em volta da porta aberta virada para a rua da frente onde estava Nada

Mas e o cão a ladrar Ouvia-se ladrar

Não nada disse ele Lá fora não se via nada Mas eles viam Viram-no Ouviram-no Essa é que é essa

Bem nunca se sabia com Lar que também gostava de contar histórias e petas mas passara-se claramente alguma coisa no *hall* e é por isso que quando voltaram à cozinha os rapazes ficaram calados e baixaram as suas gadanhas e os tacos e os x-atos como se se tivessem esquecido deles

É melhor irem à vossa vida rapazes disse calmamente Rose e a porta das traseiras estava então misteriosamente aberta e como se estivessem à espera que alguém lhes dissesse o que fazer deram meia-volta e saíram e Imelda não sabia se foram até ao muro das traseiras para evitar o cão ou contornaram a casa indo pelo terreno de Noeleen Mas quando olhou para a rua da frente a carrinha tinha desaparecido e a outra carrinha também Rose pôs-lhe uma chávena de chá nas mãos e recolheu as plantas que tinha levado até ali e subiu ao primeiro andar para ir ter com a mãe

Imelda não sabia o que fazer Quando se meteu no quarto de banho via ainda as marcas dos dedos nas suas coxas mas excetuando isso sentia-se bem Lar tinha um grande galo no sítio onde o rapaz ruivo lhe dera um murro Talvez comeces a dizer coisas com sentido a partir de agora disse Imelda

Quando a polícia chegou Rose disse-lhes que tinham sido desconhecidos de fora da vila e Noeleen na porta ao lado disse o mesmo

O Paddy Joe vai consertar o que eles te partiram disse-lhe Rose e depois foi-se embora

Foi o rapaz desengonçado que morreu seis meses depois quando lhe perfuraram um pulmão com uma chave de fendas diante de uma garagem em Gort

Ela devia saber que eles iam aparecer cá em casa disse Lar quando Rose se foi embora

A pé demora-se uma hora de casa dela à nossa Deve ter saído de casa ainda antes de as carrinhas cá chegarem

Ela não vinha visitar a mãe? disse Imelda Foi só sorte

Mas Lar abanou a cabeça e Imelda também não acreditava no que estava a dizer

Estavam no pátio à luz do crepúsculo JohnJoe tinha voltado e depois saído outra vez para lhes comprar pacotes de batatas fritas

Foi uma pena o pai não estar em casa disse Lar Havia de ter ensinado uma coisa ou duas àqueles tipos

E os irmãos também Não JohnJoe que teria fugido de imediato uma coisa mesmo típica dele mas sim Golly e Christy Já imaginaste disse Lar Os tipos a entrarem cá e a darem de caras com o pai e o Golly e o Christy? Teria sido um massacre

Pois disse Imelda e em seguida Onde achas que eles estavam?

Quem disse Lar

O pai disse ela E os rapazes

Lar pensou sobre o assunto Devem ter ido fazer um trabalho disse ele

Ela percebeu que devia ter sido esse o caso assim que ele o pronunciou O pai vai ficar furioso quando souber o que aconteceu disse ela Sim disse Lar Se os tipos forem espertos põem-se a andar da vila antes que o pai volte

Mas ela descobriu que quem se tinha posto na alheta tinha sido o pai. Tinha ido para Inglaterra com Golly e Christy. Não regressou durante semanas e durante esse período aconteceu outra coisa. Rose voltou à casa e disse-lhe para meter as suas coisas numa mala porque ia para casa dela.

Imelda ficou surpreendida. A mãe sabe?

Rose disse-lhe que a mãe sabia. A mãe precisava agora de um quarto só para ela e iria para o de Imelda quando esta se fosse embora.

E os rapazes? disse Imelda. E ele? disse ela apontando para Lar que estava a dormir completamente vestido no sofá.

Ele sabe cuidar dele próprio disse-lhe Rose. Todos eles sabem.

E então Imelda pôs as suas coisas num saco e saiu de casa com Rose e lá fora estava à espera um homem que ela nunca tinha visto e nunca mais voltou a ver e a única coisa que se lembrava acerca dele era que tinha um carro cujos assentos subiam e desciam quando se premia um botão e ele levou-as para a casinha de Rose.

Já lá tinha estado é claro quando estava doente. Era uma casinha como devia ser como se saída de uma história com flocos de neve em janeiro e narcisos na primavera e uma hortinha e um talhão com ervas aromáticas e medicinais para usar em feitiços e remédios. Tinha um barril para recolher a água da chuva e um galinheiro e um frasco de compota cheio de água e vespas que se tinham afogado nela e um bocadinho de terra nas traseiras com uma vaca que caminhava até ao portão e lambia a cara à pessoa. Havia um Menino Jesus de Praga no parapeito da janela e uma asa de corvo pregada acima da porta.

A casinha ficava longe de tudo e de todos mas Imelda nunca tinha medo lá. Rose instalou-a no quarto onde tivera um inquilino. Ela disse que ele era professor mas debaixo da cama Imelda encontrou uma mala cheia de peças de telefones antigos ou pelo menos foi o que lhe pareceram. Mostrou-a a Rose que lhe disse para a deixar onde estava não

fosse ele voltar Onde é que ele está agora? perguntou ela e Rose disse que ele fora para Inglaterra Alguma vez foste a Inglaterra? Perguntou Imelda Ela nunca tinha lá ido e na sua imaginação não era sequer um sítio mas uma espécie de nevoeiro cinzento onde as pessoas desapareciam e de onde por vezes nunca regressavam Mas Rose disse-lhe simplesmente para se calar e cortar as cenouras

Rose era uma curandeira Todas as mães do condado iam ter com ela quando os seus bebés tinham cólicas ou não dormiam Também lia a sina Sabia os segredos das pessoas Recebia visitas a qualquer hora do dia os visitantes apareciam porque estavam doentes ou queriam fazer-lhe perguntas ou simplesmente falar Muitos chamavam-lhe Tia tal como a sua mãe também lhe chamava embora Imelda não soubesse se ela era tia deles todos ou de ninguém Tinha olhos e cabelo cinzentos e era impossível imaginá-la a ter sido alguma vez jovem Podia estar a preparar poções e unguentos há cem anos A passar as mãos sobre os moribundos

Bem é claro que o pai a foi procurar assim que voltou de onde quer que tivesse estado A carrinha parou diante da casa e ele saiu e bateu à porta e embora o tivesse visto pela última vez não havia assim tanto tempo Imelda ficou impressionada com o quão grande ele era Grande e vermelho queimado pelo sol e o seu corpanzil ocupava todo o vão da porta Disse a Rose que lhe raptara a filha e que a queria de volta

Mas Rose manteve-se calma e com o braço esticado diante da porta e disse com toda a frieza que a mãe da menina lhe tinha dado permissão para a levar da casa onde ela não estava segura

Não está segura? disse o pai Como é que não está segura?

Rose limitou-se a olhar para ele Não mencionou o que acontecera na casa com os Finlay

Quem é que vai cozinhar? perguntou o pai

A partir de então Imelda passou a viver com Rose

Nem sempre era fácil Rose era uma pessoa muito rigorosa Embora nunca a trancasse no quarto obrigava-a sempre a ir à escola a fazer os trabalhos de casa a ir para a cama às dez e meia Na televisão tinha-se apenas acesso à RTÉ e se ninguém aparecesse por lá para que ela lhes lesse a sina ou lhes deitasse as cartas ficavam muitas vezes a ouvir o vento assobiar pelos buracos no telhado

Perguntava-se amiúde se a mãe quisera mesmo que Rose a levasse com ela Era-lhe difícil imaginar que sim visto que a mãe ficava sempre do lado do pai Mas talvez soubesse que estava a morrer e isso mudara a situação Ou talvez fosse Rose quem o soubesse e decidisse aquilo e a mãe se tivesse apenas resignado

Quando a mãe morreu Rose não deixou Imelda ir ao velório No funeral o pai tinha a cara vermelha e empapada como um saco de carne picada e JohnJoe usou os óculos escuros dentro da igreja Lar disse-lhe que nenhum deles tinha dormido e que o pai tinha acertado num meco ao estacionar a carrinha na vila Depois do enterro voltaram todos para casa O pai pôs-se a beber e começou a ficar furioso com Rose Disse-lhe que estava na altura de Imelda voltar para casa Não queria saber das promessas que ela tinha feito à mãe Uma casa precisa de uma mulher disse ele Veremos disse-lhe Rose Mas quando chegaram à sua casinha ela abanou a cabeça e disse a Imelda Que mulher precisa de uma casa daquelas

No entanto Imelda começou a voltar a casa com mais frequência A casa parecia pior de cada vez que lá ia Estava tudo virado por todo o lado como se os Finlay tivessem regressado e dessa vez o pai estivesse no meio da confusão O pai mal saíra de casa desde o funeral Mal se levantava do sofá nem sequer para ir à casa de apostas limitava-se a beber o dia inteiro à frente da televisão assistia ao vídeo do seu casamento uma e outra vez Senta-te senta-te dizia a Imelda quando ela

entrava Olha olha tal como fazia com as suas lutas Só que agora apontava para o vídeo em que ele e a mãe chegavam à igreja ou se beijavam no altar ou dançavam juntos na boda A mãe ao longe a conversar com as amigas A retocar a maquilhagem A olhar por sobre o ombro e a sorrir a quem quer que segurasse na câmara A minha Molly dizia ele com lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo A minha Molly e depois Monte de esterco nojento quando o leitor de cassetes reproduzia linhas brancas sobre as imagens Seu pedaço de lixo nojento LAR! quando o leitor de vídeo gemia e cuspiam a cassette e o seu irmão entrava a correr e tentava pôr tudo outra vez a funcionar

Ela sabia que ele dava sovas a Lar Tinha a cara toda marcada Golly e Christy também embora fossem então maiores do que ele e o pudessem deitar por terra se assim o quisessem Só ela o conseguia acalmar Era por isso que ia até lá Depois ele virou-se também contra ela

Estavam a ver o vídeo e ela disse sem pensar a mãe estava muito bonita Porque estava Era notório apesar da estática e das linhas brancas do vídeo Era apenas algo que ela comentava sempre que assistiam ao vídeo Nunca o incomodara antes porque havia de incomodar Mas naquela vez ela sentiu-o sobressaltar-se assim que as palavras lhe passaram pelos lábios e ficou de imediato apreensiva

Inclinou-se em frente com um grunhido Pegou no telecomando parou o vídeo Depois virou-se e olhou para ela e disse Bem é claro que era A quem é que achas que saíste caralho

Não tinha nada a responder a tal comentário Contudo ele aguardou como se esperasse uma resposta fitando-a com olhos amarelos e esbugalhados Depois por fim virou-lhe costas com desprezo Pegou no telecomando Pôs o vídeo a funcionar outra vez mas só por um segundo e depois pô-lo de novo em pausa

Tens uma grande lata disse ele e ela corou embora não soubesse a que é que ele se estava a referir Ele olhou para o ecrã e para o rosto imobilizado da mãe por vários segundos enquanto tartamudeava alguma coisa como se de repente estivesse a descobrir algo que permanecera oculto durante anos

Ela sabia que ele estava assim por causa da morte da mãe Tal como a mãe lhe dissera o que tinha dito porque estava doente Mas tinha algumas dúvidas Por isso teve de continuar a visitá-lo para mostrar que era boa menina Não apenas uma carinha laroca Não funcionou Quanto mais fazia por ele pior ele ficava Como se ele visse que não passava de um truque Mostraste quem és de verdade quando te mudaste para aquela cabana disse ele Abandonaste a tua casa a tua família Que tipo de filha faz isso Não vos abandonei disse ela Estou aqui agora não estou Mas não era a mesma coisa disse o pai Ela tinha sido enfeitiçada Aquela bruxa velha Vai-te transformar numa carcaça solteira como ela e é bem feito para ti

Os irmãos mantinham-se ao largo levantavam pesos no barraco Estavam sempre a dizer que se iam embora ou que acabariam por o matar Um dia ele atirou a frigideira a Lar e a banha a ferver queimou-lhe o braço até ao cotovelo Outro dia ela chegou a casa e encontrou a televisão no chão com o leitor de cassetes enfiado pelo ecrã

Rose proibiu Imelda de visitar a família Não é segura disse ela Lar também lho disse Não venhas Ele está fora de si Quando ia para a cama à noite Imelda dava por ela a recordar coisas Coisas que tinha esquecido que haviam acontecido Pessoas a correrem escadas acima e abaixo e acima e abaixo a meio da noite Luzes a faiscar no pátio Lembrava-se de brincar com a sua boneca no chão de um quarto desconhecido Os irmãos de pé à sua volta ou sentados nas camas Uma mulher com a mão no ombro da mãe falando-lhe ao ouvido Enquanto lhe chegava uma

barulheira do andar de baixo As paredes a abanarem como se alguém tentasse deitá-las abaixo

Não não é seguro No entanto continuou a ir até lá Quem mais é que ele tinha agora que a mãe morrera e de qualquer maneira ela sabia que ele nunca lhe faria mal Sabia que ele sabia bem lá fundo que ela ainda era a sua princesa intocada

Então um dia Lar ligou-lhe a dizer para ela passar por lá O que se passa? perguntou Ficou alarmada porque normalmente ele só lhe ligava para lhe dizer para não ir e neste caso dava-se o oposto Mas ele recusou-se a revelar o que se passava

Quando lá chegou encontrou a casa num silêncio sepulcral Onde é que eles estão? perguntou ela Foram-se disse Lar Foram-se? perguntou ela Foram-se para onde? Mas ele não sabia Tinha chegado da loja e encontrado a casa vazia A carrinha desaparecera assim como as roupas que estavam a secar no estendal Achas que foram fazer um trabalho? perguntou ela Não sei disse Lar encolhendo os ombros e com as mãos nos bolsos

Havia algo de estranho com ele O que se passa contigo? perguntou ela Nada diz ele Mas sorriu de orelha a orelha Por um segundo ocorreu-lhe que ele os podia ter matado enquanto dormiam e que estavam deitados no andar de cima com as cabeças abertas mas não Lar não era assim

O que é? insistiu ela mas ele continuou a soltar risadinhas e a não lhe dizer nada até ela se enfurecer e dar meia-volta para voltar a casa de Rose mas ao chegar ao portão ele chamou-a Olha disse ele

Tirou a mão do bolso e mostrou-lhe um maço de notas roxas do tamanho de um tijolo

Onde foste arranjar isso? perguntou ela e ele encolheu os ombros e soltou novamente uma risadinha e depois quando viu que ela estava a perder a paciência apontou para o barraco Encontrei-o ali disse ele

No barraco? disse ela Entraste lá dentro? Ela começou a dirigir-se para lá mas ele agarrou-a pelo braço

Quero vê-lo disse ela Nunca tinha entrado lá dentro Era o barraco para onde o pai tinha levado o *Butch* daquela vez Mas Lar meneou a cabeça agora sem se rir O que é que tem lá dentro? perguntou ela mas ele não lhe respondeu Ela olhou-lhe outra vez para a mão com o maço de notas Quanto dinheiro tens aí? perguntou ela

Três mil trezentas e vinte libras disse ele

Olhou para ele como se a estivesse a enganar mas ele tinha o dinheiro na mão sem dúvida Como é possível? disse ela e não conseguiu acrescentar mais nada durante todo um minuto Estava a pensar em todas as ocasiões em que não tinham tido nada que comer Em todas as ocasiões em que tinham tremido na cama porque haviam cortado o aquecimento da casa Os seus sapatos todos esburacados o teto todo esburacado a carrinha meio enferrujada e sem marcha-atrás A mãe doente e sem ir ao médico porque não havia dinheiro para pagar a consulta

O que fazemos com ele? perguntou Lar

Põe-no onde estava disse ela Tinha a cabeça a andar à roda Ficara enjoada só de olhar para o dinheiro

Onde estava? perguntou ele

Ele vai descobrir disse ela Não precisava de lhe dizer o que o pai faria quando descobrisse

Esqueceu-se de fechar a porta com o cadeado disse Lar Qualquer pessoa podia ter entrado e levado o dinheiro

Mas isso não tinha qualquer relevância Ele vai atirar contigo para dentro daquele barraco como atirou o desgraçado do *Butch* disse ela Põe-no no sítio onde o encontraste Por favor Lar Ele pode chegar a qualquer momento

Está bem está bem disse ele Mas primeiro tirou algumas notas do topo do maço Pelo menos vamos jantar fora à conta disto disse ele

Compraram gelados na estação de serviço e depois foram a pé até ao centro da vila Era uma noite quente O asfalto mole sob os seus pés Lar estava sempre a tirar o dinheiro do bolso para lhe dar uma vista de olhos e no fim ria-se Tinha o rosto iluminado como se tivesse snifado verniz Quando chegaram ao centro da vila não conseguiram decidir se iam ao McDonald's ou ao Burger King por isso foram aos dois Em seguida compraram um maço de *John Player* e uma garrafinha de vodca e sentaram-se na margem do rio e começaram a passar a garrafa entre eles O sol estava a pôr-se e o rio refletia-o como a uma fogueira e enquanto observava os mosquitos a dançarem sobre a água e em redor da luz chamejante Imelda sentiu que estava sob o efeito de um feitiço como o homem que encontra a porta para o interior da colina Ou então dava-se apenas o caso de estar fora de casa e livre Porque em que outra ocasião da sua vida saíra com dinheiro no bolso e sem o pai ou os irmãos a vigiá-la?

Talvez nunca mais voltem disse Lar Ela riu-se porque eles voltavam sempre

Imagina só disse Lar Imagina nunca mais o ver Virou-se para a olhar nos olhos como se estivesse realmente a pedir-lhe que imaginasse tal cenário e ela sentiu o sangue correr-lhe a toda a velocidade nas veias porque sabia o que ele lhe ia dizer

E se o levássemos

Se levássemos o quê perguntou ela embora soubesse muito bem a que é que ele se estava a referir

Podíamos fugir disse ele Podíamos levá-lo e fugir daqui

Ela tinha o coração aos pulos Do que é que estás a falar? perguntou ela Fugir daqui? Para onde?

Inglaterra disse ele

Ela olhou-o nos olhos Ele estava a sorrir-lhe mas havia algo por trás do sorriso e ela apercebeu-se de que ele estava a falar a sério

Não terias coragem disse ela

Teria sim se viesses comigo disse ele

Ele iria à nossa procura disse ela Matava-nos

Matava-me sim disse Lar Não sei se te matava a ti

Levou a garrafa aos lábios Ela viu-lhe a cicatriz no braço da queimadura causada pela banha a ferver A Inglaterra é grande disse ele Muito maior do que isto aqui Podíamos ir para Londres Mudar de nome

Ocorreram-lhe de imediato várias ideias Crystal Scott Megan St James Ivy mais qualquer coisa tinha sempre gostado daquele nome Ivy Olhou para o rio agora invisível na escuridão e imaginou-se a fugir com Lar e as coisas a serem assim para sempre Os dois livres sem temerem ninguém E ela sentiu-se tomar por um ímpeto como se sob o efeito simultâneo dos batidos e dos cigarros e da vodca Eram capazes de ir com aquilo por diante! A porta estava sem cadeado tinham apenas de entrar Mas depois viu tudo abrir-se-lhe num abismo à sua frente Londres como um rio escuro Os nomes como mosquitos que dançavam em manchas estonteantes e logo desapareciam Tenho de pensar disse ela

Está bem disse Lar Mas teríamos de agir o quanto antes Para termos a certeza de que partimos com alguma vantagem

Pois disse ela

E se fosses disse ele nunca mais o podias ver

Pois disse ela De repente sentiu-se cansada daquele assunto Olha disse ela vamos sair ou não? Vamos ao Paparazzi's? E assim fizeram e aquilo levou a que o plano de partirem para Londres se ficasse por ali

Ela nunca tinha ido ao Paparazzi's Só ouvira as colegas de escola falarem sobre o sítio Chamavam-lhe Pap's como diminutivo Estava a rebentar pelas costuras e tresandava a *Lynx* de tal maneira que uma pessoa até podia desmaiar com o cheiro Sentia tudo dentro dela dançar por conta da garrafinha de vodca e naquele momento sabia apenas que tinha de manter o ânimo Compraram *Jägerbombs* e tragaram-nos depois Lar encontrou uma malinha com mais cinquenta libras dentro e compraram mais *Jägerbombs* e foram para a pista de dança Estava à pinha Ela teve de abrir caminho à força por entre os corpos As raparigas da vila usavam tanta base que sujavam as roupas de quem lhes tocasse ao passar e os rapazes tinham todos camisas enfiadas nas calças porque não se podia entrar com camisola larga vestida Alguns tinham boa pinta mas outros transpareciam um ar tresloucado de pascácios vindos de aldeolas perdidas no meio da turfa Sítios por onde o pai passava de carrinha sem parar Não se consegue vender nada a esta gente dizia o pai para quem este remoque era o maior insulto possível

Lar tinha os olhos arregalados de tanto olhar para as raparigas da vila com as mamas ao dependuro e a pingarem suor porque estava um calor infernal lá dentro Começou a tocar uma canção que ela conhecia *Wonderwall* Ouviu-se um burburinho de regozijo geral Fechou os olhos e foi como se caísse de costas na música e esta se erguesse para ir ao seu encontro e depois reabriu-os e ali na turba iluminada escurecida em movimento de corpos a dançar viu um corpo imóvel Era um rapaz

Olhava-a completamente imóvel Não como os rapazes das calças largas e os parolos da turfa que a olhavam boquiabertos Mais como se ela fosse um enigma que ele queria resolver

Ele era tão bonito quanto um cavaleiro num livro

Ela olhou para a esquerda depois para a direita O seu pai não estava ali Nem os irmãos Só Lar colado à cara de uma gorda qualquer com calças de ganga brancas Nada que impedisse o rapaz de se lhe aproximar

Pareceu-lhe até que a multidão se afastava para lhe ceder passagem Algumas cabeças viraram-se para lhe seguir os movimentos Os seus olhos eram mesmo à luz rasca do Pap's de um azul-claro como o de laguinhos nas montanhas e quando ela os fixou tudo à sua volta pareceu desvanecer esfumar-se como se transformado em vapor

O que é que uma rapariga como tu está a fazer nesta pocilga disse ele

Hã? disse Imelda confusa porque para ela o Paparazzi's era como o Palácio de Buckingham e os Prémios MTV misturados num só

Ele sorriu perguntou-lhe como se chamava ela disse Rachel Rice-Parkinson disse que era de Inglaterra Londres Não sabia porque mentia Ele sorriu com ar trocista como se não acreditasse nela Ele achava-se o maior como ela concluiu rapidamente E era-lhe difícil conversar Temia que o pai aparecesse a qualquer momento E não pôde deixar de reparar que todas as raparigas da vila faziam olhinhos de carneiro mal morto ao rapaz Olhavam para ele como os rapazes olhavam para ela embora os rapazes também estivessem agora a olhar para ele e estavam sempre a interromper-lhes a conversa porque lhe queriam dizer alguma coisa ou oferecer cerveja

És uma estrela *pop* ou quê disse ela

Ele disse-lhe que tinha marcado o ponto da vitória numa partida qualquer na semana anterior

Oh disse ela Em sua casa ninguém acompanhava o futebol gaélico O pai estava sempre a ver as corridas de cavalos

Não tem importância disse ele embora ela pudesse ver que ele gostava que todos os outros achassem que tinha

És linda de morrer disse ele suponho que toda a gente to diz Disse isto como se a sua beleza fosse um tédio Ela olhou-o e pensou que se os irmãos estivessem ali ele já estaria estendido no chão com três pares de botas das grandes a calcá-lo e já não sorriria com ar trocista mas então ele beijou-a Deu-lhe um beijo com toda a gentileza e ela não pensou em mais nada Tinha desaparecido transformando-se em vapor misturado com o gelo seco enquanto o seu corpo rumava célere e confusamente em direção ao pecado

Depois Lar começou a puxar-lhe o braço De olhos arregalados Temos de ir disse ele O segurança andava atrás dele por ter fanado a malinha

Ela afastou-se do rapaz Espera disse ele Dá-me o teu número mas não tiveram tempo Dois tipos entroncados com casacos almofadados estavam a abrir caminho até eles por entre a turba Por favor disse ele num tom de desespero Foi muito romântico Lar puxou-lhe o braço Vai ver o jogo! gritou o rapaz Tenho jogo na vila na próxima semana Apareces *OK OK* disse ela sobre o ombro Prometes? bradou ele mas já estavam os dois a correr a fugir por entre os túneis de corpos transpirados como ratazanas até se escapulirem por fim de lá de dentro

Não mencionou o rapaz a Rose embora se perguntasse se Rose já sabia de tudo No dia do jogo ainda hesitava entre ir ou não ir Enquanto se maquilhava ponderava ainda a questão embora soubesse perfeitamente que iria

Era na vila vizinha Não queria ir sozinha por isso Lar disse que a acompanhava e apanhariam o autocarro juntos Mas chegou a hora combinada e Lar não apareceu e quando lhe ligou ele não atendeu

Talvez estivesse zangado com ela por lhe ter atrasado o plano pensou ela porque ainda falava daquilo De irem para Inglaterra

Se vamos mesmo não podemos andar aqui a perder tempo fora o que ele lhe dissera

E ela sabia que ele tinha razão o pai podia regressar a qualquer altura Mas tinha prometido ao rapaz que iria assistir ao seu jogo de futebol Não podemos esperar até depois disso disse ela

Que rapaz Aquele tipo com quem estiveste na marmelada no Pap's?

Não estive nada na marmelada com ele nem com ninguém disse ela Espera só até sábado Depois disso vou contigo

E se houver outro jogo depois de sábado disse Lar numa voz triste que era quase um sussurro Ela pensou de novo nas cicatrizes que ele tinha no braço

Depois de sábado disse ela Só este jogo prometo E estava a falar a sério embora em boa verdade desde que conhecera o rapaz pouco tivesse pensado em Inglaterra e em como chegariam lá ou o que fariam Mas agora era sábado e não sabia onde estava Lar e se não partisse o quanto antes perderia o autocarro Acabou de se maquilhar e depois olhou-se ao espelho e tirou a maquilhagem e depois saiu e foi ao portão para ver se conseguia ver Lar mas não havia nem sinal dele por isso voltou a entrar maquillou-se de novo e então foi sozinha para a paragem de autocarro Enquanto caminhava pensou no rapaz Imaginou as coisas que lhe diria *Querido tenho de me ir embora e não me podes seguir* Retiraria muito prazer de toda a tristeza da situação Quando sentiu cair sobre ela uma espécie de frio uma sombra e depois apercebeu-se de que era mais um

som Depois soube do que é que se tratava e de quem era à medida que a alcançou lentamente E a janela abriu-se

Onde é que vais toda arranjada como uma rameira? disse o pai

Tinha o braço pousado na janela aberta Com uma nova tatuagem da cara de uma mulher que ela supôs representar a mãe Atrás dele um dois três irmãos a olharem para ela Oh disse ela esforçando-se por soar contente por o ver Só estou a fazer uns recados

Entra disse o pai dou-te boleia

A carrinha estava escura Fedia a humidade embora fizesse sol há dias Quando entrou viu que Lar estava na parte de trás Sentado nas sombras a olhar para as mãos Ninguém estava a falar A porta fechou-se com um estrondo Onde é que vais? perguntou o pai

Tinha de o dizer Que escolha tinha ela Ou mentia e nunca mais via o rapaz bonito ou dizia a verdade e abria a porta a não sabia o quê

Ia a um jogo de futebol disse ela Olhou em frente para evitar o olhar do pai

A um jogo de futebol? disse ele Que raio vais fazer a um jogo de futebol?

Perguntou-se se ele já saberia de tudo Se Lar lho teria dito por vingança ou para salvar a própria pele De qualquer maneira que diferença fazia Fora tudo por água abaixo O rapaz e o plano Lar tinha razão Deviam ter fugido naquele dia assim que tinham deitado a mão ao dinheiro

Um amigo está a jogar disse ela Disse-lhe que o ia ver

Fez-se silêncio Sentiu os olhos dos irmãos brilharem como os de chacais numa floresta

Mas o pai disse apenas Um jogo é Muito bem vamos todos Porque não?

Quando chegaram ao sítio viram que o campo era pequeno e cheirava a xixi Mas havia muita gente a fazer barulho Pessoas a entoar canções e a soltar gritos Barulhentas de um modo bem-humorado Todas estavam a usar camisolas desportivas e cachecóis Algumas tinham fios entrançados com as cores da equipa atados à volta da cabeça e algumas raparigas tinham essas mesmas cores pintadas nas bochechas e ficava-lhes de facto bastante bem pensou ela Tinha de se pagar bilhete para entrar e quando soube disto o pai mandou os irmãos sentarem-se outra vez na carrinha

As equipas entraram em campo e o coração parou-lhe quando viu o seu rapaz Perguntou-se se ele a procuraria na multidão Mas na verdade ele não tirou os olhos do campo durante o jogo inteiro No entanto ela corava sempre que ele se aproximava do sítio onde eles estavam e quando o público o apoiava Quando gritavam o seu nome ela sentia-se orgulhosa embora não soubesse o que se estava a passar

O pai também não sabia Estava sempre a fazer perguntas Quem é aquele tipo? Porque é que o vosso tipo está a apitar? Foi golo? Mas reparou no rapaz dela Meu Deus aquele tipo magro corre que se farta disse É ele disse ela É o meu amigo É o Frank Céus o tipo é rápido disse o pai Depois pôs as mãos em volta da boca e gritou Força Frank! À volta deles todos gritavam a mesma coisa Força Frank! Ela também gritou a mesma coisa Ele já tinha chegado à outra ponta do campo Muito depressa com muita graciosidade É o filho do Maurice Barnes diziam as pessoas entre elas

Depois quando o apito tocou ele ficou nas margens do campo rodeado de pessoas O público estava a dirigir-se ao portão de saída Disse ao pai que ia à casa de banho e que se encontravam fora do campo Depois escapuliu-se e esperou pelo momento indicado

Tinham vencido a partida Uma multidão de adeptos queria falar com ele e apertar-lhe a mão Incluindo raparigas mas nenhuma para quem se olhasse uma segunda vez Ele estava no meio deles Todo enlameado Ofegante e a rir-se Com os olhos muito brilhantes Comparados com ele os fãs pareciam pálidos e frágeis com os seus duplos queixos e os seus cabelos secos como palha e as bochechas manchadas de batom Tal como aquela noite na discoteca quando tudo à volta dele se transformara em vapor mas ali à luz do dia ele era real e ela percebeu que errara ao fazer a promessa a Lar porque não se conseguiria ir embora agora que o vira uma segunda vez

Mas estavam tantas pessoas à volta dele que ela começou a pensar quem era ela para falar a uma tal pessoa Ela que vivia num casebre com uma retrete no quintal Ele ainda não a tinha visto Da próxima vez pensou ela e foi-se embora cabisbaixa

Ela só queria ir para casa chorar um pouco no quarto mas o pai decidira que queria uma cerveja As pessoas estavam a ir para o Coady's disse ele Ela disse-lhe que estava cansada Implorou-lhe que a levasse para casa mas ele disse que iam só tomar um copo e ela não teve outra escolha senão segui-los com esperança de que o Coady's não fosse um daqueles bares onde estava impedido de entrar porque às vezes ele esquecia-se dos sítios onde estava interdito mas os *barmen* nunca se esqueciam dele

O *pub* estava à pinha cheio de pessoas com cachecóis e camisolas das duas equipas O pai mandou Lar ir buscar as bebidas e eles mantiveram-se unidos num pequeno círculo O pai falava sobre o jogo em alto e bom som Falava tão alto que as pessoas estavam sempre a olhar para ele apesar de o *pub* estar cheio e ela sentiu-se envergonhada Como era possível um homem não saber tantas coisas E se não sabia porque é que não se calava simplesmente Doía-lhe a cabeça Estava a

aperceber-se naquele momento do que sempre soubera bem lá no fundo  
Que era impossível Nunca teria resultado Não haveria uma próxima vez  
Não voltaria a ver o rapaz

Então sentiu uma mão puxar-lhe o braço e virou-se e era ele

E como naquela noite na discoteca tudo em volta se esfumou Os  
olhos dele eram como estrelas Ali na multidão Eram apenas eles os dois  
Estás cá disse ele Vieste

Pensava que te tinhas ido embora disse ele Vi-te depois do jogo  
chamei por ti não me ouviste?

Ah sim não disse ela Agora que pensava nisso ouvira alguém gritar  
por uma Rachel Tinha-se esquecido de que era ela Corou e riu-se e ele  
também se riu Ele era perfeito

Então ouviu uma voz que lhe pareceu vinda de muito longe A voz do  
pai Não me és nada estranho disse ele olhando para o rapaz Não és  
aquele rapaz que estava a jogar

O rapaz olhou para cima em choque Viu pela primeira vez os rostos  
vulgares em seu redor Os irmãos com as bocas atoladas de batatas fritas  
Ela estava capaz de se enfiar num buraco Mas ele manteve-se calmo Sou  
eu sim disse ele Frank disse ele e estendeu a mão para o cumprimentar

Bom jogo disse o pai Quem me dera ter apostado algumas lecas Eu  
sou mais de corridas de cavalos

Um desporto à rei disse Frank e o pai gostou disso e começou a  
palrar acerca da Gold Cup

Nunca tinha visto o pai comportar-se assim Normalmente o pai  
enrolava as mangas e preparava-se para assustar qualquer homem que se  
aproximasse o máximo de dez pés dela Mas foi como se ele pensasse  
que Frank estava ali por causa dele e não dela Não parou um momento  
para se perguntar porque é que o atleta brilhante o jovem desportista  
miraculoso adorado por toda a vila estaria ali a ouvir tudo o que ele

dizia e a comprar-lhe cervejas Esse era o dom de Frank Era o que ela tinha descoberto acerca dele Falava com qualquer pessoa Com um duque ou um vagabundo E quando falava levava-os a pensar que eram as únicas pessoas no mundo Um dom sim Uma maldição também porque todas aquelas pessoas pensavam que podiam exigir parte do seu tempo Mas ela ainda não sabia disso naquela altura e ao ouvi-los conversar poderia começar a pensar que Frank se tinha de facto aproximado deles para falar com o pai não fosse de vez em quando lançar-lhe um olhar de soslaio e nessas alturas ela sentia um choque percorrer-lhe e ele sorria-lhe e ela sorria-lhe e ela sabia

Mas depois a multidão abriu caminho e surgiu um homem

Parecia saído de *O Padrinho* Uma cabeça de cabelo prateado penteado para trás Um casaco enorme onde cabiam duas ou três pessoas Uma gravata cor-de-rosa Um lenço às bolinhas no bolso do casaco Era óbvio que era alguém que tinha dinheiro e queria que se soubesse que o tinha Este sujeito acerca-se deles e fixa-os com o olhar como se tivesse apanhado os criados a beber o seu xerez E o discurso do pai morre-lhe na boca e faz-se silêncio

Olá pai diz Frank

O pai que era Maurice é claro não responde de imediato Olha simplesmente para a galeria de javardos constituída por Imelda e a sua família enquanto pensa obviamente para consigo Quem diabo são estas pessoas e porque estão a falar com o meu filho Depois interpela Frank Despacha-te e diz o que tens a dizer porque vamos jantar daqui a pouco

Ah aguenta aí diz o pai que estende uma mão para o deter Toma um copo connosco

Maurice olha para a mão A mão do seu pai no casaco de lã dispendioso e não pareceria mais enojado se lhe tivessem atirado com gás tóxico para cima Enquanto isso Frank está a sorrir para consigo

como se aquilo fosse o pináculo da comédia e naquele momento ela vê as coisas como elas são

Naquela altura ninguém diria que Imelda era astuta ou perspicaz ou algo desse género Longe disso Mas ali no Coady's enquanto olhava para o pai e para o filho uma voz na sua cabeça disse-lhe O teu trabalho está aqui rapariga Este é que toma as decisões É este que precisas do teu lado

Ouviu tudo isto com toda a nitidez e antes de saber quem ele era ou o que quer que fosse acerca dele Naquele momento não sabia nada sobre coisa nenhuma Mas via na perfeição que ele era um homem que subira na vida a pulso Um homem na mó de cima que definitivamente não permitiria que pessoas do género de Imelda Caffrey enlameassem o bom nome da sua família O seu filho poderia achar romântico ou divertido conviver com foras da lei Já ele não nem pensar E se a disputa levasse a uma discussão ele sairia vencedor

Lá fora o céu já não estava tão encoberto Os raios de sol entravam enviesadamente pela janela e assim se via que a multidão começava a dispersar Maurice impacientou-se Já chega disse ele com acutilância Vamos embora E ela percebeu que ele estava pronto a puxar o filho pela orelha e que as coisas se ficariam por ali

E então ela deixou que a luz do sol incidisse sobre ela

Levantou-se do banco e aproximou-se do pai Começou a arranjar-lhe o colarinho da camisa A atarefar-se de volta dele Ó pai abotoaste isto tudo *mal* como se fosse algo que estivesse sempre a fazer Sem prestar atenção ao outro homem ao outro pai Mas com a certeza de que ele lhe estava a prestar atenção A vigiar sem olhar enquanto a apreendia na sua totalidade Enquanto o sol se enovelava no seu cabelo e o fazia cintilar como se fosse ouro Enquanto ela se mexia à luz que entrava pela janela empoeirada Depois virou-se para ele e sorriu-lhe revirando os olhos E

assim fisgou Maurice Ele era um mulherengo Um conhecedor da matéria Também se apercebeu disto

Bem diz ele num tom de voz muito diferente E quem é esta

Esta é a minha filha Imelda diz o pai Ela é o domingo de todas as minhas semanas e é a imagem chapada da sua pobre mãe que enterrámos nesta primavera

Maurice deu-lhe um aperto de mão Encantado disse ele O relógio de ouro brilhava-lhe no pulso peludo como um olho mecânico cintilante Depois olhou para o relógio Presumo que ainda tenhamos tempo para uma cervejinha

Sim ambos compreenderam a situação naquele preciso momento Embora mal se conhecessem ela e Frank viram que precisavam de manter os pais contentes se queriam sequer ter uma hipótese E assim fizeram Frank contentou o pai de Imelda Tal como Imelda contentou Maurice Ambos sabiam que isto também os unia um ao outro Mas isso era bom Embora mal se conhecessem Queriam estar unidos um ao outro

E foi assim que as coisas decorreram a partir de então Frank tomava conta do pai Ela tomava conta de Maurice Só precisaram de se esforçar um bocadinho Depois deixaram-nos em paz para se apaixonarem

E era sem dúvida amor Nunca houve qualquer dúvida acerca disso Embora não fosse a sensação de cair de um penhasco que ela sempre esperara Nem de cair num abismo Mais como a sensação de uma folha a esvoaçar e a cair lentamente em direção à terra em círculos e em reviravoltas Estavam sempre felizes Era assim que se sentiam Sentiam-se pura e simplesmente felizes quando estavam juntos e a partir daquele primeiro dia estavam sempre juntos Tomavam um copo no Coady's ou no Finnegan's ou no Banister Ela conseguia beber tanto quanto ele cerveja por cerveja era a única qualidade que o pai lhe legara De resto também se embebedavam um do outro A beijarem-se num carro

estacionado num caminho florestal A atravessarem o centro comercial enquanto comiam batatas fritas de pacote Cada dia uma névoa de gargalhadas e beijos Ele carregava-a aos ombros Ela tentava cortar-lhe o cabelo Estavam sempre a rir-se os dois sempre a rir-se Parecia um feitiço mas era real Tudo com origem nuns beijos trocados no Papparazzi's ele e ela O rapaz rico e a rapariga do cu de Judas Devia ser impossível Era tudo demasiado fácil

Depois do primeiro encontro fizeram tudo por tudo para manter Maurice e o pai bem longe um do outro Porém os dois homens encontravam-se às vezes aquando de um jogo e nessas ocasiões Imelda ficava nervosíssima pois receava que o pai começasse por exemplo a falar sobre as suas *experiências como criador de cavalos* apesar de estas se limitarem a ir a casa do primo buscar umas pobres pilecas que trazia do Lincolnshire na sua carrinha Ou sobre o seu *interesse por carros clássicos* ou seja o *Datsun* que estava suspenso em tijolos desde tempos imemoriais à espera de peças em falta Mas Maurice tinha sempre jantar reservado num sítio qualquer ou algo do género e o pai de Imelda nunca conseguia ter oportunidade de discursar o suficiente E embora estivesse sempre a dizer que se deviam juntar todos um dia e Maurice fizesse sempre questão de lhe perguntar *pelo pai* como se se referisse ao *presidente* de alguma coisa ou ao *Monsenhor* a verdade é que nunca se juntaram para coisa nenhuma No fundo Maurice não queria estar com o pai e o pai não era doido o suficiente para querer agitar as águas

Porque estava ali enfim o milionário com quem ele tanto sonhara

O pai de Frank tinha um *stand* de automóveis mesmo no centro da vila O *stand* partilhava o nome com ele Maurice Barnes Motors e quem passasse pelo *stand* fosse que dia fosse da semana via-o na sala de

exposição com os seus botões de punho de ouro e o seu cabelo prateado penteado para trás A falar a um cliente como um rei a um camponês Frank também trabalhava lá na secção de Vendas Estavam a ganhar bom guto dizia ele Toda a gente queria comprar um carro novo ele só tinha de abrir as persianas de manhã para vender metade da frota até à hora de almoço Havia tanto dinheiro a circular dizia ele que era quase como se os carros saíssem de lá por sua própria iniciativa

Frank troçava sempre do pai por conta dos seus modos mas também gostava de exhibir o dinheiro Usava sempre calças de ganga de marca sapatos de marca óculos escuros de marca Uma camisola *Tommy Hilfiger* comprada na Shaws com uma boa camisa por baixo Tinha o seu próprio telemóvel que guardava no bolso Quem não o conhecesse até teria vontade de lhe dar um murro no focinho No trabalho vestia fato e parecia um agente do FBI saído de um programa de televisão Ela também o via no *stand* A falar com clientes na sala de exposição Parecia que não faziam mais nada a não ser falar com pessoas O trabalho é mesmo esse dizia ele

Não percebia nada daquilo mas deviam ser bons no que faziam ele e Maurice porque viviam na maior casa que ela já vira Não tinha número de porta só um nome Goldenhill Antigamente pertencera a um conde ou lorde ou algo desse género Havia um prado nas traseiras e uma grande floresta como se saídas de uma história de encantar

A casa por dentro não tinha fim Um dia Maurice levou-a a fazer uma visita guiada Via coisas para onde quer que olhasse Coisas cintilantes coisas de porcelana mesinhas onde pousar as coisas Ornamentos e bibelôs e molduras de quadros Um retrato da família Uma raposa embalsamada Sofás e cadeiras e otomanas tapadas com mantas e cobertores e almofadas Camadas e camadas de tudo dispostas de uma maneira que lhe lembrava na verdade os barracos do seu pai embora

estivesse errada porque aqueles objetos eram todos do melhor que havia. E além disso não tinham só um exemplar do que quer que fosse, tinham uma pilha de cada coisa espalhada nalgum sítio ou encafuada num armário ou num dos quartos do primeiro andar. Mais otomanas. Mais pares de *Air Max*. Mais raquetes de ténis, algumas ainda com as etiquetas presas. Para quem gostasse de vinho havia uma garrafa com sessenta anos. Quem gostasse de desenhos animados tinha todos os filmes em vídeo e uma fotografia emoldurada na parede em que os rapazes apertavam a mão ao Rato Mickey na Disneylândia. Isto antes sequer de pôr a vista nos relógios e pulseiras e colares porque também tinham isso tudo. Os olhos brilhavam-lhe embora não soubesse o que a maioria das coisas era.

Nada mau para um tipo que veio da Piggery Lane, dizia Maurice. Era uma das suas frases de eleição. Apontava para os seus troféus e dizia com um encolher de ombros: Bem bom para um rapazola da Piggery Lane.

Peggy não gostava nada de o ouvir dizer aquilo. Ela não era da Piggery Lane.

Mas havia que lho conceder. Apesar de toda a bazófia de todo o seu exibicionismo, tinha realmente subido a pulso. Viera do nada e criara tudo aquilo. Não ficara sentado sem fazer nada e a lamuriar-se das más cartas que a vida lhe dera. Tinha pelo contrário visto uma oportunidade e aproveitara-a. Imelda respeitava-o por isso.

Na verdade sempre gostou de Maurice. Entendia o porquê de algumas pessoas não o suportarem, mas eles os dois tinham-se dado sempre bem. Ela sabia que ele pensava que ela estava a tentar apanhar-lhe o filho e sabia também que ele sabia que ela sabia. Mas com um homem daqueles saber fazia parte do jogo e ela jogava-o fingindo que estava a tentar deitar-lhe a mão a ele e ele a ela. Oh Maurice, és o máximo! dizia ela.

quando ele contava uma piada Ou És levado da breca Maurice Barnes! e dava-lhe uma palmadinha na mão quando ele lha segurava demasiado tempo Noutras ocasiões como quando por exemplo havia uma festa da GAA a que Frank tinha de comparecer ou outro evento importante qualquer ela olhava-o nos olhos e dizia Mas também vais lá estar não vais Maurice? Ou por exemplo quando iam a um restaurante e perguntava a Maurice o que significa esta palavra? E apontava para a palavra no menu com capa de couro com os olhos arregalados e perdidos e ele contemplava-os com prazer como um avarento que examinasse o seu tesouro Lagostim querida dizia ele com o rosto a cintilar com matizes de ouro por efeito de Imelda O lagostim é um tipo de lagosta

Onde é que ela aprendera a representar daquela maneira? Como é que ela sabia o que tinha de dizer para lhe agradar? Para mais sendo ele um homem sofisticado e ela uma rapariga sempre reservada A única rapariga numa casa cheia de homens das cavernas que se peidavam a torto e a direito e que gostavam de trocar uns murros entre eles? Às vezes preocupava-a saber como lidar com ele Pensava no que a mãe dizia sobre ela *Sei quem tu és na verdade* Mas nada daquilo tinha qualquer importância Era apenas fingimento Só que fazia com que Maurice gostasse dela Por isso era mesmo muito importante Porque ela bem via que ele gostava dela Independentemente do que pensava dela

Peggy era diferente

Peggy era complicada Conversar com ela era como um jogo de xadrez Frank ensinara a Imelda como jogar damas e estava a ensinar-lhe também xadrez e ela sabia que Maurice era damas Pretas vs brancas Homem vs mulher Uma batalha rápida e que tinha apenas a diversão como objetivo Peggy era xadrez Imelda nem sequer percebia porque é que as pessoas queriam jogar xadrez

Foi Peggy quem a convidou a ir pela primeira vez a casa deles Quando já namoravam havia dois meses Quando Frank lhe falou do convite ela sentiu-se como se tivesse engolido um balde de gelo Para quê? perguntou ela E ele riu-se Quer conhecer-te só isso Porque não havia de te querer conhecer

Não conseguiu dormir a semana inteira Perguntou a Rose se tinha uma poção ou um feitiço que pudesse lançar sobre ela mesma Ou sobre a mãe de Frank Rose cerrou os dentes e nada disse Para ser sincera Imelda não sabia se Rose estava assim tão contente com o namoro entre ela e Frank

Talvez nem sequer fosse pensou Diria que estava doente ou que o seu pai estava doente Mas mesmo no início da relação sabia já que Frank tivera inúmeras raparigas e que as esquecera Aproximavam-se dele no *pub* com ar miserável e envergonhado embora tivesse sido ele quem as abandonara Ela tinha pena delas Ao mesmo tempo determinara que não seria como elas Essas raparigas nunca tinham sido convidadas para jantar em Goldenhill

Peggy não assistira ao jogo da primeira vez Na verdade nunca ia aos jogos de Frank Ficava demasiado ansiosa disse-lhe Frank Sentia-se fisicamente doente Imelda pensava que isso era incrivelmente glamoroso Assim sendo viu-a pela primeira vez na casa da família

Tinha cabelo grisalho embora não fosse velha Reservada Mantinha-se de parte ou afastada

Ao jantar foi Maurice quem conduziu a conversa Falou a Imelda dos seus sucessos e dos sítios onde tinha estado enquanto Frank engolia a comida como um alarve e Dickie o irmão suspirava e fungava e Imelda sorria sem parar e tentava não deixar cair nada Mas depois tal qual um tubarão Peggy subiu à superfície vinda das profundezas

Então quais são os teus planos Imelda?

Imelda presa nas suas mandíbulas de tubarão ficou boquiaberta  
Planos?

Agora que acabaste a escola O que pensas fazer

Oh já percebi disse Imelda assentindo com a cabeça na esperança de que isto fosse suficiente Mas Peggy aguardou com a sua cabeça de passarão inclinada e de olhos postos nela e com o seu sorriso de fada-madrinha enquanto Imelda enrubescia cada vez mais

Não a interrogues mãe! disse com gargalhadas Frank Como se tudo aquilo fosse uma piada

Só a quero conhecer protestou Peggy Se está a pensar ir para a universidade Se tem uma carreira em mente Só estou interessada em saber como se imagina no futuro O que te vês a fazer daqui para a frente querida?

Planos para o futuro sim adoravam toda aquela conversa sobre o que iriam fazer Aonde iriam Na semana seguinte no próximo mês nas férias de Natal Os melhores hotéis as melhores praias os melhores restaurantes Falavam falavam Empilhavam a conversa como se fossem mais objetos que guardavam em caixas e atiravam para o quarto onde acumulavam a tralha E quando os escutava apercebia-se de que era isso que os tornava diferentes Porque na sua casa nunca havia plano nenhum Ninguém pensava no futuro A vida caía-lhes em cima como um bando de rapazes que saltasse de uma carrinha

No *hall* o relógio de pêndulo tiquetaqueava como a batida lenta de um tambor Ela olhou de um par de olhos para o outro e pensou *Quem és tu? O que estou aqui a fazer?*

Depois por fim Maurice intrometeu-se na conversa A Imelda vive no momento não vives querida disse ele E não consigo imaginar um sítio melhor para ela

Ele deu-lhe um beijo no alto da cabeça e levantou-se E agora disse ele A sobremesa!

As coisas eram assim Precisava que Maurice gostasse dela não só por ele mesmo mas para a proteger de Peggy Maurice nunca lhe perguntava nada sobre a família e o passado ou os seus planos nada desse género Sabia que se a desaprovasse só iria encorajar Frank a gostar dela Além disso gostava de entrar nos joguinhos de sedução com ela por isso decidira deixar Frank à vontade

Mas Peggy via que aquilo não era uma mera brincadeira Mantinha-se de olho neles E claro que o facto de Maurice gostar de Imelda só virava ainda mais Peggy contra ela

Passava tudo ao lado de Frank As perguntas as pequenas insinuações *Vais ter cuidado não vais* quando Imelda estava a entrar no carro para que Frank lhe desse boleia até casa *Ponham os cintos de segurança Estas estradas são muito traiçoeiras*

Traiçoeiras sim Uma casa tão bonita tão calorosa com comida tão boa e um ambiente tão hospitaleiro Tinha sempre medo de lá ir Para ela era sempre um alívio ir-se embora

Mas ele talvez também se apercebesse disto Da primeira vez que ela o levou a sua casa avisou-o Tem atenção que não é como a tua Não tem todas aquelas porras das terrinas e aquelas coisas que vocês têm

E ele riu-se e disse Graças a Deus que não

Não o queria levar de todo até sua casa Tinha calafrios só de o imaginar a ver sequer o pátio da frente Mas o pai começava a insistir com ela Estás a escondê-lo de nós? Ou tens vergonha de nós?

Frank não queria saber do pátio da frente Gostava de estar lá De se sentar na cozinha com o pai e os irmãos e abrir uma cerveja Dizia que era como os bares ilegais nas colinas aonde ia beber por vezes E o pai também gostava que ele o visitasse é claro porque Frank chegava sempre

num carro novo que levava do *stand* Carregava no acelerador diante da casa e os vizinhos espreitavam pela janela para ver o que se passava E o pai apressava-se a atravessar o pátio com ares de pessoa muito importante e começava a falar em voz alta com Frank acerca de pormenores técnicos e eixos de cames e depois quase num grito Entra entra! E eles entravam e sentavam-se à mesa e os irmãos juntavam-se-lhes como se fosse uma cozinha normal numa casa normal e contavam histórias sobre situações engraçadas e pessoas bizarras com quem tinham travado conhecimento como se fossem pessoas normais a conversar até como lhe acontecera em Goldenhill com os pais de Frank ela dar por si a olhá-los e a pensar Quem és tu Onde estou

Os teus irmãos são umas personagens e peras dizia Frank no fim da visita São engraçados

Só Lar não participava das conversas Andava por ali enquanto os outros bebiam sentados à mesa mas ocupava-se com alguma coisa Fazia sanduíches ou arrumava a casa ou algo do género

Depois do primeiro jogo quando o pai acabara de voltar a casa ela dissera-lhe para fugir ele sozinho Para pegar no dinheiro antes que o pai reparasse que o barraco não tinha um cadeado e ir para Londres ou outro sítio qualquer Mas ela sabia que ele não iria sem ela E não foi E desde então não falavam tanto um com o outro

Mas quem mudara mais fora o pai que estivera na mó de baixo desde a morte da mãe mas que estava então na melhor forma em que ela alguma vez o vira E tudo graças a Frank! O pai não se fartava dele Ficava contente só de pensar nele Estava sentado na cadeira em silêncio e de repente dizia algo como Sabes que mais O Frank é um verdadeiro cavalheiro e depois voltava aos seus pensamentos Sorria para consigo Tinha recommçado a fazer a barba A cuidar de si para o caso de Frank aparecer de repente

Não era apenas por pensar que lhe podia vir a calhar algum dinheiro Para ele tinham uma ligação Eram desportistas

Desportistas Sim Nunca lhe tinha passado pela cabeça Mas o pai fazia questão de que Frank soubesse tudo acerca disso Contava-lhes histórias longas sobre as suas lutas Sobre a pressão Sobre como era estar prestes a desistir Sabes como é Frank dizia ele Sei pois senhor Caffrey dizia Frank

Por isso quando Frank a ia buscar no seu carro caro com matrículas do *stand* ele nem sequer levantava a voz Os pombinhos dizia ele com uma risadinha O mesmo homem que tinha um pé-de-cabra na carrinha para mostrar a qualquer sujeito que pudesse sequer imaginar acompanhá-la a casa Os tipos só andam atrás de uma coisa

Bem talvez estivesse a pensar no dinheiro e fosse por isso que a deixava ir com ele ou talvez achasse Frank um cavalheiro demasiado beatífico para sequer sonhar com tal coisa Se era isso bem que estava enganado porque aquele rapaz não parava

Gostava de a levar ao lago no grande *A6 Saloon* Era o seu preferido porque se podia empurrar os assentos para baixo e era como estar deitado numa cama dupla junto à água Quando ele aparecia no *A6* ela sabia logo o que é que ele queria embora ela lhe dissesse que teria mais hipóteses se a levasse a sair no *TT* ainda que fosse menos confortável

Sim no *TT* junto à água com o sol a pôr-se nos olhos dele e a mão dela no seu cabelo e a cabeça dele no coração dela Era então que lhe custava mais Tudo nela se queria dar a ele Ao seu rapaz ao seu amado

Mas não lhe saía da cabeça o que a mãe lhe dizia A maldade dentro dela Se lhe tocassem será que lhe sairia de dentro

Em breve dizia ela

Tudo bem respondia ele Temos imenso tempo

Sim tempo o futuro Para ele o mundo era um palácio de maravilhas Cada recanto cheio de tesouros aventuras Só à espera que ele os encontrasse

Estava a trabalhar no *stand* mas não tinha intenções de continuar por lá Não quero ter o velhote em cima de mim o resto da vida dizia ele Tinha um plano de negócio com o seu amigo Dolly Uma coisa do tipo *Fantasy Football* que iam pôr nos computadores Nunca conseguiu perceber nada do assunto mas Frank estava convencido de que iriam ganhar uma pipa de massa

Dolly era o homem dos números Um génio dizia Frank Era ele que trabalhava com os computadores Ela nunca percebeu porque é que ele se chamava Dolly Usava um gorro de lã o ano inteiro e da única vez que o tirou ela viu-lhe o cabelo cair aos tufos como um cão com sarna Não se parecia nada com uma boneca ou um génio Mas o Frank era assim Via sempre o melhor de cada pessoa

Tendo tudo em consideração não percebia porque é que ele queria sair do *stand* quando se estava a sair tão bem no negócio O Maurice não vai estar lá para sempre pois não dizia ela Vai-se reformar um dia Já não ganhou dinheiro que chegue

Mas Maurice queria que o irmão de Frank tomasse conta do negócio quando ele se reformasse Estava tudo combinado Naquele momento Dickie estava em casa de férias mas em outubro regressaria a Dublin para estudar Gestão e preparar-se para tomar conta do negócio

E nesse caso não vai haver nada para ti? perguntou ela Quando ele tomar conta do *stand*?

Talvez houvesse emprego para ele mas não seria o cargo de topo e Frank não queria estar sob o controlo de ninguém

Não que guardasse qualquer rancor contra Dickie Aquele plano fora concebido por Maurice não por nenhum deles Frank idolatrava o irmão

Estava sempre a falar dele De como ele era esperto O tipo mais inteligente que alguma vez conheceria embora isto não a convencesse muito tendo em conta que ele lhe dissera que Dolly era um génio Um sujeito que se incendiara a ele próprio a fumar um cachimbo de água Dickie podia não ser tão mau assim mas nunca a impressionara por aí além quando o vira na casa da família Era dois anos mais velho do que Frank mas Frank é que parecia o homem do mundo ao passo que Dickie mal abria a boca Estava quase sempre com o nariz enfiado num livro Nem sequer ia aos jogos de Frank porque supostamente tinha um problema auditivo qualquer espoletado pelo barulho da multidão

Queres dizer que ele fica doente quando ouve as pessoas a torcerem por ti disse ela mas Frank parecia não ver nada de errado com isso E no fim de contas ela não tinha nada que ver com o assunto Famílias São todas meio doidas não se pode interferir E quem sabe se não teriam feito tudo funcionar entre eles Frank Maurice e Dickie No fim o problema não foi o *stand* nem o seu pai nem Peggy Não foi sequer ela própria

O problema foi o futebol

Toda a gente dizia que a equipa de Frank era a melhor que a vila tinha há anos

Tinham vencido oito partidas consecutivas Ganhado um número recorde de pontos E embora as pessoas dissessem que era demasiado cedo para se falar no campeonato nacional a verdade é que falavam disso de qualquer maneira

Ora Imelda não distinguia uma bola de outra e até então nunca lhe passara pela cabeça que uma vila inteira pudesse viver tão obcecada com um grupo de rapazes que jogava futebol gaélico Ouvia a mesma conversa onde quer que fosse Será que o joelho de Joe Blah aguentaria

Será que Seanie Fulano-Tal merecia outra vez começar na equipa e não no banco de suplentes Será que tinham hipótese de passar à próxima eliminatória

Era como uma febre que tivesse enlouquecido toda a gente e ela achava-os a todos doidos varridos até também ela se contaminar e depois começar a comportar-se tal como os outros virando-se e revirando-se na cama à noite ao pensar em ligamentos cruzados e pontos por jogo

Todos os fins de semana havia jogo e ela e o pai lá se metiam na carrinha para irem ao estádio decadente da vila ou a qualquer outro sítio ainda mais decrépito e semelhante a uma prisão noutra povoação qualquer Frank dizia que as regras eram demasiado aborrecidas para lhas explicar mas ela percebeu por si só e bastante depressa em que consistia o jogo Percebeu como funcionavam as equipas e as eliminatórias e o que faziam os treinadores tal como tinha apreendido o que eram lagostins e casacos de caxemira e observava tudo junto ao campo e gritava até não lhe restar voz

Diziam que Frank tinha um dom

Falavam da sua *resistência* e da sua *mestria técnica* Da *precisão dos seus chutos* e da sua *estrutura física ideal* Queriam com tudo isto dizer que era rápido Difícil de apanhar Conseguia chutar a bola para onde queria Fugia aos jogadores que o marcavam com aparente facilidade como se nem se esforçasse As pessoas diziam que era uma maravilha vê-lo jogar e era mesmo Também era uma maravilha ver a vila orgulhosa e entusiasmada com aquele rapaz O seu rapaz As velhas carantonhas tristes a iluminarem-se com sorrisos Sim tudo era perfeito quando ele estava em campo

O problema era que o jogo não terminava com o apito final Todos tinham uma opinião que tinham de lhe comunicar Todos queriam pagar-

lhe uma cerveja ou apertar-lhe a mão No *pub* Na rua Aproximavam-se dele apinhavam-se à sua volta

Todos queriam um pedacinho de Frank A sua quota parte da magia

Surpreendeu-a ver-se posta de parte Ela a grande beldade Mas as coisas eram mesmo assim Os rapazes que gaguejavam e coravam em fila queriam falar com Frank não com ela e as raparigas bem essas queriam-na ver morta numa valeta E pessoalmente não se teria importado muito com esta situação Mas para Frank era difícil Falava e falava Bebia e bebia Embora adorasse falar e beber os excessos começavam a fazer-se sentir Todo aquele amor Todas aquelas palmadinhas nas costas

Antigamente nenhuma destas pessoas queria falar comigo disse-lhe ele uma vez Não explicou o que queria dizer com aquilo e ela não chegou a nenhuma conclusão definitiva Queria que lhe dessem palmadinhas nas costas ou via a falsidade que subjazia a tudo aquilo ou pensava as duas coisas ao mesmo tempo Mas ocorreu-lhe pela primeira vez que embora ele gostasse de toda a gente e toda a gente gostasse dele ele estava só Talvez fosse por isso que eles os dois se davam tão bem pensava ela que também nunca tivera amigos Na escola as outras raparigas tinham ciúmes dela ou olhavam-na com desdém ou tinham medo da sua família

Ela sabia que ele se sentia mais feliz quando estavam os dois a sós e aprendeu a perceber quando ele já se saturara dos fãs e a encontrar uma forma de o libertar das suas atenções

Contudo havia algumas pessoas a quem ele não podia escapar

Porque chutaste para ponto quando tinhas a baliza aberta? Porque remataste à baliza quando tinhas dois homens livres no centro? Porque deixaste que a defesa deles te abafasse daquela maneira toda a segunda parte? Sim todos tinham uma opinião Mas Maurice tinha opiniões vinte e quatro horas por dia Frank ouvia-o no trabalho Em casa também

Planos de jogo Estratégia Treino estava sempre a bater na mesma tecla Suponho que nos treinos te têm posto a trabalhar os pontapés? Presumo que te tenham falado nos treinos para ganhares massa muscular nos abdominais?

Frank nunca respondia limitando-se a assentir com acenos de cabeça ou a resmungar e a procurar algo com que se pudesse distrair A única vez em que o viu pegar num livro foi quando Maurice começou a falar do treino

Sei que ele acha que lhe estou a moer a cabeça dizia Maurice a Imelda Só quero que aproveite ao máximo a oportunidade que tem em mãos Ele acha que vai ter muitos momentos como este ao longo da vida Mas não vai

Sejamos francos dizia ele O Frank é um rapaz porreiro Mas desperdiça o que a vida lhe dá Uns avisos não lhe fazem mal nenhum

E de facto era verdade Frank era dado à preguiça Quantas vezes não se tinha esquecido de treinar os infantis porque estava a curar uma ressaca na cama Também falhava os seus treinos chegava atrasado ou perdia sessões inteiras Sabia que escapava incólume porque era o melhor jogador da equipa Maurice talvez tivesse razão e ele precisasse de ser despertado de vez em quando Mas dizia que só queria que Frank *fosse o melhor* as suas três palavras preferidas e isso não correspondia totalmente à verdade porque quem adorava os vivas e as vitórias era o próprio Maurice Os copos erguidos em brindes Os carros a buzinar na rua Era ele que se preocupava com quem era o homem do jogo ou se o treinador da equipa do condado estava a assistir à partida Ficava todo inchado quando as pessoas diziam *É o filho do Maurice Barnes* Como se a velocidade de Frank e os seus chutos e a sua condição física ideal fossem apenas outra parte dele Como o casaco enorme e o carro enorme

e a casa enorme com a sua sala de pequenos-almoços e o seu *bosque de carvalhos-avos* e o seu piano que ninguém tocava

Bem e então? dizia ela quando Frank se queixava É teu pai Tem orgulho em ti Isso é normal

Não tem nada que ver com ele dizia Frank Ou então praguejava ou mudava de assunto

Mas uma vez disse Se ele tem assim tanto orgulho em mim porque é que não me dá o trabalho no *stand*

No *stand* disse ela O que é que isso tem que ver com o assunto?

Mas tinha tudo que ver com o assunto

O clube era patrocinado pelo *stand* O nome de Maurice estava estampado em todas as camisolas Quando Frank *era o melhor* no campo estava a publicitar o negócio O mesmo negócio que no entender de Maurice ele não teria capacidade para gerir por si próprio Porque Frank era o atleta e Dickie o inteligente

Ela tentou convencê-lo a esquecer aquilo Quem queria saber do Maurice? Ele não estava a jogar por ele mesmo Pela equipa? Porque Frank vivia para jogar futebol Era no campo que vivia os seus momentos de maior felicidade Mas quanto mais Maurice o instigava mais Frank sentia que só jogava para agradar ao pai E não queria agradar ao pai

A equipa estava a sair-se bem nunca tivera resultados tão bons Tinham vencido facilmente Clonabree os favoritos do condado Tiveram uma pontuação recorde contra o Oolagh Frank estava no centro de todas as vitórias Embora por aquela altura os oponentes pensassem que já o tinham controlado Que já lhe conheciam os truques e os movimentos Ele inventava simplesmente novos truques a cada partida Novos truques novos movimentos Passava por eles com facilidade como sempre fizera e a equipa seguia-o até à final do condado contra St Fursey's na qual ele marcara um golo mas podia ter marcado dois ou três

Era a primeira vez que eram campeões do condado Houve um cortejo com a equipa a acenar na caixa aberta de um camião A vila inteira saiu à Main Street estavam todos malucos Meu Deus rapazes ainda vamos chegar a Croke Park era o que eles estavam a dizer Mas ele não

Ele fazia com que parecesse fácil mas não era ela sabia-o Não era fácil ao mais novo da equipa carregar todo aquele peso às costas Desgastava-o e as saídas e a bebida e a não comparência aos treinos tudo isso era apenas uma forma de esconder como tudo aquilo era difícil Quando chegaram ao campeonato provincial não conseguiu continuar a esconder o quanto era difícil Quando as pessoas se aproximavam dele e começavam a debitar-lhe as suas teorias interrompia-as o mais depressa possível Veremos dizia ele Faremos o nosso melhor E depois ia-se embora

Mas não tinha como escapar de Maurice

O campeonato provincial dizia ele ao jantar Isto agora é em grande

Até agora tiveste a vida facilitada dizia ele Só agora vais jogar com uma equipa realmente capaz

Imelda tentava o mais possível mudar de assunto Não está um calor dos diabos dizia ela ou São begónias Peggy aquelas coisas azuis mas não funcionava

A nata do desporto Os melhores do seu condado dizia ele Sim isto vai separar os rapazes dos homens

E em resposta Frank não dizia nada limitando-se a olhar para o prato Dava voltas e mais voltas ao puré de batata

À medida que o dia do jogo se aproximava começou a agir de modo estranho Começou a passar-se dos carretos Não lhe podia dizer nada com medo que ele lhe arrancasse a cabeça à dentada Por exemplo se ela lhe dizia para não se preocupar porque os tipos de Ballyray não valiam

nada e eram só treta ele virava-se a ela Começava a dizer-lhe que na verdade Ballyray era provavelmente o melhor clube em todo o país naquele momento A equipa mais bem preparada Tecnicamente mais avançada E falava e falava com o dedo em riste como um polícia a passar-lhe uma multa

Mas se por outro lado ela lhe dissesse que não seria assim tão mau se ele perdesse porque dessa forma teriam pelo menos algum tempo para os dois ele também não gostava nada Meu Deus Imelda estás a tentar desmotivar-me? perguntava ele levantando as mãos no ar

Deixou de ir ao Coady's Almoçava na oficina do *stand* e se ela o quisesse ver tinha de ir até lá ou a casa dele Conseguia entendê-lo Percebia que quisesse ter algum espaço só para ele mas depois deixou de aparecer nos treinos Desaparecia por horas a fio e ela não sabia onde ele estava metido Ele tinha-lhe dado um telemóvel como o dele mas nunca atendia quando ela lhe ligava Ele estava perdido noutra mundo e ela começou a pensar se não haveria ali algo mais do que apenas o futebol Ocorreu-lhe que andaria metido com alguém sem o seu conhecimento Uma das raparigas aluadas que andavam de sua volta no *pub* e que acederia a ir para a cama com ele Sentiu-se doente De coração partido ao mesmo tempo Preocupara-se tanto com Maurice e Peggy que nunca imaginara que pudesse acontecer algo de errado entre eles os dois Não sabia o que fazer Não lhe podia perguntar Por isso tentou perguntar a Rose Está a perder o interesse por mim? Há outra rapariga?

Mas se sabia alguma coisa Rose não lho diria Não vou entrar nessas conversas contigo era tudo o que ela lhe dizia Ao invés descobriu o que se passava através de Dolly

Imelda esquecera-se completamente de Dolly e do suposto negócio de Frank Não o via há meses Mas ele foi ter com ela e contou-lhe que algumas semanas antes conhecera um sujeito de Sligo que estava a

vender um carregamento de haxixe Era o negócio do século disse-lhe ele Contactara Frank e juntos compraram um quilo e o plano era vendê-lo e usar o dinheiro para investir no seu negócio Só que em vez de o vender tinham estado a fumá-lo

A pele de Dolly estava a despregar-se-lhe aos pedaços Quando lhe contou isto ela teve vontade de lhe dar um murro mas manteve-se calma Ele disse-lhe que havia um barraco velho na floresta atrás da casa de Frank Era lá num buraco no chão que guardavam o haxixe Iam até lá juntos para fumar Mas Frank começara a ir lá sozinho Estou a ficar preocupado com ele disse Dolly É por isso que vim falar contigo

Bem muito obrigadinha por isso disse ela com a perfeita noção de que o que mais preocupava Dolly era não restar haxixe nenhum para ele Era o pior de todos os falsos amigos No entanto aquilo explicava o desaparecimento de Frank e as suas flutuações de humor Normalmente ele nunca fumava porque o deixava deprimido mas ela presumia que ele não queria ir ao *pub* e ter de aturar meia dúzia de imbecis a explicarem-lhe táticas de jogo

Atrás de Goldenhill havia uma grande floresta que pertencera ao lorde ou quem quer que fosse o dono da casa antigamente Maurice tinha muito orgulho nela Gostava de fazer caminhadas pela floresta De apontar com a sua bengala para as «árvores notáveis»

O barraco ficava mesmo no meio da floresta Era uma cabana de pedra em ruínas Frank levava-a lá uma vez para fazerem «um piquenique» dissera ele e ela sabia muito bem o que isso significava Aqui? dissera ela Estás maluco? Era um sítio estranho e triste com buracos nas paredes e chão de terra Frio e escuro mesmo quando fazia sol Alguns sítios são assim Estão sempre ensombrados

Enojou-a pensar nele lá sentado horas a fio Mas se ela fosse até lá para o arrastar para fora do barraco ele só a repeliria Mais uma a dar-me

na cabeça diria ele a coisa de que ele menos precisava

Foi então que pensou outra vez em Rose

Pensou que Rose lhe podia dizer o que conseguia ver Como é que o jogo correria Se iam ganhar ou perder Ele saberia o que esperar Isso tranquilizá-lo-ia

Ainda assim tal plano seria difícil de concretizar Frank e Rose não se davam bem Ela talvez se sentisse constrangida por causa dos seus carros desportivos e dos seus *Ray-Ban* ou talvez soubesse que ele fazia piadas acerca dela Chamava-lhe Rose Cigana Fosse como fosse ela calava-se e desviava o olhar sempre que ele estava presente Dirigia-se ao barraco onde guardava a turfa e esquecia-se do chá que entretanto ficava frio O que por sua vez levava a que Frank se sentisse desconfortável Frank que era capaz de falar com qualquer pessoa Polícias vagabundos enfermeiras freiras Qualquer imbecil que encontrava ao balcão do Coady's Com Rose a língua prendia-se-lhe Tornava-se tosco Algum tempo depois parou por completo de entrar na casa de Rose Quando ia até lá buscar Imelda mantinha-se sentado no carro e buzina para avisar

Por isso quando falou no assunto a Rose soube desde logo que ela a tentaria convencer a não levar aquilo avante e assim foi Mas Imelda continuou a insistir

Não revelou de todo o seu plano a Frank Disse-lhe apenas que Rose precisava de mudar uma cómoda de lugar Mesmo assim não deixou de se tentar escapulir com uma série de desculpas Estou muito ocupado disse-lhe ele quando ela sabia que na verdade passara o dia todo no barraco

No entanto acabou por lá ir e de facto mudou a cómoda de um sítio para o outro no quarto Essa parte correu bem sem dúvida depois quando

estavam prestes a sair ela disse-lhe como se a ideia acabasse de lhe ter ocorrido

Oh espera lá Frank disse ela Porque não perguntas à Rose acerca do jogo?

Rose estava a mexer ruidosamente em qualquer coisa e fingiu que não estava a ouvir

Perguntar-lhe disse ele Perguntar-lhe o quê?

Pergunta-lhe se vais ganhar O que vai acontecer Pergunta-lhe disse ela Anda lá só para te rires

Frank ficou com cara de quem achava que aquilo não teria piada nenhuma mas ela continuou a insistir Anda lá já que estás aqui Ela comigo não o faz Está bem está bem disse ele

Levou-o até à mesa e depois chamou Rose e pediu para ler a palma da mão dele Rose não o queria fazer embora tivesse concordado de antemão Imelda viu-se obrigada a agarrá-la pelos ombros e a guiá-la até à mesa onde por fim se sentaram frente a frente

Na televisão estavam a transmitir a lotaria Ronan Collins estava a tirar bolas da tómbola e Frank disse Esqueça o jogo Porque não nos dá os números da próxima semana Rose

Rose fingiu não o ouvir e manteve-se de olhos postos na televisão

Caluda disse-lhe Imelda Dá-lhe a tua mão disse ela

Ele estendeu o braço sobre a mesa Rose com cara de poucos amigos pegou-lhe na mão virou-a ao contrário olhou-lhe para a palma

Receio que estas bolhas sejam resultado de abusar de mim mesmo disse ele Mas quem tem culpa disso é a sua sobrinha

Frank por amor de Deus disse Imelda Isso não tem piada nenhuma

Só estou a meter-me com ela

Bem para lá com as brincadeiras Pergunta-lhe alguma coisa

Tipo o quê? disse Frank

Sobre o jogo seu imbecil Pergunta-lhe se vais ganhar

Bem diz Frank a Rose

Tens de ser tu a perguntar-lhe

Frank revirou os olhos mas depois respirou fundo Fez-se silêncio por um momento e a velhota continuou a segurar-lhe na mão Quero perguntar-lhe outra coisa disse ele agora numa voz diferente Sobre o futuro Só há uma coisa que quero mesmo saber

E Imelda ficou com o coração aos pulos

Ele debruçou-se sobre a mesa e disse Vou encontrar-me com um desconhecido alto e moreno

Rose soltou-lhe a mão com um suspiro Levantou-se da mesa e saiu de casa Ele está só a brincar! disse Imelda Rose! Virou-se para Frank Porque é que estás a ser tão parvo? disse ela Isto só o fez rir-se ainda mais Ela praguejou e saiu pela porta da cozinha Rose estava no pátio a espalhar milho sobre as lajes Ele estava a brincar disse Imelda É porque está preocupado com o jogo

Piu piu piu disse Rose às suas galinhas e sem olhar para ela

Viste alguma coisa? disse ela Vão ganhar? Vais voltar a entrar?

Mas Rose não lhe respondia e nem sequer a olhava nos olhos

Meu Deus pensou ela Voltou à cozinha Qual é o teu problema disse ela a Frank

Olha desculpa disse ele Mas tenho mais que fazer Porque é que me arrastaste até aqui quando sabes que não acredito nesta parvoíce

Não é parvoíce nenhuma disse ela

Acreditas mesmo que a tua tia consegue ver o futuro disse Frank Olha bem para a casa onde ela vive É como se saída de há cem anos

Não lhe podias ter perguntado de qualquer maneira Que mal poderia ter feito

Imelda Esfregou a cara O jogo está quase a chegar É o jogo mais importante que já joguei Não tenho tempo para isto

Oh certo porque te estás a preparar e estás tão ocupado disse ela Escondido na floresta a fumar haxixe como um vagabundo

Este comentário apanhou-o desprevenido Não imaginava que ela estivesse ao corrente

Se estás assim tão preocupado com o jogo porque é que não treinas?

Ela devia ter-se ficado por aí As coisas podiam ter ficado bem se ela tivesse parado ali Mas de repente sentiu-se furiosa Queres sequer saber o que vai acontecer disse ela Ou queres só andar pela vila como um vagabundo pelo resto da tua vida sempre nos copos A embebedares-te

De onde é que vem esta conversa toda agora disse ele

De te conhecer disse ela O teu pai tem razão Desperdiças as tuas capacidades Vais desperdiçar a tua vida inteira

Levantou-se tão depressa da mesa que a cadeira caiu Bem não vou desperdiçar mais tempo nenhum aqui isso é certo disse ele

Está bem então põe-te no caralho vai-te embora disse ela Acompanhou-o até à porta e atirou-lhe o telemóvel o que ele lhe tinha dado O telemóvel embateu no carro quando ele entrou e rodou a chave na ignição e arrancou com os pneus a chiar

E ela voltou para a cozinha de Rose Ainda estavam a transmitir a lotaria embora lhe parecesse que tinham passado anos

Sentou-se à mesa com a cabeça a girar como a Roda da Fortuna O que acabara de acontecer? Porque tinham discutido? Tinha tudo acontecido tão depressa que não fazia sentido a seu ver

Mas claro que fazia sentido É claro que ela sabia porque tinham discutido Ela queria ver o futuro Era esse o seu plano não era O seu plano secreto Rose não lhe lia a sina mas lia a de Frank Veria tudo

assim que tivesse a palma da sua mão à frente E depois Imelda também o veria Saberá a verdade Se se casariam Se ficaria com ele para sempre

Porque ela o amava Não tinha dúvidas de que ele também a amava Tinham sido tão felizes! Quando saíam iam à vila e tomavam um copo no Coady's e se beijavam no carro junto ao lago Mas não sabia se ela seria a história da vida dele

E bem lá no fundo temia que ele deixasse morrer a relação Que a deixasse definhando aos poucos Por não pensar em nada Ou por querer provar que era como Maurice dizia que ele era Preguiçoso irresponsável indolente Que enveredasse por esse caminho só para que Maurice soubesse que nada do que lhe dissera o fizera mudar de ideias E em que posição ficaria ela nesse caso?

Era isso que se perguntava no seu íntimo Era por isso que ela tinha congeminado aquele plano que pensava ser muito engenhoso Um plano que consistia em ler a sina a um jogador de futebol gaélico completamente desastrado E que agora se tinha ido embora

Quando saiu para ir buscar o telemóvel viu que estava desfeito na terra Ele devia ter-lhe passado por cima com o carro quando se foi embora

Ela não lhe devia ter dito aquilo acerca de Maurice Agora ele sabia que tinham falado sobre ele nas suas costas

Passou o resto do dia e essa noite no casebre a ver televisão com Rose Parecia-lhe que estavam longe de tudo como se o mundo pudesse acabar e elas nem dessem por ela

Depois JohnJoe apareceu e disse que tinha visto Frank a beber com uma data de tipos na vila

Que tipos disse ela mas JohnJoe não os conhecia Ele tinha bebido uma cerveja com ele Ele falou de mim pergunta Imelda O quê diz

JohnJoe e então como se lhe tivesse ocorrido de repente Porque é que ele estava a beber ele não tem jogo no domingo?

Depois surgiram muito mais histórias semelhantes a esta Sobre pessoas que tinham visto Frank Barnes num *pub* qualquer a beber cerveja atrás de cerveja a três dias dois dias um dia do jogo embora ela soubesse perfeitamente que as pessoas que espalhavam estas histórias eram as mesmas que lhe pagavam os copos e lhe massacravam a cabeça com zunzuns sobre estatísticas e táticas de jogo em vez de lhe dizerem para ir para casa descansar

Se ela soubesse podia tê-lo convencido a agir com sensatez Podia tê-lo levado para casa Ele ter-lhe-ia dado ouvidos se ela soubesse

Então tudo talvez tivesse sido diferente A vida de ambos A vida dele Mas ela não sabia Nem onde ele estava nem o que ele estava a fazer nem se ela se devia preocupar porque tinham tido uma discussão ou rompido a relação ela não sabia Nem sequer sabia se iria assistir ao jogo ou pelo menos era o que dizia para consigo Até chegar o momento e o seu pai parar a carrinha em frente à casa e gritar pela janela Estamos atrasados Anda lá foda-se

Rose estava à janela da cozinha a enxaguar um prato quando Imelda correu até ao portão Até lhe perguntava se ela queria ir mas Rose não gostava de multidões Evitava as confusões

As malditas estradas estavam todas engarrafas e o pai estava possesso Não parava de buzinar aos carros parados e depois queixava-se das suas dores de cabeça ENTÃO PARA DE BUZINAR gritou-lhe ela mas ele não lhe deu ouvidos Ela também tinha a cabeça num caos Tinha um mau pressentimento Em várias ocasiões quase saltou porta fora e largou a correr de volta a casa

Quando lá chegaram tiveram de estacionar a meia milha do campo e começou a chover assim que desceram da carrinha Uma chuva risível que desapareceu sob o sol radiante e que parecia de facto uma chuva molha-tolos mas que a encharcou da cabeça aos pés Espera para ver se tenho um guarda-chuva disse o pai que começou a vasculhar a parte de trás da carrinha embora ela soubesse que ele não tinha ali guarda-chuva nenhum Cinquenta lixadeiras elétricas com as fichas erradas e instruções em polaco sim Dois cortadores de relva a gasolina sem o eixo traseiro com certeza Mas algo que uma pessoa poderia de facto querer ou necessitar nem pensar Teve de o obrigar a abandonar as buscas e depois quase torceu o pé quando tentou correr com os sapatos de salto alto pelas ruas apinhadas de fãs da equipa contrária com chapéus de *cowboy* e cervejas na mão Mas entraram no estádio e o jogo ainda não tinha começado Anda daí diz o pai Vamos ver o Frank

Ela não sabia onde é que ele tinha ido buscar tal ideia Tentou demovê-lo Olha para mim disse ela Pareço uma ratazana afogada e de facto parecia mas o pai tinha uma ideia fixa e ela não lhe podia dizer o verdadeiro motivo por que não o queria ver porque se ele pensasse que eles se tinham separado ela não sabia o que ele faria exceto que seria algo mau Ele deu-lhe a mão e arrastou-a com ele Ela estava enjoada Passou pelas namoradas dos jogadores todas reunidas mas não olhou para elas para não ver se estavam a evitar olhar para ela À sua volta as pessoas cantavam gritavam sopravam apitos soltavam urras *IAUUUUU!* E os sons e os cheiros Hambúrgueres batatas fritas sidra entornada todos eles caíram sobre ela juntamente com as cores das camisolas desportivas os rostos o relvado e o céu como um enorme castelo de cartas que colapsasse E foi tudo tão demasiado que ela deixou de ouvir o que quer que fosse e de início não se apercebeu de que o assistente à entrada do túnel não os estava a deixar passar até o seu pai começar a gritar com ele

E estavam nessa situação com o pai a gritar feito louco e ela com aspeto de ter sido tirada de uma sarjeta quando quem é que aparece saído do túnel se não o próprio Maurice impecavelmente vestido como habitualmente Com luvas de couro e o seu casacão de lã embora estivessem quase 40 graus no campo

Estava com uma expressão sombria De início nem sequer os viu Passou por eles sem se aperceber da sua presença até o pai o chamar E depois virou-se muito lentamente e observou-os da cabeça aos pés

E da confusão que tinha na cabeça surgiu-lhe um pensamento com toda a clareza Estamos agora a ver finalmente quem ele é na verdade Estamos agora a ver o que ele realmente pensa de nós

Não houve nem charme nem lisonja nada disso Ele olhou para eles literalmente de nariz empinado e até o seu pai reparou nisso e ficou desalentado Era como se tivesse acontecido um qualquer crime e tivesse agora os culpados à sua frente

Ele está lá dentro perguntou ela estupidamente só para dizer alguma coisa e fazer com que Maurice deixasse de olhar para ela

Está sim disse Maurice num tom jocosamente bem-educado Estão a tentar despertá-lo da ressaca

Isto dito virou-lhes costas e foi-se embora O pobre assistente que presenciou tudo aquilo não sabia o que fazer e assim também virou costas e eles entraram no túnel

O pai de Imelda não disse uma única palavra quando percorreram o túnel até ao vestiário Foi como descer a um esgoto com o bolor e o fedor e o mijo e a cada passo que dava Imelda sentia-se cada vez mais abatida até por fim chegarem à porta do vestiário toda podre com a tinta a descascar

E o pai bateu à porta e abriu-a e o que é que ela ouviu  
Gargalhadas

Gargalhadas desabridas com todo o vestiário fosse quem fosse que estava lá dentro a rir-se a bom rir

E depois Frank numa voz grandiloquente e arrastada como um almirante da marinha a dizer Rapazes enfrentarão hoje um batismo de fogo Têm de lutar com cada átomo do vosso ser Estarei ao vosso lado em espírito a beber um copo de *Cabernet Sauvignon* de 1976

Estava a troçar de Maurice Depois ele parou de repente quando o pai dela entrou e ela ouviu o eco da voz do pai e depois todos os jogadores disseram UUUUU! como sempre faziam e gritaram para chamar Imelda e a levar a entrar no vestiário porque lhe iam mostrar o que era uma pilinha a sério e por aí fora

Parada do lado de fora no túnel escuro e malcheiroso pareceu-lhe que decorreu toda uma hora um dia uma vida

Até a porta se reabrir e ele aparecer

Bem disse ele

E a cabeça esvaziou-se-lhe e abraçou-o

Ele apertou-a com força Foi como se tivessem passado meses separados em diferentes partes do mundo Não sabia se vinhas sussurrou-lhe ele ao cabelo Liguei-te várias vezes e nunca atendeste

Passaste com o carro por cima do telemóvel disse-lhe ela e ao dizer isto sentiu um sorriso soltar-se-lhe do coração e perpassar-lhe o rosto Seu idiota do caralho disse ela e ele riu-se e baixou a cabeça e ela pôs-lhe um braço de volta do pescoço Ele disse-lhe que a amava foi a primeira vez que o disse ela beijou-o o amor correu-lhe pelo corpo como se fosse literalmente morrer de felicidade pura Ninguém podia ser tão feliz e mesmo assim sobreviver

Olha diz ele Nem adivinhas quem é que eu vi ao vir para cá foi um desconhecido alto e moreno

Oh és muito esperto disse ela Depois lembrou-se de Maurice do que ele tinha dito Recuou um passo e olhou para ele Estava bêbado? Não lhe parecia Dava para perceber que não tinha dormido muito nem se tinha barbeado e que exalava um cheiro a tabaco e álcool capaz de intoxicar uma pessoa mas não estava naquele momento embriagado Era outra coisa qualquer Estava pálido muito pálido Os olhos brilhavam-lhe com uma espécie de eletricidade estranha e era como se não se conseguisse olhar para dentro deles Nunca o tinha visto tão nervoso embora fingisse que tudo aquilo não passava de uma piada

O treinador apareceu à porta e chamou o nome dele Tenho de ir disse Deu-lhe um abraço e beijou-a Vemo-nos mais tarde disse ele Vai haver uma festarola logo à noite depois de ganharmos isto

Percorreu o túnel em direção à luz e ao barulho sentindo-se tão aliviada tão feliz! As suas preocupações tinham-se desvanecido A inquietação dera lugar à excitação Ao entusiasmo pelo jogo pelo futuro pelo amor entre eles e pelo dia em que viveriam juntos

Aquele rapaz está a descompensar disse o seu pai e de repente tudo desapareceu de novo A felicidade o alívio desapareceram e o medo regressou pior do que nunca

Ela não disse nada nem demonstrou o seu estado de espírito Encontrou os irmãos e percorreu o caminho até aos seus lugares com as outras namoradas e as famílias e toda ela sorrisos para com todos eles como eles para com ela e quando as equipas entraram em campo ela aplaudiu e gritou tanto que o pai lhe deu uma cotovelada e lhe disse para poupar a voz para quando tivesse eventualmente de a usar Estava lá toda a gente A vila inteira ao que parecia Só não se via Maurice em lado nenhum Ouvia alguém dizer que ele se tinha ido embora E Peggy é claro não tinha ido nem Dickie Que família pensou ela Faziam com que a sua

parecesse quase normal Então o árbitro deu o apito inicial e ouviu-se um viva dentro do estádio quando o jogo começou

Tornou-se de imediato óbvio que os sujeitos de Ballyray formavam uma equipa muito diferente daquelas que ela tinha visto antes

Embora mal se pudesse chamar aos dois *pubs* e à oficina de Ballyray uma aldeia a verdade é que eram todos os anos candidatos ao título Não só tinham os jogadores inteligentes que passavam pelos opositores e os homens fortes capazes de deixar alguém estendido no chão à base da força bruta como havia também algo mais que os unia a todos Por isso mesmo quando as coisas corriam mal pouco se importavam e continuavam a lançar-se à outra equipa como uma máquina Ela supunha que era uma questão de preparação mental a psicologia de que Maurice estava sempre a falar

E tinha-lhes calhado essa equipa logo na primeira eliminatória era o primeiro verdadeiro golpe de azar que tinham

Mas os seus rapazes embora menos compactos deram tudo o que tinham Bateram-se com os outros ponto a ponto E Frank jogou como se possuído Corria para trás e para a frente por todo o lado ao mesmo tempo Lutava por todas as bolas Enfrentava os maiores brutamontes da equipa contrária Deixara de lado todas as brincadeiras e palhaçadas e indolência Via-se-lhe a paixão que Maurice o acusava continuamente de não ter Embora não se deixasse arrebatado demasiado Se alguém lhe tentava dar uma cotovelada ou um murro no olho quando o árbitro não estava a ver ele mantinha a cabeça fria

Nunca o tinha visto jogar assim Perguntou-se se teria acontecido algo entre ele e o pai para o exaltar daquela maneira Estaria a atirar à cara de Maurice as regras e os conselhos com que o estava sempre atormentando Como se dissesse vou embebedar-me e depois jogar o melhor que alguma vez joguei Ele tinha marcado dois pontos logo ao início e

então por volta do intervalo marcou de novo empatando a partida por isso quando o apito soou ainda estavam a bater-se pela vitória embora pela lógica Ballyray já devesse ter arrumado com o jogo Quando ele desapareceu no túnel as outras namoradas viraram-se para sorrir a Imelda Ela sentiu-se radiante estava orgulhosa e quando alguém atrás dela disse que ele nunca conseguiria manter aquele ritmo ela fingiu não o ouvir e quando ela se lembrou do olhar estranho que lhe vira antes do jogo a eletricidade que sentira nele disse para consigo que isso era apenas a sua capacidade de concentração a paixão

E durante o intervalo foram os seus adeptos que entoaram os cânticos porque os de Ballyray estavam a ficar frustrados era notório e começavam a cometer erros e talvez fosse possível roubarem-lhes a vitória por uma unha negra Mas não foi assim que as coisas aconteceram

Ele tinha-lhe dito uma vez que o intervalo era como um jogo por si só e quando voltaram ao campo estavam diferentes De repente pareceram cansados Via-se como lhes custava cada vez mais simplesmente aguentar-se em jogo Os de Ballyray também estavam cansados sem dúvida mas não o demonstravam Continuavam a atacar e a atacar como água que corresse por uma encosta abaixo E começaram lentamente a ganhar vantagem ponto por ponto

Na bancada à sua volta o público fazia o melhor que podia Deem-lhes rapazes! gritavam Não se poupem! mas gritavam com vozes entrecortadas cansadas e no campo os jogadores também estavam cansados Os outros corriam mais e ultrapassavam-nos Cometiam erros Frank abalroou um defesa de Ballyray e recebeu um cartão e teve sorte de não ser expulso depois de pontapear as pernas do mesmo sujeito cinco minutos depois A equipa de Ballyray por seu lado manteve o sangue-frio e continuou a roubar pontos aqui e ali e à medida que o

tempo avançava foram os adeptos na bancada de Ballyray que começaram a dançar nas bancadas e o seu lado do campo ficou em silêncio Até o seu pai Até as raparigas estavam em silêncio

E depois vejam só Não é que a equipa de Ballyray ofereceu um golo de mão beijada Foi o brutamontes ruivo que Frank tinha abalroado que chutou mal a bola e a enviou diretamente para Brian «Pints» Coady filho de Patrick J Coady o dono do *pub* que com um *sprint* vindo sabe Deus de onde corre da linha do centro do campo até ficar a sós frente a frente com o guarda-redes Faz a bola bater no chão e passa por ele como se estivesse a cravar um prego num caixão e agora quando faltam apenas três minutos para o fim do jogo só há um ponto em disputa

Está de novo a chover é uma chuva miúda e está também sol o que faz o campo brilhar como estilhaços de vidro Estão todos de pé Ao seu lado o pai grita tão alto que parece que os olhos lhe vão saltar da cabeça Tem as veias do pescoço inchadas e a cabeça roxa e ela dá-lhe o braço quase não tem forças para ver o jogo

E não se vê Maurice em lado nenhum foi-se embora há muito

Ah mas se ele tivesse ficado! Oh! Se ao menos tivesse visto a cara de Frank naquele momento! Manchada de suor e lama e cinzelada com linhas profundas como a de um guerreiro A dar ordens à esquerda e à direita a gritar e a apontar com a equipa atrás dele como se naquele instante se tivesse tornado por inteiro o homem que sempre estivera destinado a ser E enquanto isso Ballyray parecia um exército rechaçado Corriam para a esquerda e para a direita para cima e para baixo sem saber o que fazer Aguentem! O seu treinador está a gritar da linha de fundo Porque se conseguirem simplesmente manter a posse de bola por mais alguns minutos ganham a partida e passam para a meia-final em vez de terem de jogar uma segunda mão com a confiança abalada

Mas a equipa de Ballyray está à nora Não ouvem o que o treinador lhes grita E em vez de manterem a posse de bola um deles tenta marcar ponto de muito longe no campo o que não leva a nada e agora Joe Daly tem de novo a bola e ouve-se uma gritaria a toda a sua volta que não é apenas um som mas uma onda de energia que ela sente a erguer-se de debaixo dela Elevando-a no ar e ao seu pai e a todos os outros em conjunto como se estivesse ali em ação um qualquer poder superior

E ela que pensava que era apenas um jogo sente no seu coração em suspenso que toda a sua vida depende daquele momento

O campo está prateado por conta da chuva quase brilhando demasiado para que vejam o que se passa À entrada dos últimos segundos de jogo pousa o rosto no ombro do pai e depois espreita de novo o campo

Vê Ciaran «The Bollox» O'Neill a passar a bola a Pints Coady

O árbitro olha para o relógio

E Pints chuta a bola fazendo um longo passe diagonal que atravessa o campo e todos suspiram e resmungam porque não está ali ninguém à espera de a apanhar

Só que de repente há Frank apareceu ali vindo do nada e apanha a bola e sentem uma vez mais a onda de energia e juntam as suas vozes num incentivo como se pudessem com elas transportar Frank

E Frank larga a correr Os postes da baliza estão a quarenta jardas Depois a trinta vinte à medida que os segundos baixam de vinte para dez o barulho à sua volta é ensurdecedor um oceano

Um ponto Se ele conseguir um ponto Ganham o direito a uma segunda mão em casa

Chuta gritam eles chuta

Mas ele demora o seu tempo os últimos segundos que restam para se aproximar Não corre riscos

Até chegar à frente dos postes e olhar para cima olhar para baixo  
outra vez Todo o público sustém a respiração Ele puxa o pé atrás para  
dar um pontapé na bola

Mas escorrega

Escorrega na relva molhada e cai ao chão

E a bola cai-lhe das mãos e rola pelo relvado

E ouve-se nas bancadas um som que é como um estilhaçar uma onda  
que rebenta na costa e se transforma de novo em nada

Depois o defesa de Ballyray o mesmo brutamontes ruivo agarra a  
bola e atira-a para fora de campo e o árbitro apita a assinalar o final do  
jogo

São coisas que acontecem disseram as pessoas depois No fim é tudo  
uma questão de sorte disseram Um dia corre-nos bem e no outro dia já  
não

Podia ter acontecido a qualquer pessoa disseram-lhe naquela noite  
no Coady's e na noite seguinte no Banister e no Devine's na noite a  
seguir a essa É só um jogo disseram Não te podes deixar abater por  
causa disso Claro que se tivesses feito o ponto quem sabe mas podiam  
ter-nos massacrado na segunda mão

Tens de pensar a longo prazo disseram eles De qualquer maneira tens  
sempre a próxima temporada

Foram simpáticas Esforçaram-se por deixar claro que não o  
culpavam

Mas sabiam

Sabiam que tinha estado a beber num *pub* na noite antes do jogo e na  
noite antes dessa Não o tinham visto com os próprios olhos? Naquela  
vilória todos veem tudo Até podiam fazer sexo em plena praça central ia

dar tudo ao mesmo Por isso era do conhecimento geral que ele Frank Barnes tinha emborcado cervejas até altas horas e sabe Deus que mais na noite que antecederia o jogo mais importante da sua vida

Ora Frank era jovem e forte e saudável e ágil e algumas pessoas argumentaram que um homem assim se podia dar ao luxo de apanhar uma tosga em véspera de jogo porque isso pouco o afetaria

Mas às vezes também não é preciso afetar muito não é um pequeno deslize é suficiente para fazer a diferença

Noutra ocasião se não estivesse ainda a digerir as cervejas emborcadas na véspera ter-se-ia aguentado de pé mesmo pisando aquele pedaço de erva molhada? E marcado o ponto? E adiado a decisão da eliminatória para uma segunda mão?

Alguém disse que lhe constara que ele tinha vomitado no autocarro a caminho do estádio embora isso se pudesse dever aos nervos é claro

Alguém disse que o treinador o quisera substituir ao intervalo mas que ele pedira com tanta veemência para continuar a jogar que levava a sua avante

Alguém disse que ele tinha tido uma grande discussão com a namorada na noite anterior Imaginem só disseram discutiu com o homem na véspera de um jogo daqueles

O desgraçado do pai estava em lágrimas disseram Alguém que estivera ao seu lado no jogo assegurara que estava destroçado

Não culpavam nem acusavam ninguém Será que as coisas podiam ter corrido de outra forma noutra dia era o que as pessoas perguntavam e Imelda perguntava-se o mesmo

Se ela não tivesse tentado levar a cabo o seu plano estúpido Se não tivessem discutido Se em vez disso se tivesse despedido dele com um beijo e ele tivesse ido para casa e dormido profundamente sem sonhos e acordado revigorado talvez tivesse mantido o equilíbrio e marcado o

ponto e salvado a equipa com uma segunda mão e provado a Maurice que estava errado e sido transportado em ombros pela vila como um herói em vez de se sentar num bar meio vazio a pensar a longo prazo?

Perguntava-se tudo isto Perguntar-se-ia o resto da vida

Perguntou-lhe se ele a culpava Ele riu-se És mesmo tolinha disse ele Onde foste buscar essa ideia

O pai dela defendeu-o é claro Ficou furo durante semanas achava indecente o pobre Frank ter jogado naquelas condições sujeito a partir o pescoço Quanto a Maurice Bem é fácil de adivinhar Provara-se que tinha razão e nada lhe dava mais prazer do que menear a sua grande cabeça prateada digna de um rei em sinal de desilusão Na semana que se seguiu ao jogo não dirigiu uma única palavra a Frank Nem uma palavra imagine-se só e os dois passavam o dia lado a lado no *stand* e em casa

Só está a remoer disse Frank Provavelmente apostou dinheiro no jogo Vai passar-lhe

E se já tivesse acontecido? Se já lhe tivesse passado? Se depois da escorregadela da queda Maurice se tivesse curvado para erguer Frank? Se lhe tivesse dito És um merdas e um bandalho mas és meu filho e vou ensinar-te a seres um homem caralho Teria feito toda a diferença? Para que anos depois Frank comentasse que aquela queda tinha sido a melhor coisa que lhe acontecera na vida? Mas não ele abanava a cabeça diante do seu *Chateaubriand* e no *stand* tirou Frank das vendas e pô-lo a limpar as manchas de óleo E quando os clientes começavam a falar do jogo soltava um longo suspiro como se a vila houvesse sido tomada e arrasada numa batalha

E foi nessa altura que as coisas começaram mesmo a descarrilar porque o facto de Maurice alegar com grande alarido que tinha sido um desastre obrigou Frank por seu turno a alegar com grande alarido que não tinha tido importância nenhuma e a fim de o provar começou a

beber que nem um cacho dando início à bebedeira das bebedeiras uma bebedeira contínua Passava o dia a beber no Coady's e só saía à hora de encerramento Ela ia até lá com ele embora Frank não lho pedisse e acompanhava-o taco a taco cerveja por cerveja sentia que ele estava a irritar as pessoas Sentia-se também observada e sabia que diziam entre eles que ela tinha culpa do que acontecera a Frank da sua queda Que ela era a origem da insolência que ela levava Frank Barnes por maus caminhos Uma dodivanas saída de um pardieiro qualquer da vila ao lado Arruinara-lhe a vida e agora emborcava cerveja no bar à pala dele

Mas se não bebesse com ele nem lhe poria a vista em cima e era melhor estar por perto pensava ela ali podia pelo menos tentar controlá-lo antes que ele perdesse completamente o tino

O problema no entanto era que ele aparecia no trabalho de ressaca e Maurice mandava-o para casa e ele voltava direitinho para o *pub* dando origem a um como é que se chama círculo vicioso onde quanto mais Maurice se enfurecia mais Frank o queria provocar o que o enfurecia ainda mais e por vezes ela achava que se iam mesmo matar um ao outro que um dia Frank agarraria Maurice pelas lapelas e o atiraria pela montra do *stand* Em vez disso o que Maurice fez foi falar com Patrick Coady e outros donos dos *pubs* da vila e dizer-lhes que Frank estava a passar por dificuldades e pedir-lhes que não lhe servissem álcool Isto por sua vez levou a que Frank começasse a frequentar *pubs* mais obscuros às vezes até noutras povoações aonde não permitia que Imelda o acompanhasse Estes surtos duravam por vezes dias inteiros que ela passava no casebre de Rose a assistir ao *Nationwide* sem saber o que era feito dele

Está ótimo diziam-lhe os irmãos porque às vezes era com eles que Frank convivia Só está a curtir um bocado Treinou no duro a época toda não merece uma pausa Ainda assim até eles tinham dificuldade em

acompanhá-lo nas bebedeiras Meu Deus diziam eles aquele gajo é um sorvedouro mama tudo

Quando estavam juntos ele fingia que nada o preocupava Ria-se de tudo e de nada Tudo para lhe mostrar a ela e a toda a gente que aquele jogo pouco lhe importara embora claramente não pensasse em mais nada E embora ela soubesse a verdade os outros acreditavam nele E não gostavam do que viam

Uma coisa era darem-lhe palmadinhas nas costas e dizerem-lhe que ele não tinha tido culpa até aí tudo bem Mas isso não significava que queriam que *ele* pensasse de facto assim Aquele *liúdramán*<sup>2</sup> tinha-lhes destruído os sonhos Queriam que lamentasse o sucedido que se sentisse mal Inconsolável Queriam arrependimento e expiação Mas ele pelo contrário continuava a festejar e a agir como se fosse o maior como se tivesse vencido sem a ajuda de ninguém não só o jogo como também o torneio

Nas semanas que se seguiram ao jogo Imelda viu-o tornar-se rapidamente uma outra pessoa aos olhos da população Passar de herói a bandalho Um sujeito quiçá inofensivo mas em que não podiam confiar de quem não se deviam aproximar demasiado não fosse ele contagiá-los com o seu comportamento caótico

Se tivessem pensado um pouco teriam percebido o que realmente se passava mas as pessoas pouco ou nada se esforçam para compreender os outros e ela começou a perguntar-se qual seria o fim de tudo aquilo

Depois dispensaram-no da equipa

O treinador que se chamava Peter Eglantine era um sujeito decente e dera-lhe muita margem de manobra Não o queria castigar pelo que tinha acontecido Mas à conta das bebedeiras Frank não só faltava aos treinos como também ia engordando e perdendo velocidade Para não falar do facto de dar com os colegas de equipa em doidos colegas esses que na

verdade o culpavam pelo que tinha acontecido Algo de que ele devia estar ciente Em que é que aquilo ia dar Talvez não acreditasse que fossem capazes de dispensar o melhor jogador da equipa Ou talvez quisesse provar a si mesmo que o apoiariam quando estava na mó de baixo E durante algum tempo até apoiaram Mas depois um dia afixaram a convocatória e ele não estava sequer na lista de suplentes

Foi um choque sem dúvida Apercebeu-se pela primeira vez que aquilo não era apenas uma disputa com Maurice mas sim a sua vida Durante dois ou três dias andou fulo com Peter Eglantine Chamou-lhe todos os nomes possíveis e imagináveis Dizia que convenceria o pai a retirar o patrocínio à equipa Depois seguiu-se o silêncio um silêncio profundo

Durante semanas mal saiu de casa Parou de beber Não ia ao *pub* Não bebia sequer uma lata de cerveja quando assistia a um jogo pela televisão Mas continuava impedido de ir ao *stand* O que fazia ele o dia inteiro? Ela via-o menos do que quando ele se entregava aos seus surtos alcoólicos Quando se encontravam via-o pálido e desconfortável dizia sempre que tinha de *arrumar as ideias na cabeça e perceber que passo dar em seguida*

Esta sua conversa inquietava-a Se ele estava a organizar a vida onde é que ela se encaixava Se ele estava a dizer para consigo que estava na altura de parar com as parvoíces e de fazer as coisas direito ela pertencia ao rumo que o levaria à sua nova vida ou deixá-la-ia na pilha de coisas erradas porque o acompanhara em muitas das noites de loucura e perdição

Para piorar as coisas o irmão dele sofrera um acidente Um carro atropelara-o em Dublin e estava então de volta a casa para se restabelecer Quando o viu ele estava todo negro e roxo e com um lanho na testa por causa da queda Frank disse-lhe que ele tinha medo de sair à

rua Estava sempre a chorar Agora quando lá ia a casa estava sempre imersa num silêncio sepulcral como numa igreja e todos falavam em sussurros Queriam evitar ao máximo as visitas porque ele não gostava de ter gente de fora em casa como lhe disse Frank E desde quando é que eu sou de fora não me conhece? disse ela

Um dia Frank disse-lhe que ele e Dolly estavam a pensar passar o Ano Novo em Londres

Estavam junto ao lago Os campos na outra margem brilhavam com a geada Estavam no A6 mas como Frank não rebaixara os assentos Imelda sabia que vinha dali coisa

Vão ver um jogo? perguntou ela

Olhou-a nos olhos com vergonha como se fosse um menino pequeno Não estavam a pensar numa estada mais longa Ela sentiu a cabeça a arder e toldada apesar do frio Ele disse-lhe que queriam lançar o negócio de uma vez por todas e que Londres era o sítio ideal para criar uma rede de contactos e procurar investidores

Ela tinha os olhos rasos de lágrimas mas não cedeu ao choro Pensava que querias voltar à equipa disse ela Como vais voltar se estiveres em Inglaterra?

Tenho de ser pragmático disse ele e quando ela se riu porque só ele poderia achar pragmática uma coisa como o tal *Fantasy Football* de Dolly ele disse Imelda não consigo continuar assim

A geada ardia nos campos o sol ardia na água os mesmos pássaros de sempre voavam em círculos no céu

Então e eu disse ela Tentou refrear-se mas não conseguiu

Não seria para sempre disse ele Um ano só isso

Um ano! repetiu ela

E eu volto cá a cada três ou quatro semana disse ele Não é longe

Ela abanou a cabeça Um ano disse ela de novo com tristeza

Ele suspirou e premiu alguns botões no leitor de CD embora não o tivesse ligado

Podia ir contigo disse ela

Suponho que podias sim disse ele enquanto premia os botões Ainda não planeámos nada mas quer dizer podias ir comigo se quisesses

Mas ela não podia ir ele sabia que o pai dela nunca o permitiria Não podia ir com ele a menos que estivessem casados ele sabia disso e ela sabia que ele sabia e a questão nem era essa A questão era que ele não queria que ela fosse com ele Fez-se um momento de silêncio Ainda me amas perguntou ela

Claro que sim disse ele Isto é por nós os dois

Ela não disse mais nada

Também não mencionou a conversa a ninguém A quem havia de a mencionar? Quem sabia o que o pai seria capaz de fazer se ficasse a saber do que se passava De resto já começava a inquiri-la porque Frank não lhe atendia as chamadas A Rose então? Sim podia ter contado a Rose Podia ter-lhe dito Rose ele vai deixar-me o que devo fazer! E Rose dar-lhe-ia um conselho sensato do género Deixa-o ir Se ele voltar vai ser para sempre

Mas isso era precisamente o que não queria ouvir Que o devia deixar ir Porque embora a amasse Frank era caótico Descuidado Poderia querer regressar mas nunca chegar a ganhar ímpeto para regressar de facto Poderia chegar atrasado ao barco Perder o bilhete algo desse género E como iria explicar tal coisa a Rose Que nunca tinha gostado dele que sempre desconfiara dele O namorado bonito e de uma boa família de Imelda que agora a queria abandonar

Não Decidiu ao invés resolver o problema por si própria

O problema no fundo era o pai dele concluiu ela O álcool a queda aquela ideia estúpida de ir para Londres Tudo aquilo decorria de Maurice não achar Frank bom o suficiente para tomar conta do negócio Mas se ela o convencesse a repensar o caso Ou simplesmente dizer a Frank que ainda não tomara uma decisão definitiva Frank não ficaria então contente por continuar a trabalhar no *stand*? Por continuar a seu lado?

E por isso uma noite em que sabia que Frank tinha saído pôs o seu melhor vestido e ligou a Lar para lhe pedir que lhe desse boleia até Goldenhill

Era dezembro e estava um frio de rachar Lar parou a carrinha diante da casa Tinha-o visto uma semana antes mas pareceu-lhe mais magro mais pequeno ou como se ela tivesse envelhecido mas ele não Estava à espera que ele lhe perguntasse porque é que Frank não a tinha ido buscar mas não lhe perguntou nada Não tinha muito a dizer-lhe Ela pensou de novo no plano que nunca tinham levado a cabo Nunca mais o haviam mencionado Talvez fosse por isso que ela lhe contou o que se passava O Frank anda com ideias de ir para Londres disse ela

Lar olhou-a sem grande interesse Como um taxista sem vontade de falar Contigo disse ele

Não disse ela Com o amigo dele Têm umas ideias para montar um negócio Um coisa com futebol Mas no computador Quanto mais pormenorizava o assunto mais maluca a ideia soava como se estivesse a inventar tudo aquilo no momento

Lar disse apenas Vai voltar

Não sei

Lar não respondeu Voltou a concentrar-se na estrada Imelda perguntou-se se ele estaria a pensar Podíamos ter sido nós Só que por ele mudaste tu de ideias E agora vê bem onde é que isso te levou

Não contes nada ao pai disse ela

Lar ligou o pisca Chegámos disse ele

O caminho do portão à casa nunca lhe parecera tão comprido tão escuro A coroa de Natal pendurada na porta estava cheia de bagas e pinhas cobertas de geada Esperou que Lar fizesse inversão de marcha e voltasse para trás E só então já nos degraus beliscou as bochechas puxou os seios para cima e tocou a campainha

Mas quem lhe abriu a porta foi Peggy Ele não está disse ela

Vim cá falar com o Maurice Peggy disse Imelda

Esperou diante da porta por um momento e depois outro e enquanto isso Peggy olhava-a de cima a baixo

Não era bonita Peggy nunca fora bonita Imelda sabia-o com base nas fotografias espalhadas pela casa Mas ela fazia de algum modo com que isso parecesse uma escolha pessoal Como se a beleza fosse uma coisa rasca só adequada a pessoas rascas que gostavam de se exhibir Olhou para Imelda que levava um vestido da *Topshop* e ocorreu a Imelda que ela provavelmente sabia ou conseguia adivinhar porque é que ela estava ali e que pelo menos ficaria contente por ver Frank separar-se dela As duas mulheres pareceram olhar-se frente a frente uma de cada lado da soleira da porta por uma eternidade O vestido de Imelda era fino e não a

protegia do frio e ela pensou para consigo que Lar se tinha ido embora e que se Peggy não a deixasse entrar teria de regressar a pé e percorrer a sós todo o caminho comprido e escuro até ao portão

Mas por fim Peggy disse Espera aí vou ver onde é que ele está e deixando a porta aberta para Imelda entrar desapareceu no interior quente e atafalhado da casa

Nunca tinha estado ali sem Frank Enquanto aguardava no *hall* deu por si a sentir-se observada como se os objetos a fitassem O relógio de pêndulo os quadros os tacos de golfe e isto assustou-a porque só se repara nas coisas na primeira e na última vez Depois Maurice apareceu com os seus óculos de leitura como ele lhes chamava na mão direita e uma camisola de gola alta

Será que podemos trocar uma palavrinha disse ela tal qual tinha ensaiado Em privado

Sim, é claro que sim disse ele e conduziu-a ao seu covil e deixou-se cair numa grande poltrona de couro como um jurado que a visse atuar no *Rose of Tralee*

Tinha planeado tudo o que lhe queria dizer Maurice diria ela sei que tu e o Frank nem sempre se deram bem Não foi sempre um bom filho à maneira do Dickie que é bom aluno e nunca te deixa mal Mas se lheres uma oportunidade tenho a certeza de que vai assentar Não há necessidade nenhuma de ele ir para Londres

Mas quer tivesse sido Peggy ou outra coisa qualquer que a tivesse perturbado a verdade é que se esqueceu de tudo o que tinha preparado quando começou a falar e desfez-se em lágrimas Oh Maurice choramingou Não sei o que fazer

E quem sabe se isso não lhe foi mais vantajoso do que um discurso? Talvez o soubesse bem lá fundo ou algo dentro dela o soubesse O certo é que despertou a atenção de Maurice que se levantou da poltrona de um

salto e a abraçou não de maneira esquisita mas de uma maneira que a reconfortou sentiu-se protegida abraçou-a como um pai abraça uma filha presumiu ela E afagou-lhe gentilmente as costas até a acalmar e ela parar de chorar

Depois afastou-a um pouco e olhou-a nos olhos Ora bem disse Mas afinal o que vem a ser isto?

Não teve coragem de lhe mencionar o *stand* naquele preciso momento Em vez disso falou-lhe apenas em Inglaterra De Dolly Do plano Tendo em conta a sua reação pareceu-lhe que ele não sabia de nada Maurice tão-só suspirou

O Frank disse ele foi sempre um rapaz obstinado teimoso Age como se nada tivesse importância Aparenta ser o mais despreocupado possível Mas por baixo disso tem uma vontade de ferro E ai de quem se atreva a contrariá-lo

Que sou normalmente eu disse ele Embora não aconteça por minha vontade parece ser esse o meu papel Ele gosta de me pintar como o ogre disse ele Mas ele lutou sempre contra ele próprio

Um pai não pode fazer tudo disse ele Chega um momento em que tem de deixar que o filho aprenda por si mesmo as suas lições

Enquanto falava desenhava círculos no ar com os óculos de leitura como se estivesse a dirigir uma orquestra e Imelda pestanejava de olhos postos nele e perguntava-se o que significava ao certo tudo aquilo

Nunca tinha estado no covil Estava ainda mais atafalhado de coisas do que o resto da casa Mal se podiam mexer ali dentro sem embater num *decanter* de vinho ou numa bola de rãguebi autografada O cheiro a couro e a madeira escura eram ali mais profundos e fortes do que no resto da casa como se se originasse ali e se houvesse espalhado pelas outras divisões E quando ele continuou a falar *O que estou sequer aqui a fazer* pensou ela *Que sítio é este* e recordou-se da velha história do

viajante que adormece na colina e acorda num salão fabuloso repleto de donzelas de cabelo dourado príncipes tesouros um festim mas na manhã seguinte tudo desaparece ele volta à colina apenas com as roupas que levava vestidas e quando volta a casa já decorreram cem anos e todas as pessoas que conhecia morreram

Seria esse o seu destino pensou ela A sua vida desmoronaria lá fora ao frio Frank muito longe dela do outro lado de um mar impossível

Como se ele nunca tivesse atravessado a pista de dança do Papparazzi's e só lhe houvesse sorrído e depois desaparecido no gelo seco cem anos atrás

Maurice pôs-lhe a mão no ombro Vou falar com ele disse Estava a despedir-se mas manteve a mão no ombro Imelda olhou-o Ficava bonita quando chorava o que não acontece com todas as pessoas bonitas Para ela isto tinha sido um consolo no passado como quando por exemplo o pai vendera o seu cavalo Passara semanas lavada em lágrimas mas via-se ao espelho e o seu belo rosto marcado pelo choro distraía-a da perda Como uma princesa num conto de fadas

Sim bela de cabelo dourado e com o rosto húmido das lágrimas Um troféu de que ele não queria privar-se na sua adorável colina Manteve-lhe a mão no ombro Permaneceu mudo e quedo banhado pelo brilho de Imelda

E depois Peggy surgiu à porta

Saiu de lá mais aliviada mas também inquieta como se tivesse feito algo errado

E mais tarde nas longas horas de solidão enquanto mulher casada na casa nova com Cass na sua barriga pensaria se teria sido então que tudo mudara Fora no fim de contas esse o momento? Não quando Frank

escorregara na erva molhada Não quando Maurice se recusara a ajudá-lo mas aquele momento em específico Tinha sido ela Se nunca se tivesse dirigido a Maurice com as suas lágrimas e o seu discurso Frank teria ido para Inglaterra e continuaria vivo

Foi assim que pensou no sofá novo na casa nova durante todas aquelas horas a sós

Mas isso foi mais tarde Neste momento como se por magia todos os seus problemas desapareceram Tudo melhorou quase de um dia para o outro

Poucos dias depois de falar com ele Maurice levou Frank de volta para o trabalho no *stand* Ela não sabia se isto acontecera por causa do que ela dissera ou só porque estavam atarefadíssimos com o Natal à porta e janeiro era também uma loucura com os clientes à pinha no *stand* ansiosos por comprar carros com as novidades do próximo ano Frank passou de dias inteiros sem nada que fazer e a remoer no barraco para de repente trabalhar dez ou doze horas seguidas seis dias por semana

E estava feliz A verdade é que Frank adorava vender carros Quase tanto quanto adorava jogar futebol Sabia como falar com as pessoas que entravam no *stand* Não as interpelava como Maurice com os seus truques e jogos psicológicos retirados de livros Frank conectava-se simplesmente com as pessoas Encontrava o que quer que tivessem de bom nelas Via-se a pessoa mais mesquinha e estúpida reavivar como uma planta velha e seca a quem dessem água Gostavam de Frank Gostavam de o deixar feliz Saíam de lá com os seus carros novos e grandes sorrisos

Foi a melhor época de sempre do *stand* Frank disse-lhe que com as suas comissões ganhara dinheiro suficiente para pagar o depósito de uma casa nova Quando o via encontrava-o animado e exausto ao mesmo

tempo mas o ar sombrio do outono desaparecera O irmão de Frank regressara finalmente a Dublin e quando ela voltou a Goldenhill ele e Maurice eram de novo os melhores amigos Frank estava a ganhar tanto dinheiro para a família que Maurice lhe perdoara todos os pecados

Em relação a Dolly e aos seus planos ela nunca lhe perguntou nada e Frank também não lhe fez mais nenhuma menção Era como se tivesse esquecido todo o assunto como se esquece uma doença assim que se a ultrapassa

Voltou também a treinar com a equipa Peter Eglantine tinha-lhe telefonado Pedira-lhe que voltasse Largou o álcool por completo até recuperar a antiga forma física o que não era fácil quando saíam Para ela porque não gostava de beber se ele também não bebesse Isso não o incomodava minimamente Ele continuava a ser a alma da relação Falava a cem à hora embora bebesse apenas água mineral Era assim que ele estava então Cheio de energia

Discutiam apenas por ele ter de ir a casa dela Tinha piada porque antes ele sempre a visitara com todo o prazer Agora queixava-se constantemente Alegava que tinha pouco tempo livre por causa do trabalho e dos treinos Fica muito fora de mão ir até lá Ela pensava que isto se devia a ele não estar a ingerir álcool Antigamente quando lá ia bebia sempre umas poucas latas de cerveja Agora ia lá a frio Devia parecer-lhe um manicómio Mas o pai convidava-a incessantemente Ela não podia inventar desculpas para todo o sempre

Porque eles já não o visitavam há muito tempo Frank levou-lhe um presente Um novo leitor de vídeo para que ele pudesse ver as suas antigas lutas O pai ficou encantado Quando o instalaram ele obrigou Frank a sentar-se ao seu lado como ela se sentava quando era pequena

As lutas abalaram-no Até então conhecia do pai de Imelda apenas a versão educada que ele se esforçava por lhe apresentar a ele e a Maurice

Teve então um vislumbre do verdadeiro pai de Imelda O homem que os filhos conheciam A esmurrar desconhecidos num parque de estacionamento A socar um sujeito estendido no chão até lhe partir o maxilar Empalideceu Não disse uma única palavra O pai de Imelda não reparou em nada Olha só para este tipo a tentar apanhar-me à traição disse ele e depois levantou-se de um salto bateu com as mãos e gritou Dá-lhe dá-lhe dá-lhe dá-lhe dá-lhe dá-lhe

Amanhã ainda lhe vai doer não vai? disse ele quando no ecrã da televisão se ergueu vitorioso acima de um corpo esfacelado estendido no asfalto

Mas era seguro? foi tudo o que Frank conseguiu dizer Não corria o risco de ter uma lesão cerebral?

Oh! Espera só até te mostrar o vídeo com o latino disse o pai que começou a vasculhar as cassetes

Frank seguiu em silêncio de volta a casa e quando entraram nos limites da vila disse O teu pai é uma personagem bizarra

E nem sabes de metade disse ela

Ele já não faz aquilo pois não? Já não luta

Só se alguém o provocar

Devia ter-se arrependido amargamente de lhe ter oferecido aquele leitor de vídeo porque a partir de então sempre que lá iam o pai punha uma cassette a rodar O que fazia com que Frank quisesse cada vez menos ir até lá Só que de tão perturbado passou a ser ele a não lhe querer dizer não

Bem isso fazia-a rir-se Imagine-se se alguma vez o seu pai poria um dedo em Frank ele que o adorava mais do que a ela praticamente

Era esse o único problema De resto era tudo perfeito Foram a Dublin para assistir a um espetáculo Alojaram-se num hotel e saíram para tomar uma cerveja com o irmão de Frank Começou a ir mais ao casebre de

Rose do que ia antes Começou a levar-lhe compras de supermercado embora ela nunca lhas pedisse e nunca lhe agradecesse por isso Mas passavam a maior parte do tempo livre que tinham juntos a caminhar nas colinas Ou em volta do lago fustigados pelo vento frio que de lá soprava Estavam felizes Ela estava feliz de um modo novo que desconhecia antes Não falavam do futuro Ela não pensava no dia em que se casariam Ela sabia que tudo isso se resolveria por si mesmo Não havia necessidade de o forçar E não se apercebera de que havia algo de errado até um dia ele lhe enviar uma mensagem a dizer que tinha de se ausentar da vila

Onde Porquê Por quanto tempo não disse Apenas que tinha de ir Só isso

O que a irritou profundamente porque era suposto irem a um aniversário de «vinte e um anos» no hotel Burke's naquela noite mas ela nem sequer pensou mais no assunto até receber uma segunda mensagem que dizia o seguinte

Aconteça o que acontecer quero que saibas que te vou amar sempre

Ela não foi à festa Ficou sentada à mesa com o telemóvel ao lado caso ele lhe ligasse embora não lhe tenha ligado De resto também não atendeu as chamadas de Imelda nem lhe respondeu às mensagens

Ela sentia-se nauseada *Aconteça o que acontecer quero que saibas que te vou amar sempre* O que queria aquilo dizer Aonde é que ele tinha ido O que poderia acontecer para eventualmente a levar a pensar que não a amava?

Deixou-se ficar deitada na cama a olhar para o teto com a sensação terrível de que nunca mais o veria Por isso estava acordada quando ouviu o som de um motor lá fora e um carro travar tão abruptamente no pátio que fez alguma gravilha saltar e atingir-lhe a janela E ele desceu de um *Roadster* com o qual passara por cima de alguns jacintos azuis com a pressa

Ela correu até à porta à qual ele já batia com toda a força Com urgência como se fosse partir para o mar dentro em breve e aquela fosse a sua última despedida

E ela abriu a porta aterrorizada

Bem disse ele

Bem digo eu disse ela Ele parecia ter estado a beber Tinha a barba por fazer estava desarranjado e tinha um olhar tresloucado mas o seu hálito não cheirava a nada Onde estiveste metido? perguntou ela Onde foste? A tua mensagem Pensei Não sabia disse ela e perdeu o fio à meada Oh pois desculpa lá isso disse ele e contou-lhe então que tivera de ir ter com o irmão a Dublin

Para quê disse ela acreditando tratar-se de algo relacionado com o *stand* Tive de lhe perguntar se ele queria ser o meu padrinho disse ele

Ela olhou-o estupidamente Não estava a percebê-lo Embora tivesse imaginado aquele momento Mas então ele agarrou-lhe os pulsos unidos com uma só mão como quem agarra um ramo de flores Ouve disse ele Tive uma ideia estapafúrdia disse ele E que tal ficarmos noivos

Sim nas longas horas mais tarde ela também pensaria em como ele sugerira ficarem noivos e não propriamente em casarem-se mas naquele momento não pensou em nada disso Naquele momento sentiu apenas alegria Rose! gritou ela Rose ouviste? e Rose saiu do seu quarto em camisa de noite e a pestanejar e ela agarrou o pulso de Frank tal como ele agarrara os dela Tinha lágrimas nos olhos Rose chorou foi a única altura em que Imelda a viu chorar Que Deus e todos os seus santos e anjos te protejam e guardem disse ela e mais tarde nessa noite deu-lhe algo uma Medalha Milagrosa para ele usar ao pescoço Foi a prenda de noivado que ela lhe ofereceu

Os tempos que se seguiram foram de completa loucura Foi o fim da interdição ao álcool que deu lugar a uma semana de bebedeira intensa porque o pai e os irmãos de Imelda o arrastaram sabia Deus para onde a fim de celebrar o noivado Depois seguiu-se uma pequena reunião em Goldenhill em que beberam um champanhe que Maurice disse ser considerado um dos melhores e Peggy lhe sorriu em silêncio como se para dizer Bem minha querida Xeque-mate Depois celebraram ainda no Coady's onde Frank pagou rodadas a toda a gente

Estava em grande forma na sua melhor forma desde antes do jogo fatídico E todos estavam contentes por ele Pelos dois O treinador Peter Eglantine também estava lá Os seus colegas de equipa The Bollox O'Neill Dec «The Bun» Dunne Pints é claro Mickey «Swamp Thing» Sullivan As raparigas abraçaram-na e beijaram-na e pareceram ser sinceras Agora ela era uma delas por fim embora não houvesse dúvidas de que elas tinham pena porque olhem só para ele para os seus braços para o seu sorriso para o seu bonito rosto

E divertiram-se imenso O *pub* inteiro ficou em pulgas com as suas piadas as suas canções

E ela também Ela mais apaixonada por ele do que alguma vez estivera porque ele nunca antes fora tão ele próprio Mostrava-se mais à vontade do que nunca Tão radiante que parecia prestes a queimar o mundo

Quando as festas terminaram a festa só entre eles pareceu então começar Estavam apaixonados Já o podiam dizer um ao outro Era incrível o quanto se amavam Os dias eram como que cascatas torrenciais a que se sucediam outros da mesma intensidade Todas as cores eram ultrabrilhantes Cada vez mais intenso Cada vez mais rápido Sempre na crista de uma onda

Ele tinha um *Roadster* azul-escuro importado que levava do *stand*  
Percorriam nele a N7 e ele virava-se para ela inclinava-se e beijava-a  
Tem cuidado gritava ela e ria-se mas beijava-o à mesma Seu imbecil  
maluco do caralho

Ou iam até ao lago ao crepúsculo e ele reclinava os assentos e  
enfiava-lhe a cabeça por entre as coxas A tua barba faz-me cócegas!  
guinchava ela Não há espaço! Ele não lhe prestava atenção e pouco  
depois ela ficava com as pernas abertas até quase lhe chegarem à cabeça  
enquanto o puxava pelas orelhas cada vez mais para junto dela torcendo-  
lhas como se o pudesse prender ali para todo o sempre Os pássaros  
levantavam voo das árvores quando ela gritava Uma vez quase abriu um  
buraco no tejadilho com um pontapé

Imagina só a nossa noite de núpcias

Vais mesmo fazer-me esperar até lá dizia ele e sorria Não me deixas  
agora

Não te quero *deixar* quero que ambos o *queiramos* e depois o  
 *façamos*

Isto embora estas simples palavras a deixassem sem fôlego a  
levassem a querê-lo dentro dela Ela pensava que iria enlouquecer E  
depois o carro Era um pecado fazer algo daquele género na estrada  
Imaginava o dia do casamento Irem de carro da igreja ao local da boda  
Para aqui não consigo esperar mais Reclina os assentos Faz-me no carro  
Viajar dentro do carro como a ser fodida ou era assim que se sentia  
acerca de tudo naquela altura então tudo era um tumulto vertiginoso de  
sentimentos

No entanto não lhe parecia já naquela altura que ele se estava a  
desvanecer

Apesar de tudo do ruído do sexo da bebida das festas De todo o  
brilho

Apesar de visitarem a igreja planearem a lua de mel darem uma vista de olhos a uma casinha na vila tão felizes

Não parecia que tinham a televisão sem som

E que por mais que tentassem não conseguiam aumentar o volume

Ela dizia para consigo que era apenas um efeito do álcool Do álcool e da coca Vamos fazer uma desintoxicação depois do casamento

Ou seria talvez ela que não conseguia acreditar no que se passava Que se iria casar com ele que tudo resultaria na perfeição

Era como um sonho ou mais como o oposto de um sonho no qual as coisas correspondem à realidade mas não se consegue acreditar nelas

Foi por isso que ela perguntou a Rose se iria correr bem não foi embora dissesse que era só pela piada

Estavam no casebre Frank aparecia por lá com mais frequência desde que estavam noivos Ele e Rose davam-se então melhor Ela confiava nele ou pelo menos ele achava que ela confiava nele Foi num dia frio e límpido de primavera Tinham acabado de chegar de algum sítio ou estavam prestes a sair para ir a algum sítio sentados à mesa a rirem-se diante das suas chávenas de chá Naquela altura tudo era hilariante Enquanto Rose descascava batatas no lava-loiça E foi então que ela lhe perguntou

Estás a brincar disse Rose pensando no que acontecera da última vez

Mas da última vez não fizeste nada! disse Imelda Anda lá Rose Só para nós

Uma rapidinha disse Frank Pela piada Se não o fizer ela não vai deixar de lhe dar na cabeça

Rose suspirou Imelda percebeu que ela não o queria fazer Sabia que não lho devia ter pedido Mas Rose estava a irritá-la Fizera tudo por tudo para a animar em relação ao casamento O que vais levar vestido Rose? perguntava-lhe Um dia destes vamos ter de ir ver uns vestidos à vila Mas

Rose limitava-se a resmungar qualquer coisa e a virar-lhe costas Tal qual fez naquele momento e Imelda sentiu-se enfurecer Queria ouvi-la falar sobre aquilo Queria ouvi-la dizer as palavras *Noiva Igreja Aliança Casamento* Queria saber que Rose acreditava naquilo para que também ela acreditasse A sério disse ela Lês a sina a toda a gente mas a nós não?

Pode só dizer-nos como vai estar o tempo disse Frank

Sim disse Imelda Diz-nos só se vai estar sol Rose Diz-nos se vamos ter sol no nosso dia de casamento Não te pergunto mais nada prometo

E Rose gemeu e sentou-se e atirou algumas folhas de chá para uma tigela e depois observou-as de olhos semicerrados

Frank piscou o olho a Imelda ele estava extasiado e ela também

Lá fora no pátio levantou-se uma rajada de vento Ela ouviu o balde de latão virar-se

Não consigo ver queixou-se Rose Espera vou acender a luz disse Imelda

Não é por causa da luz disse Rose Baixou ainda mais a cabeça e semicerrou os olhos Imelda nunca a vira fazer tanto teatro

Vejo nevoeiro disse ela

No verão? disse Imelda

Rose fez um gesto com a mão livre Ela via o que via e era o que dizia e mais nada Depois suspirou e abanou outra vez a tigela e grunhiu

Vejo um fardo de palha disse ela

Um fardo de palha? disse Imelda

Vejo um fardo de palha num campo disse ela e depois Está a arder

Desde que não esteja a arder no hotel Burke's

Para com isso disse-lhe Imelda ficando frustrada Ouvira-a a ler sinas muitas vezes e nunca fora assim em que tinham de lhe arrancar as palavras a saca-rolhas E o casamento Rose disse ela Vês aí alguma coisa sobre o casamento?

Rose pegou na tigela com as duas mãos e curvou-se sobre ela em silêncio e depois todos eles ficaram em silêncio

O relógio tiquetaqueou na parede As galinhas cacarejaram no pátio A vela elétrica brilhava sob a imagem de Jesus Cristo Tudo estava como era habitual

Então de repente algo estava na cozinha juntamente com eles

Sobre a mesa ou atrás dela Um algo que ela não conseguiria nomear ou que nem sequer era uma coisa que se pudesse ver ou tocar mas ela conseguia senti-lo E à volta deles o vento soprava embora nada se mexesse e nada houvesse que ouvir Apenas as galinhas e os corvos lá fora as batatas a borbulharem ao lume

Vejo o sol disse Rose

Vai estar sol então disse Frank e pela sua voz Imelda percebeu que ele também sentia algo ali presente Pronto é isso Era só o que queríamos saber

Mas havia mais E que mais Rose disse ela O que vês

E Rose fechou-se de novo em silêncio

Vejo um fantasma disse ela Vejo um fantasma no casamento

O vento invisível e inaudível soprou à volta deles O algo que não era uma coisa caiu sobre eles gritou-lhes na cara e fez-se silêncio silêncio silêncio

Depois Frank soltou uma grande gargalhada e disse E vai querer jantar

Imelda não se riu Estava furiosa Deu um murro na mesa com a mão aberta e levantou-se e disse a Rose És uma velhota má e invejosa

Rose olhou-a assolapada e perdida como se tivesse acabado de acordar

Calma tem calma disse Frank

É o que ela é disse Imelda

Deixa-a em paz disse Frank Não tem importância

Ela pegou no casaco e foi para o carro e sentou-se lá com o sangue a ferver até Frank ir ter com ela Porque é que ela foi fazer aquilo disse ela

Ela diz apenas o que vê não é assim que funciona disse Frank Não parecia estar muito incomodado com a situação

Nunca a ouvi dizer nada do género disse Imelda Anda de trombas desde que lhe disse que estamos noivos e agora sai-se com esta Fantasmas mas é o caralho

Bem pensa só um bocadinho disse ele Imagina o que isto significa para ela De certeza que está contente por ti e isso tudo Mas vais-te embora Vai ficar sem ti

Ela não quer saber disso para nada disse Imelda Não é uma pessoa como é que se diz sentimental

Ele encolheu os ombros Às vezes as pessoas surpreendem-nos disse ele Está a ficar velha Vive sozinha Quem mais tem que cuide dela

Era verdade porque ela não tinha filhos e nunca tivera marido apesar de todos os seus feitiços e mandingas ninguém a queria Bem que se pode ir habituando à ideia disse Imelda Que se sente à lareira sozinha porque eu cá não volto e por aí adiante até Frank lhe tapar literalmente a boca com uma mão Porque estás tão zangada? Tu própria disseste que foi só pela piada

Ele riu-se e tudo o que acontecera à mesa A coisa que aparecera O fantasma no casamento tudo isso começou a desvanecer

Ela só tinha de dizer que vai estar sol disse ela Foi só o que lhe pedi

Vocês as duas são doidas varridas disse Frank que ligou o carro e depois foram a Dublin onde Frank comprou um par de botas à *cowboy* e ela um cinto que custava 200 € só porque sim e um chapéu para Rose a fim de se reconciliarem

E ficou outra vez tudo bem até três semanas depois começar a acordar na cama com um terror no seu íntimo como se não conseguisse acreditar Não era apenas o terror habitual que acompanhava a coca era como uma coisa que se tivesse apoderado dela ou estivesse presa no seu interior como um esqueleto paralisante como o esqueleto de outra pessoa dentro dela e essa coisa estava a debater-se e a enlouquecer numa tentativa de se lhe escapar do corpo ao passo que ela mal se conseguia mexer Em pânico pegou no telemóvel e ligou-lhe não fosse ele estar acordado e como ele não atendeu a chamada ela saiu de casa foi para o pátio descalça para o tentar ver

E lá estava o nevoeiro

Ergueu-se como uma muralha em seu redor e adensou-se enquanto o céu empalidecia Agarrando-se-lhe em espirais frias Enrolando-se em volta dela como um vestido Um vestido de noiva que se esticava em todas as direções para cobrir o mundo inteiro

E ela descalça fitou-o

E Rose saiu do casebre e postou-se ao seu lado no caminho

E ambas aguardaram quedas e mudas enquanto o nevoeiro cinzento engolia tudo à sua volta

E então o telemóvel começou a tocar dentro do casebre

Por vezes os fardos de palha incendeiam-se por si mesmos Se o feno for cortado quando está demasiado húmido ou verde Tem que ver com a fermentação Pode acontecer meses depois da ceifa Foi algo que ela aprendeu Algo que alguém lhe terá dito naquela sequência horrível de dias

Quando viu as chamas o agricultor pensou de início que era um fardo de palha a arder Foi por isso que não saiu para ver o que era

disseram-lhe Foi por isso que não chamou uma ambulância Pensou que era um fardo de palha que entrara em autocombustão e que a chuva apagaria as chamas

De qualquer maneira seria tarde de mais para o salvar disseram-lhe  
A morte teria sido instantânea

Não terá sofrido disseram-lhe Que isso lhe sirva de consolo

Provavelmente gelo negro disseram aquele sítio era dos diabos para se formar gelo ali

Disseram-lhe coisas e mais coisas para preencheram as horas infundáveis e impossíveis de preencher

Deixa-me dizer-te uma coisa

Ele adorava passar-lhe as mãos pelo cabelo

Tinha-o encaracolado quando ainda usava extensões

Rapunzel Rapunzel solta o teu cabelo dizia ele

E ela soltava-o e o cabelo caía sobre ele e em volta do seu rosto criando uma pequena gruta com a cara dela o teto a cara dele o chão ela o céu e ele a terra abaixo dela

A cabeça dele sobre um camisolão enrolado no assento traseiro na margem do lago e ela olhava-o nos olhos e ele olhava-a nos dela e ele sussurrava

Olá

Olá dizia ele

E ela retribuía-lhe o olá num murmúrio

Como se tivessem acabado de se encontrar o céu e a terra

Como se um desconhecido se aproximasse de nós e dissesse olá e olhando-se-lhe nos olhos se visse que era o nosso verdadeiro amor para todo o sempre era assim tão simples

Olá sussurrava-lhe em resposta

Olá

E ela pensava que arderia até não ser mais do que cinzas por o amar tanto

Mas foi ele que ardeu que morreu carbonizado no carro num campo à chuva

E agora ele jazia debaixo dos olhos fechados dela e não sussurrava uma única palavra no caixão na sala de estar com o fato com que teria casado com ela

Enquanto se reuniam em volta dele todos sabiam que todos os outros pensavam Deve ser o fato pensavam eles

Embora ela não tenha usado o seu vestido de noiva Deixou-o pendurado no roupeiro era feito de nevoeiro Sentou-se na cama de olhos postos na porta aberta do roupeiro à espera

Do quê?

Que os seus braços se levantassem que ele se libertasse da sua cruzeta Que dançasse pelo quartinho nos seus braços invisíveis E depois que ela acordasse e se visse uma vez mais na vida dele com ela a caminho do casamento tão felizes

Mas o vestido não se mexeu ele também não ela também não

Houve apenas um vestido vazio as horas infindáveis o seu rosto choroso de diabo no espelho até um carro a ir buscar

Ainda estava a usar o mesmo pijama e o casaco de Rose por cima Na casa alguém a arrastou para um canto e deu-lhe um vestido preto para usar Deve ter sido Peggy quem mais havia de ter sido

O velório na casa da família entre os candelabros de ouro os rapazes da equipa todos os vinte alinhados Peter Eglantine Patrick J Coady os professores o diretor da escola Phil o mecânico-chefe Todas as velhas mexeriqueiras num raio de várias milhas a rezarem o terço apinhadas em

grupinhos O pai de Imelda a bater no peito e a chorar como um perdido pelo seu filho O meu filho chamava-lhe ele e ela desnorteada naquele manicómio cheio de estranhos que a abordavam sem saberem quem era só que era a namorada da vila ao lado para lhe dizerem coisas gelo invisível fardos de palha não sofreu Os cangalheiros fizeram um trabalho fantástico não fizeram disse-lhe uma mulher Quase não se adivinhava o que tinha acontecido disse ela enquanto lhe servia uísque Copo atrás de copo até ter de vomitar de cambalear até lá fora caindo na escuridão e depois levantando-se e caindo repetidamente nos cravos de Peggy sem conseguir nem querer pôr-se de pé de gatas apoiada nas mãos e nos joelhos a uivar como um cão com vontade de morrer quando alguém foi ter com ela e a enlaçou com um braço e lhe puxou o cabelo de Rapunzel para trás e a ajudou a levantar-se foi Dickie

Dickie o irmão a pestanejar com o seu rosto arredondado e que era em simultâneo tão estúpido e tão inteligente

Parecia uma lua rebentada um nada branco e pastoso

Lamento muito disse ele Lamento muito

Ela virou-se para ele e chorou e chorou

Foi o único que não lhe disse nada que só a abraçou

Ela nunca se esqueceu disso

Ela chorou por sabe-se lá quanto tempo ela afastou-se deixou-lhe uma mancha de vômito na lapela sujou aquele pobre homem que perdera o irmão

Está tudo bem disse ele sorriu

Ela recuou um passo olhou-o nos olhos viu neles fragmentos de Frank

Pernoitou na casa naquela noite não de modo planeado só nunca chegou a sair Dormiu na cama de Frank com as fotografias dos dois a observá-la Dormiu sem despir o vestido preto que também estava

manchado de vômito e de manhã Peggy tentou limpá-lo Depois o carro foi buscá-los O motorista usava um chapéu Viajaram em silêncio Ela queria que continuassem dentro do carro em andamento que nunca saíssem

Na igreja os mirones embasbacados com expressões de tristeza cuidadosamente preparadas todos reunidos no parque de estacionamento

O caixão então fechado esperava no altar entre os bancos polidos

Ela pensou que as pernas lhe iam fraquejar e que iria cair Rose apertou-lhe a mão

Tinham pousado a sua camisola de futebol e os seus binóculos no caixão Mais tarde Dickie disse-lhe que em mais novo o irmão era doido pela natureza Estava sempre a caminhar pela floresta e ia às montanhas e voltava a casa e dizia Vi uma marta Vi um falcão

Bem que podiam ter também posto o coração de Imelda sobre o caixão e enterrá-lo juntamente com Frank

O coração dela e o cabelo dela por que ele adorava passar as mãos os olhos dela para os quais olhava a boca dela que ele beijava os ouvidos dela cheios das palavras dele os pulmões dela que o respiravam a sua vagina onde ela nunca o deixou entrar as suas vísceras também porque não Enterrar tudo queimar tudo quem queria saber o que eram aquelas coisas sem ele

O padre deu a missa as pessoas fungaram e assoaram-se A cabeça latejava-lhe o sol embatia nos santos dos vitrais Maurice levantou-se e fez um discurso Na fila atrás dela o seu pai estremeceu e choramingou e disse Frank! Porquê? Um músculo contraiu-se no rosto de Peggy

Quatro rapazes da equipa ajudaram a transportar o caixão Pints Bunner The Bollox John «The Gent» Gurry pálidos ressecados com os fatos mal-amanhados como sujeitos que fossem presentes a tribunal depois de andarem à bulha diante do restaurante de *takeaway* As

peessoas amontoaram-se no parque de estacionamento da igreja Fizeram fila para dar um aperto de mão à família e a ela também os desconhecidos com as suas expressões educadas e cuidadosas e as suas condolências *A stóirín*<sup>3</sup> diziam eles Minha adorável menina disse o presidente da Câmara Oh fofa disseram as raparigas todas em fila com o rímel a escorrer-lhes pela cara para a abraçar Entre eles diziam Coitadinha agora não tem nada Nada

Para onde vais? perguntou-lhe uma mulher O que vais fazer? Mas não teve resposta Tinham-se passado cem anos Ela tinha acordado num campo à alvorada Ir fazer Tudo isso acabara

Em casa Imelda ajudou a distribuir sanduíches e quando as pessoas saíram finalmente ela foi de novo ao quarto de Frank Dickie bateu à porta quando ela estava a recolher os seus pertences

Dormiam ambos naquele quarto quando eram muito pequenos disse-lhe ele Tínhamos um beliche disse ele Foi assim que ele colou as estrelas lá em cima E apontou para o teto

Dickie estava agora diferente do que costumava ser Mais meigo mais gentil Não se escondia no seu quarto Ela pensou que ele talvez tivesse mudado de comportamento na universidade

Só queria pegar numas coisinhas que deixei por aqui disse-lhe ela não fosse ele achar que ela andava a meter o nariz onde não devia

Não te vais embora pois não? perguntou ele

Acho que é capaz de ser melhor disse ela É tarde e nesse mesmo momento ele disse É tarde

Ele sorriu-lhe com gentileza O dia sulcara-lhe o rosto que estava agora enrugado como uma das poltronas de couro de Maurice Mais valia passares cá a noite disse ele

Devia deixar-vos em paz À família

Fazes parte da família disse Dickie

Mas os teus pais disse ela De certeza que querem que os deixem em paz e a sós

Para ser sincero acho que nem vão reparar se ficares ou não disse ele

Por isso ela pernoitou na casa naquela noite e continuou lá no dia seguinte e no dia a seguir a esse Dickie tinha razão ninguém reparou Às vezes ela encontrava Maurice imóvel no *hall* como um fantasma e como se fosse parte de um jogo ele voltava à vida instantaneamente Começava a contar-lhe uma qualquer história sobre Frank Histórias sem nenhum propósito definido eram apenas uma oportunidade de proferir o seu nome Uma vez Frank estava a ter problemas com um computador no trabalho Frank nunca tinha sido muito bom com tecnologia como era bem sabido por isso foi ter com Gareth Flynn à vila e Gareth disse Frank o que tens aqui Frank é um vírus

E quando caminhava pelo jardim encontrava Peggy com as luvas verdes e as joelheiras mas também ela imóvel simplesmente a olhar para os canteiros de flores Tinha a pele do rosto retesada A luz parecia já atravessá-la de um lado ao outro

Não dormiam Não comiam Todas as refeições que os vizinhos lhes levavam estavam a estragar-se no frigorífico Parecia-lhe que tinha atravessado um espelho onde a festa caótica de noivado continuava a ser celebrada mas de modo revertido Debaixo de água Os dias encadeavam insones uns nos outros Dias vazios num silêncio ensurdecido Ela própria também não notava a passagem do tempo Não reparava nos dias a desaparecer e o mundo com eles tão silenciosos tão calmos que não parecia ser loucura

Dickie também não se tinha ido embora Ele estava sempre a dizer que ia voltar para a universidade e ela pensava que seria então que ela também se iria embora mas ele não voltou para a universidade e ela portanto também não se foi embora

Foi ele quem manteve algum contacto e controlo sobre o mundo Quando as pessoas os visitavam para lhes mostrar a sua preocupação era ele quem falava com elas Saía para dar um casaco e um cachecol a Peggy Fazia ovos mexidos e dava-os à colherada a Maurice Às vezes quando ela estava deitada na cama ele batia à porta entrava no quarto e sentava-se ao seu lado

Quase não falavam não precisavam de falar Ela sentia a perda ecoar através dele O buraco na sua alma a responder ao dela Ele deve ter pressentido o que estava para vir Embora Peggy ainda estivesse de boa saúde Embora Maurice ainda gerisse o *stand* Deve ter percebido que nunca mais regressaria a Dublin e à vida que lá levava

Por vezes iam dar um passeio e ele contava-lhe histórias de quando ele e Frank eram crianças Quando corriam naquela floresta com toalhas de banho presas sobre os ombros com alfinetes de ama de maneira a fingirem que eram Jedis

Ou coisas que ele sabia coisas que tinha aprendido Como as árvores comunicavam por baixo de terra através da utilização de químicos embora não soubesse o que elas diziam Como cem anos antes a floresta era muito maior Parte de uma grande propriedade onde o lorde costumava ir caçar Até em mil novecentos e qualquer coisa os arrendatários queimaram o casarão onde ele vivia Os cavalos morreram nos estábulos

O puro-sangue disse ela sem pensar

O que disseste? perguntou ele Ela limitou-se a sorrir Desculpa disse ele não te queria perturbar

Ela não ficou perturbada Tudo no mundo lhe chegava como se a uma distância de mil milhas Ele podia ter dito que era Jack o Estripador e ela teria aquiescido

Às vezes à noite ela ficava excitadíssima Perdia a cabeça e deambulava pela casa a fantasiar que encontraria Maurice na cozinha também ele sem conseguir dormir e ela levantaria a camisa de noite e sem dizer uma palavra ele virá-la-ia de costas torcer-lhe-ia os braços e fodê-la-ia por trás em silêncio contra a ilha da cozinha esmagando-lhe as mamas contra o quartzo frio do tampo da bancada Ela tinha a ideia disparatada de que ele a poderia engravidar e de que ela poderia ter outro Frank Fazer um só seu

Ou vasculhava os armários em busca de fósforos para deitar fogo à casa

Sonhava amiúde que a cama era o carro Que deslizava pela relva do campo e que ela e Frank reboavam pelo espaço e que depois ele jazia num caixão mas que ela estava do lado de fora e não conseguia voltar a entrar Ele não a deixava entrar embora ela estivesse a arder embora ela gritasse sem parar

Depois Dickie aparecia à porta

Fiz outra vez aquilo dizia ela

Não faz mal dizia ele de qualquer maneira não estava a dormir

Podes ficar aí mais um bocadinho

É claro

E ele sentava-se aos pés da cama no escuro até lhe parecer que ela tinha adormecido

Ele estava tão triste Sentia-se a sua tristeza quando perto dele Irradiava como se fosse calor Conseguia-se senti-la se se soubesse o que era

Todos os dias era a mesma coisa Nunca iam a lado nenhum Podia ter passado uma semana Podia ter passado um mês ou mesmo mais Parecia que o mundo tinha desaparecido por isso quando um dia Lar apareceu lá

na carrinha e lhe pediu que voltasse com ele foi com honestidade que ela perguntou Voltar para onde

Ele disse-lhe que o pai a queria ver Estava em mau estado disse Lar Vens comigo para falar com ele pelo menos

E assim ela voltou com ele à casa paterna porque de qualquer maneira precisava de algumas coisas que tinha no quarto e era verdade o pai tinha até a cara roxa Uma barba suja cobria-lhe o queixo Não mudava de roupa há sabia-se lá quanto tempo e tresandava Era o cheiro da sua infância de toda a sua vida de merda

Ele estava sentado no sofá a ver um programa de culinária Como fazer *roux* Não se mexeu nem falou quando ela entrou mas depois ela foi ao quarto buscar o que queria levar e ele apareceu à porta e via-se-lhe a barriga por baixo da camisa

Está na altura de voltares para casa disse ele

Ela estava de costas para ele a vasculhar uma gaveta A tirar cuecas meias e por aí fora embora tudo ali parecesse pertencer a outra rapariga de uma outra época

Está na altura de saíres de lá e voltares para casa insistiu ele O teu lugar é aqui não lá

Ela não respondeu Estava à procura de um *top* em particular

Tens deveres disse ele

O modo como o disse O tom de aviso obscuro que quando eram crianças os fazia largar a correr porque significava que ele tinha perdido uma aposta ou um trabalho ou que uma das muitas outras partes da sua vida de que não sabiam nada tinha corrido mal e agora estava a tentar travar uma luta com um deles Uma luta que eles perderiam

Também tenho deveres lá disse ela serenamente

Não tens nada disse ele Já não tens nada que fazer lá Tiveste a tua oportunidade Agora não vale a pena ficares à porta da cozinha à espera

de restos

Valia sim A culpa a raiva O puro-sangue tinha caído por terra  
Perdera a corrida O milionário dele tinha desaparecido

Ela encontrou o *top* Tirou-o da gaveta e sacudiu-o

Agora é só uma questão de tempo até te expulsarem de lá para fora  
disse ele

Era o *top* que ela tinha usado no Pap's na noite em que conhecera  
Frank Nunca mais o tinha usado nem lavado desde então Quando o  
levou ao nariz e sentiu o cheiro a Quê Gelo seco *Jägerbombs*  
Bronzeador Trezentos rapazes a usarem *Lynx* É o cheiro de se apaixonar

Meu Deus disse o pai Ele perdeu a voz Ela virou-se surpreendida  
para o olhar Tinha o punho cerrado Com ele batia gentilmente no alto da  
moldura da porta Tinha lágrimas nos olhos Deixaste-o ir-se Como foste  
capaz

Deixei-o ir-se disse ela como se não se conseguisse lembrar Talvez  
tivesse deixado

O pai tinha agora as bochechas húmidas e a cara franzida como a de  
uma criancinha

A tua mãe disse sempre que não tinhas amor em ti disse ele Só a  
imitação do amor que atrairia um corpo Defendi-te Fui muito parvo  
porque quando ela morreu soube que era verdade Que filha dedicada  
abandonaria a família de luto para ir morar com uma bruxa

E de certeza que mostraste a mesma frieza ao desgraçado do Frank

Deus lhe conserve a alma Pensava que seria capaz de te mudar Mas  
tu afastaste-o

Eu amava-o disse ela e depois numa voz suplicante Pai!

Mas o pai tinha tapado a cara com as mãos e a sua barriga  
estremecia com o choro

Afastou-o Sim naquela noite ela tinha sonhado que era ela quem estava no carro ao volante incólume enquanto ele ardia a toda a sua volta

Ela também acordou a arder O seu corpo gritava por ele um corpo que o tinha recusado quando ele era vivo E ela também ardeu para o destruir para o arruinar para o punir pelo seu querer e não querer Para o esmagar em pó para ficar por fim vazia e ser um nada e livre

Era insuportável Ainda estar ali Ainda estar viva

A porta abriu-se A cama baixou um pouco quando Dickie se sentou Ela afastou os lençóis Ele meteu-se na cama ao lado dela Falou-lhe enquanto ela estava de costas voltadas

O Frank costumava fazer isto Dormir ao meu lado quero eu dizer Depois de cada um de nós ter o seu próprio quarto Quando tinha um pesadelo ou medo ia para o meu quarto

Não consigo imaginar o Frank a ter medo de alguma coisa disse ela

Ainda éramos muito novos disse Dickie Achava que tinha um monstro no armário

E o monstro não ia atrás dele se estivesse contigo?

Presumo que não faça muito sentido disse ele Riu-se Mas eu era o irmão mais velho no fim de contas

Por vezes esquecia-se disso Dickie sempre lhe parecera mais novo mas agora conseguia ver a verdade Agora que era o único irmão que sobrava

A massa cinzenta-verde de estrelas brilhava através da escuridão

Alguma vez falava contigo sobre mim

É claro que sim

O que é que ele dizia

Estás a usar *Lynx*?

É só por causa deste *top* velho O que é que ele dizia sobre mim

Dizia que eras linda Que te amava

Alguma vez disse que eu era fria com ele Alguma vez pensou que não o amava

Ele sobressaltou-se como se a questão o apanhasse de surpresa e depois manteve-se em silêncio e ela imaginou-o a olhar para a escuridão e a pensar Depois ele virou-se na cama e embora não o conseguisse ver sabia que ele estava a olhar-lhe para os olhos ou para o sítio onde eles deveriam estar

Ele amava-te Imelda Foste a única mulher que alguma vez amou

Era feliz contigo disse ele Seria feliz se passasse o resto da vida contigo

Virou a cabeça para olhar de novo o teto e depois perguntou Estás bem?

Era felicidade Era tristeza Nem sequer sabia ao certo Conseguiu apenas responder-lhe num arquejo Abraça-me Ele pôs-lhe os braços em volta e ela não teve de pensar que género de sentimento era Estremeceu na escuridão e o frémito propagou-se para o corpo dele e a tristeza saiu dele e passou para ela

As lágrimas dela as lágrimas dele

A boca dela a boca dele

Na manhã seguinte sentiu-se tão horrorizada que nem sequer conseguiu olhar para si própria quanto mais para ele Mas voltaram a fazê-lo mais tarde nesse dia

Então por algum tempo não o conseguiram evitar Passavam o dia deitados no quarto de Frank na cama dele É engraçado quando ele era vivo ela mal entrava lá e agora estavam ali com Maurice fechado no seu covil a dez jardas de distância ou Peggy no jardim

De manhã ela mal conseguia levantar a cabeça Dickie acompanhava o pai ao *stand* e ela passava o dia todo deitada Ou dava por ela na cozinha sem saber como fora lá ter Ou no jardim descalça na erva

Tens de te ir embora daqui disse Peggy Isto não te faz bem

Ela parecia-lhe mais pequena cada vez que a via Definhava por ação da luz da chuva Os seus dedos eram de um branco osso no meio dos rebentos verdes

Há demasiadas recordações disse Peggy Vai ser muito difícil para ti ficar aqui

Eu ia embora se conseguisse disse ela

Não estou a falar da casa Estou a falar da vila

Ou talvez também da casa

A luz atravessava-a Estava a morrer Silenciosamente pedaço por pedaço para que ninguém reparasse que se estava a ir

Pousou a mão na mão de Imelda És nova Podes recomeçar a vida

Sim disse Imelda Sabia que era verdade Tinha de se ir embora Queria ir-se embora Dizia para consigo que se iria embora quando Dickie regressasse à universidade O *stand* reabriria ao público Já não faltaria muito

Então uma noite ele disse-lhe que Maurice lhe pedira para gerir o *stand*

Para o gerir? disse ela

Dickie disse-lhe que Maurice já não o conseguia fazer Não conseguia trabalhar naquele escritório em cuja porta o casaco de Frank ainda estava pendurado Não conseguia entrar na sala de exposição onde tinham passado tantas horas lado a lado

Todo o dia de volta de carros depois do que acontecera

Ele nunca devia ter voltado disse ele Eu estava mesmo a ver

Mas então e tu disse ela

O plano foi sempre eu tomar conta do *stand* disse Dickie Só está a acontecer mais cedo do que esperado

Podia ser pior disse-lhe ele Estava sentado na cama Na cama de Frank Pelo menos significa que nos vamos continuar a ver

O seu grande rosto redondo como o de uma criança sorriu-lhe Ela levantou-se de um salto Correu até ao quarto de banho entrou mesmo a tempo

No casebre Rose deu-lhe chá de funcho e rosa-mosqueta Percebeu o que se passava com apenas um olhar

Um bebé disse ela

O quê? Onde? Imelda começou a olhar à sua volta em busca de um bebé que alguém tivesse deixado no chão Depois caiu-lhe a ficha A verdade subiu-lhe à boca num vómito amargo e ela levantou-se de um salto para correr até lá fora

Um bebé Bem esta é que é a cereja no topo do bolo

O que mais podia fazer senão rir-se e riu-se de facto na retrete e depois riu-se no caminho de volta à cozinha e sentou-se por baixo da imagem de Jesus Cristo

É do Frank perguntou Rose

Imelda abanou a cabeça A velhota não lhe fez mais perguntas olhando-a simplesmente como olhava para as cartas do banco como se não a percebesse de todo

Não voltou a Goldenhill

Não falou durante todo um dia e toda uma noite permanecendo na cama no seu velho quarto sentindo o seu corpo conspirar contra ela e a pensar em Frank Em como ele se devia sentir traído Era suficiente para o fazer levantar-se da sepultura e apontar-lhe o dedo Com lágrimas a correrem-lhe pelo rosto pálido *Porquê*

Depois de manhã levantou-se e foi ter com Rose e disse-lhe o que queria fazer

Durante todo o tempo que passara no casebre Imelda descobrira que Rose não se limitava a ler a sina e a tratar entorses

Por vezes iam lá raparigas Não apenas raparigas mas também mulheres Adultas Esposas Mães Imelda ouvia-as chorar do seu quarto Rose punha a chaleira ao lume Tirava uma caixa de debaixo do lava-loiça

Mas era tudo quanto sabia porque logo em seguida Rose chamava-a Punha-lhe dinheiro na mão e lembrava-se de algo de que necessitava com urgência da vila Vai agora minha menina dizia ela mesmo que estivesse a chover Imelda via a caixa na mesa sentia o cheiro estranho e acutilante no ar e fazia o que lhe mandava

Quando se dirigia à porta esforçava-se para não olhar para a rapariga para a esposa para a mulher a chorar no canto Ao invés o seu olhar recaía sempre em Jesus Cristo No coração vermelho que lhe brilhava fora do corpo E passavam-lhe pela cabeça imagens horríveis Histórias tão más e aterrorizantes que não podiam ser verdade As consequências de se ser tocada

Mas quando voltava tudo estava em paz A lareira acesa A televisão ligada Jesus Cristo a olhar ainda tranquilamente da sua moldura a vela elétrica a zumbir por baixo dele A rapariga ou a mulher já se tinham ido embora De certo modo isso fazia parecer que a mulher ou a rapariga nunca lá tinha estado Como se Rose as fizesse desaparecer a elas e não ao bebé

Não se sentiu mal assim que tomou a decisão Ou sentiu-se mal mas esse mal misturou-se com todos os outros males

Rose não o queria fazer Retraiu-se como quando ela lhe pedira para lhe ler a sina Tens de perceber que há um perigo disse ela Se alguma vez

no futuro

Imelda não queria saber disso Disse-lhe que se ela não o fizesse iria a Inglaterra Que o faria lá e nunca mais regressaria

Rose abanou a cabeça Ó minha filha disse ela Pareceu velha então velha e frágil

Mas Imelda sentia-se forte Forte e má Aquele devia ser o seu verdadeiro eu pensou ela o verdadeiro eu que a sua mãe tinha visto escondido no seu íntimo

Quando? perguntou Rose

Agora disse ela

Ai ai ai disse Rose meneando a cabeça E pôs a chaleira ao lume

Quem sabe se ela o teria feito A chaleira talvez fosse apenas para fazer chá Naquela altura viver era como caminhar sobre piões Dava-se um passo e era-se atirado para um lado Com o passo seguinte girava-se noutro sentido Cada momento era o momento em que tudo mudava

Bateram à porta Ela pediu a Rose que não a abrisse mas ela já o tinha feito e lá estava ele

Entrou no casebre mas de início não falou Olhou para o vazio as suas mãos a tatearem o ar como se fosse cego

Não atendias o telemóvel disse finalmente ele

Ela não disse nada Tinha rezado para nunca mais o ver

Não sabia onde estavas disse ele Tive de perguntar a tua morada na vila Felizmente a tua tia ao que parece é muito famosa por aqui

Depois lembrou-se de Rose e virou-se e apresentou-se Dickie Conhecemo-nos no ah

Rose anuiu e sorriu e depois passou por ele e saiu de casa e foi ter com as suas galinhas Ele virou-se de novo para ela Parecia angustiado Desapareceste simplesmente Foste-te embora sem mais nada Foste-te embora de vez? Não vais voltar? O que aconteceu?

Ela não lhe devia ter dito nada Se tivesse ficado calada ele teria ido embora O problema é que ela se sentiu zangada porque ele lhe falou num certo tom de acusação como se tivesse o direito a saber dela

Estou grávida disse ela

Ele puxou uma cadeira e deixou-se cair nela

Meu Deus disse ele e depois nada mais por um momento Olhou para a vela na mesa que estava enfiada numa antiga garrafa de *Guinness Extra*

Deve ser um choque para quem tem toda a vida em livros descobrir que se fez algo no mundo real

Está tudo bem disse ela Vou destruí-lo

Ele franziu o cenho Odiava magoar o que quer que fosse Dissera-lhe uma vez que se sentia mal ao verter lixívia pela sanita abaixo porque tinha pena das bactérias Foi por isso que ela lho disse para lho atirar à cara Durante um minuto ele limitou-se a olhar para a vela de dentes cerrados e depois de repente levantou-se de um salto

Tenho de ir disse ele Tenho de pensar volto mais tarde

E foi-se embora de sobrolho franzido

Assim que ele se foi embora Rose voltou do pátio e Imelda tentou convencê-la a tratar do assunto mas ela recusou-se Só quando ele voltasse e ouvissem o que ele tinha a dizer

Ele não tinha nada a dizer ripostou Imelda mas Rose não se deixou demover Ela sabia é claro tinha visto tudo

Porque quando ele regressou a sua disposição era já outra Tinha mudado Parecia excitado Sentou-se na mesma cadeira em que se tinha sentado antes Respirou fundo

Tenho uma proposta a fazer-te disse ele Foi esta a sua escolha de palavras E na verdade era mesmo uma proposta embora ela não se tivesse apercebido disso logo de início

Pode soar estranha tendo tudo em conta disse ele E é estranha Mas a vida é estranha! Aquilo por que passamos Quem o teria imaginado

No entanto não é possível retirar-se ainda algo de bom de toda esta tragédia?

Para ti ninguém pode substituir o Frank disse ele Nem para mim Não estou a falar de o substituir Mas isso não significa que tenhas de ficar sozinha De continuar a sofrer Não achas que ele gostaria que alguém tomasse conta de ti? Não achas que dadas as circunstâncias ele havia de querer isso? Que ficasses com alguém que compreende?

E depois o bebé quer dizer não quero começar a falar de sinais mas não é o que parece? Que aconteceu por um motivo? Que é suposto ficarmos juntos?

Ele olhou-a com um sorriso de espanto e gentil como um cientista que acabou de descrever a sua nova invenção miraculosa que irá mudar tudo para toda a gente para todo o sempre Mas ela não o conseguiu acompanhar Olhava-o sem perceber Tinha a cabeça a andar à roda como nos seus sonhos quando caía pelo ar com o chão e o céu a passarem por ela às voltas e às voltas

Ele debruçou-se sobre a mesa Pôs-lhe uma mão no braço

Estou a falar de casamento Estou a pedir-te que te cases comigo

O carro embateu no chão e incendiou-se

Imelda levantou-se e recuou da mesa Viu o sorriso dele desvanecer O seu rosto obscurecer os olhos arregalarem-se-lhe de ansiedade Depois ouviu-se a chorar

Não tens de decidir já! Gritou-lhe ele Imelda!

Ela chorou como um bebé as lágrimas caíam no linóleo à sua volta e enchiam-lhe os olhos e toda a divisão rodopiou

Imelda ele estava ao seu lado Escuta-me Só estou a dizer que se quiseres que cuide de ti eu cuido

Ainda não o disse porque acho que não é o que queres ouvir disse ele  
Mas amo-te

As circunstâncias são estranhas mas o meu amor é genuíno e não  
preciso que me digas que também me amas Deixa-me só cuidar de ti

Ele deteve-a Olhou-a nos olhos O seu rosto gentil branco redondo  
como uma lua

Ela afastou-se dele e correu até à retrete onde se ajoelhou a chorar e  
a vomitar Foi como se ele tivesse morrido uma segunda vez

Quando saiu da casa de banho não voltou para casa dirigindo-se  
antes ao portão Para um lado ficava o rio para o outro Inglaterra Anda lá  
pensou ela Escolhe um Não interessa qual Não aguento mais

Estendeu a mão para levantar o ferrolho mas olhou para trás antes de  
transpor o portão

Viu pela janela Dickie sentado à mesa com a cabeça curvada e Rose  
a pôr-lhe uma chávena à frente E de repente lembrou-se de uma coisa  
Algo que ouvira antes Quando Rose lera as folhas de chá de Frank O  
futuro Ali estava ele de novo

*No casamento*

*O Frank não havia de querer isso?*

*Quer dizer não quero começar a falar de sinais mas*

*Vejo o sol*

Chegou Caiu-lhe em cima com tamanha fúria que ela teve de se  
agarrar ao poste do portão com os dois braços Agarrou-se-lhe para não  
se afundar no chão

E regressou à casa quando se sentiu pronta

A partir de então preocupava-a a possibilidade de alguém os deter  
De alguém impedir que aquilo fosse por diante Mas quem faria tal

coisa? Se estivesse bom da cabeça Maurice talvez tivesse batido com o pé mas ele caíra bem no fundo de um buraco de dor e mágoa e culpa e aquilo que devia ter feito e não fizera À pobre Peggy por outro lado já não restavam quaisquer forças ou vontade de lutar Quando lho comunicaram ela fechou os olhos e virou a cara embora lhes estendesse ao mesmo tempo as mãos para que eles lhas apertassem Como se as mãos se estendessem num cumprimento enquanto a cara não via o que se passava Agarrando-lhas avidamente com as suas últimas forças

Ela pensava sem dúvida que Imelda o ludibriara que lhe dera a volta à cabeça com os seus métodos de sedução Era a única explicação Que Dickie apesar de toda a sua inteligência era demasiado tontinho para escapar aos seus encantos

Ela sabia que era isso que as pessoas diziam na vila Que ela mostrara quem era na verdade Que era agora óbvio que nunca amara Frank O corpo do desgraçado ainda estava quente e ela já a casar-se com o irmão Podiam dar um desconto e perdoar a Dickie Coitado estava de luto Vulnerável e ela aparece toda gingona com a sua cabeleira loira Mas quanto a ela Uma interesseira uma caça-fortunas era o melhor que se podia dizer sobre ela E muitas pessoas não se coíbiam de dizer coisas muito piores

Ela não queria saber Aproximava-se o dia a cada dia que passava só isso importava Era o destino Ela tinha-o visto Quem o podia deter agora? Quem a podia deter?

Então e o teu pai disse Dickie

O quê disse ela

O teu pai Não o devia conhecer antes

Ela limitou-se a olhar para ele sem responder nada

Não estou a pensar em pedir a tua mão disse ele É mais por cortesia

Dadas as circunstâncias devíamos falar mesmo com ele de antemão disse ele

Ela não disse nada Não tinha contado nada ao pai nem sequer pensado em contar-lhe Não lhe falava desde o dia em que fora a casa Quanto menos ele soubesse melhor pelo menos até se casar

Mas Dickie que aceitara casar-se pela igreja e tudo o resto continuou a insistir no assunto e ela acabou por ceder Quem sabia O pai talvez ficasse satisfeito o seu puro-sangue acabara por aparecer apesar de tudo Se não ficasse bem que se havia de fazer Quando visse a casa Dickie nunca mais queria voltar Por isso lá foram eles à casa de família para falar com o pai

Pelo caminho Dickie falou de um quarto para o bebé de mobilar um quarto para o bebé

Um quarto repetiu ela

Sim para o bebé disse ele Oh sim sim disse ela

O teu pai talvez tenha algumas dicas Tem jeito para a bricolagem não tem

Ele olhou para ela Ela olhou para ele e não disse nada

Apercebeu-se de que ele achava que o seu pai era uma pessoa normal como um carpinteiro ou alguém do género uma pessoa que fazia coisas Achava que ele vivia numa aldeiazinha cheia de burros e de fumo de queimar turfa

Frank costumava chamar à casa dela Terra-Má Alcinhava o pai de Imelda de Lixo McBadalhoco

Imaginou-o a rir-se à gargalhada ao pensar no quarto de bebé que o pai dela seria capaz de mobilar Um berço feito de pneus de carro diria ele Ou com um dos velhos colchões que ele tinha no pátio das traseiras

Dickie estava a conduzir o carro de Peggy Não havia ninguém na estrada mas ele manteve-se dentro dos limites de velocidade Nunca tinha

ido àquela zona embora não ficasse muito longe do outro *stand* o novo

Quanto mais se aproximavam da casa mais calado ele ficava

Aqui à esquerda disse ela Ele virou à esquerda

A Câmara Municipal tinha pintado o muro da propriedade e alguém grafitara por cima O DONIE CULLEN ESTÁ DE VOLTA COIDADADO e outra pessoa tinha escrito RATAZANAS À SOLTA MORTE ÀS RATAZANAS e ainda outra pessoa escrevera A TORI QUER COMER O ANTO

Lembrava-se de Tori uma menina a brincar com a sua boneca na rua

É aqui disse ela

Esta? perguntou um Dickie cheio de esperanças ao apontar para a casa de Noeleen com os gnomos Ela limitou-se a rir

Imaginou o que ele devia achar do sítio Os pedaços de motores a enferrujar O carro suspenso em tijolos que não saía dali desde ainda antes de ela ter nascido Um saco de roupas velhas que tinham caído sobre a relva Sete cilindros amarelos de gás que ele devia ter recolhido de um sítio qualquer

É aquela disse ela a Dickie e viu-o retrair-se E de repente já não tinha piada De repente também o viu Toda a maldade que havia naquela casa como se estivesse espalhada entre o lixo e ela virou-se prestes a dizer-lhe Olha Esquece Não é como julgas que é Vamos embora daqui enquanto ainda estamos a tempo

Mas depois a porta abriu-se e deram de caras com o pai de Imelda que tinha vestida uma camisola caveada e um *Mars* numa mão e uma lata de *Harp* na outra Tinha saído para ver quem é que estava no carro e quando viu que era ela foi até ao portão

Ela percebeu que o pai não tinha ficado nada contente por o incomodarem Mas ele levou-os para dentro de casa e sentou-se à mesa abriu outra lata pô-la à frente de Dickie

Obrigado mas vou conduzir disse Dickie O pai de Imelda olhou-o como se ele fosse um bicho raro

Fez-se silêncio Dickie olhou-a para que ela dissesse alguma coisa mas ela não sabia o que dizer Perguntava-se como lhe podia alguma vez ter passado pela cabeça que aquilo seria boa ideia

Dickie pigarreou Bem senhor Caffrey isto é assim disse ele E o pai de Imelda franziu o cenho porque só os assistentes sociais e os polícias lhe chamavam senhor Caffrey

Os irmãos dela entraram então na cozinha e encostaram-se à bancada enquanto Dickie continuou com o seu discurso de braços cruzados a olhar para ele JohnJoe Golly regressados de Inglaterra Christy Lar que parecia mais magro e mais agressivo do que antes

Dickie engoliu em seco mas continuou a falar

O que aconteceu foi uma tragédia disse ele Mas será possível que ainda surja algo de bom de tudo o que aconteceu?

O que é que ele está a dizer? o pai interpelou Imelda enquanto Dickie estava ainda a falar Não percebo nada do que ele está a dizer

É o Dickie pai disse ela Conheceste-o no velório No velório do Frank

Nada poderá substituir o Frank disse Dickie Como seu irmão sei-o melhor do que ninguém Pode parecer estranho mas a vida é estranha

O pai de Imelda olhou-o abismado Não percebia absolutamente nada do que ele estava a dizer Ela deu a Dickie um pontapé por baixo da mesa para que ele se calasse e eles pudessem sair dali inteiros mas ele continuou a falar Mas a verdade é que amo a sua filha

E o pai percebeu isto

Tu o quê? O pai de Imelda soergueu-se Pousou as mãos abertas na mesa Enquanto isso todos os irmãos se inclinaram para a frente e descruzaram os braços O que é que fizeste? E de repente agarrou Dickie

pelo pescoço e ergueu o punho pronto para começar a esmurrá-lo e nesse mesmo instante os irmãos rodearam-no e os gritos de Imelda soaram-lhe nos próprios ouvidos como ecos de todas as ocasiões em que isto já tinha acontecido Ao rapaz que a acompanhara a pé até casa Ao bêbado diante da loja de apostas Ao vendedor negro que tinha batido à porta para lhe falar de ótimos descontos no serviço de eletricidade

Para gritou ela Para Ele é irmão do Frank

O pai imobilizou-se O seu rosto adquiriu uma expressão menos retorcida

Não lhe contaste disse Dickie numa voz estridente

Não me contaste o quê disse o pai E em seguida de novo Não me contaste o quê?!

Ela disse com relutância

Vamos casar-nos disse ela

O pai baixou o punho muito lentamente Olhou para Dickie Depois virou-se e fitou-a sem compreender nada

Ela levantou-se Vamos embora murmurou ela a Dickie

Por um momento ele não se mexeu Limitou-se a olhar boquiaberto para ela e para os seus irmãos e para o seu pai com o desespero de um veado que visse uma alcateia de lobos cercá-lo Depois lá conseguiu pôr-se de pé Levantou-se da cadeira a custo

Sei que deve parecer estranho repetiu ele

O pai e os irmãos não falaram nem se mexeram quando ela se dirigiu à porta Era como se estivessem petrificados Mas quando o levou lá para fora e o estava a acompanhar ao portão Imelda soube sem ter de olhar para trás que estavam todos à porta de casa e embora não se estivessem a mexer sentia-os prontos a moverem-se Prontos a moverem-se como uma seta retesada no arco

E assim eles caminharam muito calmamente com toda a lentidão ao longo do caminho de cimento até ao portão e passaram pelo carro pousado em tijolos e pelo cão no assento traseiro que levantou a cabeça para a ver passar

Ao seu lado Dickie respirava com dificuldade como se soltasse um silvo bizarro Caminhava com movimentos rígidos como se fosse um soldadinho de brincar

Quando transpuseram o portão ele disse-lhe Devíamos perguntar ao teu pai se ele quer ler durante a cerimónia do casamento

Sem olhar para ele Imelda disse Vamos mas é embora daqui por amor de Deus

E entraram no carro e durante o que lhe pareceu uma eternidade Dickie fez marcha-atrás e virou fez marcha-atrás e virou até fazer inversão de marcha

Enquanto isso o pai e os irmãos observavam-nos da porta sem se mexer e sem falar

Seguiram viagem em silêncio durante muito tempo Dickie estava branco como a cal Agarrava o volante como se sem ele fosse cair a qualquer momento e depois já fora de Belfinin onde estava tudo sereno parou o carro na berma da estrada

Ele disse Não correu lá muito bem

Não lhe faças caso disse ela Ele é assim com toda a gente

Ele pareceu *surpreendido* disse Dickie Foi como se não soubesse de nada

Ele não sabia que nos vamos casar disse ele e virou-se para ela olhou-a atentamente

Ela olhou para ele Não sabia o que dizer

Dickie estava a olhar para ela como nunca tinha olhado antes como se ela fosse uma pessoa e não um ideal santificado uma santa num vitral

Isto é uma loucura perguntou Estamos a cometer uma loucura

Ela sentiu o medo pulsar-lhe no pescoço

Não queres fazer isto disse ela

Ele olhou para o volante que ainda segurava com as duas mãos Tinha o rosto pálido e peganhento Não dormiam juntos desde que ela se fora embora de Goldenhill

Não estou a dizer isso disse ele

Mas talvez devêssemos adiar o casamento alguns meses Dar às pessoas oportunidade de assimilar isto Não vale a pena estarmos a apressar-nos

O medo subiu-lhe à cabeça apoderou-se-lhe da mente e gritou-lhe NÃO NÃO

Mas ela disse-lhe com toda a serenidade Mas temos o bebé

Ela virou-se para trás para olhar para a estrada Se o meu pai soubesse disso disse ela

O rosto de Dickie adquiriu um tom esverdeado *Era* uma loucura Caíra-lhe a ficha Ia casar-se com uma rapariga que praticamente não conhecia Ia ter um bebé com ela Era uma loucura sandice pura E agora ia cancelar tudo

Ela sabia que tinha de dizer alguma coisa Tudo dependia dele Para ele aquilo era um casamento a sério

Ela estendeu a mão e pousou-a na mão dele que por sua vez estava pousada na manete das mudanças Ele é só muito protetor disse ela Eu falo com ele

Não te preocupes querido disse ela

Ele pareceu reconfortado Pelo menos voltou a ligar o motor

Ela não devia tê-lo deixado ir lá Ele não era o género de pessoa de que o seu pai gostaria Teria sido melhor se o pai só descobrisse o que se passava depois do casamento Melhor para toda a gente

Mas era tarde de mais para isso

Naquela noite a carrinha parou diante do casebre Ela espreitou por uma frincha na cortina e viu a porta abrir-se mas era Lar

Ele não entrou Ficou a fumar no pátio com as galinhas a debicarem o chão à volta dos seus pés Não faças isto disse-lhe ele

O que é que ele disse? perguntou ela Disse que vai atrás do Dickie? Disse que vai magoar o Dickie?

Lar abanou a cabeça A ti disse ele

E ela percebeu então que ficaria tudo bem Porque durante todos aqueles anos o seu pai nunca lhe pusera um dedo em cima Ela era a sua beldade intocada E ele nunca permitiria que lhe acontecesse algo de mal acontecesse o que acontecesse

Ele não pode impedir nada disse ela com toda a simplicidade e apercebeu-se de que era verdade Ele não tinha como impedir nada Ninguém o podia impedir Rose tinha visto tudo a acontecer Para ela o casamento já tinha acontecido A todos os outros restava-lhes apenas aguardar

Vais ao casamento perguntou ela a Lar

Lar não respondeu Apagou o cigarro e depois disse que tinha de ir embora Ela perguntou-se se alguma vez o voltaria a ver

Disse a Dickie que o pai a tinha visitado para pedir desculpa e estava ansioso pelo grande dia

Isso é bom disse Dickie Afinal não queremos desavenças

Ela não soube mais nada do pai até ao dia do casamento mas na reta final Peggy convidou-a para tomar chá Só nós mulheres disse ela

Imelda pôs o seu vestido bom e no entanto deparou com Peggy com um casaco de malha velho e ainda mal lhe tinha servido o chá quando levou Imelda para o jardim e enquanto contornava os canteiros de flores dizia-lhe o nome de todas as plantas e como cuidar delas Isto é flox Isto é heléboro Esta só gosta de solo ácido e enquanto isso um melro saltitava por ali

Na altura aquilo não lhe fez sentido nenhum No exterior entre as flores brilhantes e rodeadas de pássaros a cantarolar não se via que Peggy estava doente Apenas lenta apenas velha Só quando morreu é que Imelda se lembrou de tudo aquilo e se apercebeu de que ela lhe pedira que tomasse conta delas Das suas flores quando morresse

Estas peónias disse Peggy Não deram nada durante anos disse ela Estive quase a arrancá-las E agora vê só

Imelda observou-as Flores rosa-brancas e enormes Nem sequer pareciam flores eram mais como um truque de ilusionista feitas de tecido ou gelo colorido

Isto só mostra disse Peggy que as coisas levam o seu tempo

Depois curvou-se como se estivesse a mostrar a Imelda outra flor no canteiro e disse Quando era pequeno o que o Dickie mais queria era ser como o irmão dele

Embora o Frank fosse mais novo o Dickie idolatrava-o

Não Corrigiu-se Não o idolatrava Para ser sincera nem sequer sei se ele gostava lá muito dele Mas todas as outras pessoas gostavam do Frank e era isso que o Dickie também queria Queria ser o rapaz de que toda a gente gostava Mas ele era muito inteligente e muito complicado e as pessoas não vão gostar todas de ti quando és inteligente e complicado Não é assim que as coisas funcionam E ele acabou por fazer coisas que o deixaram muito infeliz

Ela deslocava-se pelo jardim com passos lentos e arrastados agarrando-se ao braço de Imelda Na escola tentou jogar futebol disse ela Oh meu Deus foi um desastre Fiquei muito feliz quando ele foi para a universidade e começou a descobrir como ser ele próprio

Nunca quis que ele voltasse para cá disse ela O Dickie a gerir um *stand* Consegues imaginar uma coisa mais absurda

E no entanto aqui estamos nós disse ela

Ela parou e olhou Imelda nos olhos Sabes o Dickie ainda quer ser o rapaz de que toda a gente gosta Quer ser um herói local como o irmão era Agir no momento certo Salvar o dia Mas ele não é assim E receio que vá acabar por se tornar muito infeliz a si e às pessoas à sua volta

Olha só para isto disse ela baixando-se e agarrando um caule verde entre os dedos Acanto ou pé-de-urso como lhe chamávamos uma planta adorável mas que toma conta do jardim todo se deixares

Agachada olhou de soslaio para Imelda

Sei o que as pessoas dizem acerca de ti disse ela E sei que não é verdade

Sei que amavas o Frank Sei que estes últimos meses têm sido difíceis para ti Talvez seja a única pessoa que o saiba de verdade

Todos nós fizemos o que tínhamos de fazer para sobreviver Para mim parece-me claro que isso explica a tua relação com o Dickie

Só gostava de saber que tipo de vida te vês a ter com ele

Imelda não respondeu

Peggy pôs-se de pé Soltou um suspiro ao endireitar-se E virou-se para olhar Imelda olhos nos olhos Era mais pequena do que ela parecia perdida dentro do seu velho casaco de jardinagem Não precisam de ter pressa disse ela num tom sereno Podem esperar Viver juntos sem casar Os tempos mudaram Ninguém vos vai julgar por isso Sobretudo tendo em conta aquilo por que passaram

Segurou a mão de Imelda entre as suas e esfregou-lhe as costas da mão com os dedos Demorem o vosso tempo a conhecerem-se um ao outro E depois decidam o que querem fazer Não deixem que uma data numa agenda decida o resto da vossa vida Faz sentido não faz?

Imelda aquiesceu

E então digo-lhe para adiar o casamento? perguntou gentilmente Peggy Digo ao Dickie que telefone para a igreja Que lhes diga que queres adiar o casamento?

O vento fez chiiiiiuu Os pássaros piaram no comedouro

Com as pontas dos dedos Peggy fez círculos e mais círculos nas costas da mão de Imelda

Imelda olhou-a nos olhos Eram cinzento-azuis inteligentes complicados como os olhos de Dickie como tabuleiros de xadrez E ela pensou por um momento E se nada daquilo fosse verdade E se ele não estivesse presente E se o casamento fosse apenas um casamento e depois disso estivesse casada e tivesse um bebé como todas as outras pessoas

Mas só por um momento Depois retraiu gentilmente a mão

Peggy não falou não se mexeu mantendo apenas o olhar fixo nas flores e depois por fim disse Devíamos voltar para dentro

Tinha começado a chover ela não se tinha apercebido

Peggy deu meia-volta e caminhou na dianteira de volta à casa cinzenta como um fantasma com a luz da primavera a transportá-la para longe

Ela lamentava Imelda lamentava Mas como o podia explicar a Peggy quando nem sequer o conseguia explicar a ela própria Quando até para com ela própria mal se atrevia a pensar naquilo exceto no mais fundo do seu íntimo

Não ela tinha de se manter em silêncio por mais um pouco E assim foi até o dia finalmente chegar

O dia chegou e ela mal podia acreditar que tinha chegado Saltou fora da cama correu até à janela e ali estava Um dia ensolarado *Sim o sol Vejo o sol*

E fez sol toda a manhã Iluminou tudo As damas de honor que saltitavam em sua volta no casebre de Rose O seu pai à porta e o que tinha passado tinha passado com um carro no pátio pronto para a levar à igreja

Iluminou também o carro parado na estrada E o agricultor no trator que lhes perguntou se se passava alguma coisa e o pai a dizer-lhe que era uma abelha Não é que uma abelha lhe entrou por debaixo do véu E até isso empalideceu até não ser nada com o sol a queimá-lo até só restar a luz como se ela estivesse a olhar mesmo em cheio para ele

A olhar para o sol todo o caminho até à igreja Não fosse ele desaparecer do céu

Até estar lá O momento tinha chegado ela subiu as escadas da igreja e mal conseguia respirar Todos os rostos voltados para ela Através do véu ela a observá-los e a pô-los de lado procurando-o apenas a ele A ele

Mas não havia nem sinal dele

Ele não estava nem à porta da igreja nem aos portões entre os mirones embora não esperasse vê-lo aí

Ele não era muito dado a igrejas na verdade seria mais provável que fosse no hotel

Foram a direito para lá Cancelaram as fotografias No relvado No salão de baile Perscrutou os rostos com os olhos a pulsarem-lhe por trás do véu até pensar que poderiam explodir

Analisou os convidados olhando de um lado para o outro Tão desejosa de encontrar o rosto dele que mal reconheceu os rostos que a detinham para lhe falar Joe Daly Antoinette Corrigan Billy Farley mal ouviu as palavras que lhes saíram da boca De um lado para o outro vezes

sem conta Até chegar a hora do jantar e ela ter de se sentar Não vais comer nada Não vais levantar o véu perguntou-lhe ao ouvido Dickie Depois começaram os discursos e ele teve de se calar

Palavras Todos eles Maurice Dolly o padrinho o próprio Dickie com lágrimas nos olhos todos pronunciaram o nome dele Querido amigo Filho adorador Único irmão O nome dele pairando no ar acima da cabeça dela como um passarinho que esvoaçasse rapidamente por ela invisível para fazer o ninho à sombra das empenas do telhado e ela pensou Será que isto o vai trazer até cá? É agora que vai aparecer? Olhou para Rose que no outro lado da mesa se limitou a acenar com a cabeça e a sorrir com a sua boca desdentada como se para dizer Paciência

Mas ela já mal o conseguia suportar Quase se levantava sempre que vislumbrava algo a mexer-se num recanto longínquo Mas era apenas uma tia de regresso do quarto de banho ou um empregado de mesa a levantar pratos ou alguém a acender um cigarro ou um reflexo dos talheres ou nada simplesmente nada

Dizia para consigo Espera Ela sabia que ele estava lá aquele tempo todo conseguia senti-lo Que estava a tentar contactá-la Falar-lhe

E aquele era o momento O casamento A união mágica As transformações que Deus fazia Ele próprio A água transforma-se em vinho Dois tornam-se um Uma rapariga torna-se mulher Uma viúva torna-se noiva Recuperaria a sua vida que naquele dia estava ainda desaparecida

Contudo as horas decorreram e não havia qualquer sinal E o padrinho ergueu o copo num último brinde Aos noivos disse ele e todos se levantaram com os copos nas mãos E ela tinha o coração aos pulos dessa vez não de alegria mas de receio

Ele iria aparecer! Rose tinha-o visto! Dissera-lho há muitos meses *Um fantasma No casamento Vejo um fantasma* Ele tinha-se rido estava

vivo Na altura não fizera sentido Mas agora era óbvio *Um fantasma no casamento* Quem mais podia ser?

Todavia sentiu-se no seu íntimo tomar pelo pânico E os convidados gritaram vivas e os aplausos estouraram aos seus ouvidos como tiros de metralhadoras Ela olhou de um lado para o outro Para a direita e para a esquerda e recordou-se de todas aquelas noites antes do casamento em que ele não aparecera

No cemitério quando lhe falara ajoelhada na terra implorando-lhe que aparecesse Vem

Quando saíra pela janela e caminhara descalça até Naancross

Deitada na cama dele sobre os seus lençóis no seu quarto A usar as roupas dele as suas calças de ganga o seu casaco

Quando bebera as garrafas dele quando fumara o seu haxixe uma vez encontrara uma saqueta de coca num dos bolsos dele snifara metade esfregara o resto na vagina depois abriu a janela e deitou-se de pernas abertas na cama para que ele aparecesse e lhe lambesse a coca do corpo Quando vibrara e dissera a ela própria que era ele

Quando chorara gritara batera com a cabeça nos azulejos do chuveiro para que ele testemunhasse o seu estado lastimável e tivesse pena e aparecesse Não aparecera

Quando se deitara com o irmão *o seu próprio irmão* na cama dele a fazer o que ela nunca lhe permitira fazer para que ele se enfurecesse e aparecesse Como podia ele não aparecer naquela altura mas não apareceu

Não tinha aparecido porque estava à espera daquilo dissera ela para consigo

À espera do dia do casamento do dia do seu casamento *Era o que o Frank havia de querer* disse Dickie Sim

Mas então apagaram as luzes A pista de dança esvaziou-se O vocalista da banda anunciou a primeira dança Dickie deu-lhe a mão e conduziu-a à pista

Onde é que ele está? gritou ela a Rose Onde é que ele está?

Rose tão-só olhou de olhos arregalados para ela

Tu disseste! Tu disseste! gritou ela debaixo do véu e por sobre o ombro Disseste que ele ia estar cá!

Mas não Ela tinha dito que haveria um fantasma no casamento Não tinha dito de quem era o fantasma

Depois quando Imelda entrou no espaço que tinham aberto para dançar viu algo relampejar no fundo da sala

Em movimento branco sem rosto Que se aproximava Que se dirigia a direito para ela através da escuridão Uma névoa brilhante Que se erguia dos convidados *Finalmente* pensou ela porque que mais poderia ser E o seu coração também se ergueu no ar pairou cantou ela aproximou-se dele ele dela *Finalmente* pensou ela por um instante de felicidade

Até ver Dickie ao lado da aparição e se aperceber

Era o seu reflexo

Ela própria no espelho no fundo da sala Com o seu véu e uma névoa branca com os lacinhos do vestido Era apenas isso Foi então que percebeu

Na sua visão Rose tinha-a visto Ela era o fantasma

Um resquício de outra vida Uma sobra de algo que já não existia Era o que ela era Estava a assombrar a boda

E Dickie pousou-lhe as mãos nas ancas e a banda começou a tocar

---

<sup>2</sup> «Idiota» em gaélico. (*N. da R.*)

<sup>3</sup> «Minha querida» em gaélico. (*N. da R.*)

### III

Bem pois eu pergunto-te se será de admirar assim tanto a rapariga ter saído tão esquisita

Como é que ela está agora pergunta Geraldine

Oh muito melhor diz ela Está praticamente recuperada Só tem um galo sinceramente Foi só um susto

Foi a Cassie? diz Una Aconteceu-lhe alguma coisa?

Imelda não diz nada finge que estava ocupada com a sua rede Una Dwan sabe muito bem o que aconteceu

Sentiu-se mal no jantar do Lions Clube diz Geraldine A meio do discurso do Maurice Desmaiou até

Oh diz Una

Não foi nada diz Imelda Não tinha comido E depois com o calor que lá estava

Ah sim diz Una e calam-se por um momento não se ouve nada à exceção dos salpicos e do som das redes na água

Os resultados dos exames dela saem em breve não saem diz Una

Na quinta-feira diz Imelda

Suponho que também esteja preocupada com isso

Mas a Cass é tão esperta que só pode ter boas notas diz Roisin Tenho a certeza de que se está a preocupar sem razão nenhuma

Seja como for não percebo porque estão todos aflitos por ir para Dublin diz Geraldine Não passa tudo de uma corrida sem sentido

Nunca fui para a faculdade e não me saí mal diz ela enquanto atira uma caixa de *takeaway* para um saco preto Tu também não foste Imelda pois não

Mas o Dickie foi não foi relembra Roisin Ele gostou de Dublin?

Isso foi antes de nos conhecermos diz Imelda que baixa de novo a rede

Estavam ali há horas O Comité Diretivo da Tidy Towns Nas margens do rio a tirar da água embalagens de hambúrgueres latas de cerveja uma espreguiçadeira É quase crepúsculo mas parece ser meio-dia Tudo liberta calor A água malcheirosa Os sacos pretos do lixo empilhados ao lado delas Todas com jardineiras vestidas exceto Roisin que está embonecada como é habitual não vá cruzar-se com alguém Com quem? diz Geraldine Tipos que deitam lixo para o mato? Nunca se sabe diz Roisin O tipo da espreguiçadeira talvez volte cá diz Geraldine Bem esteve cá alguém diz Maisie que olha então para uma vala debaixo de um silvado A quantidade de preservativos Estamos na época em que estamos e esta gente não encontra um sítio melhor para fazer sexo do que um monte de lixo quer dizer a sério por favor

Insistem em falar sobre Cass Sobre a universidade Carregam no assunto como se a quisessem esmurrar

Vais ter saudades dela Imelda diz Maisie ouve o que te digo Quando o meu Timothy foi para Galway passámos semanas a chorar

Não vai ser assim com a Cass diz Imelda A menos que sejam lágrimas de felicidade

Isso é o que tu achas diz Maisie Lembro-me bem do meu Timothy à espera dos resultados ele estava um autêntico Anticristo Estávamos mortos por nos vermos livres dele E depois chegou o dia e foi como ser atropelado por um camião

Não lhes faças caso Imelda diz Geraldine Vais ter a tua vida de volta vai ser fantástico

Não sei diz Una Os meus foram-se embora há anos e ainda tenho saudades deles

Passamos muito tempo a querer que se vão embora diz ela e depois vão mesmo e ficamos ainda piores do que estamos É como a menopausa

Exato diz Maisie Só quando se vão embora percebemos que não vão voltar

Sim a meio do discurso de Maurice a rapariga escolhera o momento ideal sem dúvida Está banhada em lágrimas e de repente revira os olhos e cai de costas arrastando com ela a toalha de mesa e metade dos copos

Não sabiam se ela tinha tido um espasmo ou uma hemorragia cerebral ou algo assim Teve de ser levada do hotel numa maca Transportada para o hospital do condado Imelda sentou-se ao seu lado na ambulância acariciou-lhe o cabelo não conseguiu fazer mais nada A sirene estava a tocar As luzes piscavam nos computadores Parecia que não a via dormir há muito tempo Assim deitada parecia muito nova Quando era bebé nunca dormia Imelda podia embalá-la até quase desfalecer mas assim que a pousavam no berço ela recomeçava a chorar A única maneira de a adormecer era pô-la no carro Devia ser o barulho do motor ou o movimento Era curioso depois do que acontecera a Frank nem ela nem Dickie gostavam de conduzir e depois tiveram de se meter no carro todas as noites a dar voltas por estradas e ruelas meio a dormir às duas da manhã Tinha sido uma sorte não morrerem todos no carro Mas será que ela teria sequer reparado Estava cansadíssima Não se maquilhava por um ano inteiro Mais do que uma vez foi ao supermercado e reparou que tinha amarrado o cabelo com um par de cuecas A menina gritava no carrinho de bebé porque queria voltar para o carro

Agora tinha a idade de Imelda quando conhecera Frank e tudo aquilo tivera início O seu grande amor a sua vida

Passara num instantinho Uma bebezinha dada aos gritos tornara-se uma mulher adulta Parecia não ter passado tempo nenhum

Mas continuava a aparentar ser apenas uma criança Como se podia deixá-la ir embora

Nunca lhes passou pela cabeça que ela pudesse ter estado a beber até a enfermeira lho perguntar Depois quando lhe fizeram uma lavagem ao estômago pensaram que tinha bebido oito ou nove *shots* pelo menos Mais tarde o *barman* do hotel disse a Dickie que ela tinha pedido *Martinis* que de algum modo conseguira beber sem ninguém ver Porquê só Deus sabia Quem sabia porque é que Cass fazia o que fazia

Podia ter sido pior disse o médico Vai ficar em baixo de forma por uns dias Mas não corre nenhum risco sério

No entanto dadas as circunstâncias recomendamos uma avaliação psicológica disse ele Podemos classificar algo assim como lesão autoinfligida A Cassandra tem historial de consumo abusivo de álcool?

Não responderam Não se entreolharam Como que encolheram os ombros Normalmente porta-se muito bem acabou por dizer Imelda

Estou a ver Tem andado muito stressada?

Está à espera do resultado dos exames disse Dickie

Ah disse o médico com aquele jeito típico dos médicos Olhou para eles e tentou perceber se seria apenas um deles ou se seriam os dois que estavam na origem daquilo

Dickie permaneceu no hospital Deixou que Imelda regressasse a casa com Maurice Só quando entrou no carro é que ela se apercebeu da razão ele tivera a delicadeza de a encarregar de explicar ao seu pai o que tinha

acontecido Porque é que Cass arruinara o seu grande dia Porque o arruinara não havia qualquer dúvida acerca disso

Pensou em inventar alguma coisa mas sabia que a verdade se viria a saber mais cedo ou mais tarde Pensou que seria melhor ser ela a contar a história Por isso ela disse-lhe sem rodeios a caminho de casa dentro do carro Ela esteve a beber disse ela Tem andado a beber

A Cassandra? disse Maurice Pareceu mais surpreendido do que se tivesse sido uma hemorragia cerebral A sua menina Achava que ela não seria capaz de partir um prato Ah

Nunca pensei que fizesse o género dela disse ele

É tudo por causa da porcaria daqueles exames disse ela

Ah sim disse ele Estes miúdos estão sob muita pressão Lembro-me bem de como foi com o Dickie Não tanto com o Frank Esse podia ter sido um bocadinho mais pressionado que não lhe fazia mal nenhum

É mais difícil para os inteligentes disse ele Por causa das expectativas das pessoas Mas ela vai sair-se muito bem não tenho dúvidas

Bem receio bem que não seja só por isso Maurice disse ela E contou-lhe que a Cassandra estava mortinha por ir para a faculdade em Dublin como ele sabia só que o problema é que nos últimos meses ela temia não terem dinheiro para ir para lá dada a situação do *stand* A *situação* Foi a palavra que usou E observou-lhe o rosto quando a disse para ver como ele reagiria mas a sua expressão não se alterou de todo Como se nunca tivesse ouvido falar da dita situação e continuasse a não saber nada da mesma apesar de ela lha mencionar Mas é claro que por trás daquela falta de expressão estava a fazer os seus cálculos e a gizar os seus planos

Sim considerando bem as coisas provavelmente fora melhor ter sido ela a dizer-lho e não Dickie que decerto estragaria tudo Teria porventura direcionado a conversa para uma abordagem a estratégias de venda ou

carros elétricos ou algo que Maurice poderia ignorar com toda a facilidade Dickie era por vezes o seu pior inimigo Mas com ela Maurice esforçava-se sempre por mostrar que era um cavalheiro

Não estava ciente disso comentou ele

Desculpa Maurice disse ela Não vale a pena arrastar-te para os nossos problemas A Cass vai ficar bem Pode candidatar-se a uma bolsa Vamos arranjar uma solução qualquer Tens de te concentrar no teu jogo de golfe

Porque é que não me contaste isto antes disse ele num tom sincero e humilde

Não te queria preocupar disse ela

Sim fora melhor assim Ela e Cass Donzelas em perigo Melhor deixar Dickie fora do assunto E no fim foi quanto bastou Após tanta preocupação Mês após mês Na manhã seguinte Maurice enviou-lhe uma mensagem para lhe comunicar que cancelara o seu voo Reservara um quarto no hotel e ia arregaçar as mangas e ajudá-los a resolver aquilo

Ela perguntou-lhe se não preferia ficar em casa deles mas ele disse que não queria dar trabalho para mais com Cass adoentada E Imelda ficou-lhe grata por isto porque ele era um hóspede um tanto difícil Da última vez que os visitara levava os seus próprios ovos cozidos embrulhados em celofane e quatro latas de sopa *Campbell's* na mala como se receasse passar fome

Ela esperou que Dickie voltasse do hospital para lhe dar a novidade Mas ele pouco ou nada comentou Limitou-se a anuir com um aceno de cabeça Como se aquilo não passasse de uma pequena brincadeira da parte dela e não a última oportunidade de se manterem à tona de água O que a enfureceu Embora fosse verdade que preferiria que Maurice lhes

tivesse tão-só passado um cheque Em vez daquela conversa sobre *ajudar e analisar e traçar um plano* O que queria dizer ao certo com aquilo

Mas é bom disse ela Quero dizer o que quer que ele faça Agora vai ser melhor não vai Já passámos pelo pior

É claro concordou Dickie São ótimas notícias Ele estava apenas exausto depois de passar a noite deitado no chão do hospital Só isso

Já Cass que tinha voltado com ele estava encantada com ela própria Sentava-se na cama como uma imperatriz Tinha toda a gente de volta dela à espera das suas exigências Os seus amiguinhos todos ali reunidos para a ver Elaine Rowan o namorado ou ex-namorado Sarah Jane como é que é Hinchy Várias raparigas da sua turma com cartões de melhoras e flores colhidas por elas Todas faziam uma algazarra como se ela tivesse sobrevivido a um naufrágio e não tivesse simplesmente desmaiado e batido com a cabeça na perna de uma cadeira Drama Aquelas raparigas adoravam drama

Não é preciso dizer que não demonstrava pingão de remorsos por ter estragado o jantar de Maurice e envergonhado a família diante da vila inteira Imelda tinha a clara sensação de que ao invés Cass acreditava que *a culpa tinha sido deles* Dela e de Dickie Como se eles próprios lhe tivessem metido os *Martinis* pela goela abaixo Quase não lhes disse uma palavra de apreço E quando Dickie lhe contou que o avô se oferecera para ajudar a pagar as despesas da universidade ela disse-lhe que não ia para a faculdade

Não vai?

Acha que chumbou nos exames disse Dickie com um ar tristíssimo

Chumbou? Mas como pode ter chumbado disse Imelda Teve sempre boas notas

A menos que tenha chumbado de propósito para se vingar pensou ela Mas nem mesmo a Cass faria tal coisa Ou faria?

Dickie suspirou e calçou as suas botas de trabalho Não muito depois disso a carrinha de Victor McHugh apareceu no pátio e ela viu-os a caminhar em direção à floresta Quase sentiu pena dele Por muito tempo ele e Cass tinham sido unha com carne com os seus livros e as suas caminhadas pela natureza e as suas petições *online* Agora ele estava a sofrer pela primeira vez na pele o tratamento que ela dera a Imelda desde o dia em que lhe saíra do ventre abrindo caminho à cotovelada

Este ano o Comité da Tidy Towns tem trabalho à sua medida Os noticiários nacionais deram vasta cobertura às inundações Esqueçam a roupa suja aquilo era esgoto puro a correr pela rua abaixo à vista de toda a gente Além disso o homicídio ainda pairava sobre eles Aquele homem que matara a família Embora tenha sido na vila vizinha os jornais de Dublin estão sempre a enganar-se e a dizer que foi aqui

Geraldine conhece a vizinha deles do seu curso de confeção de compotas

A casa ainda lá está diz ela Imaginem só morar na casa ao lado Há dois anos que os filhos dela têm pesadelos

Como é que ele era pergunta Maisie

Oh a história habitual diz Geraldine Parecia boa pessoa Levava os filhos ao futebol Nunca tinha causado problemas e depois quando se dá por ela

Sabe Deus o que se passa nas cabeças deles diz Maisie Dos homens

Eu sei diz Roisin Tentar arrancar duas palavras ao Martin era como fazer uma pedra sangrar Até ao dia em que se virou para mim e me disse que já não me amava

O mesmo com o meu Derek diz Maisie É um autêntico bloco de madeira exceto quando está a ver os jogos da primeira divisão É então

que liberta as emoções todas Ele e a *Sky Sports* É o romance do século

Estão junto à estação de comboios e a limpar grafítis com escovas de dentes usadas

As coisas que as pessoas escrevem diz Una olhando para o muro Só palavrões racistas Ingleses pró caralho O que pretendem alcançar com isto?

Também há muitas pessoas à procura de sexo gay Escrevem os seus números de telefone mas sabe-se lá se algum é genuíno ou se são pessoas a pregar partidas

Não pode haver tantos gays cá na vila pois não? diz Maisie Incluindo gays secretos?

Liga-lhes e vê diz Roisin Pergunta-lhes se o fazem com uma mulher heterossexual

Não pode ser assim tão mau diz Geraldine

Mas é diz Roisin É pior até

Não tens *apps*

Tenho as *apps* todas e não faz diferença nenhuma diz Roisin

Deves estar a fazer alguma coisa errada diz Una

Já lá vai tanto tempo diz tristemente Roisin No último ano e meio nem conseguia com que o Martin olhasse para mim

O meu é tão mau quanto isso diz Geraldine Foi por isso que arranjei o Mickey Misterioso

Comigo é pior diz Maisie Anda sempre atrás de mim a querer qualquer coisa

E como é que isso é pior diz Geraldine

Maisie inspira profundamente pelo nariz Só estando lá para perceberes diz ela

E tu? Ainda o fazem? pergunta Geraldine

Quem eu? diz Imelda

Quem eu? imita-a Geraldine com uma gargalhada  
De vez em quando diz Imelda É sempre muito...  
Tenta pensar numa palavra que não *certinho* mas não lhe ocorre  
nenhuma

Certinho diz ela  
Eu não me importo que seja certinho diz Geraldine  
Eu cá não diria que não a um certinho diz Roisin nem hesitava  
Não tenho tido muita vontade ultimamente diz Imelda Nenhum de  
nós tem

Casados e com filhos — o derradeiro antiafrodisíaco diz Geraldine  
Quem me dera que alguém mo tivesse dito quando estava a pagar dois  
mil por um vestido de casamento

Na noite que antecede a publicação dos resultados sonha que tem  
uma dor Que os pequenos cotovelos de Cass estão a cravar-se-lhe uma  
vez mais no corpo

Como não consegue voltar a adormecer desce até ao rés do chão  
Dickie já lá está Liga o rádio Está a passar em todas as estações É  
inescapável

*Sessenta mil estudantes roem as unhas esta manhã*

*Para os estudantes de todo o país a espera chegou finalmente ao fim*

Depois Cass aparece Inesperadamente Vestida de negro Diz-lhes que  
quer ir à escola levantar as notas antes que as publiquem *online*

Embora saiba que chumbei diz ela

Oh diz Dickie com um falso entusiasmo como se não tivesse ouvido  
o último comentário Claro porque não?

E então e se ela chumbou pensa Imelda quando se vão embora Para  
que é tanto alarido Mas todas as mulheres da Tidy Towns enviaram-lhe

mensagens de telemóvel a desejar-lhe sorte e pensa de novo naquela palavra *Chumbou* Imagina-se a dizer-lhe *Oh sim já tem os resultados chumbou* E depois a contar a Maurice e a vê-lo a pensar *Foi ela que arrastou a Cass para o lodo Foi ela que deu cabo da cabeça ao Dickie De que vale ajudar estas pessoas* O primeiro dia do resto da tua vida pensa ela e depois como se numa visão vê Cass no futuro gorda e sebosa com um *top* da *Penneys* e maquilhagem roubada de uma palete a raspar raspadinhas diante da estação de serviço enquanto a sua chusma de filhos atira moedinhas ao vidro de separação da cabina para irritar o rapaz que está a trabalhar ao balcão Ou a passar a ferro camisas enquanto um javardo de um homem qualquer com braços que mais parecem presuntos vê televisão Um carro em cima de tijolos no pátio um cão a dormir em cima do capô

Depois chegam a casa De repente aparecem como um remoinho de vento Cass ri-se e grita Imelda nunca a viu tão contente Já as temos! Diz ela abraçando-a

Já as têm?! Diz Imelda agarrando o telemóvel para contar às amigas Espera lá tu e mais quem diz ela

A Elaine e eu diz Cass e começa a indicar-lhe notas mas são as dela ou as de Elaine? Imelda olha confusa para Dickie que lhe entrega uma folha impressa e lá está o nome de Cass no alto da folha e em seguida as suas notas tudo entre 20 e 17

Fantástico! diz Imelda Então passaram as duas

E com distinção diz Dickie

Tivemos praticamente as mesmas notas diz Cass

Então e a Sarah Jane Hinchy pergunta Imelda

Cass limita-se a revirar os olhos Porque é que perguntas sequer isso?

Pois estou a ver diz Imelda

É como perguntar sobre um desconhecido qualquer diz Cass Dickie pisca o olho a Imelda por trás da filha Sim claro que sim diz Imelda enquanto digita Ela conseguiu!!! E as mensagens de parabéns que recebe reconfortam-na enquanto Cass continua a queixar-se por ela ter sequer mencionado Sarah Jane Hinchy

Para que é que é esta barulheira? pergunta PJ ao entrar na divisão embora o próprio facto de fazer a pergunta demonstrar que sabe a resposta E quando Dickie lhe diz ele parece satisfeito mas um pouco envergonhado como quando tem ele próprio boas notas Para que é que estás tão admirado? Cass ri-se e depois PJ também se ri e Dickie junta-se-lhes e Imelda também Por fim o alívio Aqueles malditos exames a pairarem sobre eles durante imenso tempo Agora estão feitos finalmente Ela passou Eles passaram A família Fizeram-no juntos

Nunca mais me apanham cá diz Cass

Vão almoçar à vila para celebrar as notas dos exames e Maurice sai do hotel e junta-se-lhes e faz uma piada fingindo experimentar a bebida de Cass para se certificar de que é *Coca-Cola* e não outra coisa qualquer e sentam-se no terraço do Genevieve's ao sol e os vizinhos passam por lá e Dickie conta-lhes a novidade e Cass diz para de *contar* a toda a gente e Imelda sente uma espécie de felicidade desgastada como se fossem normais

Então Dickie volta para o *stand* e Cass desaparece para ir visitar Elaine e Maurice saca de uma nota de cinco do bolso e diz a PJ que vá à praça comprar um *Cornetto* embora ele tenha acabado de comer bolo e ficam os dois a sós Ela e Maurice

Ela diz-lhe outra vez que as novidades sobre Cass são maravilhosas e que lhe estão muito gratos pela ajuda para que ela possa estudar em

Dublin e essas coisas todas

Sim diz ele e depois Não é preciso agradecer nem vale a pena falar disso por favor

E ela pede-lhe outra vez desculpa por lhe terem arruinado o jantar e ele mostra-se outra vez muito cordial e diz que sinceramente ficou contente por se poder escapular de lá

Ela recosta-se por um momento a absorver o calor e pensa se a Tidy Towns não poderia pendurar cestos aos candeeiros públicos e de um modo geral há quanto tempo não se preocupa com alguma coisa Depois pergunta com naturalidade Achas que agora vais voltar para Portugal

Bem por falar nisso diz Maurice queria falar contigo sobre o assunto

Ele olha para ela e embora ainda esteja um sol radiante é como se surgisse uma sombra e ela endireita-se na cadeira e comenta Sim?

Como sabes queria voltar no dia a seguir ao jantar diz ele Mas esta semana a mais deu-me a oportunidade de ver como é que as coisas andam

No *stand* diz ela

No *stand* diz ele E depois de ter dado uma vista de olhos às coisas e falado com o Phil e mais algumas pessoas acho que é capaz de ser melhor eu ficar cá mais algum tempo até o *stand* se recompor

Oh diz ela e depois Achas que é necessário?

Acho diz ele e por um momento não diz mais nada Ele olha para a chávina Olha em volta em busca do empregado de mesa e faz-lhe sinal para lhe levar mais um café Antes de a voltar a interpelar

A verdade é que eu sabia que o Dickie estava a ter alguns problemas diz ele Mas não fazia ideia de que as coisas estavam tão más

Más nem é o termo certo diz ela Por aqui a recessão tem sido um pesadelo Maurice Um pesadelo completo Afetou toda a gente a vila inteira

Mas ele faz um gesto para repelir esta ideia como se estivesse a afastar uma vespa demasiado interessada no seu bolo A recessão já acabou diz ele

Tira os óculos escuros esfrega os olhos examina algo na ponta do dedo que claramente encontrou lá Simplesmente não tenho confiança para entregar a gestão de volta ao Dickie diz ele No fundo é isso Não posso simplesmente assinar um cheque em branco e cavalgar rumo ao pôr do sol Não me posso ir embora enquanto não sentir que ele controla as coisas

E controla diz ela Quero dizer vai controlar Só precisava de ultrapassar esta dificuldade

Maurice abana lentamente a cabeça Gostava de acreditar que sim diz ele Quem me dera Mas não é bem isso que tenho ouvido dizer

Ouvido dizer a quem

Toda a gente diz ele Até quando caminho pela rua sou abordado por pessoas que me vêm falar dos problemas que tiveram

Que tipo de problemas pergunta ela

Bem já que perguntas eu digo-te responde ele As pessoas têm-me dito que deixaram o carro lá na oficina para um serviço de manutenção ou mudança de óleo ou de lâmpada ou coisas assim e que quando o foram buscar ele fazia um barulho

Um barulho diz ela

Sim um barulho E algumas delas ficaram-se por aí Algumas levaram o carro de volta e o problema desapareceu Mas umas poucas foram a outro sítio Às oficinas do Joe Mulcahy ou ao Forrest's e descobriram que tinham tirado o catalisador do motor É aquela coisa atrás do tubo de escape que converte os gases tóxicos

Sei o que é um catalisador diz ela Estás a dizer que alguém o tinha tirado? Desses carros?

Têm metais valiosos diz Maurice Platina Paládio Ródio Sabes o que é? É o metal precioso mais valioso de todos Uma onça custa vinte mil Em suma se juntares alguns desses catalisadores podes sacar umas mocas jeitosas

Olha-a de olhos semicerrados Conheces um empregado chamado Ryszard Brankowski?

Ela sobressalta-se Depois no seu tom mais magnânimo responde Não me interessa por aquilo que os mecânicos fazem ou deixam de fazer

Bem pois eu cá digo-te quem é que está interessado é a polícia riposta ele

Desta vez ela não consegue esconder o choque Ergue a chávena mas a mão treme-lhe e ela volta a pousá-la e olha em volta para ver se há sinal de PJ

Achas que o tal Ryszard roubou os catalisadores

Não sei o que pensar diz Maurice Nem há quanto tempo isto acontece Pode haver dúzias de carros afetados Pessoas que não repararam que há algo de errado Ou que não quiseram dizer nada porque sabiam que o Dickie estava em apuros

Georgie Moran grita do outro lado da rua Lá está o homem! Olá Maurice!

Ah olá Georgie Maurice retribui-lhe o aceno

Aqui está um exemplo diz-lhe ele num sussurro embora Georgie já se tenha afastado em direção aos semáforos Ontem este veio ter comigo e quase me arrancou a cabeça por causa do que supostamente fizemos ao velho *Nissan* da mulher dele! Tive de lhe dar cento e sessenta euros do meu próprio bolso só para o pôr a andar A porcaria do carro nem vale tanto É tão velho que nem sequer tinha catalisador No entanto isso não o impede de se queixar a toda a gente com quem se cruza

Este negócio depende das relações que se estabelecem Se se ganha mau nome demora-se anos a recuperar a confiança dos clientes Em suma podes ver porque tenho dúvidas em entregar a gestão de volta ao Dickie

Agora é Imelda quem não sabe o que pensar Olha para o fundo da estrada e vê Georgie que espera para atravessar na passadeira Tem orelhas enormes e cor-de-rosa à luz do sol As orelhas da mulher também são enormes segundo se recorda E têm um filho é amigo de PJ e tem uma cabeça que parece uma asa delta

A polícia está envolvida no caso? pergunta ela por fim

Andam à procura do tal sujeito por pertencer a um bando qualquer em Inglaterra diz ele O tal Ryszard

Mas ele é mecânico diz Imelda É o departamento do Phil

O Phil disse-me que se queixou ao Dickie do Ryszard diz Maurice E que o Dickie não fez nada

O Phil queixa-se de toda a gente diz Imelda mas Maurice eleva a voz e interrompe-a Aconteceu sob a supervisão do Dickie Imelda A questão é essa É o mesmo que aconteceu no jantar Se a filha dele desmaia com uma bebedeira...

A Cass? O que é que isso...

Porque ele é o chefe da família! É o capitão do navio e se esse navio encalha Se a filha dele desmaia com uma bebedeira à frente de todos os mandachugas da vila Meu Deus Nunca fui tão humilhado

O empregado aproxima-se com o café Maurice interrompe o discurso Leva as mãos à cabeça Passa os dedos pelo cabelo

Bem está tudo a vir à tona não está pensa ela Mas diz Não achas que ele está metido nisto? O Dickie? Não achas que ele está por trás dos catalisadores desaparecidos pois não?

Maurice solta um suspiro Vira a mão e inspeciona a pedra de um grande anel como se pudesse ver o rosto refletido nela Nunca o devia ter

deixado a tomar conta do *stand* diz ele O Dickie não sabe avaliar as pessoas Já o Frank por exemplo quando alguém entrava no *stand* conseguia tirar-lhe a pinta em trinta segundos O Dickie não percebe nada a menos que o leia num livro

Ela aguarda que ele acabe de falar refreia a fúria Então vais ficar por cá e manter-te de olho nas coisas diz ela esforçando-se por não falar num tom demasiado gelado

Não quero ver o *stand* ir ao fundo diz ele Não me posso dar a esse luxo Perdi tudo o resto com a crise As minhas poupanças O dinheiro da casa Só me resta isto Por isso sim vou supervisioná-lo até me dar por satisfeito e saber que está a funcionar como devia funcionar

Olha de novo para o anel Há algo que ele não lhe quer dizer

Mas não o consigo fazer sozinho diz ele Não nesta fase da minha vida Por isso tenho estado a falar com um empresário local que se ofereceu para se associar à empresa e ajudar a pôr as coisas em ordem

Um empresário local? repete ela Sente o corpo a ferver A cabeça a andar à roda Que empresário?

Um homem cá da terra diz ele Conhece-lo Michael Comerford

O Big Mike exclama ela Estás a gozar O tipo é um aldrabão!

Maurice observa-a pacientemente Como um médico poderia observar uma menina que se recusa a tomar os medicamentos O Dickie vai continuar diz ele

O gajo é um vigarista! Deve dinheiro a toda a gente do condado! Que rico capitão do navio Rebentou com as casas que estava a construir e as rações de gado e tudo o mais em que tocou! Estaria preso se não tivesse posto tudo em nome da mulher! A mesma mulher que traiu com a porcaria da criada!

Maurice baixa o olhar As pessoas estão a olhar das outras mesas da rua As pessoas! Esta vilória de merda está cheia de pessoas!

Então e o Dickie diz ela

O Dickie vai continuar a estar envolvido diz Maurice Não quero tirar-lhe o cargo nem pensar nisso É só uma solução temporária Ainda pode ir ao *stand* e...

*Pode ir ao stand?* diz ela O corpo ferve-lhe outra vez e a cabeça anda à roda Ele *pode* ir ao *stand*?

Só estou a propor que ele se afaste um pouco entretanto diz Maurice Sinceramente acho que ele vai ficar contente com isso

Quem é que vai ficar contente? PJ reapareceu no outro lado da divisória da tela a lambar um *Twister*

Todos nós vamos ficar contentes diz Maurice recuperando o seu sorriso de avô Todos nós

Regressa a casa furiosa Uma coisa mesmo à Maurice Barnes É claro que é assim que se avança nos negócios Afasta-se as pessoas mais próximas substituindo-as por vigaristas Afasta-se o próprio filho que desistiu dos seus sonhos para gerir a porcaria do *stand* Que podia estar no Dubai ser arquiteto engenheiro construir arranha-céus não fosse Maurice ter-lhe atirado com aquilo para cima Tal como lhes atirara para cima uma casa que teriam de pagar pelo resto da vida Legara-lhes um peso sobre outro peso O grande benfeitor!

É a vingança é o que é Vingança pura pelo que aconteceu no jantar Acreditas nisto? diz ela a Dickie à espera que ele se passe da cabeça

Mas Dickie já sabe de tudo

Falámos sobre isso há dois dias diz ele O meu pai foi ao *stand*

Ela não tem palavras Ele já sabe! E estiveram os dois juntos no restaurante Os dois só sorrisinhos! Então vais simplesmente aceitar isto diz ela Aceitar que ele te despediu O teu próprio pai

Não me despediu diz Dickie desapertando os atacadores dos seus sapatos bons Só quer tomar conta do sítio por duas ou três semanas É o procedimento habitual quando se quer fazer uma auditoria

Mas ele não vai cuidar do *stand* sozinho diz ela Ele chamou o caralho do Big Mike!

Ele encolhe os ombros Faz sentido arranjar um rosto novo quando se procura novos investidores diz ele

Faz sentido? repete ela O teu pai trocar-te pelo Big Mike? Está a castigar-te quando não mexeu um dedo para te ajudar estes anos todos?

Ele não responde Descalça os sapatos e calça as botas

Dickie?

Era isto que tu querias diz ele Tu é que tiveste a ideia de arrastar o meu pai para isto

Não me ponhas a culpa diz ela Não queria nada disto

Bem então ninguém teve a ideia A culpa não é de ninguém Desculpa mas o que queres que te diga?

Ela quer que ele diga Estou furioso Imelda! Furibundo! Depois de tudo o que fiz para manter aquilo a funcionar Depois de tudo o que vos fiz passar!

Ou Meu Deus Imelda não há dúvida de que é uma humilhação mas verdade seja dita aquele *stand* estava a dar cabo de mim Talvez seja disto mesmo que preciso Afastar-me um pouco e pensar no que quero para o futuro Sobretudo agora que os miúdos já estão crescidos

Mas ele não diz nada Não parece zangado ou perturbado por lhe tirarem a gestão do *stand* Ela vê-o apertar os atacadores das botas A ziguezaguear os cordões e a prendê-los nos ganchos metálicos Sem olhar para ela

Então e os tais catalisadores?

Dickie volta a vestir o casaco Resmunga que foi a primeira vez que ouviu falar disso Gostava que quem teve problemas se lhe tivesse dirigido diretamente em vez de falar com Maurice pelas suas costas

Ela hesita antes de dizer E o tal Ryszard? Que é feito do tipo?

Ryszard? diz ele distraidamente

O Maurice disse que a polícia anda atrás dele Foi ele que roubou os catalisadores? É isso que eles acham?

Não sei o que é que eles acham diz Se foi ele há muito que se foi embora

Ela faz nova pausa e depois pergunta Quem era?

Quem era?

Sim sim O tipo de quem andam à procura Lembras-te dele Como é que ele era?

Ele pensa um pouco Um tipo alto diz ele Não era? Polaco? Não sei Imelda Passam por lá muitos tipos e estávamos muito ocupados por causa das cheias

Pois diz ela

Provavelmente voltou para a Polónia diz ele Sobretudo se a polícia anda atrás dele

Sim diz ela

Para ser sincero não me lembro diz ele

Mas ela lembra-se

As amigas não paravam de falar dele Roisin tinha levado o carro à oficina e vira-o e depois Geraldine tinha levado o carro dela embora não tivesse nada de mal só para lhe dar uma vista de olhos

É lindo concordaram

Imelda pergunta-lhe se ele faz visitas ao domicílio

Diz-lhe que preciso do serviço completo

Diz-lhe para levar a pistola lubrificadora

Ela não sabia de quem estavam a falar Mantinha-se longe da oficina mesmo nas melhores épocas Era uma gruta de aberrações cheia de jovens assanhados e veteranos javardos como Phil

Depois um dia não muito depois das inundações a luz do combustível do *Camry* tinha começado a piscar e ela decidira levá-lo à oficina

A oficina é um armazém grande e escuro Não recebe luz do sol e sempre que entra lá tem a sensação de que interrompeu alguma coisa Porque está sempre estranhamente silencioso ao invés de ecoar com marteladas como se poderia esperar e ela dá por si naquele silêncio repentino a chamar Está aí alguém? Como num filme de terror até todos os mecânicos saírem das sombras como vermes

E foi isso que aconteceu naquele dia Apareceram quando os chamou Mas ele não Não apareceu de imediato Permaneceu nas sombras como alguém que sabe que o vão ver mais cedo ou mais tarde Que sabe que o vão procurar com o olhar ainda antes de saberem que o estão a procurar

Começou por falar com Phil O atarracado e baixo Phil que parecia um velho Teletubby mas ainda menos sensual Ela disse-lhe o que se passava e ele começou como era habitualmente Pode ser disto Pode ser daquilo até ela o interromper É isto sem dúvida disse ela

Está bem diz ele e levanta as mãos como se ela fosse uma velhota chata que lhe estivesse a pedir para transformar o carro numa quadriga romana Ele chama Ryszard grita Anda aqui arranjar o *Camry*

E o sujeito sai de debaixo da velha carrinha de Murt Fegan e quando se aproxima sorri para consigo porque sabe que ela já o viu e ele sabe que ela sabe que ele sabe Porque é óbvio ainda antes de ele aparecer à luz que aquele é o homem de quem as amigas têm andado a falar

Em nova tivera um gato chamado *Dancer* Bem provavelmente dava por outro nome qualquer Tinha dono mas num verão começou a aparecer-lhes no jardim e ela batizou-o como *Dancer* Tinha um lindo pelo preto Tão preto que parecia um buraco no universo Um bonito buraco negro em forma de gato com olhos verdes e brilhantes

Aquele homem era assim Tinha o cabelo mais preto possível era preto retinto e os olhos também e o corpo tão ágil e esguio numa *t-shirt* também preta que a fez pensar no tal gato que se esgueirava pelo muro estreito que dividia o pátio da sua casa do pátio da vizinha cheio de gnomos e que depois entrava pela janela com um salto e a encontrava na cama e que já ronronava quando lhe pulava para cima e estendia as patas e lhe começava a amassar os seios Alfinetava-lhos com as unhas que penetravam o algodão da *t-shirt* e ronronava sem parar como se dissesse Sim oh sim por isso embora a magoasse ela não o detinha visto que no fundo gostava de o ouvir ronronar e de sentir o som grave ressoar-lhe na barriga e apreciava também o quanto ele gostava de lhe cravar as unhas nas mamas novas que lhe doíam sem dúvida e então ainda doíam mais mas ela gostava daquilo

Ele era esse género de homem Movia-se como esse gato Como se a fosse magoar mas só um bocadinho e ela não o fosse deter porque o prazer que ele sentiria ao magoá-la lhe daria por sua vez algum prazer Frank fora um pouco assim só um pouquinho Negro mas menos negro e também bonito mas não tanto quanto aquele homem por quem Imelda se perderia de amores se ainda fosse jovem

Mas já não era nenhuma menina e sabia perfeitamente que alguém tão bonito só tem olhos para uma pessoa Para si própria Sobretudo se for homem Por isso lançou-lhe um olhar breve e pouco amistoso como se para lhe dizer já te topei a léguas pá e ele respondeu-lhe com um sorriso rasgado porque como é óbvio todas agem assim As mulheres e os seus

corações palpitantes As mães com os seus carrinhos de bebé e os seus óculos escuros Calças de marca manchadas de puré de cenoura

Ora bem disse ele — falou-lhe com sotaque polaco mas também com laivos de Dublin e quiçá Londres — Não se preocupe minha senhora vamos resolver isto

Tinha os braços cobertos de tatuagens algo de que por norma não gostava mas as dele assentavam-lhe nos músculos firmes de um modo quase hipnotizante O ar tresandava a óleo e metal Cheirava a calor sem que na verdade fizesse calor e quando ele lhe estendeu a mão ela pensou de início que lha queria apertar Depois percebeu do que se tratava e corou e deu-lhe a chave do carro

Não se preocupe repetiu ele mas acrescentou que estavam muito ocupados por causa das inundações e que por isso podiam demorar alguns dias a consertar-lhe o carro

Isto surpreendeu-a Quero que trate já disto se faz favor disse ela e em seguida Sou a mulher do patrão A mulher do Dickie

Bem ela estava muito enganada se esperava um tratamento especial ou a resposta solícita de um subalterno Ele sorriu como se aquele facto o divertisse Os seus olhos eram mais verdes do que se apercebera de início e tinham também pontinhos dourados

Não sabia que o Dickie tinha uma mulher tão bonita disse ele

Por estranho que parecesse foi como se a esbofeteasse Mal podia acreditar no que tinha ouvido Olhou-o como se lhe perguntasse O quê?

Mas ele tão-só lhe sorriu Respondeu-lhe com um sorriso inocente radiante para lhe dar a entender que não estava a falar a sério Os homens daquele género eram mesmo assim Tudo aquilo mais não era do que um jogo em que ela participava e seguia as regras e não podia deixá-lo saber que para ela já não era jogo nenhum mas é claro que ele já o sabia

Agora até tenho mais respeito pelo Dickie disse ele Como é que ele arranjou uma mulher como você?

Desculpe mas acho que o entendi mal disse ela lenta e assertivamente

Ele parou de sorrir e levantou as mãos Por favor não lhe quis faltar ao respeito disse ele No meu país é de boa educação dizer a uma mulher que é bonita Aqui talvez não seja Deixe cá ver o seu carro Vou começar a trabalhar nele já já Por favor disse ele de novo

Enquanto falavam ele pusera o *Camry* no elevador sem que ela notasse Premiou um botão e o carro levantou-se no ar até ficar suspenso acima deles Foi estranho vê-lo naquele estado longe do chão Indefeso e com a parte inferior exposta

Como se chama? perguntou ele e acrescentou rapidamente Para escrever no caderno

Ela disse-lhe o nome Ele riu-se Uma breve gargalhada de surpresa Qual é a piada disse ela

Nenhuma não é nada disse ele sorrindo para consigo

Naquele momento ela devia ter dito Venho buscá-lo às cinco em ponto Veja lá se o tem pronto

Mas não foi isso que lhe respondeu Aquele sujeito tinha um certo poder de atração Como um remoinho ou um vagalhão que a fizesse perder o pé e a arrastasse Diga lá disse ela

Ele meneou a cabeça constrangido É uma parvoíce disse ele

O que é disse ela O cheiro a óleo irritava-lhe as narinas Um cheiro corporal e salgado

O seu nome disse ele

Sim o meu nome disse ela

O seu nome — tenho-o tatuado no meu... como é que se chama No meu...

E apontou para o traseiro

Ela olhou para o relógio e pegou nos sacos e fez de facto menção de se ir embora

Estou a falar a sério disse ele Não se zangue É a mulher do patrão Sei que não lhe devia dizer Mas é cem por cento verdade O seu nome... Tenho uma tatuagem no meu... no meu cu

Riu-se Mas depois parou de se rir e olhou-a nos olhos e embora soubesse que aquilo fazia parte de uma rotina qualquer parte dela parecia ver uma porta aberta e vislumbrar algo mágico pela frincha Como achava que seria ser adulta casada amada quando era uma rapariga trancada num quarto minúsculo num dia de verão com as patas de um gato a amassarem-lhe o peito

Ande lá eu mostro-lhe Voltara aos gracejos Venha ver prometo que é verdade E se não for verdade pode despedir-me *OK?* Diga ao Dickie Pode despedir-me hoje mesmo Vou-me embora Sem discussão

E se fosse verdade? Sobre isso nada disse Estendeu-lhe de novo a mão e dessa vez ela aceitou-a Deixou-se levar Só para me divertir um bocadinho disse para consigo apesar de lhe passar pela cabeça Será mesmo verdade? E se fosse?

Atravessaram a oficina passando ao lado das carcaças tristes dos carros O homem caminhava com calma Não parou de palrar para a distrair Depois chegaram à salinha no canto aonde os mecânicos iam fumar no inverno Ele abriu a porta Ela olhou por cima do ombro mas não viu ninguém e seguiu-o

O cheiro a cinzas e a beatas quase a fez desmaiar Uma lista com os jogos da Primeira Liga do ano anterior estava pendurada na parede assim como a fotografia de uma rapariga em *topless* recortada de uma revista Ela pensou que quase não cabiam os dois ali dentro mas ele

continuou a falar e a rir-se como se tudo aquilo não passasse de uma brincadeira Depois fechou a porta

É muito bonita disse ele

Vamos lá então ver isso ripostou ela como se não tivesse tempo a perder embora no seu íntimo pensasse em palavras como *destino* e *acaso* e tivesse o coração aos pulos porque conquanto se sentisse amiúde tentada como qualquer outra pessoa e apesar de as amigas estarem sempre a acusá-la de o fazer para a provocarem ela nunca tinha sido infiel Porque era errado e pecado mas também porque em boa verdade nunca o quisera ser Não acreditava que as coisas pudessem voltar a ser como com Frank com quem ao mesmo tempo as coisas também nunca tinham sido assim por isso não queria abrir a porta que nunca lhe abrira a ele Mas aquele sujeito tinha algo de irresistível não havia como o refutar tinha de lhe ceder E se ele estivesse a dizer a verdade aquilo não seria um sinal?

E assim ela viu-o virar-lhe costas e desapertar o macacão e puxar as alças para baixo e depois enfiar os polegares na cintura e saracotear-se para que as calças e os boxers lhe caíssem com trejeitos de menina segundo lhe pareceu para no fim lhe mostrar o traseiro com um

## o teu nome

tatuado Com as grandes letras pretas e intrincadas equitativamente distribuídas pelas duas nádegas

Sorriu-lhe por sobre o ombro Agora você disse ele

Imelda ficou sem palavras Por um momento ficou pasma e não conseguiu desviar o olhar Depois pestanejou Passou por ele e dirigiu-se à porta da salinha E é claro todos os mecânicos que se tinham evaporado da oficina reapareceram então e pararam o que estavam a fazer para a

ver sair a correr da salinha esforçando-se por manter a compostura e o homem a sair de lá de dentro a puxar as calças para cima e a chamá-la pelo nome ou seja Imelda não O Teu Nome mas ela não se virou para trás nem olhou para a direita nem para a esquerda saindo o mais depressa que pôde da oficina em direção à rua de faces ainda rubras e a rezar a Deus para não se cruzar com algum conhecido e a pensar como diabo se tinha deixado arrastar para aquela salinha Como

Estaria assim tão desesperada ela que o seu pai costumava trancar no quarto para não atrair os homens Tornara-se apenas mais uma dona de casa que tentavam seduzir com tontices Outra parva a quem um mecânico depravado e malcriado pregava as suas partidinhas obscenas

Furiosa pensou de início em contar tudo a Dickie Mas depois ocorreu-lhe as perguntas que ele lhe faria O que é que ele fez ao certo? Foi insolente como? Mas o que é que ele disse? E depois peroraria sobre o código do trabalho e como precisava de anotar a queixa por escrito e tintim por tintim para não se ver no futuro exposto a processos legais etc etc

De maneira que nunca lhe contou nada e não regressou à oficina por muito tempo e nunca mais viu o tal Ryszard Ouvira algures que ele se tinha ido embora mas não se lembrava de quem lho contara

Ocorre-lhe agora que se tivesse contado tudo a Dickie Se tivesse insistido em despedi-lo como quisera na altura talvez não tivessem aquele problema com os catalisadores e Dickie talvez não fosse substituído por Big Mike Por muito furiosa que esteja com Maurice e Dickie ainda o está mais consigo E no dia seguinte quando Dickie em vez de ir para o trabalho vai bem cedo com Victor McHugh para a floresta ela não se queixa porque no fim de contas a culpa é dela

Mas Deus do Céu imagine-se só tatuar aquilo no rabo Homens Quem lhes fazia frente?

Cass começa a fazer as malas no mesmo dia em que conhece os resultados dos exames

Ainda há pouco estava deitada na cama supostamente demasiado deprimida para comer e de repente já está a carregar coisas do sótão A esvaziar o roupeiro e tudo isto antes de ter sequer colocação garantida na universidade

As caixas e as malas começam a acumular-se no átrio Isto recorda a Imelda o seu sonho recorrente sobre as inundações que atravessavam a casa de um lado ao outro Arrastando tudo consigo Está exausta de tanto tirar mochilas do anexo E de vasculhar os armários em busca do suposto *top* preferido que Cass não usa há quatro anos

Lê no blogue de Clara Langan que este é um período de transição É importante apoiar os filhos *Muitas vezes os seus filhos afastam-na porque é a única forma que têm de lhe dizer que precisam de si* Mas não é fácil

Não queres mesmo levar esses sapatos todos pois não? diz ela

Mãe já te disse Vou levar tudo o que estiver nesta pilha

Mas tens aqui umas botas de esquiar diz Imelda Não me parece que vás esquiar no Trinity College Tanto quanto me lembro não fica numa colina

Cass deixa cair ao chão todas as embalagens de chás e infusões que leva em braços

Para ti isto é uma brincadeira? A minha vida é uma brincadeira?

O quê? diz Imelda

Mas Cass já se foi embora

Todas as conversas entre as duas seguem mais ou menos este guião É como se o pior da adolescência estivesse de volta Como se Cass estivesse determinada a não ser nem um pouco feliz até se ir embora Dickie desistiu de tentar falar com ela Escapule-se assim que possível

Vai com Victor à floresta fazer seja o que for que estão lá a fazer Leva também PJ com ele o que significa que lhe cabe a ela lidar com Cass o dia inteiro Ajudá-la a desmontar o quarto Ouvi-la a lamuriar-se Levá-la a casa de Elaine e trazê-la de volta pelo menos uma em certas ocasiões duas vezes por dia enquanto a rapariga se queixa ao seu lado literalmente ao entrar no carro para andar nele de que andar de carro é mau para o ambiente

Porque não vais de bicicleta se estás tão preocupada? sugere Imelda

Está demasiado calor para ir de bicicleta diz Cass como se lhe dissesse dah

Faz ainda mais calor no *Camry* mesmo com o ar condicionado ligado o caminho todo O antigo *Touareg* tinha um teto de abrir que era uma bênção num tempo daqueles O *Camry* é um congelador no inverno e uma fornalha no verão

Não percebo porque tens de te encontrar com a Elaine todos os santos dias da semana diz Imelda Vão viver juntas Até se vão enjoar de se ver uma à outra antes de morarem juntas

Nunca me vou enjoar da Elaine é impossível diz Cass

Imelda está a usar óculos escuros e pode por isso revirar os olhos sem correr riscos Elaine Comerford Saiu-me cá uma betinha Não é de admirar com o pai rançoso que tem Bem os tarados de Dublin vão fazer dela gato-sapato Provavelmente vai acabar no fundo do rio

Quando é que sabes onde ficaste colocada pergunta ela

Já te disse Daqui a duas semanas diz Cass

Não *tens* de tirar o mesmo curso sabes diz Imelda Seja livros ou lá o que for

É livros repete sarcasticamente Cass

Bem literatura pronto O que interessa é que não tens de ir para esse curso só porque a Elaine também vai

Mas eu *quero* mesmo esse curso diz Cass Há *anos* que penso em tirá-lo

As janelas do *Camry* estão abertas mas parece que isto só aquece ainda mais o carro Imelda tem os dedos colados ao volante Só acho que não havia necessidade de ir tão longe para ler uns poemas diz ela

Mãe! Cass tapa os ouvidos com as mãos Não faças isto por favor!

Não estou a fazer nada Só estou a falar O que vais fazer quando acabares o curso? Como vais arranjar emprego? Tens de pensar nestas coisas

Ora mas se tu nunca trabalhaste riposta Cass Talvez não sejas a pessoa indicada para me perguntar estas coisas

Quando ouve isto Imelda quase enfia o carro na valeta Mas antes que consiga dizer o que quer que seja Cass acrescenta Estás sequer feliz por mim?

É claro que estou responde Imelda quase num grito

Tens a certeza? diz Cass Porque até parece que nem queres que vá para a faculdade

Estou feliz por ti insiste Imelda Mas quanto mais o reafirma menos genuíno soa

Oh só está excitada dizem as amigas É nova! Vai para a cidade grande com a melhor amiga! Uma verdadeira aventura!

Pois está bem diz Imelda

As oportunidades que elas têm agora! dizem as amigas Pode ir para qualquer sítio Fazer o que lhe apetecer Não é maravilhoso?

Oh sim é fabuloso diz Imelda Mas não lhe custava nada mostrar um bocadinho de gratidão só isso

Tenho a certeza de que também foste terrível com a tua mãe quanto tinhas a idade dela diz Una

A minha mãe já tinha morrido quando eu tinha a idade dela diz Imelda

Geraldine ri-se Bem habitua-te Imelda É a vez dela É melhor ultrapassares isso e sentires-te grata por cada migalhinha de afeto que te for parar ao prato Os quarenta são mesmo assim Os filhos odiarem-te é só a ponta do icebergue

Ainda não tenho quarenta diz Imelda sobressaltada e em seguida É assim tão mau?

É ainda pior diz Geraldine Fica tudo uma merda

Deixas de ser bonita diz Maisie Ficas com o corpo cheio de celulite Começas a sentir dores por todo o lado Estás sempre a pensar que tens cancro

Os teus pais envelhecem diz Roisin Depois adoecem E por fim morrem

O teu casamento esvai-se em fumo diz Maisie Ele conhece uma mulher mais nova ou começa a comer a secretária

Ou está sempre metido no barraco das ferramentas ou no clube de golfe ou entretido com um passatempo parvo qualquer diz soturnamente Roisin O Martin meteu-se no *Scrabble online* Prefere jogar *Scrabble* com um desconhecido no Arizona do que fazer amor com a própria mulher Bem desculpem lá

O Colm da Josephine Toomey tentou convencê-la a fazer *swing* diz Geraldine

Tipo dançar? diz Imelda Dançar o *swing*?

Ah coitadinha da nossa Imelda tão inocente diz Geraldine com uma gargalhada Onde é que Deus tinha a cabeça quando te deu um corpo desses

Se acham que os quarenta são maus diz Una Bem é como já tenho dito Esperem só pela Mudança Acordam e já nem reconhecem o vosso corpo

Mais um motivo para não querermos mal às miúdas por gozarem de alguma liberdade diz Roisin Estão só a começar Devíamos ficar felizes por elas Tivemos a nossa oportunidade Não tivemos?

E todas elas dizem Sim sim porque que mãe invejaria a nova vida da filha

As sapatilhas da *Balenciaga* ainda estão em promoção Resta apenas um par do seu tamanho Trinta e três pessoas estão a visualizar o artigo Uma chama mostra o quanto todos estão excitados Sabe que não as devia comprar Não as vai comprar Mas adiciona-as ao carrinho para ver quanto custam os portes de envio e está tão lixada que é mesmo capaz de as comprar mas então tocam a campainha e quando desce e abre a porta depara com imagine-se Big Mike Comerford

Tudo bem Imelda diz ele como se fossem colegas de escola e ela devia é claro fechar-lhe a porta na cara mas está tão surpreendida por o chacal-chefe ter aparecido ali que não fecha a porta e boquiaberta vê-o enfiar os polegares na cintura das calças e com a sua grande cabeça empinada como se estivesse a contemplar o seu reino e depois O patrão está por aí? pergunta ele

Quem? diz Imelda

O Dickie é claro diz ele

O patrão! Quem julga ele que engana com estas tretas? Não diz ela Não está

Fazes ideia de onde possa estar pergunta Big Mike

Não não faço ideia diz ela e logo acrescenta E ele já não tem mais nada que lhe possas tirar por isso é melhor pões-te a andar daqui

Não sejas assim Imelda diz ele

Ficaste com o emprego dele Com a empresa dele E o pai dele até te dá ouvidos Presumo que em seguida vás tentar ficar com a casa

Ah Imelda Um olhar de sofrimento cruza-lhe o rosto As coisas não são assim como dizes responde

Resto de um bom dia Mike diz ela

Não ouve diz ele pondo o pé entre a porta e a moldura Quero esclarecer isto O Maurice é que foi ter comigo O Maurice perguntou-me se o podia ajudar e eu disse que sim porque não quero ver uma empresa com mais de quarenta anos a falir

Aposto que sim que foi mesmo por isso diz ela Só assim consegue não lhe dar uma chapada e arrancar-lhe da cara os malditos *Ray-Ban* que tem empoleirados na sua grande trunfa

Verdade verdadinha juro diz ele Não tenho interesse nenhum em tirar o lugar ao Dickie Já tenho trabalho que me chegue Mas aquele *stand* está a ir pelo ralo abaixo Podes não gostar de ouvir isto mas é um facto Para sobreviver temos de lhe fazer umas mudanças das grandes Considero o Dickie meu amigo e foi por isso que aceitei ajudar e é por isso que vim cá hoje explicar a situação

Isto aplaca um pouco a fúria de Imelda Mas só por um momento Depois vê o que está estacionado no pátio Ora se não é o seu antigo *Touareg*! O seu adorado *Volkswagen Touareg* que Dickie lhe vendeu para em seguida ele o oferecer à amante!

Nunca te escapa uma pois não disse ela Nunca perdes uma oportunidade de torcer a faca

Oh sim diz Big Mike olhando para o carro atrás dele Queria falar-te sobre o carro De momento não o estou a usar por isso pensei que talvez

o queiras de volta Tem o imposto de circulação e o seguro em dia

Imelda fita-o sem nada dizer

Um passarinho contou-me que ainda tinhas um fraquinho por ele diz Considera-o um empréstimo a longo prazo Como agora somos sócios por assim dizer E ele sorri-lhe com um sorriso rasgado e idiota de quem está encantado consigo próprio

Ela tem de se apoiar à moldura da porta para não o atacar a murro e pontapé A tentar comprá-la ao oferecer-lhe o próprio carro! Joan decerto o teria mandado livrar-se dele! Não preciso da tua caridade Mike Comerford! grita Imelda Desaparece daqui! E leva a porra do teu carro de putas contigo!

Big Mike não sabe o que pensar de tudo aquilo Caridade? Como é que isto é caridade? pergunta

Não me gozes! diz ela e dá-lhe um soco no braço Ele recua lentamente e esfrega o braço enquanto ela avança sobre ele Toda a gente nesta vila sabe o género de homem que és! brada ela Toda a gente conhece os teus joguinhos! Podes ter enganado o Maurice mas não me enganas a mim! Põe-te na alheta!

Mas o Dickie... diz ele depois pensa melhor e regressa ao carro

Mas no dia seguinte tocam de novo a campainha E eis que depara com Larry o florista que traz um grande ramo de flores para lhe entregar

Deve ser engano diz ela

Ele verifica o cartão Não não é engano diz

Mas eu não encomendei nada diz ela Ele ri-se e entra de novo na sua carrinha

Será um presente de Dickie? Mas não fazem anos de casados nem é o aniversário dela nem é Dia da Mãe Talvez lhe queira pedir desculpa

pensa ela Desculpa por tudo Mas Dickie nunca compraria um ramo daquele tamanho É enorme O maior ramo que já viu

Demora-se à porta Chama-o por sobre o ombro Dickie? E depois: Cass? E depois: PJ? Então leva as flores para dentro e põe-nas num jarro que por sua vez pousa na mesa da cozinha e depois senta-se à mesa e olha para as flores enquanto se recompõe e só então lhe ocorre pegar no envelope que está entre as flores e tirar-lhe o cartãozinho de dentro

*Querida Imelda está escrito a tinta azul Espero que aceites estas flores como um sinal do meu mais profundo arrependimento pelo meu comportamento ontem. Por favor acredita em mim Imelda quando te digo que te sugeri usares o Touareg sem más intenções de nenhum tipo só para que te pudesse ser útil porque já não o estou a usar. Tendo em conta as atuais circunstâncias e porque o Maurice me pediu que fosse seu consultor temporário na Maurice Barnes Motors percebo agora que a minha oferta surgiu no momento errado e foi insensível. As minhas mais sinceras desculpas Imelda. Tenho o maior respeito por ti Imelda ah se soubesses. Espero que aceites este pedido de desculpa porque as nossas filhas vão morar juntas em Dublin muito em breve!! E espero que possamos esquecer este incidente.*

*Atentamente, Michael Comerford («Big Mike»)*

Bem

Quem diria

Que cartão tão querido tão sincero e atencioso E enviar-lhe as flores tinha sido um toque de classe Nunca esperaria tal coisa dele Por vezes as pessoas surpreendem-nos

Ela dobra o cartão e põe-no de novo no envelope que por sua vez põe na malinha e vai à sua vida

Um pouco mais tarde recebe uma mensagem de texto

Recebeste flores??

É dele Esqueceu-se de que lhe deu o número no jantar em honra de Maurice Olha embasbacada para a mensagem Recebeste flores??

Não sabe o que significa Estará só a verificar se lhas entregaram? Ou estará a fingir que quer verificar se chegaram só porque espera que ela lhe agradeça? Ela espera que não porque quando alguém dá a outrem flores para lhe pedir desculpa o gesto perde todo o significado se depois lhe exige um agradecimento

Ela responde-lhe Sim

Recebe uma mensagem quase de imediato Perdoas me

Franze o sobrolho ao telemóvel Perdoou-o quando recebeu as flores mas agora parece-lhe que ele se está a fazer a ela Aquele é mais o Big Mike que ela conhece sem dúvida Veremos escreve ela

Achas q podemos encontrar nos um dia qq p conversar

Quando lê isto sente-se corar e olha para a poltrona onde Dickie se costuma sentar para ver as notícias Mas ainda faltam muitas horas para o noticiário Olha de novo para a mensagem Conversar? Conversar sobre o quê? O *Touareg*? Não foi suficientemente explícita?

Decide que não lhe vai responder agora Vai esperar até amanhã e escrever Oh nem reparei que não tinha respondido a isto

Deixa o telemóvel no andar de cima para não se distrair e tenta retomar o que estava a fazer

Mas ela estava a olhar para o telemóvel era isso que estava a fazer antes E a pergunta por responder inquieta-a Não a deixa sossegada E também pensar nas mensagens não lidas das outras pessoas que se podem estar a acumular Até que por fim volta ao quarto pega no telemóvel e escreve Sim estás perdoado Esqueçamos isto

Fico contente:) responde ele

Mantém o telemóvel na mão Espera para ver se recebe mais alguma mensagem mas não recebe Ainda bem pensa Pousa o telemóvel desta feita decidida a não o olhar de novo Mas o telemóvel vibra e apita quando ela ainda está no quarto e agarra-o tão depressa que o deixa cair ao chão NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE IMELDA Mas é apenas um aviso da loja *online* para a alertar que tem as sapatilhas da *Balenciaga* à sua espera no carrinho E o pânico de há pouco dá lugar à desilusão E também à confusão Está desiludida porquê mas antes que consiga responder a si mesma recebe outra mensagem dele

Era bom vermo nos antes de as miúdas irem p Dublin + falar preparativos + há uns docs que tb tens de assinar

Relê a mensagem Um tom mais formal Finalmente percebeu a mensagem pensa Agora estão na mesma onda Responde-lhe no mesmo tom Mt bem falamos breve/

Mas como lhe parece uma mensagem demasiado fria apaga-a e escreve Está bem e depois também a apaga e substitui por um simples Sim que logo apaga para voltar a escrever Está bem

K tal amanhã? responde ele de imediato Ela sente-se irritada e escreve Amanhã n posso Ocupada embora na verdade não esteja

Dp de amanhã? A resposta é uma vez mais imediata Agora sente-se perseguida Ouve a porta abrir-se no andar de baixo Passos no corredor Porque é que ele teima em acossá-la? Porque não fala com Dickie? Olá? diz uma voz no rés do chão Mãe? Estou cá em cima diz ela Pousa o telemóvel Vai até à porta Volta atrás Escreve rapidamente Está bem

Uau bonitas flores diz Cass

Oh sim diz distraidamente Imelda

De onde vieram pergunta Cass

Oh são do jardim diz ela

Do jardim? Cass para junto ao frigorífico aberto e olha para as flores  
*Essas flores são do jardim?*

Hum-hum diz Imelda

Não me lembro de ver flores dessas no jardim diz Cass Do *nosso*  
jardim?

Foi o que eu disse não foi riposta Imelda e em seguida Meu Deus  
Cassie já não te disse para não deixares a porta do frigorífico aberta?  
Queres que a comida se estrague toda?

Certo porque é mesmo *isso* que vai acontecer diz Cass que sai da  
cozinha com um *Gatorade* na mão

Devia ter-lhe contado a verdade mas sabe que a conversa nunca mais  
teria fim *Porque* é que Big Mike lhas enviara *Porque* tinha ele de lhe  
pedir desculpa Aquela rapariga Santo Deus Não diz uma palavra à mãe  
uma semana inteira e de repente vê um ramo de flores e parece o  
inspetor Columbo

Liga a televisão para que Dickie veja as notícias e irrita-a pensar que  
ele vai entrar em casa com as botas enlameadas Mas é PJ quem transpõe  
as portas de correr

Uau belas flores diz ele

Hum Oh sim estas diz ela

De onde vieram?

Oh uma amiga mandou-mas diz ela

Porquê pergunta ele

Como assim porquê Enviou-as só porque sim As pessoas estão  
sempre a oferecer flores umas às outras

Oh diz ele

Vá agora caluda diz ela Quero ver as notícias

Um terramoto algures Estão a tirar do chão pessoas cobertas de pó branco como se ajudassem a parir bebés velhos Pensa que foi decente da parte de Mike enviar-lhe as flores Um gesto bonito Ele cometeu um erro e admitiu-o Uma expiação que ela não podia deixar de admirar

Ainda não há sinal de Dickie Olha para o ramo de flores e pergunta-se se o devia mudar de sítio Não que haja nada de invulgar em receber flores Mas não quer contar a história do *Touareg* a Dickie

No entanto quando se levanta para o mudar de sítio Dickie entra passa pelas flores e senta-se na poltrona diante da televisão Vá-se lá saber o que terá andado a fazer lá fora o certo é que está todo enlameado Sujo da cabeça aos pés Sem pensar no que está a fazer diz Dickie por amor de Deus não podes mudar de roupa antes de te sentares na poltrona? E sem dizer uma palavra Dickie levanta-se e sai da sala E ela sente-se mal mas a culpa é dele E de facto este seria o título ideal para um livro sobre a relação matrimonial entre os dois

As previsões meteorológicas têm início Grandes sóis laranjas por toda a Irlanda No primeiro andar o chuveiro ribomba como um raide aéreo O telemóvel dela apita ao receber uma mensagem de Cass ONDE ESTÁ A MINHA MOCHILA DA FJALLRAVEN VENDESTE A??? Há lama espalhada pelo chão Acho que estou outra vez com pé de atleta diz PJ que pula enquanto segura no pé com uma mão

Mas na mesa as flores brilham serenamente vermelhas douradas e azuis

Ela disse que podia passar por casa dele porque muito provavelmente levaria lá Cass numa das suas visitas a Elaine mas ele disse que se ela não se importasse seria melhor na quinta porque ele tinha algumas entregas e coisas a chegar Tenho lá um escritorzinho onde podemos

falar disse ele Oh sim perfeito concordou ela e ainda não acabara de pronunciar as palavras e já se arrependera Que tal ao meio-dia Oh sim perfeito

Mas na manhã seguinte distrai-se ao limpar a casa Em boa verdade esfrega-a de cima a baixo De joelhos com a escova rija As casas ficam muito sujas Seja como for perde a noção do tempo e quando finalmente se apercebe já é demasiado tarde para tomar um duche embora cheire a detergente Bem ele vai ter de se aguentar pensa ela Envia-lhe uma mensagem para o avisar de que está ligeiramente atrasada depois veste uma saia e uma blusa e prende o cabelo e pinta ao de leve os lábios com batom vermelho-claro o que contrasta com a blusa então por fim olha-se ao espelho e limpa o batom

Vou só ali e já volto! brada a Cass A sua voz soa-lhe aguda e um tanto musical Como Cass não lhe responde sobe ao primeiro andar bate-lhe à porta e espreita para o quarto Vou só fazer uns recados diz ela Vou num instantinho ao supermercado e ao talho e tenho de passar pelo Big Mike para assinar uns formulários

Não tens de me contar TODOS OS PORMENORES da tua vida responde-lhe Cass de debaixo do edredão

Nos prados as vacas ajoelham-se exaustas na erva seca Bart Creaghan está sentado só de calções numa espreguiçadeira diante da sua loja Assim não vai ter muita clientela pensa ela enquanto lhe acena O *Camry* é um autêntico forno Liga a ventilação no máximo com a esperança de que faça desaparecer o cheiro a *Cillit Bang*

A quinta de Mike fica do outro lado do lago e não tem nenhum ponto de referência além de um sinal de aviso de Entrada e Saída de Viaturas e mesmo com o GPS perde algum tempo a andar em círculos O sol entra em força pelo para-brisas Tem a blusa encharcada em suor de nada lhe teria valido tomar um duche Tenta telefonar a Mike mas ele não atende e

ela irrita-se tanto com ele por a ter arrastado até ali que quando finalmente encontra o sinal para virar sente-se por um momento tentada a regressar a casa

O carro avança aos solavancos por uma estrada de terra batida abrasada do sol e que a conduz a um círculo de celeiros e estábulos e palheiros e no meio deste círculo vê Big Mike e um jovem ao lado de um camião de caixa aberta carregada de sacos de ração Ambos olham para um papel que o jovem segura na mão e depois para a traseira do camião Estão tão imersos no papel e nos sacos que Mike só dá conta da chegada de Imelda uns bons cinco minutos depois e apenas porque ela buzina porque o camionista está prestes a fazer marcha-atrás e a bater-lhe em cheio no carro

Corre até ela e enfia o antebraço pela janela aberta Cá estás tu diz ele Dá-me só um minuto Podes esperar ali dentro se quiseres diz ele e aponta para um dos celeiros

Estou bem aqui diz ela

No entanto ele fala à vontade um quarto de hora com o jovem do camião e depois com outro que sai de um dos celeiros numa escavadora *Hitachi* Enquanto isso Imelda está dentro do carro cada vez mais quente

Por fim ele volta mas não lhe pede desculpa Ora bem diz ele

Abre-lhe a porta e dá meia-volta Ela segue-o até um celeiro com pilhas e pilhas de sacos de ração e onde se sentem intensamente os cheiros típicos de uma quinta Bosta de vaca e gasóleo Ao fundo há um contentor assente em tijolos que lhe lembra a salinha de fumadores no fundo da oficina a que o outro sujeito a levava e por um momento sente-se grata pelo calor porque já está afogueada caso contrário coraria Não é incrível como as mesmas coisas voltam uma e outra vez mas com diferentes formas

Dentro do contentor há uma secretária e um armário de arquivo Senta-te ali Imelda diz Mike apontando para uma cadeira com uma almofada rasgada Ele põe um par de óculos e retira da confusão na secretária um maço de documentos presos por um clipe gigante e começa a falar-lhe de depósitos e fiadores e faturas de serviços domésticos e a apontar os sítios onde ela deve assinar

Muito bem diz ela e Oh sim e Assino aqui? Depois segue-se um momento de silêncio enquanto ela baixa a cabeça e assina e assina de novo e o corpo humedece-se-lhe de suor com o ar quente no contentor que parece um forno e um animal muge algures e pérolas de transpiração lhe cobrem insistentemente a pele

Até custa a crer que já vamos ficar sem elas não custa diz ele Faz-me sentir Interrompe-se

Velho diz ela

Ia dizer orgulhoso garante ele com um sorriso Mas presumo que velho também Não há dúvida de que nos faz perceber que o tempo está a passar

Recosta-se na cadeira Põe as mãos atrás da cabeça Quero dizer com as miúdas sabemos que está a passar porque as vemos crescer diz ele E contudo os dias seguem-se uns aos outros todos iguais e parece que vão durar para sempre Depois acontece uma coisa como esta e percebemos que já passou Elas já se foram O tempo que tivemos com elas fosse bom ou mau Já passou E tudo o que queríamos fazer tudo o que ainda planeávamos resolver bem já é tarde de mais

Ela apercebe-se de algo na sua voz Ergue o olhar das assinaturas Ele sorri-lhe fugazmente

Não me faças caso diz ele É ótimo elas irem Um grande feito Meu Deus estou muito orgulhoso delas Da Elaine e também da Cassandra São duas raparigas inteligentíssimas São o futuro não são

Na sua *t-shirt* preta uma garrafa de cerveja toca banjo Passa uma mão por um olho

Ela acaba de assinar os papéis e olha-o de novo Com toda a formalidade

Ouve diz ele Desculpa uma vez mais aquilo do carro Não tive más intenções

Está tudo bem diz ela

Pensei que o podias querer de volta só isso diz ele Mas pu-lo à venda na *internet*

Oh muito bem diz ela e faz-se novo silêncio e ela deseja-lhe a morte por a ter obrigado a ir até ali com aquele calor para assinar contratos quando lhos podia simplesmente ter entregado em casa

Bem diz ela porque parece que o assunto está tratado É tudo ou falta alguma coisa

Big Mike não lhe responde O que ele faz é baixar o olhar fitar as mãos pousadas na secretária e dizer Sei que não me tens em grande conta Imelda

Ela começa a protestar mas ele interrompe-a Sei que não diz ele Disseste-mo na cara no outro dia Pelo menos foste sincera Agradeço a tua honestidade A maioria das pessoas só o diz nas minhas costas É o pior desta porcaria toda estes mexericos diz ele Eu mereço mas a Joan e a Elaine não Abana a cabeça Nesta vilória parece que às vezes estamos presos na porra de uma rede

Ela não tece qualquer comentário embora já lhe tenha ocorrido o mesmo em diversas ocasiões

Ele respira fundo e une os lábios em círculo para expelir o ar

Não tenho como desculpar o que fiz Imelda Não vou inventar desculpas Amo a Joan e sei que agi mal

Não tens de me dar explicações nenhuma Mike diz ela

Sim é verdade diz ele Mas à conta do *stand* e das miúdas vamos ver-nos bastante um ao outro e não quero que penses mal de mim E se pensares mal de mim quero que seja pelos motivos certos

Seja como for o terapeuta diz que me faz bem libertar as emoções diz ele com o mesmo sorriso tímido Se falasse mais sobre o que sinto talvez não tivesse feito tantas asneiras com a Joan

A sua grande cabeça rosada brilha e os seus ombros pesados erguem-se e baixam Se temia que pudesse tentar alguma coisa Imelda receia agora que ele tenha um qualquer tipo de surto

Amei-a Imelda Ainda amo Mas a verdade é que a chama morreu Isso não desculpa o que eu fiz mas foi por isso

Ele olha-o do outro lado da secretária Sei que isto para ti não faz muito sentido diz ele Tu e o Dickie tiveram sempre uma relação sólida como um rochedo são unha com carne Qualquer pessoa vê que se amam muito Para ti deve ser difícil compreender como é que alguém casado se pode sentir tão só

Os olhos brilham-lhe e Imelda que se começava a levantar da cadeira detém-se e senta-se de novo

Não quero com isto justificar-me insiste ele Magoei a Joan Magoei a Elaine e sim também magoei a Augustina com o meu egoísmo e nunca me perdoarei E a solidão não é desculpa para nada mas pronto foi isso que foi embora nem eu próprio o percebesse

Cala-se Acima da sua orelha uma vaca espreira de um calendário do Campeonato Nacional de Cultivo com Arado Mike encolhe os ombros levanta as mãos Olha-a nos olhos como se para dizer Pronto é isso

E Imelda levanta-se Tenho de ir diz ela

Imelda diz ele

Tenho de ir repete ela e vira-se para a porta do contentor

Espera diz ele Desculpa não devia ter despejado isto tudo em cima de ti

Mas ela sai a toda a brida e desce as escadinhas e depois corre corre até ao carro e arranca tão depressa que quase embate na escavadora

Pelo espelho retrovisor vê Mike sair a correr A parar abruptamente à porta do celeiro

Mas logo em seguida dobra a esquina e ele desaparece atrás das árvores

É essa a bênção desta parte do mundo As estradas têm tantas curvas e contracurvas que ninguém tem de se afastar muito para desaparecer de vista

Quando chega a casa grita para o primeiro andar a chamar por Cass mas não obtém resposta e é também recebida por silêncio quando lhe bate à porta do quarto Decide telefonar-lhe Estás aqui pergunta ela

É claro que estou *aqui* diz Cass

Cá em casa diz Imelda

Estou na casa da Elaine diz Cass

Oh diz Imelda Começa a perguntar-lhe se vem almoçar a casa mas Cass interrompe-a Mãe estou ocupada com uma coisa Ligo-te mais tarde *OK* adeus

*OK* adeus responde mas Cass já desligou Telefona a Dickie Ah não estamos bem aqui não precisamos de nada diz ele Não tens fome diz ela Posso levar-te aí uma sanduíche Obrigado querida trouxe alguma comida comigo Oh diz ela Para o PJ também? Sim diz ele E para o Victor? Sim diz ele Oh diz ela *OK* então vemo-nos ao jantar

Termina a chamada Olha por um momento para o telemóvel que tem na mão

A casa reluz de tão limpa e arrumada em seu redor e tudo é branco e cintila ao sol do verão como um glaciar do Ártico do género que se vê em programas sobre a vida animal com um urso polar a caminhar no gelo um pontinho minúsculo de branco num fundo branco Os ursos estão todos a passar fome disse-lhe PJ A morrer à fome

*Para ti deve ser difícil compreender como é que alguém casado se pode sentir tão só*

Sentir que tanto faz estar sentada ou de pé Entrar ou sair Estar viva ou morta Tudo desaparecerá no silêncio um pontinho minúsculo de branco num fundo branco Que embate e ricocheteia nas paredes como um eco dela própria

Big Mike Aquele tempo todo Quem o teria adivinhado pensa ela Quem imaginaria

E tocam a campainha

Fica com o coração aos pulos Começa a palpitar como se lhe fosse sair pelo peito

E enquanto percorre o corredor empurra-a com tanta força para a esquerda e para a direita que mal se aguenta de pé

Engole em seco Caminha Pensa Só espero que não seja ele Por favor que não seja ele

Será ele Será ele

Abre a porta

Bonitas flores diz Maurice Onde as arranjaste?

Ela não lhe responde e concentra-se em preparar o chá Sente-o a fitá-la como um falcão do outro lado da sala Faço-te qualquer coisa para o almoço Maurice? pergunta ela por sobre o ombro Tenho uns tomates-cereja muito bons Podia fazer-te uma salada

Não obrigado diz ele Comi no hotel Depois senta-se à mesa e diz Imelda desculpa mas não vim cá para te dizer olá Não é uma visita social

Não?

Não ele abana a cabeça Receio que não Tenho de te falar de uma coisa De um assunto bastante sério

Oh? diz ela com um sorriso fingido

Pois diz ele Se bem te lembras pedi ao Michael Comerford que entrasse para a direção do *stand* enquanto reestruturamos a empresa

Sim é claro que me lembro diz ela Gela no seu íntimo Ele não tem como saber Como poderia saber? Não há nada que saber Não aconteceu nada

Bem o Mike descobriu uma coisa diz Maurice

Sobre os catalisadores? pergunta ela

Não diz ele O problema é bem pior antes fossem só uns poucos catalisadores roubados

Suspira pigarreira leva o lenço aos lábios

Parece que há um buraco nas contas diz ele

Um buraco? repete Imelda

Sim diz ele

Não entendo diz ela Que tipo de buraco

Bem é bastante simples diz ele Falta dinheiro Uma grande quantia de dinheiro que desapareceu da conta da empresa

Cala-se assim que acaba de lhe apresentar a informação

E para onde é que foi o dinheiro pergunta ela por fim

É o que queremos descobrir diz ele

Apesar de confusa Imelda tem noção de que ele a está a observar A observar-lhe todos os movimentos

Terá sido diz ela e logo se cala Aquele sujeito de que falaste antes? O polaco?

Maurice meneia a cabeça Além de mim só o Dickie tem acesso à conta

Ela vira-se para o encarar Tem um pano da loiça na mão O que é que queres dizer com isso Maurice

Não quero dizer nada Imelda Estou só a perguntar-te se me podes dizer alguma coisa que me ajude a resolver o mistério

Não não tenho nada a dizer Só pode ser um erro do banco é claro ou coisa assim

Não é erro nenhum diz Maurice

Desculpa mas é óbvio que é Porque o Dickie se estás a insinuar que foi o Dickie Ele tem muitos defeitos mas não é um vigarista Meu Deus o Dickie nem passa do limite de velocidade Num dia de sol numa estrada aberta e sem ninguém à vista continua a conduzir a oitenta quilómetros por hora nem um quilómetro acima É de dar connosco em loucos

Hum diz Maurice Mas ele tem andado sob pressão não tem Muita pressão

Ele já tirou as conclusões todas que tinha a tirar não foi Ela sente o sangue ferver-lhe Olha lá Maurice Somos-te muito gratos por nos ajudares com a Cass e com o dinheiro e por aí fora e sei que ele meteu um bocado os pés pelas mãos mas se achas que podes vir a minha casa acusar o meu marido de roubar

Não não Não quero insinuar nada disso diz ele esbracejando como se ela lhe tivesse calcado as begónias premiadas Só quero dizer

Faz uma pausa e aperta o nariz com o polegar e o indicador Com uma esplêndida camisa branca e uma gravata de seda e todos os seus anéis e o cabelo prateado parece neste preciso momento velho Um velhote débil e frágil

Pode ter tido uma espécie de esgotamento diz ele

Todos nós tivemos um esgotamento Maurice riposta ela Enquanto estavas a jogar golfe em Portugal aquele *stand* foi sempre um grande esgotamento sim um esgotamento sem fim Se queres buracos tens aí um buraco sacrificámos-lhe as nossas vidas

Sim diz ele Mas o que pergunto é se isso não o terá levado a um qualquer comportamento extremo Ao jogo por exemplo?

Ao jogo?

Ou o que quer que seja diz ele com ar de desespero Pergunto-te só se notaste alguma coisa Ele disse-te alguma coisa

O Dickie diz ela

Sim diz ele Olha-a inquiridoramente No fim de contas és mulher dele diz

Ela olha-o sem responder

Seja como for pensa um pouco nisso diz ele Talvez te lembres de alguma coisa Também pode ser que ele se descaia Se o obrigares a falar Claro que seria preferível resolvermos o problema entre nós

Acompanho-te à porta diz ela

Sim diz Maurice Levanta-se da mesa e curva-se para abotoar o casaco Mas não está a usar casaco Olha para baixo surpreendido Este calor diz ele

É qualquer coisa diz ela

Acompanha-o à porta Ele detém-se na ombreira Para já é melhor mantermos isto entre nós diz ele Não vale a pena afligi-lo Pode haver uma explicação muito simples Um erro humano como dizes

Vira-lhe costas para sair Depois volta-se de repente para ela Onde é que ele está? pergunta e logo responde à própria pergunta Na floresta?

Sim diz ela Ele o PJ passaram lá a semana inteira com o Victor McHugh

Ele faz menção de dizer algo mas nada diz Porquê pergunta

Ela encolhe os ombros Estão a preparar-se para o futuro diz ela

Ele vai-se embora mas Imelda ouve-lhe ainda as perguntas Pequenas garras que esgaravatam o chão *Notaste alguma coisa O que é que ele disse Ele tem de falar contigo No fim de contas és mulher dele*

Não não não Maurice Não compreendes O Dickie não diz nada Simplesmente não fala Se te conta alguma coisa é só para parares de lhe fazer perguntas

Imelda costumava pensar que ele não falava porque ela era estúpida Porque ela não tinha estudado no Trinity College que era por isso que não o entendia Percebia na perfeição Frank e o que lhe ia na alma Tinha apalpado uma rapariga no bar Tinha apostado 200 € no Arsenal e perdido o dinheiro Sabia sabia sempre

Mas com Dickie não O Dickie que parece tão simples e direto Perguntar-lhe alguma coisa é como entrar num salão de espelhos Porque vieste tão tarde Com quem estiveste Onde estiveste até agora Bem sabes foi assim e assado diz ele

Sim Frank era uma partida de damas Dickie uma partida de xadrez Uma partida de xadrez jogada numa noite de nevoeiro

Mas tanto quanto sabe jamais faria certas coisas Seria incapaz de roubar simplesmente não conseguiria Não cometeria um crime Não está na sua natureza

No entanto na sua mente as pequenas garras esgaravatam sem parar

E depois ouve uma explosão

O som ribomba pelo céu Tão intenso que mais parece um trovão Mas não é trovão nenhum E enquanto pensa o que será dá por si a sair pela porta das traseiras e a correr A correr pelo campo em direção à

floresta O estrondo repete-se quando alcança as primeiras árvores É como se o céu se tivesse rasgado O ruído chega-lhe como uma onda que a arrastasse deixando-lhe os ouvidos a zumbir PJ grita ela mas nem sequer consegue ouvir a própria voz e adentra a floresta sem saber para onde vai e os troncos das árvores parecem lançar-se-lhe ao caminho A luz estilhaça a floresta num caleidoscópio verde-dourado E na sua cabeça aquela palavra *Esgotamento* E de súbito dá por si a cambalear na orla de uma escuridão

Um buraco Um buraco aberto no chão e no fundo do buraco está o seu filho

Olá mãe diz ele

Ela deixa-se cair num toco de árvore Ri-se enxagua o suor do rosto chora um pouco pigarreira

Olá diz ela

O que estás aqui a fazer

Só vim ver o que estão a tramar diz ela Está aí um buraco e peras

Vai ser um poço diz ele Para quando chegarem as inundações e não houver água

Como podia faltar a água se houvesse cheias diz ela

Não sei foi o que o pai disse

Sai um bocadinho daí querido se fizeres o favor diz ela e ele vira um balde ao contrário e sobe-lhe para cima e crava os dedos brancos na borda negra do buraco para saltar

Estão na clareira junto ao antigo barraco O barraco de Frank Ela não põe lá os pés há anos Não vai lá desde que os filhos eram pequenos Parece um local de construção Deitaram uma parede abaixo e o chão está escavado Do lado de fora numa palete estão tubos cabos placas de uma coisa cinzenta talvez material de isolamento tudo coberto com uma lona de plástico

O que achas pergunta orgulhoso PJ

Têm andado ocupados sem dúvida diz ela

Ele começa a contar-lhe mais pormenores Planos para quando o *Bunker* como ele lhe chama estiver pronto Uma retrete ali Gerador Despensa subterrânea Túneis cobertos com chapa Aponta e explica Tudo muito adulto Fantástico diz ela vezes sem conta Fantástico É tudo estranhíssimo como num sonho de que se esqueceu por completo o que a levou até ali quando Dickie surge de entre as árvores

Lá também ele está diferente Traz vestida uma antiga camisa axadrezada com punhos puídos e tem calçadas botas de trabalho enlameadas Não parece um homem com um crime na consciência Não parece apanhado desprevenido parece outra pessoa *Uma pessoa feliz* pensa ela com um sobressalto

Depois surge outro vulto Uma cara verde e distorcida Ela recua com asco Mas apercebe-se de que é apenas Victor Victor McHugh está a usar uma espécie de rede o que é uma bênção para todos

Ah estás cá diz-lhe Dickie Surpreso mas não irritado como se falasse com alguém que conhecesse de uma vida anterior

O que se passa aqui pergunta ela

Gostas pergunta Dickie voltando atrás para inspecionar os trabalhos Ainda estamos no início mas estamos a avançar Sobretudo desde que temos connosco o nosso pequeno ajudante E despenteia PJ que lhe parece contentíssimo

Mas o que é? pergunta ela O que é?

Bem é um abrigo Penso que se lhe pode chamar um abrigo diz Dickie

Para se houver uma emergência diz PJ E precisarmos de nos esconder

De nos esconder diz ela

Sim se a eletricidade falhar por completo ou se houver uma guerra  
Ou um ataque nuclear

Imelda olha Dickie com cara de poucos amigos

Bem provavelmente nunca vamos ter de o usar para esse efeito diz  
Dickie É mais um retiro na floresta Tu sabes um sítio onde os miúdos  
podem estar na natureza Sempre achei uma pena termos isto a apodrecer  
E temos aprendido alguns truques novos E também nos temos divertido  
que é o mais importante não é?

Sim! responde PJ que acena com o boné e dá um salto de celebração  
E tudo aquilo lhe parece tão saudável e feliz três homens a conviver num  
barraco no meio da floresta a construir um abrigo antibomba que ela  
começa a sentir-se mal como se não devesse ter ido ali estragar-lhes o  
ambiente Mas então vê o que Victor tem ao ombro

Ouvi um tiro diz ela

Oh sim diz Dickie Já que cá estamos diz ele

É uma iniciativa da UE diz Victor McHugh

Estará a sonhar? O que é que é uma iniciativa diz ela

Os esquilos diz Dickie Os esquilos-cinzentos Ordenaram um abate  
geral

Dez euros por pele diz Victor

Olha ora para um ora para o outro Estão a matar esquilos ao tiro?

Só os cinzentos diz Dickie

São uma espécie invasora diz Victor

Tu é que és a espécie invasora Victor McHugh diz ela Estou a falar  
com o meu marido se não te importas Depois interpela Dickie

Mas então e o PJ diz ela Que vos passou pela cabeça para andarem  
aos tiros com uma criança por perto

E Dickie começa a debitar as explicações Garante-lhe que Victor  
tem licença de caça e que é perfeitamente seguro e estão só a disparar

para o alto e é para o bem da floresta porque os esquilos-cinzentos comem os carvalhos etc Factos e mais factos ele sabe-os todos mas não sabe ou não quer saber que outro homem esteja agora sentado na sua cadeira no seu escritório Não sabe que o próprio pai suspeita que ele roubou dinheiro à empresa Jesus pá não tens noção

Ela cala-se PJ está a olhá-la

És um parvo Dickie Barnes diz ela Um verdadeiro idiota

Qual é a sua relação de parentesco com a cliente? pergunta a rececionista É nova Depara com uma rececionista diferente sempre que aqui vem e é assim obrigada a explicar tudo uma vez mais Não tenho nenhuma relação de parentesco com ela diz Imelda Ela não tem parentes Sou eu que pago por isto O meu marido quero eu dizer

A rececionista olha para o computador Franze o cenho Os pagamentos estão atrasados Como disse que se chama?

Continua Agem sempre como se estivessem a guardar Fort Knox como se preferissem morrer a permitir que alguém interfira com os seus preciosos «clientes» Depois quando se entra vê-se que os tratam como caixas num armazém Arrastam-nos para um lado arrastam-nos para o outro largam-nos onde lhes for mais conveniente

Por fim uma enfermeira transpõe as portas de correr Veio ver a Maura? diz ela

Por norma está com os outros residentes na sala de dia como lhe chamam É mais como uma sala de aulas uma sala de aulas antiga sem professor só com a televisão ligada Com trinta residentes de olhos postos nela Mas hoje levam Imelda diretamente ao quarto dela Pelo menos a enfermeira diz que é o dela embora seja diferente do da última vez e não tenha nada de seu no interior Nem sequer um *Guia da RTÉ* Mas lá está

ela à janela por isso deve ser mesmo o seu quarto mas porque a têm numa cadeira de rodas?

Porquê de facto diz a enfermeira Ela pode perfeitamente caminhar mas está a ser teimosa Não está Maura

Ela chama-se Rose diz Imelda Talvez seja menos teimosa se a chamar pelo nome dela

Ficam assim quando a cabeça começa a divagar diz a enfermeira É muito comum

Di-lo assim Mesmo à frente dela Imelda está chocada Olha para Rose que contrai a boca e se vira para a janela Porque a deixaram ali Ela não gosta de estar ali Nunca gostou

Estou ali fora se precisarem de mim diz sorridente a enfermeira

Imelda solta um suspiro Senta-se na borda da cama Diz o que sempre diz Que lamenta não a visitar há tanto tempo Que tem andado muito ocupada

Rose não lhe responde Pela janela veem-se árvores e parte do parque de estacionamento Estorninhos empoleirados no muro

Não vais acreditar no que tem acontecido diz Imelda O Maurice voltou E o Lions Clube deu um grande jantar em sua honra Não adivinhas onde foi No hotel Burke's Na mesma sala em que tivemos a boda de casamento Quase tive um enfarte

Ali parada no tempo diz ela Mas pensando bem onde mais havia de ter sido

Não sabe ao certo o que ela pretende dizer com isto e sente-se por conseguinte um tanto vexada porque poderia talvez dizer o mesmo de Rose Enlaça as mãos e pousa-as no colo Rose tenho de te pedir uma coisa

Olha por sobre o ombro e verifica que a porta está fechada

É o Dickie Estou preocupada com ele

Com o Dickie diz Rose

Sim acho que ele pode ter feito uma coisa Quer dizer não sei o Maurice acha que ele fez

Rose lança-lhe um olhar Ela foi sempre velha ou Imelda assim o pensava mas agora! O seu rosto já quase não é um rosto É mais uma amálgama de rugas como uma folha de papel amassada e abandonada em forma de bola por sabe-se lá quanto tempo Contudo os olhos que espreitam por entre as rugas estão tão acutilantes quanto sempre foram Veem tudo penetram até à alma

E não é tudo admite Imelda Respira fundo olha para as mãos Lembras-te do Mike Comerford? O Big Mike?

Rose semicerra os olhos O Big Mike

Sim um agricultor dali da vila É agricultor e empresário mas Ela faz uma pausa Quero saber Achas que se pode confiar nele diz ela e depois aflita Quero dizer não sei se alguma vez o viste Talvez não valha a pena perguntar É só que se passam tantas coisas e não consigo organizar tudo na minha cabeça e não sei com quem mais posso falar só contigo e desculpa não ter vindo mais cedo mas se houver alguma coisa se vires alguma coisa que me possas dizer porque sinto que estou a dar em doida

Rose baixa a cabeça abana-a Tartamudeia algo para consigo imersa em reflexão

Depois levanta a cabeça Olha Imelda nos olhos

És nova diz ela

O quê diz Imelda

Nova és nova cá diz Rose

Não diz Imelda Sou eu Rose A Imelda A Imelda do Paddy Joe

Oh diz Rose A Imelda do Paddy Joe

É isso diz Imelda Ouve Rose preciso dos teus conselhos

A outra rapariga era das Filipinas diz Rose

Não insiste Imelda Rose sou eu a Imelda A mulher do Dickie  
lembras-te do Dickie?

O Dickie morreu diz Rose Morreu numa floresta

Não esse era o Frank diz Imelda O Frank o irmão dele

O Frank e a Imelda vão casar-se diz Rose

Deixemos então o assunto diz Imelda que tenta assim não perder a  
compostura

No casamento diz Rose

Para diz Imelda

Vejo o sol E vejo

Para por favor

Vai aparecer um fantasma diz Rose Vejo o sol e vejo

Por favor Rose por favor! roga

A velhota volta-se para a janela Tem restos de comida na roupa As  
meias caem-lhe enroladas sobre os tornozelos Não sabe quem é Imelda  
Não sabe quem são aquelas pessoas Dickie Cass PJ Maurice Mike São  
apenas nomes que saltitam em seu redor como as bolas coloridas na  
tômbola da lotaria

Foi parva em pensar que aquilo iria funcionar Está pior cada vez que  
a visita No fim da visita do ano passado Imelda passou uma hora em  
choque dentro do carro no parque de estacionamento diante do lar Cass  
tentou consolá-la Está tudo bem mãe Ela está feliz É um bom sítio Não  
podia ficar em casa no estado em que está

Ela sabia que isto iria acontecer pergunta-se Imelda Será que o viu  
há muito tempo Que ia acabar sozinha com o roupão todo manchado de  
comida e rodeada de maus augúrios de há muito tempo sinais que nada  
significam

Insuportável A vida é uma coisa insuportável

Ela olha-a da cadeira de rodas

Os seus olhos cinzentos e baços assentam-lhe no rosto como moedas  
o queixo retraído está imóvel

Desta vez não trouxeste a tua filha diz ela

Não diz Imelda

Ela vai-se embora diz Rose

Sim diz Imelda Vai para Dublin Para a faculdade Na próxima  
semana

Vai ser difícil diz Rose É uma boa menina

Sim diz ou tenta dizer Imelda Rose levanta-se da cadeira de rodas e  
cambaleia até ao cacifo junto à cama de onde tira um lenço de papel que  
dá a Imelda

Dá-lho e permanece onde está ao lado de Imelda afaga-lhe a mão  
com a sua mão que mais parecem caniços atados uns aos outros como a  
cruz de Santa Brígida que tinha pendurada acima da porta de casa  
quando tinha ainda uma casa E num sussurro como se fosse vento a  
passar pelos caniços Ela vai voltar diz ela Vai voltar para junto de ti

Depois franze o sobrolho Pestaneja uma e outra vez como se não  
visse bem Não diz ela Não pode voltar E os ossos de caniços agarram de  
repente a mão de Imelda Com tanta força que Imelda solta um grito  
embora mais por medo de que se partam de que os dedos velhos e secos  
de Rose se partam Mas ela só a aperta com ainda mais força e eleva a  
voz Não pode Não pode! Repete estas palavras uma e outra vez até a  
enfermeira que deve ter estado à escuta aparecer à porta Como se estão a  
dar as duas?

Muito bem diz debilmente Imelda enquanto Rose boquiaberta lhe  
segura ainda a mão Tem os olhos esbugalhados como se se estivesse a  
afogar

Vá Sra Brennan diz a enfermeira Está na hora da sua sesta E vira  
com gentileza mas com punho firme a velhota agarrando-lhe os ombros

Deita-a na cama Começa a arranjar as almofadas e a coberta e Imelda dá por si escorraçada do quarto Não deliberadamente Parece um processo natural Está de volta ao corredor com o chão azul brilhante

As girafas têm a língua azul disse-lhe uma vez PJ

A porta está agora fechada Pela janelinha com rede vê Rose falar impetuosamente A anunciar todas as profecias que lhe eram dirigidas Todas as respostas às perguntas que nunca lhe fez Ditas ao ouvido da enfermeira que anui com acenos de cabeça sem lhe prestar atenção enquanto arranja a cama

Será que Dickie roubou aquele dinheiro Será Big Mike um mentiroso O que aconteceu ao meu pai Como se acaba com uma maldição

Seremos más pessoas Terei feito a coisa errada

O que vai ser de nós

# **A CLAREIRA**

## I

Porque dizem que até os bichinhos gostam?, perguntou o rapaz. Quando se referem ao ato sexual.

Dickie parou, confuso — embora estivesse confuso desde que ali chegara. Estás a falar comigo?, perguntou ele.

Se o usam como eufemismo, prosseguiu o rapaz, claramente não percebem muito de bichinhos. Os ritos de acasalamento dos animais são em geral muito complexos — até barrocos —, e que se saiba nem sequer dão muito prazer. Mas se calhar usam a expressão porque não sabem o que os animais sentem. Projetam neles os seus gostos. Achas que é por isso? Quando as pessoas dizem que até os bichinhos gostam, querem referir-se à parte mais aprazível do ato? À parte orgiástica? Porque não pensam na complexidade dos ritos de sedução que antecedem o ato sexual em todas as espécies?

Deambulavam por ali vários estudantes. Mandriavam pela calçada, que aquecera sob aquele sol fora de época. Ser-lhe-ia tão fácil juntar-se-lhes! Dizer que tinha um compromisso e largar a correr. Na verdade, nem precisaria de falar, bastando-lhe simplesmente acenar com a cabeça, como se lhe desse razão, antes de seguir caminho.

Mas não sabia qual a atitude correta a tomar. Não sabia como agir havia uma semana; sentia-se constantemente prestes a cometer um qualquer erro terrível, mesmo quando fazia algo claramente simples e sem azo a grandes interpretações, como deixar o casaco no bengaleiro ou atravessar, como há pouco, a praça. As coisas simples intrigavam-no e as conversas eram-lhe indecifráveis. Para começar, a cada faceta da vida no Trinity College correspondia um qualquer nome de código arcaico. A BATTERY era o bar, a Lecky era a biblioteca, o Período de Michaelmas era outubro, e ele era um Caloiro Júnior — até aí chegara

ele. Mas continuava a não entender muitas outras referências (Casa 6? GMB? 1937? DURNS?) e só percebia uma pequena porção do que lhe diziam. Pior: sentia-se completamente perdido mesmo quando lhe parecia que entendia os seus interlocutores, porque ali as pessoas tinham por hábito dizer o contrário do que de facto queriam dizer. Ele que as decifrasse! A ironia era a língua franca da universidade, impossibilitando saber se alguém estava a falar a sério ou a troçar do seu interlocutor.

Bastava tomar como exemplo aquele rapaz que o interpelara. Dickie não sabia se a sua linguagem absurda e a sua postura ridícula eram parte de uma qualquer encenação ou se o sujeito era mesmo assim; se estava a representar, restava saber se o fazia para ter piada, i. e., para indicar que ele era precisamente *o oposto* do que estava a representar, ou se pensava que assim o iria impressionar; neste caso, ou no caso de estar, com efeito, a mostrar o seu genuíno eu, restava saber se era em geral visto como uma aberração, ou se os outros estudantes ficavam impressionados e se, por conseguinte, Dickie também deveria ficar.

Ser-lhe-ia, em suma, muito difícil deslindar tudo aquilo naquele exato momento; devia ter continuado a caminhar, mas deu por si imobilizado pela pergunta e pelo olhar inquisitivo do jovem, como um marinheiro derrotado retido no fio da espada por um pirata aventureiro.

Pensemos, por exemplo, nas abelhas, disse o jovem, escusando-o pelo menos da necessidade de responder: os hábitos de acasalamento da abelha melífera demonstram na perfeição o que quero dizer. A rainha virgem — barroco que chegue para ti? — põe-se a voar e milhares de zangões tentam fazer sexo com ela. Milhares! Embora apenas cerca de uma dúzia a consiga montar. Cada zangão dessa dúzia salta-lhe em cima dez vezes — tudo isto acontece em pleno voo, já agora —, e quando finalmente se vai embora, deixa as tripas para trás. Tem um pénis

espinhoso que lhe é mutilado quando se afasta da rainha. Bem, dificilmente será *isto* que as pessoas têm em mente quando dizem que até os bichinhos gostam, não é? Céus, uma criança que ouvisse isto até podia ficar traumatizada para a vida inteira! Nunca mais ninguém faria sexo! A espécie extinguir-se-ia! Seria como o Japão!

O jovem era notoriamente feio. O seu cabelo tinha a cor e a textura do estofado de um dos antigos peluches de Dickie — uma espécie de bege que parecia não ter sido concebido para ver a luz do dia —, faces rubras e sobrancelhas pálidas dominadas por um par de óculos enormes e com armação de carapaça de tartaruga. Os olhos eram grandes e azul-cobalto; o nariz também era grande e arredondado, e tinha lábios curvos excessivamente vermelhos e bem definidos, quase como se usasse batom. Os lábios assentariam provavelmente muito bem noutra pessoa, pensou Dickie, mas, no seu caso, aquele fragmento de perfeição só exacerbava a sensação geral de caos.

Os lábios estavam de novo a mover-se. Em relação às aves, por exemplo, dizia.

Na banca seguinte, uma rapariga deteve-se para falar com dois rapazes sentados a um pequeno balcão amovível: houve uma breve troca de palavras, a rapariga deu aos rapazes uma nota de uma libra, assinou o nome numa lista e seguiu caminho. Todos pareceram satisfeitos. Porque não tinham sido eles a interpelá-lo, ao invés daquela aberração? O que queria ele de Dickie? Numa faixa acima da sua cabeça estava escrito, numa letra majestosa e um tanto antiquada, *Associação de História*. Dickie gostava de história e, mesmo que não gostasse, teria todo o gosto em juntar-se à associação, quanto mais não fosse para se livrar do rapaz. Mas o rapaz não parecia ter qualquer intenção de o convidar a associar-se.

A verdade é que a grande maioria das aves macho não tem pênis, disse ele. A fêmea tem de lhes extrair o esperma. Os machos limitam-se a exhibir a plumagem com a esperança de lhes chamar a atenção. A maioria nunca dá uma foda a vida inteira. Mas as aves que *têm* pênis, prosseguiu, tendem a ter gaitas colossais. Na Argentina, há um pato que, quando ereto, tem uma pila *mais comprida* do que o resto do *corpo*. Consegues imaginar uma coisa assim? Mas ninguém diz que é *abonado como um pato*, pois não? Porquê? Qual é a tua opinião?

Dickie abriu a boca e logo a fechou de novo. O calor subira-lhe dos pés pelo corpo acima e acumulara-se-lhe na cabeça, e como consequência sentiu-se súbita e veementemente impaciente com o rapaz, que parecia encarar Dickie apenas como um público com que podia experimentar os seus sofismas.

*Sofismas* — ora ali estava uma palavra que podia proporcionar a Dickie algum descanso se ganhasse coragem para a usar. *Basta de sofismas! Estes teus sofismas causam-me asco!* Isso mostrar-lhe-ia com quem estava a lidar! Isso mostrar-lhe-ia que Dickie não era apenas mais um dos néscios parolos da província que iam para a capital tirar o curso de Engenharia — pascácios que assistiam a palestras das nove às cinco no extremo do *campus*, viviam em estúdios e iam a casa todos os fins de semana para que as mães lhes lavassem as cuecas que transportavam numa fronha de almofada. Não! Dickie estava a estudar Gestão, o que significava que passava os dias rodeado de raparigas de Dublin que vestiam peças de caxemira e estudantes que tinham ido ali parar vindos da escola pública e que se pavoneavam no Bloco de Letras (na véspera, um deles tinha perguntado a Dickie, aparentemente com toda a seriedade — mas nunca se podia ter a certeza, não é —, onde é que ele *veraneava*).

Todavia, Dickie não sabia porque tinham incluído o curso de Gestão na Faculdade de Letras — a menos que fosse simplesmente mais uma das tradicionais perversidades do Trinity College; e a verdade é que ele vivia, com efeito, num estúdio e pretendia sem dúvida ir a casa naquele fim de semana e levar com ele a roupa suja. Ouvira pessoas rirem-se do seu sotaque nas poucas ocasiões em que falara, e vira-as olhar desdenhosamente para os seus sapatos (*Dubarry*) e para as suas calças (*Wrangler*) — peças caras, mas, ao que parecia, das marcas erradas. Ou seriam das marcas certas mas que usadas por ele realçavam ainda mais a natureza deslocada que lhe era intrínseca e formava parte da sua essência?

Fora estúpido de sua parte assumir que por não se integrar em casa se iria necessariamente integrar ali. O que era isso senão, no fim de contas, um sinal da ingenuidade de provinciano a que se julgava imune? O seu surto momentâneo de rebelião esmoreceu e as faces coraram-se-lhe de vergonha. Sentiu também comichão na ponta de uma narina e apercebeu-se de que, para seu desgosto, a borbulha que conseguira arrancar naquela manhã regressara com desejos de vingança.

O jovem fitava-o à espera da resposta a uma pergunta que Dickie, imerso na sua vergonha, não ouvira.

Desculpa, podes repetir?, pediu Dickie.

Qual dos dois és?, disse o rapaz. Uma ave ou uma abelha? Ofereceu-lhe um sorriso de boca aberta particularmente horrendo com que revelou duas fiadas de dentes amarelados e tortos. Dickie sentiu-se por um instante superior: tinha dentes bem alinhados graças a muito esforço — três anos de aparelho dentário — e não pôde deixar de ver a dentadura desalinhada do seu interlocutor como uma espécie de falha moral. Mas depois ocorreu-lhe, com pesar, que ter dentes tortos era provavelmente outro sinal de que se era chique, e que uma dentição bem alinhada

significava, pelo contrário, que se era burguês e vulgar. Atormentava-o pensar que teria pela frente mais quatro anos daquilo, e foi tanto a essa perspectiva quanto à pergunta específica do rapaz que respondeu: Qual o interesse de tudo isto?

Desculpa, o que disseste?, disse o jovem, deliciado.

Isto não é a Associação de História?, disse Dickie numa voz aguda enquanto apontava para a faixa da banca de que o rapaz estava supostamente a cuidar. O que é que isto tem que ver com história?

Pfff, história, troçou o jovem. Fez um gesto de desdém para com a magnificência isabelina que os rodeava. A história é só um par de cuecas. Despe-las e o que encontras?

Dickie não teve resposta. Os olhos do jovem, distendidos sob as lentes grossas, brilhavam de felicidade. A natureza, disse ele, respondendo à própria pergunta. Apenas a natureza. Sorriu com os seus lábios repulsivamente perfeitos e acrescentou como conclusão: E a natureza é simplesmente *nojenta*.

## II

O buraco tem quatro pés de largura e é tão fundo que quase cabe lá um homem. Cavam à vez — incluindo, no começo, PJ, embora Victor o afaste quando chegam a uma certa profundidade: se as paredes colapsassem, PJ seria enterrado vivo. De início, a terra era leve e estava solta, sendo constituída por pouco mais do que raízes e poeira. Agora, é escura e peganhenta e cola-se à pá. Dickie ou Victor cavam; PJ aguarda na borda do buraco que lhe entreguem o balde para o esvaziar.

O acesso à água é o primeiro requisito — e o mais importante — da autossuficiência. De acordo com os «Três três», um corpo pode aguentar três semanas sem comida, três dias sem água, três minutos sem oxigênio. Se tudo correr como esperado, não deve haver problema com o oxigênio. E pode-se armazenar ou procurar comida. O mais difícil é mesmo a água.

A medida de ouro é um galão por dia por pessoa, diz Victor, e isto só para beber e higiene mínima. Um galão equivale a cerca de quatro litros, por isso, para abastecer uma família de três pessoas durante duas semanas...

De quatro pessoas, diz Dickie.

Mas a Cass... diz PJ. A Cass vai-se embora.

Dickie manda-o calar-se e com um gesto assinala a Victor que continue. Para uma família de quatro, vão precisar de duzentos e alguns litros de água, diz ele. E isso só para duas semanas. Quem nos diz que as coisas vão estar a funcionar de novo passadas duas semanas?

E as cheias?, pergunta Dickie. Pensava que o problema seria haver demasiada água.

Vamos passar por extremos, diz Victor. Extremos de tudo. Seca seguida de inundações. A seca vai tornar as inundações piores, porque o

solo vai estar demasiado duro para absorver a chuva. Por isso, vai haver água por todo o lado, mas nada que beber, porque as cheias vão sobrecarregar o sistema de saneamento, e as águas residuais vão contaminar as condutas e as reservas de abastecimento. Se não houver eletricidade, as bombas e as estações de tratamento vão parar por completo.

Bem, conclui ele. Só há uma solução viável — um poço.

Foi Victor quem teve a ideia de abrir o poço à pazada. Para começar, era mais barato. Depois, havia que ter também em conta a logística: Victor consegue conduzir a carrinha quase até à clareira, mas um camião com equipamento já seria outra questão.

Em todo o caso, não querem atrair as atenções — pelo menos é o que ele diz. Esse é o terceiro motivo, e também o mais importante. Quanto mais perfuradoras e escavadoras se alugam, mais as outras pessoas vão reparar no que se anda a fazer. Mesmo que falem só com um sujeito no armazém de aluguer de material, é certo e sabido que esse único sujeito vai contar tudo ao patrão, que por sua vez comenta o caso com um amigo, e de repente a freguesia inteira sabe que um tipo qualquer está a abrir um poço de cinquenta pés na floresta para o caso de as coisas correrem mal. As pessoas hão de aparecer, isso é certinho. Mais vale enviar-lhes convites escritos à mão, diz ele.

*As pessoas hão de aparecer:* para Victor isto equivale ao pior cenário possível. Dickie não o refuta. Agrada-lhe fazer a obra com os menores custos possíveis — no fim de contas, não planeiam viver ali —, e abrir o poço à mão parece-lhe mais em sintonia com o espírito da empreitada. A intenção é, no fundo, fugir às máquinas e à tecnologia e fazerem alguma coisa com as próprias mãos.

No entanto, como é lento e difícil fazer algo tão simples quanto abrir um buraco na terra! Esquecemo-nos de como a terra é resistente, de

quanta se encontra compactada sob cada passo que damos. O terreno está fortemente solidificado por conta de meses de tempo seco e o calor é implacável. Ao fim de cada dia, os músculos de Dickie doem-lhe tanto que mal se consegue mexer, e adormece amiúde antes de o céu escurecer por completo; quando acorda — por norma antes da alvorada —, sente-se como que paralisado. Deixa-se ficar deitado à luz acinzentada que antecede o nascer do sol, com PJ ainda adormecido ao seu lado, e sorri à dor enquanto escuta o canto dos pássaros.

Num anexo, descobre um fogão e uma chaleira de campismo, bem como sacos-cama, colchões de ar e outro equipamento nunca usado até então. Na verdade, nem sequer se lembra de o ter comprado. A partir desse momento, cozinham no local da obra, e com isto evitam o confrangimento de abandonar Victor — Imelda deixou bem claro que não o quer voltar a ver, quanto mais preparar-lhe o almoço. Encontrou também uma tenda, mas ainda não a usaram. À noite, deitam-se aninhados lado a lado nos respectivos sacos-cama; acima deles, por entre o travejamento espinhoso e negro das copas das árvores, está o crepúsculo infundável — um azul profundo mágico polvilhado por um punhado de estrelas cintilantes. Parecem estar no fim do mundo, na orla do universo.

Como é que uma seca pode causar inundações?, sussurra PJ. Porque é que tudo o que acontece piora outra coisa qualquer?

Não lhe liguês, diz Dickie. É o que ele conta aos clientes para os convencer a gastar mais dinheiro.

A poucas jardas de distância, Victor está sentado num tronco de árvore. É apenas um vulto, excetuando o rosto iluminado de azul pelo ecrã do seu portátil. É assim que descontrai à noitinha: a limpar a sua arma enquanto vê especialistas em sobrevivência americanos mostrarem os seus *bunkers* e equipamento enquanto peroram sobre teorias da

conspiração. Por vezes, as suas vozes abrem caminho até aos sonhos de Dickie, que dá por si a sonhar com George Soros, alicates de cortar arame e promoções na Amazon Prime.

Imelda pensa que PJ não devia estar ali. Passa o dia todo a cavar no lodo contigo e com aquele chanfrado, diz ela. Não está certo. Devia estar a brincar com os amigos.

Ele não quer estar com os amigos, diz Dickie. Quer estar connosco. Está a gostar. E a aprender coisas.

Tipo o quê? A matar a porra dos esquilos a tiro? E que mais? A fazer bombas caseiras?

Marcenaria, diz Dickie. Não sabe ao certo o que quer dizer com isto, mas a palavra soa-lhe bem e inatacável. Seja como for, acrescenta ele com toda a inocência, é de maneira que não te incomoda.

Só voltou a casa para ir buscar fita adesiva, e saiu do anexo no exato momento em que ela descia do carro. Imelda sobressaltou-se e levou as mãos ao peito, como se já se tivesse esquecido de que ele vivia ali.

Como é que o *Touareg* se tem portado?, pergunta ele, e dá uma palmadinha no capô. Cuidou bem dele?

Oh, diz ela, gesticulando para indicar que o assunto é irrelevante.

Big Mike devolveu-lhe o carro num empréstimo de longo prazo: uma oferta de paz. Foi decente da parte dele, diz Dickie. Sempre adoraste este carro.

Ela suspira e aponta para o carro com o molho de chaves. As portas trancam-se obedientemente. Qual é o propósito disto tudo, Dickie? Já não tens idade para andar a brincar aos *cowboys* e índios. Quanto mais tempo vai isto durar?

Só nos estamos a divertir um bocadinho, diz ele. E estamos a fazer tudo a baixo custo. É tipo uma experiência para o negócio do Victor.

Imelda abespinha-se quando ouve o nome de Victor.

Não tarda o PJ já está de volta à escola, diz ele. Deixa-o apanhar ar fresco enquanto pode.

Imelda cerra os dentes e por um momento nada comenta. Depois, diz: O Maurice esteve cá à tua procura.

Oh, diz ele, e em seguida: Veio cá?

Disse que era suposto teres ido falar com ele, mas que não apareceste.

Ah, sim, diz ele. Era uma reunião muito informal. Ele disse qual era o assunto?

Imelda encolhe os ombros e olha para a biqueira do sapato.

Provavelmente não encontra um ficheiro ou algo assim, diz ele. É ridículo. Não me pode despromover e esperar que apareça quando lhe dá na gana. Ele não disse sobre o que era?

Ela olha-o com os seus olhos verdes.

Ridículo, diz ele.

Na clareira, encontra Victor sentado no tronco de árvore; um feixe de sol ilumina-o. Está a fumar um cigarro de enrolar e a beber uma chávena de chá. Gosta de deixar a saqueta de chá na chávena, e à hora do jantar a chávena tem já quatro ou cinco saquetas que ali se acumularam ao longo do dia.

Onde está o miúdo?

Victor aponta com a cabeça para as árvores. Dickie põe-se à escuta e ouve PJ disparar rajadas de balas imaginárias. Depois, senta-se ao lado

de Victor no tronco. Faz-se silêncio por um momento. Tudo bem?, pergunta Victor.

Dickie vira-se para o fitar. Os olhos de Victor têm uma lateralidade ovina — um está voltado para a esquerda, o outro para a direita. Por algum motivo, Dickie achou sempre este seu olhar ovino estranhamente íntimo, como se, ao invés de simplesmente ver, os seus olhos criassem uma atenção mais profunda, uma espécie de paz santificada.

Oh, o costume, diz ele. Ri-se sem vontade. É incrível, mas há sempre alguém à nossa procura, alguém que nos quer falar. Acho que não me livrava disso nem que me mudasse para aqui de vez.

Victor beberica chá e vira de novo o rosto para o sol. Então só resta mudares-te para ainda mais longe, diz ele.

Entende a preocupação de Imelda. Ninguém poderia acusar Victor de ser um dos melhores partidos da vila. Mal se lhe vê a pele do pescoço sob tantas tatuagens, e semicerra os olhos e detém-se a meio de quase todas as frases para cuspir para o chão. Tem ideias excêntricas. Fuma cigarros sem filtro, mas não bebe água da torneira por causa do flúor. Embrulha o telemóvel em papel de alumínio quando não o usa e põe a bateria numa saca de plástico com fecho que guarda noutra bolsa. Tem as pernas curvas e caminha aos sacões, como se tivesse o traseiro gelado. Quando eram pequenos, os filhos costumavam perguntar-lhe se Victor era um duende.

Contudo, ali, na floresta, todas essas bizarras parecem desaparecer. Ali, não parece desengonçado e disforme como entre pessoas civilizadas; as suas pernas curvas e os seus ombros descaídos parecem, na verdade, perfeitamente adaptados para trabalhar na floresta, como é óbvio quando abre buracos — dos quais entra e sai com um salto — ou

carrega sacos de gravilha desde a carrinha. Os seus olhos ininteligíveis escondem também uma vasta sabedoria prática: sabe usar um compressor de ar, consertar um telhado, filtrar água com uma meia de *nylon*. Consegue esfolar e assar um esquilo numa hora; numa só manhã, abre um buraco para uma latrina e monta uma antena para melhorar o sinal de *wi-fi*.

Mas Victor não se reduz a uns poucos conhecimentos práticos. Para Dickie e PJ, Victor parece quase uma espécie de feiticeiro com ligações profundas às forças primordiais. No primeiro dia de escavações, Dickie perguntou-lhe se a clareira seria de facto o melhor sítio para a experiência. O solo não lhe parecia sequíssimo?

Há água em todo o lado, disse Victor. Até no deserto do Saara. Só é preciso escavar o suficiente para a encontrar.

Certo, disse Dickie. Mas se vamos fazer tudo à mão... quero dizer... só conseguimos cavar até um dado limite...

A voz esmoreceu-lhe. Victor virou-lhe costas para vasculhar a caixa de ferramentas, de onde sacou o que aparentavam ser duas cruzetas de arame. Agarrou-as a ambas pelos ganchos, que distorceu e depois voltou a torcer até adquirirem a forma de um L. Estendeu-as a Dickie e pediu-lhe que segurasse na ponta mais curta das cruzetas com o punho cerrado.

A sério?, disse Dickie.

É assim que se faz há milhares de anos, disse Victor. Se fosse uma aplicação na merda do telemóvel, as pessoas não fariam outra coisa. Olhou de relance para PJ. Desculpa, disse.

Dickie pegou com relutância nas varetas. Não as apertes com demasiada força, disse Victor. Tens de as segurar com firmeza, mas sem ser à bruta. Abriu as mãos de Dickie, fechou-lhe de novo os dedos em volta das cruzetas — uma em cada mão —, e ajustou-lhe os braços, para

que os sustivesse rigidamente à sua frente. As mãos de Victor estavam, por seu lado, vermelhíssimas, como se houvessem sido cozidas e deixadas ao sol.

Tenta agora, disse ele. Vá, caminha.

Dickie olhou-o hesitante. Victor aguardou. Dickie cedeu.

De braços esticados e com as extremidades longas das varetas apontadas em frente, começou a atravessar a clareira com passos lentos e calculados.

Há água por todo o lado, repetiu Victor. E está sempre em movimento, sempre a tentar chegar ao mar.

Era cedo, mas fazia calor ao sol. Victor estava em tronco nu e um manto vermelho de queimaduras solares cobria-lhe o pescoço e os ombros. PJ observava-os, curioso, do tronco de árvore; Dickie sorriu-lhe com timidez para mostrar que aquilo não passava de uma brincadeira. Fazia de palhaço por sua livre vontade!

Todas estas árvores encontraram-na, disse Victor. Apontou para os sicómoros que os rodeavam. Lançaram as raízes bem fundo até encontrarem o aquífero. E com as pessoas não é diferente. Se tiverem raízes na terra, conseguem comunicar com ela. A terra quer que sobrevivam.

Ansioso por deixar de o ouvir matraquear, Dickie caminhou, acalorado e meio cego, para leste, rumo à luz. Aquilo começava a perder a piada e a ideia de existir água algures por ali nunca lhe parecera tão absurda...

Mas eis que as varetas viraram uma para cada lado, como portas duplas que se afastassem ao mesmo ritmo. Dickie estacou e olhou, incrédulo, para as mãos. As varetas, que antes se encontravam paralelas uma à outra, formavam então uma única linha.

PJ levantou-se do tronco com um salto e disse: Caramba... Fizeram isso por elas mesmas? Deixa-me experimentar. Fizeram isso por elas mesmas?

Dickie não disse nada. Continuou a olhar boquiaberto para as varetas alinhadas com a corrente invisível.

É aqui mesmo que vamos cavar, disse Victor, que se apressou a ir buscar as pás.

Dias depois, PJ ainda fala do sucedido. À noite, quando acabam de trabalhar, senta-se na borda do buraco e olha para baixo com expectativa. Quando acham que a água vai aparecer?

De acordo com o Victor, já não demora muito.

Antes que regresse às aulas?

Podes continuar a vir até cá depois de voltares às aulas, diz Dickie. Assim que terminares os trabalhos de casa. E ao fim de semana, é claro.

PJ não lhe responde. Custa-lhe a crer que o outono esteja à porta quando faz ainda calor suficiente para dormir ao relento. Dickie entrelaça as mãos atrás da cabeça. Por essa altura já nem nos vamos reconhecer, diz ele. Já estaremos quase prontos para viver aqui.

Para viver aqui?

Bem, tu sabes o que quero dizer.

No céu, a Lua brilha como uma espada. PJ vira-se no saco-cama; dá voltas e mais voltas como um animal que prepare o ninho para se deitar.

Quando eu e o teu tio Frank costumávamos vir cá, sonhávamos em ter uma base como esta, diz Dickie. No verão, passávamos o dia inteiro a explorar. Mas como acabávamos por ficar sem água, tínhamos de voltar a casa e mandavam-nos para a cama assim que nos apanhavam por lá.

Se tivéssemos um poço, quase não precisaríamos de regressar a casa, diz ele. Olha para o céu escuro e infinito.

Imagina só, diz ele.

Mas o filho está a dormir.

Na véspera da partida de Cass dão um jantar de despedida em casa. Após um longo martírio, Dickie serve-lhe vinho à refeição. Não é que vá ficar alcoólica à conta disto, argumenta com Imelda. Não vale a pena entrar em paranoia.

Mas Cass não quer vinho nenhum. Mal toca na comida que ele lhe preparou. É como se estivesse decidida a levar com ela o menos possível de casa, como se não quisesse arrastar nenhum peso morto.

O seu pai está invulgarmente silencioso e fita, macambúzio, a tigela com salada, de onde desvia o olhar apenas ocasionalmente para fazer perguntas presunçosas à neta. *E vais estudar os romances de Joyce no teu curso de Literatura? Gostei sempre da obra de Joyce.* É a primeira vez que Dickie o vê desde que ele lhe pediu para «fazer uma pausa», segundo as suas palavras, e se afastar da empresa. Maurice Barnes — que nunca se envergonha com nada do que diz ou faz, que se regozija com cada palavra e feito associados à sua ilustre figura — sentir-se-á mal por ter castigado o próprio filho? Ou passar-se-á outra coisa qualquer?

Depois do jantar, dão por eles a empilhar pratos junto ao corredor da loiça. É tarde e só a lâmpada do exaustor está acesa; à penumbra, Dickie ouve o pai respirar: a inspirar o ar pelas narinas e a insuflar o peito como quando se prepara para iniciar um discurso. Mas não há discurso nenhum, e no fim é Dickie quem quebra o silêncio.

Como correm as coisas por lá?, pergunta, referindo-se ao *stand*. Já resolveram tudo?

Oh, estamos no início, ainda é muito cedo, diz o pai, deitando restos de brócolo para o caixote do lixo. Havemos de lá chegar.

Como é que o Big Mike se está a sair?, insiste Dickie.

Ainda está a apalpar terreno, diz o pai, que continua a não olhar para ele. Mas é um sujeito muito capaz.

Bem, se quiseres que vá ajudar, é só pedires, diz Dickie.

Oh, é muito gentil de tua parte, diz em tom neutro o pai.

Não nego que aquilo esteja uma confusão, diz Dickie. Tive de dispensar o Gerard e de tratar eu próprio da contabilidade. A juntar a tudo o resto... Se precisares que te explique alguma coisa, basta dizeres. Não queremos que o Big Mike arranque os cabelos de desespero, pois não?

Pois não, pois não, diz o pai. Obrigado.

Parece falar com sinceridade e animar-se um pouco. Nesse caso, quando poderias passar por lá?

Bem, eu agora estou quase sempre disponível, diz Dickie, que aproveita para assim torcer um pouco a faca na ferida. Até posso passar por lá já amanhã.

Mas o pai recorda-lhe que amanhã tem de levar Cass a Dublin.

Ah, sim, é claro. Que estupidez. Morde o lábio. Bem, então e se for depois de amanhã? Para ver como estão as coisas?

Muito bem, muito bem, diz o pai.

Deixa estar esses, eu lavo-os, diz Dickie.

Muito bem, diz de novo o pai, que abandona a pilha de pratos na bancada. Pouco depois, aparece no pátio, onde fuma um charuto. Dentro de casa, Dickie vê-o a olhar o céu noturno e a contar as estrelas como um avarento que contasse as suas moedinhas de um cêntimo.

Há muito que anseia por ir de carro a Dublin — para que os dois troquem histórias e ele lhe conte coisas engraçadas que ela fazia em bebé, ou as suas próprias lembranças do tempo da faculdade.

Mas quando o dia chega, ela diz-lhe que não quer que a leve. Vai com Elaine; já está tudo combinado, diz ela.

Sabe que o melhor que tem a fazer é não se mostrar magoado. Em vez disso, aponta para a pequena montanha de caixas, aparelhos elétricos e peluches no fundo das escadas. Não vais conseguir meter isto tudo num só carro, diz ele. Pelo menos se lhe juntares as coisas da Elaine.

O pai dela vai levar o SUV, diz ela, como se isto por si só encerrasse o assunto. Mas Dickie mantém-se firme, coça o queixo, abana a cabeça e franze o sobrolho à pilha de coisas até ela, por fim, levantar os braços e desistir.

No carro, Cass não tira os olhos do telemóvel, de Kilcomery a Chalkstown. Ele até podia nem estar ali — Cass podia estar num táxi ou num autocarro. Quando a música no rádio para, e só para ter tema de conversa, Dickie começa a falar-lhe do *Bunker*.

Porque é que lhe chamas *Bunker*?, pergunta ela.

Não tem a certeza. Devo ter apanhado a expressão do PJ, diz ele. Ele andava a usá-lo como uma base para uma brincadeira qualquer. Também costumavas brincar lá quando eras pequena, lembras-te?

Isso foi há um milhão de anos, diz ela.

Bem, não interessa. Victor diz que se instalarem painéis solares no telhado e mais alguns na clareira, o *Bunker* pode autoabastecer-se de energia. E se arranjarem um depósito de chuva para regar os canteiros de legumes poderiam cobrir parte das suas necessidades alimentares. E podiam também fazer uma casa de adobe...

Ela solta um suspiro e olha do telemóvel para a janela. Depois vira-se para ele, olha-o com sinceridade, e diz: Quando voltares para o *stand*, o pai da Elaine vai ser teu *chefe*?

Ele e a filha chegaram a um ponto tal que ela só se sente feliz na sua companhia quando acha que o venceu de algum modo. Fazer coisas por ela, dar-lhe coisas, «estar lá» para ela — isso já não vale nada. Ela só se satisfaz quando pensa ter exposto alguma fraqueza do pai: uma prova da sua inutilidade, a revelação de um momento embaraçoso do seu passado, qualquer coisa que lhe sirva de munição no que ela acredita ser uma guerra permanente entre eles. Não importa que a guerra seja completamente unidirecional. Não aceita um cessar-fogo ou discutir os termos de rendição; só lhe permite relacionar-se com ela se o puder derrotar continuamente.

Já antes esteve zangada com ele. Quando era muito pequena, vivia em permanente fúria.

Tinha um fato de pirata e recusava-se a usar outra roupa, incluindo o fato de pirata de substituição em tudo idêntico ao outro que lhe compraram em desespero. Corria como uma louca pela casa — pela casa antiga, em Glenteelin — e brandia o seu sabre em expressões de uma fúria imensa. Durante algum tempo, Imelda fora a principal vítima da sua fúria, mas depois Cass virara-se para ele. Gritava sempre que ele descia as escadas: *Tu não! Tu não!* — e corria para o repelir. Durante meses, os seus dias começavam invariavelmente assim.

Antes de se tornar pai, imaginava que a relação com um filho se assemelharia a uma versão intensiva de se ter um animal de estimação. A criança, segundo pensava, era essencialmente passiva; um recipiente onde o pai vertia o seu amor por ela. Segundo a televisão, era o que

parecia suceder. Nos programas televisivos, as crianças eram pachorrentas e apáticas, e os pais entravam-lhes nos quartos, olhavam-nas com carinho e tapavam-nas com um cobertor sem as acordar.

Porém, descobriu que na vida real a parentalidade era como — ou era mesmo — viver com uma pessoa. Uma pessoa nova com opiniões e gostos fortes e mudanças repentinas e arbitrarias de humor, e que tudo isto era sempre direcionado para os pais. Estes é que eram os sujeitos passivos: amar e cuidar de um filho era essencialmente um trabalho de resistência que consistia em suportar as intermináveis tempestades violentas de uma vontade sem freios nem filtros.

Agora estão de novo em guerra. O *stand*, as discussões, a ansiedade interminável dos últimos dois anos: ela tem muitos motivos para se zangar. E a ele resta-lhe apenas suportar as investidas com a esperança de que a fúria acabe por passar. Como num antigo filme do Rocky, no qual Sylvester Stallone ganha porque o seu oponente se cansa de tanto o socar. Mas e se ainda nem sequer estiverem no ringue? E se ela já nem estiver lá para o socar? O que fazer então?

As raparigas arrendaram uma velha casinha de operário numa rua sem árvores não muito distante do rio. Elaine já lá está e cumprimenta Cass com um gritinho enquanto Dickie descarrega a bagageira. Por Cass, ele teria ficado ali, na rua, mas Elaine convida-o a entrar. Tem a postura de alguém que subiu de estrato social de um dia para o outro por meio de uma autorização superior ou de uma revolução. Como se ocupasse agora o lugar por que esperou em silêncio toda a vida. Tens aqui uma bela casa, diz-lhe ele. Boa escolha.

*Obrigada*, Dickie, diz com simpatia Elaine, deixando bem explícito que pouco lhe importa o que ele pensa.

Ele carrega as malas até ao primeiro andar. O quarto está limpo e é airoso, e a cortina abana ligeiramente.

Bem, diz ele. Espero que sejam muito felizes aqui.

Pois, diz Cass. Enfia as mãos nos bolsos. Obrigada, diz ela.

Tens uma vida nova pela frente, diz ele. Sabe Deus que passaste por maus bocados nestes últimos anos. Mas conseguiste. *Conseguimos*.

Olha-o com serenidade e de mãos ainda nos bolsos. Achas que podes fazer desaparecer tudo com um estalar de dedos, é?, diz ela.

Esta é a Front Square, diz ele. Convenceu-a a almoçar com ele antes de se ir embora; a caminho, passaram pelo Trinity, para que ele pudesse rever a sua *alma mater* e o local onde a filha começará a sua nova vida. Param à entrada da praça, ainda à sombra do arco que a une à rua.

Dickie lembra-se de que, mesmo em dias normais, passar por baixo do arco fora sempre, para ele, como transpor um portal — como se saísse de uma cidade e entrasse numa outra cidade situada no seu centro; num local de um passado puro e inalterado. No entanto, olha-o agora e é como se não tivesse decorrido tempo nenhum — como se a sua própria vida ainda ali estivesse, como se perdurasse, inalterada pela passagem dos anos, num presente que ressoasse eternamente. Leva as mãos às ancas. Bem, bem, diz ele.

Cass levanta o telemóvel e tira uma *selfie*. Na Semana do Caloiro, as associações montam as respetivas bancas na praça, diz-lhe ele. As associações de debate — a de Filosofia contra a de História, por exemplo, e as outras todas. Há associações de caiaque, ficção científica, todo o género de coisas. É porreiro, gera-se um belo ambiente por aqui. Quer dizer, presumo que as coisas ainda sejam assim.

O que é aquilo? Ela aponta para a torre cabalística no outro lado da calçada.

Chamam-lhe Campanário. É uma torre sineira. Quando ele estudava ali, uma lenda rezava que um caloiro que passasse por baixo dela no seu primeiro ano chumbaria nos exames.

Não, atrás disso, diz ela. Aquele edifício vermelho. Ele repara que ela não está a olhar para a torre, mas para algures atrás dela. São as Rubricas, diz ele, e sente a voz falhar-lhe, como se alguém tivesse baixado o volume do som.

O que são?, diz ela.

São só quartos, diz ele.

Quartos?, diz ela.

Sim. Quartos. Apartamentos. Onde vivem pessoas. Estudantes.

Era ali que moravas quando estudavas cá?

Sim, diz ele.

Podemos vê-los?

Não têm muito que ver. E acho que não podes entrar.

Contudo, Cass já caminha em direção ao edifício de tijolo vermelho. Ele corre atrás dela. Qual era a tua entrada?, pergunta ela.

Deixa-me cá ver, diz ele, fingindo não ter a certeza. Esta, acho eu.

Ela sobe as escadas e olha a porta e os milhentos botões de campainha deteriorados. Nem posso acreditar que viveste aqui, diz ela, pousando os dedos no tijolo vermelho-ferrugem; e ele tem a impressão de que não se trata de uma hipérbole, e que ela não consegue, de facto, conceber que ele foi outrora jovem como ela é agora, ou que nunca o concebeu até àquele preciso instante.

Foi há muito tempo, diz ele por dizer.

Como é que era lá dentro?, pergunta ela.

Ele ri-se. Parecia um buraco, uma autêntica gruta. Não estaria ao teu nível e ao da Elaine, acho. Ela continua de olhos postos no edifício, que contempla da campainha às janelas, e Dickie sente-se despedaçado: não quer falar daquilo, mas ao mesmo tempo tem, por fim, a atenção da filha. Sabe de algo que ela quer efetivamente saber. É suposto estar assombrado, diz ele.

Fita-o. A sério?

*Sim, a sério. Dizem que é o edifício mais assombrado de toda a Irlanda, sabias? De saída quando ele estava precisamente a entrar. O céu outonal, a pasta cheia de livros. Em que quarto estás alojado? Eu cá estou no segundo andar.*

Nunca vi nenhum fantasma, diz ele. Anda, vamos ver a Sala Comprida.

Ele começa a afastar-se, mas ela demora-se um pouco mais no último degrau, como se esperasse que a porta se abrisse.

A Biblioteca Antiga está cheia de turistas com panamás e sacos de compras com o símbolo heráldico da universidade. O passado à venda. Guia Cass e dá-lhe a ver as exposições nas suas vitrinas. De regresso ao exterior, Dickie sente-se de novo calmo.

Está na hora de almoçarmos, diz ele. Deixa-me ver se me lembro onde podemos ir.

Não tens de te lembrar, diz Cass, mostrando-lhe o telemóvel. Há tipo uns quinhentos cafés aqui à volta.

Há um sítio porreiro nas arcadas da George's Street — ou havia, diz ele. Vamos lá ver se ainda existe. Ela revira os olhos e atravessam de novo a praça. Quando se aproximam do Arco Frontal, ela diz: Achava que os estudantes não tinham direito a quartos dentro do *campus*. A Elaine perguntou.

No segundo ano, podes fazer um exame — o exame Schol, diz ele. E se tirares boa nota, dão-te quarto durante o tempo todo que passares cá.

Ela olha-o de soslaio. Devias ser esperto.

Bem... diz ele com um encolher de ombros depreciativo. Está prestes a elaborar quando lhe vê a expressão no rosto. Não quer ouvir falar do passado do pai, das suas experiências ali. Está a começar do zero e é a sua nova vida: que lhe importa saber que ele já ali esteve e se saiu bem para, no fim, acabar onde está e como está?

Agora deve ser tudo diferente, aposto, diz ele, e em seguida, num comentário mais geral: Vais divertir-te imenso por aqui. Não há nada como a excitação da cidade grande. Dá-lhe uma palmadinha e sorri. A nossa vila vai parecer-te minúscula quando voltares a casa. Enquanto fala, lembra-se — tarde de mais — que odiava quando as pessoas em casa lhe diziam aquilo.

Pareceu-te pequena?

Bem, quero dizer, não deixa de ser a nossa terra e a nossa casa, riposta ele. Espero que também te sintas sempre em casa por lá.

Terias voltado? Se o tio Frank não tivesse morrido?

É apanhado desprevenido e vira-se para a olhar. Foi sempre suposto ser eu a tomar conta do *stand*, diz ele. Foi sempre esse o plano.

Ela olha-o impassível. Na verdade, observa-o mais do que o olha. Como uma gata.

Se não tivesse voltado a casa, não te teríamos tido, diz ele.

Bem, parece que saímos todos a ganhar!, diz Cass.

Transpõem o Portão Frontal e regressam ao mundo real. Ele concentra-se deliberadamente no presente. Ora deixa cá ver, diz ele. Acho que a George's Street é por aqui...

Ela estica a mão para o puxar da berma no preciso instante em que uma mota passa por eles a toda a brida.

Oh, diz ele. Sim, é um cruzamento complicado, lá isso é, diz ele.

Cass fita-o um tanto boquiaberta; mantém o olhar fixo nele, e por um breve momento ele lembra-se de como ela o olhava em bebé — do olhar implacável com que lhe perscrutava todo o rosto, polegada por polegada, de maneira a obter informações. Agora, anui com um ligeiro aceno de cabeça. Foi aqui que tiveste o teu acidente, diz ela. No teu primeiro dia na faculdade; foi aqui.

Ele não responde e deixa-se tão-só ficar por ali, imóvel e subitamente exausto. Cass cerra os lábios. A evocação do seu famoso acidente faz desaparecer por completo quaisquer sombras que ele tivesse projetado. O dia está salvo: ela venceu-o de novo.

O sinal fica verde para os peões e vê-a caminhar à sua frente — satisfeita com o seu prémio — numa comunhão silenciosa com o telemóvel. A sua filha, um agente autónomo numa rua da cidade. Não me podes impedir de ter orgulho em ti, pensa para consigo. Depois olha cuidadosamente para a esquerda e para a direita, desce do passeio e segue-a pela Dame Street.

O que é que ela estará a fazer agora?, pergunta a PJ. Disse-lhe que telefonaria, mas ele pouco se fiou na promessa; e o facto é que não lhe ligou.

Vê o Facebook dela, diz PJ sem desviar os olhos do telemóvel. Ao fim do dia, filma sempre um vídeo sobre o avanço dos trabalhos, que publica no seu canal no YouTube. Dickie saca do telemóvel e caminha pela clareira até encontrar rede. A partir de agora, ser pai resume-se a isto, pensa: serei apenas mais um consumidor anónimo da sua marca. Faz *login*, depara com um mural cheio de *selfies* das duas raparigas a desfazerem as malas, a exibirem-se com as roupas uma da outra, a

prepararem o jantar na sua casa nova. Cass sorri ou ri-se em todas as fotos. Parece, ali, uma pessoa completamente diferente. A pessoa que quer ser, presume ele.

Depois abre a galeria com as fotos que lhe tirou no Trinity: vê-a nas escadas do edifício assombrado de tijolo vermelho, debaixo do relógio da universidade, no sítio onde ele sofreu o acidente. Nestas imagens, é a rapariga que conhece desde sempre — uma concentração furiosa, jocosa, tenebrosa de energia solícita. Pergunta-se se essa sua versão desaparecerá agora por inteiro, substituída pela rapariga sempre sorridente do Facebook; se daqui a não muito tempo olhará para esta foto e pensará *Isso foi há um milhão de anos*.

Pai? Estás acordado?

A clareira está imersa numa escuridão azul e ouve-se apenas Victor a roncar. Cheira a lixívia.

Sim, querido, estou acordado.

Pai. O seu sussurro tem um tilintar metálico e duro. Irão desinfetar o poço com lixívia. Para lá da clareira, a Lua desapareceu e a noite engoliu tudo. Pai, quem torceu as varetas?

As varetas?

Quando estavas à procura do aquífero com as varetas de metal, quem as torceu?

Ainda estás a pensar nisso?

Sim. Foste tu? Ou quem foi?

Vê o vulto do filho, mas a sua voz parece cair das árvores e pousar junto ao ouvido de Dickie como um macaco preto macio e ágil. Isso não significa que o corpo ao seu lado não seja real, como se fosse um

qualquer tipo de fabricação. Bem, foi a água, diz ele. A água subterrânea.

A sério?

Fiquei tão admirado quanto tu.

PJ cala-se e reflete sobre o assunto.

Pai?

É mais tarde. Está agora tudo negro, já não se veem as orlas da clareira. Não se ouve ninguém roncar — ou melhor, é como se os roncos tivessem desaparecido, como se quem roncava se tivesse evaporado.

O que é?

Há fantasmas aqui?

Fantasmas?

Sim. Aqui, na floresta. Há? Há fantasmas? Há coisas más?

Na escuridão, as árvores acercam-se deles, e por entre as árvores as trevas borbulham, para dentro e para fora, como a respiração de um animal vastíssimo e sem forma que se aproximasse cada vez mais, indetetável, para se pôr à coca e vigiar a pequena clareira e a minúscula barreira que ele nunca terminará — tem de repente noção disto, mas como? Porquê?

Não, diz ele, à noite de vigília. Não, não há aqui coisas más. Não, não há aqui fantasmas.

### III

Não foi um acidente. E não aconteceu no seu primeiro dia na faculdade. Estava no início do terceiro ano de curso e era, além disso, um *Scholar*. Na primavera, enquanto os seus colegas se enrolavam uns com os outros no Peg Woffington's e dormiam o dia todo para curar as ressacas, Dickie enclausurara-se na biblioteca, onde estudara para os exames Schol. Fora aprovado. Como recompensa, recebeu um apartamento no *campus* — teve direito aos seus «Quartos», segundo o dialeto do Trinity. O Q maiúsculo era, de longe, o que tinham de mais grandioso. Na realidade, ou Realidade, o seu quarto não passava de uma suíte suja com móveis que cheiravam a mofo e um tapete verde nojento a que, a ter em conta as marcas de queimado, um anterior inquilino tentara deitar fogo com todo o afinco. No entanto, após dois anos de um sofrimento atroz vividos entre os cachimbos de água e as coquilhas dos estudantes da sua residência, ansiava por um sítio só seu.

Isso significa que já não vens a casa ao fim de semana?, perguntou-lhe a mãe quando ele lhe contou a novidade.

É claro que não, disse ele. É certo que não seria obrigado a sair todos os fins de semana, como acontecia na anterior residência. Mas os poucos amigos que tinha voltavam para as respetivas terras à sexta-feira, logo após a última palestra. Dificilmente andaria a sós pela cidade só porque estava alojado nos Quartos. O seu novo alojamento era mais uma espécie de símbolo, como explicou à mãe: um sinal dos seus esforços. De qualquer modo, só se mudaria para lá em outubro, e primeiro ainda teriam o verão pela frente.

Quando estava na faculdade, ansiava por regressar a casa; mas as recordações que tinha da sua vila natal não correspondiam de todo à realidade. Tinha saudades das coisas mais ridículas, como rever a

lavandaria Suddz e o salão de jogos Dingo's, e quase chorava ao recordar pessoas que ele sabia — que ele *sabia* — não o suportarem. A noção de que gozaria férias em breve intensificava ainda mais estas ilusões. Quando falou com a mãe em maio, mal podia esperar por passar quatro meses em casa!

Mas em junho voltou de facto a casa e a ilusão evaporou-se assim que desceu do autocarro. Como se podia ter enganado tanto? O verão fora-lhe, ali, sempre odiável: detestava a obrigação de andar na rua e de *usar* o corpo, e os dias e as noites intermináveis com as suas ténues promessas de romance e de um sentido para a vida que nunca se concretizavam. Daquela vez, o pai tinha uma surpresa para ele: «reservara» — foi essa a sua expressão, como se se tratasse de um favor a Dickie — «algumas coisas para ele fazer», ou seja, Dickie passaria as próximas oito semanas ora em trabalhos físicos e duros — como, por exemplo, tirar de um pátio trezentos latões de ração de galinha estragada para preparar a abertura do novo *stand* na vila vizinha —, ora a inserir estupidamente dados no escritório, que não tinha ar condicionado, e onde estaria não só continuamente exposto às teorias pseudocientíficas de Maurice sobre a psicologia de venda de carros, mas onde também correria o risco de lhe pedirem ajuda na oficina. Dickie sabia que os mecânicos troçavam dele pelas costas, e Phil franzia-lhe sempre o sobrolho por ser filho do patrão.

As noites conseguiam ser ainda piores. No Coady's ou no Devine's, saltitava entre conversas aleatórias com os seus antigos colegas de escola, que lhe davam as boas-vindas a casa com comentários ambíguos: «Estás a ficar com o sotaque de lá de cima, pá», diziam, ou «Tens aí uma bela fatiota, deve estar na moda em Dublin». Ou com a frase preferida da maioria: «Agora a nossa vila deve parecer-te muito pequena.» Alguns conheciam o suficiente da universidade para troçarem

dela — oh, sim, o *Trinners* —, mas na verdade ninguém lhe perguntava ou falava sobre o que ele fazia por lá; ninguém sabia dos seus exames Schol nem estava minimamente interessado no facto de ele ter direito aos Quartos. Até os mais bem-intencionados, que tentavam ser simpáticos, se esforçavam, numa genuína tortura, em busca de algo que lhe dizer; tentavam ora um tema ora outro, como se experimentassem chaves numa fechadura. Depois ou admitiam a derrota e se afastavam, ou os rostos se lhes iluminavam e começavam a falar-lhe de Frank.

Sim, sim, Frank. Dickie apercebeu-se de que quando, na faculdade, tinha saudades da sua terra, se esquecia do pormenor fundamental da sua vida por ali: como os habitantes locais adoravam o seu irmão.

Os dois irmãos haviam sido sempre muito diferentes um do outro. Quando tinha sete anos e lhe perguntavam o que queria ser quando fosse grande, Dickie respondia sempre que queria ser padre. E falava a sério. Tinha memorizado a missa e recitava-a para consigo (mas em voz baixa, porque — pensava ele — em voz alta seria provavelmente pecado). Ajoelhava-se junto à cama horas a fio, durante as quais entretinha longas conversas telepáticas com Deus, que falava, na sua mente, numa voz grave e sonora, como um Darth Vader do Bem, e que o encorajava, com uma linguagem adequadamente bíblica, a praticar mais atos de santidade: HONRA OS TEUS PAIS E TAMBÉM OS TEUS PROFESSORES. Tinha comprado rosários com as suas economias e levantava-se mais cedo em dias de escola para rezar várias ave-marias, desfiando as contas dos rosários entre os dedos enquanto imaginava sentir a graça divina acumular-se-lhe na alma e uma luz cintilante iluminar-lhe o peito.

Quando lhe perguntavam o que queria ser quando fosse grande, Frank dizia que queria ser «criminoso», e todos se riam.

Dickie sentia-se a viver na sombra de Frank. Frank era o preferido do pai. Frank era o preferido de todos, exceto da mãe, que obviamente preferia Dickie apenas por pena, e cuja preferência não tinha, por isso, valor. Não era de estranhar. Frank era bonito e arrapazado, e tinha um rosto sincero e radiante, um narizinho revirado, sardas e dentes salientes. Tinha uma energia matreira: «Ninguém faz farinha com ele!», diziam as mães desesperadas que, no fundo, o adoravam. Estava sempre a meter-se em trabalhos — ora partia a vidraça de uma janela com uma bola, ora caía de uma macieira, ora atirava bombinhas contra a porta da casa da Sra. Ogle. Quando começaram a confessar-se, Dickie, que não tinha pecados, anotava listas inteiras dos pecados de Frank para que ele não se esquecesse de os contar ao padre. Mas o padre não se importava. Ninguém se parecia importar quando Frank fazia algo de errado. Abanavam a cabeça e diziam: «Ah, aquele Frank é mesmo *rapaz!*»

«E o Dickie também é muito bom menino», acrescentavam por vezes em jeito de conclusão, e davam-lhe uma palmadinha na cabeça. Dickie rangia os seus dentinhos e apercebia-se de que, no fim de contas, também tinha pecado, que Frank o induzira a cometer o pecado gravoso da inveja, o que por sua vez o levava a ranger ainda mais os dentes.

Ser bom menino não lhe valia de nada, como descobriu. Ninguém o amava por ser bom, excetuando — presumivelmente — Deus, e mesmo aí começava a ter as suas dúvidas. Na escola, enquanto Frank brilhava no campo de futebol, Dickie via-se trancado em cacifos e preso na retrete. Também lhe puxavam as cuecas para fora das calças, e muitas vezes empurravam-no, arrastavam-no pelas silvas e obrigavam-no a rebolar na lama. Não fosse por Frank e teria sido cem vezes pior. As pessoas gostavam de Frank e queriam que Frank também gostasse delas. Embora esmurrasse sem peias rapazes muito maiores do que ele, por vezes a sua presença bastava para os deter. Na verdade, nem sempre

tinha de aparecer. Dickie via-se amiúde estendido no chão com uma bota prestes a assapar-lhe a cabeça, e por mais do que uma vez ouviu alguém comentar com o dono da bota: Ei, esse não é o irmão do Frank Barnes? Faziam uma pausa para conferenciarem e por fim afastavam-se, deixando-o deitado na lama.

Ser salvo pelo irmão mais novo só contribuiu para lhe reduzir ainda mais a autoestima, e o pai deve, por fim, ter-se apercebido disso, porque meteu na cabeça que tinha de ensinar Dickie a lutar, ou «a defenderes-te a ti mesmo», como afirmou. Anos depois, Dickie ainda se arrepiava quando pensava naquelas lições: preferia levar mil tarefas a ter de passar de novo por aquilo. Acabara de fazer dez anos — ou onze? Lembrava-se de que era verão: não se podia refugiar nos trabalhos, e também não chovia. A tardinha prolongava-se por horas infindáveis, e depois de o pai chegar a casa e jantar, tinham ainda muito tempo para uma lição. No jardim, as azáleas estavam em flor e os mosquitos pairavam em volta delas como faíscas douradas. Anda lá, disse o pai na primeira lição. Vamos ver do que és capaz. Dickie, é claro, não era capaz de nada; o pai evitou facilmente o seu ataque frouxo e castigou-o com uma chapada na cara. Na verdade, foi mais uma palmadinha, mal lhe tocando: no entanto, para Dickie, foi como ser atingido por um raio. Sentiu-se estupefacto, violado, como se lhe houvessem arrancado uma armadura que não sabia ter. Quando ainda tonto, uma segunda bofetada atingiu-lhe a outra bochecha. E assim continuou, com o pai a saltar em volta dele — qual Muhammad Ali num ringue de boxe. Dickie, por seu lado, desferiu golpes e saltou e esmurrou o ar — sempre onde o pai não estava — até ficar exausto e cambaleante. O pai saltitava de um lado para o outro, dando ligeiras estaladas em ambas as bochechas, que estavam já molhadas com lágrimas: «As lágrimas não param os *bullies!*» — prás, prás, mais duas chapadas.

Já na altura sabia qual o objetivo do pai. Queria obrigar Dickie a ultrapassar as lágrimas, enfurecê-lo de tal maneira que se esquecesse dele próprio — para o fazer esquecer-se de que era desastrado e cobarde ao tocar-lhe numa veia de fúria pura e crua que ocultasse no seu íntimo. Mas Dickie não era capaz de se enfurecer e conseguia apenas esbracejar, desengonçado, num bailado hediondo de fracasso. E nunca lhe faltaram as lágrimas. Chorava sem parar até ficar num estado lastimoso e o pai não mais poder esconder o seu asco. Meu Deus, Dickie, dizia ele. Meu Deus, rapaz. E Dickie, face ao seu asco, chorava ainda mais, até a mãe — por fim! onde é que ela estivera metida? — sair de supetão de casa e perguntar, colérica, ao marido o que julgava que estava a fazer.

Sem esperar por uma resposta, conduzia um Dickie choroso de volta a casa e limpava-lhe a cara antes de o abraçar e consolar. Em seguida, levava-o para o quarto dos brinquedos, onde Frank assistia placidamente a *O Justiceiro*, e dava, a cada um, um saquinho de pintarolas de chocolate. Quando a mãe se ia embora, Frank dizia a Dickie, de sua livre vontade, que ele também podia comer as dele, se quisesse; e Dickie, ainda todo ele soluços e frêmitos, aceitava em silêncio as pintarolas de Frank e comia-as, também em silêncio, e olhava para o carro falante na televisão e sonhava em conduzi-lo para bem longe, para o deserto, com Frank atrás dele, transformando-se rapidamente num homem-formiga, depois num ponto, e depois em nada.

A ironia é que Frank adorava Dickie. Frank era provavelmente a única pessoa no mundo inteiro que admirava Dickie e teria feito tudo por ele. Até se voluntariara para lutar com o pai no seu lugar. Não era justo obrigar Dickie a lutar, dissera. Algumas pessoas não nasceram para lutar. Algumas pessoas são boas noutras coisas. Dickie descobrira isto mais tarde por intermédio do pai, que ficara encantado com o filho mais novo. «Vê só como o teu irmão é querido e gentil», dissera ele.

Era tão injusto! Qualquer pessoa seria gentil se fosse boa a desporto e bonita e os outros aplaudissem tudo o que fazia! *Todos os atos e comportamentos de Frank* eram analisados de acordo com o que as pessoas pensavam que ele era — um rapaz simples e corajoso que por vezes passava da linha por mera exuberância.

Houve um breve período de alívio. Frank jogava futebol quase desde que aprendera a andar, e todos diziam que tinha um talento inato para o desporto. Mas a natureza traiu-o a meio da adolescência. Chegada a puberdade, os seus companheiros de equipa começaram a ganhar robustez física, mas Frank não. Durante algum tempo, conseguiu compensar esta desvantagem de diferentes modos, mas por mais talento técnico e rapidez que tivesse, a verdade é que a dado momento já não conseguia competir com eles. As réplicas deste golpe duríssimo fizeram-se sentir durante toda a sua vida. As suas notas escolares, que nunca tinham sido brilhantes, caíram a pique. Começou a beber com outros proscritos num *pub* da vila que dava guarida a menores, e quando o pai pôs fim às bebedeiras no bar, Frank passou a ir para a floresta com o seu amigo Dolly — um caso perdido cujo único feito até à data fora começar a ficar calvo aos dezasseis anos —, para juntos fumarem ganza no antigo barraco.

Para seu prazer, este colapso coincidiu com o auge de Dickie, que nos exames de acesso à universidade obteve cinco vintes e dois dezoitos, resultados que lhe valeram uma menção no jornal local («*Este Rapaz é um Barnes, não um Burro: Mais um Grande Feito para a nossa Vila*»). Como lhe soube bem ser elogiado pelo pai e exibido ao irmão perdido como um exemplo a seguir. Quão bem lhe soube chamar Frank de lado antes de partir para a cidade grande e dizer, no mesmo tom plácido que Frank usara tão amiúde com ele, que as coisas haviam de melhorar. Partiu com a crença de que uma nova era teria início.

Contudo, a nova era acabou por se revelar em tudo idêntica à anterior. Também era impopular no Trinity, e a única diferença era que ali chamavam-lhe parolo e fode-ovelhas, em lugar de rato de biblioteca e protestante. E não demorou muito a receber notícias perturbadoras de casa: as hormonas de Frank tinham despertado do seu longo sono e instigado um pico de crescimento tardio e surpreendente. Pico de crescimento: quantas vezes ouviu Dickie esta expressão?

Quando Dickie regressou a casa no fim do seu segundo ano na faculdade, o irmão crescera quinze centímetros em dezoito meses; era então muito mais alto do que Dickie e a estrela da equipa local, que, todos alegavam, estava a ter a sua melhor época de sempre. Dickie optou por não assistir a nenhuma partida da equipa — pouco importava. A sua vida na vila natal parecia-lhe, mais do que nunca, um papel secundário e minúsculo no grande espetáculo de Frank. Uma vida asfixiante e hostil.

Ao chegar finalmente a altura de ocupar os seus Quartos e de começar o terceiro ano de faculdade, sentia que ultrapassara por completo as saudades de casa. A solidão da cidade já não o assustava — pelo contrário. Decidiu que agiria de outra maneira a partir de então. No primeiro fim de semana do semestre de outono, foi a casa como habitualmente, para celebrar o aniversário da mãe. Contudo, no fim de semana seguinte, e sem pensar demasiado no que estava a fazer, ficou em Dublin.

Às oito e meia da noite de sexta-feira — quando estaria, por norma, a descer do autocarro na praça central da sua vila, após suportar o martírio do engarrafamento à saída da cidade — estava a ler sentado à sua secretária nos Quartos. O sino tocou na torre próxima. Pousou o livro. A janela estava entreaberta e uma brisa entrava e circulava

especulativamente pelo quartinho como um cão de guarda que cheirasse, vigilante, as suas cercanias.

O ar parecia vibrar com uma energia estranha. Era outono, mas parecia primavera. E ele também sentia uma vitalidade estranha e invulgar — uma espécie de felicidade pífida. Perguntou-se a que se deveria tal sensação e logo percebeu o que se passava. Ocorreu-lhe pela primeira vez que ali *ninguém o podia ver*. Ninguém sabia onde estava nem o que estava a fazer. Achou esta ideia imensamente gratificante. Recostou-se na cadeira e inspirou e expirou com à-vontade. Depois, levantou-se da cadeira, vestiu o casaco e saiu.

Atravessou a praça, transpôs o Arco Frontal e os portões de ferro da universidade e ouviu o zumbido da cidade ao crepúsculo. Esperou pelo sinal verde — o cruzamento de College Green era complicado — e depressa passou pela charutaria, pela livraria e pela loja de *kebabs*. À volta dele, pessoas que não conhecia de lado nenhum riam-se e falavam enquanto percorriam a rua apinhada. Quatro faixas de trânsito, como um rio que corresse aos sacões e às buzinadelas; uma lua pálida pendia do céu azul, também ele pálido, e uma voz na sua cabeça dizia-lhe, enquanto caminhava: *Estás livre, estás livre, estás livre*.

Parou na George's Street para ver a montra de uma loja de artigos em segunda mão. A loja estava fechada, mas conseguiu ler, a custo, os títulos dos livros na parede ao lado. Estava assim concentrado quando o puxaram com brusquidão pelas costas. Virou-se, espantado, e deparou com um sorriso horrendo e familiar.

Estás à procura de um vestido de noiva em promoção?

Dickie ficou demasiado assolapado para pensar numa resposta à altura. Willie soltou-o. Anda daí beber uma cerveja, disse ele.

Oh, disse Dickie. Willie estava acompanhado de dois sujeitos — conhecia um de vista, da *Hist*, mas o outro, que usava barbicha e um bizarro colete roxo, era um completo desconhecido.

Anda lá, vamos, disse Willie. Não vais passar a noite de sexta à frente da Oxfam.

Está bem, disse Dickie, mas em seguida: Esperem lá... aqui?

Porque o pequeno grupo começara a caminhar e logo se detivera, poucas jardas adiante, diante de um *pub* com portas púrpura. Acima das janelas estava escrito, em letras douradas: *A Borboleta*.

Porque não?, disse Willie.

Dickie lançou um olhar desconfiado à porta, onde um porteiro de braços cruzados mascava pastilha elástica e olhava vigorosamente para o vazio. Ouviam-se, lá dentro, gargalhadas e gritinhos de alegria. Está bem, disse ele com um encolher de ombros. No entanto, quando estavam a entrar, uma mão bloqueou-lhes a passagem. Hoje só abrimos para clientes habituais, rapazes, disse o porteiro.

Willie recorreu de imediato aos seus poderes de sedução. Oh, foda-se, disse. Vimos cá todas as noites, caralho!

Isto dito, fez menção de passar pelo porteiro, que, embora inicialmente apanhado de surpresa, recuperou o suficiente a compostura para apontar para Dickie e dizer: Nunca vi este tipo por aqui.

Dickie deu prontamente um passo atrás e começou a insistir para que os outros entrassem sem ele. Mas Willie já se empertigara, esticando-se a toda a sua altura (que não era em si particularmente impressionante) e, furioso, disse ao porteiro que ele, Dickie, era um seu primo da Noruega que, vítima de um problema raro e possivelmente terminal no cérebro, tinha ido à Irlanda para conhecer ao vivo a famosa hospitalidade irlandesa. E tenho de lhe dizer que nos está a deixar mal, disse ele. Virou-se para Dickie e debitou uma algaraviada sem nexo de sons que se

assemelhavam só muito vagamente a palavras escandinavas. Em seguida, olhou para Dickie com expectativa. Pouco depois, Dickie soltou alguns sons débeis. Willie franziu o sobrolho e interpelou o porteiro. Ele diz que isto lhe está a agravar o problema no cérebro, resmungou.

O porteiro desviou o olhar e baixou a mão sem parar de mascar a pastilha elástica. Os rapazes entraram. Com o coração aos pulos, Dickie relanceou à sua volta com a sensação de ter atravessado ilegalmente uma fronteira dentro de uma carrinha. Deu por si numa sala de aspeto bastante comum, com bancos afixados ao chão e painéis de madeira em tudo idênticos aos que encontraria em qualquer *pub* da sua terra. Mas, no fim de contas, que esperava ver ali dentro? Homens com calções brilhantes montados em cisnes? Pederastas oleados a acariciarem motoqueiros vestidos de couro rodeados por torrentes de gelo seco e arcos-íris?

Não, não havia ali nada disso. Deparou com homens — nada mais. Alguns novos, outros velhos; alguns bonitos, outros não; alguns exuberantes, outros discretos. Todos eles conversavam amistosamente diante de canecas de *Guinness*. Uma sensação minúscula, irrisória, de desilusão desapareceu rapidamente sob uma onda de alívio. Conseguiria enfrentar aquele mundo. Voltou-se para Willie e apontou com o queixo para o balcão. Eu pago esta rodada. O que querem beber?

Céus, não vamos ficar aqui em baixo, disse Willie. Não vamos ficar no Parque Jurássico! Vamos mas é lá para cima.

Dickie não tinha reparado que havia escadas num dos cantos mais afastados. Era de lá que vinha o barulho. Desanimado, arrastou-se atrás dele até uma sala onde o tecno ensurdecedor se misturava com um miasma de gelo seco, suor, fumo e outros odores não identificáveis.

Tinha visto amiúde aquele rapaz, Willie, nos primeiros dois anos de faculdade. Toda a gente via amiúde Willie, porque — para espanto de

Dickie, tendo em conta que o sujeito era estranhíssimo e feio — Willie queria ser visto. Estava sempre a passear na Front Square ou na rampa de acesso ao Bloco de Letras; parecia nunca assistir a palestras. Mas o seu palco predileto para se exhibir era a Associação de História, conhecida como *Hist*, um dos dois honrados clubes de debate da universidade. (O outro era a Associação de Filosofia, conhecida como *Fil*.) Estes dois clubes constituíam o território feudal de um certo «tipo de estudante» do Trinity, de que Dickie se mantivera inicialmente ao largo. Já lhe bastava vê-los pavonearem-se no dia a dia académico sem ter de se submeter deliberadamente a mais figuras tristes. Contudo convidavam com frequência oradores muito prestigiados para os debates, e uma noite, no início da primavera do seu primeiro ano, Dickie decidira assistir a uma palestra de um político sobre o qual havia lido algo. Ficara até à discussão no final — fora-lhe impossível sair da sala — e desde então não perdia um só encontro semanal da *Hist*, no que se tornara quase um prazer pelo qual se sentia um pouco culpado. Culpado porquê? Porque os seus instintos tinham-se revelado completamente certos — a *Hist* estava totalmente contaminada por lambe-cus, como o seu pai lhes chamava. (Também lhes chamava irlandó-betinhos, vendidos aos ingleses e abortos de Oxford; o seu pai era um republicano fervoroso e tinha muitas reservas sobre Dickie estudar no Trinity, ou pelo menos sentia que devia ter muitas reservas.) No entanto, quando à quarta-feira assistia ao debate noturno num enorme edifício gótico, Dickie sentia-se — sem qualquer exagero — verdadeiramente enfeitado.

Ali, destilada e dignificada sob o teto alto da Câmara, estava a universidade como a imaginara. Os homens usavam *blazers*; as (poucas) mulheres, vestidos de gala. Todos os oradores eram brilhantes — cortesões e imperturbáveis, passavam sem esforço de resumos claríssimos do que decerto seriam toneladas de informação a insultos e brincadeiras

sagazes que trocavam sem cessar por todo o salão. Eram todos muito cultos e elegantes e, no entanto, muito indiferentes à sua cultura e à sua elegância. Dickie extasiava-se com o travo subtil a ateísmo que acompanhava os seus sotaques da escola pública e com a zombaria feroz e omnipresente com que se interpelavam, e regozijava-se na certeza de que o espetáculo seria incompreensível, simplesmente incompreensível, para as pessoas da sua terra.

E Willie era o mais prodigioso de todos esses jovens prodigiosos. Era ele quem mais sabia e o mais engraçado. A sua voz melodiosa e retumbante era, ao mesmo tempo, sonora e gentilmente autodepreciativa, tal como os seus discursos, peçados de citações, alusões e aforismos em latim, eram de certo modo eruditos e tímidos em simultâneo, e portanto quem os ouvia só se apercebia pouco a pouco da sua força, do seu brilhantismo; era como beber, muito lentamente, aguardente de um copo de vinho. Naquele ambiente, até a sua fealdade adquiria uma nova perspectiva, conferindo-lhe uma espécie de porte aristocrático, seriedade e autoridade, como se a beleza e frivolidades quejandas não fossem dignas dele.

Naquela noite, na primeira noite, a moção era *Esta Família Deve Ter Filhos*. O orador anterior, um rapaz indiano, falara com tamanha eloquência e paixão sobre a ascensão económica da sua pátria, onde a chegada de um novo filho constituía um sinal de esperança até nos bairros de lata mais pobres, que Dickie, comovidíssimo, tivera a certeza de que aquele era o argumento vencedor e constituiria a palavra final acerca daquele assunto.

Foi então que Willie se levantou.

Demorou algum tempo a literalmente pigarrear, folheando as suas notas com um ar de espanto, como se não estivesse à espera de falar. Quando por fim falou, fê-lo num tom coloquial, informal, pelo menos no

início. Referiu um sujeito chamado Malthus e falou de uma tal armadilha malthusiana; em seguida disse que não era tanto uma armadilha, mas antes uma miragem, e que o próprio Malthus era um factótum ao serviço dos conservadores religiosos. (Sim!, pensou Dickie, que no entanto também pensou: Quem é o tal Malthus? O que é um factótum?) Os seus respeitáveis amigos, disse Willie, fazendo um gesto para assinalar o lado da oposição, haviam dito repetidamente que ter filhos era um direito fundamental. Mas a ideia de se ter um direito não passava de uma história da carochinha que os ricos contavam uns aos outros para dormirem descansados nas suas mansões estilo Tudor. (Todos se riram com este comentário, por motivos desconhecidos a Dickie.) Os pobres têm direitos!, bradou ele num tom zombeteiro. Não têm casa, mas têm direitos! Não têm que comer, mas têm direitos! Podem ficar descansadinhos, porque eles, lá nos barracos deles, têm direitos consagrados por lei!

A voz do rapaz chispava de fúria. O público gritou-lhe vivas. Mas em seguida acalmou-se, ficou melancólico. Na verdade, os direitos são-nos — como as pessoas dizem sobre os filhos — apenas emprestados. Se se tornarem demasiado inconvenientes para os poderosos, os ditos direitos podem ser revogados de imediato. E isso é em Hants!, disse ele, o que gerou mais gargalhadas para as quais Dickie não encontrou motivos. Nos outros sítios, como, por exemplo, nos bairros de lata da Índia, que o meu amigo erudito — indicou com um gesto uma vez mais um ponto algures numa das alas — explorou tão minuciosamente, esses direitos bem que podem ser considerados como outra miragem...

Perante isto, o rapaz indiano da equipa contrária gritou que claramente passara demasiado tempo no deserto para ter tido todas aquelas miragens. Willie respondeu que, embora não o desejasse dizer, a verdade é que achara o argumento do seu respeitável amigo uma espécie

de deserto, durante o qual ele fantasiara ou alucinara que estava num bar bem abastecido de cerveja e com tampões nos ouvidos, ao que o primeiro homem respondeu que parecia muito improvável que o orador, com ou sem direitos, viesse de qualquer modo a ter filhos; que todos sabiam que género de bar o orador preferia e também, já agora, que género de tampões, comentário que originou vaias e apupos da plateia. Willie aguardou imperturbado até a sala se acalmar um pouco e respondeu então que era fácil compreender o porquê do interesse do seu honrado amigo pelo bem-estar das crianças dos bairros de lata da Índia, uma vez que as fábricas que o seu pai tinha em Bangalore necessitavam de um grande fornecimento de trabalho infantil, o que por sua vez — e começaram-se a ouvir de novo vaias e apupos — era necessário para pagar a mansão estilo Tudor do seu honrado amigo, de momento em construção, como tinham visto na última edição da *Tatler*, lado a lado com a do seu pai, em Brockenhurst, Hants — Hants! Exclamou ele, e de novo, como uma espécie de grito de incentivo, Hants! — e foi então que a sala entrou em completa anarquia e o moderador bateu com o martelo e gritou *Ordem! Ordem!* com um grande sorriso na bocarra, enquanto o honrado amigo apontava para Willie e gaguejava o que eram provavelmente ameaças que, contudo, no meio da barulheira, ninguém conseguiu ouvir, enquanto Willie aproveitou a pausa na discussão para beber um pequeníssimo gole de água do seu copo...

Dickie, que pouco entendera de tudo o que ali tinha sido dito, aplaudiu deliciado: sentia-se como uma criança se sentia no circo ao ver o cuspidor de fogo, o atirador de facas, a rapariga que se punha de pé no dorso de um pónei a galope, ou seja, estava encantado, admirado por tamanha demonstração de perícia. Sim, ali estava finalmente a vida adulta em toda a sua teatralidade e crueldade.

Na recepção que se seguiu ao debate, agarrou num copo de um vinho branco cáustico alegadamente feito em casa por um dos membros do clube. Ali perto, o rapaz indiano discursava para um pequeno grupo, fingindo-se descontraído, como se fazer figura de idiota estivesse de antemão nos seus planos. Um sujeito com sotaque inglês interpelou Dickie por nenhum motivo em particular e começou a falar-lhe sobre os democratas-liberais. Depois Willie passou por eles e, com uma ousadia que o surpreendeu a si próprio, Dickie pediu desculpa, interrompeu a conversa e inclinou-se para lhe dar uma palmadinha no braço.

Só queria dizer, disse Dickie, que gaguejou quando a sua nova confiança desapareceu de repente, só te queria dizer que estiveste bem. Os olhos azuis do rapaz fitaram-no como insetos iridescentes e raros debaixo de uma lupa. O seu olhar refletia toda a sua inteligência; era intimidante, e, contudo, Dickie sentia-se excitado diante dele — excitado por a inteligência o fazer sentir assim.

O rapaz aceitou o elogio com um aceno de cabeça um tanto indiferente e fez menção de seguir caminho.

Já nos cruzámos antes, disse Dickie. Na Front Square. Falaste-me de vespas.

De *vespas*? O rapaz olhou-o estupefacto.

Ou abelhas, acho que foi isso, corrigiu-se Dickie. De abelhas, sim.

*Abelhas?*, repetiu o rapaz no mesmo tom de incredulidade.

Sim, sobre os seus, hã, hábitos de procriação, disse lugubrememente Dickie.

Ah, sim, já me lembro, disse o rapaz. Mas era óbvio que não se lembrava, era óbvio que não fazia ideia de quem era Dickie. Certamente não parecia achar que tivessem nada mais que dizer um ao outro. Apareceu então outra pessoa qualquer, com quem começou a falar sem

apresentar Dickie, que por sua vez se esgueirou até à porta e saiu para esperar, ao frio, pelo autocarro.

Sabia que havia em Willie um qualquer elemento que não compreendera, algo que fazia parte dele e que não era exatamente a sua inteligência. Tinha, é claro, ouvido as provocações dos outros estudantes, mas não fizera a ligação. Na sua terra, toda a gente chamava maricas a toda a gente; se se deixasse cair o lápis na sala de aula, era-se maricas; e se se comesse a marca errada de bolachas, também se era maricas. Chamavam a Dickie maricas desde os seus dez anos, mas ninguém achava de facto que ele *era* maricas, ou que qualquer outra pessoa na vila o fosse. A existência de homossexuais tinha, a seu ver, o mesmo carácter transitório das bandas dos vídeos da MTV: não duvidava de que existissem em termos ontológicos, mas acreditava que o seu mundo nunca, mas nunca se cruzaria com o deles.

Não se lembrava do exato momento em que descobrira que Willie era um deles — que era gay, um gay; talvez não tivesse existido nenhum momento preciso, talvez o tivesse descoberto por uma espécie de osmose cultural. Assim que descobriu a verdade, apercebeu-se de que era óbvio: Willie não escondia de todo a sua natureza, embora Dickie não soubesse com quem é que ele a punha em prática, se com alguém. Ele era tão feio que lhe custava acreditar que alguém se pudesse sentir suficientemente atraído para dormir com ele, para além de simplesmente não conseguir imaginar um homem a amar outro homem.

Após descobrir isto, reparou que tinha uma ideia diferente de Willie. Não num mau sentido, porque ele não o repelia. Sentia, ao invés, um género de compaixão, como se a sua homossexualidade fosse uma fraqueza, uma deficiência. A inteligência de Dickie constituíra amiúde um fardo semelhante na sua terra natal. Isto tornava Willie menos intimidante, a ponto de Dickie os conseguir inclusive imaginar como

amigos. Continuou a assistir aos debates e, enquanto observava Willie a discursar no pódio, imaginava-se a participar na conversa com um qualquer comentário inteligente de sua parte, e Willie a olhá-lo agradavelmente surpreendido. Nunca o fez, é claro. Permaneceu, para Willie, apenas um dos sujeitos anónimos que, sentados nos bancos, esperavam que os atordoasse com a sua inteligência.

Mas depois fez o exame Schol no fim do segundo ano e teve direito aos seus Quartos, e numa manhã de outono, pouco depois do início do terceiro ano, enquanto Dickie vasculhava o bolso em busca das chaves, a porta do seu edifício abriu-se e deparou com Willie. Oh, és tu, disse ele.

Sim, disse pateticamente Dickie. Apesar da sua amizade imaginária, considerava ainda que a inteligência de Willie constrangia a sua própria inteligência, o que fazia com que parecesse mais estúpido do que na verdade era.

Vives aqui?, perguntou Willie, apontando para trás com polegar, e depois, antes que Dickie conseguisse responder casualmente *Sim, e tu?*, acrescentou: É um buraco horrível, não é? Acima deles estendia-se um daqueles céus de outono perfeitos que só raramente agraciavam a cidade com um azul-prateado brilhante e desprovido de nuvens, contrastando com a folhagem dourada e vermelha das árvores, que mais pareciam iluminadas por dentro. À volta deles, as folhas caídas rodopiavam sobre as pedras da calçada em sacões súbitos, como debutantes que girassem nos braços embrutecidos do vento.

Em que quarto estás alojado? Eu cá estou no segundo andar.

Dickie disse que estava no último andar, e Willie disse que esse quarto era o que estava assombrado. Sim, a sério, disse ele. Dizem que é o edifício mais assombrado de toda a Irlanda, sabias?

Dickie disse que não tinha reparado em nada de invulgar, conquanto se tenha lembrado nesse instante das marcas de queimado no tapete.

Teriam talvez a função de espantar os fantasmas? Ou teriam resultado de um *sabat* de bruxas? Um *sabat* muito pequeno?

Bem, se te assustares noite alta, estás à vontade para desceres até ao meu quarto, disse Willie.

Tens o quarto cheio de crucifixos? disse Dickie.

Não, mas tenho uma cama de casal, disse Willie.

Dickie gaguejou e transformou o embaraço numa gargalhada para mostrar que percebera a piada, que não era um puritano. Sabia que aquilo não significava nada, era apenas o género de comentário provocador em que Willie era especialista. Sorriu e passou por ele em direção à porta. Ao entrar, disse que teria aquilo em consideração.

O primeiro andar da Borboleta era diferente do andar de baixo; muito diferente. Atravessou uma pista de dança apinhada de homens que na sua maioria estavam em tronco nu e a exhibir peitos desnudos, bronzeados e musculosos que esfregaram, húmidos de transpiração, em Dickie quando passou entre eles. As paredes eram pretas. O ar estava sobrecarregado de químicos e vibrava com música eletrónica um tanto lasciva e com a voz de uma mulher que cantava *Cu! Cu! Dá-me cu!* Dickie manteve os olhos fixos na nuca de Willie até chegarem a uma mesa. Ao seu lado, dois homens beijavam-se vigorosamente, de tal maneira que Dickie lhes via as línguas, que pareciam lesmas cor de carne que lutassem uma com a outra. E depois um olho abriu-se e um dos homens fitou-o — Dickie virou-se rapidamente no seu assento. *Quero foder-te o cu!* Isto hoje está calmo, comentou Willie.

O outro rapaz da *Hist* e o desconhecido com o colete reapareceram com quatro canecas de *Guinness*; sentaram-se e entabularam uma conversa de que Dickie só ouviu pequenos fragmentos, mas que parecia

ser sobre pessoas que eles sabiam ter sífilis. Enquanto bebia a sua cerveja, Dickie começou a acalmar. Aquele sítio era também ele uma espécie de circo, pensou, um circo caótico em que todas as atuações tinham lugar ao mesmo tempo. Todos participavam do espetáculo e se esforçavam por se impressionar uns aos outros. O facto de não intervir na atuação fazia-o sentir-se excluído, mas também estranhamente poderoso, e até, uma vez mais, ter um pouco de pena pelos desgraçados que saltitavam à sua volta, pois eram pessoas mais estigmatizadas do que ele. Decidiu abordar aquela noite como uma experiência antropológica e olhou à sua volta com uma expressão cuidadosamente neutra. Ali, havia também mulheres, como se apercebeu — mulheres que se vestiam como homens, mulheres que pareciam homens. Havia também homens vestidos de mulher, mas estes eram muito menos discretos do que as senhoras que se vestiam de homem: usavam peitos exageradamente grandes e pintavam-se e aperaltavam-se de forma demasiado vistosa, como se fossem bonecas aberrantes. Dickie não percebia como é que alguém queria ter aquele aspeto ou podia sequer desejar algo tão falso. Parecia uma espécie de piada interna um tanto elaborada, do género das que lhe tinham feito com muita frequência nos primeiros meses no Trinity, quando as pessoas diziam coisas que não queriam dizer de verdade de maneira a sugerir o que queriam de facto dizer. Mas ali não se ficavam pelas palavras; não, ali também agiam, e isso via-se no modo como se vestiam, falavam e se mexiam.

Willie parecia conhecer toda a gente. Um fluxo constante de pessoas — de homens — aproximava-se para lhe falar, e todos eles se deram ao trabalho de perguntar a Dickie como se chamava, de onde conhecia Willie e por aí fora. Aqui são todos muito simpáticos, comentou ele a Willie.

Sim, é raro termos aqui carne fresca, respondeu Willie. Se jogares bem as tuas cartadas, podes ser o sabor do mês até ao Natal. Riu-se ao ver a expressão de Dickie.

Estou a brincar, disse ele, dando-lhe uma palmadinha na coxa. É um bom bar para tomar uma cerveja à noite, só isso.

Um homem com cabelo loiro-oxigenado e cortado à escovinha e olhos carregados de rímel deixou-se cair com estrondo no banco à frente deles e começou a falar efusivamente com Willie. Dickie aproveitou a oportunidade para vestir o casaco. Estava na hora de se ir embora. Mas primeiro precisava mesmo de ir à casa de banho, parecia-lhe que não poderia esperar até chegar aos seus Quartos.

Para lá chegar, teve de se esforçar para atravessar uma vez mais a pista de dança. Sem Willie para o guiar, a deslocação foi muito diferente. Corpos transpirados roçaram-se nele, molhando-o; foi empurrado, agarrado, e um homem meio nu saltou-lhe ao caminho e começou a agitar a pélvis, com as mãos atrás da cabeça, enquanto ao mesmo tempo alguém lhe sussurrava ao ouvido algo que ele não compreendeu, e que poderia nem sequer ser uma palavra, mas apenas um arrote húmido. Estava agora a ver como eram de verdade, pensou soturnamente. Afastou um braço, libertou-se do gelo seco, empurrou a porta e seguiu o sinal, percorrendo um corredor e passando por umas escadas até transpor uma outra porta onde estava assinalado *Senhores*.

Quando entrou, a primeira coisa que sentiu foi o fedor: um odor acre e químico que se sobrepunha ao habitual fedor das casas de banho. Depois, ouviu os gritos: os gritos tristes e desesperados de um homem. Vinham de um dos cubículos. Dickie perguntou-se se devia chamar a segurança, porque pelo barulho parecia que alguém estava a ser atacado com violência. No entanto, os vários homens postados diante dos urinóis ignoravam por completo a berraria — nenhum parecia

minimamente perturbado com o que ali se ouvia. De repente, o homem dos gritos suplicou o mais alto que pôde, com todas as suas forças: *Fode-me! Fode a minha cona de homem!*, e a porta do cubículo rangeu repetidamente, como se lhe desferissem estocadas — *tac, tac, tac* — e tornou-se demasiado óbvio — até para Dickie — o que estava a acontecer. Uma flor de vergonha desabrochou dentro dele, abrindo caminho pelo seu corpo para irromper, com uma onda de calor, na sua cabeça. Ficou, ao mesmo tempo, furioso por ser ele quem se sentia vexado naquele antro de desavergonhados! Esforçou-se por mijar mais depressa e, de olhos postos no ralo entupido do urinol, pôs as mãos em volta da genitália, para a proteger. Parecia-lhe que nunca mais acabava de mijar. Quando finalmente acabou, deu um passo incerto atrás, correu o fecho *éclair* e saiu da casa de banho o mais depressa possível e sem lavar as mãos.

Parou no corredor, entre a porta da casa de banho dos Senhores e a porta que dava acesso ao bar. Queria acima de tudo ir-se embora, mas não conseguia imaginar-se a atravessar de novo a pista de dança. Viu-se tomado por uma onda de repulsa. O que estava a fazer ali? Porque tinha ido até ali? Como se deixara envolver com gente tão reles? Uma janelinha dava para a rua. Dickie aproximou-se dela e olhou, com a visão um tanto turva, para a cidade. Como era bonita! Como invejava as pessoas vulgares que estavam a passar a noitinha com toda a normalidade! Como seria feliz quando se lhes reunisse de novo! Assim que saísse dali, juraria nunca mais regressar àquele sítio e nem sequer voltar a caminhar naquele lado da rua. E também nunca mais voltaria a falar com Willie Laughton, que era quem tinha a culpa daquilo tudo!

Mas como fugiria dali? Como sairia do *pub* sem ser visto? E se alguém o reconhecesse? De súbito, esta preocupação adquiriu contornos de filme de terror. E se alguém da sua vila natal estivesse a passar na rua

no preciso instante em que saísse dali de dentro? E o visse e contasse tudo ao seu pai? Era uma ideia tão horripilante que suplantou tudo o resto. Parecia-lhe sentir já a repulsa do pai — a sua incompreensão, a sua vergonha — e sabia que preferiria morrer a enfrentá-lo. Sim, literalmente morrer. Teve, contudo, de súbito uma ideia estapafúrdia: se olhasse de novo pela janela, veria o pai descer a rua, passar pelo porteiro, subir as escadas a toda a brida e abrir aquela porta para o levar pela mão e, afastando os sátiros da pista de dança, o conduzir em segurança até ao exterior...

Atrás dele, a porta da casa de banho dos Senhores abriu-se e uma voz disse: Bem, aquilo foi um bocadinho excessivo.

Estava a falar com Dickie? Virou-se para trás. Deparou com um sujeito com uma camisola de futebol gaélico; estava a coçar a cabeça. Quero dizer, cada um sabe de si, disse ele. Mas... Não sei... *Fode a minha cona de homem?*

Tinha um sotaque carregado que Dickie presumiu ser de Kerry, porque estava a usar as cores do condado. Era pouco mais alto e dois ou três anos mais velho do que Dickie; tinha um rosto arredondado e sincero, olhos castanhos e cabelo curto e escuro. É Dublin sem tirar nem pôr, disse ele. Não se pode dar uma mija sem que um tipo qualquer nos venha gritar ao ouvido que temos o seu buraco das ferramentas à disposição.

Dickie riu-se, apesar das circunstâncias.

De onde é que és?, perguntou o jovem. Dickie disse-lhe o nome da sua vila natal. Ah, sei onde é, conheço bem a tua terra!, disse ele, com um sorriso de reconhecimento. Como é que se chama aquele *pub* na praça principal — Coady's, não é? É um belo bar. Abanou um pouco a cabeça. Bem, meu rapaz, isto aqui não tem nada que ver com o Coady's. Nem pouco mais ou menos... Boa sorte.

Seguiu em frente e depois parou à porta de acesso à pista de dança e disse a Dickie: Olha lá, queres sair daqui e ir beber uma cerveja noutra sítio qualquer? Tipo, não levo a mal se não quiseres, mas já não aguento isto.

Dickie sorriu e disse: Quem sai daqui bem que precisa de tomar um copo, sem dúvida.

Ótimo! Olha, só tenho de ir ali buscar o meu casaco. Vemo-nos lá fora daqui a um minuto? Chamo-me Sean, já agora. O jovem deu um aperto de mão a Dickie e desapareceu na multidão.

Dickie viu Willie na mesa a conversar por trás dos muitos corpos que se contorciam reluzentes de transpiração. Não lhe apeteceu, de todo, despedir-se.

Em vez disso, baixou a cabeça e investiu contra a turba na pista de dança e depois desceu as escadas, passou pelo balcão no rés do chão — com o seu ar enganador de normalidade — e saiu. Não parou quando chegou à rua; afastou-se brusca e decididamente da porta do bar e começou a caminhar. Percorreu cerca de vinte jardas antes de estacar diante de uma loja de instrumentos musicais.

Fingiu examinar os instrumentos na montra enquanto lançava olhares de soslaio à rua. Não tinha a certeza, mas pensava que não o tinham visto sair. Estava excitadíssimo. Escapara! Se voltasse de imediato para os seus Quartos, seria como se aquilo nunca tivesse acontecido. Mas então e Sean? Iria simplesmente abandoná-lo? Um rapaz da província como ele, a quem provavelmente também chamavam *fode-ovelhas*?

Estava a cair uma chuva miúda. De debaixo do toldo da loja, olhou de novo na direção do *pub*. Ainda se sentia exposto, demasiado próximo das portas brilhantes. Mordeu o lábio. Poderia voltar atrás, espreitar de passagem para dentro do bar e ver se, só por acaso, o via? Não, não queria fazer nada disso. Não havia, portanto, nada a fazer, teria de

regressar a casa. Pensou com tristeza que aquilo não era de admirar, que era até típico de alguém como ele finalmente fazer um amigo para o perder em menos de um minuto. Mas então, quando estava prestes a ir-se embora, viu Sean sair! E a expressão de Sean quando olhou primeiro para a esquerda, depois para a direita — o seu ar confuso e resignado — quase partiu o coração a Dickie. Sorriu e acenou-lhe. Sean avistou-o, respondeu-lhe com um sorriso, e começou a correr até o alcançar diante da montra cheia de violinos e *ukuleles*.

Ah, cá estás tu, disse Sean.

Sim, cá estou eu, disse Dickie.

Seguiram lado a lado pela rua. Sean falou-lhe da sua terra natal e Dickie escutou-o alegremente. Depois da tortura sensorial sofrida na Borboleta, a noite pareceu-lhe fresca e encantadora. Era fácil falar com Sean: o jovem tinha uma postura sincera, e uma espécie de decência frontal estava bem patente em tudo que dizia e fazia. Dickie sentiu, pela primeira vez na vida, uma súbita vontade de falar sobre os jogos gaélicos. Naquele momento, não lhe ocorria literalmente nada que quisesse mais do que sentar-se a beber uma cerveja e falar dos jogos gaélicos. Mas, já agora, só por acaso estavam perto do apartamento de Sean. Podiam ir até lá se Dickie assim o quisesse. Sean tinha latas de cerveja no frigorífico.

Lançou um olhar simpático a Dickie. O que achas?

OK, disse Dickie.

Estavam diante de uma pequena ponte que cruzava o canal. Parara de chover e a última luz natural esmorecia no céu. Os dois homens pararam e entreolharam-se. E nesse momento Dickie descobriu uma coisa. Descobriu que era verdade o que diziam acerca de se *olhar nos olhos de outra pessoa*. Todavia, o termo é bastante enganador se com ele se pretender referir a uma ligação entre duas pessoas. Estava sempre a olhar

as outras pessoas nos olhos, e o que acontecia de verdade nesses momentos é que dava por ele a olhar *para* os olhos delas — ou seja, o seu olhar detinha-se nos olhos propriamente ditos, imobilizado pela sua beleza, e o olhar dos olhos alheios fazia o mesmo com os seus. Os dois olhares, e as almas que eles escondem, rolavam um por cima do outro, rodopiavam um por cima do outro, como mercúrio sobre mercúrio, e embora permanecesse imóvel, sentia-se girar descontroladamente e dar voltas e mais voltas, como um carro em aquaplanagem, até parar de novo sem dar qualquer sinal de que acontecera algo digno de nota, com a exceção de se permitir talvez sorrir um pouco.

Na verdade, o apartamento de Sean não ficava ali tão perto — situava-se em Rathmines, perto da antiga residência de Dickie, e, tal como esta, também estava em mau estado de conservação. No corredor, o papel de parede horrível com florezinhas estava a descascar e parecia ter já cem anos; na parede, estava também afixado um aro com espinhos com uma vela apagada por baixo, que Dickie pensou inicialmente tratar-se de um cesto de basquetebol gótico, e que depois percebeu representar a Coroa de Espinhos. Contudo, quando Sean lhe abriu a porta do apartamento e o convidou a entrar, teve a impressão passageira de que estava num sítio airoso e limpo. Não teve tempo para mais impressões, porque Sean virou-se de repente para trás, empurrou-o contra a porta e beijou-o.

Dickie não sabia o que fazer. Ocorreu-lhe que não tinha lavado as mãos e que devia tratar de o fazer o quanto antes. Mas estava entalado contra a porta e não se conseguia soltar. Sean fechara os olhos e ele também fechou os seus por uma questão de decoro. Isso facilitou-lhe a vida. A nível de sensação propriamente dita, o beijo não foi desagradável. A boca de Sean sabia a álcool e abocanhava-o com um pouco de força a mais, mas o seu calor, o calor de um corpo vivo, era

agradável, tal como o seu cheiro a sabonete e creme de barbear e desodorizante de supermercado. Tinha braços fortes e macios, e o seu queixo, por contraste, era um pouco áspero por conta da barba rala. Nenhuma destas coisas era, por si só, má, e por isso — ao mesmo tempo que uma voz no seu íntimo lhe gritava *o que é que estás a fazer?* — Dickie teve a sensação de que não estaria a fazer nada de errado, ou pelo menos não completamente errado. Ainda assim, não lhe pôs as mãos por baixo da camisa, embora o quisesse, não lhe passou os dedos pelos músculos, pelos mamilos, não disse nada estúpido como *amo-te*, e em certo sentido foi para ele um alívio quando Sean se afastou e perguntou, como se não tivesse acontecido nada: Queres uma cerveja?

Oh, sim, por favor, disse Dickie. Quando Sean se afastou, olhou à sua volta. Estava numa cozinha com uma sala em anexo, ou, pensando bem, numa sala com uma *kitchenette*. A sala estava equipada com uma mesa, um banco e duas cadeiras, e também havia um sofá e uma poltrona, em estado razoável, defronte de uma grande televisão. Sean tirou duas latas de *Carlsberg* do frigorífico e atirou uma a Dickie. Dickie começou a perguntar-lhe se vivia ali a sós, mas Sean, em vez de se sentar no sofá, tinha já desaparecido e entrado noutra divisão.

Pouco depois, Dickie seguiu-o e deu por si noutra quarto, mais escuro, com as cortinas fechadas e o ar um pouco abafado e impregnado com um odor um tanto almiscarado. O quarto estava quase vazio, à exceção de uma pilha de caixas e de uma cama desfeita. Sean estava aos pés da cama. A escassa luz que entrava pelas cortinas caía-lhe sobre os ombros. Bebeu um grande gole da sua cerveja, desabotoou a braguilha e sacou do pénis, que estava ereto e era grande, mas Dickie talvez só tivesse esta impressão porque nunca tinha visto nenhum ao vivo, ou pelo menos um assim, isto é, ereto, além do seu próprio, como era óbvio. Sean continuou assim, de olhos postos em Dickie, e enquanto levava a

lata de cerveja aos lábios com uma das mãos, com a outra acariciava o pénis, que parecia, pensou Dickie de modo absurdo, um cão de guarda a que puxasse a trela — um ser feroz e hostil refreado por alguém cujas intenções eram no mínimo dúbias. Mas, vendo bem, quais eram as *suas* intenções? Porque fora até ali?

Anda lá, então, disse Sean. Algo no modo como o disse fez com que Dickie se apercebesse de que estava muito mais embriagado do que até ali lhe parecera. Como é que Dickie não reparara nisso antes? Sean esforçava-se por manter a compostura, mas estava perdido de bêbado e tenso. O simples facto de estar de pé exigia-lhe bastante esforço.

Sabes que mais, disse em voz baixa Dickie, é melhor ir-me embora. Tenho um trabalho...

Deita-te na cama, disse Sean, interrompendo-o, e o seu tom autoritário despertou em Dickie algo que até então lhe era desconhecido, levando-o a sentar-se obedientemente nos lençóis sebosos. Despe-te e vira-te de costas, disse Sean. Dickie fez uma vez mais o que ele lhe ordenou e despiu a sua camisa da *Superdry*, as suas calças caras — mas que não o favoreciam em Dublin — e as cuecas que a mãe lhe comprara na Dunnes.

Sean também se despiu. Era ainda mais bonito nu, estar nu assentava-lhe bem, ao passo que Dickie sentira sempre que o seu corpo desnudo era uma espécie de ultraje, um verme branco que se contorcia quando descoberto debaixo de uma pedra. E, no entanto, aquele homem estava a beijá-lo, a beijar-lhe os ombros, o pescoço, com o seu hálito quente a rebentar no ouvido de Dickie, como ondas, ondas sucessivas num mar de desejo. Dickie virou a cabeça para o beijar, mas Sean retraiu-se. Teria feito algo de errado? Fez de novo menção de virar a cabeça, mas dessa feita uma mão forte agarrou-lhe a cabeça e empurrou-a para baixo, em direcção à almofada. Espera, disse Dickie, sou novo

nisto — e depois arfou. Uma dor lancinante atravessou-lhe o corpo. Mordeu a almofada, não podia fazer mais nada, pois parecia-lhe que uma motosserra lhe estava a rasgar as vísceras enquanto os braços fortes o prendiam à cama, e por cima dele e à sua volta o homem arfava e suspirava e balançava e golpeava-o sem cessar, vezes sem conta, e ele tentou pedir-lhe para abrandar, mas as mãos esmagavam-lhe a cabeça contra a almofada, e ele não conseguia ver nada, mal conseguia respirar, e sentia apenas a dor e o corpo do outro homem a toda a sua volta, era como estar preso dentro de uma máquina, como uma criança que se esgueirasse para dentro da armação de uma máquina e se encontrasse presa no seu interior, e, todavia, o seu corpo respondia, tremia, como se estivesse a passar por algo que a sua mente quase não conseguia apreender, e depois a máquina transformou-se num animal e recuou, rugiu, levantou os ombros de Dickie com as duas mãos, e depois forçou-os de novo a descer, e estremeceu e tombou em cima dele.

Permaneceram deitados na cama, envoltos pela escuridão que reinava no quarto. Sean tinha o braço sobre o corpo de Dickie, mas a mão pendia-lhe frouxa. Dickie assumiu que ele teria adormecido e tentou parar de tremer, para não o acordar. A dor como que o queimava e parecia piorar à medida que o choque esmorecia. Apesar de tudo, Dickie sentiu dentro de si um pequeno brilho, como uma luz que resplandecesse naquela escuridão, e quando Sean começou a rressonar, pensou onde poderiam tomar o pequeno-almoço na manhã seguinte, e do que poderiam falar, e que depois lhe poderia mostrar os Quartos e a sua cama — onde da próxima vez seria ele a tomar a iniciativa, e seria gentil e lento...

Teria adormecido, porque, quando reabriu os olhos, o quarto estava ainda mais escuro. Embora sentisse algo mexer-se a seu lado, de pronto

percebeu que estava sozinho na cama. Soergueu-se nos cotovelos. Sean estava a vestir-se no escuro.

O que se passa?, perguntou Dickie.

Tenho de ir trabalhar, respondeu laconicamente Sean.

Agora?, disse Dickie. Que horas são? Sean não lhe respondeu. Puxou as calças para cima e depois praguejou, porque tinha virado uma lata de cerveja que deixara junto à cama, e Dickie ouviu a cerveja verter-se com um silvo e espalhar-se pelo tapete. Espera, disse ele, saltando fora da cama, deixa-me...

Não, disse Sean, e quando Dickie se baixou para endireitar a lata, gritou *Não!*, e com uma mão empurrou Dickie de volta para a cama, que ficou estendido de costas, como um inseto, a olhar para Sean, que o fitava com olhos faiscantes.

Para onde estás a olhar?, perguntou.

Os olhos de Dickie já se tinham adaptado à escuridão, mas demorou um pouco a perceber o que estava a ver. Mas, assim que percebeu, compreendeu também que não podia mostrar que tinha percebido. Para lado nenhum, sussurrou ele, baixando a cabeça como se para não ver, ou demonstrar que não estava a ver, o chapéu com pala, a camisa azul, o número amarelo na dragona azul-escura. Mas era tarde de mais.

Para onde estás a olhar?, disse calmamente Sean, que logo explodiu num grito: Não olhes para mim! Nunca mais olhes para mim!

E deu um salto em frente e começou a bater de punhos cerrados na cabeça de Dickie. Desculpa!, guinchou Dickie. Desculpa! Mas os punhos cerrados continuaram a cair sobre ele como martelos e o grande corpo pesado pressionou-o, tal como durante a noite. Se alguma vez... se alguma vez... gritava ele. Tinha virado a cabeça de Dickie e o seu punho caía-lhe no rosto, embora lhe parecesse demasiado pesado para ser um punho, mais parecia uma pedra, com que lhe tentava esmagar o

crânio. Dickie agarrou-se desesperadamente aos lençóis, Sean deixou de o conter, levantou-se para se reposicionar na cama, e Dickie conseguiu escorregar do colchão para o chão, onde encontrou as cuecas. Mas antes que conseguisse vestir as calças, Sean saltou da cama e deitou-o ao chão, pontapeando-o e pisando-o e chamando-lhe todo o género de nomes horríveis, até ele de algum modo conseguir contorcer-se e subir para a cama e arrastar-se para fora do quarto e depois chegar à cozinha, onde se viu diante de três portas. Por qual das portas tinha entrado? Ouviu Sean aproximar-se; tentou abrir uma porta escolhida aleatoriamente e viu a Coroa de Espinhos e a escada, para onde correu, e desceu os degraus quase caindo, arrastando atrás dele as calças, que levava presas a um tornozelo, e depois, a chorar e ofegante, agarrou o puxador da porta da rua, que, graças a Deus, se abriu...

Enquanto corria, de cuecas e sem olhar para trás, pela rua deserta e escura como breu às quatro da manhã, os olhos encheram-se-lhe de sangue, e nos ouvidos ecoaram-lhe os passos tonitruantes de Sean, enquanto uma voz jocosa dizia dentro da sua cabeça: *Estás livre, estás livre, estás livre.*

Acreditava que Sean não o tinha seguido, mas, à cautela, trancou a porta quando chegou aos seus Quartos. Deixou-se cair no chão e ali ficou a chorar por algum tempo. Depois recompôs-se, respirou fundo e examinou-se. Não sofrera nenhuma lesão séria, não parecia ter fraturado nada. As nódoas negras desapareceriam em poucos dias, os cortes sarariam. Doeu-lhe quando foi ao quarto de banho, mas isso era expectável. Estava um pouco preocupado com o olho esquerdo, do qual não conseguia ver nada. Mas o olho direito estava incólume. Tendo tudo em consideração, pareceu-lhe que podia ter sido pior.

Tentou compreender o que acontecera, ver a situação pela perspectiva de Sean. Ele ficara claramente furioso porque pensava que Dickie trairia o seu segredo, que Dickie não era diferente de um dos «clientes habituais» do bar, ou seja, um sujeito desleal, amoral, em quem não podia confiar. Tratara-se, acima de tudo de um mal-entendido. E, no fim de contas, Dickie fora ao bar com Willie. Quem lhe dera que Sean lhe tivesse deixado explicar-se! Quem lhe dera poder dizer-lhe que as coisas não eram como ele pensava que eram! (*Mas não eram mesmo?*, perguntou-lhe uma voz na sua cabeça.) Fosse como fosse, já tinha passado. Não valia a pena demorar-se mais naquilo. O melhor que tinha a fazer era esquecer de todo aquele assunto.

Foi então que descobriu que não tinha a carteira com ele.

Deu centenas de voltas pelo quarto sem a encontrar. Devia ter-lhe caído do bolso, ou a caminho de casa, ou no apartamento de Sean. Viu-se de novo tomado pelo pânico. Na carteira, tinha o seu cartão de identificação do Trinity, no qual constavam o nome e o número de estudante. Sean usá-lo-ia para o encontrar? Estaria naquele momento a vasculhar o *campus* à sua procura? Fechou os olhos com força, tentou imaginar o cartão. Tanto quanto se lembrava, não tinha qualquer indicação da sua morada. Mas isso detê-lo-ia? Sean era polícia e rastrear pessoas era a sua especialidade! E se interrogasse os professores de Dickie, se descobrisse que fizera o exame Schol? Sentiu-se de novo aterrorizado. Dickie até lhe dissera de onde era! Ser-lhe-ia fácil encontrá-lo na sua terra, e, se ele não estivesse lá, encontrar o seu pai, contar-lhe o que Dickie fizera, contar a todos o que ele fizera! Ele só queria tomar um copo, mas Dickie seduzira-o, enganara-o! Dickie seria capaz de dizer qualquer coisa só para que o beijassem, o abraçassem! Ele mal o conhecia, mas queria fazer sexo com ele, fodê-lo, que ele lhe fodesse o cu! Dickie Barnes, residente em Goldenhill, na Old Road!

Imaginou Sean a irromper pelas ruas da vila e a anunciar vezes sem conta os seus atos escabrosos. Tapou a cabeça com um cobertor, pôs a cabeça entre os joelhos e gritou sem soltar nenhum som. Depois voltou a respirar fundo.

Teria de se ir embora. Para Inglaterra, talvez — era para onde as pessoas iam, não era? (*As pessoas como tu*, sibilou a voz na sua cabeça.) Tinha um tio por lá, talvez se pudesse transferir para uma universidade inglesa. Sim, era o que faria. Quando lhe parecesse seguro, começaria a apalpar terreno. De momento, contudo, o melhor era não dar nas vistas. Manter-se discreto e tentar perceber quais os movimentos de Sean; depois, assim que soubesse que a costa estava livre, poderia planear o seu próximo passo. Não seria demasiado difícil. Faltaria às aulas naquele dia. Tinha comida — *cornflakes* —, e embora lhe tivesse acabado o leite, havia a água da torneira. Já não sentia tantas dores. Quando o sol nascesse, as coisas começariam a melhorar. E o sol teria de nascer em breve, não teria? De acordo com a lógica, não? Até então, decidira que ficaria sentado à janela para se manter de vigia e espreitar por uma aberta nas cortinas. Mas isso era arriscado. Na praça abaixo havia muitos arbustos nos quais, dada a escuridão, alguém se poderia facilmente esconder para o observar. Estava tão cansado que passava constantemente pelas brasas, e de nada lhe adiantou pôr a cadeira de lado e ficar de pé em vez de permanecer sentado. Ouvia um zumbido algures ali dentro. Era tão alto! Obviamente que alguém num dos quartos no andar de baixo tinha um gerador ligado, ou seria a eletricidade a passar pelos cabos, ou algo do género? Mas também podia ser uma rusga policial, algum tipo de máquina que lhes permitisse ver através das paredes, e decidiu, portanto, esconder-se no roupeiro, o que, por seu lado, significava que não podia manter-se de vigia à janela! Depois, quando descobriu como fazer as duas coisas ao mesmo tempo,

isto é, espreitar pela janela escondido no roupeiro, reparou noutra coisa: o quarto começava a definir-se pouco a pouco nos seus contornos, ou melhor, a inclinar-se. Pensava que isto nada tinha que ver com Sean, por isso, provavelmente não era nada com que se devesse preocupar. O problema é que estava sempre a inclinar-se sobre ele o suficiente para o fazer sentir alguma pressão, e a respirar também sobre ele, mas não muito alto, só de modo que ele o ouvisse — ou seja, era um quarto que se inclinava sobre ele e respirava.

Para lá com isto, disse ele.

E o quarto retraiu-se. Mas ainda lá estava. E ele estava dentro dele. Como é que ele podia estar dentro dele e senti-lo a inclinar-se sobre ele? Lembrou-se de Willie lhe dizer que o edifício estava assombrado. Mas um quarto por si mesmo não podia ser um fantasma, porque nunca estivera vivo. A menos que fosse ele o fantasma. Mas quando coçou as feridas em volta do olho, estas sangraram, o que significava que estava vivo e não era, por conseguinte, um fantasma. Talvez tivesse entendido mal Willie quando ele lhe dissera que *o edifício estava assombrado* — ele talvez lhe quisesse dizer que *o edifício assombrava*, isto é, que se tinha ele próprio tornado um fantasma. Talvez fosse esse o motivo para o anterior residente ter feito uma fogueira no chão: queria com isso afastar o quarto. E também porque fazia ali frio, um frio desgraçado. E se ele fizesse ali uma fogueira? Mas, se alguém chamasse os bombeiros, a polícia também apareceria no local, pois era esse o procedimento normal: e isto levaria Sean direitinho a ele. Devia ter ficado no apartamento de Sean, como se apercebeu então. Se lá tivesse ficado e aceitado o seu castigo, nada daquilo estaria a acontecer. Só piorara a situação ao fugir. Perguntou-se se poderia voltar para o apartamento. E se lhe mostrasse que estava arrependido e que já se castigara a si mesmo, ou se pelo menos lhe tentasse explicar o seu erro? Sim, isso seria o

melhor a fazer. Começou a vestir-se no escuro. Sentia-se melhor agora que tomara a decisão. O zumbido ainda se fazia ouvir, mas, quando entrou na sala de estar, reparou que o barulho vinha do radiador, que se devia ter ligado por ele mesmo, ou que ele se esquecera de ter ligado. Vestiu as calças, sorrindo ao imaginar o lindo espetáculo que fizera ao transportá-las até casa embrulhadas nos seus braços. O tecido feriu-lhe a pele como se tivesse as pernas em carne viva. Deixara o casaco em casa de Sean e vestiu uma segunda camisola por cima da primeira. Já não tinha tanto frio, embora lhe tivesse ocorrido que era muito tarde para sair, ou melhor, muito cedo, e que, é claro, Sean saíra para trabalhar, a questão fora precisamente essa — no entanto ele podia voltar ao apartamento e esperar à porta, não? Começou a afastar a mobília da porta — como fora ali parar? — quando pensou que devia estar num estado lastimável. Decidiu lavar-se. O zumbido do radiador vinha também do quarto, o que era estranho, e quando acendeu a luz e foi ao espelho...

Sean olhou para ele! Devia ter entrado pela janela! (Ou estivera ali dentro aquele tempo todo!) Dickie teve apenas uma fração de segundo para assimilar o olhar de ódio profundo no seu rosto e para entender que era tarde de mais para se lamentar ou fazer as pazes, porque Sean empurrou-o de imediato para trás, prendendo-lhe o pescoço com o braço em gancho, e atirou-o para o chão. Começou a socar-lhe o rosto com os dois punhos, e quando Dickie levantou as mãos para proteger os olhos, enfiou o caralho no traseiro de Dickie e os punhos e o caralho e o caralho e os punhos bateram, bateram à porta, e uma voz que conhecia de algures disse: Está aí alguém?

O dia nascera. Levantou-se do chão. Estava ensanguentado. Está aí alguém?, insistiu a voz. Quem era? Quase se conseguia lembrar de quem era a voz, mas não totalmente, o que o irritou. Arrastou a poltrona para

longe da porta e juntou o olho à frincha, mas não conseguiu ver nada. Está tudo bem aí dentro?, perguntou a voz. Sou eu, do quarto abaixo. Pareceu-me ouvir, hum...

Dickie não respondeu de imediato, não fosse ser um truque, mas depois lembrou-se de que a pessoa do outro lado poderia apresentar uma queixa à universidade por causa do barulho, e que poderia perder o quarto. Por isso abriu a porta para pedir desculpa.

Deparou com Willie. É claro! Como é que ele não adivinhara? Sean enviara-o até lá, Willie estava a trabalhar para ele, estivera sempre ao seu serviço. Mas já nada disto interessava, Dickie estava pronto a render-se. Levantou as mãos no ar e sorriu. Está tudo bem, disse ele, embora mal se conseguisse ouvir a si próprio acima do zumbido.

Mas Willie não lhe sorriu. Não se mexeu, não falou.

Estava a olhar embasbacado para Dickie.

Meu Deus, disse ele.

## IV

O esquilo-cinzento não é nativo da Irlanda. A espécie foi introduzida no país há pouco mais de um século, quando uma dúzia deles chegou, num cesto de vime, ao Castelo dos Forbes. O Duque de Buckingham enviara-os como presente de casamento. Findo o pequeno-almoço da boda, uma das filhas da família Forbes abriu o cesto no relvado da propriedade e os esquilos saltaram de lá de dentro e fugiram para a floresta. A partir daí, como numa fábula de colonialismo, espalharam-se por quase todo o país. Ao mesmo tempo, o esquilo-vermelho, *Sciurus vulgaris*, nativo da ilha, quase desapareceu por completo.

Os esquilos-cinzentos são portadores de um vírus, a varíola do esquilo. São-lhe imunes, mas os vermelhos não. O vírus causa-lhes lesões em volta da boca e não conseguem comer; uma semana depois, morrem. A única maneira de salvar os esquilos-vermelhos da extinção é exterminar os esquilos-cinzentos, portadores da varíola.

Para Victor, isto tornou-se quase que uma cruzada moral. Antes de Imelda se queixar, gostava de deambular pela floresta ao crepúsculo com uma câmara térmica acoplada à arma em busca dos *invasores*. Depois de ela se queixar, passou a usar armadilhas, que verifica à noitinha, quando regressa com um saco que esvazia numa antiga geleira de cerveja.

Dickie pediu a Victor que parasse com a matança. PJ não gosta daquilo, e na verdade Dickie também não. Porém, Victor recusa-se a obedecer. Lamenta estar a perturbar o rapaz, alega, mas, se desistir agora, irá reverter os efeitos do trabalho que fez até então.

Dickie sabe que ele não lamenta absolutamente nada. Nunca lho disse claramente, mas é óbvio há já algum tempo que Victor acha que PJ não devia estar ali. Dickie não sabe se Victor não o quer ali por achar que é perigoso ou por o rapaz o estar a atrasar. Custa-lhe a acreditar que

Victor se interesse genuinamente pela segurança de quem quer que seja, e no que concerne a atrasos, bem, passar tempo com o filho é um dos principais motivos para Dickie estar a fazer o trabalho. Por isso, da sua parte, não há pressa nenhuma. Apaziguou Victor ao indicar-lhe que PJ vai andar muito menos por ali agora que as férias de verão acabaram, e consegue sacar-lhe a promessa de pelo menos não continuar a cozinhar os esquilos à frente dele. Depois, fala com PJ e explica-lhe uma vez mais porque é que matar os esquilos-cinzentos não é, na verdade, algo mau.

O rapaz olha desconsolado para os sapatos. Porque é que não podem viver todos juntos?, pergunta.

Às cinco da tarde de sexta-feira, aparece água no fundo do buraco. Ao anoitecer, tiram três baldes de água por um de terra. PJ, com o uniforme escolar sujo de terra, filma os dois homens com os olhos brilhantes, como se tivessem descoberto um tesouro enterrado. Com a sua broca, Victor afunda o buraco mais um pé. Depois, a escavação está concluída. O mais difícil está feito, diz Victor. Agora vai ser sempre a abrir.

No dia seguinte vai a Limerick buscar uma argila especial para o poço, e encarrega Dickie e PJ de verificarem as suas armadilhas para esquilos. Desenhou-lhes um mapa a caneta, uma ilustração medieval de valetas, formações rochosas, árvores, na parte de trás de um menu de *takeaway*. Também vão precisar disto, diz ele, entregando-lhes um martelo.

A floresta está em silêncio. Não se ouve pássaros a cantar, nem zumbidos nem estalidos nos arbustos, e os únicos sinais de vida são os

deles, o modo como respiram, o bater dos seus corações, que naquele vazio parecem estranhos e um pouco profanos.

Não há uma armadilha algures por aqui?

PJ olha para o mapa. Quais é que são os sicómoros?

Deixa-me cá ver isso, diz Dickie. Coça a cabeça. Hum.

À volta deles, a floresta é um mar esmeralda e castanho empoeirado que se refrate numa rede interminável de nichos e abrigos e corredores como um salão de espelhos vegetal e silencioso. Dickie pergunta-se se o filho sabe de todo aonde vão, ou se sabe mas não quer lá chegar.

No telemóvel, tem quatro chamadas não atendidas do pai. Nenhuma mensagem. *Ele disse que era suposto teres ido falar com ele.*

Encontrei-a!, diz PJ. Corre até uma árvore que tem uma lata de biscoitos numa fenda. Cuidado, diz automaticamente Dickie, mas PJ parou a alguma distância, de súbito receoso do que poderá encontrar.

A armadilha está vazia, no entanto. E a seguinte também. O rapaz começa a relaxar. A luz perfura as copas das árvores, verdes e sem pássaros, e cai sobre eles em estreitas faixas brilhantes como se os cortassem a meio. *Komorebi* é a palavra japonesa para o tipo de luz que se observa na floresta. Foi PJ quem lho disse.

Costumas vir até aqui tão longe? Quando brincas com o Nev?

Às vezes. Uma vez, vi um esquilo-vermelho.

Viste?

Sim, tentei tirar-lhe uma fotografia, mas ele fugiu.

Oh, sim, já me lembro. Bem, vai haver muito mais vermelhos se o plano do Victor funcionar, não vai? Ele não responde. A que é que brincavas aqui com o Nev?

Era só um jogo. O rapaz caminha durante várias jardas, cantarolando para si mesmo. Depois, diz: As pessoas nem sempre são quem dizem ser, pois não, pai?

Dickie sente-se tropeçar, embora não tropece, e sente a respiração suster-se-lhe, embora não se sustenha. A quem é que PJ se referirá? A Nev? A Victor? A ele próprio?

Bem, diz ele, na sua voz de pai mais racional possível. É importante confiar nas pessoas. Se for possível. Não se pode ser ingénuo, é claro, mas...

O que quer dizer *ingénuo*?

Alguém de quem as pessoas se aproveitam facilmente.

De quem as pessoas se aproveitam?

Sim, bem, se alguém quiser que se... ou melhor, se alguém quiser que tu faças alguma coisa... Quem é que achas que não é quem diz ser?

Ninguém, diz alegremente PJ. Olha, aquela deve ser a árvore estranha!

Era o que Victor lhe tinha chamado no mapa: ARVORE istranha. Na sua imagem, desenhou um triângulo negro no tronco da árvore, como se fosse uma porta. Na verdade, é um corte profundo com a forma de um chapéu de bruxa com a ponta revirada. Uma substância preta e peganhenta escorre da abertura até ao chão. O buraco tem algo de horrendo, como se estivesse a puxar a maldade do fundo da terra para a superfície. No entanto, a árvore está viva e tem folhas novas nas extremidades dos ramos.

Ali está a armadilha!, diz PJ, que corre ao lado da árvore ferida para chegar a uma faia alta com uma caixa numa fenda.

Desta vez a caixa não está vazia.

Uma fêmea de esquilo-cinzento está aninhada no fundo da caixa. Está completamente imóvel, como se pensasse que não a podem ver assim. As órbitas negras dos seus olhos brilham, reunindo toda a luz da floresta em dois pontos límpidos.

É gorda, não é, pai?

Vai ter bebés, diz Dickie, e então arrepende-se de ter dito isto, porque de repente se lembra de qual o objetivo de tudo aquilo. Oferece o saco a PJ. Queres ter a honra?

O rapaz não se mexe, parece hesitar. Dickie solta um suspiro. Percebes porque é que temos de fazer isto?

PJ engole em seco. Está a olhar para o esquilo na armadilha.

Os bebés vão ter varíola e a varíola vai matar os bebés vermelhos. Se ela tiver bebés, vai piorar ainda mais a situação.

Mas ela não tem culpa, diz PJ em voz trémula.

O quê?

Ela não tem culpa de ter varíola.

Pois não, não tem culpa. Ninguém tem culpa. A natureza é assim. Mas se não matarmos os cinzentos, os vermelhos vão morrer. E vão morrer por completo, extinguir-se. Percebes? Estás a matá-los ao não agires.

Enfia a armadilha no saco, estica a mão para a abrir. O rapaz cobre a cara com as mãos. Mas ele tem de compreender que por vezes fazer o que está certo significa ter de tomar decisões difíceis. É precisamente por isso que estão ali — para que ele lhe possa ensinar aquelas lições, que não são nada fáceis.

*Lições.* Por um momento, está de volta ao jardim no verão, entre os lírios e as azáleas, os seus punhos rodopiam inutilmente no ar, o seu pai salta à sua frente, de algum modo sempre fora do seu alcance.

Solta novo suspiro. Sabes que mais, diz ele. Pousa o saco no chão, tira a armadilha para fora e abre a porta. O esquilo continua encolhido na parte de trás. Pega de novo na armadilha e abana-a gentilmente. Por fim, o esquilo sai aos tropeções e larga a correr com a sua carga de mãe, aos ziguezagues por entre as árvores. Até desaparecer de vista.

À noite, assam salsichas na fogueira. Victor está ainda ausente. A lua cheia paira acima deles como se prestes a cair na clareira. Olha lá, pai, sabias que também se pode chamar às crias de esquilo filhotes?

Não, não sabia.

PJ concentra-se de novo no telemóvel. Sabias — oh, isto é nojento — que os esquilos bebés fazem xixi e cocó na boca da mãe, que ela leva para fora do ninho para os predadores não saberem onde é que eles estão? Isto é mesmo nojento.

Ser pai é assim, diz Dickie.

Na sua mão, o telemóvel ganha vida. Relampeja com urgência e em silêncio, «PAI». E depois o ecrã escurece.

O ninho deles chama-se toca, lê PJ. É feito de galhos e paus preenchidos com musgo, casca de árvores, ervas e folhas.

Ah, sim?, diz Dickie. *Diz-lhe que perdeste o dinheiro ao jogo.*

Normalmente constroem a toca na junção de um ramo com o tronco de uma árvore alta, mas às vezes também o fazem no sótão das casas.

*Diz-lhe que um mecânico se feriu e tiveste de lhe pagar para não haver problemas. Diz-lhe que arranjaste uma importação especial para um cliente e que o comprador só aceitava dinheiro vivo.*

Aqui está escrito que só têm ninhadas duas vezes por ano, continua o rapaz. Uma na primavera e outra no fim do verão.

O fim do verão, o fim de tudo. *Diz-lhe que os esquilos roubaram o dinheiro. Diz-lhe que não sabes o que lhe aconteceu. Diz-lhe que é um mistério, um completo mistério.*

## V

Naquele outono, que ficou conhecido como o outono do seu acidente, caminhava, quando conseguia, na floresta. Normalmente caminhava de manhã, e por vezes também ao fim do dia. Quando era pequeno, não gostava muito da floresta. Era demasiado grande, demasiado escura, demasiado confusa, e receava sempre não encontrar o caminho de volta a casa. Mas então todas as coisas que antes o incomodavam — a solidão, o silêncio, a impenetrabilidade quase de um labirinto — pareciam-lhe bênçãos. Agradava-lhe que ninguém o conseguisse ver ali, que ninguém o encontrasse, e caminhava até um pouco mais longe todos os dias, por sobre folhas vermelhas e douradas espalhadas pelo chão como gotas de chamas caídas do sol.

Quando não andava a caminhar, deixava-se ficar sobretudo pelo quarto. Doía-lhe ver a tristeza patente na cara dos pais sempre que o olhavam — doía-lhe e envergonhava-o. A amabilidade que tinham para com ele fazia-o sentir-se miserável, e abria uma ferida fresca de desonestidade. Tanto quanto se apercebera, não desconfiavam da sua história, porque ele parecia de facto ter sido atropelado por um carro, o que, além disso, era precisamente o género de coisa que esperavam que acontecesse na cidade grande. O seu nervosismo poderia também, com toda a plausibilidade, dever-se ao choque do acidente, embora se perguntasse, com remorsos, e depois de se acalmar, o que é que os pais teriam ouvido quando acordava aos gritos a meio da noite.

Um dia, estava a ajudar a mãe no jardim, onde uma geada precoce causara o «caos», como ela o designou, embora lhe parecesse que o referido caos os obrigasse apenas a transportar plantas pequenas do terraço para dentro da estufa, quando ele reparou que ela o observava do outro lado do relvado. A luz do sol estava fria, mas muito intensa, e ela,

que estivera a arranjar as rosas na pérgula, tinha agora as mãos, com luvas verdes calçadas, junto aos flancos, e observava-o friamente, como se estivesse a analisar uma das suas peónias recalcitrantes. Dickie regressara a casa havia duas semanas e aquele era o primeiro dia em que poderia dizer com sinceridade que se sentia melhor. Dormira a noite inteira e naquela manhã não sentira os membros tão pesados quanto chumbo. Mas quando a viu a olhá-lo, embora tivesse os olhos meio escondidos na sombra da aba do chapéu, o medo apoderou-se uma vez mais dele. Ela teria talvez notado isto, pois não desviou o olhar. Depois, disse serenamente — a sua mãe comportava-se sempre com toda a serenidade —: Sabes, Dickie, que te iremos amar sempre, seja o que for que aconteça.

E Dickie tivera de correr para dentro de casa e de se fechar no quarto de banho, onde se aninhara no chão e batera na cabeça com os punhos cerrados.

Os dias eram longos e solitários e o tempo decorria muito lentamente. A casa estava imersa em silêncio — desconfiava que os pais tinham pedido às pessoas para não os visitar. Até Frank se mantinha discretamente à distância, o que foi para ele um ato de misericórdia; no seu estado lastimável, a altura e a força e o porte atlético do irmão pareciam-lhe insuportáveis.

O único consolo durante esta época interminável era a sua conversa noturna com Willie. Começou com um postal. A mensagem aí escrita consistia apenas nas palavras *De novo em ação?* No outro lado tinha a fotografia de um homem a exhibir-se nu a um rebanho de ovelhas. Dickie tentara durante dias escrever-lhe de volta, mas tinha a mente demasiado enevoada. Então, uma noite, a mãe entrou-lhe pelo quarto com o telefone na mão. Parecia espantada. É alguém do Vaticano, sussurrou ela.

A partir de então, passaram a conversar todas as noites. Era curioso: desde o seu acidente — já se habituara a designá-lo ele próprio como acidente — Dickie mal conseguia falar com quem quer que fosse. Dizer à mãe o que queria comer ao pequeno-almoço era por si só uma verdadeira tortura. No entanto não conseguia parar de falar com Willie.

Não tinha, é claro, nenhuma novidade a contar. E embora Willie o estivesse sempre a pressionar, não queria falar sobre o que tinha acontecido — não conseguia falar sobre aquilo sem se ver de volta ao que acontecera, de volta ao chão daquele apartamento. Mesmo que não me queiras dizer, devias ir à polícia, disse Willie; é importante deixar tudo registado. Dickie ria-se perante esta sugestão. Retiraria porventura, por uma qualquer perversidade, algum prazer de tudo aquilo: de ter um segredo, de ter algo, alguém de que Willie nada sabia, aquele mesmo Willie que sabia tudo e conhecia toda a gente.

Ao invés, falava-lhe da sua vila. Falou-lhe da sua escola, onde três professores estavam sob investigação por supostos abusos a crianças, e da antiga mina de prata nas colinas, aonde os adolescentes se iam embriagar. Falou-lhe da obsessão geral com o futebol gaélico, da histeria que acompanhava as partidas mais banais, embora a equipa não tivesse ganhado nada em quase trinta anos. Disse-lhe que a cidade se estava a esvaziar lentamente, que as quintas eram demasiado pequenas para se viver da agricultura, e disse-lhe que ali as pessoas não se cumprimentavam com um *olá*, mas com um *bem*, pronunciado em tom de resignação, como quem diz *bem, está tudo dito* ou *bem, espero que estejas feliz*, como se todas as conversas se sucedessem a uma derrota catastrófica.

Apercebeu-se de que nunca tinha falado da sua vila natal a alguém de fora. Sentiu-se um pouco culpado por a enxovalhar, mas só um pouco. A vila *era* de facto pequeníssima e monótona, as pessoas *eram* de

facto mesquinhas e propensas a criticar a vida alheia. Ao descrevê-la a Willie, deu por si a perguntar-se porque é que alguma vez se sentira intimidado pela vila, ou se preocupara com o que alguém dali pensava sobre ele.

Willie adorava estas histórias. Ria-se tanto que às vezes Dickie se questionava se ele não o estaria a fazer apenas para lhe agradar. Mas as gargalhadas soavam genuínas. E as histórias eram engraçadas: sentia-se diferente quando as contava — inteligente, fluente, expansivo. Não lhe parecia estranho que alguém gostasse com efeito dele. Imaginava Willie no átrio bolorento da Casa 24, de pé *contrapposto* ao telefone pré-pago no fundo das escadas e a exhibir os seus dentes amarelos e tortos a cada gargalhada. E desejava, por um momento, estar de volta a Dublin e junto dele.

Embora fosse o responsável pela maior parte da conversa, Dickie descobriu algumas coisas acerca do amigo. Ele era também originário de uma vila da província, apesar de só lá ter vivido intermitentemente. Era o membro mais novo da sua família, dez anos mais novo do que o irmão mais próximo em termos de idade. Os seus pais não estavam muito interessados em ter outro filho — foram estes os termos que utilizou — e enviaram-no para um colégio interno no Sussex quando ele tinha quatro anos. Os pais eram ambos ingleses, como lhe explicou, e tinham-se mudado para «a República» décadas atrás. Mas só viam a BBC e liam a imprensa britânica, e evitavam o mais possível qualquer cruzamento com o país onde de facto viviam. Estranhamente, lembravam a Dickie o seu pai, que apesar de ter sido sempre republicano, cantado canções rebeldes e contado aos filhos histórias sobre a malvadez dos britânicos, se tornara, com o passar do tempo, cada vez mais baronial. Nos últimos tempos, começara a vestir *blazers* e coletes e a pentear o cabelo para trás. Adorava contar às pessoas a história da propriedade — adorava

pronunciar os termos «a propriedade», «a terra», «a quinta» —, apesar de o solar propriamente dito, onde os nobres haviam vivido outrora, ter sido destruído num incêndio muito antes de ele nascer, e de a casa que ele com efeito comprara ter sido construída sobre as fundações da anterior na década de 1970 pelo dono de uma empresa de camionagem. Da propriedade original restava apenas a floresta. No entanto ia até ao alpendre com um casaco encerado encomendado de Londres e observava os seus «domínios». *Nada mau para um rapaz de Piggery Lane.* (Parece ser uma moça, dizia Willie. Gostava de o conhecer. Ele havia de te *odiar*, dizia Dickie. As pessoas da vila também o odiariam, como confessara a Willie quando este mencionara fazer-lhe uma visita. Sentira um certo prazer ao contar-lhe que o odiariam por ali. Mas Willie parecia estar-se nas tintas para pessoas que nunca vira.)

Willie fora expulso da escola aos dezasseis anos. Tinham-no apanhado a contrabandear, revelou ele misteriosamente. Nunca mais regressara à escola. Ao invés, passava o tempo na biblioteca local onde lia tudo, disse ele, literalmente tudo o que tinham. O Corão, a *Woman's Own*, Robert Lundlum, tudo. Fora lá que desenvolvera o seu arsenal assustador de conhecimento e a noção de que a moral era essencialmente construída para a carneirada e para que não se pensasse muito. Também recolhi alguns padrões de tricô simplesmente fabulosos, disse ele.

Mas como é que não voltaste para a escola?, perguntou Dickie. Não voltei, disse Willie. Aparentemente, os seus pais não se tinham dado ao trabalho de o matricular noutra escola. Deixaram-no entregue a si mesmo, sem nenhum plano em mente para ele ou sequer qualquer interesse em particular no seu futuro.

Dickie achava isto incrível. Desde que se lembrava de ser gente que lhe diziam que se devia juntar ao seu pai e depois suceder-lhe como

chefe do negócio da família.

E se não quiseres?, perguntou Willie.

Como assim?

Bem, e se não quiseres passar o resto da tua vida a vender carros na tua terra natal?

Dickie nunca se colocara aquela questão. A venda de carros fizera da família o que ela era, tirara o seu pai do barraco onde passara a infância para uma propriedade senhorial nos arrabaldes da vila. Maurice conseguia enumerar todos os detalhes de todos os modelos da Volkswagen de há quase cinquenta anos até ao presente, desde o para-brisas dividido a meio dos primeiros *T2* ao famoso radiador central do *Jetta 92*. A seu ver, o negócio da família e a história do país estavam interligados. Contava aos rapazes que, quando começara a vender carros, conduzir um *Volkswagen* era uma declaração política muito séria. Nenhum inglês respeitável compraria um *Volkswagen*. Um carro feito por alemães, criado pelos nazis, patrocinado pelo próprio Hitler? Não: o *Volkswagen* era o carro do *rebelde*, o carro do *republicano*. E embora nem o fabricante nem os vendedores fizessem grande questão de realçar hoje em dia a questão nazi, via-se ainda como um fora da lei, um insurreto que construía o seu próprio império rebelde. Dickie nunca tivera o mesmo género de relação com os carros e em criança enjoava amiúde quando em viagem. No entanto presumira sempre que depois de se licenciar regressaria a casa para se juntar ao pai no negócio. Nunca lhe passara pela cabeça fazer outra coisa.

Agora, pela primeira vez, começou a questionar-se. Nas suas caminhadas pela floresta, tentava imaginar como seria fazer algo diferente, ser outra pessoa.

A mesma onda repentina de frio que causara tanto caos no jardim da mãe embranquecera o solo da floresta com geadas, que estalava queixoso

sob as suas botas. A perna doía-lhe quando aplicava sobre ela o seu peso, e o frio causava-lhe ardência nos cortes que tinha na cara. Mas à luz cinzenta de novembro a floresta era ainda mais bonita do que antes. Folhas brancas cintilavam no chão como lantejoulas caídas de um vestido, e os pássaros gritavam uns aos outros com um tom de urgência, como se estivessem atrasados para um compromisso. Pairava por ali um ambiente de partida, de uma natureza que se arrumava para enfrentar o inverno. Tudo parecia demasiado ocupado para lhe prestar qualquer atenção, o que lhe proporcionava uma grande sensação de alívio; isto também porque ocasionava um vazio mais profundo, um silêncio mais profundo.

Uma tarde, foi para a floresta e pôs-se a pensar, entre as árvores, não sobre o *stand* ou o futuro, mas sobre assuntos mais próximos, como o seu regresso a Dublin. A mãe queria que ele ficasse em casa até ao Ano Novo. Já não faltava muito para o Natal, não valia a pena voltar antes disso, dizia ela. Tinha a sua razão. Faltavam apenas umas poucas semanas para o fim do semestre e todos estariam atolados em trabalhos. Além disso, guinchava, literalmente guinchava sempre que pensava na cidade, e todas as feridas e nódoas negras e cortes pareciam reabrir-se num instante e latejar de dor. Porém Willie dizia que era importante enfrentar os seus medos. Quanto mais tempo se mantivesse afastado, mais difícil lhe seria regressar. Não queria desistir dos seus Quartos, pois não? De tudo por que trabalhara tão arduamente?

Um movimento acima dele despertou-o dos seus pensamentos. Algo o fitava de uma árvore. Entre as poucas folhas que sobravam, viu um relampejo de pelo vermelho e dois olhos negros. A sua cauda arqueava com elegância acima dele, como a pluma no chapéu antiquado de uma senhora, mas mantinha as patas dianteiras unidas de forma um tanto untuosa, como um pároco de aldeia que cumprimentasse um paroquiano.

Dickie recuou ligeiramente a cabeça e o esquilo empinou a sua. Tinha feições bem definidas e inteligentes e parecia querer contar-lhe alguma coisa. Mas então ouviu-se uma voz e o esquilo desapareceu de repente, sem que Dickie visse para onde ou sequer como.

Estava na orla de uma clareira. O seu irmão, à porta do antigo barraco. Recentemente, o pai decidira que era uma casa de gelo, «provavelmente vitoriana», e estava sempre a insinuar que iria pedir a historiadores que fossem até lá investigá-la. No entanto, de momento, o seu objetivo principal era o de esconder o haxixe de Frank. Entra só por um bocadinho, disse ele. Acabei de fazer um charro.

Dickie entrou com relutância. Frank sentou-se no chão de terra batida, de costas para a parede. Dickie encostou-se à parede em frente e viu-o acender o charro e desaparecer por momentos numa nuvem densa e fragrante. O irmão soltou um longo suspiro, como se sentisse finalmente alívio após um longo sofrimento, mas de que poderia Frank sofrer?

Depois, passou o charro a Dickie, que o trouxe com timidez só por educação. Não gostava de ganza, fazia-o sentir-se estúpido e sentimental. Também não gostava do barraco, ou da dita casa de gelo: era húmido e frio e Dickie não entendia porque é que num dia tão límpido, com uma floresta tão bonita em redor, o irmão preferia esconder-se ali.

Continuaram a trocar o charro um com o outro sem nada dizerem durante alguns minutos e depois, para repelir a sensação premente de pânico que entrevia fermentar no seu íntimo, Dickie disse: Com que então a antiga base, hã? Não sabia que ainda a usavas.

Ah, sim, disse Frank, sem olhar para ele. Só quando preciso de pôr as ideias em ordem.

É certo que pouco haviam falado desde que ele regressara a casa, mas Dickie tinha a vaga noção de que ocorrera uma qualquer catástrofe recentemente — Frank falhara um ponto ou um golo ou algo do género numa partida de futebol e fora dispensado da equipa. Como é óbvio, a situação fora encarada de maneira totalmente desproporcional, como se estivessem perante o fim do mundo. A habitual disposição combativa e dominante de Frank dera lugar a sentimentos que ele provavelmente imaginava corresponderem a desespero, isto é, a muitos suspiros teatrais, coçar de tomates elegíaco, etc. O pai também estava de algum modo envolvido na situação, porque Frank não trabalhava no *stand* há algum tempo e, sempre que Dickie entrava numa divisão onde os dois se encontravam, tinha a forte impressão de que acabara de interromper uma discussão. Não fizera quaisquer perguntas acerca disto. Frank e o pai estavam sempre a digladiar-se e a tentar sobrepor-se um ao outro. Achavam que isto se devia ao facto de serem muito diferentes, mas era porque, na verdade, eram iguais.

De qualquer maneira, isso explicava porque é que Frank se escondia no barraco como um vagabundo: estava a «repensar» a vida. Provavelmente vira alguém proceder deste modo na *Hollyoaks*. A vida do irmão lembrava-lhe amiúde uma telenovela escrita a lápis de cera.

Frank puxou uma última fumaça ao charro, olhou com repulsa e de olhos semicerrados antes de o esmagar no chão, e depois, sem fazer nenhuma pausa, sacou das mortalhas e começou a enrolar outra. Presumo que volte para Dublin em breve, disse ele. Dickie não lhe respondeu. Sentia-se um pouco tonto, embora tivesse tentado não inalar o fumo. Frank lambeu a parte lateral de uma mortalha e pousou-a, aberta, no colo. Pegou no saco de tabaco e logo voltou a pousá-lo. Costumas pensar no futuro?

No futuro?, repetiu Dickie.

Tipo, eu sei que o plano é tu acabares a faculdade e voltares e trabalhares para o pai. Mas se mudasses de ideias...

Demorou algum tempo a assimilar as palavras. Depois, endireitou as costas. Porque é que havia de mudar de ideias?, perguntou Dickie.

Bem, tu sabes, disse Frank. Olhou de soslaio para Dickie, como se lhe pedisse ajuda. Tipo, se decidisses que querias continuar a viver em Dublin, fazer outra coisa qualquer. Se por acaso te apetecesse.

Dickie fitou-o. De que é que estás a falar?

Não sei, disse Frank. Só estava a pensar que com o cérebro que tens e isso... podes ter outros empregos em mente. Ou talvez queiras continuar a estudar. Em vez de voltares para cá. Eu, bem, tu sabes, já há algum tempo que trabalho no *stand*, e percebo de carros, e isso tudo, por isso, pode fazer mais sentido ser eu a tomar conta do negócio. Quando chegar a altura.

Não entendia o que Frank lhe tentava dizer. O plano fora sempre ele voltar para tomar conta do *stand*. Sempre. O seu pai tomara a decisão anos atrás. A menos que... Foi o *pai* que disse isto?, perguntou. O pai está a pensar nisso?

Não, disse Frank, ele não, abanando a cabeça com tristeza. Mas todos os outros pensam que seria melhor assim.

Dickie encostou-se à parede e anuiu com um aceno de cabeça. É claro que toda a gente pensava e dizia que aquela seria a melhor solução. Todos gostavam de Frank, todos gostariam de conversar com ele à porta do *stand* ou no *pub*, depois do trabalho. Mas a verdade é que Frank não tinha cabeça para os negócios. Era um desastre com números. Não conseguia escrever num teclado. Geria pessimamente o dinheiro e Dickie perdera a conta às vezes que o irmão extraviara o cartão de multibanco. Além disso, até então nunca demonstrara qualquer interesse em gerir o *stand*. Na verdade, nunca demonstrara nenhum interesse

genuíno e prolongado por algo que não jogar futebol gaélico. Aquilo era, no fundo, mais um dos seus caprichos, nada mais.

É uma ideia interessante, disse ele. Mas és um ótimo vendedor. Nunca imaginei que quisesses tratar da parte do escritório...

Não quero ser teu empregado a vida inteira! A voz de Frank elevou-se bruscamente e logo baixou de volume. Não quero passar toda a minha vida como teu irmão mais novo.

Dickie ficou espantadíssimo: não fazia ideia de que aquela era a perspectiva de Frank. Isto proporcionou-lhe um certo prazer. Mas não depende de nós, pois não?, disse ele muito inocente. É o pai que decide.

Mas se concordássemos os dois... disse Frank. E se falássemos com ele juntos, se lhe disséssemos que era isso que queríamos fazer?

Dickie não lhe respondeu. Por um momento, Frank concentrou-se totalmente na tarefa de terminar o charro. Só me parece que preciso de começar a ter uma ideia de como vai ser o meu futuro, disse ele. Não temos de o dizer já ao pai. Era só para sabermos, nós os dois, que era isso que íamos fazer.

Mas nós próprios não sabemos o que vamos fazer, disse Dickie. Levantou-se e acrescentou num tom crítico: não entendo porque é que presumes que quero ficar em Dublin, tendo em conta o que me aconteceu.

Não tocaram mais no assunto. A partir de então, passou a estar mais atento ao irmão. Incomodava-o não saber por que motivo Frank mudara de ideias. Porque queria de repente gerir o negócio da família. Era um ato de rebeldia contra o pai? Alguém lhe estaria a sussurrar conselhos ao ouvido?

Willie disse que o verdadeiro mistério era porque é que Dickie prometera passar o resto da vida a vender carripanas a parolos numa parvónia qualquer.

Como é que sabes se nunca cá estiveste?, ripostou Dickie.

Foi assim que *tu* o descreveste, disse Willie. Disseste-me que era uma sentença de morte!

Não desistia do assunto e abordava-o sempre que falavam ao telefone, atacando no mesmo tom que usava nos seus debates. É isso que queres *de verdade*? Vais voltar para cá, matar-te para tirar o teu curso por mais dois anos e depois sepultar-te para o resto da vida num *stand* de carros na província?

Na verdade, é um negócio muito lucrativo, respondeu a contragosto Dickie.

Willie ficou deliciado. Nas semanas que se seguiram, quando Dickie lhe fazia uma pergunta — Que horas são? O que significa «desconstrução»? Qual é a capital do Chade? — a resposta era sempre a mesma: *na verdade, é um negócio muito lucrativo*.

Mas ele não sabia do que falava, não os *conhecia*: não conhecia Maurice Barnes, não conhecia o negócio, não sabia o que significava ele ter escolhido Dickie como seu sucessor. No fim de contas, o seu pai reconhecera que ele tinha mais capacidades: o seu pai sabia que ele era a pessoa certa para o trabalho. Como poderia Willie perceber tudo isto? Os seus pais não queriam saber do que ele fazia, nem sequer se importavam o suficiente para o matricular numa escola.

Por isso, não tentou explicar-lhe a situação. Em vez disso, disse-lhe que tinha saudades dele. Estou ansioso por te ver de novo, disse ele. Disse-o apenas para que Willie parasse de lhe fazer perguntas. Mas, no momento em que o disse, apercebeu-se de que era verdade.

## VI

Victor está de volta de Limerick. No local dos trabalhos, descarregam sacos que trouxe na carrinha. Os sacos são pesados. Alinhados junto ao buraco, parecem sacos com cadáveres prestes a serem lançados para uma vala comum. O que é isto?, pergunta PJ, que espreita para dentro de um. Está cheio de um pó azul. Bentonite, diz Victor.

Depois de terminarem de escavar o buraco, Victor tirara um tubo de plástico comprido da carrinha. Com o recurso a uma serra circular, abrira buracos no último terço do tubo; estas «guelras», como lhes chamou, permitiriam que a água fluísse para dentro do tubo, impedindo ao mesmo tempo a passagem de terra e pedras. Depois, enfiara o tubo pelo buraco e tapara o espaço à volta dele com três pés de gravilha, até à linha de água. Agora, terão de encher o resto do buraco com a argila azul. Misturada com a humidade do solo, irá solidificar e vedar o poço, impedindo que os contaminantes no solo se possam infiltrar na água.

Ao início, Dickie tivera a sensação de que Victor trouxera muito mais sacos do que aqueles de que vão precisar. Mas depois começam a verter a argila e esta parece simplesmente desaparecer. Pensa de novo que, como estamos sempre à superfície, nunca temos verdadeira noção de quanta terra há na terra, de quanto solo há no solo, do que é preciso para que tenhamos algo sobre que caminhar.

No fim, não têm argila que chegue. Victor pragueja e afasta-se em busca de rede para poder telefonar ao seu conhecido em Limerick. Dickie e PJ sentam-se no tronco de árvore. O que vai acontecer quando chegar o resto da argila?, pergunta PJ.

Por essa altura, já estará quase tudo feito, diz Dickie. O Victor quer arranjar uma bomba elétrica e ligá-la a um tanque de água, mas uma

bomba manual servir-nos-ia perfeitamente para já. E então fica tudo pronto, ou quase.

E o *Bunker* também já está quase todo pronto, diz PJ sem olhar para ele.

O mínimo, pelo menos, concorda Dickie.

E depois voltamos para casa, diz PJ. Volta tudo ao normal.

Sim, só que agora vamos ter um abrigo de sobrevivência. Hesita enquanto tenta perceber qual a disposição do filho. Vai haver mais algumas tarefas a fazer. Podemos vir até cá ao fim de semana, continuar a dar-lhe retoques, não? Dá-lhe uma cotovelada — era um segredo entre eles. Mas provavelmente já cavaste para a vida inteira!

PJ olha para os sapatos sem responder.

É um alívio quando Victor regressa e lhes diz que o seu conhecido de Limerick pode demorar até uma semana a ter de novo a argila em *stock*. Mas tem outro projeto em mente. Para começar, cobre as paredes exterior do *Bunker* com rede de galinheiro. Depois, apanha galhos e ramos do solo da floresta e começa a enfiá-los pela rede. Para que é isso?, pergunta Dickie. Isolamento?

Camuflagem, diz Victor.

Camuflagem?, diz, rindo-se, Dickie.

Pomos folhas nas laterais, diz Victor, e podemos semear erva no telhado. Depois, ficam com isto como que invisível.

Espera só até ouvirem na vila que tenho um *Bunker* invisível, graceja Dickie. As pessoas vão dizer que bati completamente no fundo.

Bem, se o disserem, tu e eu sabemos bem porquê, diz Victor, virando-lhe costas para enfiar um ramo de árvore com folhas na rede.

Porquê, então?

Porque estão com medo.

PJ olha para Dickie uma fração de segundo antes de este último lhe sorrir para o reconfortar. Quem é que tem medo, pai?

Victor vira-se para os dois com os músculos inchados a entreverem-se-lhe sob a camisa manchada de lama. As pessoas não são estúpidas, diz. Veem bem o que está para vir. Mas estão demasiado assustadas para fazer o que quer que seja. A única coisa que conseguem fazer é fingir que não vai acontecer. Continuar a levar a vida como se tudo estivesse normal. Juntar mais combustível para mostrar que não há fogo nenhum. Mas há de chegar um dia em que não podem continuar a negá-lo. Vão ao supermercado e encontram as prateleiras vazias. Vão ligar a televisão para ver as notícias, mas não vai haver notícias nenhuma. Não vai haver eletricidade, nem *internet*, nem água quando abrirem a torneira. Tudo isso desapareceu, foi-se! E o que é que eles vão fazer? Vão chorar para junto daqueles de quem se riram antes. Vão pedir de mão estendida ajuda a quem teve o bom senso de se preparar. A vocês. Mas vocês não vão estar em casa. Vão estar aqui, invisíveis, onde não vos podem encontrar. Porque também se prepararam para isso.

Levanta-se vento à sua volta e atrás dele, as copas das árvores tremem de um lado para o outro, o crepúsculo chega subitamente num ataque surpresa, tal como tem acontecido toda a semana, à medida que o outono se instala, e parece que floresce do ar em nuvens azul-escuras que o embebem momento por momento até o ar ficar ensopado, até o dia ficar saturado em azul profundo, como o pó de argila azul que enche o poço, submergindo corpos, árvores, a carrinha, as tendas, e depois selando-os lentamente dentro dele.

Estás a falar do pior cenário possível, diz Dickie, consciente de que PJ o está a olhar. É óbvio que eles vão intervir antes de as coisas

chegarem a esse ponto. O governo, quero eu dizer. Hão de mitigar os piores efeitos.

Victor ri-se. Vês alguém fazer o que quer que seja para mitigar alguma coisa? Vês alguém a fazer a porra de alguma coisa?

Sim, sim, diz Dickie, gesticulando na direção do rapaz, que não precisa de ouvir aquela conversa. Não precisas de nos fazer outra vez o relatório todo de vendedor. Só estamos a fazer isto para nos divertirmos um pouco. Para termos um sítio onde os miúdos e os amigos possam acampar. É só isso que queremos fazer.

Victor olha-o como se tivessem deparado com uma encruzilhada na estrada. Não basta apenas construí-lo, Dickie. Tens de estar pronto a protegê-lo. A sobrevivência é um jogo onde perdes ou ganhas.

O que é que isso quer dizer, pai?, sussurra PJ. Dickie acena-lhe e ignora a pergunta. Não devias ir dar uma vista de olhos às tuas armadilhas?, pergunta sem rodeios a Victor.

Imagina que daqui a cinco anos acontece aquela coisa que estás a ver, diz Victor, ignorando-o. Uma seca, cheias, seja o que for. As colheitas são um fracasso, e no ano seguinte também. De repente, tens a fome na Europa. Até podem chamar-lhe outra coisa nas notícias, mas é o que é. E na Irlanda é pior, porque somos uma ilha pequena que importa metade da comida que consome.

Mas tu foste esperto. Armazenaste comida suficiente para alimentar a tua família durante um ano e rezas a Deus para que sobrevivam até lá. E pronto, estás tu sentado em casa, muito satisfeito contigo próprio e a pensar que as coisas podiam ser piores, quando os vizinhos te começam a bater à porta. Queres ajudá-los. É claro que queres. És boa pessoa, Dickie Barnes, toda a gente o sabe. Mas a comida que pode alimentar a tua família durante um ano é apenas suficiente para alimentar duas famílias durante meio ano. E isso é só o começo. Tocam de novo a

campainha. Mais vizinhos, mais amigos. Três, quatro famílias. Também as deixas entrar, consegues alimentar toda a gente durante quatro, três meses. Mas o que acontece da próxima vez que tocarem à campainha? Quantas famílias achas que vivem num raio de cinco milhas daqui? Dez? Vinte? Cem? Vês onde quero chegar?

E o que acontece quando decidires que não consegues alimentar mais ninguém? Quando parares de abrir a porta, o que achas que farão as pessoas esfomeadas que te estão a tocar à campainha? Achas mesmo que vão simplesmente dar meia-volta e regressar a casa? Achas que só porque são teus amigos e vizinhos se vão comportar de maneira pacífica e respeitosa? Achas que na Birmânia e no Sudão do Sul não eram todos *Olá como tem passado* e todos *Tidy Towns* antes de se começarem a cortar uns aos outros à catanada?

É por isso que dizem, e peço desculpa pela linguagem, que isto vai dar *merda*. É *merda*. Tudo vai ficar manchado de merda. Vai tudo tresandar. O teu vizinho já não é teu vizinho. Já não é alguém a quem pedes emprestada uma mangueira ou com quem falas sobre um jogo de futebol. É um tipo qualquer que rouba a comida dos teus filhos. É a competição por recursos limitados. Todos terão carências, todos estarão sob pressão, farão coisas que nunca acreditaram ser capazes de fazer, e ainda nem estamos a falar dos outros, dos desconhecidos que hão de aparecer...

Para com isso, tartamudeia Dickie.

Quais outros, pai? PJ está agachado junto dele, agarrando-se-lhe às pernas como se tivesse de novo cinco anos. Victor é um fantasma luminoso na noite oceânica da floresta, um lascarim fosforescente saído dos destroços do *Bunker*.

Nada disto é certo, diz Dickie. Fala num tom estridente e agressivo. Não soa, aos seus ouvidos, como o interlocutor racional, comedido, que

tem a noção das proporções. Tudo isto pertence ao futuro e pode nunca vir a acontecer.

Pois pode, concorda Victor. Deus queira que não aconteça. Mas, se acontecer, é melhor estares preparado.

Isto dito, pega no martelo, vira-lhe costas e vai-se embora. PJ, ao lado de Dickie, solta um som curioso, um arquejo, uma espécie de *uche*. Dickie fecha os olhos, reabre-os. Parece não fazer muita diferença.

Está furioso com Victor por falar de tudo isto à frente do rapaz. Quando fez um trabalho sobre as alterações climáticas para a escola, Cass não conseguiu dormir devidamente durante um mês. Passava as noites em branco a fazer listas de todos os animais locais extintos. Olhava para Dickie com olheiras enormes. *Somos os vilões?*

PJ é diferente: sabe mais sobre o assunto do que Cass, e provavelmente também do que Dickie, e talvez lhe seja mais fácil separar os factos da hipérbole. Imita bem os tolinhos do apocalipse do YouTube quando Victor não está por perto (*Apresento-te o teu novo melhor amigo — a tua lona*). Parece encarar as suas previsões como histórias de fantasmas, como as que se contam à fogueira de um acampamento noturno, o que de certa maneira são — são histórias de fantasmas do futuro.

Após o sermão de Victor, volta a recolher ramos que adiciona à nova cobertura do *Bunker*. E, só quando anoitece, pergunta, como se de passagem: O Victor tem razão, pai? Vamos morrer?

Toda a gente acaba por morrer.

Não, quero dizer se vamos morrer como ele diz que vamos morrer. À fome. Ou queimados.

Não. Não. Eles vão arranjar as coisas. As pessoas vão acabar por perceber. Como sempre.

Sabias que a cada ano há mais voos? Mais pessoas a viajar de avião? Ainda?

Ah, sim?

Aprendemos na escola. E cada vez se queima mais carvão.

Dickie respira fundo. Bem, no fim, acho que não deves pensar demasiado nisso. Quer dizer, só podes ser responsável pelo que fazes tu próprio.

É por isso que estamos a construir o *Bunker*?

Estamos a contruí-lo para termos um sítio onde possamos estar todos juntos.

Onde as pessoas não nos possam encontrar?

Vá, caluda. Vai dormir.

Na adolescência, Dickie tivera uma obsessão com o fim do mundo. Guerra nuclear, incêndios incontrolláveis, abelhas assassinas: durante muito tempo, tomou como certo que terminaria os seus dias num campo de concentração, infetado com cólera, e a observar as ruínas fumegantes do mundo arrasado, por trás de uma rede de arame farpado.

O seu pai dissera-lhe que era melhor deixar-se disso. Um pessimista nunca será um grande vendedor, disse ele. O vendedor *acredita* no futuro. O futuro é bom, essa é a tua mensagem principal! Quem vai gastar vinte mil num carro novo se achar que o céu lhe está prestes a cair na cabeça?

Na altura, Dickie pensava que isto era um tanto estúpido. Sabia bastante de história, sabia como as coisas eram. Mas o seu pai tinha razão, e à medida que Dickie envelheceu, as suas perspetivas

aligeiraram-se. Ou, pelo menos, estava demasiado ocupado para pensar em devastação global.

No entanto estes pensamentos de aniquilação regressavam ciclicamente. Quando era estudante universitário, após o acidente, acordava a gritar e a imaginar que um par de botas lhe estava a deitar a porta abaixo ao pontapé. Isto prolongou-se por meses. Os pesadelos regressaram, ainda piores, quando Imelda estava grávida de Cass. Tinha então algo a perder. Não podia simplesmente sair pela janela e fugir a correr. Não podia matar-se com uma overdose ou pôr um saco de plástico na cabeça, não podia simplesmente *deixar-se* aniquilar. Teria de lutar, teria de tentar protegê-los, embora soubesse que seria impossível vencer. Não havia como proteger as pessoas que se amava, essa era a lição a retirar da história, e ocorreu-lhe, por conseguinte, que amar alguém significava estar-se sujeito a um nível de sofrimento radicalmente aumentado. Dizia *amo-te* à mulher e isto parecia-lhe uma maldição, um convite para que o destino desviasse um camião de transporte de combustível em cheio contra ela, ou fazer uma fagulha saltar da lareira para a camisa de noite. Imaginava-a a gritar, o seu pobre rosto aterrorizado por baixo dele, enquanto se contorcia em chamas no tapete da sala de estar. E a criança também! Embora ainda não tivesse nascido, também estava lá. Toda a noite a imaginava a gritar e por isso não conseguia dormir, deixava-se ficar estendido na cama a chorar, porque sabia que não a conseguia proteger, que não a conseguia proteger o *suficiente...*

Mas devia dormir, porque acordava com Imelda de olhos postos nele. Os olhos dela brancos na escuridão e a mão postada sobre a boca. O que é que ele tinha dito?

Ela não lhe dizia, ou não o conseguia dizer, não o deixava confortá-la nem sequer pousava a cabeça na almofada até ele ir dormir no quarto

da menina, como ela lhe chamava, embora naquela altura fosse apenas um quarto vazio.

Fantasia como aquela — fantasias de desastres, de aniquilação, de se ser destruído, de se dissolver — não eram, segundo lhe diziam, invulgares. Por mais estranho que pareça, podem ser na verdade uma tentativa de encontrar alívio.

Alívio! Ele rira-se a bom rir no consultório do médico.

Tal como lhe disse, parece ser um contrassenso. Mas pense bem. Perante uma catástrofe natural, a sua situação pessoal torna-se insignificante. Já ninguém espera que aja, que funcione sequer como uma pessoa, já não tem responsabilidades. Para certas pessoas, não deixa de ser uma ideia atraente. Daí que surjam estas fantasias.

Mas não estou a falar de fantasias. Isto é história pura, e não apenas história, mas também notícias, as notícias da atualidade.

Talvez. Mas são eventos muito distantes em termos temporais e espaciais, e é muito improvável que nos afetem aqui.

É muito improvável que nos afetem *para já*.

O médico encolheu os ombros para não prolongar a discussão. No ecrã do computador estavam patentes os sinais vitais de Dickie. Uma betoneira rolava a alguma distância; estavam a expandir a clínica.

E porque é que alguém havia de querer uma coisa dessas? Ter... o que disse.

O médico mudou de posição na cadeira. Pode ser uma resposta a um trauma. Algo que nunca se conseguiu ultrapassar por completo. Podemos olhar para a sua própria situação, como é óbvio...

Com todo o respeito, doutor, não vim cá para falar sobre a minha família.

Mas é possível que, estando a criança para chegar, as coisas possam...

Não vim até cá para falar consigo sobre isto. Preferia que nos mantivéssemos...

Possam estar a chegar a um ponto de rutura?

Não. Em vez desta análise pessoal... se se fixasse antes no assunto específico...

Não encontro causas físicas para os sintomas que descreve, Dickie. Não encontro nada. É por isso que sugiro que talvez ajude olhar um bocadinho para o que estará por trás das coisas. O passado permanece connosco de muitas formas inesperadas. Quando não fazemos as pazes com ele, vai regressar vezes sem conta.

Está a falar de fantasmas?

Estou a falar dos nossos corpos. O passado regressa como dor, dor física, dor mental. Porque fala em fantasmas?

Eu só queria... desculpe, entendi-o mal.

Pensa muitas vezes naquilo? No que aconteceu?

Dickie? Porque fala em fantasmas?

## VII

Foi em fevereiro que Frank avisou que ia a Dublin e perguntou a Dickie se não queria tomar uma cerveja.

Oh, tens de me levar contigo!, disse Willie, batendo palmas. Dickie não tinha qualquer intenção de o levar com ele e disse-lho na cara. Mas Willie insistiu. Frank, o pirata, o herói do futebol gaélico, a desgraça da infância de Dickie, a explicação para *tudo*? Tinha de o conhecer, simplesmente tinha de o conhecer! Diz-lhe que sou teu amigo, disse ele.

E que outra coisa havia eu de lhe dizer?, respondeu Dickie com indiferença, retirando secretamente algum prazer da angústia momentânea que perpassou no rosto de Willie.

Tinham adquirido o hábito — o mau hábito — de dormir na cama um do outro, em especial quando saíam para dançar, o que acontecera na passada noite; mas não faziam nada, não significava nada, como refletia Dickie, e aquilo devia-se apenas ao facto de não querer dormir sozinho. Ainda não contara a Willie toda a história do que acontecera no outono, mas dera-lhe a entender que o considerava parcialmente culpado pelo sucedido. No fim de contas, fora Willie quem o levara à Borboleta com a óbvia intenção de o seduzir. Willie negava-o, mas, como sabia que o amigo se sentia culpado, Dickie usava este argumento para refrear as suas invetivas.

Precisava de ter ao seu alcance meios para o conter. Willie era demasiado inteligente! O problema não estava apenas em não se poder confiar no que ele dizia; era tão persuasivo que, quando estava por perto, Dickie não podia confiar sequer *em si próprio*. Na semana anterior, na *Hist*, ao falar contra a moção *Como o progresso não cumpriu os seus objetivos para connosco* — muitos dos debates mais recentes tinham tido temas *fin de siècle* —, ele fizera um discurso que tinha como cerne

a história de uma rapariga de uma tribo remota na Amazónia que, na década de 1960, adoecera; o pai levava-a de caiaque, pelo rio abaixo, até à cidade. Sem mapa nem língua comum com que pudesse transmitir o que se passava, conseguira chegar ao hospital. De onde fora transportada de avião para Nova Iorque e, após muitas tentativas em falso, tratada com sucesso.

Ora, isto por si, dissera Willie, é progresso. A medicina moderna e as viagens aéreas salvaram uma vida que, caso contrário, não teria sido salva. Mas o progresso não se resume em impedir que coisas más aconteçam. O progresso é também criar as condições para que aconteçam coisas *novas*, coisas que, de outro modo, não aconteceriam e nem sequer pertenceriam ao reino da imaginação. A menina que não morreu tornou-se cientista e foi uma pioneira do material fotovoltaico usado na produção de painéis solares, que baseou numa espécie de quartzito que a sua tribo usava tradicionalmente para fazer os seus objetos cerimoniais. Como ela não morreu, o mundo obtém agora dez por cento da sua energia do sol, e sem emitir poluição.

Quem, ao ouvir esta história — disse ele —, é capaz de alegar que o progresso não cumpriu as suas obrigações para conosco? Que fracassou? Não será mais correto dizer que são necessários fracassos para que existam progressos? Que o progresso é aquilo que os humanos *fazem com* o fracasso? O fracasso, as más notícias, os tempos negros são o seu combustível. Tal como aquela menina transformou aquela doença em luz para todo um planeta, o progresso transforma o fracasso no futuro.

Foi um discurso brilhante, mesmo dentro dos parâmetros de Willie. No fim do discurso, os ouvintes tinham lágrimas nos olhos. Mais tarde, Dickie ficou simplesmente estupefacto quando descobriu que, devido a

uma falha de comunicação, Willie tivera a impressão, até uma hora antes do início do debate, que estaria no lado oposto.

Mas onde fora então buscar todos os factos e estatísticas que debitera durante o discurso?

Inventei-os, disse Willie.

A tribo? A menina que se tornou cientista?

Também a inventei, disse Willie.

Dickie mostrou-se ainda assim relutante. Não conseguia compreender aquilo. Mas falaste com muita *paixão* disse ele. Pareceu mesmo que *acreditavas* no que estavas a dizer.

Willie, deitado a seu lado, sorriu satanicamente ao teto. É assim que se ganha, disse ele.

Encontraram-se com Frank no Stag's Head. À época, aquele *pub* era um bastião da *Hist*: rodeado de estudantes do Trinity, Frank não podia deixar de dar nas vistas com o seu cabelo laqueado, a sua camisa brilhante e os seus bons sapatos.

Estava acompanhado por uma rapariga. Dickie lembrava-se vagamente dela do verão passado, costumava aparecer de vez em quando em Goldenhill em jantares de família que eram autênticas torturas. Willie ficou encantadíssimo com ela. É uma deusa!, disse ele depois do encontro. E era, objetivamente falando, muito bonita: era loira, tinha olhos verdes muito intensos, e maçãs do rosto bem definidas que acentuara com maquilhagem. Ainda assim, para Dickie, a sua beleza parecia de algum modo impessoal, não tinha nela algo da sua pessoa, e a rapariga usava-a com um pouco de ansiedade a mais, como a uma peça de joalharia muito dispendiosa que tivesse alugado apenas por uma noite.

Estava sentada ao lado do irmão dele, com botas até aos joelhos e um *top* acetinado, segundo a sua noção provinciana do que era ser fixe. De início, mostrou-se pouco à vontade com eles, como se pensasse que estavam a troçar dela, embora não estivessem, ainda, porque obviamente planeavam troçar dela mais tarde. E Frank estava também pouco à vontade, claramente ansioso para que ela relaxasse. No entanto ela animou-se depois de beber dois ou três copos. Tinha um sotaque carregadíssimo, mas era esperta e de raciocínio rápido — de raciocínio mais rápido e mais esperta do que Frank, que tentava provocá-la, mas estava obviamente, e sem qualquer esperança, sob o seu poder. À medida que foi falando, a sua personalidade insuflou-lhe o rosto e ela tornou-se ainda mais maravilhosa.

Dickie tratou-os com gentileza. Para lhes agradar, interpelava-os como casal, como se conhecesse tão bem — ou tão mal — Imelda quanto Frank. Porque tinham ido a Dublin?, perguntou. Frank disse-lhe que, na noite seguinte, iriam assistir a um concerto de uma banda de que Dickie nunca ouvira falar. Deviam ter-me avisado, disse-lhes, podiam ter ficado em minha casa. Mas não, nada disso, Frank reservara um quarto num hotel de «topo» em Temple Bar. Queria claramente impressioná-la, e Dickie percebeu que ele próprio fazia também parte do espetáculo, como se fosse mais um sinal de sofisticação. Sugeriu-lhes, como era de sua obrigação, alguns sítios onde poderiam tomar o *brunch*, e Frank, como também era de sua obrigação, anotou num papel os nomes dos restaurantes, como se lhes fosse habitual trocar sugestões de locais a visitar. Mas digo-te já que é certinho que esta menina aqui não sabe o que é um *brunch*. Se lhe puserem um à frente, não sabe se é para comer ou para enfeitar a mesa, disse Frank com uma gargalhada um tanto forçada. Ao virmos para cá, tivemos uma discussão porque ela não sabia o que era uma beringela.

Oh não, não vais começar outra vez com isto, pois não?, disse a rapariga.

E quando lhe disse o que era, insistiu Frank, ela não acreditou em mim. Disse-me que simplesmente não há beringelas, não existe nada que dê por esse nome. Diz-lhe, Dickie. Diz-lhe que as beringelas existem mesmo.

As beringelas existem mesmo, disse Dickie.

Bem, bem, vocês é que são os inteligentes, disse, cruzando os braços, a rapariga.

Preferia claramente Willie a Dickie. Em geral, as pessoas preferiam Willie. Era uma das coisas mais surpreendentes acerca de Willie: parecia muito intelectual e arrogante — e era com efeito intelectual e arrogante e *snob*, e tinha a mania de que era o maior —, e, no entanto, conseguia falar com qualquer pessoa. Não de modo banal ou falso ou paternalista: numa questão de minutos, descobria um qualquer ponto de ligação, e, quando se dava por ela, já conhecia a história de vida do seu interlocutor. Em duas ocasiões, Dickie tivera de esperar dentro de um táxi parado porque tanto o taxista quanto Willie não paravam de chorar, porque Willie sacara ao motorista uma história de partir o coração. Aquela rapariga interessava-se por moda, tal como Willie, e não demoraram muito a palrar numa conversa só sua e a trocar nomes que nada significavam para Dickie.

Frank observava a rapariga, completamente extasiado. Dickie reparou que o irmão a olhava com o mesmo tipo de alegria reverencial com que as pessoas da sua vila o viam concretizar milagre após milagre no campo de futebol.

Frank sentiu-se observado, e corou e tentou fingir que não a estivera a fitar.

É um tipo e peras este Willie, não é? Uma verdadeira peça.

É só um amigo do clube de debates, disse Dickie. Apontou com a cabeça para a rapariga. Vocês já estão juntos há algum tempo. Aquilo não era de todo habitual com Frank, que tendia a saltar de rapariga em rapariga sem se comprometer muito.

Ah, Dickie, disse Frank, aparentemente aliviado por poder olhar de novo a namorada a seu bel-prazer. Nunca conheci ninguém como ela. Olha só para ela! É uma autêntica supermodelo! Mas vem de um sítio que nem um pardieiro chega a ser. Não há nada lá, nem sequer uma loja, só uma Texaco que os chungas estão sempre a assaltar. O pai dela é tipo um gângster, devias vê-lo. Está obcecado com o nosso pai! Está sempre a perguntar onde compra os *blazers*!

Abanou a cabeça embora parecesse prestes a rir-se à gargalhada, e depois soltou um suspiro. Mas tenho os colhões inchados à conta desta gaja, Dickie. É quase uma selvagem, mas diz que se está a guardar para a noite de núpcias. Vou largar duzentas lecas no hotel, e se não a como esta noite, não sei o que faça. Vou ter de me casar com ela, ou algo assim. Virou-se para Dickie com um sorriso jocoso. Já imaginaste o que os velhotes diriam se me casasse com ela?

É nisso que estás a pensar?, perguntou Dickie. Em casar-te com ela?

Ah, não, disse Frank, e em seguida: Bem, talvez. Quer dizer, porque não? Endireitou as costas e olhou seriamente para Dickie. Tenho pensado bastante, disse ele. Não sou como tu. Estás aqui, na cidade, com os teus novos amigos, andas numa faculdade fina, conheces todos os sítios fixes. Dás-te bem aqui, não te falta nada. Mas eu sou mais caseirinho. Quando era mais novo, costumava pensar que queria viajar pelo mundo inteiro. (Dickie não pôde deixar de sorrir a este comentário.) Mas acho que seria feliz se passasse o resto da vida na nossa terra. Se estivesse com a mulher certa.

Olharam ambos para a rapariga. Puxara um pouco a cabeça para trás e fechara os olhos numa onda de gargalhadas. Willie, com lágrimas nos olhos, estava literalmente a dar palmadas na coxa.

As engrenagens no cérebro de Dickie começaram lentamente a girar e a conversa que tivera com o irmão no barraco e o súbito interesse de Frank pelo seu futuro começaram a fazer mais sentido. Foi por isso que daquela vez me perguntaste aquilo sobre o *stand*?

Frank anuiu com um aceno de cabeça. Ela pôs-se a falar com a nossa mãe uma noite destas, que foi buscar uma caixa cheia de fotografias dela e do pai em cruzeiros. Quando a Volkswagen lhes oferecia viagens às Caraíbas e às Maurícias e por aí fora.

Sim, eu lembro-me disso, disse Dickie. Conhecia as fotografias: o pai com o cabelo penteado com brilhantina, um copo de *cocktail* na mão e o pôr do sol atrás dele em todas as fotos; a mãe, de fato de banho, a fumar e a trabalhar para o bronze. Não convidavam os filhos para os cruzeiros, e ele e Frank costumavam ficar com uma tia que tinha um cão a que não podiam dar festas e que cozia mal o ovo que Dickie comia ao pequeno-almoço.

Bem, a Imelda achou as fotografias o pináculo do *glamour*, disse Frank. O *pináculo*. Foi isso que me pôs a pensar. Mas que se foda, não tenho de ser o patrão. Posso bem continuar a ser vendedor. Faço qualquer coisa, para ser sincero. Não quero saber.

Dickie refletiu um pouco. Depois, disse: Tenho pensado na nossa conversa. Entretanto apercebi-me de que podias ter uma certa razão.

Era verdade? Percebera, pouco a pouco, que a sua vida podia de facto seguir outro rumo? Ou queria apenas mostrar-se à altura da descrição que Frank fizera dele havia poucos minutos, e provar que era um Dickie aventureiro, cosmopolita, idealista, que procurava conhecimento? Não sabia, mas deu por si a responder deste modo ao

irmão. Ainda não decidi o que quero fazer quando acabar o curso. Mas tens razão, o mundo é muito vasto.

Ouve, não mudes os teus planos por minha causa, disse Frank. Sabe Deus que provavelmente ia dar cabo daquilo tudo, fosse como fosse. Além disso, o que diria o pai?

Havia de aceitar, disse Dickie. Podia falar com ele. A sua voz soava-lhe afetuosa e generosa, e viu-se, aos olhos de Frank, como só muito raramente se vira — como um irmão mais velho, como alguém sólido, sereno, que percebia bem a situação, ou seja, o tipo de homem sobre quem Frank poderia dizer aos amigos: Fala pouco, mas quando fala, meus amigos, garanto-vos que tem aquela merda toda bem pensada.

*Ela é o máximo*, disse Willie naquela mesma noite quando estavam deitados na cama. Disse-me que o primo dela foi preso por esfaquear um cão com um garfo. Disse, com todo o orgulho, que ele apareceu nas notícias. Também me disse que uma cigana amaldiçoou a «mão de cavar» do irmão, e que é por isso que ele recebe uma pensão de invalidez.

Ele está a pensar em casar com ela, disse Dickie.

*Eu casava com ela sem pensar segunda vez*, disse Willie.

Ah, sim? E o que farias na noite de núpcias?

Cumpriria as minhas funções, disse Willie com solenidade. Virou-se sobre as costas e olhou o teto.

Só não percebo porque me falaste tanto dele. Estava à espera de um machão, de um gajo ao género Cúchulainn. Quer dizer, é simpático, sim, senhor. Mas é vulgaríssimo.

E tu és muito mais interessante, é claro, disse Dickie. Sobretudo quando andas três vezes por semana aos beijos com os teus cinquenta maricas do costume. E quando decides que lacinho usar no próximo debate.

Porém, estava apenas a provocá-lo. Ali, no quarto de Willie, com o aquecedor elétrico incandescente num canto, a estátua horrenda de Ganesh na consola da lareira que obrigara Willie a comprar porque achava que parecia o Deão da Universidade, e com livros empilhados por todo o lado, sentiu-se poderoso, ou melhor, leve, e no comando e livre e expansivo. Sentia que o futuro, que durante muito tempo julgara imutável, era na verdade amorfo, etéreo, e que esperava que Dickie decidisse que forma adquiriria. Virou-se de lado, debruçou-se sobre Willie e beijou-o nos lábios. Willie olhou-o surpreendido, um pouco como Frank o olhara horas antes — com um olhar de esperança misturada com gratidão —, e levantou a cabeça da almofada. E a sua cara, a sua cara feia e protuberante, que era também bonita, que Dickie pensava porventura amar, aproximou-se da dele até lhe ocupar por completo o campo de visão. E ele fechou os olhos e beijaram-se.

Terá sido essa a melhor época de todas? Alguma vez foi mais feliz do que nos meses que se seguiram à primeira visita de Frank? Três meses, uma estação só sua, dividida entre a primavera e o verão. Uma estação com o seu próprio clima, que alternava entre o sol radiante e a chuva, uma chuva a sério que caía a cântaros propositadamente e os livrava da obrigação de sair de casa. Uma estação com a sua banda sonora — Daft Punk e os Backstreet Boys, e Willie a cantar Jacques Brel no chuveiro meio encravado; com a sua própria comida (*Nunca comeste dim sum?*); os seus cheiros — estimulantes sexuais e látex, sândalo e E45; os seus sabores e dores e êxtases.

Willie esteve constipado quase metade desta época encantada. Para espanto de ambos, estava sempre debilitado e constantemente atormentado por todo o género de micróbios, dores de estômago e

maleitas. Alegava que aquele arsenal de males menores o impedia de contrair algo sério; chamava-lhe a sua *mauvais santé de fer*, a sua fraca saúde de ferro.

Este era apenas um dos seus muitos paradoxos, e quanto mais Dickie o conhecia, mais Willie lhe parecia insondável. Levava a vida mais dissoluta possível, mas nunca perdia a missa de domingo na capela do Trinity. Repudiava por princípio tudo aquilo que se autodenominasse «natural», mas adorava a natureza propriamente dita e era um entusiasta fervoroso das caminhadas nos vales gelados a sul da cidade. Criticava a música dos Nirvana, que apelidava de puro pretensiosismo, mas usava polainitos. Era um verdadeiro excêntrico no discurso, no modo de vestir e nas suas atitudes básicas para com a vida e a sociedade, mas quando Dickie lhe perguntou porque gostava dele, respondeu-lhe: Porque és muito estranho.

Um fim de semana, Willie levou Dickie à casa da sua infância, um antigo solar em County Meath com milhentos ratos e um lava-loiça partido. Os seus pais eram idosos e, à exceção de umas poucas conversas dolorosas sobre críquete, deixaram-nos à vontade. Encontraram um antigo ninho de vespas no quarto onde Dickie dormiu, e a colcha da cama estava polvilhada de cadáveres minúsculos e leves como plumas. Passaram a maior parte do tempo a aspirar.

Sabia que Willie esperava que lhe retribuísse o convite, e que o magoara ao não lhe fazer a vontade. Mas porque o queria levar à sua vila? Dublin era a terra de ambos, o seu lar. Parecia-lhe que a vida que levara antes de o conhecer pertencia a outra pessoa, a alguém por quem sentia pena, mas que não desejava rever.

Passaram inúmeras noites na Borboleta. De início, Dickie mostrara-se um tanto relutante em regressar ao bar, mas Willie insistira até o convencer de que seria seguro. Dickie confiava em Willie e acreditava

que nada de mau lhe aconteceria quando estivesse com ele. Não sabia de onde lhe vinha aquela fé; apercebeu-se de que sentira o mesmo com Frank durante a infância, mas não sabia ao certo o que concluir daquela associação. Depois começaram a explorar o crescente submundo da cidade. Abriam constantemente novos bares, novas discotecas iridescentes e com uma espécie de decadência virtuosa.

Tinham de ser cuidadosos, porque os gays eram frequentemente vítimas de ataques em plena rua. Mas não parecemos larilas, assegurava-lhe Willie. Tu pareces um rato de biblioteca. E eu um chanfrado. Ninguém imagina pessoas como nós a fazer sexo.

Comportavam-se como meros amigos na rua, na praça, no bar da faculdade e inclusive na Borboleta e no HAM. Continham os seus movimentos, coíbiam-se de tocar um no outro, e o seu comedimento em público tornava o momento em que finalmente se viam a sós — amiúde depois de inventarem desculpas rocambolescas que eram também, por si só, piadas privadas — ainda mais radiante.

Dickie nunca gostara particularmente de ter um corpo. Na verdade, odiava ter um corpo. Também não morria de amores pela sua cara, mas considerava-a apenas um prelúdio em tom menor da tragédia ensurdecadora que se escondia debaixo das suas roupas. Escanzelado, ossudo, inesperadamente peludo, o seu corpo era um compêndio de coisas más e confinante com a sua vergonha. Era o germe dos seus intermináveis pensamentos e desejos vergonhosos e ao mesmo tempo, porque vergonhoso, um impedimento à concretização dos ditos pensamentos. Os seus defeitos eram incontáveis, mas, ao longo dos anos, dedicara horas infindas à sua enumeração. Costumava começar pelos pés. Os seus pés! Com os dedos aberrantemente compridos, quase capazes de preensão, com a sua propensão para as micoses e a escamação cutânea, e os tufos grotescos de pelo na parte de cima, os

seus pés eram por si só tão repulsivos que bastavam para pôr fim a qualquer discussão sobre o tema. Se requeressem mais provas, havia apenas que atentar ao pelo gratuito que também lhe adornava as barrigas das pernas pálidas e magricelas, aos joelhos ossudos (é claro), e, depois de ver as coxas ao mesmo tempo gordas e pequenas, concentrar-se no pudim necrótico e deprimente que constituía o seu rabo. Isto era apenas a metade inferior, que, excetuando o seu pénis — essa tragédia indescritível —, considerava de longe a melhor das duas. Uma mente rebaixada por um corpo: em suma, a sua vida resumia-se a isso.

Contudo, não era assim que Willie o via. Gosto dos teus pés, dizia ele, e chupava-lhe os dedos. E dos joelhos?, perguntava Dickie, mas por essa altura Willie já tinha enterrado a cabeça nas virilhas de Dickie, que conseguia apenas ganir e rir-se e deitar-se e deixar o seu corpo — o seu pobre corpo, que vivera tantos anos como um cão acorrentado numa cave a quem ninguém dá amor! — sucumbir ao prazer. Era como sentir o sol na pele pela primeira vez, como banhar-se na luz do sol, ser fodido pela luz do sol, fodido em todos os poros, e perguntava-se, com o pouco de funcional que lhe restava no cérebro, porque é que as pessoas não faziam sexo o tempo todo em vez de se dedicarem a outras coisas.

Depois do prazer, odiava por vezes Willie. Isto acontecia contra a sua vontade, como se bebesse uma poção: sentia-se engelhar e transformar numa velhota fria e esclerosada. Nessas ocasiões, odiava Willie por este o amar e, em simultâneo, desprezava-o por fingir que o amava, embora não tanto quanto se desprezava e odiava a si mesmo.

Este ódio por si próprio não era exclusivamente pós-coital, e sentia-o também quando estava a sós. Era um ódio que surgia do nada, como que para o engolir, e apresentava-se como clareza. Com todo o algodão doce emocional varrido de cena, via, sem compaixão e em grande pormenor, o ato que cometera e no que se tornara. Aquela palavra, *maricas*, que o

Willie usava a torto e a direito — bem, era o que ele fazia, não era? —, correspondia ao que de facto Willie era, um maricas, e ser-se maricas consistia numa falta de seriedade essencial, numa trivialidade, porque, ao renderem-se aos seus desejos, os maricas viam-se esvaziados por eles, e incapacitados de representar um qualquer papel sério no mundo dos homens.

Na sua mente, o veneno da lucidez espalhou-se depressa até tocar em todos os aspetos da sua vida em Dublin. Da falsidade de néon da Borboleta passou para a *Hist.* Outrora, achara que a associação de debate era um lugar sagrado, onde se forjavam verdades profundas sob a espuma à superfície. Mas apercebeu-se de que também aquilo era pretensiosismo, representação, um bando de rapazes espertos que tentavam parecer mais do que eram, só que ali usavam a verdade, a justiça, os direitos em vez de usarem próteses e esteroides. Rapazes espertos como Willie, que usavam factos sobre o mundo real para fingirem que se preocupavam com ele, para parecerem pessoas sérias enquanto se divertiam com palhaçadas e se preparavam para obter empregos bem pagos nas áreas do direito e da comunicação social.

A melhor época estava, por conseguinte, interligada à pior. Já não conseguia evitar ser o que ele era. Deixava-se ficar na cama, apático com o ódio que sentia por si mesmo, e perguntava-se se já arruinara a sua vida, se ainda haveria forma de escapar daquilo e ser normal. Queria, mais do que tudo, voltar atrás no tempo e fazer amizade com outro rapaz, com alguém que fosse apenas seu companheiro, que lhe falasse sobre ténis ou bandas obscuras, que atravessasse, ao seu lado, a praça à luz do sol, como os rapazes faziam, inocentes e saudáveis e normais.

Uma noite, contou tudo isto a Willie para o magoar. Willie ouviu-o cabisbaixo. Nunca contrapunha Dickie quando este estava nos seus surtos de mau humor. Por fim, disse: Presumo que é o que toda a gente

quer? Ser como todas as outras pessoas. Mas ninguém é como todas as outras pessoas. É isso que temos em comum.

Somos todos diferentes, mas todos pensamos que os outros são iguais, disse ele. Acho que o mundo seria um lugar muito mais feliz se nos ensinasse isso na escola.

Dickie não respondeu. Parecia-lhe que quando Willie falava com ternura ou amorosamente, ou tentava descrever as suas emoções, a sua inteligência desaparecia e ele soava como uma citação de um postal da Hallmark. Não queria que o reconfortassem, muito menos Willie. Queria estar de volta a casa e que os últimos três anos não tivessem acontecido. Como isto não era possível, queria flagelar-se, ser castigado, que alguém *lhe metesse juízo na cabeça à murraça*, como diria o seu pai, e lembrou-se uma vez mais das tardinhas no jardim, dos lilases e das azáleas da mãe, da sua flox radiante, e das hidrângeas que dançavam à volta deles quando, face a face com o pai, numa das suas lições, este último lhe arrancava, à murraça, pequenos pedaços de si, até restarem apenas as sombras pálidas e em movimento na erva.

Só reviu Sean uma única vez. Dickie estava a descer a O'Connell Street num sábado à tarde quando se cruzou com uma manifestação qualquer a decorrer diante do GPO. Não era uma grande manifestação — teria cerca de vinte ou trinta pessoas que seguravam em duas ou três faixas. Um homem estava a falar a um megafone, mas não se percebia nada do que dizia. Quando Dickie abriu caminho pela multidão, um dos manifestantes virou-se para trás e deu-lhe um folheto.

Não estava a usar uniforme, mas uma camisola *Aran* que fazia com que parecesse um pescador, ou com a ideia que um turista tem de um pescador. Demorou-se estranhamente quando passou os olhos pelo rosto

de Dickie. Dickie apercebeu-se de que não se conseguia mexer. O terror daquela noite reavivou-se no seu íntimo como o sintoma de uma doença que julgasse há muito curada. Mas isto durou apenas um instante, e logo baixou os olhos e prosseguiu.

Só se lembrou do folheto quando regressou aos seus Quartos e trancou a porta. Ainda o tinha, amassado numa bola e húmido por conta dos seus suores frios, no punho fechado. Alisou-o na bancada da cozinha. Uma fotografia de um feto coberto de sangue e parcialmente desmembrado. Imaginou-se no chão do apartamento de Sean — algo que nunca devia ter nascido.

Mas estes momentos eram anomalias, desvios da norma. Aquela estação só sua foi a melhor época de todas, e na maior parte do tempo sentia-se feliz, mais feliz do que alguma vez fora. Talvez tenha sido por isso que lhe custou aceitá-la. Presumira sempre que a felicidade era para as outras pessoas, para a carneirada, para os normativos, para os sonâmbulos, como recompensa pelo seu conformismo tacanho. Parecia-lhe que fora iniciado num culto secreto — um grupo de pessoas que por fora não se distinguiam das outras, mas que no seu íntimo ocultavam um segredo miraculoso: estavam apaixonadas.

E depois Frank voltou.

O seu regresso foi muito dramático: chegou a meio da noite e começou a bater com força na porta do edifício. Mais tarde, Willie disse que Frank era um daqueles *drama queens* que se fingem de gajos normalíssimos, mas cujas vidas parecem desenrolar-se constantemente ao nível de uma ópera.

Dickie estava na cama; ouviu a comoção mais abaixo e decidiu investigar o que se passava. O professor idoso que habitava o rés do chão abrira a porta do prédio e barafustava com Frank. Não me lembrava de qual era o teu quarto, disse Frank a Dickie quando o viu descer as escadas.

Dickie agradeceu e pediu desculpas ao professor e convidou Frank a subir. Como acordara havia pouco, esteve prestes a levá-lo para o quarto de Willie, mas lembrou-se mesmo a tempo de o conduzir por mais um lance de escadas até aos seus Quartos, que claramente não eram habitados havia um mês; teve inclusive de abrir uma janela para arejar o apartamento, que cheirava a mofo, embora chovesse a cântaros lá fora.

Todavia não havia necessidade de se dar a tanto trabalho, porque Frank estava fora de si e não reparava em nada. Dickie nunca o tinha visto assim. Estava ofegante e parecia estar também a transpirar profusamente, conquanto não o pudesse determinar com toda a certeza, porque andara à chuva e estava encharcado até aos ossos. Ignorou os inúmeros convites de Dickie para se sentar e começou a andar de um lado para o outro do quarto, cabisbaixo, como se procurasse alguma coisa que tivesse deixado cair ao chão. Carregava um saco ao ombro, vestia um casaco fino e parecia um fugitivo. Estou desgraçado, disse ele. Desgraçado, repetiu, e em seguida: Posso fumar aqui dentro? Sacou de um maço de *Benson & Hedges*. Dickie apontou-lhe a janela, mas ele acendeu o cigarro no sítio onde estava. Depois sentou-se, por fim, à mesa da cozinha. Estou fodido, disse.

Estava tão agitado que mal se lhe conseguia arrancar uma frase coerente, mas acabou por contar a história a Dickie.

O problema era a rapariga. Ou melhor, o pai dela, que lhe dera a saber, com termos explícitos e sem ambiguidades, que os queria casados.

Agora?, perguntou Dickie. Ela... não está grávida, ou está?

Frank meneou a cabeça e assoou o nariz. Não, respondeu ele. Pelo menos, não de mim. Cerrou os dentes. Nunca fizemos sexo, Dickie. A Imelda é virgem.

Dickie tinha as suas dúvidas, mas disse apenas: Se assim é, porquê agora? Porque te está a pedir isto assim de repente?

Frank tapou a cara com as mãos e gemeu. Lembras-te de, no inverno passado, me terem dispensado da equipa e eu tentar perceber o que havia de fazer da vida? Lembras-te de quando falámos do *stand*? Bem, decidi que ia para Londres com o Dolly. Para procurarmos investidores, ou algo assim. Ela não ficou nada contente quando lhe falei dos meus planos.

Mas acabaste por não ir, disse Dickie.

Pois não, porque o pai voltou a empregar-me no *stand*. E a equipa também me aceitou de volta, e ficou tudo resolvido. Mas o Paddy Joe — o pai da Imelda — descobriu que eu pensava ir-me embora e está furo.

Ela contou ao pai que a ias deixar?

Contou ao irmão. E ele descaiu-se com o Paddy Joe, que agora está passado da cabeça, porque acha que me vou pôr na alheta e fugir para Inglaterra.

Mas isso já foi há meses, diz Dickie.

Eu sei.

E não foste.

Eu sei, Dickie, eu sei! Não estou a dizer que faz sentido! Não conheces este tipo, o gajo é completamente chanfrado! Ele disse-me... estava em casa dela e tinha os irmãos todos num círculo à minha volta, e ele disse-me *Já enfiaste o dedo na tarte*. Foram literalmente estas as palavras, foi mesmo o que ele me disse. Acreditas nisto?

Dickie não acreditava por completo, de facto. Soava a algo saído de um *western*. Mas viu que o irmão estava amedrontado — o seu irmão

Frank, que nunca tinha medo de nada.

O que faço agora?, perguntou Frank.

Não te queres casar com ela?, perguntou Dickie. Da última vez que te vi, parecias estar a pensar seriamente nisso.

Tenho dezanove anos! Dezanove anos, caralho! Não me quero casar com ninguém!

*OK, OK*, acalma-te, disse Dickie. Falaste com o pai?

Frank baixou a cabeça e deixou cair as mãos no colo. Oh, o pai. O pai acha que cavei a minha sepultura.

Não acredito que pense mesmo isso, disse Dickie.

Oh, pensa, sim, só que disfarça. Esconde o que quer dizer com as tretas do costume. Sê homem, age honradamente, responsabiliza-te pelas tuas decisões — essa merda toda. Mas quer castigar-me. Como quando me apanhou com um cigarro na boca e me fez fumar o maço inteiro até vomitar.

E casar com a Imelda é o castigo, disse Dickie.

Frank baixou de novo a cabeça, que estava ainda molhada da chuva. Não é bem isso que quero dizer, não é um castigo, tartamudeou. É só que... é demasiado cedo! Não estou preparado!

Não podes... Dickie não sabia até que ponto devia levar aquela história a sério, porque Frank tendia a exagerar as coisas. Se tiver mesmo de ser, não podes ficar noivo e... tu sabes, não precisas de marcar já a data do casamento. Isso não chegava?

Mas Frank abanou lentamente a cabeça e recomeçou a falar do pai de Imelda, o tal homem que Dickie não conhecia. A ter em conta a descrição, parecia uma personagem de um conto de fadas — um gigante aterrador com uma filha lindíssima e cuja monstruosidade era diretamente proporcional à beleza da rapariga. Acho que já matou pessoas, Dickie. Tem vídeos das lutas dele, e num deles um homem, o

olho dele... Estremeceu. Quando eram crianças, quase matava os irmãos dela à pancada. Matou-lhe a gata, Dickie! Matou a gata da Imelda quando ela engravidou! E o cão, e um cavalo. E ela diz que aquilo é a casa dela! O lar! Meu Deus, Dickie, as coisas que já aconteceram por lá!

Está bem, está bem, disse Dickie, que levantou de novo as mãos para lhe pedir calma. Vamos considerar as tuas opções. Não te queres casar — para já. O pai não te vai ajudar. O que te resta?

Frank tentou recompor-se. Depois, recorreu a todas as suas forças e, num fio de voz, disse: Há um curso de *marketing*. É em Birmingham, dura dois anos. Pensei que, se me inscrever nele, me safo da força e fico com tempo para pensar e perceber o que devo fazer. E vem mesmo em boa hora, porque começa na próxima semana.

Na próxima semana? Dickie percebeu finalmente porque é que o irmão lhe tinha aparecido à porta com um saco ao ombro. Vais-te embora *agora*, é isso? Vais para Inglaterra *agora*?

Aqui, não estou em segurança!, disse Frank. O gajo está sempre a aparecer na carrinha, vai ter comigo quando estou a treinar ou no *stand*, estaciona à frente e fica lá sentado!

No seu íntimo, Dickie sentiu-se de repente nauseado. Tentou, porém, falar com objetividade. Então o teu plano é fazer precisamente o que ele receava que fizesses? Decidiste fazer o que tinhas decidido não fazer, porque ele acha que o vais fazer.

Oh, por amor de Deus, já tenho a cabeça lixada que chegue, Dickie!, protestou Frank.

Está bem, disse Dickie. Só estou a tentar perceber a lógica da tua ideia.

Bem, seria útil para os negócios, disse Frank. E posso pagar eu próprio o curso, tenho as minhas poupanças. E assim as coisas podiam acalmar um bocadinho, a poeira podia assentar. Tipo, mesmo que só

fizesse o primeiro ano, dava tempo de toda a gente se acalmar. E depois podíamos seguir ao nosso ritmo.

Disse tudo isto num tom comedido, como se o explicasse a si mesmo ou o estivesse a recitar para um teste, mas, no fim, perdeu a voz e olhou suplicantemente para o irmão: Mas não sei! Não sei se está certo, ou se... O que achas, Dickie? O que achas que devo fazer?

E Dickie apercebeu-se de que estavam a viver um momento crucial: sentiu-o literalmente no corpo, como se o quarto se agitasse, de modo quase impercetível, num balancear ritmado — agora para cima, depois para baixo — assente num ponto fixo. Como se apontasse ora para um futuro, ora para outro.

Levantou-se e pôs de novo a chaleira ao lume. Enquanto a água fervia, tirou um pacote de chá do armário. E pensou para consigo: Se o Frank for para Inglaterra, nunca mais cá volta. Dickie conhecia o irmão e sabia que pouco ou nada importava o que faria por lá. Quer fizesse apenas parte curso, quer o concluísse, e quer esquecesse ou não a rapariga, a verdade é que, quaisquer que fossem as suas intenções iniciais, ver-se-ia em Inglaterra ensarilhado nos mesmos problemas que estava a enfrentar na Irlanda. Resgataria um gato preso numa árvore e o dono teria duas filhas bonitas e apaixonar-se-ia por ambas, ou juntar-se-ia à equipa local de futebol gaélico e conheceria um milionário que estava a abrir um negócio no Dubai, ou enfureceria um traficante de droga e assumiria uma identidade falsa, ou cairia de uma ponte, ou receberia uma herança — aconteceria necessariamente alguma coisa, sem dúvida.

E muitos anos depois, sentar-se-ia no escritório do *stand* com um colete almofadado ou um anoraque sujo vestido e recordaria os velhos tempos e a rapariga tresloucada e bonita — Como é que ela se chamava? Imogen? Irene? — que lhe cativara o coração, mas com quem as coisas

não haviam funcionado. Daria uma palmada no joelho de Dickie — do bom do Dickie, sempre tão prestável e fiável —, que há muitos anos ocupava a secretária de gerente, e diria: Bem, provavelmente foi melhor assim. Imagina só como estaria este *stand* se tivesses ficado em Dublin e eu te tivesse substituído como gerente!

Sim, Frank ir-se-ia embora para não mais voltar, e Dickie acabaria, no fim de contas, no *stand*: foi isto que viu, como numa visão, quando abriu o armário para tirar o pacote de chá. E viu, com a mesma clareza, que não queria regressar ao *stand*. Já não queria essa vida.

E, assim, disse do outro lado do quarto: Acho que aqui o mais importante é teres em mente que te vais casar com ela, não com a família dela. Pousou as canecas na mesa. Quer dizer, o pai parece ser um pesadelo, sem dúvida. Mas provavelmente vai deixar-te em paz assim que se casarem. Não tens de o voltar a ver se não quiseres.

Frank ouviu o irmão com o cenho franzido. Estava confuso. Não é que não queira casar com ela, Dickie. Mas ele quer que me case com ela *agora*. Quer que nos casemos *agora*.

Bem, de certa maneira isso não me admira muito, disse com naturalidade Dickie enquanto juntava leite ao chá. Tens de admitir que não dás muitas garantias, estás sempre a mudar de ideias. Quer dizer, estás a dizer-me que queres fugir para Inglaterra, quando da última vez me disseste que tinhas decidido que querias ficar cá. Entende-se porque é que o pai dela está preocupado.

Frank cerrou os dentes e sacou de um cigarro a que deu uma pancadinha na mesa.

E ela quer casar contigo?

Presumo que sim, disse Frank.

E se ela te dissesse que te ia deixar porque não queria esperar para se casar, o que lhe dirias? Ou, dizendo isto de outra maneira: e se ela *não*

quisesse casar contigo? Se te dissesse que gosta de estar contigo, mas que não vos imagina a viverem juntos, ficarias contente?

Frank abanou lentamente a sua pobre cabeça toldada. Dickie sentiu-se mais animado e a ganhar ímpeto. Com que rapidez lhe ocorriam os argumentos! Com que inteligência e persuasão a sua língua os explicava! Sim, afinal sempre aprendera alguma coisa no Trinity, sobretudo nas muitas noites passadas na *Hist* a ouvir estudantes de *blazer* ou fraque a digladiarem-se.

Não te sintas preso pelo *stand* se quiseres mesmo ir embora, disse ele, como se acabasse de se lembrar daquilo. Se for preciso, podemos sempre retomar o plano original. Tenho a certeza de que mais tarde te arranjará um trabalho qualquer; como vendedor, ou assim.

Não, não... Não quero nada disso, disse dolorosamente Frank. Só... Não achas que é demasiado cedo para assentar?

Dickie ponderou um pouco. Penso que a questão que interessa aqui, disse ele enquanto levava um dedo ao queixo num gesto de reflexão profunda, tal qual vira Willie fazer, é saber se a *amas*. Ama-la?

Não sei, disse Frank. Acho que sim.

Bem, então aí tens, disse Dickie.

E Frank voltou para casa e seguiram-se muitas semanas, durante as quais pediu Imelda em casamento, ela aceitou o pedido e eles começaram a planear a boda; e Dickie voltou a casa para assistir à festa de noivado, e eles os dois visitaram-no de novo em Dublin, e Frank agradeceu a Dickie o conselho que lhe dera, e ao ver como o irmão estava feliz, Dickie teve a certeza de que aquela fora a melhor decisão possível; e ele e Willie saíam e ficavam em casa e bebiam e debatiam e,

com o aproximar do final do ano letivo, estudaram para os exames e fizeram planos para o verão.

Mas, mais tarde, ao recordar todo este período, parecia-lhe que passara diretamente daquela conversa com Frank — de lavar as canecas no lava-loiça e de lhe dizer que podia dormir no sofá — para a sala boa da casa dos pais, onde um Willie de olhos vermelhos estava, sabia-se lá como, à sua frente. Como se não tivessem meses nem dias, mas apenas um mero instante, entre aquela conversa à meia-noite e o presente, como se as esquálidas paredes dos seus Quartos tivessem caído enquanto o irmão estava ainda a beber chá à mesa, pondo a descoberto um mundo em que Frank já não existia, em que Frank estava sepultado no cemitério, e Dickie, embriagado, toldado, aniquilado, ouvia na sala — onde um pano cobria ainda o espelho — Willie acusá-lo de má conduta e fazer-lhe a mesma pergunta que Dickie fizera a Frank havia um instante, uma vida: *Ama-la?* A mesma palavra, mas retorcida, estilhaçada, carbonizada, como os destroços do carro que tinham tirado do campo nos arredores de Naancross. Dickie vira-o passar; estava no jardim com a mãe e ouvira-a gritar como se uma espada lhe houvesse atravessado o corpo. De início, voltara-se para ela, para perceber para onde estava a olhar, e fora então que o vira passar num reboque: uma carcaça mutilada e incinerada, mas ainda reconhecível. O carro de Frank. A mãe deixara-se cair no chão e tapara a cabeça com as mãos, como se durante um bombardeamento aéreo, apesar de a bomba já ter rebentado e a espada atingido o seu alvo. Embora não soubesse explicar porquê, foi pior do que ver o cadáver de Frank. Na verdade, não conseguiria explicar nada de nada, porque todo aquele período não foi mais do que confusão e cegueira, como rastejar por um tubo de metal, no escuro, enquanto do lado de fora alguém batia com barras de ferro

nas paredes. Mas algures por ali, sim, ele tinha pedido Imelda em casamento. Apaixonara-se por ela e estavam noivos.

Las sequer dizer-me?, perguntou Willie numa voz trémula e branco como a cal. Tinha ainda a mochila ao ombro. É um amigo de Dublin, anunciara Dickie a ninguém em específico quando o encontrara à porta.

Não devias ter vindo, disse Dickie.

Então vais mesmo fazer isto, disse Willie. Ou talvez tenha dito: Porque estás a fazer isto? Não importava. Dickie consultou o telemóvel. Tinha obrigações a cumprir e milhentos assuntos de que tratar.

Rias-te dela, disse Willie. Até lhe chamaste Sininho!

Dickie não queria ouvir o que a sua antiga versão tinha feito ou deixado de fazer. Não vale a pena explicar, nunca vais compreender, disse ele.

Compreendo, sim!, gritou Willie, desesperado. Achas que a culpa foi tua, achas que devias ter morrido, tu e não o teu irmão!

Não fales do meu irmão! A sua voz soou como o estalo de um chicote. Willie deu um passo atrás. Fitou-o, angustiado, com o seu rosto pálido e triste contraído num ricto de dor. Fora até ali para convencer Dickie, tal como Dickie convencera Frank. Mas estava a perder o seu tempo.

É claro que devia ter sido ele a morrer. Ninguém o disse, porque não havia necessidade, era mais do que óbvio. Vira, no quarto de Frank, o pai chorar sobre o caixão, as suas lágrimas caírem na cara reconstruída com cera de Frank, e vira-o levar os dedos aos lábios do filho. Parecia cambalear, se é possível cambalear parado no mesmo sítio, e Dickie manteve-se nas sombras, quente e pegajoso do que estivera a fazer em Dublin; ainda o sentia em si, colado a ele, como uma pele, uma pele de pecado. O seu tio, que regressara de Inglaterra, estava ao seu lado e abanou a cabeça e disse: Isto vai ser a morte do teu pai. A morte dele.

Porque é que a culpa é tua? O que é que isto tem que ver contigo?

Tudo, tinha tudo que ver com ele. Supostamente era ele que devia suceder ao pai no *stand*. Fora sempre esse o plano. Mas ele tentara escapar. Tentara obrigar Frank a tomar o seu lugar.

Não o obrigaste a nada, não obrigaste ninguém a coisa nenhuma! Disseste-lhe o que ele queria ouvir! Querias que ele fosse quem era! Bom! Nobre! Sincero para com ele e com a namorada!

Apenas porque lhe era conveniente. Só para que pudesse continuar a levar uma vida sórdida em Dublin. Sabia que o que eles estavam a fazer era errado. Fingia que não, mas sabia-o. Era algo *contra naturam*, não natural — lembrava-se bem disso, aprendera-o havia longos anos, quando era um rapaz religioso que percebia dessas coisas, embora na altura não percebesse ao certo o que significava. Era um género de maldade muito específico, muito pernicioso, porque deslaçava, desfazia as coisas naturais em que tocava. Quem era mais natural do que Frank, tão aficionado por desportos e carros, um jovem com uma namorada bonita que usava vestidos acetinados? Dickie tentara ocultar a sua própria perversidade com a normalidade do seu irmão. No entanto agora tudo descarrilara, dando origem a uma matéria negra e confusa, como uma fita arrancada a uma cassette. A culpa era dele: em nada o desculpava que não soubesse o que viria a suceder.

Ou será que sabia? Algures bem lá no fundo não teria previsto tudo aquilo? Era possível que o tivesse causado de forma deliberada num derradeiro ato de desprezo pelo irmão que sempre invejara? Cujas vida sempre desejara para si? Era uma ideia demasiado horrenda para sequer contemplar, no entanto, não era por isso que a esquecia, a ideia escondia-se insidiosamente e surgia na sucessão infinda de noites insones, nas horas após horas de vida vazia e impossível de preencher que se via obrigado a carregar como um fardo naquela casa em luto —

tinha de percorrer muitos hectares de um estado de vigilância completa quando isso era na verdade a coisa que menos queria, como se todo o tempo que Frank não utilizara e que lhe era devido lhe tivesse sido atirado para cima, como castigo. *Fizeste isto de propósito? Fizeste isto para o destruir?* Passou horas a fio deitado, acordado, dando voltas e mais voltas atormentado pela pergunta silenciosa, até que, uma noite, em completo delírio devido ao cansaço, se levantou e foi ao quarto de Frank. Era o que fazia sempre quando em criança tinha um pesadelo ou medo de monstros. Só se lembrou de que ela estava lá quando a viu a olhar para ele deitada na cama. Esperou que ela se lhe lançasse num salto, que lhe arrancasse os olhos, que lhe gritasse as acusações que ecoavam na sua mente dia e noite, que lhe dissesse: *Foste tu que fizeste isto!* Ele esperava, pedia inclusive a Deus, que ela lhe dissesse aquelas palavras.

Mas ela disse apenas: *Acordei-te?*

Não faz mal, disse ele. Não estava a dormir.

Ela voltou a deitar-se, virou-lhe costas. E ele sentou-se aos pés da cama. Ela chorou em silêncio por baixo da cobertura. O som do seu choro abafado proporcionou-lhe uma estranha serenidade, como se ela estivesse a chorar por ambos. E quando ela finalmente adormeceu, ele manteve-se acordado por ambos, podia ficar exausto pelos dois. Sob as estrelas esverdeadas do teto, ele sentia-se apenas exausto e de luto. Não se sentia má pessoa nem que o acusavam de nada. Regressou na noite seguinte, e na noite que se seguiu a essa, e todas as noites às duas, três, quatro da manhã, quando a ouvia chorar. Não falavam, ele sentava-se simplesmente na cama para lhe fazer companhia, ele, com o seu crânio desolado, ela, a chorar ou deitada em silêncio, a usar o mesmo vestido, por lavar, desde o funeral. Ele sentia que abandonava o mundo real e entrava noutra, como se se encontrasse com um espírito na floresta que

nada tivesse que ver com o dia, com a pessoa com que ele se cruzava na cozinha, no jardim, com olheiras. Ele sentava-se e pousava-lhe uma mão na ilharga. Na escuridão, ela era como que o reflexo que ele suportava ver. Ela pegava-lhe na mão e pousava-a no seu cabelo. Ele deitava-se ao lado dela na cama do irmão e ela encostava-lhe os lábios à sua testa, e por vezes ele adormecia. Eram a mesma pessoa, encaixavam um no outro, como os destroços de um carro e as ruínas de um *stand*: ela era a única pessoa de quem ele suportava estar próximo. Um novo terror apoderava-se dele ao pensar que ela partiria, mas era um terror agradável, porque não fazia qualquer sentido que ela se pudesse ir embora. Não fazia sentido não lhe limpar as lágrimas do rosto com beijos e depois beijar-lhe a boca. Essas reservas faziam parte de um mundo que pertencia ao passado. Eles já não eram as pessoas que costumavam ser. Quando ela despia o vestido, a sua beleza repousava em fragmentos à sua volta como os cacos de um jarro partido. E os pensamentos dele, a sua inteligência, ficavam enterrados na floresta, armazenados para os utilizar num inverno que nunca mais reapareceria.

Foi então que lhe ocorreu o que tinha de fazer. Quisera que Frank tomasse o seu lugar, e agora competia-lhe tomar o de Frank. Era a melhor solução, a única forma de expiar os seus pecados. Ele seria não só Frank como seria também *o Frank que o próprio Frank não era*. Assim que tomou esta decisão, tudo o resto foi fácil. Quando ela lhe disse que estava grávida, isso tão só provou que ele estava no caminho certo. Havia algo mais natural do que aquilo? Não lhe custou nada descartar-se dos seus velhos planos, do seu velho eu. Tornou-se então claro o que tinha de fazer. Talvez fosse claro pela primeira vez em toda a sua vida. Pediu-a em casamento e ela aceitou.

Achas que estás em condições de tomar este género de decisão?, perguntou Willie. Não vês que isto é uma loucura? Pousou-lhe as mãos

nos ombros. Os olhos moviam-se de um lado para o outro por trás das lentes grossas dos óculos. Ele teve um acidente de carro, Dickie. É natural que te sintas culpado. Mas não tens culpa!

Dickie, aparentemente indiferente, afastou-lhe as mãos. Mas ele insistiu. Tu não és assim, disse ele. A pessoa que conheço não se livraria de alguém desta maneira. Não estás bem, Dickie. Isto não faz sentido nenhum. Achas mesmo que consegues escapar à verdade? É isso que estás a tentar fazer? Vais fingir pelo resto da tua vida?

Mas o que sabia Willie sobre a verdade? O que sabia ele sobre família, deveres? Pensou nos pais de Willie, no ambiente de indiferença benigna prevalecente na sua casa infestada de ratos.

Estou a mudá-la, respondeu-lhe. Estou a mudar a verdade.

Isso não faz sentido nenhum!

Por favor, não continues a discutir comigo, disse-lhe Dickie. Os meus pais precisam de mim. A minha noiva precisa de mim.

A tua *noiva*! Willie riu-se amarga e violentamente. Nem sequer te apercebes do quão ridículo isso soa?

Dickie apercebeu-se de que naquela casa havia semanas que ninguém se ria, nem sequer amargamente.

Um relógio deu as horas na consola da lareira, aninhado entre as fotografias da família: Frank em criança, adolescente, adulto. Quando retomou a palavra, Willie recorreu a um tom mais meigo. Vais mesmo fazer isto?, perguntou. Vais abandonar tudo o que tens? Abandonar a pessoa que te ama?

Dickie devia ter-se sentado a dado momento, porque se levantou então, e Willie também se levantou e agarrou nas mãos de Dickie, como se estivessem no altar. Dickie, sussurrou, porque não conseguia falar. As lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo, pela sua pobre cara feia. Dickie, soluçou. Volta para Dublin. Trá-la contigo, a tua... mulher. Não temos

de nos voltar a tocar. Nem falar, não temos sequer de nos falar se não quiseres. Mas fica perto, fica perto de mim.

Sim, foi triste, Dickie ficou triste ao vê-lo rebaixar-se daquela maneira. Assim que a sua retórica perdia poder, assim que se via o que estava por trás dela e que não passavam de palavras, ele realmente não tinha muito para oferecer. Talvez tenha também vertido uma lágrima ao ver Willie chorar. Mas, no silêncio, sentiu o coração insuflar-se-lhe de ânimo, porque soube que aquilo era o fim.

## VIII

Uma manhã, acordam e reparam que o tempo mudou. De um dia para o outro, o calor que os recobriu durante tanto tempo levantou-se e foi para outro lado qualquer. Cedeu o seu lugar a uma frescura que Dickie reconhece como os princípios do outono, que, embora seja o prelúdio do inverno, sempre lhe pareceu a altura do ano em que o mundo se apresenta como novo. Atravessa com PJ a lindíssima floresta moribunda, um mosaico de vermelhos e dourados em contínua mutação, e aspira um ar que parece cintilar com uma magia consciente e astuta. Percorrem o circuito sem já necessitarem do mapa e, quando os encontram, soltam os esquilos-cinzentos das armadilhas em que caíram. Dickie sente-se — ele, um homem de meia-idade, pai de dois filhos! — estonteado com esta magia da floresta, com este ar cintilante. A seu lado, o filho palra sobre exoesqueletos, anomalias do espaço, que *daimon* gostaria de ter. As folhas caem à volta deles, e as veias de Dickie pulsam repletas de energia estática, como se fosse de novo um rapazinho, ou um rapazinho pela primeira vez.

Quando regressam à clareira, encontram Victor a acartar novos sacos de bentonite da carrinha. Estás de volta, diz Dickie. Pois estou, diz Victor. Já voltei há uma boa hora. Continua a descarregar os sacos. É difícil ler-lhe a expressão facial, mas parece sorrir para consigo. Como é que as coisas correram?, pergunta Dickie. Oh, bem, correram bem, diz monocordicamente Victor. Vamos ter isto a funcionar até ao fim do dia, se Deus quiser. De novo o sorriso matreiro e fugidio. Volta à carrinha, pega sem esforço noutra saco e pousa-o junto aos que estão por baixo de uma árvore. Depois diz: O teu pai esteve aqui à tua procura.

A alegria de há instantes desaparece de imediato. Aqui?, pergunta. Veio cá?

Perdeste-o por pouco, diz Victor. Olha para o relógio. Foi há vinte minutos, ou coisa assim.

Viste-o?, pergunta Dickie. Falaste com ele?

Oh, falei, sim, diz Victor. Uma vez mais o sorriso misterioso, como se o tormento de Dickie o divertisse.

Dickie olha, desolado, para o *Bunker*, para as duas paredes fortes ainda sem rede, e tem a ideia absurda de que o pai talvez nunca o tivesse encontrado se tivessem acabado de o camuflar. O que é que ele disse?

Victor parece engasgar-se, solta um silvo repetitivo enquanto os ombros lhe estremecem. Dickie demora algum tempo a perceber que ele se está a rir. Não disse muita coisa, responde Victor. Solta grunhidos e parece engasgar-se alegremente por mais alguns segundos antes de entrar em pormenores. Andou por aqui às voltas a fazer um discurso, diz ele, e não é que foi enfiar o pé naquele balde de cimento-cola que está ali — Victor aponta para o balde, agora inocentemente pousado num toco de árvore — e depois caiu de cabeça ao entrar na tenda. Victor aponta então para a tenda que está, como Dickie repara, numa posição um tanto precária, quase a tombar de lado.

Oh, céus, diz Dickie. Ele está bem?

Os sapatos é que não estão nada bem, diz Victor, vermelho como um pimento de tanto se rir. São de camurça, diz ele.

Oh, céus, diz de novo Dickie. É melhor ligar-lhe, diz ele.

Passa-se alguma coisa, pai?, pergunta PJ.

Não, não. Tenta, sem grande sucesso, sorrir e depois afasta-se um pouco da clareira e embrenha-se na vegetação rasteira, sustendo o telemóvel à sua frente como fez outrora com as varetas em busca de água, até encontrar por fim rede.

O pai atende a chamada ao primeiro toque. Em que raio de brincadeira de merda andas metido?, pergunta. Que achas que estás a

fazer, o que é que te passou pela cabeça para me obrigares a procurar-te na porcaria do teu forte ou lá que raio é isso?

Dickie começa a desculpar-se, mas o pai não o deixa falar. Não tenho o tempo todo do mundo, Dickie, tenho de gerir bem o meu tempo e tu obrigas-me a correr pela floresta à tua procura porque nem sequer me fazes a cortesia de retribuir as minhas chamadas. Andas a esconder-te de mim? Meu Deus, via-te mais quando estava em Portugal do que agora que estou cá!

A sua fúria liberta-se do telemóvel e rodeia Dickie como um campo de forças. Bem, agora sou todo ouvidos, diz em tom neutro. Em que te posso ajudar?

Em que me podes ajudar?, responde-lhe o pai em tom zombeteiro. Podes vir até cá e explicar estas contas todas fodidas!

Ao ouvir falar em contas, Dickie sente um calafrio como se o Sol se tivesse extinguido de repente. Começa a fazer sons vagos em jeito de explicação. Folhas contabilísticas, atualização, declarações trimestrais, transferência de dados, ouve-se a recitar estas palavras e vê-as espiralar no ar da floresta como pássaros míticos, criaturas sem nexos que ascendessem aos céus.

O pai interrompe-o de novo. Não quero conversa da treta, Dickie. Quero saber porque é que estes números não batem certo. Se estiveres minimamente interessado em sair do buraco em que te meteste, aparece amanhã de manhã, às nove em ponto, no meu escritório para me explicares a mim e ao Big Mike e ao contabilista porque é que desapareceram cinquenta mil euros das putas das contas!

A chamada termina quando Dickie diz que lá estará. Fica uma vez mais a sós, envolto por folhas verdes e silêncio.

*Diz-lhe que deste dinheiro a um amigo que tinha o filho a morrer de leucemia. Diz-lhe que investiste o dinheiro numa nova tecnologia*

*automobilística ultrassecreta.*

Ao regressar à clareira, vê a espingarda de Victor encostada com naturalidade a um carvalho. Para e pega nela. Victor nunca a deixa pousada em qualquer sítio. Nunca a deixa carregada. Mas ali está ela com dois cartuxos carregados. Detém-se por muito tempo e pensa no que aquilo poderá significar.

Pai!

A voz chega, urgente e imperativa, da clareira. Pai, vem depressa!

Pousa a espingarda e corre em direção à voz. Na clareira, encontra o filho no poço. Está a dar à bomba e a água, uma água prateada e tão clara quanto a manhã, jorra num arco que cai na terra. Olha, pai!, diz ele. Olha para Dickie com uma expressão de felicidade pura, com o mesmo género de expressão que costumava ter na manhã de Natal, quando ainda acreditava no Pai Natal.

Funciona? Quando faz esta pergunta, Dickie apercebe-se de que nunca acreditou que funcionasse. Em resposta, a bomba solta mais um jato de água. Atrás dele, Victor observa a cena com ar de satisfação e tranquilidade. Funciona, diz ele.

Devia voltar para casa naquela noite e preparar-se para a manhã seguinte. Mas PJ teria de o acompanhar, e, depois da reunião com o pai, quem sabe quando voltarão a estar ali juntos? Por isso, passa, ao invés, a noite sentado no tronco de árvore com o filho a beber água do poço em canecas de plástico enquanto uma luz violácea inunda a clareira.

Embora tenham alcançado o seu objetivo, PJ não está nostálgico. Enumera a Dickie os prós e os contras dos diferentes tipos de tanques de água, e diz-lhe que, se Victor conseguir pôr o gerador a funcionar, serão capazes de aquecer estufas, plantar legumes e talvez ter até um pequeno

excedente. Enquanto fala, Dickie pensa na sua estratégia. Talvez seja melhor negar tudo. Não sei porque é que falta dinheiro. Não me lembro de fazer esse levantamento. Com tudo o que se estava a passar, as coisas ficaram muito confusas. Fazer-se de parvo, ir até lá e comportar-se como se fosse estúpido.

O pai acreditará nele? Não. O que acontecerá de seguida dependerá do quão furioso se sentir.

Não acredita que vá, de todo, adormecer, mas deve ter adormecido, porque acorda sobressaltado no escuro. Abre o fecho da tenda e vê os primeiros raios acinzentados da alvorada bruxulearem na escuridão. É melhor pôr-se ao caminho se quer chegar a horas à reunião. Sai da tenda, aperta as roupas, começa a atravessar a floresta. A tenda não dista muito da casa, mas, ao lusco-fusco, está sempre a perder-se e a enfiar-se nas silvas. O céu devia estar a clarear, mas não está, vá-se lá saber porquê. Começa a entrar um pouco em pânico face ao absurdo da situação e olha para o relógio para ver com quanto atraso vai chegar. Uma coisa escura embate-lhe na cara, como um punho macio, ou um saco de penas caído do céu. Quando olha para os arbustos, vê um brilho — dois pontos a brilhar, dois globos negros e refulgentes. Depois, agacha-se mesmo a tempo quando uma faixa de cinzento se lança sobre ele. Tenta afastá-la, as suas garras arranham-lhe as mãos, ouve-a guinchar algures abaixo dele, seguido de guinchos mais furiosos entre as silvas. De cabeça baixa, avança numa investida por entre os arbustos, tapando a cara com as mãos, e assim incapaz de ver para onde vai.

Chega a uma clareira. No seu centro está um homem. O homem está agachado, tem os braços em volta dos joelhos e — não. A escuridão diminui um pouco mais e vê que não é um homem. É a árvore estranha com o buraco em forma de chapéu de bruxa. Olha para baixo para ver se de dentro do buraco ainda sai a mesma negridão profunda. Mas a

abertura está tapada com uma espécie de ligadura, e na verdade toda a árvore parece estar envolta em tecido. Andou alguém por ali? Olha a toda a sua volta, vê apenas árvores. Depois, olha de novo para a clareira.

Desta vez, depara mesmo com um homem. Um polícia.

Bem, diz ele. Não estavas à espera de me voltar a ver, pois não?

Isto é algum tipo de...? Dickie olha, sem sentido, para a esquerda e para a direita. Tenta falar, mas não lhe sai uma única palavra.

Achavas que tinhas eliminado todas as pistas, não achavas?, pergunta o polícia. Bem te disse que te encontrava. Estamos de olho em ti há muito tempo.

Eu posso explicar, arfa Dickie, que pensa: *Há quanto tempo?*

Levaste tudo, não levaste?, pergunta o polícia.

Ia devolvê-lo!

Agora é tarde de mais para isso. Tira um cassetete brilhante e preto do cinto, abana a cabeça. Meu Deus, diz ele. O teu próprio irmão.

O quê?, diz Dickie. E percebe que fez tudo parte da armadilha, que tinha como intuito arrastá-lo até ali, uma armadilha de há anos, todos eles sabiam...

Ouve-se algures um zumbido. Reconheces este homem?

O polícia baixa-se e levanta, com o cassetete, a mortalha que cobre aquilo que Dickie pensava ser a árvore. Não!, grita Dickie. O zumbido aumenta de volume, milhões de moscas voam em direção ao seu rosto, mas, por entre a nuvem, por entre a luz cinzenta que antecede a alvorada, ele vê...

Jesus, Dickie.

Está de volta à sua cama. Imelda está sentada ao seu lado, de olhos postos nele. Bebe, diz ela.

Levanta o pescoço com dificuldade, bebe um gole do copo que ela lhe oferece, deixa cair a cabeça na almofada. Pouco depois, levanta-se de novo, e tem dois vómitos violentos e consecutivos.

O que aconteceu?, sussurra ele quando consegue falar.

O que aconteceu foi isto, diz ela, que aponta para o balde ao lado da cama. Estás-te a desfazer em vómitos. Não te lembras?

Ele faz um esforço para se recordar e lembra-se de imagens breves e horrendas que explodem como foguetes dentro da sua cabeça. Lembra-se de correr para fora da tenda em direção aos arbustos no preciso momento em que um jato contínuo de vômito lhe jorra da boca e de ver, no outro lado da clareira, Victor nu, cinzento, ajoelhado nas urtigas, a soltar sons horripilantes, abafados por saliva, como um monstro que devorasse um cadáver, enquanto a água, a água prateada e cintilante jorra da bomba...

O PJ, sussurra ele.

Está aqui, diz ela. Está bem.

Deixa-se cair de novo na almofada e vê-a a olhar para ele. Surge-lhe, do nada, uma recordação: lembra-se da sua mãe sentada naquele mesmo lugar, a examinar-lhe o sarampo, à espera de lhe poder tirar o termómetro e ver que temperatura tinha. E isto fá-lo pensar noutra coisa: olha para o relógio, senta-se rapidamente, tenta saltar fora da cama. Imelda põe uma mão no peito e empurra-o para trás. Espera aí um bocadinho, diz ela. Onde é que julgas que vais?

Tenho de ir falar com o meu pai, diz ele.

Não, não podes ir, diz ela.

Vou chegar atrasado, diz ele. Tenho uma reunião.

Isso foi há dois dias, diz ela.

Ele olha-a incrédulo. Há dois dias?

Não te lembras mesmo de nada?, insiste ela.

Ele tenta uma vez mais recordar-se, mas lembra-se apenas da situação apocalíptica no acampamento.

Atrás de Imelda, a luz da manhã entra no quarto pela frincha entre as cortinas, como a água prateada que jorrava tão alegremente da bomba. Pensar naquilo dá-lhe volta ao estômago e ele debruça-se de novo em direção ao balde. Acho que havia um micróbio, diz ele, levantando a cabeça. Um micróbio na água.

Ela cerra os dentes e desvia o olhar.

Deve passar em breve, diz ele, e depois estremece quando se vê cometido por outra onda de vômitos.

Imelda abana a cabeça. Não aguento mais isto, Dickie, diz ela. Não se aguenta.

Já acabou tudo, diz ele, terminámos. Na floresta, quero eu dizer. O poço.

Ela limpa os olhos com as costas da mão. Ao baixá-la, ele pega nela, afaga-lha com o polegar. Está a usar um pijama limpo que ela lhe deve ter vestido. Foi só uma coisa para entreter o rapaz, diz ele com ternura. Ela olha para a mão dele na dela. Parece prestes a dizer alguma coisa, mas não diz nada.

De que é que ele te quer falar?, pergunta ela.

Quem?, pergunta ele.

O teu pai.

Ah, diz ele.

Ligou quando não apareceste lá, diz ela. Estava furioso.

Eu falo com ele, diz Dickie.

Falas?

Sim, diz ele. Vai ficar tudo bem.

Só quero que as coisas voltem ao normal, diz ela. Meu Deus, nunca pensei vir a dizer isto.

Eu falo com ele, repete Dickie.

Ela levanta-se e pergunta-lhe se ele quer o portátil. Estou bem assim, obrigado, responde. Ela solta um suspiro e olha à sua volta. Sempre me pareceu que devíamos ter posto uma televisão neste quarto, diz ela, triste. Ainda podemos tratar disso, diz ele. Temos aqui uma tomada para isso. Podemos pô-la na cómoda.

Aquela cómoda é horrível, diz ela.

Talvez possamos mudar os roupeiros, diz ele. Assim, podias livrar-te da cómoda e instalar a televisão na parede.

Hum. Ela detém-se por um momento no meio do quarto e ambos olham para o espaço onde poderão colocar os novos roupeiros.

Depois, baixa a cabeça e pergunta: É por causa do Ryszard?

O que é por causa do Ryszard?

Que o Maurice quer falar contigo.

Céus, diz ele. Não sei. Acho que não.

Disseste o nome dele quando estavas inconsciente.

Do Maurice?

Do Ryszard.

Disse?

Sim.

Dickie pensa um pouco. Ryszard. Bem. Meu Deus, não sei. Tive uns sonhos muito estranhos.

Está bem, diz ela. Trago-te uma chávena de chá?

Daqui a uma hora, ou assim, diz ele. Obrigado.

Ela fecha a porta. Ele recosta-se na cama e olha para o teto branco.

*Diz-lhe que tiveste de pagar uma taxa de proteção a um gangue. Diz-lhe que te viciaste em drogas.*

*Diz-lhe... diz-lhe...*

Dickie fecha os olhos.

## IX

Ryszard: quem lhe dizia que era mesmo o seu nome verdadeiro? Nada no currículo dele batia certo. Das suas referências, uma era um número de telefone errado, outra, o telefone de uma loja de cosméticos no norte de Inglaterra que encerrara atividade recentemente. Havia informações de uma alegada oficina na Polónia, a que Dickie telefonou só para verificar, mas quem quer que tenha atendido a chamada (um velhote, ao que parecia) não falava inglês. Ryszard, dissera Dickie, Ryszard, Ryszard, até o homem se cansar dele e desligar.

Ele próprio não sabia explicar de onde vinha — falava um inglês pobre, ou fingia que falava —, e também não era claro porque é que tinha ido para ali. O que era óbvio era que estava desesperado. Faria qualquer coisa, dissera ele. Era um bom mecânico, mas varreria o chão se fosse preciso. Oferecera-se para trabalhar uma semana a tempo inteiro de borla, Dickie só então teria de decidir se o empregava.

Dickie também estava desesperado. A oficina era a única parte do negócio que dava algum dinheiro. Muitas pessoas os procuravam para fazer reparações nos seus carros; era a única vantagem do colapso das vendas. O seu pai dissera sempre que havia dois tipos de mecânico, os que ficavam para a vida e os que se iam embora, e era contra contratar-se este último tipo, porque davam amiúde mais problemas do que aquilo que valiam. Aquele rapaz não era claramente um mecânico para a vida. Mas tinham falta de pessoal e Dickie pensou que ele podia trabalhar para si por um mês ou dois antes de desaparecer. E deu-lhe trabalho.

Ele era jovem, teria no máximo vinte e cinco anos. Tinha olhos pretos e brilhantes, e o seu cabelo encaracolado também era preto e brilhante. Era bom trabalhador, habilidoso com as mãos, e esperto, estava sempre disposto a tentar resolver qualquer problema. Apresentava

muitas vezes uma mancha de óleo no lábio inferior por aí pousar um dedo enquanto refletia. Trabalhava arduamente e estava disposto a fazer horas extra. Isto era uma grande vantagem, porque os mecânicos mais velhos eram casados e tinham família e queriam voltar cedo para casa, ou seja, largavam tudo assim que soavam as cinco horas. E eram lentos, carrancudos, brejeiros, fora sempre esse o ambiente na oficina. O seu pai dizia que não os contratava para serem seus amigos. Nos últimos tempos estavam pior do que nunca, e praguejavam e cochichavam sempre que viam Dickie passar. Sabiam o que se estava a passar — toda a vila o sabia —, e temiam, com razão, ficar desempregados em breve, apesar do fluxo constante de trabalho.

Porém Ryszard não estava a par da história recente do *stand*, e mesmo que descobrisse o que se passava, não era, por natureza, dado à maledicência. Bom dia, senhor-patrão, dizia ele todas as manhãs quando Dickie atravessava a oficina a caminho do escritório. Era amiúde o primeiro a chegar; por vezes, Dickie levava a sua chávena de chá para a oficina e via-o trabalhar com o macacão azul-claro que ainda não sucumbira ao pântano do ambiente local. Hoje temos aqui umas valentes merdas, senhor-patrão, dizia ele, e abanava a cabeça. Olhe a ferrugem nesta coisa aqui, Jesus, é um *show* de terror e merda. Continua a esforçar-te, vá, dizia-lhe sobriamente Dickie, mas no seu íntimo agradava-lhe saber que na oficina trabalhava pelo menos uma pessoa que não o odiava.

Começaram a desaparecer coisas pouco depois de ele entrar ao serviço. Pequenas coisas: uma chave-inglesa, uma bateria, uma lanterna. Dois mecânicos queixaram-se de que lhes tinha desaparecido dinheiro das carteiras. Desde que meteu aquele tipo a trabalhar cá, disse Phil, o mecânico-chefe. Bem sabe o que seu pai costumava dizer, lembrou a Dickie.

Dickie sabia o que pai costumava dizer. Havia que pôr de imediato cobro aos pequenos furtos. Os mecânicos estão sempre, na melhor das hipóteses, a um passo de se tornarem criminosos. Se não tiveres rédea firme neles, comem-te as papas na cabeça. Isso era o que o seu pai dizia. Mas ele dizia muitas coisas. E Dickie estava saturado de o ouvir. Para o seu pai, «reformular-se» significava andar de volta do escritório e oferecer a sua opinião em todas as questões possíveis e imagináveis concernentes ao *stand*. Dickie tinha, em parte, tantos problemas com os mecânicos porque estes ainda o consideravam um mero gestor provisório, que só estaria ali a segurar as pontas até o «chefão» regressar do seu período sabático e pôr o negócio a funcionar como devia ser.

O seu pai preocupava-se sobretudo com o que correspondia ou não à sua ideia do que deveria ser a marca *Barnes*. A equipa local de futebol gaélico correspondia sem dúvida à sua ideia e ajudava inclusive a propalar a marca, tanto no sentido figurado, quanto no sentido literal, porque era patrocinada pelo *stand*. Os tetos de abrir também eram coisa à *Barnes*, assim como os guarda-chuvas de golfe oferecidos pelo *stand*. Pensar fora da caixa gritava *Barnes*. Os carros elétricos não eram coisa à *Barnes*. Eficiência nos consumos também não era coisa à *Barnes*. Na verdade, muitas das inovações de Dickie não eram de todo coisas à *Barnes*. Apesar de planejar entregar a gestão do *stand* a Dickie desde que o filho era criança, Maurice parecia ainda não estar convencido de que ele era o homem certo para o cargo. Como dizia a qualquer pessoa — clientes, vendedores, mecânicos —, o problema de Dickie é que não percebia as *pessoas*. Não gostava de as obrigar a fazer coisas. O que Dickie não percebia era que as pessoas *gostavam* que as obrigassem a fazer coisas! Queriam fazer coisas que não deviam fazer! Mas Dickie não percebia isto. Não entendia a *transgressão*. Dickie era sempre um *bom* rapaz. Seguia sempre as regras com todo o prazer. Não percebe que

as pessoas odeiam as regras! No fundo, as pessoas querem é rebentar com as regras todas, é esse o seu sonho! É por isso que compram carros grandes e rápidos! Mesmo que nunca conduzam a 240 km por hora, convencem-se de que um dia até serão capazes de o fazer! Serão capazes!

O Frank percebia isto, dizia ele como conclusão. Nunca houve uma regra que aquele rapaz não tentasse romper!

*O Frank percebia de carros e de pessoas.* Quando morreu, o seu pai inverteu a marcha. Frank, o preguiçoso, o bandalho, o calaceiro, tornou-se um santo, ao passo que Dickie passou a ser desprezado, como se continuar vivo tivesse em si algo de desonesto.

E Dickie aceitou tudo isto sem reclamar, porque partilhava a mesma opinião.

O velhote continuou a meter o bedelho no negócio mesmo depois de se mudar para Portugal. Telefonava constantemente, e quando voltava à Irlanda, «cruzava-se» sempre com um ou outro vendedor a caminho de casa. Só se calou com a chegada da recessão. Já não pedia para ver os números das vendas. Quando lhe mencionavam o *stand*, saía-se com uma qualquer tirada arrogante a fim de arrumar com o assunto: segundo ele, podia apenas assentar os alicerces, e cabia à próxima geração construir o futuro a partir dessa base.

Assim, quando Phil acusou Ryszard dos furtos, Dickie mostrou-se compassivo sobretudo como forma de ignorar as pérolas de sabedoria do seu pai. Dickie disse a Phil para se manter de olho nele a partir de então. Temos falta de pessoal, disse ele. Vamos dar-lhe o benefício da dúvida.

Em seguida, Nuala Eglantine, que levara o seu *Fiesta* à oficina para lhe alinharem a direção, regressou pouco depois da reparação para

reclamar de um «barulho». Após uma vistoria ao carro, concluíram que lhe faltava o catalisador. Foi o próprio Phil que deu pela falta da peça, mas só a comunicou a Dickie depois de levarem de volta à oficina mais dois carros com o mesmo problema poucas semanas depois de os terem deixado lá para serem reparados.

O que lhes terá acontecido?, perguntou Dickie.

Phil tinha um bigode grisalho e descaído que lhe conferia uma expressão enganadoramente sonolenta. Trabalhava na oficina desde a abertura do *stand*. Talvez por isso Dickie considerara-o sempre o mecânico mais rabugento da oficina, quer porque não gostasse de acatar ordens do filho de Maurice, quer porque não vira com bons olhos que Maurice se tivesse afastado do negócio para gozar a reforma em Portugal, deixando-o preso àquele buraco.

São todos carros consertados pelo teu amigo polaco, disse ele.

Levara com ele o caderno de registo de entrada, que empurrou sobre a mesa. Dickie pegou no caderno e folheou-o; sentia os olhos sonolentos de Phil postos nele.

Então tens a certeza de que foi ele?, perguntou Dickie. Que não foi... outra pessoa qualquer, para tentar metê-lo em problemas? Sabia que os outros mecânicos não gostavam do sujeito, porque era estrangeiro, novo e bem-parecido, e porque as clientes olhavam para ele. Porque pensavam que Dickie o favorecia.

Phil permaneceu impassível, como se não o tivesse ouvido.

O que achas que devemos fazer?

Phil cruzou os braços. Foste tu que o contrataste, disse ele. Por isso, parece-me que deves ser tu a tratar disso.

Dickie entendia a posição de Phil. A verdade é que era Phil quem contratava os mecânicos. Mas Ryszard apresentara o seu currículo

duvidoso a Dickie, que o empregara sem sequer perguntar a opinião a Phil, que juntara este caso à sua já longa lista de queixas.

Pediu que Phil o deixasse a sós e passou o resto do dia a ponderar a situação. Quando Dickie saiu do escritório, Ryszard estava ainda na oficina e cumprimentou-o como era seu hábito: Oi, senhor-patrão, até amanhã!

Dickie não lhe respondeu. Viu então o jovem olhá-lo, de detrás dos elevadores de carros, com a mesma expressão preocupada com que PJ o abordava sempre que a escola enviava um relatório aos pais. Era tão novo! Era novo e estava sozinho num país estrangeiro, e seria talvez parvo, estaria talvez desesperado o suficiente para cometer um crime pelo qual seria quase de certeza apanhado. Talvez tivesse ouvido dizer que o negócio estava a dar as últimas e houvesse decidido fazer aquilo para ganhar algum dinheiro extra antes de ir tudo pelo ralo abaixo.

Dickie odiava despedir trabalhadores. Fosse quem fosse, sentia sempre pena da pessoa por ser precisamente o género de pessoa que fizera o que quer que tivesse feito. Neste caso, o descaramento dos furtos e a facilidade com que o criminoso tinha sido apanhado não apontavam para um carácter fundamentalmente inocente do rapaz? Isto não demonstrava o oposto de uma natureza criminosa?

Resolveu falar-lhe no dia seguinte e escutar o que ele teria para lhe dizer. Se confessasse os erros, talvez ainda fosse útil por ali. Se Dickie achasse que lhe estava a mentir, apresentar-lhe-ia o aviso de despedimento. Por aquela altura, já tinham tratado de quase todas as reparações em lista de espera.

Antes de isso acontecer, contudo, receberam uma nova reclamação. Dessa feita de Alistair Healy, que chegou à oficina ainda antes de abrirem portas e começou a dar palmadas no vidro.

A história repetiu-se. Deixara o carro na oficina para uma vistoria pré-revisão anual, e, no centro de inspeções, disseram-lhe que o carro não tinha catalisador.

Alistair Healy tinha uma loja na Main Street onde vendia artigos rascas aos turistas — *t-shirts*, *bodhráns* feitos na China, barbas de duende que cresciam nas paredes como um fungo. A sua mulher, uma tailandesa que desencantara ninguém sabia muito bem como nem onde, fugira de casa no ano anterior, e desde então o sujeito desenvolvera um certo pendor vingativo.

Dickie não o conhecia bem, mas considerara sempre — dado que se cumprimentavam com acenos de cabeça quando se cruzavam na rua — que tinham uma relação cordial. Naquele dia, no entanto, o homem estava furioso. Parecia pensar que o próprio Dickie lhe roubara o catalisador. Vós, Barnes de uma figa, sempre armados em finos, gritou. E, no fim, não passais de um bando de canalhas!

Havia já algum tempo que as pessoas teciam aquele género de comentários. O pior aspeto da lenta agonia de morte do negócio da família fora talvez descobrir que muitas pessoas da vila se regozijavam com a sua desgraça — que durante todos aqueles anos muitas tinham odiado em silêncio os Barnes.

Dickie não acreditava que Alistair pretendesse apresentar queixa à polícia. Evitava as autoridades desde que o tinham apanhado em flagrante a queimar lixo no seu terreno. No entanto Dickie teve de lhe oferecer um tratamento antiferrugem, sem qualquer custo, para se livrar dele.

Quando o chamou ao escritório, o rapaz negou tudo, como é óbvio. Enquanto Dickie falava e escutava as palavras do seu pai ecoarem na sua própria voz — *crime, regras, não tolerarei isto, etc.* —, o sujeito fez ouvidos de mercador. Estava a fazer beicinho com os seus lábios

vermelhuscos e não desviava o olhar dos sapatos. Quando Dickie lhe perguntou se tinha algo a acrescentar em sua defesa, disse apenas: O carro dele é merda.

Dickie enlaçou as mãos. Sabia que tinha de o despedir. Mas apercebeu-se de que não o conseguiria fazer. Talvez por reação à voz maldosa ou ao dedo em riste de Alistair Healy. Ou talvez por ver como o rapaz se foi afundando na cadeira com olhos cheios de recriminação para consigo, como se aquele fosse somente o último de uma lista de erros, de passos em falso. Soltou um suspiro e disse-lhe que não o voltaria a avisar.

Antes de acabar de falar, Ryszard levantou-se da cadeira de um salto. Estava radiante. Agradeceu profusamente a Dickie e jurou por tudo e mais alguma coisa (conquanto nunca tivesse admitido fazer nada de errado) que a partir de então seria um funcionário exemplar. Faça tudo por si, senhor-patrão, seja o que for.

Está bem, pronto, disse Dickie, que se levantou para abrir a porta, em parte deliciado com esta reação, em parte já com a sensação de que tinha tomado a decisão errada. Ryszard deu meia-volta para se ir embora, mas no vão da porta voltou-se de novo para trás. Estendeu o braço e agarrou na mão de Dickie. Estou a falar a sério, disse ele. Faça tudo, seja o que for.

Dickie ficou demasiado estupefacto para responder. Quedou-se junto à porta, imóvel, e Ryszard olhou-o nos olhos. Ryszard tinha olhos que pareciam líquidos, como poças de uma água que revolteasse lentamente. Depois, o rapaz sorriu com gentileza e apertou-lhe uma última vez a mão antes de sair do escritório a assobiar. Dickie voltou para o seu computador, para o qual fingiu olhar. A sua cabeça era uma amálgama de paredes de tijolo tombadas e de madeira em chamas. A sua cabeça era uma casa a arder.

Dickie fora bom rapaz por muito tempo.

Não lhe tinha sido difícil depois de tomar a decisão. Depois de Frank morrer, coubera-lhe tratar de tudo. O pai estava de rastos, tomado pela dor da perda, e a mãe tinha uma doença terminal. Quem mais poderia comandar o navio? E então nasceu o Dickie em quem todos podiam confiar — o Dickie resoluto, o Dickie capaz, o Dickie que mantinha a cabeça fria. Ao mesmo tempo, o seu antigo eu, o seu eu universitário, com os seus respetivos desejos, neuroses e desabrochares peganhentos e ilícitos, foi posto fora de cena e esquecido a um canto, onde continuou a desejar, esfomeado, em segredo.

Nos primeiros anos, temia que lhe descobrissem a careca. Ainda morria de medo de que Sean lhe aparecesse um dia na Main Street, e ficava com o coração aos pulos sempre que via um carro da polícia. Mas ninguém lhe perguntou nada. Parecia inclusive que já ninguém se lembrava do velho Dickie. As pessoas da vila pensavam que era o que aparentava ser, ou seja, um empresário local bem-sucedido, casado com uma beldade e responsável por uma jovem família. E isso era quem ele era, como fazia questão de recordar a si mesmo; ele era assim mesmo.

Não lhe foi difícil ser aquele homem novo, e em criança nunca teria acreditado no quão fácil seria. Oh, é claro que os pormenores eram difíceis. Gerir um negócio era difícil. Cuidar de uma família era difícil. Quando os filhos eram pequenos, ficava tão cansado, que por vezes adormecia de pé. No entanto, e ao contrário do que pensara antes, conseguia viver como um sonâmbulo. O mundo era feito com aquele tipo de vida em mente, como acabou por perceber. O mundo era uma máquina concebida para suportar e perpetuar este género de vida — a vida adulta e normal. Não era como a universidade, onde a cada momento surgiam caminhos, alternativas, desconhecidos e confusões. Tudo era linear, tudo fazia sentido, o futuro estendia-se à sua frente

como uma linha de caminhos de ferro, momento a momento, dia a dia, e impelia-o para diante sem que ele precisasse de fazer nada.

O que o surpreendeu foi o quanto aquela vida o fazia feliz. Dançar com Cass e as suas *Barbies* ao som de Shakira. Empilhar, com a filha, pedras no tronco de uma árvore e rirem-se quando a coluna caía. Fazer «piqueniques» com ela no *stand*, dentro do novo *Passat*, do novo *Jetta*, enquanto liam livros d’*O Meu Pequeno Pónei* requisitados na biblioteca e comiam bolachas *Oreo* e viam as pessoas da vila passar na rua. Nesses momentos, não vivia como um sonâmbulo. Todos os prazeres que a civilização tinha para oferecer lhe pareciam, subitamente, bagatelas sem valor comparados com a possibilidade de estar sentado num carro parado, com a filha, sem ir a lado nenhum. Depois PJ nasceu e Dickie ficou ainda mais feliz. De onde lhe vinha toda aquela felicidade? De um qualquer aquífero no seu íntimo, invisível até então, que os filhos tinham conseguido de algum modo canalizar. Leu de novo os livros do cão *Bolinha* e *Esse não É o Meu Dinossauro*. Quando brincavam na floresta, o caçador já não enfrentava apenas um, mas dois esquilos: um vermelho e um cinzento.

E Imelda? Estava feliz? Dickie perguntava-se amiúde que tipo de vida ela teria sem ele — se tivesse abandonado a vila depois de Frank morrer, se ele não a tivesse «salvado». Talvez se tivesse mudado para Dublin e trabalhado como modelo, casado com um tipo da alta-sociedade — um advogado, um chefe de cozinha da televisão, um empresário dono de um helicóptero que lhe ofereceria uma *boutique* em Ranelagh, onde ela podia passar o tempo sentada a beber chá Chai e a ver o Instagram. O mais provável é que tivesse acabado por se casar com um imbecil — um mãos-largas com prendas nos primórdios da relação, mas violento quando lhe começasse a faltar o dinheiro. Um bebedolas que lhe daria murros ao domingo, quando estivesse a curar a ressaca. Os

filhos trancar-se-iam no quarto de banho para se protegerem. Oficiais de justiça, ordens de restrição. Ela não tinha jeito nenhum para as coisas práticas do dia a dia. Quando ficaram noivos, ela nunca tinha tido sequer uma conta bancária. E quando ele lhe abriu uma, ela não confiava nela. Ia ao multibanco e levantava o dinheiro todo da conta em dois ou três dias, e Dickie encontrava-o escondido, aos maços, no sofá ou presos com fita adesiva por baixo do lava-loiça.

Ela amava-o? Ele amava-a? Quando tentava lembrar-se de como tinham ficado juntos da primeira vez, deparava apenas com recordações amortalhadas em nuvens de trauma. Só se lembrava de se agarrarem um ao outro a chorar. Isso era amor? Na altura, parecera-lhe muito simplesmente que, sem ela, morreria. Depois ela engravidou, e cuidar dela fê-lo sentir-se melhor — absolvido. Quando saiu da igreja no dia do casamento, foi como se tivesse começado tudo de novo. Mas o que é que ela sentia? Depois desse dia, nunca mais voltou a ver o pai e os irmãos. Pareceu até virar-se contra Rose, de quem fora tão próxima.

Os primeiros anos foram os mais difíceis. Ela tivera uma formação paupérrima. Achava que a Terra girava em torno do equador e que os judeus nasciam com um dedo a mais. Rezava a uma multidão de santos e a diferentes designações da Virgem Maria — Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro — conforme aquilo de que se queria queixar ou que queria pedir. E também rezava a anjos, que ora entravam ora saíam do nosso universo, e que cortejava com determinados cristais disponíveis por encomenda postal. Ou seja: ele sentia-se amiúde só. Mas isso só fortalecia o seu sentido de dever. O que é o amor? Apenas dever, absolvição?

No entanto, ele também a desejava. Ela tinha uma beleza do outro mundo, estar na sua presença era como entrar num conto de fadas, mesmo quando estava a esfregar o chão ou a lavar a loiça. Quando

dormia com Willie, era como se explorassem um país proibido, um território proibido onde tinham entrado ilegalmente. Quando dormia com Imelda, ela *era* o país. Imaginava-se, quando lhe tocava, a chegar à costa, vindo de um mar negro, e a pôr o pé numa praia à meia-noite, num mundo totalmente desconhecido e sem limites que o aguardava com passividade.

Compraram Goldenhill ao pai dele — por conta de umas complicações quaisquer com os impostos, fazia mais sentido comprá-la do que recebê-la como oferta. Ela não queria voltar para aquela casa, mas ele convenceu-a. Ela afastou-se dos anjos, da religião, começou a interessar-se por mobiliar a casa. Fez amizade com outras mães à porta da escola e reinventou-se como mulher da classe alta. As mães eram todas dez anos mais velhas do que ela e faziam do materialismo uma espécie de língua privada, exibindo umas às outras as suas compras como abelhas que dançassem de um lado para o outro.

Ela gastava dinheiro furiosa e compulsivamente. Era como se não acreditasse por inteiro na existência do dinheiro e tivesse de o gastar para provar a si mesma que era real, o que por seu lado a fazia recear que o dinheiro desaparecesse por inteiro, o que a levava a gastar ainda mais para provar que não estava a desaparecer. Eram ricos, mas ela nunca parecera capaz de aceitar que aquela era a sua vida. Para ela, a riqueza era um disfarce que tinha de ser continuamente renovado.

Ele não se importava. Gostava de lhe poder dar o que ela queria. Ela, por seu lado, fornecia-lhe um suplemento infindável de novas necessidades. Tratava-se de uma nova forma de comunicação que os satisfazia a ambos e que não requeria nenhum tipo de proximidade. Cada situação particular equivalia à necessidade de comprar uma coisa. Gastar dinheiro tornou-se o combustível que fazia mover a ilusão, a grande máquina que os transportava a todos para bem longe do passado.

Por vezes, ele acordava sobressaltado e dava por si a ver a sua vida do exterior, como quem vê no Facebook de um amigo de que há muito se perdeu o rasto os anos decorridos concentrados numa série de imagens, em simultâneo banais e incompreensíveis. Mas mesmo nesses momentos de subida vertiginosa à superfície, nos quais se via a si próprio e se perguntava quem era, a questão era simples: que lhe importava isso? Os rapazes que tinham inalado *WD40* e feito manobras perigosas com os carros nas montanhas e as raparigas que via todos os fins de semana inconscientes no chão do Paparazzi's falavam-lhe agora com toda a franqueza sobre as remodelações que tinham feito aos seus barracos de jardim ou sobre as melhores cores a usar numa sala voltada para norte. Não era precisamente aquilo a vida adulta?

Durante todos aqueles anos, nunca escorregara, nunca tropeçara. A mesma vontade férrea que lhe permitia ajoelhar-se junto à cama, aos oito anos de idade, e rezar um rosário inteiro todas as noites orientava-o em direção ao caminho certo, fazia dele um homem de família, mantinha o velho e perverso Dickie, se é que ainda existia, tão escondido no fundo de si próprio que já ninguém o ouvia.

O que era irónico, porque o velho Dickie teria previsto o que viria a acontecer. O velho Dickie estava sempre atento à possibilidade de as coisas darem para o torto. O novo Dickie não pensava dessa maneira. Para ele, o futuro era algo que funcionaria sempre a seu favor, uma série de melhorias que se adicionavam umas às outras e pelas quais teria de passar automaticamente, como quem troca um telemóvel por uma versão mais recente.

A crise apanhou-o de surpresa. De início, acreditara que seriam capazes de a ultrapassar. Tinham poupanças — o *stand* fizera tanto dinheiro que nem eles o haviam conseguido gastar todo. Durante algum tempo, numa época de entregas de bens ao banco e encerramentos de

lojas, tinham mantido, com toda a galanteria, as aparências: faziam férias, compravam utensílios domésticos, discutiam seriamente a construção de uma sauna dentro de casa. Imelda fora a Dublin e contara-lhe alegremente que, naquele ano, havia verdadeiras pechinchas nos saldos. Mas a crise foi persistente. O segundo ano foi pior do que o primeiro. Cada dia era uma sucessão de ataques, pequenos contratemplos, que os iam desgastando pouco a pouco. Uma visita de estudo, uma conta de eletricidade, um cano roto. Prestações de uma mesa que tinham comprado seis meses antes. Temos de ter uma boa mesa, concordara ele com Imelda à época, é a base de toda a casa.

No *stand*, as vendas caíram a pique. Tentou de tudo para as recuperar — descontos, extras, prazos de garantia mais longos, ofertas de três opções à escolha que valiam milhares de euros. Nada disso fez qualquer diferença. Continuou a dizer para consigo que as coisas teriam de melhorar. Mas não melhoraram. Já não tinha forma de o esconder da família. Cortaram nas despesas. Durante algum tempo, isso pareceu-lhe suficiente. Mas passaram-se meses e anos e as coisas continuaram a piorar. Imelda vendeu as suas joias. Tentou aprender a remendar meias com a ajuda de vídeos na *internet*. Dickie encontrou rascunhos amassados de cartas de apresentação que ela escrevera para se candidatar a empregos, todas quase ilegíveis, mesmo tendo recorrido à verificação ortográfica e à autocorreção do processador de texto. Queria ajudá-la, mas sabia que ela se sentiria embaraçada e envergonhava-o tê-la posto naquela situação. De qualquer maneira, não havia empregos para ninguém.

Os filhos começaram a sofrer. PJ começou a ter ataques de asma do nada. Cass deixou de se encontrar com os amigos. Depois começou a embebedar-se em *pubs* merdosos por toda a vila. Imelda disse-lhe para pedir um empréstimo ao pai. Tem de ser, disse ela. Estava furiosa, é

claro que estava furiosa. Passara a infância a dizer aos cobradores de dívidas que o pai não estava em casa. Era suposto Dickie salvá-la de tudo isso. Era esse todo o propósito de Dickie, o de ser rico, inteligente, saber coisas, antecipar acontecimentos como aquele. Mas o barco salva-vidas estava a afundar-se e a carruagem a transformar-se de novo numa abóbora. Em pouco tempo, o ambiente na família tornou-se tão tóxico que já nem suportava voltar para casa. Para o evitar, trabalhava até tarde. Embora isso também fosse tóxico, que não haja qualquer dúvida. Era um verdadeiro inferno — o *stand*, o navio a afundar-se. Um inferno. Toda a indústria estava a desmoronar-se e a aposta segura que ele fizera revelava-se um fiasco.

Deu por si a desejar que a Maurice Barnes Motors falisse. Só para acabar com aquilo de uma vez por todas. Entrar em insolvência, começar a entregar *pizzas* para ganhar algum dinheiro. Pessoas que conhecia a abrirem-lhe a porta e a esforçarem-se por não se descair quando vissem quem era. A perguntarem-se se deviam dar-lhe ou não uma gorjeta. Podia fazer isso ou emigrar com a família para Inglaterra, para a América, para a Austrália. Milhares de pessoas já tinham partido. Quando ia de carro para a vila, via dezenas de placas onde estava escrito «Vende-se», em pequenas quintas que já não lucravam o suficiente para se manterem em atividade.

Contudo, nunca teve coragem de pôr termo ao negócio. Se se esforçasse ao máximo, se se levasse ao limite, podiam sempre aguentar mais algumas semanas, como o descobriu. E foi o que fez. Renegociou a dívida com o banco. Renegociou os termos de contrato com os fornecedores e pediu-lhes que aceitassem que lhes devolvesse a frota de automóveis. Negociou com empresas o pagamento antecipado dos carros do próximo ano com um desconto verdadeiramente suicida. Procurou empresas com quem se pudesse fundir, potenciais compradores,

negócios que quase foram para a frente mas que na verdade nunca chegaram a ser concluídos. Durante anos! Durante anos, vestira o fato e a gravata e sentara-se à secretária e, sem se levantar da cadeira, olhara para o telefone, que simplesmente não tocava. Os vendedores na sala de exposição tentavam manter-se longe da sua vista. Poliam e poliam os carros vezes sem conta. Sentiam-se tensos sempre que saía do escritório, porque temiam que houvesse chegado o momento em que bateria com as mãos para os reunir e lhes diria que o *stand* falira e eles estavam desempregados. Por isso, não saía do escritório. Ficava lá sentado com o ar condicionado desligado no verão, e o aquecimento desligado no inverno, para poupar uns trocados.

Só se sentia um pouco em paz ao fim do dia, quando o turno terminava e todos iam para casa e ele podia continuar sentado com as luzes apagadas e deixar-se envolver pelo crepúsculo.

A sós na escuridão, perguntava-se se tomara a decisão errada.

Naquela noite, no entanto, não estava a pensar em nada disso. Naquela noite, estava a pensar em Ryszard, na eletricidade que o atravessara quando o jovem lhe pegara na mão. Lá fora, a escuridão caía como uma chuva branda e insonora, e, no seu computador, a imagem de proteção de ecrã estendia-se vagarosamente para se voltar a retrair. Deixou que os olhos se lhe fechassem e deu rédea solta às suas fantasias, com rapazes de olhos pretos e cabelo preto, húmido e brilhante.

Depois, sobressaltou-se e olhou em frente. Phil estava à porta. Oh, disse Dickie, corando, como se Phil pudesse saber o que lhe tinha passado pela cabeça. Phil manteve-se impassível. Vou agora para casa, disse ele.

Tudo bem, disse Dickie. Por norma, Phil não se sentia na obrigação de o informar.

*Ele* ainda está cá, disse o mecânico.

Ele, quem, Phil?, perguntou Dickie, embora soubesse a quem se referia.

Phil revirou os olhos. O teu amigo. O polaco. Está a acabar de pôr as molas de suspensão na autocaravana do Delaney. Pelo menos, é o que ele diz. Ponho-o daqui para fora?

Sem olhar para ele, atento a um documento na secretária, Dickie respondeu: Hum? Não, não, Phil, ainda cá fico mais algum tempo. Eu ponho-o na rua se ele não tiver terminado até então.

Phil pigarreou, furioso, e foi-se embora. Dickie ouviu os seus passos esmorecerem até serem substituídos por um silêncio ensurdecedor. Manteve-se sentado à secretária, sem se mexer, e o tempo pareceu saltar como numa explosão de gás para se retrair de novo face à sucessão sóbria de momentos...

Tudo pronto, senhor-patrão, disse ele.

A sua voz era meiga, e tinha um braço musculoso levantado, apoiado na moldura da porta. Dickie ouviu o coração pulsar-lhe nos ouvidos e também a sua própria respiração, o tiquetaque infinitamente lento do relógio. O jovem passou os olhos pela secretária e fitou-o com uma expressão estranha, em simultâneo feroz e submissa, como um caçador disposto a render-se à sua presa. Ah, disse Dickie. Está bem, muito bem.

Posso fazer mais alguma coisa por si esta noite?, perguntou o rapaz.

Olhou Dickie nos olhos. E Dickie apercebeu-se de que aquilo, a sua fantasia, se poderia tornar realidade, que poderia acontecer, que *estava* a acontecer, e que teria apenas de se levantar da secretária e de se aproximar dele. O ar tremeu, o tempo e o espaço aguardaram, suspensos...

A sua família, tal como era anos atrás, na feira de Natal, olhava-o da sua fotografia emoldurada. E, de repente, a eletricidade abandonou-o. Não, não, disse ele. Podes ir para casa.

Ryszard pareceu surpreso. Tem a certeza?

Dickie, que se sentia tão pesado que poderia afundar-se na terra a qualquer momento, disse: É claro que tenho. E depois acrescentou: Vá, agora vai para casa.

E o jovem virou-lhe costas sem dizer mais nada. Marcas de óleo com a forma dos seus dedos assinalavam o sítio onde pousara a mão no lintel branco.

Uma vez a sós, Dickie não se sentiu virtuoso, enobrecido ou sequer aliviado. O peso que o esmagava pareceu, pelo contrário, aumentar ainda mais. De que lhe servia renunciar ao pecado, ser bom? A sua família ficaria, por isso, mais feliz quando chegasse a casa? Facilitar-lhes-ia ou melhorar-lhes-ia, de algum modo, a vida? Ser-se fiel a uma ilusão era sequer bom?

Sentia-se completamente desgastado, como se o combustível interno que o mantivera em funcionamento até então se houvesse esgotado. Lá fora, o céu escurecera por completo. Pousou a cabeça na secretária. Se tivesse uma arma, aquele seria o momento indicado para a meter na boca. Mas apercebeu-se de imediato de que jamais o faria. Ele era o Dickie estável, o Dickie com quem todos podiam contar: não havia volta a dar.

Levantou a cabeça e tirou o casaco do cabide. Virou-se para o computador, tirou-o do estado de suspensão, começou a fechar os documentos.

E então viu, na caixa de entrada, um *e-mail* de Willie.

Nunca o procurara durante todos aqueles anos — nunca lhe telefonara, nunca lhe enviara uma mensagem, nem sequer procurara o seu nome. Vontade não lhe faltara e por milhentas vezes estivera a ponto de o fazer. Dizia para consigo que já tinha decorrido tanto tempo e que, portanto, mal não faria.

Contudo nunca o contactou, porque sabia que seria insuportável. Ser-lhe-ia literalmente insuportável, ainda que por um momento, vislumbrá-lo no presente, na vida que Dickie podia ter vivido juntamente com ele. Era-lhe preferível não saber nada, não saber sequer se estava vivo ou morto.

Imaginara por vezes — e com muita frequência até o sonhara — que Willie lhe escrevia; mas sabia que isso nunca aconteceria, tendo em conta o modo como se despediram. Willie fora muito claro. Digo-te desde já que vai ser tarde de mais se mudares de ideias, dissera-lhe ele. Depois seguira até ao portão sem olhar para trás. Com a sua pequena mochila às costas e os seus sapatos antiquados e caros. A magreza do seu corpo tornava-se ainda mais óbvia por contraste com as árvores e o grande céu do campo. Era apenas um rapaz, um ser fraco, como Dickie. Que se tinha ido embora para sempre, para sempre.

E, contudo, lá estava ele na caixa de entrada de Dickie, com o seu nome a negrito e com um *Olá* no campo de assunto.

Dickie respirou fundo para conter o nervosismo que o acometeu de súbito. Levou a mão ao rato e abriu a mensagem.

*Olá, principiava. Desculpe por lhe enviar esta mensagem de forma inesperada. Queria informá-lo sobre o que tenho feito ultimamente, e pedir-lhe ajuda. Como talvez já lhe tenha constado, estou a concorrer ao Seanad. A campanha vai de vento em popa — pode ver algumas fotografias neste e-mail! — e estamos confiantes. Mas...*

Dickie leu mais algumas linhas antes de se aperceber de que aquele *e-mail* não fora escrito para ele. Era um *e-mail* geral enviado em massa. Deviam ter retirado o seu endereço eletrónico de uma qualquer petição, Cass costumava enviar-lhe muitas. Perdeu de imediato o ânimo e o peso desesperante fez-se sentir uma vez mais. Mas apenas por um momento. Riu-se e continuou a ler.

Willie era advogado. Ainda vivia em Dublin, e fizera campanha com ênfase em várias questões ambientais e sociais: acesso à habitação, poluição atmosférica, água, direitos LGBT. O *e-mail* continha uma imagem, na qual ele surgia, de toga, diante do Centro Judicial de Dublin. Perdera quase todo o cabelo e já não usava óculos: estava mais largo, tanto no corpo quanto no rosto, a ponto de ser quase gordinho. Dickie poderia cruzar-se com ele na rua sem o reconhecer, não fosse pelo seu olhar, pela inteligência matreira e diabólica que se mantinha tal qual a recordava. Agora estava a candidatar-se a um cargo político.

Após o sobressalto inicial, a que se seguira a desilusão, Dickie apercebeu-se de que estava feliz por ter notícias do amigo. No meio das trevas que obscureciam a sua vida, isto parecera-lhe algo bom, um raio de luz. Como o destino lhe dera aquela oportunidade, pareceu-lhe que não faria nada de errado se o pesquisasse um pouco mais. Sabia que já teria estofo emocional para suportar obter mais informações.

Clicou no *link* no rodapé do *e-mail* e deu por si a olhar para o *site* da campanha de Willie. No *site*, encontrou entrevistas à imprensa, a blogues e vlogues e a minúsculas publicações obscuras; havia contribuições em fóruns *online* de há uma década até ao presente sobre vários tópicos diferentes: conservação, lombas de redução de velocidade, glifosato, casamento gay. Havia fotografias, centenas delas, de Willie com colegas e familiares e amigos, de Willie em campanha, de férias que tinha passado, pequenos-almoços que tinha tomado. De Willie

na marcha do orgulho gay vestido com um fato das cores do arco-íris. Fotografias dele na Borboleta, com um chapéu de Pai Natal a fingir-se chocado enquanto uma drag queen lhe dava um beijo na face — ele *assumia-se com orgulho*, de acordo com o seu perfil no Twitter.

Dickie fez mais pesquisas e descobriu bastante acerca da sua vida. Vivia numa casa georgiana completamente renovada no norte de Dublin. Gostava de tomar o pequeno-almoço num pequeno café italiano na esquina. Tinha uma adega em casa e fazia ocasionalmente críticas a vinhos para uma revista. Dava todos os meses saraus com escritores e artistas. No verão, corria no parque, e, no inverno, corria junto ao mar.

Vivia sozinho.

Alguns rostos surgiam repetidas vezes nas fotografias, mas nenhum por muito tempo. Um homem entroncado, robusto e carrancudo, era o rosto mais constante, mas, após ver algumas fotografias, Dickie perguntou-se se não seria algum tipo de guarda-costas ou assistente. Numa entrevista mais recente, o jornalista perguntava-lhe se tinha alguma pessoa especial na sua vida. E Willie respondera-lhe simplesmente que não. A fotografia que ilustrava a entrevista mostrava-o na sua sala de estar — não na grande sala onde tinham lugar os eventos, mas na sala mais pequena e confortável a que chamava o seu cantinho ao borralho. Na consola da lareira estava a estátua de Ganesh que tinham comprado juntos na Francis Street. Não que isso significasse o que quer que fosse. Dickie não achou que significasse alguma coisa. Recordou-lhe pura e simplesmente aquela época. Fê-lo simplesmente pensar que era estranho não terem retomado o contacto durante todos aqueles anos. Dado um toque um ao outro, enviado uma mensagem, as pessoas estavam constantemente a fazê-lo. Ele era provavelmente a única pessoa do passado de Willie que se mantinha ainda incontactável! De repente, pareceu-lhe ridículo ter-se mantido em silêncio. Willie estivera

provavelmente à espera de saber alguma coisa dele. Talvez lhe tivesse até enviado deliberadamente aquele *e-mail*, disfarçado de lixo eletrônico, com a esperança de que lhe respondesse!

Um tanto eufórico, Dickie começou a escrever uma mensagem de resposta, na qual lhe dizia que era engraçado tê-lo encontrado na sua caixa de entrada e como era incrível não se terem falado durante tanto tempo. As palavras fluíram-lhe com facilidade, era fácil estar feliz, despreocupado, falar com sinceridade quando sabia que nunca enviaria a mensagem.

Mas também não se deixou ficar calado. Nos dias que se seguiram, abriu uma conta falsa no Twitter, para seguir Willie, por meio da qual começou a pôr «gosto» nas suas publicações e por vezes a responder com algo banal. Quando Willie respondia a um desses *tweets* — sem palavras, apenas com um *smiley* —, sentia-se felicíssimo.

Estava ansioso por revelar a sua identidade. Em vez disso, no entanto, começou a enviar mensagens dessa e de outras contas falsas. Eram, de início, mensagens um tanto enigmáticas, mas foram pouco a pouco adquirindo um tom sexual, dizendo que lhe queria fazer isto e aquilo — lembrava-se do que Willie gostava de fazer e do que lhe fizessem. Enviou-lhe fotografias supostamente da sua pila, embora se tratassem apenas de pilas que recolhera aleatoriamente na *internet*. Depois, uma noite, ficou até tarde no trabalho e enviou-lhe uma fotografia da sua própria pila, que tirou na casa de banho do pessoal. Assim que enviou a fotografia, começou a recear sofrer uma repercussão terrível. Puxou rapidamente as calças para cima e correu o fecho *éclair*, e depois ficou parado à porta, a olhar para o vazio, corado com uma cor que se assemelhava à de uma ameixa, ou, como lhe parecia, com uma cor grotescamente fálica. Fechou os olhos e agarrou a moldura da porta

de ambos os lados. O que é que ele estava a fazer? O que estava a fazer com a sua vida? Quem és tu?, sussurrou num tom demasiado alto.

Quando abriu os olhos, viu à sua frente Phil de macacão e ar surpreso. Sou eu, disse Phil. O Phil.

Oh, disse Dickie. Oh, sim, é claro.

Já chega, pensou. Iria arruinar uma vez mais a sua vida? Eliminou as contas falsas e resolveu nunca mais contactar Willie. O passado pertencia ao passado.

Não muito depois, falaram-lhe de uma conferência em Dublin. Era em parte uma reunião de crise, como lhe disse o representante comercial, mas sobretudo para dar um pouco de ânimo aos gerentes dos *stands*. Vários mandachuvas fariam alguns discursos. Seguir-se-ia um jantar com bebidas e entretenimento até de madrugada. A Volkswagen cobria todas as despesas, incluindo o hotel. Leve a esposa consigo, disse ele.

É generoso da parte deles, disse Dickie.

É o mínimo que podem fazer, disse o representante. No tempo do seu pai, uma noite em Dublin seria apenas o início da festança. Meu Deus, nessa altura é que era viver.

Não fazia sentido pensar que era o destino. Dublin ficava a apenas duas horas de distância e podia ter lá ido de carro em qualquer altura. No entanto pareceu-lhe que as estrelas se alinhavam. Aquele *e-mail* que tinha sido enviado «por engano» e agora aquilo? Parecia-lhe óbvio que ele e Willie estavam destinados a reencontrar-se, embora não soubesse muito bem para quê.

Decidiu que daquela vez não haveria mais enganar. Falaria a Willie do *e-mail*, dir-lhe-ia que ia a Dublin, perguntar-lhe-ia se se queria encontrar com ele.

Começou a escrever-lhe uma carta. Não lhe ocultou nada. Falou-lhe da tragédia que se abatera sobre a família, Willie nunca compreendera o efeito que ela tivera sobre ele. Parecera-lhe, na altura, que também ele morrerá. Fora por isso que partira sem sequer lhe deixar uma nota de despedida, fora por isso que não atendera o telefone durante um mês, fora por isso que não lhe falara do acidente de carro, nem do funeral, nem do noivado. Pura e simplesmente não o conseguia fazer. A dor de perder Frank, de perder Willie, de se perder a si próprio era demasiado intensa para a descrever com palavras. Tinha sido demasiado, só isso.

Escreveu tudo, tudo o que devia ter dito muitos anos atrás. Foi o mais sincero que pôde. Mas, uma vez mais, chegado o momento, não a conseguiu enviar. Uma carta não ia funcionar. Willie veria o seu nome no envelope e rasgá-la-ia de imediato. Tinha apenas uma oportunidade. Tinha de estar com ele cara a cara. Para isso, teria de ser esperto, de o atrair até ele. Assim que estivessem juntos num quarto, ele poderia começar a ser sincero.

A primeira coisa que fez foi criar outra personalidade falsa *online*. Dessa vez, criou o perfil de um brasileiro com trinta e poucos anos chamado David Silva. Ao contrário dos outros perfis, o de Silva era verdadeiro. Era de São Paulo, mas vivia em Barcelona, onde trabalhava como *designer*. Quem o pesquisasse encontraria uma fotografia de perfil nas redes sociais: um homem moreno, com barba e olhos que pareciam ao mesmo tempo calorosos e frios. Estava intermitentemente ativo *online*, sempre em espanhol ou português.

Dickie criou um endereço eletrónico em seu nome, e foi como David Silva que escreveu a Willie. Apresentou-se brevemente e disse-lhe que iria a Dublin e estava interessado em arquitetura georgiana. Sabia que Willie era uma espécie de especialista no assunto — poderia fazer-lhe algumas recomendações?

Passou-se uma hora, e mais uma e mais outra. Não conseguia comer, estava sempre a olhar para o telemóvel. Em parte, esperava que Willie não lhe respondesse. Depois, no preciso momento em que Dickie chegou a casa para jantar, o seu telemóvel apitou.

Daquela vez a mensagem era real, era para ele, ou seja, para David Silva. A resposta era breve, mas generosa. Willie não se considerava um especialista na área, mas tinha os seus locais preferidos, sem dúvida, que lhe indicou por meio de uma lista com *links*. Disse-lhe para dar também uma vista de olhos à biblioteca Marsh. Boa viagem!

A próxima jogada era crucial. Ele respondera-lhe, o essencial agora era manter o contacto. Dickie tinha andado a planear uma pergunta sobre estratégias de conservação em Dublin, algo que só um arquiteto ou alguém com interesse profissional na área faria. Preparara por muito tempo e com muito esforço essa pergunta, passara muito tempo em fóruns *online* e nas Wikis. Sentiu-se tentado a enviá-la de imediato, mas obrigou-se a esperar até ao fim do jantar e os filhos terem ido para os respetivos quartos.

Tinha de esperar uma vez mais pela resposta. Durante a espera, ficou tão tenso que bebeu uma garrafa de *gin* sem dar por ela. Mas a resposta chegou. Tratava-se uma vez mais de uma resposta breve, mas sincera, que terminava com uma pergunta sobre a legislação de Barcelona, a cidade onde Silva morava.

A conferência teria lugar daí a duas semanas. Dickie quase não pregou olho durante todo esse tempo. Todos os elementos da vida lhe pareciam, de súbito, de uma contingência impossível de suportar: parecia-lhe que estava a jogar uma vasta partida metafísica de xadrez, na qual movia peças invisíveis. Manteve-se em contacto com Willie. Disse a Willie que ele era na verdade originário do Brasil, e que fazia parte do grupo de conservacionistas que esperavam fazer aplicar, na sua cidade,

alterações semelhantes às que Willie conseguira em Dublin. Esforçou-se arduamente para que os *e-mails* parecessem espontâneos, escritos rapidamente nuns poucos minutos livres no local de trabalho. Gostava de ser David Silva, pelo menos mais do que os outros perfis falsos que criara: gostava de desenvolver erros gramaticais característicos de David, como a sua preferência por frases curtas e tensas sem verbos e polvilhadas de maiúsculas. Imaginava Willie a pesquisar David Silva no Google e a ver a sua cara latina bonita e sorridente.

Por vezes, mas não com frequência, parecia despertar e olhar para o que estava a fazer — algo tão complexo e ininteligível quanto um sonho.

Haveria decerto uma forma mais fácil de atrair Willie para um espaço fechado, não? E se seguisse os compromissos que tinha agendados e fosse a um dos seus eventos e fingisse que se cruzara com ele por mero acaso? Mas sabia que isso não funcionaria, que não o levaria a lado nenhum. Tinha de ser um *encontro* como devia ser, e com as circunstâncias certas. De resto, o seu planeamento não era em si desagradável. Divertia-se a usar o cérebro para algo que não fosse vender carros, e, após todo aquele tempo, sabia-lhe bem entrar em jogos de sedução, mostrar-se interessante, ser uma pessoa que outra poderia desejar.

Os dias passaram numa estranha mistura de tensão e entusiasmo. Enquanto isso, a sua vida, a sua verdadeira vida, parecia diminuir e retroceder até um recanto ensombrado para lá do seu telemóvel. Resolveu escrever e ler a sua correspondência apenas no local de trabalho, mas, quando chegava a casa, os filhos pareciam-lhe de algum modo translúcidos. Ficava até tarde no escritório na maior parte das noites, mas não voltou a ver Ryszard. Desde a rejeição de Dickie, o rapaz mantinha-se apenas na oficina. Também ele se tornara translúcido.

Não trocaram mais do que um punhado de *e-mails* durante duas semanas. Ainda assim, chegaram a uma situação em que pareceria bastante natural se David Silva perguntasse a Willie se se queria encontrar com ele para tomar um café ou um copo durante a sua breve estada em Dublin. Contudo, Dickie continuava a não ter coragem para lho perguntar. À medida que a data se aproximava começou a pensar com mais minúcia no momento em que se veriam cara a cara, em que deixaria de ser David Silva e se revelaria a si mesmo. O que *diria* Willie? O que diria, o que faria quando deparasse com Dickie à sua frente? Rir-se-ia? Ficaria em silêncio? Voltar-lhe-ia as costas e ir-se-ia embora? E se o fizesse, Dickie correria atrás dele, agarrar-lhe-ia o ombro e diria: Ouve-me, por favor? Só queria pedir-te desculpas, diria ele. Eu sei, eu sei que é tarde de mais. Mas, mesmo assim, queria pedir-te desculpa. E Willie olharia para o chão, pestanejaria, e depois estenderia os braços a Dickie e abraçar-se-iam um ao outro. Ele teria o mesmo cheiro passados todos aqueles anos. Ou será que o escutaria, pálido, e depois diria laconicamente: Pronto, já pediste desculpa; e seguiria caminho. Ou não seria talvez nem compassivo nem hostil, mas simplesmente educado, gerando-se uma situação confrangedora em que não teriam nada que dizer um ao outro, e, cinco minutos depois, Willie diria com gentileza que era melhor ir indo.

E se ele ficasse zangado? Se descobrisse que Dickie o enganara para o levar ao encontro, talvez ficasse zangado ou até violento! Dickie decidiu que não se defenderia se ele lhe batesse. Imaginou Willie a dar-lhe um murro, num quarto de hotel anónimo e mobilado segundo a moda atual, e depois, logo em seguida, como se saísse de um feitiço, a levar as mãos à cara, horrorizado, e a aproximar-se da cama para confortar o homem magoado e a gritar amo-te, nunca deixei de te amar!

Poderia dar-se qualquer um destes desfechos, ou nenhum deles. Não havia como saber.

E depois chegou a chuva.

Ao início, não parecia ser mais do que um aguaceiro — afinal, estavam na época deles. Mas a chuva que caíra no solo não desaparecia. Ao invés, acumulava-se na rua, como uma multidão saída de uma partida de futebol que por ali deambulasse sem nada que fazer. Num período de poucas horas, formaram-se poças e lagos na praça principal da vila. A meio da tarde, vários carros estavam atolados na água, que já chegava aos joelhos dos transeuntes. Dickie foi para casa cedo e passou a tardinha a olhar pela janela e a imaginar, para lá do reflexo fantasmagórico do seu rosto, as trombas de água que caíam na floresta.

Se isto continuar assim, lá se vai a tua viagem, disse Imelda. Era precisamente nisso que estava a pensar. Mas ouvi-la descrevê-lo por palavras enraiveceu-o. Então porquê?, perguntou ele.

Como é que vais a Dublin com este tempo?, perguntou ela, apontando com a cabeça para a janela. Provavelmente até vão cancelar o encontro.

Sabia que, mais do que nunca, precisava de manter a cabeça fria e evitar levantar suspeitas. Mas não era capaz. Porque é que haviam de cancelar o evento?, perguntou, e notou que elevava a voz. Não há cheias em Dublin. Achas que vão fechar o país inteiro porque está a chover aqui? Achas que esta parvónia de merda é o mundo inteiro?

Imelda não respondeu, limitando-se a sair do quarto, como se responder-lhe estivesse abaixo do seu nível — como se aquele também não fosse o nível dela, como se ela não tivesse inventado aquele nível,

como se ela não o tivesse aprofundado pouco a pouco com os seus saltos altos ao longo da merda dos últimos vinte anos!

Na manhã seguinte — o dia da conferência —, o rio transbordou as margens. Metade da estrada estava intransitável. As escolas ficaram encerradas, o *stand* também, os filhos estavam por casa. PJ perguntou a Dickie se ele queria ver um filme — não queria. Cass vagueava pela casa envolta por uma nuvem de fumo recesso e álcool, como um fantasma negligente. Estás perdida?, perguntou ele com falsa amabilidade. Já pensaste em estudar para os teus exames?

Todos eles à sua volta! Sentia-se observado. Fechou-se no escritório, deu uma vista de olhos ao telemóvel. Três dias antes, David Silva perguntara finalmente a Willie se se queria encontrar com ele enquanto estivesse em Dublin. Willie respondera: Parece-me bem, falamos mais perto da data. Aquilo era positivo, não era? Não se tinha comprometido, mas também não tinha recusado o convite. Desde então, refregara-se de lhe escrever de novo. Não queria parecer demasiado ansioso e também não gostava de lhe escrever em casa. Tinha planeado enviar-lhe um *e-mail* quando estivesse a caminho, quando estivesse a sós e tivesse tempo para o escrever como devia ser. Mas naquele momento, a chover a cântaros, aquela precaução pareceu-lhe desnecessária. Porquê esperar? Que diferença fazia de onde lhe enviava a mensagem? O encontro estava praticamente marcado, porque não confirmá-lo de uma vez por todas?

E que tal se vieses ao meu hotel?, escreveu. Por volta das oito?

Percebeu que tinha ido longe de mais assim que enviou a mensagem. Enviou outra logo de seguida: Para tomar um copo. Mas esta segunda mensagem só realçou ainda mais a ambiguidade da primeira. Foda-se! Estava a estragar tudo! Durante uma hora, andou pela casa como um tigre, descreveu círculos intermináveis em redor do sítio onde pousara o telemóvel, que mais parecia uma minúscula lápide negra num cemitério

liliputiano. Nada. Nada, nada. Que caralho lhe tinha passado pela cabeça?

Pai?

Estou aqui a tratar de um assunto, amiguinho.

Sentia PJ a rondar à sua volta. Talvez porque Dickie estava ali especado, de pé, e manifestamente de olhos postos no telemóvel.

Fechou a aplicação e desligou o telemóvel. O que é?

Podes ensinar-me outra vez a resolver equações?

Dickie respirou fundo. É claro que sim, respondeu.

À hora em que saiu para Dublin, a vila estava em destaque nas notícias: na televisão, um vídeo captado de um helicóptero mostrava a água suja a rodopiar pelas ruas. Até amanhã!, disse ele num tom jovial. A família fitou-o como se tivesse perdido o juízo.

Chegou a Dublin sem sequer se aperceber de como lá tinha chegado. A sua casa, a sua família pareciam-lhe já pertencer a uma outra vida. E o hotel e a conferência constituíam uma espécie de purgatório, um estranho espaço intersticial entre um mundo e o seguinte, repleto de figuras periféricas do passado, o género de conhecidos marginais que surgiam em sonhos — representantes comerciais, colegas de outros *stands*, sujeitos opacos da indústria que vira pela última vez numa festa de Natal, três — ou oito, ou vinte — anos atrás. Alguns tinham ido ao seu casamento, outros eram filhos de sujeitos que tinham ido ao seu casamento.

Todos lhes perguntaram pelo pai e lhe contaram coisas engraçadas que ele tinha dito ou feito em eventos como aquele.

Após uma hora de convívio, alguém subiu ao pódio e começou a falar. Dickie olhou sub-repticiamente para o telemóvel. Pensou para

consigo que tinha de manter a calma. Se não acontecesse naquele dia, aconteceria noutra altura qualquer. Todavia, sentia que aquele *era* o momento certo. Simplesmente porque não conseguiria continuar a viver naquele estado, não, nem mais um dia que fosse.

Os discursos terminaram, serviram-lhes bebidas, e ele teve as mesmas conversas com outras pessoas — com outros homens, porque quase não havia mulheres por ali. Uma sensação intensa de claustrofobia começou a apoderar-se dele. A conferência parecia-lhe cada vez mais insignificante, desprovida de sentido, e, no entanto, ao mesmo tempo inescapável, como se fosse uma prisão concebida só para ele, uma prisão de canapés e *Prosecco* gratuitos à discrição, em que cada troca de palavras vazias com um vendedor de carros bem-humorado e vermelho como um pimento o prendia à sua existência — como se estivesse tão longe, tão perto de recuperar a sua própria vida, só para que lhe mostrassem e entendesse de vez que tal seria impossível. Como o refugiado que atravessa o deserto, o oceano e a fronteira só para deparar com um muro que se ergue até onde a vista alcança. Pediu uma vez mais desculpas, foi à casa de banho, olhou para o ecrã do telemóvel como se pudesse, por efeito da sua vontade e do seu esforço, fazer aparecer uma resposta. Estava ansioso por lhe contar a verdade! Mas conhecia Willie, sim, ainda o conhecia, e sabia que essa não era a tática certa.

Finalmente acabámos o trabalho!, escreveu David Silva. Se estiveres livre, gostava de te oferecer uma cerveja para te agradecer os conselhos.

Enviou a mensagem e aguardou trancado no cubículo, perdendo por completo a noção do tempo. De vez em quando, os autoclismos dos urinóis descarregavam automaticamente com um som arrítmico e jocoso, como os sinos de um relógio profano. Imaginou Willie a ponderar a sua mensagem e a pressentir que havia ali algo de errado e, por conseguinte, a decidir que não iria a lado nenhum.

Foi então que chegou a resposta. Olá David desculpa nao posso ir ao teu hotel. Vou encontrar me em breve com amigos neste pub — prov/ nao fico mt tempo mas seria bom ver te se conseguires lá ir

O *link* remetia para a Borboleta.

Dickie estava alojado num hotel nas docas, a uma milha do *pub*, mas rejeitou de imediato a ideia de apanhar um táxi — a deslocação seria demasiado célere, demasiado decisiva. Resolveu ir a pé e, enquanto caminhava, pôs-se a pensar no que diria. Estava pronto para suplicar, para se humilhar. Pensou em dizer a Willie tudo o que tinha escrito na carta que não lhe enviara. No entanto, ao recordar o seu conteúdo, pareceu-lhe que as suas palavras soavam ocas e egoístas. Ou simplesmente loucas. *Morri, também eu morri.*

Pois não morreste para arranjar mulher, disse Willie na sua imaginação.

Fi-lo por amor, disse Dickie. Encolheu inocentemente os ombros. Fiz tudo por amor. Talvez estivesse errado.

As pessoas dizem sempre que fazem as coisas por amor, disse Willie. Até justificam os piores crimes do mundo com amor.

Amava-te, disse Dickie. Willie não respondeu.

Caminhou lado a lado com o rio e atravessou uma ponte. A sua rota levou-o ao *campus* do Trinity por uma entrada nas traseiras. Havia edifícios novos por todo o lado — edifícios com um *design* obtuso, atos deliberados de um modernismo que se debatia com a aura de passado da universidade e com o seu pesadume luxuoso, que, como um brocado de tempo puro, cobria e mantinha tudo em suspenso.

Enquanto percorria o caminho junto ao campo de críquete, os rostos que lhe surgiram da escuridão pareceram-lhe os mesmos que conhecera

nos seus tempos de estudante, como se nunca se tivessem ido embora e envelhecido e houvessem, pelo contrário, permanecido ali eternamente jovens.

Passou pelo edifício dos seus antigos Quartos e onde Willie também tinha, um andar abaixo, os seus; e onde, mais tarde, haviam vivido juntos. Teve a sensação estranhíssima de que os encontraria aos dois lá, inalterados, se tocasse a campainha. Viu-se a si mesmo a partir naquela noite de outubro, vinte anos atrás, em passo de corrida como um homem que aceitasse o seu destino. E, ao seguir caminho pela calçada molhada que brilhava à chuva, ele e o rapaz que tinha sido outrora pareceram fundir-se, e a urgência de agir, a vitalidade que sentira naquela noite, acometeu-o de novo. Na altura, pensara que aquela energia pertencia à cidade, que se tratava de uma pressa que se lhe transmitia através do passeio, das lojas e das placas de sinalização e dos semáforos; mas naquele momento apercebeu-se de que era, na verdade, um resultado da sua juventude, da sensação de que tudo é possível e excitante na tábua rasa que é a juventude. E esta vitalidade regressou, vinda do passado, para o acicatar a seguir em frente, a transpor o Portão Frontal, a atravessar College Green, a percorrer a Dame Street e a alcançar o cruzamento com a George's Street.

Aí chegado, parou. Dobrara a esquina e via já as portas do *pub*, ainda pintadas de um púrpura decadente, no outro lado da rua. Mas perdera a coragem.

Naquele instante, recordou-se também da náusea que sentia sempre naquele preciso local. Caminhava, noite após noite, de um lado para o outro defronte do *pub* para ganhar a coragem de lá entrar. Talvez nunca tivesse tido coragem de o fazer se por mero acaso Willie não o houvesse encontrado por ali e arrastado pela porta adentro.

Willie, contudo, não estava ali para o instigar a entrar, e Dickie sentiu-se tão deslocado e magricela e confuso e perdido quanto naquela noite. Era como se toda a determinação, toda a confiança em si ou a sensação de si como homem que houvesse adquirido nos últimos vinte anos tivessem, de repente, sido arrastadas pela brisa, qual armadura feita de esferas brancas de dente-de-leão.

Parou diante da loja de música, que era agora um restaurante, e recompôs-se. Algumas portas abaixo, homens e mulheres entravam e saíam do *pub*. Conversavam, riam-se, caminhavam até à entrada, cumprimentavam o porteiro com uma palavra ou um beijo: não havia ali nenhum secretismo, nenhuns olhares de soslaio, nenhum medo de se ser visto ou atacado. Não havia ali vergonha. Era como uma utopia. O mundo atual era assim: tinha-o visto no telemóvel — tudo era permitido, todos estavam disponíveis para tudo e a qualquer momento. Seria isso que ele estaria a fazer caso tivesse escolhido aquele caminho? Tudo? Lembrava-se de Willie ter comentado, a dada altura, que ele gostava que o desejassem — que preferia ser desejado a efetivamente foder. Segundo Willie, Dickie ficava satisfeito assim que determinava que alguém o desejava. Nesse sentido, és como uma mulher, dissera.

Recordar os comentários de Willie fê-lo sorrir e desejar a mente que os concebera. E como os aquénios de um dente-de-leão levados pelo vento, deu por si transportado até ao interior do *pub*.

Foi tomado por uma euforia momentânea que logo originou um intenso desconforto. Ziguezagueou até ao balcão e agarrou-se à madeira curvada; os ouvidos zumbiam-lhe com a vozearia e as palpitações do seu coração, que estava aos pulos. O *barman* aproximou-se para o atender. E então, Dickie, como vai isso?, perguntou ele com um sorriso

trocista. Dickie petrificou. Como é que sabe...? O *barman* riu-se e apontou-lhe para o peito. Para seu desagrado, Dickie viu que ainda estava a usar o autocolante de identificação que lhe tinham dado na conferência. Corou e pediu uma bebida; depois arrancou o autocolante.

O *barman* serviu-lhe a cerveja. Virou costas ao balcão para analisar a sala. Antigamente, chamavam Parque Jurássico àquela secção do *pub*, mas reparou que a maioria dos homens ali presentes eram mais novos do que ele. E também mais entroncados, mais fortes, musculosos do que na sua época. Mas havia também homens mais magros, efeminados e de gestos afetados, que usavam *eyeliner*, penteados extremos e pestanas falsas. Homens que não tinham de se disfarçar quando saíam do bar, que não tinham de se preocupar em reinserir-se no mundo dito normal. Aquela era a sua normalidade, o seu mundo normal.

Não via Willie em lado nenhum. Sacou do telemóvel, mas não tinha mensagens novas. Cass e PJ fitaram-no da foto de bloqueio de ecrã, e ele apressou-se a guardar o telemóvel no bolso.

Afastou-se do balcão e começou a abrir caminho por entre a sala e a examinar os rostos com o cuidado de lhes lançar olhares gerais, não sexuais, como um turista que atentasse aos pormenores de um local e não como alguém que andasse no engate. A maioria pareceu nem sequer reparar nele, embora soubesse que o tinham observado assim que entrara pela porta. Lembrou-se, pouco a pouco, da hierarquia que regia aquele bar e que agrupava os clientes em categorias muito específicas. Antigamente, na companhia de Willie, aquilo não o incomodava, porque estava na melhor categoria. Eram novos, todos os queriam. Agora Dickie pertencia a uma categoria que todos os presentes reconheciam sem dificuldade: era um pai da província que estava a passar a noite em Dublin. Já naquela altura apareciam por ali homens assim, topavam-nos a léguas; sentavam-se ao balcão e curvavam-se, aterrorizados, sobre o

seu exemplar do *Evening Herald*. Por norma, acabavam por encontrar alguém com quem foder, porque havia quem gostasse daquele ar de secretismo e culpa e soubesse, além disso, que aqueles homens, apesar de sexualmente inexperientes, lhes ficavam sempre muito gratos e pagavam as bebidas.

Levantou o copo de cerveja um pouco acima dele, como um candeeiro a petróleo, e abriu caminho por entre os corpos. Um homem com sombra de olhos prateada deteve-o e perguntou-lhe se queria ver as suas pinturas. Antes que Dickie pudesse responder, sacou do telemóvel e mostrou-lhe uma série de retratos grotescos de celebridades — Tom Hanks, Kanye West — quase irreconhecíveis. Pareciam não ter fim, e um minuto depois Dickie tentou despedir-se com toda a cortesia. Achaste demasiado bom para mim?, perguntou sarcasticamente o pintor. Tens-te visto ao espelho?

Dickie seguiu em frente. Willie estaria no primeiro andar? Dirigiu-se às escadas abatido e cabisbaixo. De lá de cima vinham relampejos de luz e o som devastador da música tecno. De súbito, Dickie sentiu-se exausto — os comportamentos belicosos e o egoísmo generalizado cansavam-no. No entanto, chegara até ali. Respirou fundo e preparou-se para enfrentar a pista de dança.

E foi então que o viu. No andar de baixo, num canto que verificara pouco antes. Com base nas suas fotos, Dickie sabia qual era a sua aparência agora, é claro, mas nenhuma fotografia o poderia preparar para o ver em carne e osso. Não o poderia preparar.

Estava a conversar com um homem — ou, melhor, com um rapaz. A sua cabeça calva brilhava e a sua *t-shirt* justa deixava entrever um tronco musculoso. Sim, tinha mudado. Dickie nem sequer o tinha alguma vez visto de *t-shirt*, quanto mais com músculos. No entanto, o modo como gesticulava ao falar, a forma como a sua boca, os seus lábios perfeitos e

arqueados se mexiam, o seu carisma, a sua inteligência matreira, o seu excesso de confiança e a sua gentileza e a sua alegria, todos notórios a vinte passos de distância, eram os mesmos que Dickie conhecera vinte anos atrás. Era ainda o homem que conhecera e amara. Ao fitá-lo, sentiu, como nunca antes, uma profunda sensação de conforto e paz. Era como olhar para alguém que houvesse ressuscitado, era como ver (imagine-se!) Frank vivo — como se nunca se tivesse ido embora, como se aquela ferida horrenda que o acompanhara toda a vida não passasse de um mal-entendido.

Dickie contemplou-o — sim, é o termo correto —, imóvel, por muito tempo. Sentia-se como que abençoado. E então Willie olhou na sua direção. O que aconteceu em seguida desenrolou-se tão depressa e tão confusamente que quase não o conseguiu apreender, mas daquilo tinha ele a certeza — Willie olhara para ele, Willie vira-o. Então, no mesmo instante — pareceu-lhe —, duas mãos firmes agarraram nos ombros de Dickie: pegaram nele, fizeram-no rodopiar e impeliram-no a toda a velocidade pelo bar, quase sem lhe dar tempo de vislumbrar as expressões de espanto da turba em seu redor. Quando deu por ela, tinha sido posto porta fora e estava na rua. Desculpa, pá, disse-lhe uma voz ao ouvido. Só clientes habituais.

A porta púrpura fechou-se. Dickie viu-se a sós na rua e agachado como se lhe houvessem tirado o fôlego, e esforçou-se por organizar as ideias. O que tinha acontecido? Porque tinha sido expulso do bar? Levantou-se, cambaleou até uma montra de loja com o gradeamento fechado, e rememorou o instante que antecederia a abordagem do segurança, aquela fração de segundo de contacto no qual os olhos de Willie se tinham fixado nos dele. Vira-o, reconhecera-o, disso tinha Dickie a certeza. Estaria inclusive à sua espera, soubera aquele tempo todo que era ele? Mas e então?

Olhou para trás. O porteiro e dois rapazes com asas de fada estavam a rir-se à porta do *pub*. Dickie sacou do telemóvel e escreveu uma mensagem a Willie: *Vem cá fora pf*. Não esperava uma resposta e não recebeu nenhuma. Aguardou cinco minutos de olhos fixos na porta. Por fim, deu meia-volta e foi-se embora.

Só então, quando tudo estava já perdido, se apercebeu do quanto arriscara com aquela jogada. Durante anos, durante décadas, ansiara, sonhara com o momento em que se veriam de novo, alimentando-se de doses minúsculas de um mundo que nunca poderia existir. Se não tivesse ido até ali naquela noite, poderia continuar a nutrir-se da ilusão até ao fim da vida. Mas agora estava tudo acabado.

Começou a caminhar sem saber para onde ia. Nos olhares indiferentes dos desconhecidos com que se cruzava, via-se como Willie o devia ter visto: um espectro que, saído de uma noite chuvosa, tentasse recuperar o tempo que perdera. Um ser miserável com necessidades que nunca aplacaria: um pai da província.

Deu por si de volta ao hotel. Não seria capaz de regressar à festa e de conviver com os outros revendedores — nem pensar, isso ser-lhe-ia insuportável. De resto, também não conseguiria permanecer no quarto. Fez a mala e saiu do hotel sem fazer o *check-out*.

Só quando estava na estrada é que se apercebeu da dimensão do que acontecera e do que não acontecera. As estrelas, soltas das suas constelações, dançaram-lhe diante dos olhos, e as luzes da cidade flutuaram no ar desancoradas dos candeeiros públicos. Dores lancinantes comprimiam-lhe o peito. Encostou à berma e por um momento arquejou de mãos no peito. Recordou vezes sem conta como os olhos de Willie tinham pousado nele para logo se desviarem. Quando pôs de novo o carro em andamento, ainda arfava, e começou a conduzir com uma mão no volante e a outra sobre o coração. Na autoestrada, seguiu pela faixa

de ultrapassagem, correndo taco a taco com o céu negro que se agitava acima dele, e aguardou o momento em que a Morte lhe arrancaria o volante da mão e o lançaria contra o separador de betão, para morrer envolto em chamas, tal como Frank.

Tinha-se esquecido das cheias. Parara de chover, mas as estradas estavam inundadas e tresandavam a esgoto. Seguiu por um labirinto de desvios e passou por casas vazias e carros abandonados. Apercebeu-se de que não podia ir para casa — não conseguiria enfrentar as explicações que teria de dar, pois não sabia o que seria capaz de fazer sob o efeito da espiral de raiva que aos poucos se ia descomprimindo, como uma mola, e que em breve lhe tomaria o cérebro de assalto. Porque não pensara nisso antes? Amaldiçoou-se e à vila silenciosa e inundada. Depois, mudou de direção — deitando abaixo dois ou três sinais de emergência durante as manobras — e dirigiu-se para a praça central.

O *stand* estava às escuras. Pensou em dormir no escritório e ir para casa no dia seguinte, como se regressasse diretamente do hotel. Desceu do carro e enfiou-se até aos tornozelos numa poça de água. Praguejou, chapinhou até à porta e entrou no *stand*. No escritório, descalçou as meias e abriu o armário onde guardava uma muda de roupa. Depois ouviu um som — o ruído de algo a cair.

Saiu do escritório e dirigiu-se à oficina. Deparou, aí, com Ryszard, que o fitava do lado oposto da oficina. Tinha uma chave-inglesa na mão e os seus olhos eram de um negro liquefeito; os seus lábios também pareciam negros na penumbra. Ele olhou para Dickie, Dickie olhou para ele. O ar parecia vibrar, como se cada átomo estremecesse. Um portal abriu-se algures e o seu estado de espírito alterou-se de modo inexplicável. Começou a falar, mas não lhe saiu nenhuma palavra. Ryszard fitava-o em silêncio na escuridão, e quando desviou o olhar,

Dickie continuou a sentir-se observado, como se o olhar do outro homem pairasse no espaço que os separava. Como se o seu olhar queimasse o ar. E aquele olhar reteve-o ali, prendeu-o a si mesmo, e, por isso, quando deu meia-volta para se ir embora, não se foi de facto embora — só o seu corpo, só a sua exterioridade se tinha deslocado. A sua exterioridade, que nada pesava, uma simples ilusão, afastou-se.

Regressou ao escritório e acendeu o candeeiro da secretária. Tirou as meias de reserva da gaveta do fundo e calçou-as. Sentia-se um fantoche ou uma personagem numa farsa. Nada daquilo era real. Foi até ao armário e pegou no par de calças que ali guardava. Desabotoou as calças que tinha vestidas e baixou-as.

Ryszard apareceu à porta. Ainda tinha a chave-inglesa na mão. Olhou-o com um rosto inexpressivo, imóvel. Dickie pensou frivolamente que talvez o fosse matar. Dickie tinha uma perna dentro e a outra fora das calças molhadas. Os seus olhares cruzaram-se, o ar vibrou, e a ponte liquefeita contraiu-se de súbito, juntando-os. Não falaram. Ryszard pousou-lhe a mão na pila, que estava dura, muito dura! Beijaram-se. Despiram-se com violência, arrancando as roupas com ímpeto. Dickie passou a língua pelo peito do jovem, que sabia a suor e a óleo e a partículas de metal destruído. Foi como beber um gole de água contaminada depois de passar um mês no deserto. No deserto, no calor, na areia, um santo renegado deambulando por entre as árvores enfezadas! Por favor, gemeu ele ao ouvido de Dickie. Dickie agarrou-o pelos ombros e virou-o de costas. Ryszard abriu as pernas e fincou os pés no chão antes de agarrar com força as duas extremidades da secretária, e Dickie retraiu-se por um momento: nas suas nádegas nuas, Ryszard tinha tatuado, em maiúsculas, as palavras O TEU NOME. Não entendia bem o propósito daquilo, porque a letra gótica conferia às palavras um tom sinistro, como se constituíssem um qualquer tipo de

aviso. Mas Ryszard gemeu, choramingou e abanou o traseiro, e Dickie sucumbiu ao momento, agarrou-lhe as nádegas tatuadas e entrou nele. Sim! Entrou nele! Sem lubrificante, sem preservativo, sem nenhum dos escrúpulos de há vinte anos — nada de desviar os olhos ou de usar uma mão pudica para redirecionar o pênis —, nada disso: penetrou-o de modo destemido, como um libertino, um devasso! E viu-se a fazer tudo aquilo, observou-se a amar sem receios nem pruridos, de dentro de um pequeno *bunker* solitário no seu íntimo. Chorou e as lágrimas caíram, uma por uma, nas costas do rapaz, e ele recordou as lágrimas que o seu pai vertera sobre o rosto do filho morto, sobre o rosto de Frank, quando este jazia no caixão. Mas não parou de o penetrar, não, nem pensar, e, ao invés, deu-lhe inclusive estocadas cada vez mais fortes, até o rapaz gritar, e depois veio-se com tanta intensidade que pensou estar a sofrer uma convulsão. O prazer e a dor eram indistinguíveis e formavam uma onda gigantesca que lhe varreu o cérebro e o inundou, arrasou-o. Deixou-se cair sobre a secretária. Pouco depois, Ryszard saiu de debaixo dele, pôs-lhe um braço em volta e perguntou-lhe porque estava triste.

Por nada, respondeu Dickie.

Reparou que Ryszard, por incrível que parecesse, ainda tinha a chave-inglesa na mão. Perguntou-se de novo se o jovem pretendia matá-lo — para assaltar o *stand* ou simplesmente para se divertir. Aquela possibilidade não o assustou. Matar ou foder pareciam estar à mesma altura vertiginosa, um fio de navalha cravado alto, bem alto na cripta negra da noite. Como se tudo aquilo estivesse a ocorrer em pleno ar, longe de todas as outras partes da sua vida, mas contendo em simultâneo o potencial de destruir tudo. Depressa descobriu que estava de novo excitado e obrigou o jovem a ajoelhar-se.

No fim, foi para casa. Quando Imelda acordou, disse-lhe que precisava de tratar urgentemente de alguma papelada, e que era por isso

que tinha voltado de Dublin mais cedo.

A partir de então, passou a foder Ryszard todas as noites. Não combinavam nada, não conversavam e não havia sequer qualquer explicação para o que estavam a fazer. Muitas vezes nem se cumprimentavam. Este facto só por si, a decadência, enlouqueciam-no de desejo. Ao mesmo tempo, tornava aquilo que faziam, a sós na vila deserta e submersa, tão irreal que se sentia um tanto protegido das consequências. Porque haveria consequências? Porque não podia haver apenas prazer? Era aquilo que o rapaz queria, era para aquilo que o rapaz *servia*. Fode-me, ordenava ele, e Dickie obedecia. Empanturrava-se em sexo. Entregava-se a um círculo vicioso de desejo que, ao saciar-se, exigia de imediato mais, que cobrava mais, que pedia mais. Afundava-se na beleza de Ryszard, na sua juventude, na sua pura e simples abundância carnal. Mas apesar de gemer e penetrar e instar, atordoado pelo ruído da roda chamejante do desejo e da satisfação que nunca parava de girar, estava ciente de que lhe faltava algo. Havia sempre um momento em que, no seu íntimo, dizia para consigo: Não é isto que queres.

E presumia que não seria castigado porque não sentia um prazer completo.

O rapaz dormia na oficina, fora por isso que surpreendera Dickie na primeira noite. Enquanto não recebesse o salário, não tinha dinheiro para pagar a renda, dissera-lhe ele. Deitara a mão às chaves de Phil e fizera cópias, e mostrou a Dickie a espécie de ninho que preparara num dos armários dos arrumos. Onde é que ele dormia antes de começar a trabalhar ali? Por onde tinha andado antes de chegar à vila? De onde era? Mas Ryszard mudava de assunto sempre que Dickie lhe perguntava alguma coisa. Foi para isso que me trouxeste para aqui? Para falar das receitas da minha avó?, dizia ele enquanto masturbava Dickie.

Ele tinha razão: aquilo não era amor, mas luxúria. Era suposto ser sórdido. Porquê fingir que era outra coisa? Porquê fingir que não gostava da natureza torpe, efémera e transitória de tudo aquilo? Estavam apenas a usar o corpo um do outro, e era isso o mais excitante, não era?

Ryszard não se importava com Dickie. Talvez nem sequer se importasse consigo próprio. Tratava o seu corpo como uma coisa descartável, um brinquedo que não se importava de danificar. Estava sempre pronto para foder, as fodas eram sempre intensas, sórdidas, orgiásticas. Uma vez, foderam no cubículo onde ele dormia e quase foram apanhados por Phil, que voltou atrás para ir buscar os óculos. (As águas das cheias já haviam recuado por essa altura e a vila regressara à vida, algo em que Dickie mal reparou.) Na maioria das vezes, ficavam-se pelo escritório — a fantasia também fazia parte do jogo. Dickie era o senhor-patrão, no fim de contas. E o seu pai não estava morto, Dickie não podia foder o rapaz na sepultura do velhote, por isso aquilo teria de servir. (Sim, também isso o chocou: aquele caso — uma palavra ridícula — abrira no seu íntimo um alçapão de onde esvoaçavam, como morcegos, todo o género de ideias negras.)

Ninguém descobriu o que se passava entre eles; e tinha quase a certeza de que nem sequer desconfiavam que tal pudesse acontecer. Afinal, escondera coisas a vida inteira. Na verdade, a furtividade das suas ações tornava-o mais atento em casa, mais concentrado no papel que representava a dado momento, de maneira que se conseguiu inclusive convencer a si próprio de que, tendo tudo em consideração, a sua infidelidade era boa para toda a gente.

Não, foi o próprio Ryszard que causou o problema. Ao início, foram pequenas coisas. Pausas para fumar que demoravam horas. Trabalho mal feito, insolência. Falta de pontualidade, atrasos quase impossíveis de compreender, visto que passava quase o tempo todo na oficina e só saía

pouco antes de esta abrir. Adorava provocar Phil. Uma vez, enfurecera de tal maneira o mecânico-chefe que este tirara literalmente o boné da cabeça e o atirara ao chão, algo que Dickie só vira em desenhos animados. Quando Phil se queixou, Dickie disse-lhe que não se podiam dar ao luxo de o despedir. Depois das inundações, descobriram que muitas pessoas haviam acreditado que os seus carros eram à prova de água. Por conseguinte, a oficina tinha uma longa e lucrativa lista de circuitos elétricos queimados e travões estragados que necessitavam de reparação.

Disse que ia falar com o rapaz. Seguiu Phil de volta à oficina. E lá estava Ryszard, numa postura de bailarina, com uma mão nas ancas e um sorrisinho trocista nos seus lábios perfeitamente arqueados. Inviolável. Juro por Deus, Dickie!, disse Phil. É ele ou eu! Nas suas costas, Ryszard piscou o olho a Dickie e enfiou a língua por dentro da bochecha. E Dickie teve um calafrio.

Levou Ryszard para o escritório. O jovem pousou a mão na mão de Dickie. Dickie retraiu-a. Temos de ter cuidado, disse-lhe. O rapaz fez beicinho, como se não percebesse o porquê daquele reparo. Tens vergonha de mim?, perguntou. É claro que não, disse Dickie para o reconfortar, embora soubesse que Ryszard não precisava de ser reconfortado e só estava a fazer aquilo para ver até onde podia esticar a corda com Dickie. Então estás farto de mim, disse o jovem, fazendo de novo beicinho.

Era verdade que a excitação inicial já tinha passado, e mais depressa do que ele esperava. Isso significava talvez que ele era, no fim de contas, um homem de família, como concluiu. O que achava ser o seu «verdadeiro eu», o caminho que não percorrera, seria talvez apenas o resquício de uma fase juvenil. Embora ainda fizessem sexo, dava por si ansioso, inclusive em pleno ato. Quanto mais o penetrava, mais se via

enterrado num pântano do qual, a dado momento, lhe seria impossível escapar. Os gritos de Ryszard, tão altos e guturais quanto sempre, pareciam-lhe então um pouco mais encenados, como se troçasse de Dickie, como se troçasse da ideia de que Dickie poderia instigar tais gritos; ou talvez soassem falsos desde o início, e só então se tivesse começado a aperceber disso.

Começaram novamente a desaparecer coisas. Uma carteira, um relógio, ferramentas. Objetos que os clientes deixavam nos carros, um GPS, um peitoral de cão, uma echarpe de *pashmina*. A ventoinha elétrica que Dickie tinha no escritório. Dickie confrontou-o uma vez mais. Ryszard garantiu não saber de nada. Tens de parar com isto, disse-lhe Dickie, tentando soar autoritário e não como se lhe estivesse a fazer uma súplica.

Então apareceu Brian Coady, o dono do *pub*. Deixara o carro na oficina porque o motor fazia um estalido. O estalido tinha desaparecido, mas dera lugar a um rugido. Não era especialista no assunto, mas parecia-lhe um problema com o catalisador.

Quando ouviu isto, Dickie fingiu indignação, embora secretamente se sentisse aliviado. Por aquela altura, a ansiedade da relação diminuía o prazer a ponto de o tornar irrelevante. Procurava uma solução para o problema, e ali a tinha. Ryszard não podia esperar que ele encobrisse aquilo. Talvez o tivesse feito por isso mesmo.

Chamou o rapaz ao escritório. Ele entrou como se levasse com ele uma ameaça depravada e descuidada, como um animal em duas patas, um tigre com um chapéu e um casaco de fraque. Dickie fechou a porta e depois esforçou-se por parecer muito sério e disse-lhe, sem preâmbulos, que se via obrigado a despedi-lo.

Ryszard mostrou-se bastante compreensivo. Dickie antevira protestos furiosos com que alegaria a sua inocência, mas nada disso aconteceu.

Esta aceitação estoica do despedimento levou-o a concluir que tivera razão, e que o catalisador roubado era uma provocação deliberada que tinha o intuito de pôr fim a tudo aquilo. Isto também libertou no seu íntimo uma onda do antigo afeto — «antigo», embora o caso entre eles tivesse durado menos de um mês — por aquele rapaz bonito que o ajudara a tirar Willie da cabeça. Debruçou-se sobre a secretária e agarrou na mão de Ryszard. Estarei sempre aqui para ti, disse ele. Avisa-me se voltares à vila.

Isto não teve o efeito que ele antecipara. O rapaz pareceu estupefacto. Se voltar?, perguntou. De onde?

Bem, disse lentamente Dickie. Vais ter de abandonar a vila, como é óbvio.

O jovem pareceu surpreso, como se aquilo nunca lhe tivesse passado pela cabeça.

Dickie começou a explicar-lhe a situação, sentindo-se um tanto ridículo. Não podes continuar aqui. É só uma questão de tempo até a polícia vir cá investigar estes roubos.

A polícia não me mete medo, Dickie, disse o rapaz, como se para o descansar, e depois acrescentou: Pelo menos não tanto quanto te mete a ti.

Porque havia de me meter medo?, perguntou Dickie mantendo uma voz neutra, enquanto uma maré gelada de receio lhe percorria lentamente o corpo. Não fiz nada de errado.

Então porque é que estás com medo?, perguntou Ryszard. Sorriu a Dickie, como se fossem dois amigos que discutissem sobre coisa nenhuma. Dickie não lhe retribuiu o sorriso, mexendo-se o menos possível para se tentar manter concentrado; parecia-lhe que estava a desarmadilhar uma bomba.

Se não tiveres emprego, disse ele lentamente, não tens motivo para cá ficar. E, para seu alívio, Ryszard descruzou as pernas e anuiu com um aceno de cabeça. Tens razão, disse ele. Vou escrever-te uma carta de recomendação, disse Dickie. Para o caso de procurares emprego noutra sítio. Durante algum tempo, Ryszard não respondeu, limitando-se a acenar com a cabeça. Mas, Dickie, disse ele, abandonar a vila, assentar noutra sítio enquanto não tenho trabalho não vai ser fácil. Não podes simplesmente mandar-me embora!

Vais receber o salário do mês inteiro, disse Dickie. O rapaz inclinou a cabeça e sorriu. Caiu-lhe a ficha — idiota. Sim, é claro, disse Dickie. Abriu a carteira, tirou de lá todas as notas que tinha; foi à reserva de dinheiro, que escondia no armário de arquivo. Tudo junto, perfazia quase oitocentos euros. Pousou o dinheiro na mesa.

Mas Ryszard não lhe tocou. Cerrou os dentes e uniu os lábios, como um professor cujo melhor aluno tivesse respondido erradamente a uma pergunta. Informou calmamente Dickie que aquilo não seria suficiente. Quanto será suficiente?, perguntou Dickie. A maré gelada chegara-lhe ao crânio, gelando-lhe o maxilar inferior, os dentes, as cavidades nasais.

Ryszard indicou-lhe um montante muito superior à quantia em cima da mesa.

Dickie começou a rir-se. Não tenho tanto dinheiro, disse ele. Ryszard anuiu de novo com estoicismo. Para mim, não é fácil ir-me embora daqui, Dickie, disse ele. Não é fácil deixar-te.

Eu sei, disse Dickie, que já não se ria.

Entreguei-me a ti, nunca tinha estado com um homem.

Sim, disse Dickie. Não sabia quanto daquilo era fingimento e quanto era genuíno, ou melhor, quanto do fingimento era suposto aceitar. Sentia-se prestes a cair numa armadilha, mas não sabia onde estava

escondida. A armadilha poderia ser até o céu, a pálida lua visível durante o dia acima do parque de estacionamento.

Olha, Dickie, disse Ryszard. Pousou o telemóvel na mesa e empurrou-o até ele. Dickie pegou no telemóvel e olhou.

Ele — ou outra pessoa — tinha filmado tudo, incluindo a primeira vez. As imagens haviam sido captadas de um ponto alto, como se por uma câmara escondida perto do teto. Quão pequenos e inconsequentes, quão sombrios e reduzidos pareciam os seus encontros àquela luz, com aquela resolução, daquele ângulo, no minúsculo ecrã do telemóvel. Porquê?, murmurou Dickie, embora a resposta fosse já bastante óbvia. Ryszard sorriu novamente do outro lado da mesa, com o seu sorriso obscuro e brilhante, com os seus olhos asa de corvo. Para me lembrar de ti, Dickie.

Deu-lhe uma semana para lhe arranjar o dinheiro. Dickie passou a primeira metade da semana no sofá a ver golfe na televisão. Disse a Imelda que tinha gripe. No seu íntimo, pensava e repensava sem cessar planos e contraplanos. Iria enfrentar Ryszard, recusar-se-ia a pagar-lhe um cêntimo que fosse, deixá-lo-ia fazer o que quisesse com os seus vídeos. Iria lutar contra ele, raptá-lo, mandar dar-lhe uma tarefa. Segui-lo-ia quando saísse do trabalho e matá-lo-ia. Iria à polícia e apresentaria queixa de que estava a ser chantageado. Confessaria tudo ao pai e suplicar-lhe-ia um empréstimo. Mudar-se-ia com a família, de um dia para o outro, para outro país, onde passaria a usar outro nome. Suicidar-se-ia enforcando-se, envenenando-se, com uma *overdose*, a respirar fumo de escape. Fugiria sozinho, começaria outra vida, todos os meses enviaria anonimamente dinheiro a Imelda; mais tarde, escreveria longas cartas, à mão, aos seus filhos, que enviaria sem endereço de remetente.

*Vocês foram a minha maior alegria, o meu maior feito.* Cogitou estes e outros cenários absurdos com a perfeita noção de que eram apenas desvios do caminho até ao único destino possível: retiraria o dinheiro das contas da empresa para pagar a Ryszard.

Foi-lhe fácil fazer o levantamento, disfarçá-lo. Uma solução tão fácil, tão lógica comparada com as outras escolhas mais barrocas, que Dickie se conseguiu convencer de que se *tratava*, na realidade, de despesas relativas à empresa, e que estava a comprar um produto para resolver um problema. Na sexta-feira, regressou ao trabalho e chamou o rapaz ao escritório. Sem dizer uma palavra, empurrou o envelope sobre a secretária. Ryszard pegou-lhe e guardou-o dentro do casaco. És um bom homem, Dickie, disse ele, e depois foi-se embora.

Não havia qualquer motivo para alguém vir a descobrir o desfalque. O mais provável era que a empresa falisse em breve, e, mesmo que não falisse, Dickie tratava das contas desde que despedira o contabilista no ano anterior, e mais ninguém lhes punha a vista em cima. O pai desistira de as analisar desde a crise. Dickie presumia que as perdas não eram uma coisa à *Barnes*.

## X

Continua a vomitar muito depois de a água do poço lhe ter saído do corpo. Por fim, as suas vísceras acalmam, mas está tão fraco quanto uma criança. Sente-se não apenas esvaziado mas também batido, destroçado, como se tivesse sido fustigado por uma força natural enorme e caótica. A natureza expulsou-o, lançou-o de volta para ali.

Imelda traz-lhe chá, comida — quando consegue engolir alguma coisa —, passa-lhe um pano molhado pela testa. Mais tarde, PJ entra no quarto para lhe mostrar as fotografias do *Bunker*, que dispôs de forma a criar um carrossel de imagens: veem-no expandir-se e solidificar como se por si mesmo, sem intervenção externa. Por qualquer motivo, a água não o afetou de todo; Imelda telefonou ao médico, mas ele disse-lhe que não havia necessidade de o levar ao consultório. Agora, PJ quer saber quando podem voltar ao acampamento.

Quando olha pela janela, Dickie vê a esvoaçar ao vento as roupas que usou na floresta, juntamente com os lençóis que deve ter usado na noite anterior. O jardim, a floresta e os campos que se estendem para lá desta surgem-lhe em cores vívidas, e os rostos da sua mulher e do seu filho surgem-lhe também com plenitude e uma definição que nunca antes notara neles. Tudo parece radiante consigo mesmo, e ao mesmo tempo distante, como se se afastasse dele, como se se deslocasse no tempo enquanto ele permanece precisamente onde está. Pensa que deve ser aquilo que se sente quando se está a morrer: o mundo permanece à tua volta, como uma pessoa amada que não te quer magoar ou deixar-te, mas em espírito já partiu, levando consigo o significado de tudo o que partilharam. Na verdade, está já a transformar-se num futuro de que nunca farás parte, e só então te apercebes de que tem estado todo este tempo em transformação, que se transformou durante toda a tua vida, e

tu juntamente com ele, e que isso é, de facto, a vida, embora não o soubesses antes, e essa vida está agora a terminar.

Telefona ao pai e, como este não atende, deixa-lhe uma mensagem para lhe pedir desculpa por ter faltado à reunião e garantir que o irá visitar na manhã seguinte. Não obtém resposta.

No dia seguinte, apesar de ainda sentir o corpo liquefeito, levanta-se da cama e veste o fato. Imelda pergunta-lhe se quer tomar o pequeno-almoço. Pergunta-lhe também se quer que o leve de carro à vila. Não é preciso, diz-lhe ele. Não demoro muito. Tomou uma decisão. Ou talvez tenha sido a doença a tomá-la por ele. Seja como for, não suporta continuar a mentir e a fingir. Vai contar a verdade.

No pátio, a luz do sol ofusca-o. A mão treme-lhe quando abre o carro. Quando se acerca do *stand*, é tomado por uma onda de pânico — pelo terror de um animal que teme pela sua vida. Bom dia, Dickie!, diz o carteiro. Bom dia, Dickie!, dizem o merceeiro, Paddy Last e Doris Cannon. Bom dia, responde-lhes ele. Parece-lhe que a luz o atravessa. Sente que em breve se irá dissolver inelutavelmente no nada. Empurra a porta e entra. Olha quem cá está, diz Emer Gilhooley. Bem, diz Dickie. Só vim cá dar-lhe uma palavrinha.

A verdade, portanto. Pai, aqui tens o teu filho.

Mas o pai não está no *stand*. O técnico de informática e o contabilista também não. Encontra somente Big Mike sentado à sua secretária, tal qual uma aranha à espera no canto da sua teia.

Ora cá está ele, diz Big Mike.

Bem, Mike, diz Dickie. Olha em seu redor. O escritório parece o mesmo à superfície, mas está diferente na sua essência, embora Dickie não consiga indicar porquê.

O que posso fazer por ti, Dickie?, pergunta Big Mike.

Só vim cá para lhe dar uma palavrinha, diz Dickie.

Se estás a falar do teu pai, Dickie, lamento dizer-te que já não o apanhaste, diz Big Mike.

Saiu?, pergunta Dickie. Posso passar por cá mais tarde.

Está de volta a Portugal, diz Big Mike. Partiu hoje de manhã.

De volta a Portugal? Dickie sente que está de novo no seu sonho febril.

Houve uma bronca qualquer no clube de golfe dele, diz Big Mike. Alguém fez uma oferta qualquer para o comprar. Vão ter uma reunião para discutir o assunto.

Ele disse quando volta?

Não, diz Big Mike. Fiquei com a impressão de que não planeia voltar. Pelo menos em breve.

Oh, diz Dickie. E ele falou... de mim?

Ora bem, Dickie, ele falou de ti e não foi pouco, diz Big Mike refastelado na cadeira. Roda o corpanzil um pouco para a esquerda, depois um pouco para a direita. Quando não apareceste na reunião de terça-feira, ele falou muito de ti, lá isso falou.

Estava doente, diz Dickie.

Pois, diz Big Mike. O que acontece é que ele tinha aqui o contabilista e o técnico de informática para, tu sabes, analisar estas discrepâncias nas contas. Como não apareceste, ele ficou bastante ofendido. Levou a coisa a peito.

Ficou zangado?

Não te vou mentir, Dickie. Falou-se de apresentar queixa à polícia e por aí fora.

À polícia?

Não falaste com ele?

Não atende o telemóvel, diz Dickie num fio de voz.

Big Mike anui com um aceno de cabeça, como se já o esperasse. Na perspetiva dele, ofereceu-te uma boia de salvação e tu atiraste-lha à cara.

Uma boia de salvação?

O plano dele era trazer-te de volta à direção, foi para isso que se fez a reunião. Assim que aparecesses cá e explicasses o que aconteceu com estas maroscas nas contas, ele punha-te de novo no comando.

Não fazia ideia, diz lentamente Dickie.

É o que toda a gente quer, diz Mike, e sorri.

Mas, olha — dá uma palmadinha nos papéis que tem à esquerda e à direita —, não te preocupes com isso. Eu falo com ele e digo-lhe que estás pronto para conversar, e depois chamamos cá o contabilista e quem mais for preciso e arrumamos com este assunto do dinheiro de uma vez por todas. Sentas-te de novo ao volante assim que isso ficar esclarecido. E eu posso voltar para a minha quinta.

Olha para Dickie com ar de grande satisfação.

Ótimo, diz laconicamente Dickie.

Big Mike continua a fitá-lo por um momento. Depois, diz: A menos, é claro, que prefiras deixar as coisas a marinar.

A marinar?

Deixá-las como estão, diz Big Mike.

Não sei se te estou a entender, diz Dickie.

Bem, Dickie, vou dizer-te como vejo a situação, diz Big Mike. O teu pai está filado nestas discrepâncias, ou neste buraco, como ele lhe chama. Mas, a meu ver, pergunto qual é a necessidade de mastigar o passado. Qualquer companhia de grande dimensão acaba por ter algures umas areias movediças nas contas. Os negócios são assim mesmo. Há problemas que nem vale a pena resolver. Pode dar-se o caso de tu e eu

acharmos que isto não passa de um problema do passado que é melhor deixar onde está. Ou seja, no passado.

E em que situação é que isso nos deixaria? Se ambos pensássemos que seria melhor assim?

Nesse caso, Dickie, daria ao teu pai a minha opinião profissional de que não vale a pena mexer mais no assunto. Devíamos concentrar-nos em levar de novo o negócio a bom porto. Penso que o teu pai vai ver que isto tem toda a lógica, basta convencê-lo disso.

Big Mike olha-o com benevolência. Vira e revira uma caneta entre os dedos.

E depois?, pergunta Dickie.

As coisas continuam como estão. Continuas a ter um cargo não executivo. Continuas a ser pago.

E tu?

Fico cá como diretor-geral.

Os seus olhos azuis são ilegíveis. Pousa a caneta e enlaça as mãos.

Ou seja, ficas cá permanentemente, diz Dickie.

Certo. E percebo que isso talvez não te caia bem, Dickie. Se for esse o caso, pomos já essa ideia de lado e chamamos o teu pai de volta e juntamo-nos todos e esforçamo-nos por descobrir o que aconteceu ao dinheiro que desapareceu. Até pode haver uma explicação muito simples assim que nos deres umas luzes.

Por outro lado... Mike roda de novo na cadeira e olha para o teto. Já nos conhecemos há muito tempo, Dickie, e acho que te conheço bastante bem. Lembro-me de estares em Dublin, no Trinity College, com os melhores dos melhores. Dou por mim a pensar que vida terias agora se não tivesses sido arrastado à força de volta a casa. Esta talvez seja uma daquelas situações em que paras um pouco e perguntas a ti mesmo: Bem, espera lá um bocadinho, *quero* mesmo voltar a este emprego? Não

será uma daquelas situações em que uma porta se fecha e uma janela se abre?

Dickie não tece qualquer comentário.

Big Mike pousa os cotovelos na secretária e inclina-se em frente como se lhe fosse confessar um segredo. Sou-te sincero, Dickie, este trabalho faz-me tanta falta quanto uma viola num enterro. Já tenho muito que fazer para tomar conta de um negócio desta dimensão. Mas é com todo o gosto que estou aqui a ajudar o teu pai e a fazer-te um favor. Com todo o gosto, acredita.

É muito nobre de tua parte, Mike.

Mike recosta-se na cadeira e sorri com nostalgia. Admirei sempre a tua família, Dickie. Os Barnes. Acreditas que ainda me lembro da primeira vez que te vi? O Maurice levou-te à escola naquele *sedan* lindo que ele tinha — era vermelho e enorme, quase parecia uma fragata de tão comprido. Tu e o Frank saíram do carro como príncipes de visita às colónias. Vi logo que vocês eram diferentes, que eram um tipo de pessoa diferente. Férias na neve, cruzeiros, andar por aí com roupas compradas em Nova Iorque. Até mesmo com o que aconteceu ao Frank, Deus o tenha em eterno descanso. Foi horrível, é claro, mas quando vos vi sair da igreja, todos de preto... tinham um certo *glamour*, percebes? E pensei para comigo: Esta família tem qualquer coisa. Observa estes tipos, Mike, presta atenção. É assim que se fazem as coisas.

## XI

É claro que, aos olhos do mundo, ser expulso da empresa da família e perder o emprego para o qual o tinham preparado desde criança é um completo desastre! Não sabe como o vai explicar a Imelda. Contudo, Dickie quase salta de alegria quando se vê de volta à rua. O pai foi-se embora. O dinheiro desaparecido permanecerá um mistério não resolvido numa pasta guardada num disco rígido. E os segredos de Dickie também permanecerão enterrados no passado.

O sol cai-lhe sobre o rosto e levanta-se uma brisa que parece agitá-lo como se ele fosse uma árvore com uma infinidade de folhas. A vila — a vilória aborrecida com os seus cestos de flores suspensos e canteiros nas janelas, o seu altar a Nossa Senhora e os seus vários *pubs* — cintila com uma inocência radiante. Quase perdeu a cabeça, pensa. Quase perdeu tudo. Tentou reacender os seus sonhos e quase queimou a casa. Bem, não haverá mais dessas parvoíces. Nada vale tamanho sacrifício.

Afasta-se do *stand* sem nenhum destino em mente. Pensa no que deverá fazer para se tornar melhor marido, melhor pai — um homem melhor. Para começar, vai levar a família de férias. Pode usar o que lhe resta de poupanças e descobrir um destino a que nem Cass conseguirá resistir. Um qualquer sítio amigo do ambiente, uma quinta em Itália onde se possa dar de comer a lamas e colher uvas. E depois, quando voltarem a casa, pode pensar em trabalho e descobrir o que tentar em seguida. Talvez possa voltar a trabalhar no *stand* e ir subindo pouco a pouco na hierarquia interna. Ou tentar algo novo? Ainda tem contactos e boa reputação. *Leasing*? Ou afastar-se por completo dos carros?

Isso é coisa do futuro. Hoje, devia celebrar.

Entra por capricho na padaria Toomey's e examina os bolos dispostos no balcão de vidro. Têm à venda um magnífico pão de ló, mas

parece-lhe que Imelda ficaria mais impressionada com a torta de chocolate. Já a imagina a perguntar-lhe, desconfiada: O que estamos a festejar? E ele responder-lhe-á: Saí do *stand*. Ela vai passar-se dos carros. Mas acabará por ficar contente, disso tem ele a certeza.

Opta pela torta. Nora Toomey suspira e bufa e resmunga quando a tira de debaixo do vidro, como se estivesse a levantar ferros. Dickie nunca percebeu como é possível passar-se o dia todo rodeado de bolos e mesmo assim estar-se sempre mal-humorado. Põe a torta numa caixa e começa a fechá-la com fita-cola. Como a torta tem muitas camadas de creme, o processo é lento e elaborado. Enquanto espera, impaciente, a sineta acima da porta toca alegremente — o que faz a velhota franzir o cenho — e Victor entra na padaria e pede a Nora uma sanduíche com *bacon* e salsicha. Primeiro tenho de servir este cavalheiro, responde-lhe ela, e aponta para Dickie como se nunca o tivesse visto antes. Esteja à vontade, tenho tempo, diz Victor.

A velha retoma o embalamento glacial do bolo. Victor pigarreia e arrasta os pés. Dickie está confuso. Por qualquer motivo, não imaginara Victor na sua nova vida. Por um momento, sorri distraidamente de olhos postos no vazio. Depois, vira-se finalmente para trás, a fim de o interpelar. Então, Victor, tudo bem?

Tudo bem agora, mas foi fodido, diz Victor. Aquela merda quase me matou.

Nora olha-o, carrancuda, por sobre o balcão. Dickie esforça-se por perceber a que é que ele se refere.

A *E. coli*, diz Victor.

Desculpa?, diz Dickie.

Na água, diz Victor. Passei os últimos três dias na retrete. Quase me caguei até à morte.

Nora solta um grunhido no outro lado do balcão. Peço desculpa, diz Victor.

Entrega, de dentes cerrados, a caixa a Dickie. Ele paga o bolo e pergunta-se se haverá maneira de se escapular dali sem mais conversa, mas repara então que Victor traz a sua arma debaixo do braço. Tive de levar a carrinha para a oficina, diz taciturnamente Victor. Fodi a suspensão quando saímos da floresta à pressa.

Uma lembrança que surge como um míssil balístico: recorda-se de Victor conduzir a carrinha pela floresta e de, na sua aflição, embater em árvores e passar sobre os sulcos da estrada num movimento oscilatório que agudizou o tumulto que se fazia sentir nos intestinos de Dickie, exacerbando-o até...

Oh, diz Dickie.

Acabei de a deixar com os teus rapazes, diz Victor. Vão demorar uns dois dias a arranjá-la. Paga a sanduíche e vira-se para a porta. Pensava que te ia encontrar por lá, diz ele num tom que parece a Dickie um tanto agressivo. Ele tem andado à sua procura?

Saem da padaria e param por um momento no passeio. Dickie não está particularmente interessado em continuar com a conversa, que só pode conduzir à situação atual do *Bunker*, mas sente-se pelo menos em parte responsável pela carrinha. Bem, sendo assim, parece que vais precisar de boleia até casa, diz ele. Pois, diz Victor. Certo, diz Dickie.

Prosseguem em silêncio até ao carro de Dickie, e depois viajam em silêncio.

Desculpa não te ter ligado, acaba por dizer Dickie. Tive de tratar de uns assuntos.

Victor mastiga impassivelmente a sanduíche, de olhos postos na estrada, como quem sabe o que Dickie vai dizer em seguida e se recusa a dar-lhe qualquer motivo para não o fazer.

Por fim, morde o anzol. Em relação ao *Bunker*, diz ele. Bem, tenho estado a pensar.

Victor abana a cabeça. Não vai funcionar, Dickie.

O que é que não vai funcionar?, pergunta, surpreendido, Dickie. O *Bunker*?

Não, diz misteriosamente Victor, que olha pela janela e dá outra dentada à sanduíche.

Porquê?, pergunta Dickie, embora sinta que não devia perguntar nada. Estás a falar da água?

A água é só a ponta do icebergue, diz Victor. E, uma vez mais, não explica o que pretende dizer. Dickie está irritado, mas não se deixa levar. Sai da estrada nova e dirige-se ao pântano. Os campos estão acastanhados e foram pastados até não restar nada: aqui e acolá, ovelhas raquíticas fitam o carro com olhos que se assemelham muito aos de Victor, como se fossem suas parentes.

De qualquer maneira, não interessa, diz ele. Decidi não prosseguir com a construção. Faz uma pausa e tenta interpretar as dentadas de Victor na sanduíche. Acabei de ter uma reunião com o Big Mike, acrescenta. Por causa do *stand*. De momento, vou deixar o cargo de diretor-geral, por isso... por isso...

Cala-se. Queria, com aquela divagação, afirmar que já não teria tempo para trabalhar no *Bunker*. Mas já não se lembra ao certo de como achou que aquilo faria sentido. Por isso, vou arranjar um emprego novo, alega. Os pormenores ainda estão por decidir, mas é nisso que me vou concentrar doravante.

Está bem, diz Victor.

Podes achar que não faz muito sentido, diz Dickie, tendo em conta tudo o que temos dito acerca do... hã... do futuro...

Pois, é aqui, diz de repente Victor, e os pneus chiam quando Dickie vira bruscamente. Sobem uma ruela e param junto a uma casinha de madeira. Está manchada de humidade e podia passar por uma casa abandonada, não fossem as oito ou nove câmaras de vigilância afixadas na parede e apontadas para todas as direções possíveis e imagináveis: para a estrada, para as árvores, para o céu. Uma antena de televisão está estendida, ao abandono, no chão, como se simbolizasse alguma coisa. As janelas da casa estão cobertas de tecido preto.

Mantêm-se por um momento em silêncio. Começa a fazer calor dentro do carro, apesar de terem as janelas abertas.

É aqui que moras, não é?, pergunta Dickie. Ah, sim, responde Victor. Novo silêncio.

Vou pagar-te pelo trabalho, é claro, diz Dickie. Volta-se para Victor com um sorriso de desespero. Agradeço-te muito o teu esforço.

Victor nem fala nem se mexe e continua apenas a mastigar a sua sanduíche fedorenta com os seus olhos inumanos e vidrados fixos no horizonte. Vou ter de lá ir buscar o meu equipamento, diz ele por fim.

Sim, sim, é claro, diz Dickie. Quando te for mais conveniente.

Ainda é muito material, diz Victor. Só me devolvem a carrinha na quinta-feira, comenta.

Queres ir lá buscá-lo agora?, pergunta Dickie.

Victor encolhe os ombros e mastiga. Bem, diz ele em seguida, não me agrada ter tudo abandonado no meio da floresta.

Está bem, diz Dickie, que liga de novo o carro. É a última vez, diz para consigo. Depois de hoje, acabou.

Decide parar primeiro em casa para pôr o bolo no frigorífico. Caso contrário, vai passar horas dentro do carro, enquanto arrumam o equipamento de Victor. Espera conseguir entrar e sair sem que ninguém

o veja, mas, assim que estaciona no pátio, PJ sai de casa para o cumprimentar.

Sê um bom menino e põe isto no frigorífico, diz Dickie quando lhe entrega a caixa com o bolo.

O que é? É um bolo?

Sim, é um bolo.

Porque é que vamos comer bolo?

Porque sim, diz Dickie. Anda lá, mexe-te, estou com pressa.

PJ vira-lhe costas, mas depois interpela-o de novo. É o Victor que está ali no carro? Vão voltar ao *Bunker*?

Só vamos recolher umas coisinhas.

Posso ajudar?, pergunta PJ.

Temos de ir já, não dá tempo, diz Dickie, mas depois desiste. Oh, céus, vai lá ajudar, então. Mas primeiro guarda o bolo. E não digas nada à tua mãe.

PJ leva o bolo para dentro de casa. Dickie entra no carro e conduz de volta à casa-fantasma.

Fica mais bem-disposto quando estaciona e começam a caminhar na floresta. A luz verde cai em manchas e pontos em redor deles. Vira-se para Victor, enquanto avança com passos decididos, e pergunta-lhe em jeito um tanto provocador porque perdeu a fé no *Bunker*.

Para começar, por causa disto, diz Victor. Bate com o pé no chão. Por causa da puta desta estrada.

Estrada?, diz Dickie. É um caminho de terra batida, ou nem isso. Daqui a uma semana já está coberta de erva.

Estrada ou trilho... tanto faz, chama-lhe o que quiseres, mas alguém já a usou e vai voltar a usar, diz Victor. O sítio onde o temos montado está demasiado exposto.

Está no meio de uma floresta, diz Dickie.

Está demasiado exposto, repete Victor. Nunca gostei do sítio e só abri lá o poço porque ele já estava meio construído e era de aproveitar. Mas vê onde é que isso nos levou, acrescenta.

Bem, agora é fácil saber, presumo, diz Dickie.

Chegam à clareira. PJ, que veio a pé de casa, chegou antes deles e está a examinar os pés que plantou para ver se cresceram. Victor não o cumprimenta; puxa um cabo e começa a enrolá-lo no carretel. Depois vai até ao poço e trata de desatarraxar a bomba manual. Todos os seus gestos parecem ter como intuito chamar a atenção de Dickie.

E então, o que é que tu farias?, pergunta Dickie. Descartavas tudo?

É o que estamos a fazer, não é?

Mas e se não o fizéssemos? Se continuássemos com os trabalhos?

Seria melhor começar tudo do zero, diz Victor. Ir para mais longe. Endireita as costas e perscruta a face impassível da muralha de arvoredos. Talvez ali adiante. Aponta para uma área com sicómoros amarelos, por trás dos quais se veem, a um nível mais elevado, outros sicómoros. Devíamos encontrar outro aquífero. Abrir outro poço. Não deixar vestígios. Desta vez ninguém sabe onde estamos.

Acho que aquela terra já nem nos pertence, diz Dickie. Victor encolhe os ombros.

Dickie perscruta os sicómoros. Mais adiante, pensa ele. Num segundo de êxtase, sente-se absorvido pela floresta, como se por ela se propagasse. Como um espírito que saltasse de árvore em árvore.

Querem começar tudo de novo?, pergunta PJ.

Xiu, cala-te um bocadinho, diz Dickie.

Mantinhas isto aqui, diz Victor, que afaga a borda do poço como quem afaga um cão bem-comportado. Mas só como embuste. E depois esticavas aqui em volta um arame rente ao chão. Ou na porta. Seja como for, vê tudo dali de cima — descreve com o dedo um arco que une o

*Bunker* aos sicómoros. Quem viesse por aqui ficava de costas para ti, ou seja, completamente exposto.

Quem é que está exposto?, pergunta PJ. Exposto a quê?

Para de interromper, diz-lhe Dickie.

Até podes montar um abrigo subterrâneo, diz Victor de olhos postos na colina.

Mas não queremos usar camiões, lembra-lhe Dickie. E para isso precisávamos pelo menos de uma escavadora.

Quem quer, sempre alcança, é preciso é haver vontade, diz Victor. Nesse caso, podia-se fazer um abrigo maior.

Podíamos montar uma gaiola de Faraday? Lembra-se de Victor ter mencionado esta possibilidade em dada ocasião. Se tivéssemos espaço?

O que é uma gaiola de Faraday?, pergunta PJ.

Para um PEM?, pergunta Victor.

O que é um PEM?

PJ, diz Dickie.

É um pulso eletromagnético, diz Victor. De uma bomba nuclear que explode no ar.

Porque é que uma bomba nuclear havia de explodir no ar...

Por amor de Deus, PJ!

Vamos montar outro *bunker*?

*Tu* não vais montar nada, diz Dickie. Tens trabalhos de casa para fazer. O rapaz fica triste. Dickie olha para Victor. Victor olha para Dickie. E o telemóvel de Dickie começa a tocar. É Imelda. Atende a chamada, mas a rede é fraca por ali. Capta apenas fragmentos de críticas, fonemas de queixas envolvidas em estática. Desliga, mas ela telefona outra vez, e acontece a mesma coisa. Foda-se, diz ele, e depois olha para PJ, para ver se ele o ouviu. Ouviu, é claro. Vou só dar um

saltinho a casa para falar com a tua mãe, diz ele. Dizer-lhe onde estamos.

Também vou voltar, diz PJ.

Não, tu ficas aqui, diz Dickie.

Não há mesmo nada que...

Fica aqui e pronto, diz ele. Vocês os dois ficam aqui numa boa, só demoro um minuto.

Não quer explicar tudo ao pormenor a Imelda, mas, como é óbvio, é mesmo isso que acontece. Ela pergunta-lhe como correu a reunião. Dickie responde-lhe que não aconteceu nada — não era nada de importante e já quase se esqueceu do que disseram. Mas isto só espoleta mais perguntas. Porque é que Maurice fez tanto estardalhaço para ele aparecer por lá se não era nada de importante? Disse quando é que Dickie pode voltar a trabalhar? Dickie é assim obrigado a explicar-lhe que, na verdade, o pai dele não estava no *stand*, e que se foi embora naquela manhã.

Foi-se embora? Sem sequer se despedir? Imelda está chocada, e isto ainda antes de ele lhe dizer que não vai voltar a trabalhar no *stand* no futuro próximo. O que queres dizer com isso do futuro próximo? Quero dizer que nunca mais, diz ele, perdendo a compostura. Nunca mais.

Quando ouve isto, Imelda desata a chorar. Dickie sente-se definhar por dentro. Põe-lhe um braço em volta e balbucia umas quantas palavras vagas como consolo. Pede-lhe que confie nele e acredite que isto é uma vitória, não uma derrota, e que o futuro que a ela lhe parece agora negro e assustador será na verdade luminoso — trar-lhes-á muitas oportunidades. Dickie começa a ficar frustrado por se ver encurralado nesta situação em que tem de evitar certas perguntas, e responder a

outras com meias-verdades. Por fim, tenta concluir a conversa e diz-lhe que tem de voltar para junto de Victor.

Do Victor?, repete ela de olhos semicerrados. Ele tenta explicar-lhe que o Victor está lá porque está a levantar o acampamento — estão literalmente a fechar tudo —, mas ela não lhe dá ouvidos e continua a repreendê-lo, e não demora muito para, ali, naquela cozinha imaculada, e apesar da promessa que fez para consigo de que começaria do zero e seria um marido melhor, dar por si a ripostar. No meio da confusão, ela cala-se de repente, como se petrificada. Onde está o PJ?, pergunta ela.

Deixei-o lá, responde ele.

Sozinho?

O Victor está lá, diz ele.

A partir de então não há mais como falar com ela. Grita, atira coisas pelo ar. Atira até a bonita torta de chocolate ao chão! Mas Imelda é mesmo assim sem tirar nem pôr, uma pessoa tenta agradar-lhe e ela agarra-se a um pequeníssimo pormenor de que não gosta e usa-o para queimar tudo. Ele começa a limpar a cozinha, mas ela corre-o dali para fora e diz-lhe que vá procurar o filho e o afaste daquele anormal.

Mal-humorado, atravessa o prado, com o seu novo começo já estragado, pronto para dar a PJ uma descasca por ter deixado o bolo na bancada da cozinha. É então que a ouve. Uma voz. Uma voz doce que o aconselha. *Mais adiante*, diz ela.

Mais adiante, pensa ele, e imagina os sicómoros amarelos.

Imelda preocupou-se sem necessidade. A floresta é silenciosa e sossegada. Quando chega à clareira, encontra Victor e PJ agachados lado a lado, a fazer qualquer coisa. PJ está de costas para ele e Victor fala-lhe numa voz firme e clara. Está a ensinar-lhe alguma coisa. Quando se aproxima, Dickie vê algo brilhar-lhe na mão, e vislumbra, sobre o ombro do filho, alguma coisa vermelha. PJ vira a cabeça e olha para o pai.

Dickie sobressalta-se. O rapaz está branco como a cal e tem no rosto uma expressão de terror absoluto. Na lona defronte dele, Dickie vê uma carcaça minúscula, em cujo centro está uma massa gosmenta composta de vísceras; dois glóbulos pretos, brilhantes e em agonia, olham para Dickie.

Estou a mostrar aqui ao rapaz como é que se esventra um esquilo, diz Victor.

Fita, com os seus olhos insípidos, as árvores de ambos os lados de Dickie. A faca ensanguentada brilha-lhe na mão. Já chega disto por agora, diz Dickie. Estende uma mão ao filho. Está tudo bem, diz ele. PJ olha para Dickie com uma palidez cadavérica, como se prestes a desmaiar. Levanta-se lentamente, mas não dá a mão a Dickie. Em vez disso, continua a olhar para ele — ou para trás dele — com a mesma expressão ininteligível. Uma expressão de repulsa, horror e algo mais. Incredulidade? Perceção de uma nova faceta da realidade? Depois, de costas muito direitas e com as mãos muito afastadas dos flancos, sai da clareira e caminha em direção a casa.

Dickie observa-o até desaparecer de vista. Depois ouve Victor dizer atrás dele: O carro está cheio, já me podes levar de volta, se te der jeito.

E Dickie, agora de olhos postos apenas nas árvores, na fachada implacável das árvores, diz: O que estavas a dizer sobre irmos para mais adiante?

# **A ERA DA SOLIDÃO**

# I

## CASS

O professor — ou a professora, qual será o seu género? — tem *piercings* pelo corpo todo e escreve o seu nome como sendo *jj*, dois jotas minúsculos. Ao teu lado, enquanto *jj* fala sobre cumplicidade aos chamados caloiros júnior na cadeira de Introdução ao Romance, Elaine está a atualizar o seu Instagram através do *MacBook*. Agora também tem um *piercing* no nariz; quando se embriaga, ele escorrega-lhe um pouco para o lado e parece uma grande catota de metal.

Isto do caloiro *júnior* é tão condescendente, diz Elaine. E porque é que é *caloiro*? Porque não é *caloira*? Ou *caloire*?

E quem diz que temos de ser júnior?, dizes. E se formos sénior? Caloiros sénior sem idade específica.

Estou a falar a sério, diz Elaine.

Eu sei, dizes.

No estrado, *jj* diz: Temos de perguntar a nós próprios se a língua é racista. É?

Têm uma *happy hour* na loja de *frozen yoghurt*, diz Elaine.

Lá fora, o céu tem cor de latão, e o vento agarra no cabelo de Elaine levantando-o no ar, de modo que, por um momento, ela parece uma Medusa, uma linda Medusa rodeada de serpentes douradas. Ri-se e afasta os cachos de cabelo do rosto. Que tempo!, diz ela. Entras no túnel de acesso à rua, mas ela fica para trás. Vamos ver se os outros também querem vir, diz ela.

Comes quase todos os dias na loja de *frozen yoghurt* e/ou no café tailandês que serve *noodles* na esquina, porque o fogão de tua casa não funciona. A máquina da loiça também não. A máquina de lavar roupa funcionou por pouco tempo e depois parou. O radiador da cozinha solta um cheiro intenso a cabelo queimado, mas não aquece nada; às vezes a casa fica tão fria que parece assombrada, porque aquele frio não é natural. Perguntas-te como vai ser no inverno.

Olha, eu cá nem reparo nisso, diz Elaine, embora esteja a usar o casaco e o tapa-orelhas. De qualquer maneira, argumenta ela, mal cá pomos os pés.

Isso é verdade: há tantas festas e «bailes» nas primeiras semanas de aulas que raramente chegas a casa antes das três da manhã. Os dias e as noites parecem formar uma série desfocada e insone de desconhecidos e vinho gratuito. As raparigas usam franjas, pulseiras e casacos *vintage*, os rapazes apresentam memes e teorias da conspiração e falam do *software* que usam para compor música. Quão intimidante seria teres de cá vir a sós, teres de dar conta de ti vezes sem conta. Mas não estás a sós — estás com a Elaine. A primeira coisa que ela fez no teu primeiro dia na universidade foi apontar-te o Arco Frontal, que na verdade é um arco pequeno inserido num arco grande, e dizer-te que parecia uma vulva.

Na Front Square, deambulas vagorosamente entre as bancas da Semana do Caloiro e sorris enigmaticamente aos recrutadores que clamam pela tua atenção. És nova, tens procura. O mundo é um jardim de flores que voltam para ti as suas corolas. Juntas-te à Associação de Literatura, à Associação de Ficção Científica, à Associação de

Apreciação da Cultura Japonesa, à Associação de Teatro, e vais aos seus eventos de inauguração — ou não vais, porque encontras pelo caminho uma data de pessoas e mudas de planos e vais a outro lado qualquer. Conheces outros estudantes do teu curso, com quem tens conversas superexcitantes e intensas, que pairam no ar como fumo de cigarro eletrónico com sabor a cereja. À terceira noite, cumprimenta-los como se fossem amigos de longa data que não vês há muito: Kit, de Londres; Sophie, de Viena; Zack, do Novo México. Tens de ter cuidado com quem falas nas primeiras semanas, diz Elaine. Ou tens de aturar durante o resto do ano, sei lá, uma estudante alemã de Teologia com pelos nos sovacos, ou algo assim. Mas, até ver, ela acredita que estás a falar com as pessoas certas.

Não lhes dizes de onde és. Perguntas-te se a Elaine diria uma mentira qualquer se não estivesses presente. Mas quando alguém vos pergunta de onde se conhecem, ela puxa-te pela mão, balança-a, e diz-lhes: A Cass é minha amiga desde a infância. E depois acaricia-te o cabelo. Não é bonita?, pergunta em tom de desafio, e todos olham para ti surpreendidos.

Mas às vezes ficam em casa. Uma noite, assistem a uma temporada inteira de *Friends*, bem juntinhas e com um edredão por cima, para se aquecerem. Noutra ocasião, decoram o quarto de banho com tinta que encontras debaixo das escadas. A tinta é cor-de-rosa-clara. Sinto-me dentro de um intestino, diz Elaine.

Outra noite, só para se divertirem, criam perfis para as duas numa aplicação de encontros, para darem uma vista de olhos ao espetáculo de aberrações, como ela lhe chama, e passam quatro horas hilariantes, mas

de agonia, a passar em revista pelo menos uma centena de rapazes disponíveis.

Olha só para os bíceps deste tipo! Uau, tem imenso orgulho neles.

Bah, este chapéu.

Violador.

Palhaço.

Assassino em série.

Outro violador.

Mas até gosto do cão dele.

Claro que gostas do cão. Usa o cão para te distrair e não perceberes que é um violador.

Marrão.

Gnomo de jardim que ganhou vida e trabalha agora na área financeira.

Este tipo usa cor-de-rosa em todas as fotografias. Seria invisível no nosso quarto de banho.

Meu Deus, *esse* é literalmente o homem mais assustador que já vi.

*Trabalho por conta própria e tenho uma carrinha* — ótimo, a carrinha é perfeita para me livrar do teu cadáver.

*Tenho uma serra que corta ossos.*

*Tenho um álibi.*

Mas é um belo cão. Era capaz de sair com esse cão.

Eu também. Deviam ter uma aplicação para cães solteiros.

É como uma festa de pijama sem fim, como se fossem continuamente dormir a casa uma da outra. É como aquelas noites que passavam acordadas a trocarem mensagens, só que agora é ao vivo e a sério. O boião de gelado queima-te as pontas dos dedos. Sempre que pensas que agora a tua vida é esta, o coração pula-te no peito como se estivesses a andar numa montanha-russa.

Ela conta-te coisas sobre ela de que não fazias sequer ideia. Por exemplo, quando tinha treze anos, ficou obcecada com os pelos corporais. De manhã, levantava-se uma hora antes dos pais para depilar os braços com cera. Fê-lo durante meses, mas um dia aqueceu demasiado a cera no micro-ondas e ficou com uma queimadura de segundo grau. Olha, diz ela, e mostra-te a cicatriz. Como é que nunca a viste? Noutra ocasião, ficou também com queimaduras de segundo grau por ter passado catorze horas no jardim nua, com o corpo besuntado de manteiga de carité. Foi por tua causa, diz ela. Vi-te na igreja e tinhas acabado de regressar da Dordonha e estavas com um bronzeado de corpo inteiro lindíssimo. Eu?, dizes. Foi antes de te conhecer, diz ela. Ficas chocada. Nem sequer te lembras de ir à Dordonha. Não te lembras da tua vida antes de a conheceres.

Quando bebia, o pai costumava bater na mãe, conta-te. Discutiam porque ela achava que ele a andava a trair. Às vezes, ele ia-se embora sem dizer nada. Outras vezes... pum!

Não sabes o que lhe responder. Parecia sempre tão simpático, dizes. Tipo, foi sempre simpático comigo.

Provavelmente quer foder-te, diz Elaine, que se estica para pegar no telecomando.

Algumas das raparigas da província vão a casa aos fins de semana para «fugir da confusão». Ambas concordam que esta é a atitude errada. Passaram a vida inteira a tentar escapar da vossa vilória. E agora voltavam lá todas as sextas-feiras para usar a máquina de secar roupa?

De qualquer maneira, isto aqui não é assim tão mau. Mesmo que fosse, diz Elaine, preferiria a confusão de Dublin a uma autêntica zona de guerra.

Os pais dela estão sempre a discutir, e ela acha que o pai talvez esteja, uma vez mais, a trair a mãe.

Pelo menos trair é normal, dizes. O meu pai largou o emprego para transformar o *Bunker* numa espécie de gruta pós-apocalíptica.

Qual *bunker*? O nosso *Bunker*?, pergunta Elaine.

Sim, respondes.

Mas que raio?, diz ela.

Mostras-lhe as fotografias que PJ te enviou. Ele diz que é para o caso de haver um apocalipse, dizes-lhe, para a família ter para onde ir.

Que aleatório, diz Elaine.

Por mim, até pode haver dez apocalipses, dizes a Elaine. Não volto para lá.

A luz da cidade é pálida e azul-prateada — como a luz do mar. A tua casa situa-se sob uma rota aérea e o ar tonitrua com um constante estrondo de baixo volume, como uma explosão em câmara lenta. A rua é composta em exclusivo de casinhas como a tua, e a rua seguinte também, e a que se lhe segue e ainda a próxima. Não há árvores. Uma manhã, encontras uma folha à porta de tua casa e olhas de um lado para o outro da estrada para tentar perceber de onde veio.

*Eu* não tenho saudades deles, dizes. Mas deve ter sido muito estranho para o meu pai, tipo, não achas? Nunca tinha estado em Dublin,

não conhecia ninguém aqui. Nem sequer tinha telemóvel! Deve ter sido como ser catapultado para o espaço sideral!

Imagina-lo jovem e solitário nas ruas sem árvores e ansioso por voltar a casa. Talvez tenha sido por isso que teve o acidente — a sonhar acordado que ia comprar leite à leitaria Crossan's e descendo do passeio sem sequer reparar no trânsito.

Na viagem até Dublin, falou constantemente do passado, do género: quando eras uma pessoa pequenina e perfeita, antes de te tornares má. Agiu como se os últimos dois anos pura e simplesmente não tivessem acontecido, como se tivesses passado diretamente do projeto sobre as alterações climáticas que fizeste na cozinha com a ajuda dele para aqui, para o agora, para a tua nova vida no Trinity. Quem o ouvisse até podia pensar que foi ele quem tornou tudo isto possível, embora saibas que é o teu avô quem está a pagar a renda.

Ele disse-me basicamente que preferia nunca ter tido filhos, contas a Elaine. Disse, por outras palavras, que já não há nada para mim lá em casa.

Provavelmente ainda está zangado por teres desmaiado naquele jantar, diz Elaine. Como se a filha ser alcoólica não tivesse nada que ver com ele.

Gostas de ouvir Elaine dizer que ele arruinou tudo, que ele tem culpa de tudo o que há de errado contigo. Quando te ligar, não atendas, envia-lhe depois uma mensagem a dizer que estás muito ocupada.

Há duzentos estudantes de Inglês. Já conheces quase um quarto deles.

Uma rapariga chamada Chan tem um *piercing* na língua e está sempre a passá-lo pelos dentes durante as aulas, emitindo um som semelhante ao de uma cascavel.

Um rapaz chamado Darl, que não tem traços de personalidade propriamente vincados, está a escrever uma coleção de ensaios autobiográficos.

Uma pessoa chamada Kit, que não se identifica nem como rapariga nem como rapaz, chama-te Castaneda, porque tens cabelo castanho e *viajas para lá da realidade*.

Hoje em dia, os rapazes veem tanta pornografia que ficam com perturbações, diz uma rapariga chamada Kady na tua palestra sobre Feminismo. Ou têm pavor de mulheres reais, ou veem-nos como uma espécie de simuladores de porno em 3D com que podem fazer tudo o que viram *online*.

Elaine concorda. Estou tão farta dos homens, diz ela. Ou diz: Não fui já eu própria vítima de abusos? Estou fartinha de tudo o que é masculino.

Mas por vezes, quando estão as duas a sós, pergunta-te: Já imaginaste *lamber* uma *vagina*?

Um rapaz chamado Caleb tem uma tatuagem que diz EU SOU A GUERRA e trabalha em *part-time* num café vegano chamado Hella Beans. Caleb inventa coisas e «relata-as» no Twitter. Por exemplo, diz que conhece um sujeito que trabalha no hotel Westin que lhe disse que os sem-abrigo reservam lá quartos ao fim do dia, quando acabam de pedir na rua. Fazem tanto dinheiro que não ficam num hotel abaixo das quatro

estrelas. Alguns deles até saem das suas casas em zonas ricas de Inglaterra e viajam de avião até Dublin.

Porque que é que fazes isso?, pergunta Elaine.

Porque os racistas *online* começam a partilhá-las, diz Caleb. E quando dás por ela, atiram-te com a suposta notícia à cara. Olha para o telemóvel e ri-se. As pessoas são tão estúpidas, diz ele. Atualiza o *feed*. Olha só para isto.

Uma noite, Imelda liga-te para te dizer que Sarah Jane Hinchy entrou, via segunda fase, no MIT.

O que é que isso significa?, pergunta.

Noutro dia, liga-te para te informar que a tua antiga professora de Inglês, a Menina Ogle, está no hospital. Aparentemente, teve um acidente de carro, do qual saiu ilesa. Decidiu, por conseguinte, acender uma vela no quarto para agradecer a Nossa Senhora por tê-la salvado, e com isto deitou fogo às cortinas e queimou a casa toda.

Elaine ouve-te, impávida e serena, enquanto retransmites todas estas informações. Não reage. Quando lhe perguntas se acha que vocês as duas deviam visitar a professora no hospital, responde: Para ser sincera, preferia nunca mais ouvir falar de ninguém daquele sítio.

A não ser de mim, certo?, perguntas, zombeteira. Elaine não te responde.

A não ser de mim, certo?

A não ser de mim, certo?

A não ser de mim, certo?

Mas no dia seguinte conta a história aos outros. Vivíamos obcecadas com ela, diz. Dizia umas frases que ficavam na cabeça. Lembras-te disso, Cass?

*Melífluo, dizes. Memorioso. Abundância. Vocês, meninas, são o futuro!*

Oh, meu Deus, diz Elaine, rindo-se. E uma vez ela esteve doente e de baixa e a professora substituta era uma poetisa toda *sexy*. Eu e a Cass babávamo-nos por ela, queríamos comê-la. Não era, Cass?

Não dizes nada: sentes as faces corarem e as orelhas a arder.

Tipo, éramos tão infantis que nem percebemos o que estava a acontecer, diz Elaine. Foi só que, tipo, de repente decidimos as duas que queríamos muito, muito ser poetisas. Eu teria saltado para dentro de um vulcão por ela, diz. Depois, com súbita sobriedade, acrescenta: Mas ela gostava mais da Cass.

Não gostava nada, protestas. Porque dizes isso? Porque me deu um prémio por aquele poema estúpido?

Era óbvio, diz Elaine. Toda a gente via.

Eu não vi nada, dizes.

Nunca reparas quando as pessoas gostam de ti, diz Elaine. E, por um momento, parece fixar o teu olhar, e a faculdade, os teus amigos desaparecem: como se te tivesse presa na ponta de uma lança.

Escreves poemas?, pergunta-te Kit.

Não, respondes.

A aplicação de encontros está cheia de códigos e símbolos.

Um unicórnio é uma rapariga disponível para encontros com casais.

Ser-se eticamente não monogâmico significa que estás numa relação com alguém, mas que procurar outras pessoas não é traição.

143 significa «amo-te».

Sereia *cosplay* látex cishet mente aberta poliamorosa sem compromissos ursos ouriços-cacheiros WAKAH

Como é que as pessoas sabem isto tudo sobre elas próprias? Tipo, como sabem que gostam destas cenas todas?

A tua pergunta parece confundir Elaine. Como é que não haviam de saber?, pergunta. Como havias de não saber do que gostas?

Tipo, imagina que nunca viste uma pessoa queimada. Como saberias que gostas de pessoas queimadas? Ou seria do tipo, um dia vês uma pessoa queimada e ficas excitada, e a partir de então andas sempre à procura de pessoas queimadas para te enrolares com elas?

Sim, diz Elaine, e em seguida acrescenta: É um mau exemplo.

Faz parte de se ser moderno, diz ela. Tipo, só significa que não tens de aceitar o que a sociedade te apresenta e pronto. Podes escolher. Experimentar coisas.

Pois, dizes.

O mundo moderno é assim mesmo, insiste ela.

Imaginas o que é ser moderno: alguém que sem medos, sem pudor, vasculha o interminável armazém noturno do desejo, um armazém com prateleiras apinhadas do chão ao teto, para escolher a embalagem que corresponde, na sua totalidade e em exclusivo, a ti mesma.

O professor Davis usa uma toga, e o seu cabelo é como algodão-doce antigo. É suposto estar a dar-te aulas sobre o poema épico *The Faerie Queen*, mas passou duas aulas inteiras a perorar sobre como usar corretamente a pontuação. A geração atual parece acreditar, diz ele, olhando-te sardonicamente do seu pódio, que a incoerência é uma virtude. E que qualquer tipo de clareza é uma espécie de fascismo. Ele

pronuncia a palavra como *fásssismo*. Não admira que andem tão confusos sobre vocês mesmos, diz ele com tristeza.

Darl chama-lhe o Nazi da Gramática. Dizes, na brincadeira, que ele tem um caso secreto com jj, uma relação sadomasoquista na qual se revezam a amarrar-se e a gritar pronomes um ao outro. Ele, dele, ela, dela! Elu, delu, ile, dile!

Caleb pensa que o professor Davis tem uma certa razão. Porque é que havias de ter direito a criar as tuas próprias regras gramaticais? E se toda a gente fizesse o mesmo? Seria o caos total.

Em chinês, nem sequer têm pronomes, diz Kit. Parecem passar bem sem eles.

Mas então e se eu de repente decidir que não quero continuar a ser objetificado nas frases das outras pessoas?, pergunta Caleb. E não permitir que me tratem por *tu*? Ou por *ele*? Só por *Caleb* ou *Eu*.

Porque é que te enervas tanto com esta cena?, pergunta Elaine.

Desculpa, estás a objetificar-me, diz Caleb. Devias ter dito: *Porque é que o Eu se enerva tanto com esta cena?*

Aquele tipo é cá um parvalhão, diz Melissa quando Caleb se vai embora para ensaiar com a banda.

Mas é todo bom, diz Sophie.

Na viagem até Dublin, o teu pai disse-te: Tens sorte, a tua geração não esconde coisas como a minha escondia.

Que género de coisas?, perguntaste. Mas o teu pai pareceu não te ouvir.

Tenho de te contar uma coisa, diz ela, naquela noite, no bar. Os seus olhos verdes fitam-te com seriedade. Uma coisa importante.

O teu coração emite um zumbido baixo e tens a certeza de que não é suposto zumbir assim. Ah, sim?, dizes.

Ela respira fundo. Vou mudar a minha disposição, diz ela. De rapazes para rapazes e raparigas.

Observa-te, vê como assimilas esta informação, e tu vês-te a ti própria assimilá-la boquiaberta, toda tu a vibrar como se fosses um diapasão com que tivessem acabado de tocar no universo inteiro.

Oh, uau, dizes.

Quis que fosses a primeira a saber, diz ela. Porque és a minha melhor amiga, e porque sei que vais compreender.

Compreendo, sim, dizes, ou tentas dizer, porque as palavras desfazem-se-te em pedacinhos no fundo da garganta. Um sorriso percorre-te o corpo, correm-te lágrimas dos olhos, e agora o teu coração bate tão depressa que as batidas se tornam indistintas, como se o teu coração fosse um colibri com asas em movimento contínuo dentro do teu peito. Isso é ótimo, dizes, simplesmente fantástico.

E quando saem do bar ela dá-te a mão e atravessam juntas a praça à luz do luar, correndo sobre as pedras da calçada como ninfas etéreas e bonitas. Mais tarde, escreves no teu diário *convexidade noctilucente* e *A Ela* que, segundo a tia Rose, é ou são as fadas que assombram a terra, mas a sonoridade do nome faz com que pareça ser uma Rapariga mágica e omnipresente e tu sente-la à tua volta com a sua pele de luar e o seu corpo de noite escura e estrelada.

De manhã, acordas cedo e vêes a luz da alvorada definir os contornos em teu redor. Imagina-la um arco e tu uma flecha estirada à luz, que se intensifica até por fim seres disparada para fora da tua cama. Vai ser hoje! Já chega de rodeios! Tem de ser hoje! Vestes as tuas *leggings* com uma irresistível sensação de propósito e vais procurá-la para lhe dizer o que sentes de verdade.

Prostituta.

O chapéu.

Esse chapéu é de loucos. Parece uma antena parabólica.

Um cão — não acredito que as raparigas também estão a usar esta merda do cão.

Chungosa.

Sim! Meu Deus, veste umas roupinhas que se vejam!

Esta também devia. Tanta mama!

Tem umas mamas fantásticas. Mas acho que não são verdadeiras.

Eu acho que nem ela é *verdadeira*. Começo a achar que nesta coisa *ninguém* é real.

Os totós com que ninguém quer sair são reais.

Levantas-te para ver se o gelado derreteu. Vais contar-lhe depois de comerem o gelado. Ouve-la dizer do sofá: Não acredito nisto. Aquele tipo, o Caleb, tem perfil nisto.

Nas fotos, está a usar um penteado afro com as cores do arco-íris e óculos à Groucho Marx. Lista como *hobbies* a ideação suicida e o boccia. Que imbecil, diz Elaine, e depois: Vou fazer *match* com ele só para lhe foder o juízo.

No lançamento da revista da Associação de Poesia, servem o vinho em copos de plástico. Caleb diz que sabe a gasolina. Sim, diz Elaine, à gasolina antiga, quando ainda tinha chumbo. Não estás a perder nada, diz ela, e dá-te uma palmadinha na mão.

Uma rapariga num palanque lê um poema inspirado *num caso com um homem mais velho que mais tarde percebi ser abusivo*.

Numa mesa à sua direita, os tabuleiros com o líquido radiante chamam por ti como um coro — um coro, composto pelos teus melhores amigos, que canta para ti com uma imensa beleza e não entende porque não te aproximas.

Eu era uma flor, diz a rapariga. Tu eras um botânico. Eu era uma hora. Tu era um horologista.

Jesus, credo, diz Caleb.

Devias fazer uma coisa deste género, Cass, diz Elaine. Aposto que ta publicavam.

Publicam tudo e mais alguma coisa, diz Caleb.

Ao teu lado, ela e ele de dedos entrelaçados.

Há dias que simplesmente não *acontecem*, embora estejas presente. Os edifícios são de papel machê, as pessoas são personagens secundárias, sentes-te aprisionada num episódio sem interesse, filmado apenas para cumprir calendário. Atira café à cara de alguém, mostra as mamas ao professor, salta para a frente de um carro — amanhã já tudo terá sido esquecido. Mas no momento parece interminável, como rastejar pelo deserto.

Embora nunca mais os queiras ver, por vezes não consegues deixar de pensar na tua casa, de imaginar o que estarão a fazer por lá a dado momento. Imaginas a tua mãe a gritar ao teu pai que lhe mude o canal de televisão, porque acabou de pintar as unhas e não pode pegar no telecomando e está a gravar um programa qualquer sobre genocídio que o teu pai gravou. No primeiro andar, PJ está a matar Nazis Espaciais ou a construir uma bioesfera com peças de lego. Fora da casa, na escuridão, o restolhar e o silêncio das árvores, das putas das árvores.

Uma noitinha, quando estás a sair da biblioteca, Elaine liga-te. Não vais voltar já para casa, pois não?, pergunta-te. A pergunta traz água no bico, mas não sabes ao certo porquê. Depois, explica-te que está a fazer o jantar para Caleb. Estamos a festejar duas semanas de namoro, diz ela.

Oh, respondes.

Atenção, não te estou a dizer para não vires para casa!, diz ela. Mas, tipo, se nos pudesses dar alguma privacidade por umas horas, agradecia.

Claro, dizes.

Desculpa, devia ter avisado mais cedo, diz ela.

Não, sem problema, dizes. Duas semanas!

Pois, diz ela.

A insinuação de que tens estado a mais e perturbado a privacidade do casal magoa-te. Além disso, perguntas-te como irá ela preparar o jantar, tendo em conta que nenhum dos aparelhos de cozinha funciona. Mas não lhe dirás nada disso, porque tu és aquela rapariga que compreende sempre tudo. Mas o que vais fazer agora, Cass? Agora que estás cansada e não tens para onde ir?

A resposta é surpreendentemente simples. Não tomaste uma única bebida desde que começaste a estudar na universidade. Elaine fez-te

prometer que não voltavas a tocar em álcool depois de desmaiases no jantar do teu avô. Mas só o fizeste para lhe agradar, não foi, não porque pensasses ser de facto algo que tinhas de fazer. Mas ela não está aqui de momento e, de qualquer maneira, quem quer saber?

Anoiteceu e os rostos pairam acima da calçada lambida pela morrinha da Front Square com os telemóveis suspensos à sua frente — se semicerrares os olhos, parecem fogos-fátuos, uma comunidade de fogos-fátuos guiando-se uns aos outros até ao enésimo nível de confusão e engano. Abre-los de novo e vês duas pessoas que conheces a caminharem na mesma direção, e apressas-te a segui-las. Contudo, vão à *Hist*, não a um bar. Alguém vai falar sobre alterações climáticas. Vem também!, dizem.

O teu pai estava sempre a falar-te das associações de debate do Trinity e de como se divertia por lá. Talvez tenha sido por isso que na Semana do Caloiro não te juntaste a nenhuma. Se chegarmos ao ponto de não termos nada melhor que fazer do que ir à merda de um debate, mais vale desistirmos da faculdade, disse Elaine. Mas agora segues os outros até um grande salão que parece saído de *O Senhor dos Anéis*. Vês, num palco, um grupo de estudantes com gravata preta; parecem satisfeitiísimos e orgulhosos. Está muita gente na plateia e não há assentos livres para vocês os três se sentarem juntos, por isso dizes aos teus amigos que vais ter com eles no fim. Não interessa, não eram mesmo teus amigos. Quem são, na verdade, os teus amigos? Dizes para contigo que tens é de calar a boca e engolir, sentas-te aqui muito caladinha e queimas duas horas sem tocar em álcool. Quando chegares a casa, ela e Caleb talvez já se tenham deitado. Ainda terás de os ouvir a fazer sexo, mas, por estranho que pareça, é preferível isso a ter de conversar com eles.

À tua volta, todos falam e riem. Sacas do telemóvel e dás-lhe uma vista de olhos. Pensas inadvertidamente no teu pai e tentas imaginá-lo sentado neste banco com um *blazer* vestido. Mas não o consegues visualizar, porque te é impossível imaginar essa parte da sua vida.

O orador da noite é um político; a sua cabeça calva brilha como uma bola de bilhar e usa óculos grossos. Costumavas segui-lo quando te interessavas pelo ambiente, mas nunca o tinhas visto ao vivo. Mexe e remexe os papéis durante algum tempo antes de olhar em frente. É bom estar de volta, diz ele. Quando andava na faculdade, costumava falar regularmente nos debates da *Hist*. Aprendi aqui muitas técnicas para irritar as pessoas.

Todos se riem deste comentário e dás por ti a sorrir. Ele tem lábios estranhamente bonitos.

Estou aqui para vos falar de alterações climáticas, diz ele, que é outra coisa que irrita imenso as pessoas. Irrita-nos porque nos faz sentir culpados. Sentimos que tudo o que fazemos está mal e que somos más pessoas. E isso é um problema sério. Se há coisa que descobri durante o tempo que passei em campanha, é que culpar as pessoas é a pior maneira de as motivar. Será boa ideia envergonhar alguém de morte, dizer-lhe que a sua mera existência é hostil à vida e que a melhor coisa que podia fazer pelo planeta seria morrer, e no fim perguntar-lhe se quer fazer uma doação?

Todos se riem uma vez mais.

Por isso, as alterações climáticas continuam a ser este fenómeno curioso do qual todos estamos cientes e no qual, ao mesmo tempo, raramente pensamos. Estamos a par das coisas horríveis que estão a acontecer ao mundo. Ao nosso mundo. Conhecemos as estatísticas aterradoras — perdemos todos os dias uma área de floresta equivalente à da cidade de Nova Iorque, setenta e sete por cento dos insetos foram

exterminados, há dez anos consecutivos que batemos os recordes de temperatura máxima alguma vez registada. Sabemos que milhares de milhões de plantas e animais morreram por efeito da poluição e da destruição dos *habitats*, e que o nível do mar está a aumentar, o gelo a derreter e a desertificação a intensificar-se: sabemos isso tudo. E, no entanto, continuamos a *não* fazer nada para pôr cobro ao desastre, porque as coisas que o *causam*, as coisas que fazemos e que o tornam ainda pior — como construir casas, apanhar aviões, conduzir carros, comer carne, comprar coisas, *ter filhos!* — são as coisas que fazem de nós quem *somos*. Parecemos, por isso, estar perante um dilema impossível de resolver: se não quisermos que as alterações climáticas nos matem, teremos de *deixar* de ser quem somos. Percebe-se porque é que as pessoas não se estão exatamente a atropelar umas às outras para se juntarem à luta. A ideia de combater as alterações climáticas parece-nos, em certa medida, *pior* do que sermos mortos por elas. Ou, para dizer isto de outro modo, custa-nos mais aceitar a ideia de já não sermos nós do que a ideia de morreremos.

Então, como podemos dar a volta a isto? Hoje, vou propor-vos que uma das formas para se chegar a uma solução está numa mudança radical da ideia de humano, ou seja, da maneira como «nos» vemos. Ao olhar com verdadeira atenção para as coisas que, a nosso ver, fazem de nós o que somos. Estas duas palavras dão-vos, na verdade, a essência do argumento. «Coisas» e «nós». O que é que as «coisas» têm que ver com o «nós»? Como pode uma coisa fazer de vocês o que são? Antes de terem coisas, as pessoas não eram pessoas? Quando vocês nasceram, quando vieram ao mundo sem *iPhone*, carro, sem *Nike* ou *Adidas* ou sapatilhas de qualquer tipo, os vossos pais acharam-vos incompletos? Acharam que tinham um bebé a que faltava alguma coisa? Não. Acharam-vos perfeitos. Estavam completamente nus e nem sequer

sabiam falar, e mesmo assim acharam-vos o epítome da beleza e da perfeição.

Mas não é assim que pensamos em nós próprios, pois não? Não é assim que nos encorajam a olhar para nós mesmos. Pelo contrário: ensinam-nos a pensar em nós mesmos como seres defeituosos, inadequados à norma, incompletos. Diferentes de uma forma repugnante, inaceitável. Ensinam-nos que ficaremos sozinhos se não escondermos essas diferenças. Que não seremos amados. E assim aprendemos a ocultar-nos com produtos, rótulos, máscaras de algum tipo. Roupas, pertences, equipas desportivas, crenças, ideologias políticas, nacionalismo — coisas que nos são exteriores, mas que usamos para representar quem somos. Eu sou o tipo que é marxista, eu sou o tipo que tem um relógio caro, eu sou o tipo *deste* e não *daqueloutro* sítio. Quando olham para mim, é isso que quero que vejam. Que sou de algum modo diferente de vocês, sim, mas de uma forma compreensível, categorizável.

Há vinte anos, quando estudava cá, era um mestre deste género de encobrimento. Se falassem comigo, não se aperceberiam de nada. Eu era gay assumido, o que não era muito comum na altura. As pessoas achavam-me corajoso, e de certo modo isso até era verdade. Naquela altura, era habitual darem grandes tarefas aos gays — ou aos homens que pareciam gays, ou que desconfiavam que fossem gays. No entanto, a minha coragem tinha por base o medo. Porque o que me metia mesmo medo não era que as pessoas vissem que eu era *gay*. Eu tinha medo é que vissem que eu era *eu*. Era muito, muito melhor que me *odiassem* por ser gay, ou um tipo do Trinity, ou protestante, ou por outro motivo qualquer, do que verem o meu verdadeiro eu, que eu achava repulsivo e vergonhoso. Alguém que ninguém poderia jamais amar. Assim, a minha

sexualidade tornou-se uma ferramenta que usei para desviar as atenções de mim mesmo.

E durante muito tempo isto funcionou, a *persona* funcionou. Eu era um orador de excelência, o melhor. Era conhecido e admirado, ou pelo menos conhecido, por todo o *campus*, e era uma figura de relevo na cena gay. Estava destinado a uma carreira lucrativa na advocacia, e faria algum estardalhaço iconoclasta enquanto ficava podre de rico. Tinha tudo planejado. O que deitou os meus planos por terra? Não, não foram crimes de ódios nem o preconceito, mas o oposto. Sim, apaixonei-me.

Apaixonei-me por um homem que também estudava cá, e as coisas não resultaram. Por muitas razões. Não preciso de me debruçar sobre elas. Éramos novos e não devia ter sido nada de especial. Não era suposto, pois não, já que era tão novo? Não é o que vos dizem sempre? Mas foi especial, e, no fim, fiquei devastado. Desisti da faculdade, fiquei... bem, fiquei de rastos.

O homem faz uma pausa e baixa a cabeça. A luz reflete-se-lhe na calva e perde-se na escuridão. O auditório está em silêncio absoluto. Não vos consigo explicar como é estranho estar de novo aqui, diz ele. O passado é assim, não é? Acham que o deixaram para trás, mas um dia entram numa sala e lá está ele à vossa espera.

A questão essencial aqui é que senti que não tinha nada quando a tal relação acabou. Analisei a minha vida em retrospectiva e não encontrei nada em que acreditasse de verdade. Os meus debates, a minha capacidade para convencer as pessoas de coisas que não me diziam nada, a minha *persona* de maricas hilariante dono de catorze pares de *Louboutins*, os jogos, as máscaras, a ilusão cuidadosamente retocada: tudo isso deixou de funcionar. Nada disso me ajudaria a ultrapassar aquela tristeza. Percebi que se queria viver, se queria sobreviver mais um dia que fosse, teria de deixar o mundo entrar. Tinha de fazer parte de

algo real, e, para isso, teria de deixar que as pessoas vissem o meu verdadeiro eu. Pensar nisso aterrorizava-me, porque a verdade sobre mim mesmo me aterrorizava. Era como assumir-me de novo, só que um milhão de vezes pior. Mas não tinha escolha.

Juntei-me a um grupo de caminhadas. Adorava a natureza desde que me lembrava de ser gente, mas nunca o dissera a ninguém e fizera disso um segredo bem guardado. Só de pensar que me podiam ver de anoraque! Mas comecei a caminhar com o tal grupo todos os domingos. Por vezes, também os acompanhava em dias úteis. O grupo era composto na maioria por reformados, e nem sequer valia a pena tentar impressioná-los com a minha prosápia, porque metade deles usavam aparelhos auditivos. Mas uma vez fomos à serra de Wicklow e foi... sublime. Só eu e o mundo. Senti que o mundo era bom, que as pessoas eram boas. E, para resumir, foi então que me comecei a interessar pelo ambiente, pelo campo, também pela cidade, e em saber como o podemos preservar. E foi então que comecei a ver que os problemas que enfrentamos agora são de facto enormes e aterradores.

Correndo o risco de soar narcisista, ocorre-me que a situação que temos de momento com as alterações climáticas não difere muito da situação por que passei depois de terminar a minha relação. Ou seja, estamos numa situação em que ou mudamos seriamente o nosso modo de vida ou nos destruímos. A ciência não é ambígua. Se não encararmos a realidade, não nos vamos safar. E para encarar a realidade temos, primeiro, de pôr de lado todas estas invenções, todos estes disfarces que temos vindo a acumular. Temos de tirar as máscaras.

E isso é difícil após toda uma vida a escondermo-nos. É existencialmente difícil, acreditem em mim. Mas, assim que o fizerem, o mundo transforma-se. Assim que tirarem a vossa máscara, é como se todas as outras máscaras se tornassem transparentes, e então conseguem

ver que, sob as nossas esquisitices individuais, somos todos iguais. Somos todos iguais *na medida em que somos todos diferentes*, e porque todos nos sentimos mal por sermos diferentes. Ou, por outras palavras, todos nós somos expressões diferentes da mesma vulnerabilidade e carência. É isso que nos une. E assim que o reconhecemos, assim que nos vemos como uma comunidade de diferença, as diferenças em si já não nos definem. E é então que podemos começar a trabalhar juntos e as coisas podem mudar.

Isto pode ser um tanto *hippy* ou fantasioso. A triste realidade é que agora, no pior momento possível, estamos a ser inundados de novas maneiras de nos escondermos. Por isso, deixem-me que clarifique isto: é crucial estarmos unidos se queremos mesmo enfrentar algo tão avassalador quanto as alterações climáticas. Batucar no vosso tamborzinho, exigir que todos olhem para a vossa máscara, seja ela um símbolo de posses económicas ou de sexualidade ou raça ou crença religiosa ou qualquer outra coisa não trará nada de bom. A divisão não trará nada de bom. Podem ganhar alguma atenção para o vosso subgrupo específico, e podem até conseguir melhorias pequeníssimas. Mas estão apenas a arrastar as cadeiras no convés de um navio a afundar-se. Cadeiras de diversidade. O apocalipse mundial não está interessado na vossa política de identidade ou a quem rezam ou em que lado da fronteira vivem. Cis, trans, negro, branco, cientista, artista, basquetebolista, padre — seja quem for a pessoa, sejam quais forem as suas cor e crença, vai levar martelada. E esse é outro facto que nos une. Estamos todos vivos nesta fração de tempo na qual a humanidade irá decidir se se extinguirá ou não. Como diz um certo poeta, *temos de nos amar uns aos outros, ou morrer*. E a minha experiência amarga diz-me que não podem amar quando usam uma máscara.

Assim, convido cada um de vocês a entrar em contacto com o vosso vizinho. Este é apenas o primeiro passo na luta contra as alterações climáticas, mas é um passo crucial. Como uma expressão da nossa identidade comum de seres humanos vivos neste período de tempo, algo que nos diferencia de todos os humanos que viveram antes de nós, ou, por outras palavras, como uma expressão do facto de existirmos e estarmos aqui, gostaria de pedir a todos vocês que se virem para a vossa direita e pousem a mão no braço esquerdo do vosso vizinho. Avisem se não gostarem de tocar noutras pessoas ou que vos toquem a vocês. Relaxem e talvez descubram que até gostam — sim, isso mesmo, não têm de falar, só de se virar para a direita...

Ele olha para a sala, onde o público se começa a mexer. Sentes uma mão macia pousar-te no antebraço esquerdo enquanto pousas a tua mão na manga esquerda de um casaco almofadado verde-escuro: depois, para tua surpresa, a dona do casaco pousa a mão direita na tua. Olhas para cima, para lhe dizer que não está a fazer aquilo corretamente, e deparas com dois olhos azul-claros que te observam com atenção.

Os olhos dela são azuis, e o cabelo também: cai-lhe, em ondas gordurosas de um azul-negro, sobre os ombros, o que te faz lembrar uma funcionária numa cantina de sereias. Tem uma pele pastosa e uma área avermelhada coberta de acne num dos lados do queixo.

Ela pousou a mão dela na tua porque *estou sentada junto à coxa e não tenho ninguém à minha direita*, explicou-te com sotaque aparentemente alemão. É de Dortmund, está aqui em Erasmus, a estudar para ser pastora da Igreja. *É exatamente o tipo de pessoa que Elaine te aconselhou a evitar*, e é por isso que ficaste a falar com ela quando a palestra acabou.

Agora estão as duas na rua, sentadas nas escadas de outro edifício grandioso cuja função desconheces. Merle — é assim que ela se chama — está a comunicar-te as suas opiniões acerca de vários assuntos com uma franqueza muito pouco irlandesa. Esta franqueza é por vezes encantadora, como quando, por exemplo, diz que o luar refletido nas pedras da calçada é muito bonito — uma observação que, como conclus para tua tristeza, ninguém que conheces, tu incluída, jamais faria em voz alta. Por vezes, esta franqueza é também irritante, como quando te diz que ficou admirada por te ver na palestra, porque *quando te vejo no auditório, estás sempre com «o grupinho»*. Sinaliza as aspas com os dedos como, em boa verdade, um padre. Mas estás sempre na margem, acrescenta ela numa possível tentativa de se justificar. Depois, enfia o braço até ao ombro na mochila. Queres uma maçã?, pergunta. E tu aceita-la e perdoas-lhes tacitamente os comentários anteriores, porque não há que temer e sim ter compaixão de quem desconhece que guardar uma maçã na mochila não é nada fixe. A mochila também não é nada fixe. Vai às mesmas aulas que tu, mas nunca tinhas reparado nela.

As pessoas podem surpreender-nos, dizes com a boca cheia de maçã.

Sim, diz ela, e depois: Choraste durante a palestra.

Oh, sim, dizes. Lembrou-me o meu pai.

O teu pai já morreu?

Não, respondes. Quer dizer, não nesse sentido.

Ela olha para ti com ar de espanto. Depois, diz: Acho que não te entendi bem.

Não, não morreu. O que eu quero dizer é que costumávamos interessar-nos muito por esta cena. Durante algum tempo foi assim. Ele ainda se interessa por isto, mas...

Esta cena: queres dizer o planeta Terra?

Bem, sim, tipo isso, respondes. Lembra-me dele. Só isso. Para mudar de assunto, perguntas-lhe porque veio para a Irlanda, e ela diz-te que leu o diário que Heinrich Böll escreveu quando morava na costa ocidental irlandesa. É um livro muito famoso na Alemanha, diz ela. Muitas pessoas vieram cá por causa dele. Mas a Irlanda mudou muito e já não é como ele a descrevia. Há muita poluição, trânsito, lojas que vendem comida de plástico.

Encolhes os ombros, embora esta observação te irrite.

As pessoas parecem não querer saber, diz ela.

As pessoas querem saber, dizes. Só não querem mostrar que querem saber.

Porque haviam de esconder aquilo por que se interessam?

Não sei, respondes. Por causa daquilo que ele disse na palestra. Por terem medo. Por quererem parecer normais.

Porque é que é normal haver poluição?, pergunta. Ou engarrafamentos de trânsito? Ou...

Talvez tenham medo de que alguém lhes tire as coisas se se mostrarem preocupadas, ripostas. Talvez porque, durante séculos, neste país, se quisesse saber de alguma coisa aparecia logo alguém para ta tirar.

Oh, diz ela.

Não é a merda da Alemanha, *OK*?

*OK*, diz ela num fio de voz.

De qualquer maneira, isto é só a capital, dizes. Se fores à minha terra, é tudo verde. O meu quintal é uma floresta. E é magnífica.

Algumas nuvens encobrem momentaneamente a Lua. Um grupo com chapéus de feiticeiro atravessa ruidosamente a praça. Estás a tremer. Ao teu lado, a rapariga pigarreia. Assustaste-a e agora vai pôr-se a milhas.

Mas, na verdade, pergunta-te: Queres ir a um sítio qualquer beber uma cerveja?

Podes sentir-te atraída por alguém que não é atraente? Apesar de ter o casaco vestido, consegues perceber que a rapariga é gorducha, e parece-te que sentes um leve odor a suor. E, no entanto, quando a vês a olhar para ti, vêm-te à cabeça todo o género de palavras — palavras como *cona*.

OK, dizes. Vocês as duas levantam-se. Ela olha em volta em busca de um sítio onde pôr o caroço da maçã quando o teu telemóvel começa a tocar.

Oh, espera um segundo, dizes.

Estou sempre a esforçar-me! Sempre a esforçar-me e depois exponho-me e saio magoada! Franze o cenho e uma nova onda de lágrimas corre-lhe pelo rosto abaixo. Porque sou tão idiota?!, pergunta. O que há de errado comigo?

Pronto, pronto. Passas-lhe a mão no cabelo, no seu cabelo dourado. Ela enxuga os olhos, encosta o corpo ao teu. Porque está tanto frio aqui?, sussurra. Está sempre tanto frio aqui?

Durante as duas semanas de namoro, Caleb e Elaine nunca falaram da possibilidade de se envolverem com outras pessoas. Elaine presumia que tinham uma relação fechada, exclusiva. Aparentemente, Caleb pensava o contrário. Durante o jantar de celebração, Elaine acabou por descobrir que, nas últimas duas semanas — as correspondentes ao namoro —, Caleb também fez várias vezes sexo com uma rapariga com quem tem aulas de Física. Disse a Elaine que não tinha a certeza, mas que ela era capaz de aceitar fazer um *ménage*.

Tu voltaste de imediato para casa. Merle pareceu tristíssima: ficou cabisbaixa e o cabelo gorduroso caiu-lhe em redor do rosto. Disseste-lhe que lhe ligavas mais tarde, mas percebeste que ela não acreditou em ti. Foste-te embora e deixaste-a sozinha e com um caroço de maçã na mão. Foi um prazer conhecer-te, disseste, e foste-te embora.

E foi, de facto, um prazer: quando falaste com ela, sentiste que uma espécie de véu se levantava, como se algo de novo estivesse prestes a iniciar-se. Mas no táxi de volta a casa descobriste, por entre a tua agitação, uma estranha sensação de iminência, e quando entraste em casa e encontraste Elaine prostrada no sofá e a viraste para ti e ela te olhou com o seu rosto rosado e inchado, com lágrimas a correrem-lhe de ambos os lados em direção às orelhas, pareceu-te por um instante vislumbrar de novo um véu a levantar-se, e sentiste uma centelha de excitação, como algo prestes a começar.

Estou tão farta de gajos!, diz ela, mas agora meio a rir-se.

São incapazes de amar, diz.

Tem a cabeça pousada nas tuas coxas, o seu cabelo dourado no teu regaço. A mão dela ergue-se como uma flor da terra e abre as suas pétalas para te acariciar. Obrigada por vires, diz ela num tom meigo.

Não tem mal, dizes. Não estava a fazer nada. Ela acena com a cabeça; passa os dedos, ao de leve, pela tua face, como se quem estivesse a chorar fosses tu. Os seus olhos cintilam. És a minha amiga mais bonita, sussurra.

E por um momento nenhuma das duas fala. Afagam a face uma da outra, enxugam lágrimas que não existem. O olhar dela fixo no teu, nada entre vocês as duas, ela está aqui, tu estás aqui, e sob o teu olhar a presença dela aqui solidifica, aprofunda-se, como se um véu se tivesse levantado para ta entregar em mãos, e embora ela não se mexa, parece, ao mesmo tempo, expandir-se, incandescer, e os seus lábios líquidos

afastam-se e a sua boca líquida está entreaberta e parece chamar pela tua, para que pouse nela, com o polegar toca na tua bochecha, toque toque, e com o teu polegar afagas-lhe a boca líquida e vermelho-sangue, toque toque, e a cabeça dela está pousada no teu regaço, e no teu regaço está um mar, um mar que se equilibra num ponto, e se esse ponto se deslocasse, se recebesse um único toque, o mar verter-se-ia para fora de ti e inundaria o mundo inteiro

Mexes muito ligeiramente as ancas sim muito ligeiramente como se para lhe dizer que basta um toque

o mar ali suspenso num ponto pronto para inundar o mundo encharcá-lo em arcos-íris

um único toque para o libertar era só o que ela teria de fazer

é quanto bastaria só

só isso

## DICKIE

Tornas-te pura presença. Difundes-te pelas árvores, pelo solo, pelo ar, pela água. Acordas todas as manhãs numa clareira orvalhada, e à tua volta as folhas brilham e os fetos e os arbustos ainda crescem com vigor, erguendo-se ao alto como se escapassem deles próprios: tudo está em contínua mudança e, porém, sentes-te fora do tempo, livre dos seus constrangimentos. Vives num único momento verdejante. A terra parece nova todos os dias, e tu também renasceste.

Como vês, o que sentiste no carreiro diante da sala de exposição do *stand* foi apenas o início. Só aqui, no teu terceiro ou quarto ou quinto dia (rapidamente perdes a noção da data) no meio das árvores, tens por fim noção da verdade. Não precisas de voltar ao *stand*, de começar a trabalhar por baixo e subir na hierarquia, de reconquistar a confiança do teu pai. Essa vida ficou no passado. A história acabou, a dívida está paga, a escuridão daqueles anos desvaneceu. E a pessoa que subsiste ainda, o homem que está aqui, na floresta — essa pessoa és tu.

A primeira coisa que tens de fazer na tua vida nova é procurar outro local: andar de um lado para com o outro com instrumentos de medição e cortar à catanada as ervas daninhas e as silvas para pôr a descoberto a topografia secreta da floresta, as suas encostas e os seus buracos ocultos. Vocês trabalham lado a lado e em tronco nu; apesar de estarem sob a copa das árvores e de o céu estar nublado, ficam queimados do sol. Victor escolhe, por fim, um sítio. Para ti, é um sítio igual a qualquer outro até ele te explicar que dali vês na perfeição o *Bunker* e o trilho, mas que não te veem a ti de nenhum dos dois pontos. Apesar de estares

no sítio, e de olhos bem abertos, não entendes como é possível. Parece-te magia, como um feitiço que aguardasse, na terra, este momento.

O Esconderijo: é o nome que dão a esta nova construção. Será na sua maior parte subterrânea e terá janelas ou portinholas um pouco acima da superfície, como um abrigo para observação de aves. Lembra também a pele de um animal, como se estivessem envolvidos pela pele de uma fera. O *Bunker* estava limitado pelas paredes já existentes, que não queriam deitar abaixo. Aqui, podem ocupar todo o espaço que conseguirem escavar. O plano é cavar um buraco retangular grande o suficiente para nele caber um contentor de carga. Cobrirem-no de terra e deixarem que a vegetação cresça de novo e o tape: nunca ninguém o vai encontrar.

Ocorre-te que Victor consegue *ver* coisas que as outras pessoas não veem. Isto deve-se talvez ao estranho alinhamento dos seus olhos: não olha *para* as coisas e sim para lá delas. Vê uma estrada onde há apenas fetos e arbustos, vê uma colina onde o terreno te parece plano, vê água onde vês apenas terra ressequida. Olha para o sulco lamacento que abriram entre as ervas daninhas que dão pelos joelhos e vê uma cidadela e, dentro dela, tu e a tua família. Quando se lança a um trabalho, é como se tivesse apenas de adicionar cores a algo invisível que já lá está.

De manhã, levas o PJ à escola. Tens de ir ver as escavações mais logo, dizes. Estão a correr muito bem.

Ele mantém o olhar fixo no telemóvel.

Vai haver muito mais espaço, dizes. Vais ter um quarto só para ti. E a Cass também. Devias lá ir dar uma vista de olhos.

Uma vez mais, não te responde. Ao portão da escola, diz: Se calhar é melhor a mãe trazer-me amanhã.

Sentes a falta dele na floresta. Ao mesmo tempo, o trabalho avança mais depressa sem ele por lá — sem teres de te preocupar que caia dentro de alguma coisa, ou de cima de alguma coisa, ou em cima de alguma coisa. Também te é mais fácil conversar sem ele presente. O cerco de Leninegrado, o Grande Salto em Frente, a Grande Fome Irlandesa que devastou este mesmo país, esta mesma terra. Pessoas que desenterraram cadáveres para os comer. Agora imagina o mundo inteiro assim, diz Victor. Milhares de milhões de pessoas a morrerem de fome e capazes de tudo para sobreviver. Vai fazer com que o Holocausto pareça o caralho do Dia das Senhoras em Ascot.

Achas estas histórias estranhamente reconfortantes — agradáveis, até, como ouvir a chuva a cair deitado numa cama quente. É como se para ti já tivesse havido merda da grossa com inundações, fome, seja o que for. O mundo lá fora afogou-se, e a desolação envolve-te como um cobertor.

Na maioria das noites, embrenham-se os dois na floresta assim que acabam de comer. A ausência de PJ teve também essa vantagem: puderam retomar o abate dos esquilos. Victor adicionou à espingarda um silenciador, para que Imelda não ouça o barulho, e um visor com captação térmica, para que possam caçar depois de anoitecer.

Dá-te a espingarda e apoia-la no ombro: olhas pelo óculo de visão noturna e vês os animais correrem na escuridão como manchas de vida laranja-rosa-amarelas fluorescentes. De início, isto perturba-te. Brilham muito intensamente e parecem pequeníssimas na escuridão que as rodeia.

Só mais tarde te ocorre que caçar à noite tem uma grande desvantagem. E se o esquilo não for cinzento?, perguntas. E se for vermelho? Como é que se sabe qual é?

Não há vermelhos, diz Victor.

Ao princípio, vais e vens a casa duas ou três vezes por dia, para ir buscar uma coisa ou outra e te reabasteceres de água. Assim que Victor termina as reparações e se pode usar o poço, vais a casa com menos regularidade. Na verdade, não demora muito para que sair da floresta e ir a casa te pareça tão estranho quanto jogar um videojogo. Vês as paredes e a mobília passarem por ti, vês as tuas mãos flutuarem no espaço, esticarem-se diante de ti e tirarem coisas dos armários, coisas essas que depois acompanham as mãos quando estas descem no ar. Quando PJ ou Imelda aparecem, surgem com a mesma luminosidade súbita e confusa que os esquilos apresentam com o óculo de visão noturna. De regresso à floresta, experiencias igualmente a estranha dissonância que costumavas sentir em rapaz, quando descobrias que, depois de desligares o computador, os movimentos e as cores e as indicações do jogo continuavam impressas, como vestígios, na realidade. Mas a sensação dura apenas alguns minutos e depois esquece-la.

Victor desinfetou os canos com lixívia e já podem usar o poço em segurança. Esta água é mais segura do que a que sai da merda das torneiras que temos em casa, isso é de certeza, diz ele. Se tem um sabor um bocadinho diferente, é porque não está cheia de flúor e o que raio mais o governo lhe junta. É certo que nunca te sentiste melhor. Embora por vezes, além de te sentires fabuloso, *também* te sintas tonto, confuso, febril. Desde o micróbio que apanhaste na água. E tens a estranha sensação — como a descreverias? — de que algo (ou alguém) vive dentro de ti.

Na loja de bricolagem, as pessoas não te reconhecem e até fogem de ti. É por causa da barba, explica-te Gertie McDowell, que acena com uma mão defronte do teu rosto. E não é só a barba, é todo esse... como lhe chamar... todo esse aspeto.

Depois, sentam-se na carrinha — estacionada na Main Street — e observam os autóctones. Rhona Gaffney segue pela rua com um saco cheio de quiches congeladas. Antony O'Connor coça os tomates junto aos semáforos.

Olha só para eles, diz Victor. Algum destes caralhos tem algo a oferecer? Há algum que não seja pura e simplesmente um desperdício de recursos?

São como criancinhas, diz ele. Criancinhas que choram pelo biberão. Não são *más* pessoas, dizes.

Victor volta-se para ti e fita ironicamente o painel de instrumentos à tua direita e a escuridão profunda da carrinha à tua esquerda. Achas que estas pessoas acreditam nalguma coisa? Achas mesmo que têm princípios? Cagavam logo para os princípios todos se isso lhes poupasse nem que fosse só dez minutos no trânsito.

Aponta pela janela. Então e aquilo?, pergunta.

O muro escuro do convento abandonado ergue-se imponentemente ao lado da carrinha. Há cestos com flores brilhantes pendurados, de x em x metros, a todo o seu comprimento.

Em pleno centro da vila, diz ele. Mulheres presas desde que eram meninas até à morte. E nem uma palavra contra.

Isso já lá vai, eram outros tempos, dizes. As coisas mudaram.

Mudam, sim, diz Victor, e depois retrocedem.

As pessoas sabem o que se passa, diz. E são capazes de tudo.

Talvez cada época tenha uma atrocidade urdida no tecido que a compõe. É possível que todas as sociedades sejam cúmplices de coisas terríveis e só mais tarde finjam não saber de nada. Quando as crianças fazem perguntas, dizem-lhes que ninguém tinha más intenções.

Nas paredes e nas montras das lojas, no talho Fegan's e na Extreme Internet e nas Antiguidades Requitadas Wickham's, veem-se ainda as marcas das cheias. Um desastre que acontece uma vez em cem anos — foi isso que te disseram. Seguiu-se a seca, outra calamidade que só acontece uma vez a cada cem anos. Talvez seja assim que as alterações climáticas vão destruir o mundo: em vez de um único cataclismo definitivo, compor-se-ão de uma série de «anomalias» que durarão cada vez mais tempo, com os períodos daquilo a que chamas vida normal separados por intervalos cada vez mais longos, até um dia te ocorrer que agora a vida normal é assim, e que é normal haver inundações, as prateleiras estarem vazias, andar pela casa à luz da vela, as redes de comunicação não funcionarem, as ruas estarem intransponíveis, a água do esgoto espalhar-se-te pela sala de estar, as escolas estarem encerradas e os locais de trabalho também estarem encerrados, porque de que

adianta continuar a trabalhar? Vender carros, vender férias em *resorts* com campos de golfe, vender aplicações para entregar café ao domicílio — tudo isso desaparece, todas as pessoas invisíveis que nunca conheceste mas com que passavas os dias a falar ao telefone ou a trocar *tweets* ou *e-mails* ou mensagens também desaparecem, e passas o teu dia a calcorrear o mesmo terreno, o terreno cercado, que se afunda pouco a pouco, do teu lar...

E esta perspectiva enche-te de alegria.

O mundo, o mundo perdido, desaparecerá. A toxicidade de que fazias parte, a que os obrigaste também a fazer parte, desaparecerá. Vocês os quatro serão retirados do mundo: nada mais de escolas, de notícias, de *internet*. Ao invés, terão apenas a realidade pura e dura das quatro paredes em vosso redor, o céu acima de vocês, a comida que plantaram e arrancaram à terra.

E se Cass perguntar: O que fizeste quando ouviste os avisos?, dirás: Construí isto.

Uma noite, depois de verem um vídeo de um homem que vos mostra como cultivar microvegetais, deparam com um vídeo de um homem que vos fala dos sinais ocultos nas redes sociais para converter as crianças em trans, e em seguida um vídeo de um homem a falar de telemóveis. As pessoas pensam que o seu telemóvel é o seu melhor amigo, diz ele. Pois bem, estão redondamente enganadas.

No dia seguinte, Victor vai à vila e regressa com um par de *walkie-talkies*. Perfeitos para comunicação de curta distância, diz ele. Estes vão continuar a funcionar quando as redes forem abaixo.

Faz sentido, dizes. Sobretudo tendo em conta que a rede de telemóvel por aqui é muito fraca.

Pega no saco de plástico com fecho onde pôs o telemóvel. Há muito que queria fazer isto, diz. Pousa o saco no tronco e depois dá-lhe uma martelada. Com o mesmo martelo que usava nos esquilos. Dá-lhe várias marteladas consecutivas. Por fim, pega no saco. Está cheio de estilhaços de vidro e pedacinhos de plástico. Tentem espiar-me agora, diz ele com ar de triunfo.

Dá-te o martelo para a mão. Oh, dizes.

Não te vais arrepender, diz Victor.

Sim, dizes. Entendes o propósito, sem dúvida. Por outro lado, e se um dos teus filhos te quiser ligar?

Mas nunca te ligam, diz Victor.

Encolhe os ombros e pega num nível. É contigo, diz ele, e vai para o meio das moitas. Sacas do telemóvel e pousa-lo no tronco e olha-lo. Não paras de pensar nos esquilos e no saco e no martelo. Dizes para contigo que não está vivo. Não é a tua família. Não estarias a isolar-te. Antes pelo contrário. Quantos milhares de horas perdeste a olhar para ele? A consumir ilusões?

Levantas o martelo acima da cabeça só para ver qual é a sensação. Sentes-te excitado, embriagado. É tão desmiolado que te dá vontade de levar a coisa por diante. Ajustas a posição do telemóvel no tronco, para que fique à tua frente como um objeto de sacrifício. Vais mesmo fazer isto? Tomado por uma onda de exaltação, pensas que és bem capaz disso — bem capaz!

E então o telemóvel começa a tocar.

É claro que, se o vais destruir devias simplesmente destruí-lo, toque ou não toque. Mas não o destróis.

Não conheces o número. Atendes a chamada. Estou?

Olá, senhor-patrão, respondem. Há quanto tempo.

# IMELDA

Os caniços na margem do lago dão-te pela cabeça O caminho está apinhado de espinheiros-brancos em flor O prado atrás da abadia em ruínas onde as gralhas se perfilam numa única árvore

Os sítios a que costumavas vir estão na mesma Inalterados Como se esperassem o teu regresso Pensar nisto atordoa-te como se os anos que decorreram se erguessem acima de ti Ondas que rebentam contra um molhe cada mais alto

Ele pousa a mão na tua Em que estás a pensar pergunta num sussurro e numa voz meiga

Costumava vir cá respondes

E pensavas que nunca mais cá voltavas não era Mas aqui estás tu

Encontram-se durante o dia quando PJ está na escola

Se Dickie te perguntar onde vais embora nunca te pergunte nada dizes-lhe que vais dar uma volta de carro Assim parece menos mentira porque de facto vais de carro às colinas à floresta ao lago e esperas pelo momento em que vês pelo espelho retrovisor o carro de Mike sair de uma berma ou ruela qualquer e começar a seguir-te Diz-te olá com um sinal de luz

E ele segue-te por quelhos tortuosos em que não passas há anos para onde o encaminhas sem saber ao certo onde vais Sentes-te a coser o fio de ti mesma nas colinas verdes Tens o coração aos pulos e a cabeça à roda à roda

Até chegares a um vale ou ao cume de uma colina rodeada de um coro ofuscante de sol Os deuses do amor Dizem-te olá com um sinal de luz

E a esta luz vocês os dois abrandam até pararem por completo

Na primeira vez só conversaram Ainda por cima de Dickie como se para provar que era um encontro inocentíssimo

Estou preocupada com ele dizes Tem-se comportado de maneira muito estranha dizes Mike franziu o sobrolho como se nunca tivesse dado por nada como se a vila inteira não falasse disso

É por causa do *stand* disseste Era a vida dele e agora tiraram-lho e está bem de ver que não sabe o que fazer

Ele pode fazer muitas coisas disse ele Um homem com a inteligência dele tem muitas possibilidades

Oh sim disseste faz uma coisa ou outra mas é óbvio que anda perdido Para ele não era apenas um trabalho Ele desistiu de tudo por causa do *stand* de tudo

Hum disse ele de cenho franzido e bateu com a mão na cabeça

Vocês os dois estavam sentados lado a lado no carro dele e a olhar para o lago

Se por lá houvesse um emprego para ele disseste Algo que ele pudesse fazer

E Mike soltou um suspiro Quem me dera Imelda acredita em mim O problema é que não sou eu que mando Sou só como dizer o capataz Quem toma as decisões é o Maurice e infelizmente de momento o Maurice não está muito recetivo em relação ao Dickie Está irritado com ele

E comigo também Pelo menos agora

Não disse ele e abanou a cabeça Não Imelda isso não é verdade Não tem nada contra ti Estás inocente nisto tudo Foi o Dickie que se meteu nesta alhada

E isto chocou-te A forma como ele se expressou Está assim tão mau perguntaste e ele torceu a cara numa espécie de esgar sardónico

Não está lá muito bem isso não disse ele Sou-te sincero Mas ouve Imelda prometo-te isto Enquanto lá estiver hei de garantir que vocês ficam bem que não vos falta nada Enquanto estiver naquele *stand* não precisas de te preocupar e o Dickie também não

Obrigada Mike aprecio a tua ajuda disseste e abriste a porta e voltaste para o teu carro como se só te tivesses encontrado com ele para falar daquilo Puseste o motor a trabalhar mas logo o desligaste e saíste do carro e regressaste para junto do dele e apoiaste-te na janela

Porque és tão bom para nós perguntaste só para veres o que ele respondia

Demorou muito a responder

Passei por maus bocados quando era criança disse ele E os Barnes foram muito generosos connosco Nunca me esqueci disso disse ele Jurei que um dia havia de lhes retribuir o favor

Sim Tal como tu passou a infância na pobreza O pai dele era bêbado Costumava bater-nos com as contas do rosário diz ele E digo-te já que nem o diabo nem a Nossa Senhora nem nenhum dos outros todos se deu ao trabalho de fazer alguma coisa para ajudar

Às vezes o fio rebentava diz ele e nós os quatro tínhamos de gatinhar pelo chão em busca das contas Com o meu pai a gritar-nos o tempo todo e a tentar dar-nos pontapés e calcar-nos De certa maneira era cómico suponho diz ele Mas os seus olhos refletem apenas tristeza

Não podíamos culpá-lo Aquela época era de dar com qualquer um em bêbado Trabalhava à jorna Castrava porcos e esvaziava fossas séticas

Meu Deus Nenhum homem imagina ter de viver dessa forma E mesmo assim nunca havia dinheiro suficiente para nos dar de comer

Estão na orla de uma floresta amarela Os pássaros cantam nas árvores O mundo parece abundante em riquezas

Vivíamos numa choça na Piggery Lane diz ele A minha irmã e eu costumávamos beber lama diz Tínhamos tanta fome que às vezes enchíamos jarros com água e misturávamos-lhe lama No fim bebíamos aquilo Achávamos que tinha vitaminas É um milagre não termos morrido de tifo diz ele rindo-se Embora a irmã dele tenha com efeito morrido como bem sabes só que anos depois e não de tifo mas de leucemia

Mas dizes apenas Piggery Lane isso é onde o Maurice vivia em criança

Sim é diz ele Mas escapou de lá

Tu também dizes

Fita-te com os seus olhos azul-acinzentados Sorri Às vezes ponho-me a pensar diz ele

Num inverno diz ele não tínhamos nada que comer Simplesmente nada durante dias a fio Ri-se de novo Ao pensar nisso agora parece impossível é como se fosse outro país mas era assim que as coisas eram E o meu pai nem vê-lo e a minha mãe mandou-nos bater à porta dos vizinhos para pedirmos leite ou saquetas de chá o que quer que tivessem Nunca me hei de esquecer diz ele Olha para as folhas claras das árvores Da vergonha que senti

Sim Tu também não te esqueceste De andar a pedir A chorar na carrinha Umas poucas lágrimas não faziam mal nenhum segundo pensava o teu pai Já as nódoas negras eram um exagero As nódoas negras assustavam as pessoas Podiam começar a fazer perguntas ou a telefonar à polícia

Em ruas onde nunca tinhas estado tu e Lar de mãos dadas enquanto o teu pai e os teus irmãos esperavam dentro da carrinha na esquina Se vos convidarem a entrar entrem dizia o teu pai Se entrarem vão ter de vos dar alguma coisa

Portões de desconhecidos Casas de desconhecidos O ruído de televisões de desconhecidos atrás das cortinas Ergueres-te nas pontas dos pés para tocar a campainha Com o coração na boca no entanto nunca te passou pela cabeça voltar atrás porque apesar de ser assustador nada era pior do que pensar em regressar à carrinha de mãos vazias Que idade tinha então o teu pai Não era velho Não era tão velho quanto tu és agora Mas parecia-se com todos os monstros de todos os contos de fadas misturados num lobo um demónio um duende uma bruxa um castelo assombrado um mar uma montanha

Pese embora também parecesse por vezes um gigante jovial e querido que te deixava saltar na sua barriga Bastava que descobrisses como o fazer feliz

E por isso tocavas a campainha

As pessoas naquelas casas diz Mike que meneia a cabeça Sabe Deus que ao pensar nisso agora tenho a certeza absoluta de que também passavam mal mas minha nossa faziam-nos sentir minúsculos

Sim pessoas as pessoas os fantasmas dos seus rostos quando puxavam para o lado a cortina da sala de estar ou acima de ti num mero vislumbre antes de a porta se fechar com estrondo

Gritavam de dentro de casa Não abram são os pobres de pedir Os cães ladravam Atiravam-te pedras Homens com cara de mau que te diziam para não os voltares a incomodar

Ou que te convidavam a entrar

Tocavam-te no braço Acariciavam-te o cabelo Bem bem és mesmo bonita minha menina Entra e lê-me a sina Tenho um armário cheio de

coisas boas O teu irmão pode esperar aqui fora

Só te davam lixo Leite azedo Sobras Sacos pretos com roupas que não serviam a nenhum de vocês uma torradeira avariada um carro telecomandado com a antena partida Talvez consigas usar para alguma coisa

Na bagageira da carrinha o teu pai vasculhava as ofertas e gemia como se tivesse sido esventrado por um touro Deitava tudo pela janela fora enquanto conduzia de volta a casa enfiava a cabeça pela janela para insultar os condutores que buzonavam atrás dele

Lembro-me perfeitamente de entrar no pátio dos Barnes disse Mike Eram pessoas decentes O Maurice fazia questão de nos dar alguma coisa sempre que íamos lá a casa O Dickie era da minha turma é claro

Fecha os olhos com força

Preferia ter morrido Imelda a verdade é essa tinha sete anos lembro-me perfeitamente de dizer para comigo quem me dera morrer agora mesmo e não ter de bater a esta porta

Olha para baixo como se para se recompor e quando levanta a cabeça está de novo a sorrir

Comparado com essa época estamos na mó de cima diz Mesmo com os nossos altos e baixos

Mas quando passaste por algo assim diz ele Nunca sentes mesmo a sério que acabou

E vira-se para ti para te olhar nos olhos Tu sentes pergunta

Contas-lhe coisas que nunca contaste a ninguém

As histórias jorram de dentro de ti como se água de uma barragem destruída E dele também Depois as vossas histórias unem-se de algum modo e formam um rio

Dizes para contigo que estes encontros não têm mal nenhum porque ele está a ajudar Dickie embora não acredites nisso

Dizes para contigo que não é ele que está a fazer o teu coração elevar-se e fugir para longe mas sim os melros os miosótis as ervas que roçam no antigo muro de pedra

Um purificador de ar com cheiro a pinheiro pendurado no espelho retrovisor Um medalhão de São Cristóvão enfiado no painel de instrumentos

No fim seguem sempre em direções diferentes

E Dickie?

Dás por ti a esforçar-te tanto por ser simpática com ele que um dia até acabas a sangrar do nariz Quando tens de falar com ele por mais de cinco minutos pensas que ou lhe vais dar um murro ou gritar

É como se fosse ele que te traísse e não o contrário Não entendes o porquê De tanta raiva

Vejo que está a deixar crescer a barba diz Geraldine É uma moda nova como é que lhe chamam aspeto de lenhador Paleo

Não sabes Não olhas Ele entra em casa como um homem selvagem saído das montanhas tenta entabular conversa contigo Tens de vir ver o que fizemos diz ele ou Um dia destes temos de ir visitar a Cass Cheira como Victor Tem sujidade nas mãos como se tivesse estado a cavar uma sepultura *A fazer trabalho sujo* pensas Uma onda de terror apodera-se de ti e precisas de recorrer a todas as tuas forças para lhe sorrir como uma mãe num anúncio televisivo e dizer-lhe Vou só dar uma vista de olhos ao forno

Devias estar preocupada com ele mas não tens espaço para isso na tua cabeça A tua cabeça é como uma grande pilha de peças de *Jenga* e

se lhe deres um bom abanão ela vem toda abaixo

Por vezes vais com efeito dar uma volta de carro a sós como se isso de certo modo compensasse as ocasiões em que não vais

No *Touareg* podes conduzir sem parar e mesmo assim não sentir calor nenhum Conduzir até aos limites da vila e por diante até ao campo subindo as colinas em direção ao céu azul Carvalhos no cume No cruzamento um *pub* fechado uma placa escurecida onde está escrito Está na hora de beber uma *Guinness* o campo olha para ti como um espelho que não refletisse nada

Estiveste aqui pela última vez num inverno quando a Cass era ainda bebé Palavra no assento traseiro levava vestido um fato de neve Querias ver se eles tinham Se seriam mesmo capazes Eram E tinham Soubeste-o de imediato sem sequer teres de parar o carro Percebeste-o com base na cor do lixo espalhado pelo pátio Soubeste que se tinham ido embora ainda antes de veres a notificação colada à porta

Hoje não há lixo a carcaça do carro os colchões tudo isso desapareceu O pátio está pavimentado Deitaram abaixo os barracos Pintaram as paredes de branco Até podias achar que vieste ter ao sítio errado não fosse Noeleen ter ainda os seus gnomos enfileirados junto à porta

Enquanto estás a olhar um homem sai de lá de dentro numa camisola caveada e com bíceps do tamanho de melões Parece estrangeiro Agressivo Franze o sobrolho e olha para a esquerda e para a direita Depois uma menina sai da casa a dançar no seu encalço e ele sorri

Ela é loira não é engraçado Tens quase vontade de descer do carro e de lhe dizer que foste outrora uma menina loira e que moraste naquela mesma casa

E quando cresceste te casaste com um príncipe e agora vives num castelo com cavalos e pássaros azuis

O casebre encontra-se no estado oposto Saem-lhe ervas das janelas Ramos do telhado Coitada da Rose Se pudesse ainda viveria aqui Fumaria e ouviria rádio no meio dos dentes-de-leão e dos ratos

Chegas à saída para Naancross Esperas aí Outra encruzilhada vazia ao sol que marca a passagem do tempo

Depois dás a volta ao carro Regressas pelo mesmo caminho

Amo a Joan diz ele Vou amar a Joan para sempre Mas ela pertence a um mundo diferente do meu

Quem nunca esteve na mesma situação jamais poderá entender diz ele Como podes entender se nunca viste o teu pai bater na tua mãe com um desentupidor

Bem eu gosto tanto de coisas boas quanto qualquer outra pessoa diz ele Talvez até mais Mas feitas as contas não me dizem assim tanto Estala os dedos Não era o que pedia quando rezava escondido no meu quarto Quando corria pela rua fora completamente nu para fugir dele Não era com isso que sonhava O dinheiro que tenho agora a minha fortuna as minhas coisas boas se as tivesse na altura sabe Deus que lhas teria posto à frente Fica com elas são tuas Só por favor

Por favor

Baixa a cabeça e tapa a cara com as mãos Um homem feito

Levanta-la e encostas os teus lábios aos dele As tuas lágrimas  
correm-lhe pelas faces abaixo Encostas a tua cabeça à dele O teu cabelo  
cai em redor dos dois como uma cortina Olá dizes Olá

## CASS

*Vai ser hoje! Já chega de enrolar!* É assim que comesas todas as manhãs. O padrão já está bem estabelecido. Acordas e dizes a ti mesma que *tem* de ser hoje, que vais *sem dúvida* fazê-lo hoje, e depois passas as próximas dezasseis horas a tentar, sem sucesso, ganhar coragem para agir.

Não seria tão mau se conseguisses avançar diretamente para o fim do dia e constatar que não aconteceu nada. Mas não — tens de viver cada momento, um por um, como uma sucessão de penhascos vertiginosos a que te lanças com ímpeto para deles te desviares no último segundo. Uma e outra vez, aos altos e baixos, com um fluxo extenuante de emoções aprisionado dentro de ti, como uma montanha-russa numa prisão.

Elaine desconfiará de alguma coisa? Naquela noite, no sofá, acreditaste que estava prestes a acontecer alguma coisa, e quando pensas retrospectivamente nesse episódio — recorda-lo vinte mil vezes por dia —, ainda acreditas *convictamente* que estava. Mas, assim sendo, porque é que ela nunca deu qualquer sinal de sentir o mesmo? Ainda estará à espera que avances? Estará a castigar-te por não teres avançado? Perdeu o interesse? Ou tão-só imaginaste que havia algo entre vocês as duas?

Se *há* de facto algo entre vocês as duas, esta é indiscutivelmente a tua melhor oportunidade de sempre. Desistiu dos namoros desde que acabou com Caleb, a ponto de eliminar do telemóvel todas as aplicações de encontros amorosos. Nas aulas, senta-se ao teu lado na fila da frente com óculos de leitura e cara de poucos amigos. À noite, em casa, senta-se ao teu lado no sofá com um calhamaço sobre política de género no

colo e vai olhando para o WhatsApp. Compete-te dizer-lhe que o seu novo regime é fabuloso e atafulhá-la de gelado. Já engordou um ou dois quilos, o que a teus olhos contém uma carga erótica quase insuportável.

De momento, é toda tua, mas tens de agir rapidamente antes que apareça alguém no horizonte. Se ao menos tivesses a certeza! Se ao menos ela te desse um sinal qualquer!

Contudo, a situação não tem meio de se esclarecer, e a cobarde que há em ti diz-te que arriskas perder tudo se te confessares, e que talvez não possas aspirar a mais do que a relação que têm agora — na qual escondes os teus sentimentos, mas ainda assim vives com ela. Deixa-te estar caladinha, diz-te, e é de maneira que podem continuar juntas até ao fim da faculdade.

À medida que as semanas passam, no entanto, algo muda. *Tu* mudas. Dás por ti frustrada, mal-humorada, irritada com ela. Coisinhas insignificantes em que mal reparavas começam a enfurecer-te. Como, por exemplo, ela deixar a comida apodrecer no frigorífico, ou atirar a loiça suja para a bancada da cozinha e só a lavar quando os pratos já têm literalmente bolor. De como se queixa constantemente do pai, da sua desonestidade, da sua violência, mas depois se encontra com ele na cidade e aceita que lhe ofereça brincos novos. De como abraça causas do Twitter (governo militar no Egito, não mexicanos a usarem *sombreros*) e se esquece delas no dia seguinte. De como é *esquisita*. Por vezes perguntas-te se faz uma coisa que seja que não tenha como intuito fazer com que alguém, algures, goste dela. Compra livros que estão na moda e leva-os com ela de um lado para o outro para os abandonar sem nunca

os ter sequer aberto. Pergunta-te se a sua camisola é demasiado não-não-binária. Uma manhã, pouco depois das sete horas, encontra-la a comer palitos de cenoura à mesa da cozinha e a olhar com indiferença para o portátil, em cujo ecrã se vê uma rapariga, com uma mordança de bola, ser fodida em simultâneo por dois homens.

Estás preocupada. Ter nojo de ti própria não é para ti nenhuma novidade. Estás habituada a isso, já não te incomoda. Mas o asco parece estar a propagar-se e a abranger também Elaine. Agora, quando diz às pessoas que é alérgica ao amendoim, interrompe-la para dizer que a viste comer literalmente milhares de amendoins, e regozijas-te quando ela gagueja e tenta desculpar-se dizendo que é uma alergia que vai e volta, tem fases. Pedes-lhe para *parar de dizer às pessoas que sou uma alcoólica em recuperação, caralho!* Discutes com ela, contradi-la, provoca-la, apesar de uma voz dentro de ti dizer: *Para! Estás a estragar tudo!*

A toxicidade espalha-se rapidamente de Elaine para tudo o resto. Uma noite, estás num bar com um grupo de amigos. A música está alta, recorreram a computadores para fazer com que a voz do cantor soe como aqueles *smoothies* que vendem em tubinhos — açúcar disfarçado de fruta, algo indefinido que pretensamente te fará bem. Elaine, com os seus óculos de leitura, conversa animadamente com um rapaz junto à máquina de tabaco. Estás sentada a beber um *cocktail* que custa dezoito euros. A rapariga ao teu lado está a falar de alterações climáticas. Diz, mais concretamente, que pretende viajar o mais possível e ver o maior número de lugares que conseguir nos próximos anos, porque mais cedo ou mais tarde vão banir os voos de longa distância.

Dizes à rapariga que isso é a coisa mais monstruosamente estúpida e egoísta que alguma vez ouviste. É como dizer que queres caçar elefantes porque um dia se vão extinguir, dizes-lhe.

Não estou a falar de caçar elefantes, diz a rapariga. Estou a falar de conhecer o mundo. Só tenho uma vida. Quero ver o máximo que conseguir.

Estás a destruir o mundo, dizes. Estás a destruir o mundo porque tens medo do tédio.

Qual é o problema da tua amiga?, pergunta a rapariga a Elaine, que acabou de regressar.

A própria cidade torna-se tóxica. Os únicos animais que vês são os pombos e o que quer que tenha sido atropelado diante da tua casa. Uma manhã, quando vais a pé para a faculdade, cruzas-te com um grupo de crianças em visita de estudo ao parque. Vá, vamos todos calçar as nossas luvas de látex antes de tocarmos nas árvores, diz o professor.

Uma noite, um taxista diz-te que sabe, de fonte segura, que alguns *supostos* refugiados estão alojados no hotel Westbury.

Vais às aulas. Analisam poemas famosos. Os poemas estão peçados de cisnes, tojo, groselhas, leopardos, flores de sabugueiro, montanhas, pomares, luar, lobos, rouxinóis, flores de cerejeira, madeira de carvalho retirada do pântano, nenúfares, abelhas. Os poemas publicados recentemente também transbordam de natureza. É como se os poetas não vivessem no mesmo mundo que tu.

Levantas a mão e perguntas se não é estranho os poetas continuarem a reparar na natureza sem, no entanto, repararem que a natureza está a desaparecer? Quem ler estes poemas acha que o mundo está tão repleto de natureza quanto sempre esteve, apesar de nos últimos quarenta anos muitos animais e *habitats* terem sido completamente erradicados da face da terra. Como é que os poetas não se apercebem disso? Como não dão conta de tudo o que tem sido destruído? Como é possível, se são assim tão observadores?

Olho em volta e só vejo o mundo a ser devastado. Se os poemas fossem genuínos, descreveriam apenas um cemitério gigante ou uma lixeira. Só se encontra a natureza em poemas, é uma grande treta. As pessoas sensíveis também são umas mentirosas de merda, dizes.

Não, não dizes. Ficas calada, como sempre.

Começas a faltar a algumas aulas e passas as horas livres a caminhar pela cidade. Não procuras propriamente coisas que te deixarão furiosa/ /triste/passada dos carretos, mas é com isso que deparas. Escreves notas no telemóvel para parecer que estás só a olhar para um ecrã, como toda a gente, e não que estás a tentar ser escritora.

Vais comprar um bloco de folhas, e, ao saíres da loja, chama-te a atenção uma revista que te lembras de ver em casa. Perguntas-te se o teu pai terá esta edição: imagina-la na mesinha de apoio junto à porta da frente, ainda envolta em celofane e com um autocolante com o nome escrito, ou pousada no braço de uma poltrona, ou atirada, juntamente com os outros jornais e revistas e parafernália afim, para a habitual pilha de papéis na ilha da cozinha, pilha essa que a tua mãe ameaça

constantemente deitar fora. Mas ele cancelou todas as assinaturas quando começaram a ter problemas, por isso, presumes que não.

Folheia-la e começa a ler um artigo sobre a extinção de espécies. Numa citação, um cientista alega que, embora muitas pessoas chamem à era atual Antropoceno — que significa a Era dos Humanos —, seria melhor, dadas as muitas extinções, chamar-lhe Eremoceno.

Enquanto lê o artigo, sentes algo — um cheiro a ranço, febril, como se de carne podre. Viras-te para trás e vês que o cheiro vem de uma pessoa, de um homem. Traz vestido um casaco preto de couro que chega quase ao chão, e por baixo calças pretas também de couro e uma *t-shirt* preta ou colete com colarinho aberto que deixa entrever uma pele branca, polposa e peganhenta e um pentagrama invertido. Calça botas pretas de cano alto e mitenes também pretas que mais parecem manámulas, porque estão revestidas de cravos metálicos. Tem cabelo comprido, preto e encaracolado, mas dá para ver que o pinta. O cabelo assenta-lhe quase na nuca, deixando à mostra o cocuruto, e pode, na verdade, ser uma peruca. É velho. E no preciso instante em que dizes para contigo que não é crime cheirar mal e andar pela cidade vestido de couro preto fedorento, embora se seja velho, percebes o que está a fazer. Está na secção de revistas para crianças: revistas com todas as cores possíveis e imagináveis e animais antropomórficos, felizes e coloridos. Está a analisar todos os títulos e a escolher metodicamente um exemplar de cada — um *Patrulha Pata*, um *CBeebies*, um *Octonautas*, um *Dora, a Exploradora* —, que adiciona a uma pilha em que já segura junto ao peito com o pentagrama.

Talvez esteja a pensar em fazer uma visita ao hospital pediátrico.

Talvez esteja para receber a visita dos sobrinhos e sobrinhas — centenas e centenas de sobrinhos e sobrinhas.

Vais para casa e sentas-te na sanita a chorar.

Temos de falar, diz Elaine.

Paras à porta, atónita. Está sentada no sofá e de óculos postos. Dá uma palmadinha numa almofada para que te sentes ao seu lado.

Não podemos continuar assim, diz ela.

Assim como?, perguntas com toda a inocência.

*Assim*, diz ela. Aponta para cima e à sua volta. Neste *ambiente lúgubre*.

Não o acho lúgubre, dizes.

Sei que fiquei traumatizada depois de acabar com o Caleb, diz ela. E tive medo de te estar a deprimir. Mas acho que já o ultrapassei. Estou pronta para seguir em frente. Tu ainda pareces deprimida. Embora não tenhas acabado com ninguém.

Deprimida? Eu?, dizes. Não estou deprimida. Porque dizes isso?

Olha-te com frieza. Exalas lugubridade como um gás invisível e sinistro. Às vezes até parece que ainda não te adaptaste a sério à vida em Dublin, diz ela.

A sério?, perguntas.

Falas muito do passado, responde. Falas de casa, da tua família.

Critico-os, dizes. Falo das coisas de lá de que não gosto.

Parece-me que estás sempre a olhar para trás, diz Elaine. Às vezes penso se estar comigo não te estará a impedir de criar novas amizades.

Estou a olhar em frente, dizes, e tentas escolher cuidadosamente as tuas palavras enquanto o medo te sobe à cabeça como uma nuvem enorme em forma de cogumelo. É só que tu não estás por perto quando olho em frente, só isso. Quando estou contigo provavelmente olho um bocadinho para trás, por hábito. Mas posso parar, não é? Não há problema nenhum. Avisa-me só quando o estiver a fazer e eu paro.

Elaine lança-te uma vez mais um olhar perscrutador realçado pelos óculos. Só não quero que sejas infeliz, diz ela.

Não sou infeliz, respondes. Quer dizer, sei que ficaste infeliz depois de acabares com o Caleb, por isso andei calada, percebes, por consideração. Mas se já o ultrapassaste, bem, então estou pronta para me divertir!

De certeza?, pergunta Elaine, fitando-te de olhos semicerrados.

Absoluta, dizes, e anuis com um aceno de cabeça. Cem por cento de certeza.

OK, diz ela. Bem, nesse caso, devíamos fazer alguma coisa em *grande*. Tipo começar a narrativa do nada. Pensei, por exemplo, que devíamos dar uma festa, ou assim.

Aqui?, perguntas.

Sim, diz ela. Tipo uma festa de apresentação da casa.

Uau, dizes. Todos os hipócritas ocos e pretensiosos que conheces em tua casa. Meu Deus, imperdível.

É uma bela ideia, dizes.

Ótimo!, diz ela, e bate com as mãos. Pensei que podia ser já este fim de semana. Tipo sexta-feira à noite?

Perguntas-te se não terá planeado toda esta conversa de antemão para te impedir de rejeitar a ideia. Mas agora já não podes fazer nada.

Excelente, dizes. Sexta à noite.

## DICKIE

Silêncio. O telemóvel jaz sem vida na tua mão. Ou talvez sejas tu quem não vive, talvez estejas aqui sentado como um rochedo há mil anos. As donzelas enfeitam-te com coroas de flores na primavera, e a erosão causada pela chuva conferiu-te feições quase humanas, limando o rochedo até parecer ter dois olhos, um nariz e uma boca que fala.

Só um idiota como tu para acreditar que ele tinha desaparecido. Já nada desaparece. Agora tudo deixa rasto, tudo o que fazes permanece contigo, paira sobre ti, acumulando-se numa nuvem de veneno invisível até asfíxiar a vida do próprio ar que respiras. A tua história.

De volta ao local dos trabalhos, encontras Victor enfiado até à cintura no buraco; veste apenas uma camisola caveada como se estivessem ainda no pino do verão, embora os insetos já rareiem e o frio do início da manhã se faça sentir ao longo do dia, estendendo-se sobre a terra esventrada como uma mortalha. Pegas na tua pá e comesças a trabalhar ao seu lado sem dizeres uma só palavra.

Ficaste com o martelo?, pergunta ele algum tempo depois.

Hã? Ah, sim, sim, respondes. Acabei por não o usar.

Oh, *OK*, diz ele com indiferença.

Sim, eu até tinha razão, hã, porque recebi uma chamada. Foi estranho, porque tinhas acabado de dizer que nunca ninguém liga.

Victor resmunga e cava. Depois, contrafeito, pergunta: Uma chamada dos teus filhos?

Não, só de um tipo que conheço. Que anda com problemas de dinheiro.

Quer que lhe emprestes algum?

Algo desse género.

Teu amigo?

Meu amigo, sim. Ou melhor, fomos amigos durante uns tempos. Expliquei-lhe o que se passa com o *stand*. Disse-lhe que não estou propriamente a nadar em dinheiro.

E como é que ele reagiu?

Não muito bem, admites. Ficou um bocadinho... Ele é um bocadinho...

Victor para, assoa o nariz, descansa a mão na pega da pá. Está-te a ameaçar, é?

Oh, não, nada disso.

Victor não diz nada. Observa-te apoiado à pá, no meio da terra empilhada.

Talvez vá ao banco amanhã, dizes, para ver se consigo arranjar alguma coisa. Não gostava de o deixar na mão.

Pegas na tua pá e retomas o trabalho. Finges que não sentes os olhos de Victor postos em ti. Tenho a certeza de que vai correr tudo bem, dizes.

Contaste-lhe a verdade: já não tens acesso a grandes quantias de dinheiro. Podes ameaçar-me quanto quiseres, disseste-lhe. Esses tempos acabaram. Não há mais nada a dizer.

Tens até ao fim da semana, disse ele.

Não estás a prestar atenção ao que te estou a dizer. Não te consigo arranjar esse dinheiro! Não consigo!

Consegues.

Como? Onde? Diz-me!

Isso não é problema meu, Dickie.

É problema teu, é! Tens de encontrar outra pessoa a quem o sacar.

Não tenho de encontrar mais ninguém Ouve-me, Dickie. Sexta à noite.

Não dá tempo até lá!

Ligo-te de volta na sexta de manhã e digo-te onde nos encontramos. Quando tiver o dinheiro, apago os vídeos. Prometo.

Disseste o mesmo da última vez. Foi o que disseste da última vez!

Desculpa, Dickie. A minha namorada está grávida. Sabes como é.

Como sei que isto fica por aqui? Como sei que desta vez vais mesmo apagá-los?

Mas ele limitou-se a repetir: Sexta à noite.

De manhã, vais a casa. Entras PJ na cozinha.

Oh, estás aí! Hoje não há escola? Entras em pânico. Não é sábado, pois não?

É dia de formação dos professores e não temos aulas, responde o rapaz com indiferença. Está sentado à mesa e a mexer no telemóvel. Tem à sua frente uma tigela de cereais vazia que parece estar ali há já algum tempo.

Podes pôr a tua loiça suja no lava-loiça, se fazes favor?

O rapaz levanta-se sem te responder e põe a tigela no prato e a caneca na tigela e transporta a loiça numa só mão, para que possa continuar a escrever no telemóvel.

O que estás a fazer? A falar com um amigo?

O rapaz anui com um aceno de cabeça e sem olhar para ti.

Já não consegues comunicar com palavras?

PJ revira os olhos e diz com desdém: *Sim-estou-a-falar-com-um-amigo.*

Tens a puta da mania que és muito esperto, não tens?

O rapaz arregala os olhos, petrificado. Não devias ter dito isto. Mas, meu Deus, como ele consegue gerar um conflito do nada! Como se já não tivesses problemas que te chegassem! Olha lá, dizes, mudando de tom, vou à vila daqui a uns minutos. Queres ir comigo?

Não te responde. Olha-te de soslaio e tenta perceber o que queres que te diga.

Podemos comprar um gelado e ver se a loja tem jogos novos.

OK, diz ele com neutralidade antes de se concentrar de novo no telemóvel.

Bom menino, dizes. Daqui a dez minutos, está bem? A tua mãe está por aqui?

Acho que está ali dentro, diz ele enquanto aponta para a sala de estar.

Não entras na sala. Em vez disso, sobes ao primeiro andar e entras no quarto, onde procuras o teu fato. Mas encontra-la precisamente lá: está deitada, de roupão, em cima da cama feita. Oh, dizes, desculpa, como se te tivesses enganado no quarto.

Não responde. Deve estar a dormir. Tiras o fato do roupeiro, entras no quarto de banho e pendura-lo no varão das toalhas, para lhe tirar os vincos.

Abres a torneira do chuveiro, mas o teu telemóvel apita antes que tenhas tempo de entrar na banheira. Olha Dickie somos famosos! O *link* reencaminha-te para um *site* pornográfico. No centro da página está um quadrado preto, e por cima dele o título *O meu amante irlandês come-me com força*. Limpas o vapor de água que se acumulou no ecrã e carregas em *play*.

O vídeo parece explodir-te na cabeça sem que efetivamente o vejas. É como se tivesses sido catapultado trinta segundos para o futuro. Por isso, tens de o ver de novo. Desta vez vê-lo mesmo.

Um homem de camisa, calças caídas em volta dos tornozelos, está atrás de um homem dobrado sobre uma secretária. O homem na secretária grita obscenidades, instiga o outro homem. O outro homem não fala, mas solta um som baixo e incessante que oscila entre um gorgolejo e um arquejo. Do ângulo em que o vídeo foi gravado, não se vê a cara de nenhum dos homens. *Deste* ângulo, *neste* vídeo. Um aviso. Já foi visualizado oitenta e oito vezes.

Mal te vêes ao espelho embaciado. Abres bem a boca e tentas sorver o ar, como um peixe. Depois, sais aos tropeções do quarto de banho e desces ao rés do chão. Só te apercebes de que não tens os sapatos calçados quando sais de casa. Dás meia-volta e entras de novo.

Os sapatos estão debaixo da cama. Baixas-te para os apanhar e dás por ti a olhar Imelda nos olhos. Está toda maquilhada: rímel, sombra esfumada, batom vermelho-vivo. A flacidez do corpo contrabalança-lhe o verde intenso das íris. É como se tivesse sido raptada de um baile, drogada e deixada ali. Olha para ti sem pestanejar — não, não para ti, mas *para lá* de ti, como se fosses invisível.

Só vim buscar os meus sapatos, ouves-te dizer — ou melhor, sentes a tua boca mexer e a tua língua tocar no céu da boca.

Ela tê-lo-á visto? Terá visto o vídeo? Não o pode ter visto, pois não? Pois não?

Sentas-te aos pés da cama, de costas para ela, e calças os sapatos. Depois, sais do quarto.

Dás por ti no carro. Já com o motor a trabalhar. Ouves alguém falar atrás de ti. Pai? Um rapaz está parado à soleira da porta. Também vou, não vou?

Convidaste-o a ir contigo? Porque havias de o ter convidado?

Oh, sim, é claro, entra.

O rapaz sentado ao teu lado está a falar de jogos. Não sentes os teus dedos no volante. Um carro vem no sentido oposto e sentes um calafrio quando se aproxima. Um *Passat* azul, é Aidan Balfe. Vendeste-lhe o carro e impingiste-lhe o teto de abrir. Levantas a mão quando se cruzam.

Não te acena em resposta. Fita-te de olhos esbugalhados. *Oitenta e oito visualizações*, pensas. O rapaz não reparou em nada. O que é isto aqui no chão?, pergunta.

Uma coisa que o Victor andava a fazer.

Cala-se por um instante, e em seguida diz: Pai?

Sim, filho?

Perguntou-te alguma coisa, mas, por estranho que pareça, quando te viras para o lado, ele não está no lugar do pendura: ou melhor, não o consegues ver, embora ainda o ouças falar. Não queres que entre em pânico e sorris com um aceno de cabeça, como se não se passasse nada de mal.

Estaciona o carro na praça. Ainda tens de pensar segunda vez antes de estacionares aqui o carro, de tão habituado que estavas a levá-lo para o *stand*. Quando sais, a Sra. Borrodale passa por ti. Bom *dia*, Dickie, diz ela. O modo como te cumprimenta soa-te estranho, como se estivesse a esconder alguma coisa. Do outro lado da rua, um rapaz com orelhas enormes — uma aberração — fita-te, não há dúvida nenhuma, está mesmo a olhar fixamente para ti! Baixas a cabeça e respiras pelo nariz até o teu batimento cardíaco abrandar.

Pai?

Céus, hoje não estou nos meus dias, pois não? Sorris-lhe em esforço. Ele também te sorri, apreensivo.

Tenho de ir ao banco falar com o Gerry, dizes. Porque não vais indo para a loja? Já lá vou ter contigo.

Metes-te no carro assim que ele se vai embora. Vês-te ao espelho. O fato não é novo, mas ainda tem bom aspeto. Um bom fato paga-se a si mesmo, é o que o teu pai diz sempre. Respira fundo, Dickie. O *stand* fica no outro lado da rua. Um jovem magricela olha para o telemóvel no meio dos carros brilhantes — quem é aquele sujeito, é novo ali? Big Mike está a contratar vendedores?

Não penses nisso agora. Concentra-te no objetivo. Sexta à noite. Ele elimina o vídeo quando lhe entregares o dinheiro. Na verdade, é até possível que o convenças a eliminar o vídeo assim que *arranjares* o dinheiro. Então, o pesadelo terá fim. De facto, falta tão pouco para entrares no banco e deitares a mão ao dinheiro que é quase como se já tivesses arrumado o assunto! Alegra-te! Avanças com o pé direito

.....  
.....

dás por ti na praça. Cabos telefónicos, nuvens cinzentas, esquinas, a tabuleta da casa de apostas com cavalos de desenhos animados. PJ a dar-te a mão e a olhar para ti assustadíssimo. Não só ele, mas toda a gente que parou no caminho para te olhar — pessoas que te fitam horrorizadas, como se tivesses acabado de eclodir de uma crisálida. Terás eclodido? Confirma — não, ainda tens o fato vestido. Tens uma mancha de poeira na coxa, sacode-la. Está tudo bem, dizes, acenando. Só perdi o equilíbrio. Tudo bem. Levantas-te e entras no carro. PJ faz o mesmo. Não chegámos a comprar-te um jogo, dizes. O rapaz olha para ti sem dizer nada.

## PJ

Ora aqui está uma coisa em que tens pensado muito nos últimos tempos: quando as coisas retornam, voltam amiúde diferentes, como se regressassem esquisitas ou com defeito.

O melhor exemplo disto é, como é óbvio, o *Samitério de Animais*, que viste uma vez no salão de bólingue na companhia de Zargham; viram-no no telemóvel do irmão dele. No filme, um gato morre atropelado e a família a quem pertencia enterra-o num cemitério estranho, e depois o gato regressa por magia à vida, só que agora é mau e ataca toda a gente, mas, vá-se lá saber porquê, os tipos não captam totalmente a mensagem, e quando o filho deles morre, também o enterram lá: e, bem, corre ainda pior do que com o gato. A moral da história é que podemos tecnicamente trazer coisas de volta, mas dá muito trabalho, e, no fim de contas, provavelmente vamos preferir não o ter feito. Acontece algo semelhante com os fantasmas — tipo, é diferente, porque na verdade ninguém pede que os fantasmas regressem ao nosso mundo, eles vêm porque sim, mas a questão é que se comportam de tal maneira como doidos que ninguém imagina que foram outrora pessoas. Quase se poderia dizer o mesmo do petróleo, e na verdade foi o petróleo que te levou a pensar nisto, porque pensaste nisso em Geografia, em como o petróleo é composto de minúsculas criaturas marinhas de há 150 milhões de anos, como o plâncton que nadava no mar durante o Jurássico, por isso, de certa maneira, é a derradeira cena à *Samitério de Animais*, ao início, tira-lo do chão e pensas *Fantástico, isto resolve todos os meus problemas*, mas algum tempo depois todos percebem ei, espera lá, esta substância milagrosa está na verdade a aniquilar o planeta inteiro, e é óbvio que o plâncton original não teria tentado fazer tal coisa até alguém decidir ressuscitá-lo.

Assim sendo, a grande questão é saber quão perdida tem de estar uma certa coisa para ser má ideia trazê-la de volta.

Algumas pessoas dirão talvez que o principal problema está em regressar especificamente à vida. Porque, como é evidente, a morte é um acontecimento muito sério que tem todo o género de consequências graves a longo prazo. Mas, nos últimos tempos, reparaste que isto se aplica também a outras coisas que, apesar de nunca terem efetivamente morrido, regressaram totalmente diferentes do sítio para onde tinham ido. Por exemplo: quando Cian Conlon perdeu o seu coelho *Oisin* durante a grande tempestade e Fiach O'Connor o encontrou alguns dias depois, no barco do pai, no barraco onde ele o guardava, e ele soube de imediato que era o *Oisin* à conta dos pósteres de Cian Conlon, bem, embora parecesse exatamente o mesmo, só talvez um pouco mais magro, o coelho começou a comportar-se como se fosse outro coelho. Agachava-se num canto da toca, olhava para ti de uma maneira esquisita, perturbadora, e soltava um silvo ameaçador, parecido com o de uma cobra. Até que a pergunta se tornou inevitável. Cian Conlon perguntou no seu canal de YouTube: Este ainda é o mesmo coelho?

Porque embora a resposta racional seja a do pai de Cian Conlon — Sim, é o mesmo, sem dúvida, não falemos mais da porcaria do coelho —, e apesar de Cian Conlon ter dito que tinha a certeza de que o coelho não havia morrido e regressado à vida quando lhe mencionaste o *Samitério de Animais*, a realidade é que o irmão de Cian Conlon tem medo dele, não entra na cozinha depois da hora de deitar, porque é aí que guardam agora a coelheira de *Oisin* e diz que não é o mesmo coelho.

E tu perguntas-te se aconteceria o mesmo com, por exemplo, uma pessoa. Digamos que uma pessoa tinha ido a algum lado — ou talvez nem tivesse ido a lado nenhum, digamos que ainda estava por perto, mas

que lhe acontecera alguma coisa e estava diferente —: quão diferente teria de estar para ser má ideia tentar trazê-la de volta?

Do tipo, é suposto as coisas seguirem o seu próprio caminho e tu basicamente não poderes fazer nada para as deteres, porque, caso o faças, só vais piorar a situação? Ou vale a pena correr o risco? Por vezes? Se ainda conseguisses ver mais ou menos a pessoa que essa pessoa costumava ser e pensasses que talvez ainda fosses a tempo, se soubesses o que fazer ou dizer?

Uma pessoa cuja opinião sobre este assunto gostarias de saber é Zargham. Quando o viram juntos no salão de bólingue, Zargham mostrou ter algumas ideias interessantes sobre o *Samitério de Animais*, como, por exemplo, se poderia usá-lo *deliberadamente* para criar um exército maléfico de gatos/outras criaturas. Ele seria capaz de te dizer de imediato se o plano que tens em mente poderia funcionar ou ajudar-te a gizar um plano novo caso este não fosse viável.

Mas o próprio Zargham está diferente, voltou diferente. Desde que regressaram às aulas, depois das férias de verão, já não fala das coisas de que costumava falar (pistolas *Nerf*, *Roblox*, como fazer um fato mecânico), e quando tentas mencionar qualquer um desses temas, ele olha-te com ar estranho e foge o mais depressa possível. Pôs atacadores fluorescentes nas sapatilhas e tem tentado convencer-vos a chamarem-lhe Tyler, algo que não entendes, porque Zargham é um nome fantástico, adorarias ter um nome começado por Z, e até lhe chamaste à atenção, mais do que uma vez, que Zargham tem uma pontuação muito alta no *Scrabble* — ou teria, se o *Scrabble* admitisse nomes próprios. Mas ele não te dá ouvidos, talvez dê a outros. Agora convive com o Dave Okinwale e o Pete Barron, que também puseram atacadores fluorescentes nas sapatilhas (tens de admitir que ficam muito fixes).

É por isso que estás sentado a sós neste banco, no pátio da escola, e vêes uma gaiivota enfiar o bico num saco vazio de *Hunky Dorys* enquanto tentas perceber se o teu plano é bom ou se é sequer um plano.

Mas não estás mesmo a sós, porque, quando olhas para o relógio da escola para ver quantos minutos de intervalo te restam, dás por ti a olhar para o rosto pontiagudo e sardónico de Julian Webb.

O que se passa com o teu pai?, pergunta Julian Webb.

Hã?, respondes. Ultimamente ganhaste-lhe o jeito e fazes-te bem de parvo. Hã? Quem, o meu pai? Qual pai? Espera, o nome diz-me alguma coisa, deixa-me cá ver nos meus ficheiros...

Ele foi à nossa loja, diz Julian Webb. Meu Deus, que pivete! Contorce o rosto ossudo num ricto de satisfação.

Ah, sim, dizes. Bem, ele tem um projeto na floresta...

Perdeu o juízo, diz Nev, que se materializa sobrenaturalmente ao lado de Julian. Está chanfrado de todo.

Ignora-lo, porque sabes que Nev ainda está zangado com a cena de «foder a irmã».

Tinha um anão com ele, diz Julian Webb com um brilho nos olhos; esfrega os maxilares um no outro de contentamento, como um louva-a-deus.

Sim, é o nosso trolha, dizes, como se fosse uma conversa normal e não uma armadilha de um louva-a-deus. Não é mesmo anão, só tem má postura.

Julian sorri e diz algo que não percebes, mas atrás dele Nev solta um silvo com o riso, e é o silvo que te faz saltar do banco.

Percebes rapidamente que não sabes lutar. Os movimentos que viste nos *Vingadores* e praticaste com tanta diligência no jardim das traseiras não parecem resultar no mundo real. Dás por ti quase de imediato com a cabeça presa debaixo de um braço e a levar murros. É então que aparece

o Sr. Kennedy, que grita: Rapazes, rapazes! e vos separa. Obrigá-vos a dar um aperto de mão. A campainha toca a anunciar o fim do intervalo. Quando o professor já não vos consegue ouvir, Julian diz-te: Vais acabar no hospício como o chalado do teu pai.

# IMELDA

Olá minha menina diz Maisie Há quanto tempo

Alguém está com pressa hã diz Geraldine

E corada diz Roisin

Deve ser do novo iogurte probiótico que ando a comer dizes-lhes

Não é nada diz Geraldine Sei muito bem o que é

Ficas petrificada

É porque já não tens a Cass em casa diz ela Tens a tua vida de volta eu disse-te

Sentas-te O Bojangles está à pinha Pensas que não devias ter vindo

Estávamos aqui a falar do Big Mike diz-te Roisin

A Joan finalmente fartou-se diz Una Foi para casa da irmã segundo ouvi dizer Dez paus em como não volta

Já era mais do que tempo diz Roisin Ele faz merda e ela continua a cozinhar e a cuidar-lhe da casa

Porquê agora questiona Maisie A outra já não foi há muito A criada Ele não começou a andar na linha

Uma vez traidor traidor para sempre diz Roisin Ela deve ter acabado por perceber

Se assim é ele está na merda diz Geraldine Ela vai deixá-lo sem cheta tão nuzinho quanto no dia em que nasceu

Oh ele diz Una Não há de demorar muito a arranjar outra tansa para esmifrar

Por esta altura já toda a gente sabe como é que ele é diz Roisin Quem seria a parva que andaria com ele?

Ficarias surpreendida diz Maisie Não faltam é parvas

E quanto mais velhas mais parvas diz Geraldine

Não entendo Queres parar é isso

Não dizes Pronunciar a palavra é quanto basta para te deitar por terra

Então porque não diz ele O que há de errado em duas pessoas que gostam uma da outra dormirem juntas

Só foste para a cama com Dickie mas não lhe dizes isto Respondeste apenas que tem de ser como deve ser Não queres que o façam pela primeira vez num carro no meio do campo

Então num hotel diz ele Longe daqui No condado vizinho Não respondes Não sabes porquê mas um hotel parece-te ainda pior do que um carro Então e se for assim diz ele e começa a falar-te de uma casa que tem na orla da floresta Na urbanização inacabada Não acreditas no que estás a ouvir Não está completamente acabada diz ele Mas tem eletricidade Alguma mobília É a casa-modelo diz enquanto te sentes enregelar como se tivesses caído num lago e perguntas-te se ele terá levado para lá a criada As tuas amigas teriam razão Serás apenas a próxima A imbecil A parva

Odeio aquela floresta dizes-lhe Seja como for é onde Dickie está a construir o seu seja-lá-o-que-for Deixemos isso por agora dizes Depois levas a mão à porta para regressares ao teu carro

Espera diz Mike espera Solta um suspiro Achas que isto não é a sério pergunta É isso

Não é isso respondes

Não sei se sou capaz dizes Não sei se consigo estar com outra pessoa e depois ir para casa e deitar-me ao lado do Dickie Não sou como tu dizes

Mike pensa um pouco e depois diz Bem se ele anda a correr pela floresta é muito provável que nem te deites ao lado dele

Não era isso que querias dizer Como é que ele não o percebe Tenho de ir dizes Falamos disso noutra altura

Espera Imelda Ele tenta uma vez mais impedir-te de sair

A Joan vai estar fora diz ele A irmã dela não está bem Vai passar uns tempos com ela

Porque não vais lá a casa uma noite destas pergunta Faço-te o jantar O que quiseres

Podes passar lá uma hora ou a noite inteira Podemos dormir juntos ou não é como quiseres Olha leva o Dickie também E jogamos todos *Scrabble* se é isso que queres é o que faremos

Corvos no campo de cultivo preto amarelo azul

Com a mão no teu braço diz-te com gentileza Quero que faças parte da minha vida Imelda Da forma que achares melhor Podemos avançar ao ritmo que quiseres mais depressa ou mais devagar só quero estar perto de ti

O que achas disso pergunta

Não respondes de imediato nem olhas para ele Não posso deixar o PJ sozinho

O Dickie não pode tomar conta dele diz Mike

Viras-te para ele Oh sim dizes Vou pedir-lhe que tome conta do filho enquanto o traio com outro homem

Mike sobressalta-se Bem o PJ passa bem uma noite sozinho Que idade é que ele tem agora doze?

Viras de novo o rosto para não o olhar Não me venhas ensinar como cuidar da minha família dizes

Ouve-lo suspirar atrás de ti *OK* diz ele Bem de qualquer maneira tens razão Está na hora de voltarmos

Ele não te dá notícias durante o resto do dia Normalmente envia-te uma mensagem à noite para te dizer que está a pensar em ti ou apenas

um X Mas hoje não recebes nada Dizes para contigo que é melhor assim  
mas estás sempre a pegar no telemóvel Pegas-lhe a meio da noite só para  
ver se recebeste alguma coisa Às vezes as mensagens chegam com atraso  
Mas não nada

Engraçado como depressa te habituas como rapidamente comesças a  
depende de certas coisas Umas poucas palavras gentis Até mesmo uma  
só letra Tiram-tas e sentes-te a cair aos pedaços

É melhor assim dizes para contigo é melhor assim

Na manhã seguinte enquanto estás a preparar o pequeno-almoço PJ  
pergunta-te se pode passar a noite de sexta em casa de Zargham

O rádio debita algo sobre impostos ou trânsito automóvel Mexes as  
papas de aveia de costas voltadas para ele

Sentes os olhos dele postos em ti Parece-te que tens o mundo inteiro  
reunido atrás de ti à espera de ouvir a tua resposta Continuas a mexer as  
papas Hum? Dizes

Posso dormir em casa do Zargham?

Pensava que já não te davas com o Zargham

Ah sim reatámos a amizade

Ele não mudou de nome?

Não foi só uma coisa temporária Seja como for estamos a fazer um  
trabalho sobre crustáceos Temos de o acabar este fim de semana

Hum repetes sem te comprometer

*Estou apaixonado por ti Imelda*

Ainda de olhos fixos nas papas de aveia dizes Precisas que te dê  
boleia até lá

Não a mãe dele vai buscar-nos no fim das aulas

Então ela vai estar em casa Os pais dele vão estar em casa

É claro mãe obviamente

O mundo reunido atrás de ti reunido acima de ti Equilibrado num pontinho minúsculo

Tenho de pensar no assunto dizes

Nunca é tarde de mais para começar do zero diz Clara Langan Nunca se é velho de mais para encontrar o amor

A modelo *designer* e atriz tinha trinta e sete anos e estava divorciada há dois quando conheceu Brian Boles um londrino arrojado dono de vários restaurantes Divorciara-se do namorado de infância Richie Nagle porque ele tivera um caso com a assistente pessoal

Foi difícil ultrapassar isso e voltar a confiar em alguém confirma a beldade Fala abertamente do divórcio e da dor que este lhe causou Fiquei de rastos quase morri diz

Mas agora com o Brian o futuro é de novo risonho

Não sou do género de pessoa de sair e começar a andar com este e aquele diz ela Pensava que nunca mais sentiria o mesmo por ninguém Mas com o Brian é como se o amor dele tivesse despertado o amor que há em mim Trouxe ao de cima a pessoa apaixonada que eu pensava ter desaparecido de vez Ri-se Sinto que tenho outra vez dezoito anos!

Em Naancross consegues ainda ver onde estavam as flores

Depois do acidente alguém amarrou um ramo de flores ao poste telefónico Costumava deixar-te louca Cada vez que lá ias as flores estavam mais secas e por fim começaram a desfazer-se Ficaram pretas Tê-las-ias arrancado do poste mas estavam demasiado alto Quem quer que as pôs lá deve ter usado um escadote

E ainda o vês no poste telefónico Não o ramo de flores é claro mas o fio de plástico que o segurava e agora é a única coisa que te garante que estás no sítio certo

Vinhas cá constantemente Nas semanas que se seguiram à morte dele Saías pela janela do quarto de Frank e caminhavas muitas muitas milhas Por vezes saías a meio da noite Dickie nunca soube de nada Esgueiravas-te pelo emaranhado de silvas Gatinhavas e tateavas o chão escuro

Posso ajudá-la?

Um homem saiu do contentor azul que serve de escritório Olha-te com as mãos nas ancas

Oh dizes levantando-te Pareceu-me ter deixado cair qualquer coisa só isso

Olha-lo com um sorriso encantador Usas a tua beleza como uma cartada Porque não fodê-lo também Imelda no contentor do sujeito Porque não foder toda a gente

O homem puxa o boné para cima afastando a pala da testa e coça o couro cabeludo É novo está na casa dos vinte tem barba Quer alugar uma bicicleta pergunta

Oh não dizes Só ando a dar uma vista de olhos

Parece mistificado com a tua resposta Olha em volta e vê o parque de estacionamento vazio e as bicicletas de montanha enfileiradas

Um homem morreu aqui há alguns anos explicas O meu grande e único amor Costumava vir cá procurar o fantasma dele Na altura não passava de uma rapariga Casei-me com o irmão dele Estávamos os dois em luto profundo Perdidos da cabeça Ele é boa pessoa Éramos felizes ou pelo menos dávamo-nos bem Depois algo mudou

Não

Um amigo meu costumava viver aqui É o que dizes Quando havia aqui um descampado

Olha para ti confuso Apercebes-te de que o que disseste não faz muito sentido

Foi há muito tempo dizes

Apontas para as bicicletas Muito trabalho? Perguntas

Nem por isso diz ele

Mas até está um belo dia

Dizem que vai chover diz o homem

Dizem

Acena seriamente com a cabeça Pisaram finalmente terreno firme Dizem que vem aí temporal Na sexta à noite

Hum dizes

Bem dizes

Até à próxima diz ele

Espera até entrares no carro não sai do sítio

Ligas o carro Olhas pensativamente o asfalto quando arrancas

De qualquer maneira nunca encontraste nada O vidro provavelmente derreteu por completo quando o carro ardeu E imaginavas que o sangue dele se tinha infiltrado na terra para alimentar as árvores e a erva Mas provavelmente não infiltrou nada Provavelmente evaporou-se de imediato

Mas o plástico bem esse há de continuar naquele poste quando vocês já estiverem todos mortos e enterrados Não é o que os miúdos te estão sempre a dizer Usa-lo uma vez e ele fica cá por mais mil anos O tempo não faz o que pensas que fará pois não

Tens a tua vez Mas não te dizem que é apenas isso uma vez um momento Tudo explode não és mais do que emoções A tua vida começa por fim Pensas que tudo será assim Depois o momento passa

O momento passa mas tu permaneces com a forma que tinhas então  
Na vida que resultou das coisas que fizeste Os resquícios da rapariga que  
costumavas ser que já não existe

Não te dizem isso Como poderiam dizer Como poderia alguém  
perceber o que significa

Um pouco adiante encostas de novo à berma da estrada

Sacas do telemóvel e envias uma mensagem a Mike: Sexta à noite x

## CASS

Ainda há alguma luz no céu quando sobes a Dame Street. A cidade está a regressar de novo à vida depois de as pessoas dos escritórios terem ido para casa: formou-se uma fila diante da loja que vende faláfel e outra em frente ao teatro no outro lado da rua, onde miúdas da escola com o cabelo pintado de verde, minissaias axadrezadas e meias com buracos esperam para ouvir uma banda *emo* qualquer. Elaine está muito excitada. Acreditas que é a primeira vez que vamos à Borboleta?, diz. Tipo, não é de loucos? Diz-te vezes sem conta que é *uma instituição lendária e underground*, o que significa que estará apinhada de pessoas intimidantes que te vão julgar por usares as roupas erradas ou pareceres demasiado cis ou demasiado feminina ou por outra coisa qualquer que faças de errado, porque é isso que acontece sempre que saís em Dublin. Sorris, tentas instigar-te a sentir o mesmo ânimo que ela. Elaine não para de receber mensagens das pessoas que já lá estão, que estão a tentar lá chegar, que têm inveja de lá ires! Já aí estão? Estamos quase a chegar! Vemo-nos por aí daqui a uns três minutos! Olha-te radiante. Está tão feliz! E por um momento também te sentes feliz.

Sais pela terceira noite consecutiva, faz parte da tua missão atual, que tem como objetivo provares que não és lúgubre. Acompanhaste-a aos sítios lendários e aos sítios *pop-up* novinhos em folha, que literalmente ninguém conhece, embora te tenha parecido bastante óbvio que muita gente já os conhecia quando lá chegaste, e bebeste a tua *Coca-Cola Diet* e riste-te de piadas que não conseguiste ouvir e fingiste-te interessada pelos rapazes que se aproximaram para falar contigo.

Esta noite, quando entras no bar, encontra-lo cheio de pessoas normais. Parece um *pub* vulgaríssimo, e por uma fração de segundo

pensas que é capaz de correr tudo bem. Mas depois ouves a batida da música que está a tocar no primeiro andar.

Desalentada, segues Elaine pelas escadas acima e quase de imediato perde-la de vista naquele mar de rostos.

Odeio estes sítios merdosos, diz Caleb. Têm todos a mania que são os maiores. Agem como se fossem o Che Guevara porque usam os brincos da mãe? Olha em volta e franze o sobrolho. Sou capaz de apostar um milhão de euros que, quando não estão aqui a representar a *categoria* delas, noventa por cento destas pessoas trabalha para uma empresa qualquer de tecnologia que funciona à base de evasão fiscal e trabalho escravo na China.

Chan olha-te de cenho franzido. O Caleb está resmungão porque quer pôr um nazi qualquer a falar na *Hist*, mas não lhe dão permissão.

Ele não é nazi, protesta Caleb. Está a tentar impedir que a Europa se suicide culturalmente. É uma treta do caralho.

Porque vieste até cá?, perguntas-lhe. Se a diversidade te incomoda tanto?

Disseram-me que estão a dar *mojitos* de borla, diz ele.

Deixa-te e vai ao balcão. Ouvi dizer que na semana passada tiveram basicamente um nazi a falar na *Hist*, diz Chan. Um tipo qualquer que devia supostamente falar do ambiente e em vez disso se pôs a discursar e a dizer que a identidade de género não existe e os gays só estão a fingir.

A música agride e aniquila. Como é que alguém gosta disto? Chan está a falar-te de um fato de Pokémon que está a fazer para um evento de *cosplay*, e tu perscrutas a multidão e procuras Elaine entre todos os rostos luzidios e felizes. *Não posso continuar a viver assim*, pensas.

Caleb regressa. Dá-te um copo e apercebe-se da tua surpresa. Não querias um?

Ela era alcoólica e está a largar o vício, seu idiota, diz Chan.

Ah, sim, diz Caleb. Esqueci-me disso. Bebo-o eu.

Não tem mal, dizes. Isso é só uma história que a Elaine inventou, adora contá-la a toda a gente.

Basta-te segurar no copo para te sentires melhor. Kit aproxima-se de vocês na companhia de Edelle, que se queixa de ter de escrever, para o seu *workshop* de escrita, um conto narrado a partir do ponto de vista de um homem — e agora, o que vai ela fazer? Imagina que é uma mulher, diz Kit, mas depois altera umas coisas e põe-no a dar murros ao pessoal! E a pensar constantemente em sexo, diz Chan. E preocupado por ter uma carrinha demasiado pequena, dizes. E tem de ter uma obsessão com a mãe, diz Edelle. E de comprar colunas de som na Amazon, dizes. E receia estar a ficar careca, diz Kit.

E no fim lança-se ao mar na carrinha?

Sim! Um fim clássico para uma história. Atira-se ao mar ao volante da carrinha.

E depois dá-lhe um murro!

Ris-te, pensas para contigo que afinal até pode ser uma boa noite, e então Elaine aparece ao teu lado. Nem adivinham quem está cá!, diz ela. jj!

Que é que jj está a fazer aqui?

Quem é jj?, pergunta Edelle, que está a estudar Russo.

Ume des nosses professories de Inglês, diz Chan. É incrível.

Incrivelmente *falsa*, isso sim, diz Caleb.

Elaine olha-te nos olhos e dá uma risadinha. Cometi uma loucura, diz ela. Falei-lhe da festa e perguntei-lhe se queria ir. E elu disse que talvez! Ri-se à gargalhada.

Sorris-lhe inexpressivamente.

Vão dar uma festa?, pergunta Edelle.

Sim, amanhã, responde Elaine. Está tudo no Facebook. Abana-se como se dançasse de alegria. Ê jj vai a minha casa! Estou tão contente!

É porreiro, dizes. Levas o copo aos lábios e bebes bebes bebes até te engolires a ti e à noite inteira.

## II

### DICKIE

Noite alta, publica outro vídeo. Já são três. Este é um *close-up* de um maxilar vago e flácido a deslocar-se para a frente e para trás sobre um membro sem corpo. Dura oito segundos, é impossível reconhecer-te. No entanto, deitado na escuridão fria, só consegues pensar nas pessoas que te podem reconhecer à mesma, nas pessoas que o podem ver, e durante a tortura das horas de insónia, formas uma lista com todas as pessoas com quem já te cruzaste: o presidente da Câmara Municipal, o presidente da Câmara de Comércio, o presidente do Clube de Golfe, o padre da paróquia, o diretor da escola, os diretores da Volkswagen na Irlanda, a Associação de Antigos Alunos do Trinity College, a Nora Toomey da confeitaria, o Dinny Clarke da loja de pesca, os pais da equipa sub-10 de futebol gaélico, o rapaz da estação de serviço, as mulheres do banco, as velhotas do terço, o talhante, o padeiro, o homem das velas. O teu pai, a tua mulher. Os teus filhos.

Meu Deus, os teus filhos.

Tens recorrentemente sonhos em que se desintegram: os rostos estilhaçam-se-lhes e os membros caem-lhes enquanto corres como um doido na sua peugada e tentas apanhar narizes, lábios, braços e colarhos de volta como num jogo tenebroso. Noutros sonhos, vê-los, sem poderes fazer nada, serem submersos por uma maré invisível — de olhos arregalados, pálidos com o pânico, não percebem que se estão a afogar.

Tentaste ligar a Ryszard, enviaste-lhe mensagens a suplicar-lhe que elimine os vídeos. Mas ele não atende as chamadas e também não responde às mensagens. Amanhã, quando te telefonar para te dizer onde deves entregar o dinheiro, podes pedir-lhe que o faça de imediato, mas já sabes o que te vai dizer: Primeiro passa para cá o dinheiro.

E tu não tens o dinheiro.

Tentaste tudo de que te conseguiste lembrar — renegociar a hipoteca da casa, vender o carro. Mas o teu desespero afasta as pessoas. O gestor da tua conta bancária mantém os olhos cuidadosamente postos no ecrã, escreve no teclado, diz-te que vai precisar de mais documentos. Os possíveis compradores sentam-se ao volante do carro, giram a chave na ignição, contemplam os estofos, e depois olham para o teu rosto branco como a cal e contorcido num esgar de dor. Até o teu pai te evita e ignora as tuas mensagens — cada vez mais aflitas —, quase como se ele e Ryszard estivessem a trabalhar em conjunto, em polos opostos, para te ensinar uma lição.

*PZSRRRRRRRR* A motosserra urra e poeira dourada paira no ar.

Podes parar com isso, por favor?

Victor para — detém-se, imóvel, como um autómato em suspensão. Pelo menos presumes que é Victor; como está a usar óculos de proteção e uma máscara, pode, em teoria, ser outra pessoa qualquer. A poeira branca e fina polvilha os teus sapatos bons: ainda trazes vestido o teu fato, embora estejas agachado numa clareira no meio da floresta.

Desculpa, dizes. Estou a tentar pensar. Mas na realidade não consegues pensar, pois não? No fundo, apenas cravas os dedos no maxilar num gesto de desespero. O dia avança sem cessar, o tempo escasseia. Cada momento decorrido aproxima-te um pouco mais do momento em que ele te vai ligar e em que terás de lhe contar a verdade. E depois? E depois? E depois?

Victor tira a máscara. Resolveste as coisas com o teu amigo?

Acabaste de voltar do *stand*. Perguntaste a Big Mike se te poderia ajudar de alguma maneira. Se te podia emprestar dinheiro, se podia tirar algum da conta da empresa.

E?

Ele disse-me... disse-me... Paras. Sabes o que Big Mike te disse. Contudo, pareces não conseguir processar as palavras. Estão à tua frente; são volumosas, mas invisíveis, como móveis cobertos por lençóis.

Talvez esteja na altura de mandar o teu amigo àquela parte, diz Victor.

Sim... Ris-te sem ânimo e olha-lo de soslaio. Voltou-se de novo para a pilha de toros serrados.

Acho que o problema é... dá-se o caso de ele...

Pega nos toros e atira-os para uma pilha maior.

Tomei algumas decisões no passado. Coisas de que não me orgulho. De que o meu amigo — esta pessoa — tem provas.

Victor está de gatas e a mexer num calço. Não dá mostras de o ter ouvido. Todavia, sabe-lhe bem falar em voz alta.

Fotografias, dizes. Vídeos.

Suspiras em alto e bom som. O problema é esse, dizes.

Fosse como fosse, não faria diferença nenhuma.

Sobressaltas-te e olha-lo. Desculpa, o que disseste?

Bem, não te livras de um gajo desses mesmo que lhe arranjes o dinheiro. Assim que o gastar, volta a pedir mais. E há de voltar sempre, isso é certinho, até te limpar de vez.

Volta a pôr a máscara e baixa os óculos de proteção. Só há uma maneira de lidar com gente dessa, diz. Puxa a corda da motosserra. A lâmina grita e desce de novo sobre a madeira pálida e indefesa.

## CASS

Na manhã do dia da festa acordas com o barulho do aspirador. É Elaine: está a limpar a sala de estar pela primeira vez desde que se mudaram para esta casa. Já passou o chão da cozinha com a esfregona e espalhou luzinhas amarelas sobre a máquina de lavar roupa avariada, a máquina da loiça avariada e o micro-ondas avariado, por isso, parecem estar agora numa espécie de lixeira mágica. Ajuda-la a pôr em sacos do lixo a vasta coleção de embalagens de *takeaway* e a esfregar o quarto de banho.

Demora algum tempo porque não lavam a casa há muito tempo e porque Elaine está sempre a parar para publicar fotografias de antes-e-depois. Ainda assim, trabalhar lado a lado com ela é surpreendentemente agradável. Lembra-te de quando estudavam juntas em casa, no quarto de Elaine, uma de vocês deitada na cama, a outra ao portátil e a dizer *Imagina só, a comida preferida do Harry Styles é pão, é a minha também!* ou a ler citações inspiradoras das concorrentes ao Miss Universo Irlanda no *site* oficial do evento.

Oh, sim!, diz Elaine quando lhe referes isto, rindo-se.

É engraçado como algo aborrecido pode ser divertido, dizes. Tipo, até fazer os trabalhos de casa: era sempre de partir a moca, não era? Quando estávamos juntas.

Pois, diz ela. Olha-te nos olhos com uma expressão que não entendes por inteiro e perguntas-te, de repente, se este será o momento indicado. Devias dizer-lhe agora? Mas estás a divertir-te tanto que não queres estragar o momento. E já está de novo concentrada no seu *feed*. As pessoas estão a adorar os nossos aventais, diz ela.

Quando acabam a limpeza, vão as duas ao supermercado e enchem o carrinho de caixas com cerveja. São pesadas. Um homem com a cara vermelhusca e uma pança ajuda-vos. Também tem o carrinho cheio de caixas de cerveja: na verdade, a maioria dos clientes do supermercado está a comprar caixas com latas ou garrafas de cerveja.

Não vais ter problemas com isto, pois não?, pergunta Elaine enquanto esperam na caixa de pagamento.

Com o quê?, dizes.

Não responde. Viras-te para a olhar nos olhos. Não sei, diz ela. Comprar álcool. Ter este álcool todo em casa.

Claro que não, dizes. Não é que eu seja mesmo alcoólica.

Lança-te de novo um olhar estranho.

Não sou, dizes.

Costumavas beber imenso, diz ela. E tiveram de te fazer uma lavagem ao estômago.

Isso foi só uma vez, dizes.

OK, diz ela. Desde que sintas que estás a ser sincera contigo própria.

Atualmente, no mundo desenvolvido, a grande ameaça à ordem política advém de as pessoas prestarem atenção ao que as rodeia. Assim, até os escravos têm acesso ao entretenimento. Pode até dizer-se que somos pagos em entretenimento. O romance foi o primeiro exemplo do que no século XXI se tornou uma indústria de entretenimento vasta e abrangente, uma máquina quase infinita concebida para nos distrair e nos roubar qualquer tipo de poder. É-nos apresentado um mundo virtual que se alimenta literalmente da incineração do mundo real.

Cass? Posso dar-te uma palavrinha?

Olhas desesperadamente à tua volta, mas todos os outros saíram já do auditório.

Não te preocupes, não é nada de mau, diz elu.

Ainda está sentada à secretária. Pintou o cabelo: agora, usa-o ruivo, cor de canela. Contrafeita, dá alguns passos atrás em direção a elu.

Não sei se sabes, mas pertenço ao conselho editorial da *St Botolph's*, diz. É a revista de poesia da universidade. E queria perguntar-te se tens algum trabalho que quisesses apresentar para possível publicação.

Não dizes nada. Olhas para o chão.

Constou-me que escreves. Estou enganada?

Encolhes os ombros, tartamudeias algo inteligível, nem tu própria sabes o quê.

Adiante. Elu abre as mãos. Se tiveres, gostaríamos muito de o ler, só isso.

Anuis com um aceno de cabeça. Sentes a cara a arder. Viras-te para a porta.

Cass.

Viras-te para trás o mínimo possível.

Se alguma vez quiseres falar com alguém, estou aqui. Há aqui pessoas com quem falar. Não quero que os meus alunos sintam que estão por sua conta.

Respondes novamente com um aceno de cabeça e apressas-te a sair da sala antes que irrompas em chamas.

Quando saís do Bloco de Letras encontras a rapariga alemã. Tem-la evitado desde aquela noite em que se sentaram nos degraus, mas estás tão preocupada que na rampa esbarras literalmente contra ela. Está a

usar uma camisola de malha cor-de-papa-de-aveia e tem uma mochila às costas, uma mochila diferente e enorme. Não me ligaste, diz ela, indo direta ao assunto e enfurecendo-te de imediato, porque já estás nervosa que chegue e não precisas que te façam sentir culpada. Mas dizes apenas que lamentas, que tens andado ocupada. Não tem mal, diz Merle. Diz-te que o homem que ouviram na *Hist* vai processar o governo por estar a acelerar as alterações climáticas. Provavelmente não vai dar em nada, diz ela, mas ouvi falar de um provérbio irlandês que diz que mesmo que uma vela não brilhe muito, é melhor acender uma vela do que não acender vela nenhuma, porque nesse caso vão queixar-se de que está demasiado escuro.

Percebi bem?, pergunta, parecendo de repente ter dúvidas.

Sim, percebeste perfeitamente, dizes. À luz do dia, tem uma pele inesperadamente pálida e translúcida, e os seus olhos são surpreendentemente claros. Merle significa melro, pesquisaste o nome. Sentes que a devias convidar para ir à festa, embora te perguntes que ideia terá Elaine dela quando a ouvir falar de ativismo ecológico e a vir usar *leggings* térmicas.

Mas ela não vai estar cá hoje à noite. Vou visitar uma sepultura, diz ela. Oh, uau, dizes. Não há como competir com isso. Sim, é muito famosa, diz ela enquanto abana a cabeça. É muito antiga e tem túneis dentro de uma colina. Como uma mamoa?, perguntas. Sim!, diz ela, animada. Ela diz-te o nome da mamoa. Isso fica no meu condado!, dizes. Visitaste-a muitas vezes com o teu pai e em inúmeras visitas de estudo. Dizes-lhe que é pena ela não te ter falado disso antes, porque lhe podias ter dado algumas dicas de sítios onde dormir, uns bons *pubs* nas redondezas. Olha para ti por um momento, está claramente prestes a dizer que te teria falado nisso se lhe tivesses ligado, como prometeste. Mas, só desta vez, consegue refrear-se. Vai ser bom voltar à natureza, diz

ela, e faz saltar a mochila dos ombros. Bem, diz ela, vou andar. Não consegues deixar de te rir. *Vou andar*, ensinam-vos isso na escola na Alemanha?, perguntas. Porque não é assim que dizemos. Ela sorri-te e tu vê-la passar pelo Hub e pelo 1937 e depois entrar na praça e desaparecer de vista.

Tem piada, ela parece uma totó, mas age como se não soubesse ou quisesse saber que é uma totó, o que te leva a pensar se ela será na verdade uma totó. E, por um momento, parte de ti gostaria de ir com ela.

## PJ

Se alguém te perguntasse, terias de dizer que, até ver, o teu plano está a correr na perfeição. A ideia de passar a noite fora foi arriscada, a tua mãe liga na maior parte das vezes aos pais dos teus colegas para se certificar de que está tudo bem, mas desta vez quase não te fez perguntas. Zargham foi uma boa escolha, porque a mãe dele tem um sotaque tão difícil de perceber que a tua mãe evita falar com ela sempre que possível. De momento, também evita falar contigo, provavelmente podias ter dito que querias passar duas noites fora e ela não teria levantado objeções. Tens ainda algumas dúvidas acerca de Cass. Ainda não respondeu a nenhuma das tuas mensagens. Mas ela nunca responde, não esperavas que respondesse, é por isso que vais até Dublin para falar com ela, de maneira que basicamente está tudo bem.

O que te preocupa ainda é saber se devias ter sequer um plano. Perguntas-te se não estarás a fazer a coisa errada, a interferir quando seria melhor não mexer em nada, e se, mesmo que o plano corra bem, não estarás a piorar as coisas. A isto, poderias responder, por exemplo, que as coisas não podem piorar, mas também é verdade que era isso que os tipos pensavam no filme quando enterraram o filho no *Samitério de Animais*.

Mas tens de fazer alguma coisa, não podes simplesmente não fazer nada.

As aulas da manhã parecem nunca mais terminar. Não te consegues concentrar, estás sempre a pensar em novas potenciais falhas no teu plano. E se o autocarro avariar a caminho de Dublin e o motorista disser que é melhor telefonarem todos aos pais para os irem buscar. E se a tua mãe encontrar o teu inalador extra e pensar que é o teu inalador habitual e for a casa de Zargham para to dar? Ou se decidir que quer fazer um

prato tradicional iraniano qualquer e telefonar à mãe de Zargham para lhe pedir receitas?

É por isso que, embora não lhe tenhas dito nada antes, chamas Zargham quando o vês a atravessar o pátio com Pete Barron no intervalo: Ei, Zargham! Zargham detém-se e franze o sobrolho. Oh, porra, queria dizer Tyler, dizes. Desculpa. Zargham parece embaraçado. Pete Barron olha-te com um sorrisinho sardónico, o género de sorrisinho que quer ser visto e que imagines o que esconde por trás. Ignoras o sorrisinho, ignoras Pete, perguntas diretamente a Zargham: posso falar-te por um segundo?

O sorrisinho de Pete Barron alarga-se e vai-lhe de orelha a orelha, como se tivesses acabado de te baixar e rasgado as calças. Vou agora à loja, resmungo Zargham. Certo, dizes. Só queria falar-te de um plano que eu, hã, estou a planear. Coras, consciente de como isto soa infantil e foleiro, embora se trate de um plano real e envolva certos riscos, porque estarás de facto a enganar pessoas. Pete ri-se agora à gargalhada. Talvez quando eu voltar, diz Zargham. *OK*, dizes, e depois: Ou eu posso ir convosco à loja?

Mas ele e Pete já se estão a afastar. Junto ao portão da escola, encontram Dave Okinwale e Rory Coyle.

Dizes para contigo que é muito improvável que a tua mãe queira preparar um prato iraniano. Especialmente quando não estará ninguém em casa. Mas assim que pões de lado uma preocupação, logo aparece outra para tomar o seu lugar: e se, por exemplo, encontrares Cass e *ela* se tiver tornado esquisita? Ou tu? E se *tu* voltares esquisito e errado?

O autocarro para à frente da loja de peixe e batatas fritas, do outro lado da rua, dez minutos depois de as aulas terminarem. Tiras tudo aquilo de que precisas do cacifo durante o intervalo de almoço, e, quando a campainha toca a anunciar o fim das aulas, estás pronto a

arrancar. Há sempre muitos rapazes à volta da loja de peixe e batatas fritas, por isso não vai parecer suspeito a ninguém que passe por lá e te veja.

Mas ao portão alguém te agarra no braço. É Julian Webb. Onde vais com tanta pressa?, pergunta.

Olha-lo, surpreendido. Vês à tua frente os seus dentes brancos e aguçados, parecem brilhar. O que foi?, perguntas.

Está na hora da vingança, diz Julian Webb.

Vingança, ecoa Nev, surgindo junto ao cotovelo de Julian. Simon «Splat» Slattery surge atrás deles. O que está ele a fazer aqui?

Não tenho tempo para isto, dizes, e comesças a afastar-te, mas Splat bloqueia-te a passagem e Julian agarra-te de novo o braço. Não é assim que isto funciona, diz Julian. Tu vais-te embora quando dissermos que podes ir.

Os carros sobem e descem a rua. Segundo o relógio no quiosque faltam cinco minutos para as quatro horas.

Tenho de ir, dizes. Tenho de ir a um sítio.

Devias ter pensado nisso antes de me desrespeitares, diz Julian.

E a mim, diz Nev.

Três minutos para as quatro. Tens de apanhar aquele autocarro, tens mesmo. Mas quando fazes menção de te ir embora, Splat agarra-te a mochila e Julian ri-se e diz: Estás aflito para ir para casa para levares no cu do teu...

Olha, interrompe-lo, isso vai ter de ficar para outra vez.

Julian parece desconcertado. Já te disse, não és tu que...

Quero lá saber, dizes, elevando a voz. Façam isto na segunda-feira. Metam-se comigo nessa altura. Não quero saber. Mas agora, estou no ir. Adeusinho.

Isto dito, empurras Splat para o lado e atravessas a rua até à paragem de autocarro.

Os rapazes olham-te, confusos, do portão da escola. Falam entre eles até resolverem por fim seguir-te até ao outro lado da rua. Mas é tarde de mais, o autocarro chegou. Agora, se quiserem bater-te, vão ter de pagar bilhete.

Mas afinal onde é que vais?, pergunta Julian Webb, consternado, no passeio.

Diretamente para o inferno, respondes-lhes.

Este autocarro vai para Dublin, diz o motorista.

Sim, pois, é isso que eu queria dizer, dizes. Pagas o bilhete, sentas-te, e levantas o dedo médio aos rapazes quando o autocarro arranca.

# IMELDA

Fizeste uma marcação na Beuteeze Telefonaste no último minuto para cancelar

Escolheste algumas peças que talvez possas usar Nem sequer olhas para elas

Escreveste uma mensagem Não consigo fazer isto simplesmente não consigo desculpa perdoa me xxxxx Está ainda por enviar

Na janela grande o céu azul clareia escurece clareia Sombras aparecem para logo desaparecer A casa inteira é como um relógio gigante e tu aguardas dentro dela paralisada ainda de pijama

Não tem de acontecer nada Foi isso que combinaram Só vais comer qualquer coisa Tudo muito sério e normal Provavelmente vão ficar por aí Ser apenas amigos pensas

Mas depois recordas os seus olhos tristes as suas mãos quentes *Sinto pela primeira vez que alguém me conhece a sério* disse-te ele

Quem te dera falar com as tuas amigas! Quem te dera poder dizer-lhes Olhem meninas isto é assim o Big Mike convidou-me para ir para a cama com ele e agora vou a casa dele ou não?

Esqueceres o que é certo ou errado Dizeres-lhes como é seres de novo abraçada e desejada Contar-lhes que sentes o desejo que tem por ti como uma descarga elétrica Que ilumina tudo como uma casa que esteve vazia e abandonada e agora está toda iluminada Mas também como depois é ainda pior do que antes porque agora a escuridão sabe que é escuridão o vazio sabe que é vazio a pobre casa sabe que não é habitada por ninguém

Mas então elas responder-lhe-iam Bem Imelda e o que é que *tu* queres?

Se ao menos ele telefonasse ou escrevesse Te dissesse algo romântico e então quando estás a pensar nisto o telemóvel apita com uma mensagem Agarra-lo de imediato mas é apenas uma mensagem de Geraldine no *chat* das mulheres da Tidy Towns

Bem nunca vão adivinhar quem acabei de ver na Main Street diz ela

Quem? pergunta Maisie

Quem??? pergunta Roisin

Vejam vocês mesmas diz Geraldine que publica um vídeo onde se vê uma loira filmada por trás Calças de marca Casaco da *Penneys* A caminhar à frente do talho É nova consegues perceber E antes que Geraldine escreva outra palavra o teu estômago chocalha como um saco cheio de gelo

Quem é suposto ser essa? É suposto reconhecemo-las pelo cu?

Reconhece-la mas não dizes nada Mordes o lábio pedes a Deus que estejas errada

Digo-vos ou não? pergunta Geraldine Adora um bocadinho de drama

Oh céus anda lá diz Roisin

Ora vejam se não é a Augustina diz Geraldine A antiga ama ou governanta ou o que raio era dos Comerford que o Big Mike andava a comer Anda a pavonear-se de um lado para o outro na Main Street como se fosse uma rainha em visita

Voltou? diz Maisie Qual é a ideia dela? Porque anda aqui a exhibir-se?

Suponho que precise de encontrar trabalho diz Roisin

Trabalho! Troça Maisie Oh sim Procura-se Destruidora de Lares Candidate-se Aqui!

Pois deixem que vos diga meninas que não me estariam a perguntar isso se eu lhe tivesse tirado a fotografia de frente

Grávida??? Escrevem em unísono Roisin e Maisie

Cinco meses cá para mim Está cá com uma barrigona

Achas que o Mike sabe?

Se ainda não sabe há de saber em breve pelo menos é o que eu acho

Não pode ser dele diz Maisie Ou pode? O que é que a Joan vai concluir disto?

A sorte do Mike é que ela está fora diz Roisin

Isso não tem nada que ver com sorte diz Geraldine Aposto que esta tipa tinha tudo planeado Agora está a usar o trunfo

Quer dinheiro?

Por que outro motivo iria andar a passear de um lado para o outro na Main Street Quer que todos a vejam é o que é A mostrar ao Mike que o pode meter em problemas As galinhas voltaram à capoeira para chocar os ovos Ele divertiu-se agora está na altura de pagar

Não é nada que não mereça diz Roisin Filleann an feall ar an bhfeallaire<sup>4</sup>

Uma pontada no teu peito *Mantém-te calada* diz uma voz dentro de ti mas escreves Ele não é má pessoa só cometeu um erro

Sabes melhor do que qualquer outra pessoa que tipo de homem ele é Imelda diz Geraldine e o teu coração parece balançar como um pêndulo Só de pensar como ele entrou como uma cobra no vosso stand acrescenta Expulsou o coitado do Dickie

Foi o Maurice que lhe pediu respostas De qualquer maneira é só temporário

Temporário uma ova diz Geraldine Não se vai ficar por aí Quando deres por ela está a convidar o Maurice para passar o Natal com ele Vai fazer parte da família Nunca mais te livras dele Até ele deitar a mão a tudo o que é vosso

Desde que a ama entre no jogo diz Maisie

Entra sim se lhe der o valor certo diz Geraldine

Tenho de ir dizes e desligas o telemóvel e levas as mãos à cabeça

*Ela não significou nada para mim Imelda* foram estas as palavras exatas que te disse *Foi um erro Foi-se embora Nunca mais a vou ver*

Mas agora ela regressou

Está de volta e grávida Mas talvez não esteja grávida dele Mas se não for dele porque é que teria vindo E se ele a vir e perceber que não foi de todo um erro mas que era o que ele queria Uma nova família Começar de novo Ir-se embora para o Brasil Adeus para sempre

Talvez esteja com ela neste momento Talvez a tenha levado para a casa na floresta

Ligas de novo o telemóvel Nada Devias ligar-lhe Enviar-lhe uma mensagem Não sobre ela algo sensual Estou a pensar em ti Mal posso esperar por logo à noite Mas depois Pensas não Não será este o sinal por que tenho esperado Não prova de uma vez por todas que isto está errado Já chega É demasiado Retomas a tua antiga mensagem *Não consigo* Depois o telemóvel toca e atende-lo de imediato

Imelda Barnes? pergunta uma mulher

Sim dizes lentamente

Hum diz a mulher como se não acreditasse em ti e em seguida A sua tia está muito doente

A minha tia? perguntas

Sim a sua tia A mulher tem um sotaque estrangeiro Hostil Ouve-la escrever no teclado Maura Brennan?

Rose!

Estou? diz a mulher

Ainda aqui estou dizes Sim é ela Ela está bem

Não infelizmente ela teve uma trombose

Uma trombose? Vês tudo a andar à roda Ela vai fica bem?

Não É por isso que lhe estou a ligar Se a quiser ver é melhor vir já

Depois satisfeita Tenha um resto de bom dia E desliga

Pegas no casaco nas chaves no teu coração despedaçado por causa de Rose por o dia que receaste por muito tempo ter talvez chegado por fim No entanto pensas ao mesmo tempo *Mas então e o jantar?* Vem-te à mente uma imagem Vês as mãos de Mike na barriga arredondada da rapariga brasileira na casa da floresta e pensas *Por favor que ela morra noutra noite*

Que Deus me perdoe! dizes em voz alta

---

<sup>4</sup>Provérbio gaélico equiparável a «cá se fazem, cá se pagam». (N. da E.)

## DICKIE

Ele não telefonou. Já passa das seis da tarde. Estás há horas ou sentado ou de pé aqui, num dos poucos sítios da clareira com alguma rede. Começas a perguntar-te se não terá sido apenas uma brincadeira. Sim! Só uma partida! Não estava a falar a sério, não vai telefonar de todo! Porém, sabes que telefonará. E quando te telefonar? O que lhe dirás então? Vais admitir que não tens o dinheiro? Suplicar-lhe misericórdia?

Victor pensa que esta é a abordagem errada. Victor diz que precisas de enfrentar a situação com punho firme.

O que queres dizer?

Quero dizer que eu e tu falamos com o tal sujeito e aplicamos-lhe um corretivo.

Por um momento, olha-lo sem dizer nada. Aplicamos-lhes um corretivo?

Ele olha para ti inexpressivamente por entre o fumo da fogueira.

Queres dizer que lhe devo dizer que tenho o dinheiro, e depois encontramos-nos com ele e...

Victor fica em silêncio.

Não quero problemas, dizes. Já temos problemas que nos cheguem.

Pode dizer-se que ele está a pedi-las.

Ele prometeu que esta era a última vez, dizes.

Já o fez antes?

Não respondes. Em vez disso, dizes: Seja como for, não sabemos onde é que ele se quer encontrar comigo. Pode ser num sítio público, à vista de todos. Não posso simplesmente começar a dar-lhe murros.

Agrada-te, contudo, a ideia de te encontrares com ele, de falares com ele, e de argumentares com ele. Cara a cara, talvez aceda a dar-te mais

algum tempo, talvez seja mais sensato, não?

Victor não responde nada e senta-se de novo encostado ao tronco. Começa a raspar um galho com o canivete.

E se ele ficar furioso por teres aparecido sem dinheiro? Por teres mentido? E se te quiser castigar? És tomado pelo pânico, por uma onda de imagens pornográficas fragmentadas e amalgamadas. Não podes permitir que a tua família as veja — não podes!

Victor olha para o alto. Nuvens azul-pretas juntaram-se no céu acima das copas das árvores. Dizem que vai chover hoje à noite, diz ele com indiferença.

Passou o dia todo sentado no tronco a ouvir-te ou a não te ouvir argumentar contigo mesmo, como Deus a quem um hebreu desafortunado importunasse. Pouco fala, e talvez seja isso que te dá a sensação irracional de que a resposta está contida nele, de que ele sabe o que fazer, o que vai acontecer. E se eu lhe pedir para nos encontrarmos e disser que não tenho o dinheiro?, pergunto. Se lhe contar a verdade, se lhe disser que precisamos de falar?

Victor levanta-se. Queres um cachorro-quente da carrinha?

Abanas a cabeça. Não comeste o dia todo e a própria ideia de comer parece-te de um passado remoto.

O teu telemóvel apita assim que ele sai da clareira. Não é uma chamada, mas uma mensagem.

entrega hj noite 10h nem + cedo nem + tarde neste sítio:

Lês distraidamente as indicações. segue nova estrada fora da vila... segunda à direita depois ponte... casas vazias... Paras de ler, franzes o sobrolho, retomas a leitura. Mas estás cada vez mais confuso.

há uma floresta... caminha cinco minutos...

Esfregas os olhos. Deve estar a escapar-te alguma coisa. Deixou um *link* com coordenadas GPS no fim da mensagem. Clicas no *link* e vêes o

mapa abrir-se lentamente no ecrã. As árvores abanam à tua volta como se um gigante tentasse arrancar a floresta pelas raízes.

O telemóvel indica-te o exato local em que te encontras.

Um erro — fizeste algo de errado. Está apenas a mostrar-te a tua própria localização. Apagas as coordenadas, fechas a aplicação, recomeças. Mas não. Estás aqui, junto ao Esconderijo, um pino azul no fundo verde da floresta. E o local da entrega, assinalado por um ponto vermelho, está a cinquenta metros a sul. Orientas-te embora já saibas o que vais ver. Olhas para o fundo da encosta, para o retângulo que mal se vê na escuridão. E que te olha de volta por entre as folhas.

um antigo barraco de pedra com telhado de chapa

Porque é que ele se lembrou de fazer isto? Porquê aqui? O que é que ele está a tentar dizer-te?

Andas de um lado para o outro na clareira. A fogueira confere a tudo à tua volta uma sensação medieval, *chiaroscuro*, uma incerteza profunda e tenebrosa. Victor está impassivelmente sentado no meio desta escuridão e o fumo do cigarro escapa-se-lhe dos dedos.

Deve fazer parte do seu plano, dizes. Uma armadilha qualquer. Mas que armadilha? Qual é a ideia dele? O que é que isto significa?

Victor encolhe os ombros. Talvez não signifique nada.

Como pode não significar nada?, dizes, amargurado. Escolhe precisamente o nosso *Bunker* para a entrega do dinheiro e isso não quer dizer nada?

Tens a cabeça a mil à hora. Como é que ele o descobriu? Seguiu-te? Também escondeu câmaras por aqui?

Talvez não saiba, diz Victor.

Talvez não saiba o quê?

Talvez não saiba que esta terra te pertence. Talvez não saiba que é o teu *Bunker*.

Como pode não saber? Elevas a voz até um tom quezilento, quase histérico. Ao mesmo tempo, pensas: Como poderia ele saber?

Alguma vez o trouxeste até cá?, pergunta Victor.

Abanas a cabeça.

Mas ele mora cá na vila?

Costumava viver, respondes relutantemente. Viveu cá algum tempo. Achas que o descobriu por acaso? Que não sabe que estamos aqui? Ou será uma armadilha?

Victor puxa uma fumaça. É possível que tenha dado uma vista de olhos ao sítio, diz ele, e que nos tenha visto trabalhar e descoberto alguma forma de o usar contra nós.

Olha para a ponta da salsicha, aproxima-a das chamas. Mas, tendo em conta o que me contaste, o tal tipo segue ao ritmo do momento. Não maquinou um grande plano. Vai inventando à medida que as coisas acontecem.

Vê as coisas da perspetiva dele. Saiu da vila há dois meses. Não vem cá desde então. Põe-se a puxar pela cabeça para tentar descobrir um sítio porreiro e longe das vistas onde alguém possa deixar um saco cheio de dinheiro. E depois lembra-se do barraco velho no meio da floresta. Perfeito. Devia cá voltar para lhe dar primeiro uma vista de olhos, certificar-se de que está como se lembra dele. Mas o nosso rapazola não é assim. E é deste modo que comete um erro grave.

Olha-te nos olhos. O fumo eleva-se à sua volta como se ele se tivesse erguido da terra.

Entra sem autorização na propriedade de um habitante local, diz ele, onde dois caçadores estão a tentar controlar uma praga com armas de

fogo registadas e perfeitamente legais. Já é tarde, já é escuro. Ele está escondido no meio dos arbustos.

Aguardas como se não soubesses qual o desfecho. Victor une as mãos e depois afasta-as. Um acidente trágico, diz.

Não falas — não consegues falar. Também não consegues desviar o olhar daqueles olhos estranhos que fitam outras dimensões, deixando entre eles um vazio, um espaço terrível de escuridão, onde parece ver-te a ti mesmo desenraizado, insignificante.

Não quero magoar ninguém, dizes debilmente.

Claro que não queres, diz Victor. Mas é o mesmo que se passa com os esquilos. Se não fizeres nada, a situação só vai piorar.

Não é a mesma coisa, dizes. Ele é um ser humano.

Claro que é, toda a gente é um ser humano, se fores por aí, diz Victor.

Desvias o olhar. Talvez seja um erro, dizes. Se calhar as coordenadas estão erradas. Vou ligar-lhe.

Mas Ryszard não atende a chamada. E Victor fala, aproveitando o silêncio.

Não estou a dizer que é um sinal, Dickie. Mas não é por isto mesmo que aqui estás? Porque sabias que, mais cedo ou mais tarde, alguém tentaria fazer mal à tua família? Porque querias um sítio onde a pudesses defender?

A escuridão enche o céu como água que subisse de nível. As folhas secas das árvores estremecem nos ramos cinzentos como ossos escarnados. Meu Deus, sussurras para contigo, meu Deus.

## CASS

Ainda não anoiteceu e a festa já está a todo o gás. Ainda te estavas a arranjar quando os convidados começaram a chegar, porque o *workshop* de botão de Edelle foi cancelado no último minuto portanto ela decidiu vir logo para tua casa e a turma inteira acompanhou-a ainda de fato de dança vestido. Já estão aqui tantas pessoas que pela primeira vez a casa está quase quente. Os altifalantes martelam a música, a cerveja que compraram no supermercado já praticamente desapareceu por completo do frigorífico, um rapaz está agachado na vossa mesinha de apoio em postura de surfista. Bela festa! — é o que todos dizem. E é mesmo uma bela festa. Não conheces noventa por cento destas pessoas, mas ninguém poderá dizer que o ambiente nesta casa está lúgubre.

Só Elaine parece não estar a apreciar a festa. Está num grande círculo composto por tipos do género desportista e nem sequer finge ouvir o que dizem: sempre que a campainha toca, vira a cabeça para ver quem é, para logo a virar de novo, triste, quando a pessoa errada transpõe a porta.

Sabes que está à espera de jj. E tu também esperas, do outro lado da sala, e vives as mesmas emoções de forma invertida, como o reflexo num espelho. Quando os olhos lhe chamejam de esperança, o coração cai-te aos pés, desfeito, e quando a desilusão se apodera dela, respiras de novo, aliviada.

Todas as tuas resoluções ponderadas — sobre seres sincera com ela, dizer-lhe o que sentes, desistir dela se for essa a sua vontade — desapareceram por completo. Quem querias tu enganar? A ideia de desistir dela é-te insuportável. E, por conseguinte, a ideia de lhe abrires o coração com franqueza também o é. Em vez de te confessares, pões uma vez mais a máscara e finges o melhor que podes que te estás a

divertir imenso (sem lugubridade nem obsessões) enquanto te posicionas para a confortar assim que aceitar que jj não vem. Estará embriagada e vulnerável e talvez te chore outra vez no regaço.

Mas o que farás se jj aparecer mesmo? Vais continuar queda e muda nesse canto, triste, a ver Elaine abrir caminho por entre os convivas para cumprimentar jj? Vê-la, impassível, segurar-lhe no casaco, rir-se e dizer: *Sempre vieste!*, e depois: *Anda beber um copo*, antes de ê conduzir à cozinha? E depois vais segui-lus até lá e manter-te afastada enquanto vês a tua companheira de casa bombardear ê professore com perguntas — todo o género de questões complexas sobre literatura e género e patriarcado —, para em seguida ouvir com atenção as respostas delu, radiante como uma lanterna chinesa, sem sequer dar conta de que estás à escuta junto à porta, a espiá-la como uma tarada, embora talvez até se aperceba, porque, quando te distraís momentaneamente com alguma coisa na sala ao lado, viras-te e já não és vês — não estão na cozinha nem na sala de estar nem no pátio, junto dos fumadores, e então dás de novo uma vista de olhos à sala de estar, dás uma volta e mais outra no teu pequeno círculo de agonia, embora saibas que é tarde de mais, tarde de mais...

E mesmo que elu não apareça: achas mesmo que vais ter sossego? Pensa, Cass, usa a cabeça! Se não for esta noite, será noutra! Se não for com jj, será com outra pessoa qualquer! O que é o mundo se não um exército-sombra de potenciais amantes de Elaine? Tens de FAZER alguma coisa! Tens de AGIR! Tens de deixar de ser tão cobarde, patética e repugnante e de avançar ESTA NOITE! AGORA!

O rapaz ao teu lado está a tirar uma lata de cerveja de um saco e vê-te a olhar para ele. Queres uma?, pergunta. Anuis com um aceno de cabeça. Abres a lata e esvazia-la de uma só vez. A cerveja borbulha dentro de ti como um refrigerante mágico. Sentes-te de imediato na

posse de superpoderes. O rapaz ri-se e dá-te outra. Aposto que não bebes duas assim de enfiada, diz ele.

*OK, pensas. OK, OK.*

Encontra-la com Kit na sala de estar. Intrometes-te na conversa. Intro-metes-te, mas metes o quê? A língua, ou outro pedaço de carne? E a quem? Ou intro-me-tes-te, uma intro de pecado, uma espécie de teste fora do casamento, provar, comer, matar.

Pararam de falar e estão a olhar para ti.

Posso dar-te uma palavrinha?, pergunta a Elaine.

Arrasta-la contigo até ao vão das escadas. Está a ser uma bela festa, dizes. Sorris-lhe. Está a correr às mil maravilhas.

Pois, diz Elaine, e depois: O que se passa?

O quê?, respondes.

Pediste para me dar uma palavrinha, diz ela.

Ah, sim!, dizes, rindo-te. É estranho: por um lado, mal consegues acreditar que estás finalmente a fazer isto, e por outro, sentes-te calmíssima, porque sabes que desta vez vais dizer o que tens a dizer e que vai correr bem! Parece-te que já quase lhe disseste o que lhe querias dizer e que Elaine respondeu algo do género *Meu Deus, até que enfim, esperei tanto tempo por isto...*

Então, o que é?, pergunta. Olha distraidamente para a porta e depois para ti.

Oh, nada de especial, para ser sincera, respondes. Só queria falar contigo.

Estava a meio de uma conversa, diz Elaine.

Sim, pois, dizes, eu também. Quero dizer, também estive a conversar.

Estás-te a sentir bem?, pergunta Elaine.

Quem, eu?

Estás a portar-te de maneira esquisita, diz ela. Depois, semicerra os olhos. Estás bêbada?

Não, respondes. Ouve...

Estás, sim, diz ela, estás toda cega.

Bebi uma latinha de cerveja, admites.

Bebeste foi mais que uma, diz ela.

Não interessa, dizes. Ouve. Tenho de te dizer uma coisa.

Franze a boca e olha-te com olhos de *laser*. O teu coração bate com tanta força que é como se alguém to tivesse acabado de enfiar, novinho em folha, no peito.

Então?, pergunta.

Estava só a pensar que é fantástico estarmos as duas aqui, na faculdade, e a darmos uma festa fixe. E pensar que éramos, tipo, duas totós que andavam na mesma turma numa vilória! Percorremos um longo caminho — é isso que quero dizer.

Pois. Bem, vou retomar a minha conversa, *OK*?

Não, espera, dizes. Tenho de te contar uma coisa...

Podes contar-ma depois! Em qualquer altura! Vivemos literalmente juntas!

Vira-se para se afastar. Agarras-lhe o vestido por impulso. Volta-se para trás com uma expressão gélida. O vestido é novo. Sentes o tecido fino na tua mão.

Desculpa, dizes. É importante.

Elaine espera. O ar vibra. O rapaz da cerveja tinha um amigo que estava a fumar um charro, e o charro começou agora mesmo a fazer efeito. Tentas concentrar-te. E se bebesses mais uma cerveja? Isso faz-te pensar numa coisa e de repente comesas a rir-te. Lembras-te daquele

*barman* no Drain que te curtia e que nos dava sempre aqueles *shots* todos marados?

Foi para me falares disso que me trouxeste aqui?, pergunta Elaine.

Não... não. Controlas as risadinhas e recompões-te. Como começar. Bem, lembras-te de quando conhecemos aquele russo esquisito...

Elaine revira os olhos. Estou numa festa, Cass!

E então?

E então chega de me pedir para me lembrar de coisas tipo... de coisas do passado!

Não é isso, é que...

Desde que viemos para cá que *não paras de falar* da nossa terriola! Daqueles *pubs* merdosos! Das professoras! Dos *palheiros*! Vim para cá para fugir dessa treta toda! Interrompe-se quando tocam a campainha. Não é ê jj, dizes quando ela se vira para ver quem é.

O quê?, diz. Quem falou em jj?

Ninguém, respondes.

Semicerra os olhos. Não percebes porque é que isto está a correr tão mal. Talvez seja melhor falarmos noutra altura, dizes.

Elaine solta um suspiro. Começo mesmo a perguntar-me se fazemos bem uma à outra, diz.

Olha-la boquiaberta. Tens de novo o coração aos pulos. O que queres dizer com isso?

Quero dizer que se calhar nos estamos a limitar uma à outra. E que esta relação pertence talvez a uma vida que já deixámos para trás.

Começas a falar, mas não sabes o que dizer. Tens os olhos a arder e procuras as palavras certas, mas não reténs nenhuma. Desculpa. Não falo mais do passado... Não tinha noção...

Elaine fita-te impassivelmente. O álcool que ingeriste durante o dia sobe-te à cabeça e avança como um mar negro e achas que vais chorar,

não, achas que vais vomitar, mas uma voz desesperada ergue-se do caos e ordena-te: *Resolve isto! Resolve isto!* Por isso, apesar de este ser o momento errado para lho dizer, comesas, de qualquer maneira, a confessar-te: A verdade é que eu... eu...

Mas a expressão dela alterou-se. Arregala os olhos, franze o nariz. Nesse mesmo instante, apercebes-te de que as pessoas na sala estão agitadas. Junto à porta da frente, que está aberta, algumas pessoas riem-se — algumas jocosamente, outras por acharem graça — e de entre a multidão surge...

Mas que caralho?, diz Elaine.

É o teu irmão. É PJ. Olha-lo e não sabes se estás acordada ou a sonhar. Ele vê-te e acena-te, e depois detém-se, olha-te com hesitação, atenta na tua cara chorosa, e sentes o peito explodir-te de vergonha.

Elaine confronta-te, furiosa, com as mãos nas ancas. Não sei o que ele está a fazer aqui!, ouves-te vacilar. Não fui eu que o chamei!

Ela levanta as mãos e volta-te costas, enojada. Foda-se! Foda-se! Atravessas a sala como uma flecha e agarras PJ pelos ombros. O que estás a fazer aqui?, gritas. Não podes estar aqui!

Começa a chiar uma explicação qualquer, mas não lhe dás hipótese de falar: fá-lo dar meia-volta com um piparote e empurra-lo de volta para a rua. Sais e fechas a porta. O que estás a fazer aqui?, repetes. Não podes aparecer sem avisar!

Tentei ligar-te, diz. Mas nunca atendes!

Porque não quero falar!

É uma emergência!, diz, e começa a debitar uma algaraviada sobre o vosso pai e armas e esquilos e *bunkers*, e não se cala até levantares a voz e gritares: Para!

Estremece e olha para ti. Aqui, na cidade, parece mais pequeno. A tua fúria misturou-se com a náusea e o baixo-ventre lateja-te com uma

dor enjoativa.

O que estás a fazer aqui? A mãe sabe que estás aqui?

A torrente de palavras reinicia-se, o pai, o banco, o carro, a queda, e tu abana-lo. Não estás a prestar atenção ao que te digo! Não podes estar aqui! Não podes simplesmente aparecer por aqui sem avisar ninguém! Não percebes isto?

Estou mesmo preocupado com ele!

E que esperas que eu faça acerca disso?

Baixa a cabeça. Pensei que podias falar com ele, murmura.

Com o pai?

Ele dá-te ouvidos.

Ah! Não podes deixar de te rir, porque te lembras da expressão de horror estampada no rosto do teu pai quando te viu estendida no chão do salão de baile do hotel Burke's. À frente de todos os convidados, que testemunharam assim o quanto és estranha! A porta abre-se atrás de ti. Isto é uma piada, ou quê?, pergunta Elaine. Achas que isto tem graça?

Está tudo bem, dizes. Estou a tratar do assunto.

Ele não pode ficar cá, diz ela.

Não vai ficar cá, garantelhe. Dá-me só um minuto, *OK*?

Isto não é uma festa para crianças, diz ela. As pessoas já estão a partilhar esta cena no Twitter.

Ele já se vai embora!, insistes.

Elaine olha para o fundo da rua. Não se vê vivalma. Tu e a merda da tua família, diz ela antes de fechar a porta.

Olhas para PJ, que, na sua inocência, parece estar à espera que o vão buscar ao treino de futebol, e és acometida de uma nova onda de raiva. Não ouviste o que ela disse?, perguntas. Tens de te ir embora!

Olha-te sem te compreender. Supostamente é inteligente, mas é estúpido como a merda! Olha!, dizes. Não quero saber da crise de meia-

idade do pai, ou lá o que é! Percebes? Não quero saber do *stand*! Isso já não faz parte da minha vida! Agora podes fazer-me o favor de te ires embora, foda-se?!

Ele endireita-se; tem as faces rosadas. Está prestes a lançar-se num novo discurso, mas interrompe-lo de imediato. É por ali, dizes-lhe, e agarra-lo pelos ombros e fá-lo dar meia-volta. Segue a linha do elétrico. Leva-te à estação de autocarros. Adeus.

Não esperas para o veres começar a caminhar. Deixa-lo simplesmente ali sozinho, como um cão que não consegues espantar, voltas a entrar em casa e fechas a porta com estrondo. Na cozinha, pegas numa lata de cerveja que alguém guardou no frigorífico, abre-la e bebe-la. Quando tocam a campainha, receias que ele tenha voltado, mas afinal são só algumas pessoas que acabaram de chegar à festa e, por isso, vais para a sala.

O que é que se passou?, pergunta Darl.

Hã?, dizes.

Era o teu irmão?

Ah, sim, era, dizes, rindo-te.

O que é que ele veio cá fazer?, pergunta Darl. Pensava que eras de longe.

Pois, ele é cá um anormal, dizes.

Darl franze o sobrolho.

Está tudo bem, dizes. Bebes mais cerveja e sorris. A conversa toma outra direção. Um ou dois minutos depois, é como se PJ nunca tivesse aparecido.

Consultas o telemóvel e constatas que de facto te enviou uma mensagem a avisar-te de que te ia visitar. Só não tinhas percebido que era agora. Pensaste que queria apenas dizer-te que te queria visitar um dia. De qualquer maneira, não interessa.

Elaine acena-te do outro lado da sala. Está a sorrir, quer que te aproximes. Não parece zangada com o que aconteceu. Provavelmente está impressionada por teres resolvido o problema tão depressa. Talvez até tenha sido bom PJ aparecer, porque a fez esquecer a vossa conversa.

Está a falar com um rapaz de cabelo preto e olhos azuis. Já o viste na faculdade, achas que estuda História. Esta é a tal amiga de que te estava a falar, diz-lhe ela. O rapaz sorri-te e começa a falar-te de um sujeito que parodia *rappers* famosos. Ris-te. Mas na verdade não o estás a ouvir. Tens alguma coisa a zumbir-te dentro da cabeça. Os esquilos: tens a sensação de que PJ te disse que o vosso pai anda *a matar* esquilos com uma espingarda. Não te lembras efetivamente de ele to dizer, mas ficaste com esta impressão. E imaginas dúzias de esquilos mortos na floresta.

Não consegues conceber tal coisa. O teu pai é até incapaz de montar armadilhas para ratos, a menos que não os façam sofrer. Deves estar enganada, percebeste tudo mal, dizes severamente para contigo, e concentras-te no rapaz e nos seus memes. Mas os esquilos não te saem da cabeça, estão sempre a aparecer — correm pela vegetação rasteira da tua mente, no seu habitual para-arranca, e detêm-se para te examinar. E dás por ti a pensar também em PJ a descer a rua com a mochila às costas, e por um instante uma mão pegajosa parece apertar-te o coração.

Vai ficar bem, dizes para contigo, o elétrico vai a direito para a estação rodoviária. No fim de contas, o que é que ele esperava que fizesses? Que organizasses uma intervenção para salvar o teu pai? Que abanasses uma varinha de condão e fizesses com que os teus pais se amassem outra vez? Achava mesmo que ias largar tudo e correr de volta a casa e resolver todos os problemas?

Era isso que ele tinha em mente?

Foi por isso que te quis ver? Porque achava que seria capaz de te convencer?

Foi por isso que veio sozinho a Dublin?

Olha só para isto, diz o rapaz, que saca do telemóvel e desliza o indicador e o polegar pelo ecrã. Também quero ver, diz Elaine, que se encosta ao ombro do rapaz.

Viras-te ligeiramente de lado e envias uma mensagem: Chegaste ao autocarro?

No telemóvel do rapaz, um homem com uma *t-shirt* branca e a conduzir um carro está a cantar *iiiiéé, iiiéé, esparguete da mamã*.

É tão engraçado!, diz Elaine. O rapaz sorri a Elaine e depois para ti. Também lhe sorris. A mensagem que enviaste continua por ler. Ainda a sorrir, viras-te um pouco para o lado, ligas a PJ e levas o telemóvel ao ouvido. A chamada entra de imediato no *voicemail*, o telemóvel está desligado, ele desligou o telemóvel? Ou está a ignorar-te? Ou...? Liga-me de volta quando ouvires a mensagem, murmuras. Elaine lança-te um olhar, mas o rapaz não reparou em nada. Têm de ver o Lil Wayne dele, diz. Enquanto procura o vídeo no telemóvel, pergunta: Então, vocês são daqui de Dublin? Elaine responde-lhe e ele anui com um aceno de cabeça. Todas as pessoas íntegras são de outros sítios, diz ele. Respiras fundo, mas não acontece nada, o ar não te está a entrar nos pulmões. Então conhecem-se bem?, pergunta. Elaine olha para ti como é costume olhar quando outra pessoa a vê a olhar para ti. Pode dizer-se que sim, diz ela. Uma vez, quase fizemos um *ménage*, não foi, Cass? Ela aperta-te a mão.

Não me toques, dizes.

Ela sobressalta-se. O rapaz dos vídeos parece confuso. Tu também estás confusa. As palavras saíram-te simplesmente — não sabes de onde. Mas, de repente, és acometida de uma enorme repulsa, como se te visses a um espelho e estivesses a apodrecer na imagem refletida. Estás bem, querida?, pergunta Elaine. Não sabes o que lhe responder. Só que

sabes. Odeio-te, dizes. Odeio-te, foda-se, dizes. É claro que, na realidade, queres dizer que te odeias a *ti própria*, que odeias o teu reflexo no espelho, mas agora não tens tempo de lhe explicar isto. Ela ainda te segura na mão: solta-la com um sacão, viras-lhe costas e largas a correr.

Quando dás por ela, estás fora de casa e olhas para a rua como se ele ainda pudesse estar aqui, como se durante todo este tempo tivesse caminhado sem sair do sítio com a esperança de te ver reaparecer. Mas não está. Não está aqui ninguém, exceto as faces opacas das casas alinhadas, cem casas num lado, outras cem casas no outro, e para lá desta rua outra rua, e para lá dessa rua outra e mais outra e mais outra, ruas e mais ruas e mais ruas, com casas e mais casas e mais casas onde moram pessoas sobre as quais nada sabes, pessoas que nunca viste. Agora estás na cidade grande. Se quisesses encontrar alguém, ainda que fosse alguém que amas, não saberias sequer por onde começar a procurar. E, quando largas a correr, não sabes para onde vais.

# IMELDA

Parece feita de cera está pálida encarquilhada Ainda mais do que já estava A saliva escorre-lhe por uma das commissuras da boca que está descaída Nota-se-lhe o medo no olhar Achamos que teve uma segunda trombose diz a enfermeira

Sentas-te ao lado da cama Rose dizes Sou eu a Imelda

Hal hal sussurra ela Bá bá bá

Tem três grandes pelos no queixo É uma vergonha deixaram-na neste estado dizes à enfermeira Uma vergonha Vasculhas a tua malinha para ver se tens contigo a tua pinça Sabes que sim mas não a encontras

A enfermeira pousa-te uma mão macia no ombro Não está a sofrer diz com simpatia

Tentas perguntar-lhe se o padre já cá veio mas não consegues não dizes nada Vou deixar-vos uns minutos a sós diz ela e fecha a porta com gentileza quando sai

Pegas-lhe na mão Não sabes o que dizer agora que estás a sós com ela Tens a sensação horrível de que foste tu quem causou isto Que a fizeste adoecer com a tua algazarra Embora saibas que não foi por isso A realidade é que ela é velha Velha Um fragmento do passado Como uma joia de pechisbeque azul caída num campo Tem o rosto repleto de rugas Os seus olhos já não reconhecem nada Meu Deus O tempo O que ele faz Podias chorar de manhã à noite e mesmo assim não seria suficiente

Só arqueja ela Cá

Rose sussurras como se ela pudesse ouvir-te Sussurras à Rose que costumavas conhecer à Rose do passado Como se ela pudesse ouvir-te e levar-te de volta para a sua casinha De volta para a tua casa De volta para aquela época terrível O teu pai bêbado e em lutas A tua mãe a

guinchar como um porco Os teus irmãos a darem cacetada uns aos outros A polícia à porta A casa à luz azul Darias qualquer coisa para lá voltar qualquer coisa

Fle Fo sussurra Fan

Apertas-lhe a mão Beija-la Fecha os olhos e leva-la à tua cara

O Frank diz ela

Olha-la

Um olho húmido olha para ti

Na parede no canto um ponto vermelho brilha como uma brasa acesa no vidro preto da televisão desligada

O Frank está aqui diz ela

A porta abre-se Um homem entra

Vindo do passado Tudo volta

Não o reconheces de imediato Podia ser uma pessoa qualquer Um homem de anoraque magro um tanto calvo Se o visses na rua passarias por ele sem parar Depois isto muda de repente sabes quem ele é e é como se tivessem vivido juntos este tempo todo Ou como se não tivesse passado tempo nenhum tal como querias ser de novo uma rapariga E vocês os dois a atirar paus ao rio

Levantas-te e abraça-lo

Onde estiveste metido este tempo todo perguntas

O pai dissera-lhes que tinhas morrido

Morrido? dizes

De cancro diz ele como a mãe

Eu cá não tinha certeza diz ele Não sabia se havia de acreditar nele

De qualquer maneira achava que não querias nada connosco diz ele  
Depois de te casares

Nada convosco? dizes Vocês eram a minha família

Lar olha para o chão

Uma vez escrevi-te uma carta diz ele Não a recebeste?

Abanas a cabeça não consegues falar

Paguei a um homem para ma escrever Não a deve ter enviado

Tinham ido para Inglaterra Todos eles O teu pai Lar Christy JohnJoe  
Golly Haviam tido de novo problemas com os Finlay e viram-se  
obrigados a partir Voltaram a Doncaster onde desmontavam carros para  
vender peças para a sucata e falavam sempre de regressar a casa Mas  
nunca regressaram

Foi por isso que se foram embora? perguntas Por causa dos Finlay?

Ele tem olhos azuis e meigos Quanto mais olhas para ele mais é  
como costumava ser Apesar de ter um rosto desgastado o rapaz que há  
nele surge com toda a nitidez Como se o tempo houvesse voltado para  
trás

Como está o Dickie pergunta Ainda trabalha no *stand*

Oh respondes e acenas com uma mão Nem me fales disso

Mas tenho dois filhos dizes Sacas do telemóvel e mostras-lhe  
fotografias A rapariga está na universidade em Dublin dizes Chama-se  
Cassandra

Ah sim diz ele Muito bem quem diria Um de nós entrou na  
universidade em Dublin É fabuloso

Sentes-te radiante Ele foi sempre o melhor de todos Lar

E tu? perguntas Tens filhos?

Dá um estalido com a língua Ná diz

O JohnJoe tem dois em Chester e o Golly tem uma ninhada inteira  
em Oz embora se tenha separado da mulher

A vida de casado não é fácil dizes Não é para todos

Passei uns tempos na prisão diz ele E quando saí o pai tinha mudado  
Voltei a preocupar-me com ele Presumo que nunca tenha deixado de  
preocupar

Ficaste com ele dizes e pensas *Depois de tudo o que ele fez*

Precisava de alguém que tomasse conta dele diz Encolhe os ombros  
Precisava de alguém

Não dizes mais nada Queres perguntar-lhe mas não consegues Mas  
ele di-lo de qualquer maneira

Já morreu diz Há seis meses mais ou menos quando houve aquelas  
cheias horríveis Vocês também as tiveram por cá

Já morreu repetes

Parece-te que uma cortina desce sobre o quarto ou será dentro de ti  
Foi o álcool que o matou diz ele Continuou a beber mesmo depois de  
perder as duas pernas

Mostra-te uma fotografia no seu telemóvel Um rosto magro e pálido  
incrustado num amontado disforme de cor-de-rosa As rugas de fúria  
aplanadas em gordura como se ele se tivesse afundado em areia  
movediça Mãos que parecem garras a agarrar os braços da cadeira de  
rodas

Hoje em dia não toco sequer em álcool diz ele

Ficam os dois em silêncio Rose arfa na cama A televisão desligada  
zumbe E estás de volta àquela casinha onde o teu pai pairava sobre tudo  
como o céu sobre a terra e onde vivias de acordo com as suas  
disposições o sol a brilhar a geada as tempestades Agora o céu  
desapareceu e o tempo também

Lar abraça-te

Quem me dera que alguém me tivesse dito choramingas ao seu  
ombro

Dá-te uma palmadinha nas costas e oferece-te um lenço de papel da caixa junto à cama

Ele falava de mim Mencionou o meu nome uma vez sequer

Lar solta um longo suspiro

Falava mal de mim dizes

Lar franze o sobrolho Pensa no que dizer Nas palavras corretas Achava que não te devias ter casado com o Dickie diz

E apesar do teu desgosto não podes deixar de te rir Bem podes dizê-lo

Foi difícil para ele diz Lar

Afastas-te Secas as lágrimas Difícil para *ele*?

Acho que ele pensava que não ias mesmo, mesmo casar-te diz ele Nunca acreditou que fosses capaz de o desafiar

Acho que ele tinha algumas expectativas diz ele de olhos postos nas mãos entrelaçadas

Pensava que eu ia tomar conta dele dizes Que ia cuidar dele até morrer

Que ias ser sempre a menina dele diz Lar

Os olhos ardem-te Por um momento pensas que a mágoa te vai despedaçar Até se tornar fúria Que é mais fácil de gerir E não foi capaz de ultrapassar isso dizes Até morrer Nem sequer conseguiu admitir que eu estava viva

Sabes como é que ele era diz Lar Era orgulhoso Nunca admitia que estava errado

Sim E toda a gente à volta dele teve de pagar por isso A tua mãe os teus irmãos Lar a quem o teu pai roubou a vida Tê-la-ia roubado a ti À sua menina Se não fosse pela bebé terias sido tu A levar-lhe latas de cerveja a amaciar-lhe as almofadas A lavar-lhe as roupas Pelo resto da tua vida

Mas a fúria desaparece tão depressa quanto surgiu De que adianta agora Qual o sentido de voltar a pensar nisso Morreu Que todas essas misérias continuem mortas e enterradas juntamente com ele

Rose gorgoleja puxa expetoração tem os olhos fechados Cal diz ela Caracol

Estou contente por te ter encontrado aqui diz ele Tinha esperança de te ver cá

Embora pensasses que eu tinha morrido

Sorri e olha para as mãos Uma mancha numa delas Uma cruz tatuada a azul Como soubeste que devias vir cá perguntas Como sabias que a Rose estava doente Também te ligaram daqui do lar *Mas porque é que haviam de lhe ligar?* pensas

Como é que sabias sequer que ela estava aqui perguntas

E Lar olha para ti o sorriso desaparece-lhe está nervoso Começa a dizer alguma coisa e para de repente Contraí a boca

O que foi perguntas

Lar suspira passa a mão pelo cabelo ralo Depois inclina-se em frente com os cotovelos apoiados nos joelhos leva as mãos à cara Imelda diz ele Tu sabes que a Rose tinha visões Via coisas antes de elas acontecerem

Bem nestes últimos anos começou a acontecer-me a mesma coisa

Foi na prisão que as comecei a ter diz ele e toca na cabeça As visões diz ele

Estou a ver dizes Sentes-te tristíssima

Ao início tenho dores de cabeça Duram dias a fio às vezes mal me consigo levantar e depois quando acabam Começa a divagar Bate com o pé no chão Quando acabam

Arregala os olhos e puxa pelos cabelos Lembras-te dos Finlay há muito tempo Quando foram a nossa casa E aquele cão preto enorme

apareceu lá fora e se pôs a olhar para dentro

Vimo-lo lá fora Olhos enormes Nunca me esqueci daquilo como se parecia Bem tenho-o visto outra vezes Nestas visões O mesmo cão Juro por Deus

Não sabia o que significava só sabia que não era nada de bom E passado algum tempo pensei em voltar cá procurar a Rose Perguntar-lhe se ela também o via Se sabia E então encontro-a assim

A cortina de *nylon* mexe-se apesar de a janela estar fechada Ao teu lado a velhota agoniza tartamudeia coisas sem nexo Es Que Escu

Então é verdade Chegou a hora dela Está a morrer

Deve ter sido um choque horrível para ti dizes

Pelo menos vi-a antes de morrer diz ele Aquele cão fez-me um favor

E agora também te vi diz ele Nunca te esqueci Imelda durante todos estes anos O que eles diziam não tinha importância nenhuma

Pensei sempre em ti Rezei sempre por ti Podes sempre contar comigo Ainda sou teu irmão

Sorri Tem olhos azul-claros O rosto carcomido Tresanda tanto a álcool que quase desmaias O rapaz que ao teu lado atirava paus para o ribeiro Que durante anos foi o teu único amigo

Nunca escapou da casa do vosso pai Ainda lá está juntamente com os fantasmas e os demónios

Obrigada dizes e abraça-lo

O quarto está em silêncio Só se ouve o zumbido das luzes E a velhota a palrar com as suas últimas forças Es Esq Esqui

Esquiros sussurra ela

Coitadinhos dos esquiros

E quando olhas para ela vês que as lágrimas lhe correm pelo rosto abaixo

## PJ

Aqui tens um facto sobre o universo, talvez o facto mais importante de todos: é impossível apreender na totalidade o quanto não quer saber de nós. Não se trata apenas de não querer saber da Vida. Não se importa sequer com a *matéria*. Tudo aquilo que concebemos quando pensamos no todo — a luz das estrelas, *marshmallows*, as rãs, o basquetebol, a eletricidade, todas as pessoas que viveram e morreram, todos os objetos que existem e toda a energia — é apenas uma fração minúscula do universo. O resto é composto por escuridão: energia escura, matéria escura, que são apenas termos que os cientistas usam para designar aquilo que não sabem na verdade o que é. Aquilo a que chamamos universo é basicamente um ponto microscópico nesta escuridão gigantesca e incompreensível, como um bocadinho de algodão numa camisola de tamanho XXXXXXXXXXXXL, e a vida é como uma nanopartícula nesse pedacinho de algodão.

Por isso, se pensares bem, quem é que se preocupa em salvá-lo, ou seja o que for que faz parte dele, porque basicamente nada disto era sequer suposto existir. Cass tinha razão acerca disso.

Ainda assim continuas sem perceber porque é que ela teve de te gritar. Não percebes porque é que ela teve de *te expulsar de casa dela*. Ela disse-te que podias vir até cá em qualquer altura, que podias dormir cá, ela *disse-te* tudo isso, embora diga agora que não disse. Como podias saber que ela estava a dar uma festa? O que é que ela pensou que ias fazer — que lhe ias pedir gelatina e gelado?

Mas, por outro lado, o que é que pensavas que *ela* ia fazer? Pôr tudo de lado e regressar de imediato contigo a casa? Saltar do autocarro e correr até à floresta e encontrar o teu pai e dizer-lhe que o ama e que vai ficar tudo bem? Ele ficaria de novo bem, como num desenho animado

em que alguém fica com um galo na cabeça e perde a memória e depois lhe fazem de novo um galo na cabeça e a memória regressa no mesmo instante? A sério, que género de plano é esse, só uma criança podia pensar que ia funcionar, só um idiota, não passas de um idiota, *idiota*, dizes para contigo em voz alta e então um sujeito qualquer vira-se para trás e olha para ti e tu olhas para o chão e estugas o passo.

O problema é que não tens a certeza absoluta de saber para onde é que vais com tanta pressa. Estavas tão concentrado em afastar-te e em não olhar para trás, para que ela não te visse chorar, que não prestaste muita atenção à direção que tomaste. E agora não tens lá muito a certeza de onde estás. Ela disse alguma coisa sobre uma linha de elétrico, e quando abres o Google Maps consegues vê-la. Sim, segues a tal linha de elétrico e vais de certeza ter à estação rodoviária. No entanto, vá-se lá saber porquê, não estás na rua por onde passa a linha de elétrico. Estás noutra rua, cheia de sacos do lixo e paletes empilhadas e edifícios fechados com portadas metálicas, e embora o Google Maps te assegure que a próxima rua à direita te leva à linha de elétrico, quando lá chegas, não é bem uma rua, mas mais um beco. E as montanhas de lixo são tão altas que não consegues sequer ver se tem saída.

Hum. Olhas em volta em busca de alguém a quem possas pedir indicações. Vês um sujeito parado à entrada de um edifício, o carapuço esconde-lhe parte do rosto. Decides não o incomodar. Não é propriamente o género de *sítio* para se pedir indicações, o problema é esse. Consultas uma vez mais o Google Maps. Virar à esquerda parece a melhor opção. Afastas-te da linha de elétrico, mas pelo menos a rua está iluminada.

Corres por essa rua abaixo, e depois pela seguinte, e ainda por outra, e pensas que te estás a aproximar do objetivo até dobrares uma esquina e dares por ti de volta à rua com as paletes. Olhas, incrédulo, para o

Google Maps, que faz um ruído metálico e rítmico do género *não faço ideia do que é que acabaste de fazer, PJ*. Mas não tens tempo para perceber o que se passa, o tipo parado à porta não está contente por te ver de novo aqui e deu alguns passos em frente, por isso, corres de novo para longe da rua, e, enquanto te afastas, lembras-te de algo que leste acerca das abelhas, que o pesticida que os agricultores usam nas plantas contém uma neurotoxina que lhes destrói a memória e elas se esquecem de como voltar para casa, não conseguem regressar à sua colmeia, e é por isso que se estão a extinguir. *Quando analisaram as colmeias, não as encontraram cheias de abelhas mortas, mas misteriosamente vazias*. Talvez tenha sido isso que aconteceu a Cass, pensas. A poluição atmosférica na cidade talvez lhe tenha danificado o cérebro e agora ela já não se lembra de casa. Embora saibas que na realidade tudo começou muito antes de vir para Dublin. Estás a pensar nisso quando o teu telemóvel apita. Ora bem, é outra vez Cass, a Menina Ambiente Tóxico, a Menina Neonicotinoide — continua a ligar-te, provavelmente para te ameaçar mais um bocadinho, bem, ela pode ir...

TERRA A PJ ESCUTO PJ

Espera lá um segundo, não é a Cass.

CHAMAMOS TODOS OS PJS, TÃO POR AÍ?

Ethan? Uau, qual é a probabilidade de isto acontecer?! Responde-lhe: Olá!!!

:) OLÁ MEU HÁ QT TEMPO!!! LEMBREI ME DE FALAR!!! TÁS BOM?

É de doidos! O ar sinistro que paira sobre ti evapora-se de imediato e embora sintas vagamente que não te estás a lembrar de alguma coisa, a excitação de escrever esta mensagem e de imaginar o quanto ele vai ficar surpreso sobrepõe-se a essa impressão: Adivinha onde estou???

NO NINHO DAS ÁGUIAS???

Dublin!!!!!!

UAU O QUÊ??? A SÉRIO?

Sim!!!!

TÁS A GOZAR CMG???

Não!!!! estou mesmo cá!!!!

Segue-se uma torrente de *emojis* — cara sorridente, óculos de sol, cabeça a explodir — e, à medida que as mensagens surgem, sentes-te a receber guloseimas e sorris ao ecrã do telemóvel na rua escura e sombria.

O QUE TÁS CÁ A FAZER? TÁS COM OS TEUS PAIS?

Não vim sozinho, escreves com um certo orgulho.

FUGISTE FINALMENTE???!!!!

Ahah Não só vim esta noite disse-lhes que ia dormir em casa de um amigo

LOL NEM SEQUER SABEM K TÁS CÁ?

Não

LOL TEM PIADA

DEVIAS TER ME DITO PODIA MOSTRAR A CIDADE!!!!

Pois, respondes, tive de tratar de umas cenas, apesar de na verdade nem sequer te ter passado pela cabeça contactá-lo, não falas com ele desde aquela vez em que lhe hackearam o telemóvel. Sentes-te ligeiramente mal acerca disto, mas ele não parece estar chateado.

ONDE TÁS?? BORA ENCONTRAR AGORA!!!

Fixe!, dizes, mas logo acrescentas: Só que tenho de ir embora daqui a uns minutos

JÁ VAIS?!!!!

Sim tenho de apanhar o autocarro

:(, mas logo em seguida: MAS DISSESTE TEUS PAIS QUE IAS DORMIR COM AMIGO

Sim

E VAIS EMBORA? OS TEUS PAIS SÓ TE ESPERAM AMANHÃ

Estás tão admirado que estacas por completo no meio da rua. Ele tem razão! Não é suposto voltares para casa esta noite. É suposto estares a dormir em casa de Zargham! Como não te apercebeste disto?

O problema é que — como agora concluis — o teu plano passava diretamente da casa de Cass para a próxima cena, com vocês os dois no *Bunker* a falarem com o vosso pai e ele a olhar em volta com uma expressão do género acabei-de-recuperar-a-minha-memória e com tudo a ficar bem e com todos a ficarem tão felizes que ninguém, tu incluído, pensa sequer em fazer perguntas como: *Não devias estar em casa do teu amigo?* Agora vais ter de dizer à tua mãe que Zargham estava doente ou algo do género, só que, se ela se encontrar com a mãe dele, vai necessariamente perguntar-lhe se o filho está melhor e a mãe de Zargham vai dizer algo do género *Perdão, que disse?* E depois MERDA, mas que confusão do CARALHO...

PQ N FICAS EM MINHA CASA????!!!!

Uau, escreves. Ia ser porreiro mas

A SÉRIO!!! HÁ CAMA A + PODEMOS COMER PIZA PODES VER CARRO NOVO MEU PAI

Piza?

E TENHO MONTES CARTAS MAGIC TG REPETIDAS PRA TE DAR

Tinhas-te esquecido completamente das tais cartas repetidas. Uma vez que te deste ao trabalho de vir até aqui...

Não há problema?, escreves.

LOL NEM PENSAR MINHA MÃE MORTA POR TE CONHECER FARTEI ME DE FALAR DE TI AMANHÃ MOSTRO TE AS MELHORES LOJAS E PODEMOS VER O BLACK DAWN

O filme? Já saiu?

:) SAIU HÁ DUAS SEMANAS JÁ O VI 2 VEZES!!!!

Caramba! Isso é fantástico!

É NÃO É???) FICA ONDE TÁS VOU JÁ AÍ BUSCAR TE!!!

Espera vou tentar encontrar a placa com o nome da rua

N É PRECISO!!! AINDA TENS A APP NO TLM!!!!

A app?

LEMBRAS TE?? QD TAVAS PRA VIR CÁ A APP ENCONTRAR AMIGOS SE TE PERDESSES

Ah sim! Tinhas-te esquecido completamente disso.

CONSIGO VER ONDE TÁS

TÁS MT PERTO MINHA CASA!!!!

FICA AÍ CHEGO EM 5 M

Fixe!!!!

Guardas o telemóvel no bolso e pões-te à espera debaixo de um candeeiro de rua. Ethan vem aí! Ainda bem que vem porque neste momento não fazes ideia de onde estás. Parece ser uma zona de armazéns, de armazéns e parques de estacionamento desertos, há alguns minutos pareceu-te talvez um pouco sinistro? Mas agora os estilhaços de vidro cintilam na valeta, a fábrica abandonada é uma amiga que ainda não conheces. É como se tivesses descoberto a identidade secreta da cidade: embora tudo pareça o mesmo, é como se te piscasse o olho, como se brilhasse secretamente para ti por debaixo do seu disfarce desconchavado.

Enquanto esperas, recibes outra chamada de Cass. Rejeita-la com uma gargalhada jocosa. Isto vai ser muito melhor do que a sua festa foleira. Imaginas-te a contar a toda a gente na escola que já foste ver o *Black Dawn*. Ah, sim, vi-o em Dublin (pausa ligeira, voz indiferente)... em IMAX. O que é também fantástico é que não só é mais divertido ficar em casa de Ethan do que levar a cabo o teu plano como também mais

sincero, porque disseste à tua mãe que ias dormir em casa de um amigo e agora vais mesmo fazê-lo, embora com um amigo diferente.

É uma coincidência incrível! Não falas com Ethan há meses e ele entra em contacto precisamente quando estás prestes a ir-te embora da cidade! Se o fizesse quinze minutos depois, já estarias a caminho da Terra dos Doidos. Agora, em vez disso, vais comer *pizza* e ficar com cartas repetidas do *Magic: The Gathering*, incluindo a do Deathrite Shaman, e ver o carro do pai de Ethan e ainda o sagui bebé — se houver tempo para isso, é claro —, e enquanto esperas encostado ao candeeiro de rua partido, que de repente se tornou confortável e já não te intimida, perguntas-te se não poderás também passar a próxima noite em Dublin. Na tua mente vai-se formando pouco a pouco uma nova ideia que, contudo, ainda não reconheceste por completo: porque tens de voltar sequer a casa? Porque não foges de verdade? Pergunta a Ethan se podes retomar o antigo plano e ficar com ele por uma semana ou duas, para ver se isso não obriga o teu pai a sair da floresta. Se não for possível, talvez esteja na altura de começares a explorar horizontes novos. Imaginas-te uma vez mais com óculos escuros e com os arranha-céus de Manhattan em pano de fundo. Elaine está ao teu lado; veste um fato de banho e pede-te desculpa pelo que aconteceu na festa, foi Cass quem a virou contra ti. *A tua irmã nunca me disse que és muito maduro para a tua idade*, murmura-te ao ouvido, e tu dizes algo como: *Não tenho irmã*.

Mas uma sensação estranha começa a intrometer-se nestes teus pensamentos de um futuro feliz. Vês um carro descer a rua. Isso não tem nada de estranho, embora seja o primeiro carro a aparecer desde que aqui estás. Contudo, o carro está a avançar lentamente, muito lentamente, como se o condutor procurasse alguém. Será Ethan? A esta distância não parece o género de carro que o pai de Ethan conduziria.

De súbito, a rua parece ligeiramente menos mágica. Pegas no telemóvel e envias uma mensagem a Ethan: Tás a caminho??

A resposta chega de imediato: TOU MM AO VIRAR DA ESQUINA:) Sentes-te aliviado. Entretanto, o carro lento parou a meio do quarteirão, o que também é reconfortante, porque é provavelmente alguém a fazer uma entrega, embora não vejas ninguém sair do carro. Talvez também esteja perdido e tenha parado para verificar a morada no telemóvel? Não consegues ver por causa das luzes. Tem os faróis apontados para ti e tens a impressão de que te está a observar. Tipo, provavelmente não está, provavelmente só estás a ser paranoico porque a rua está deserta, é só uma impressão parva, mas mesmo assim viras-lhe costas. Assim que o fazes, percebes que esta não é a solução ideal, porque, por um lado, te convém saber se ele (?) vai sair do carro, e, por outro lado, também precisas de estar atento à chegada de Ethan, que, apesar de te esqueceres sempre, nunca conheceste, e por isso não sabes a cem por cento como ele é, excetuando pelo que viste das suas fotos de perfil — e na perspetiva dele aplica-se o mesmo a ti, é claro. É muito improvável que ele passasse por ti sem te ver, tendo em conta que és a única pessoa na rua, mas é melhor jogar pelo seguro. Ganhas coragem e lanças um rápido olhar por sobre o ombro. Nem sinal dele — só vês o carro, os seus faróis brancos. No entanto, quando te viras para trás, notas que alguém aparece na outra ponta da rua. Ethan! Todavia percebes de imediato que não pode ser ele: é uma mulher com um casaco comprido. Ver outra pessoa faz-te de algum modo perceber como é uma aberração estares aqui à espera a sós. Dás por ti a afastar-te do candeeiro público e a descer a rua em direção à mulher. Tens um novo plano: vais pedir-lhe indicações para a linha de elétrico, que irás então seguir até ao centro da cidade. Enquanto caminhas, escreves a Ethan (onde é que ele está?) uma

mensagem, para lhe dizeres que vais esperar noutra sítio qualquer e que ele se pode encontrar contigo lá...

Mas então deténs-te. Agora que te aproximaste, vêes que a senhora não é de todo uma senhora. É um homem — um velhote, da idade do teu avô, mas com cabelo preto aos caracóis até aos ombros, como um rei dos tempos antigos. Está a usar um casaco preto comprido que lhe dá pelos pés e que mais parece um manto do que um casaco, e é muito pálido, tem uma palidez quase subterrânea, de larva, por isso, se o descrevesses a alguém, terias de dizer, com a maior das sinceridades, que ele estaria ao nível, em termos de aspeto, da Morte, de Voldemort, esse género de pessoa. É, portanto, basicamente o tipo de pessoa que não queres encontrar quando estás sozinho numa rua deserta e sinistra. Desistes de lhe pedir indicações, mas tens de continuar a caminhar, não podes mudar agora de direções, pois isso pareceria demasiado estranho. Recebes uma nova mensagem de Ethan: A CHEGAR NÃO VÁS!!! Com um GIF de um camelo a andar de *skate* e depois outra mensagem: FICA AÍ. Por isso, agora não sabes o que fazer, porque Ethan está claramente muito perto de ti, mas o tipo esquisito está ainda mais perto, e a caminhar de forma macabra, como se deslizasse, não tanto como um camelo num *skate*, mas mais como uma noiva que percorresse a igreja rumo ao altar, uma noiva vestida de preto, um velhote caquético que em vez de segurar num ramo de flores segura (WTF) numa banda desenhada de *O Meu Pequeno Pónei* e que *olha* para ti intensamente do outro lado da rua, que te olha da forma que os teus pais sempre te disseram não ser educada, e sentes as tuas bochechas a arder, o que é irritante, não devias ser *tu* a corar, já que ele é que está a ser malcriado, não te devias sentir envergonhado, está tudo do avesso, e de repente ficas furioso, zangado com este esquisitoide de merda, mas também zangado com Ethan por estar atrasado e com Cass por ter arruinado o teu plano, e

com os teus pais por terem destruído a sua relação, e com Zargham e Nev e Julian Webb e quem mais que seja, são tantas as pessoas com que tens de te zangar, embora para além de estares zangado estejas talvez sobretudo assustado, porque não há aqui ninguém que te possa ajudar, não há sequer uma casa onde possas bater à porta, e quando ele se acerca de ti, vêes que é ainda mais velho do que pensavas, tem olhos raiados de vermelho e grandes olheiras que parecem papos de pele, que ele disfarçou com pó de arroz, tanto pó de arroz que o seu rosto mais parece estar a desfazer-se em pó, e sentes um cheiro, ou melhor, um fedor, que se torna mais nauseabundo a cada passo, e que por algum motivo te faz pensar no esquilo que sob a tua faca espalhou as suas minúsculas vísceras pelo solo da floresta, sentes a garganta a apertar-te, os pulmões começarem a arder, e envias, o mais furtivamente que consegues, outra mensagem a Ethan, Ond tás crl, carregas em enviar...

E ouves, muito perto de ti: *Bip*.

Olhas para o velhote. O velhote olha para ti. Sorri-te. Por um momento, não te consegues mexer, mas apenas olhar boquiaberto. Depois corres.

Um motor começa a trabalhar de imediato no fundo da rua. Ouves chamarem por ti e um carro a aproximar-se, uma porta a abrir-se — mais vozes, mais alto, enfiás-te num beco, tropeças no lixo, nos sacos que estão empilhados em montes, não tem saída! E agora as luzes do carro iluminam-te, ouves de novo gente a gritar, mas vêes, à luz dos faróis, que há uma saída atrás dos sacos do lixo, e corres — e ali está a linha do elétrico! Cá está a linha do elétrico! Corres na sua direção, um carro trava à tua frente, contorna-lo, saltas para a linha, ouves um ruído intenso, uma buzina a apitar quando um elétrico passa ao teu lado, e tu corres, corres, corres, até dares por ti — como esteve perto todo este tempo! — num sítio que reconheces. É a rua da loja onde compraste os

sapatos com a tua mãe antes do jantar de gala do teu avô. Está apinhada de pessoas, e todas circulam por ali como se estivesse tudo normal. Olhas para a multidão e não consegues ver o velhote, mas, embora tenhas os pulmões a arder, não te parece seguro parar. Viras para uma rua lateral e, poucos passos depois, uma coisa salta-te ao caminho vinda das sombras: um rosto sorridente, amarelo, familiar...

Pikachu!

E abres a porta da loja de videojogos.

Na loja, está a tocar uma música em baixo volume, um sujeito ao balcão olha para o telemóvel. Olha para ti, cumprimenta-te com um aceno de cabeça. Acenas-lhe também e tentas controlar a respiração. Diriges-te ao fundo da loja, vasculhas a tua mochila em busca do *Ventolin* e fazes uma inalação. Sentes os teus pulmões a desbloquearem, e as manchas que te turvavam a visão desaparecem de imediato.

Pela montra, vês pessoas a passar na rua, pessoas normais a conversarem, a rirem-se ou a ouvirem música com auscultadores, a carregarem sacos de compras, mochilas, pastas.

Vais até aos expositores com jogos e analisas os títulos que conheces tão bem enquanto pensas *O que é que acabou de acontecer?*

Sonhaste tudo aquilo? Foi tudo fruto da tua imaginação?

Sacas de novo do telemóvel. Nada. Mordes o lábio, perguntas-te se deves enviar uma mensagem a Ethan. Ou se não deves, não deves de todo.

Enquanto estás a pensar no que fazer, o telemóvel começa a tocar. É o teu pai! Lembras-te de que é suposto estares em casa de Zargham, mas, quando atendes a chamada — Estou, pai? —, ouves a tua voz tremer e sabes que, se ele fizer a pergunta certa, vais provavelmente dizer-lhe onde estás e o que aconteceu, e que ele de imediato se vai meter no carro para te ir buscar.

Mas deve ter ligado por engano, decerto tem o telemóvel no bolso, porque só ouves silêncio do outro lado, um estranho silêncio com estática, como se a própria noite respirasse ao telemóvel. Estou?, dizes. Ouvem-se vozes do outro lado — Estou? Pai? — que logo se calam, e a chamada regressa ao silêncio-que-não-é-bem-silêncio, ao som das árvores negras, à terra coberta de caruma, ao universo escuro e impossível de conhecer que rodopia como tubarões em teu redor. Desligas e sentes-te ainda pior do que se ele não te tivesse ligado de todo. Quem te dera não ter mentido à tua mãe! Quem te dera que alguém soubesse onde estás!

É então que te ocorre uma coisa. Alguém sabe de facto onde estás.

LEMBRAS TE?? QUANDO TAVAS PRA VIR CÁ A APP ENCONTRAR AMIGOS  
SE TE PERDESSES

A *app* que ele te disse para descarregares.

PRA SABER ONDE TE ENCONTRAR Ainda a tens no telemóvel.

CONSIGO VER ONDE TÁS

E se está a funcionar agora, significa que...

Viras-te para olhar para a porta...

E sentes uma mão pousar-te no ombro.

## DICKIE

Perfeito, tartamudeia Victor, entregando-te a espingarda. Põe-la em posição, aponta-la, encostas o olho à mira. Estás a ver?, pergunta.

A escuridão adensa-se à tua volta, sobrecarrega o ar. Victor sai do Esconderijo e caminha até à porta do *Bunker*, agacha-se e olha para ti. Estás ajoelhado na terra húmida. E às dez horas vai estar escuro como breu, grita. Ele não vai ver nada.

O «ele» refere-se a Ryszard. Por vezes, chama-lhe «o tal rapazola», «esse *buachail*», «o teu amigo». Mas designa-o na maior parte das vezes como «ele». Demoras algum tempo a perceber que ele não sabe na verdade como se chama Ryszard. Também não sabe nada sobre Ryszard, de onde vem, quais as suas motivações, a natureza da relação que tem contigo; conhece apenas os escassos pormenores que lhe deste, não tem qualquer interesse nele, vê-o apenas como um adversário a derrotar. Por que está a fazer isto? Não falou em dinheiro, tal coisa parece nem sequer lhe ter ocorrido. Será por lealdade para contigo? Ou verá tudo isto pura e simplesmente como mais uma tarefa da sua empreitada original? Como mais uma demonstração das suas soluções para enfrentar o futuro?

Baixa-se, ajeita algumas folhas de feto junto ao Esconderijo, endireita-se para analisar a área. Perfeito, repete, e depois: Sinceramente, as coisas não podiam ter calhado melhor.

E tu? Porque estás a fazer isto? Achas mesmo que vais levar isto por diante? Sentes-te mais fraco a cada minuto que passa, menos determinado, as tuas mãos estão frágeis e impotentes quanto as folhas molhadas amontoadas à tua volta, o teu corpo molhado e à deriva na névoa outonal. De vez em quando, como se as fosses expressando à medida que te ocorrem, lanças ideias da tua trincheira, tais como: *É claro que não temos mesmo de disparar, ou Deve bastar pregar-lhe um*

*susto*. Victor aceita graciosamente estas ideias sem, contudo, permitir que o distraiam dos seus preparativos. Não sabes se tu próprio acreditas nelas; desconfias que aquilo em que acreditas já não interessa, que a história adquiriu vida própria e seguirá o seu curso até ao fim, contigo ou sem ti.

Como chegaste a esta situação? Rememoras o que aconteceu ao longo do tempo e não consegues indicar ao certo onde erraste. Foi apenas uma má decisão? Erraste quando te envolveste com Ryszard na oficina fechada? Ou na noite em que, nos teus Quartos bolorentos, disseste a Frank que se comportasse de forma honrada? Ou erraste em tudo? Os anos que dedicaste a criar uma família, a gerir um negócio, as tuas pequenas paixões, os teus desejos recalcados, toda a tua vida inócua — terá tudo isso conduzido a este momento? E, em caso afirmativo, o que é que isso diz sobre ti?

Não pensámos numa coisa, diz Victor: Terá cúmplices? Caminha até ao lado oposto da clareira. O tal rapazola vai trazer alguém com ele? Porque, se trouxer, devíamos disparar de duas posições. Vira-se para ti. O que é que achas?

Ele disse-me que tem namorada, lembras-te. Disse que ela está grávida. É por isso que quer o dinheiro.

Pois, eles têm todos uma puta de uma história de ir às lágrimas, diz Victor. Estica o polegar e o indicador, descrevendo um L, e faz mira ao *Bunker*. Se está prenha, é pouco provável que a traga para cá. Em relação a reforços... acho que não, não com este sujeito. O gajo só quer entrar e sair o mais depressa possível e levar o máximo que conseguir. Acha que vai ser um trabalhinho fácil. Mas não vai, pois não?

Não, presumo que não.

Não vai, não, podes apostar.

Faz-se silêncio por um momento. Quando falas, a tua voz soa débil, como o silvo do vento por entre as folhas. Achas que podemos fazer uma coisa má e mesmo assim sermos boas pessoas?

Como assim?

Se fizeres uma coisa má, achas que isso significa que foste sempre mau?

Victor assoa o nariz. Não te culpes demasiado, diz ele. Numa guerra, ninguém diz que matar um homem é mau, pois não?

Não estamos em guerra.

Claro que estamos em guerra, tudo é guerra, diz Victor. Foi sempre uma guerra. Espera, tenho de ir buscar uma coisa à carrinha. Já volto. É melhor levantes-te e esticares um bocadinho as pernas. Vamos passar algum tempo agachados.

Atravessa a clareira e continua a caminhar. Precisa de fazer uma pausa, está farto de te ouvir lamuriar. E tu também precisas de uma pausa. Ele tem razão, doem-te as pernas. Mas não te queres mexer. Há quanto tempo não te ajoelhavas? Lembra-te de quando ias à missa em criança e olhavas maravilhado para a cruz atrás do altar, para a figura mágica nela crucificada que, com a sua tristeza impenetrável e os seus milagres realizados sem esforço, parecia-te representar os mistérios da vida adulta. Rezavas para concretizar todos os teus pequenos desejos. Nota máxima no teste de ortografia. Uma nova equipa para o *Subbuteo*. Seres alto. Seres Frank. Em troca, prometo nunca mais pecar.

Desde então, já foste à missa, é claro. Foste à missa na semana passada. Mas há quanto tempo não rezas? Há quanto tempo não rezas com a esperança de obter uma resposta às tuas preces? Ou com a esperança de ser sequer escutado?

Agora, o *Bunker* ocupa o lugar da cruz. Ainda o consegues discernir, é sepulcral nesta escuridão. Quando os teus filhos eram pequenos,

usavam-no como casa dos esquilos. Na porta havia uma placa afixada que dizia QG PRUIBIDO ADOLTOS. Tu eras o caçador com a arma e derrotavam-te sempre. Deitavam-te ao chão e atiravam-se para cima de ti. Estamos a matar-te!, gritava Cass, e o seu irmão guinchava em eco, A matar! E tu rebolavas e gemias no solo da floresta e pensavas que seria uma bela maneira de morrer.

E agora, nesse mesmo sítio, nesse mesmo espaço sagrado, um homem vai morrer de verdade. Vais matar de verdade um homem, um homem que amaste outrora, na terra amada onde brincavas com os teus filhos.

É um preço alto a pagar, não é? Tirar uma vida.

Victor, ao teu lado na trincheira, com uma mão no teu ombro.

Fui muito estúpido, sussurras.

A solidão pode levar as pessoas a fazer coisas terríveis, diz ele. Quando iniciaste este caminho, nunca imaginaste que seria assim tão solitário, pois não?

As lágrimas correm-te pela cara, ele limpa-as com os dedos. Tão solitário por tanto tempo, diz ele. Foste o fantasma do teu irmão! Que maneira de viver a tua vida.

Ele faz-te virar para que o olhes. Os seus olhos estão muito límpidos e brilhantes.

Não tens de fazer isto, Dickie, diz ele. Há outra solução.

Fita-lo, em parte com esperança, em parte com receio.

Conta a verdade. Solta tudo cá para fora. Admite o que fizeste...

Soltas um gemido que te vem das entranhas.

Admite o que fizeste, insiste ele. Conta tudo ao Maurice, à Imelda, aos teus filhos.

Baixas a cabeça e tapas os olhos com as mãos.

Qual é a alternativa? Matar um homem? Queres que os teus filhos tenham um assassino como pai? Achas que podes fazer algo desse género e continuar a ser a mesma pessoa?

Os teus olhos, os teus ouvidos também, elevas a voz num pranto para que não o consigas ouvir. Mas ouve-lo de qualquer maneira. Queres que os teus filhos vivam assim? Que se escondam por vergonha de serem quem são? Por amor de Deus, é isso que queres para eles? Dickie — afasta-te as mãos dos olhos —, não te vou mentir, vai ser horrível. Para eles e para ti. Vão ficar magoados, traumatizados. Não vão compreender. Vão abandonar-te.

Aproxima-se de ti e murmura: Mas vão voltar.

As árvores rodopiam à tua volta, como um carrossel fora de controlo, e arrastam juntamente com elas o rosto de Victor, que perde toda a definição. Mas a sua voz chega até ti com clareza. Os teus filhos vão amar-te, diz ele. Hão de acabar por compreender. E a Imelda também. O amor é isso. Sobrepõe-se aos factos. É mais do que a soma do que fizeste. Podes terminar a tua vida falsa e levar contigo as coisas boas. Recomeçar.

Tens apenas de confiar nas pessoas que te amam, diz ele. Tens apenas de abrir o teu coração ao amor.

Sorri. Embora pareça impossível, os seus olhos estrábicos olham de algum modo a direito para os teus; e levanta de novo a mão para te afagar a face. Respiras fundo, deixas que os seus lábios suaves pousem gentilmente nos teus, fechas as tuas pálpebras pesadas.

E depois voltas a abri-las.

Victor regressou à clareira. Traz algo na mão.

Isto é para ti, diz ele. Entrega-te o objeto embrulhado num saco de plástico. Encomendei-a na *dark web*, diz ele. Enviaram-ma em cinquenta pacotes diferentes, foda-se. Recebi este ontem. Estás com sorte.

Retira o objeto do saco. É comprido, pesado, metálico, preto. Um cilindro com apêndices, um primo mutante de algo que reconheces.

Tive de a montar eu próprio, diz Victor. Parece um bocadinho estranha, mas dispara mesmo. Experimentei-a nos corvos no meu quintal. Anda lá, experimenta-a.

Tudo bem, dizes. Passas a mão ao longo do cano. Sentes uma energia a vibrar através dele, tal como sentiste com as cruzetas de arame quando andavas à procura de água. Como se estivesse repleto de espíritos, como se os espíritos tivessem descido do céu escuro para o ocupar.

Ouves um chocalhar. Victor está a olhar para a palma da sua mão aberta. Está a segurar nalguma coisa: de início, pensas que são dentes, a sua dentadura postiça. Depois, carrega a espingarda com eles.

Com quem estavas a falar?, pergunta.

Com ninguém, respondes. Abres a tua arma para que ele a possa carregar com os cartuchos.

# IMELDA

Quando saís do lar de idosos o céu escureceu Vem aí chuva disseram e tu não acreditaste mas agora vêς nuvens grandes e negras sobre o parque de estacionamento e mais nuvens a juntarem-se como uma multidão antes de um jogo e sentes também o mesmo ambiente de expectativa E sentes por um momento um calafrio quando te lembras do que aconteceu Pobre Lar não está bem da cabeça Perguntaste-lhe se tinha onde ficar Podias dar-lhe alojamento até voltar para Inglaterra Mas ele encolheu os ombros e recusou a oferta Disse que já tinha tudo arranjado Não insististe Foi demasiado não foi Regressar àquela loucura

Caluda já chega esquece

Respiras fundo Metes-te no carro vêς-te ao espelho Uma coisa é certa não estás em condições de jantar Tens a cara toda inchada de chorar Trazes vestidas uma camisola velha e desbotada e calças de ganga porque não tiveste tempo de mudar de roupa Perguntas-te se lhe devias telefonar e adiar uma vez mais o encontro mas quando estás a ponderar o que fazer o telemóvel que tens na mão toca e é ele Mike

Ouve diz ele Desculpa mas aconteceu uma coisa Temos uma vitela a nascer virada ao contrário na quinta Tenho de ir lá agora mesmo com o veterinário Lamento imenso

Olhas para as nuvens que se estão a juntar no céu A primeira coisa que te passa pela cabeça é a rapariga é claro a criada Mas respondes sem te dar conta daquilo em que estás a pensar Então fica para outra altura dizes Quem sabe Talvez seja melhor assim

Não estou a cancelar o encontro diz ansiosamente Mike Só estou a dizer que vou chegar atrasado Não deve demorar mais do que uma hora se não te importares de esperar

Já tenho o jantar quase pronto diz ele e ri-se Vale o que vale

Tens a certeza? perguntas

Certeza absoluta diz ele Sabes que mais vou deixar a porta destrancada e se quiseres podes entrar e tomar um copo de vinho e quando deres por ela já voltei

OK dizes e pensas que isso até vinha mesmo a calhar Sair do manicómio que é a tua família e o teu passado pelo menos por umas poucas horas Estou só com um camisolão vestido

Bem eu vou voltar sujo da cabeça aos pés com bosta de vaca diz ele Por isso vamos formar um par e peras

Ris-te apesar de tudo Está tudo bem por aí? pergunta ele Pareces um bocadinho a leste

Oh dizes e secas os olhos Nada de especial Foi só um dia esquisito

Mas quando ligas o carro pensas com determinação na noite que tens pela frente e sentes-te já um pouco melhor

Os prados estão a escurecer quando conduzes de volta à vila As árvores deslizam pretas pela janela e atrás delas os fantasmas azuis das montanhas aparecem e desaparecem Quando eras pequena o teu pai apontava para elas e dizia-te que tinha enterrado por lá um baú com ouro Se alguma vez não estiver por aqui para cuidar de ti vou mandar-te uma mensagem a explicar onde está o baú Vais lá desenterrá-lo e ficas bem até eu regressar

Mas ele desaparecia com frequência e nunca te disse onde estava o baú

E depois do casamento nunca mais o viste

O céu escurece A escuridão adensa-se A estrada está vazia só tu a percorres e tens por companhia as árvores A esta luz verde-preta é como conduzir debaixo de água Como se um rio te tivesse arrastado e te estivesse a transportar Folhas e algas a roçarem-se no carro As pedras do leito Animais a espreitarem para ti por entre o lodo

Ele ia buscar-te a casa para te levar à igreja

Estavas no casebre de Rose As damas de honor saltitavam à tua volta  
A cabeleireira atrás de ti Juro por Deus que nunca vi uma noiva mais  
bonita Queria tirar-te uma fotografia para a usar nos seus anúncios  
Estavas a olhar pela janela para o sol Então ouviste baterem à porta

Deparaste com o teu pai com um fato vestido Atrás dele no pátio um  
*Jaguar Vintage* cor de sangue com laços no capô Queria levar-te Não és  
a minha única filha?

Olhaste para Rose mas naquele momento ela estava fora do teu  
campo de visão Escondida algures na confusão Ou a esconder-se  
propositadamente O Maurice vai mandar um carro vir buscar-me  
disseste É a função de um pai disse o teu pai Falei com o Maurice  
Concorda comigo Anda daí ou vais chegar atrasada

Acreditaste nele Querias sequer saber se era verdade Só conseguias  
pensar na igreja Por isso levantaste a bainha do teu vestido branco aos  
folhos e atravessaste o lodo para chegares ao carro Ele abriu-te a porta e  
tu sentaste-te com dificuldade enrolaste a cauda do vestido à tua volta e  
ele fechou a porta

Aquele carro Sabe Deus de onde o desencantou Os assentos eram de  
couro o painel de instrumentos de nogueira mas o aquecimento estava  
avariado e ele não o conseguia desligar embora fizesse sol Estava um sol  
de rachar Ele tinha as janelas abertas Mesmo assim suavas profusamente  
Na rádio estavam a tocar os Dubliners *The Road To God Knows Where*  
Tinha uma lata de cerveja entre os joelhos Fingiu não te ouvir quando  
lhe pediste para não fumar Depois de se afastarem um pouco do casebre  
ele disse Então vais mesmo fazer isto

Viraste-te Olhaste-o Tinha os olhos postos na estrada Devias ter  
percebido nesse momento Ele nunca olhava para a estrada Mas disseste  
simplesmente Sim

Ele soltou um sibilo Perdeste a cabeça perguntou O irmão? O próprio irmão do Frank?

Não tens nada com isso disseste Tinhas pensado em tudo isto milhares de vezes Será esta a coisa certa a fazer tudo isso E tinhas ouvido a voz de Frank na tua cabeça como se fosse Deus a falar-te *Vai à igreja É onde te vou ver* Por isso ias para a igreja

Ouviste um soluço Pensaste que ele estaria talvez a chorar Alguma vez chegaste sequer a amá-lo perguntou Amava-lo sequer

Ao Dickie? perguntaste

Ao Frank! disse ele Ao Frank! Já te esqueceste do nome dele

E algo estalou dentro de ti Oh o Frank o Frank Estou farta de ouvir falar dele Porque não te casaste tu com ele se estavas assim tão apaixonado

E então ele travou a fundo e foste projetada em frente sobre o assento Estavam num quelho qualquer no meio do nada Voltou-se para ti o rosto saindo das ondas de calor que vibravam dentro do carro como um monstro marinho a sair do oceano e falou-te num tom baixo num gorgolejo como se estivesse a desfazer-se na própria fúria És uma cabrazinha fria e má disse ele Foste sempre uma cabra

E ele ligou de novo o carro com o cenho franzido e a mexer o maxilar como se estivesse a mastigar sucata Regressaste ao teu sonho só conseguias pensar na igreja

Mas estavas mesmo a ir para a igreja? Que caminho é este perguntaste Ele não respondeu Limitou-se a beber um gole de cerveja e sentiste uma pontada no estômago Insististe Este é o caminho para a igreja?

Não vamos para a igreja respondeu pouco depois e uma onda de pânico percorreu-te

Não te vou deixar levar isto por diante disse ele Não estás boa da cabeça Começaste a gritar

Vou levar-te para Inglaterra disse ele até voltares ao normal

É para o teu próprio bem bradou Não vou deixar que me desgraças

Mas não se ficou por aí Tinha tudo planeado O *ferry* Os teus irmãos transportavam as tuas coisas na carrinha Mas mal o ouviste Estavas histérica Tinhas de chegar à igreja Tentaste abrir a porta mas ele tinha-a trancado Suplicaste-lhe Rogaste-lhe Tentaste inclusive agarrar o volante ele afastou-te com um empurrão Aquele gajo enfeitiçou-te gritou Não vêes o que ele é O corpo do desgraçado do Frank ainda não tinha arrefecido e o tipo já se tinha metido contigo com a mulher do próprio irmão É uma blasfémia Uma palhaçada E não há dinheiro nem riqueza no mundo que valham uma pulhice destas

Calaste-te Ficaste assolapada

Vais agradecer-me disse ele Daqui a uns meses vais perceber que é uma doidice pegada e vais agradecer-me vais ver

Continuaste calada não paravas de transpirar Depois lembraste-te de uma coisa e riste-te

Isto abalou-o Não lhe disseste nada Riste-te baixinho para contigo

Qual é a piada perguntou

Daqui a uns meses vou ter um bebé respondeste

Ele não disse nada Pensaste que não te tinha ouvido Mas o carro parou muito lentamente

O quelho estava cheio de sabugueiros cujos ramos entraram pelas janelas As abelhas zumbiam à vossa volta Não havia viva alma num raio de milhas Voltou de novo o rosto para ti e quase tiveste pena dele porque tinhas vencido Tinha-lo derrotado com o teu corpo traiçoeiro de mulher

Estou grávida disseste

Ele enegreceu Parecia uma tempestade pronta a desabar O ar foi-se tornando espesso e abafado Sabias que não podias fazer nada para o conter mesmo que quisesses

Mas ele ainda viu um relampejo de luz Do Frank?

Riste-te de novo Foi então que ele te bateu

Sim à sua princesa ao seu anjo à sua beldade intocada Agrediu-te com a lata de cerveja A cabeça tombou-te para o lado contrário O teu olho parecia ter rebentado Com o outro olho viste-o virar a barriga no assento para te poder bater como devia ser Lançou-te as mãos e puxou o véu delicado para o lado para te chegar ao pescoço Juro por Deus que te mato Sabias que era capaz de te matar sim Morrerias ali no meio das flores

Mas nesse momento um trator surgiu calmamente na curva e um agricultor baixo com um chapéu raso perguntou-vos sem sair da cabina se estavam a ter problemas

Bem há que lhe dar o devido crédito o homem nunca se atrapalhou a mentir Oh diz ele Uma abelha enfiou-se-lhe debaixo do véu

Uma abelha diz o agricultor

Imagine só diz o teu pai Vai casar-se ainda de manhã ali na vila E agora uma abelha picou-a na cara e ela é tão bonita

Os desígnios de Deus são insondáveis disse o agricultor Mas se querem ir para a vila estão a ir na direção errada

Ah sim disse o teu pai

Sim disse o agricultor que apontou para a estrada de onde tinham vindo e vos indicou como chegar à vila

Muito obrigado disse o teu pai

Não têm de quê disse o agricultor E parabéns aos dois Isto dito acenou como se em despedida Mas não se foi embora em vez disso ficou

ali a ver-vos partir O teu pai tinha já ligado o carro e fez inversão de marcha

Seguiram viagem em silêncio

Quando chegaram à vila depararam com ruas vazias como se todos estivessem na igreja

O teu pai parou diante do portão Ficou em silêncio por um momento Perguntaste-te se iria entrar depois de tudo o que acontecera Mas depois falou

Escuta-me disse ele com os lábios contraídos num esgar de repulsa Os seus olhos amarelados chispavam de azedume Ouve-me bem porque são as últimas palavras que te vou dizer Amaldiçoava-vos aos dois disse ele Só que já o fizeram por vocês mesmos

Por isso vou só dizer-te o que vai acontecer

Vão perder tudo

A vossa casa e as vossas propriedades A própria terra sob os vossos pés A criança que tens dentro de ti Tudo o que têm vai desaparecer Hão de acabar a pedir esmola a desconhecidos na berma da estrada Então talvez percebam o que fizeram

És uma puta com a mania que é esperta Achas que podes fazer o que te dá na gana Mas o mundo não tolera certas coisas Casar com aquele tipo Mais valia enforcares-te meu Deus

Deixaste-o terminar e depois baixaste o véu e desceste do carro O vestido continuava branco por milagre Ouviste-o ligar o carro e arrancar Não olhaste para trás Caminhaste até à porta da igreja Sozinha

Se ele soubesse do teu plano talvez tivesse sido mais brando contigo Talvez lho devesse ter explicado Que estupidez achar que tinhas esquecido Frank Quando na verdade só pensavas nele Tinhas visitado a sua sepultura durante meses E falado com o seu fantasma Em preparação para este momento O teu pai não te impediria de chegar à

igreja nem que te apertasse o pescoço Porque sabias que ele estaria à tua espera lá dentro Todo cintilante e transparente Vê-lo-ias brilhar como algo saído da televisão Saído da terra no mesmo fato com que tinha sido enterrado Bonito e incólume Com uma mão estendida pronto para te levar para o céu

Mas abriste a porta e lá dentro encontraste apenas Dickie à tua espera

Dickie com cara de enjoado de quem vai vomitar e quem o podia culpar por isso O que é que ele deve ter pensado na altura Deve ter percebido embora nunca to tenha dito Todos os dias te fazia o jantar Dava retoques ao quarto da bebé Levava-te catálogos para a casa nova Pedia a tua opinião O que achas destas cortinas Ou devíamos pôr estores O que achas de pormos soalho em parquê Tu com buracos nos sapatos de caminhares até Naancross Com terra nas unhas de esgravatares o chão É melhor comprarmos um combinado de máquina de lavar e secar ou duas máquinas separadas

Tentava trazer-te de volta à terra Deve ter presumido que um dia voltarias a ficar bem da cabeça

Esperava por ti no altar enquanto o teu pai se ia embora para nunca mais regressar Tal como Frank nunca mais regressara

Porra para isto! dizes em voz alta a sós no carro porque agora tens de novo a visão turva Choras enquanto conduzes Não fazes outra coisa nos últimos tempos Vais aparecer a Mike num estado lastimável Toda fodida Nem sequer te lembraste de trazer batom

Mas ora cá está a saída para a tua casa já estás próxima Disseste a ti mesma que não voltarias a casa Para não teres de lhe contar mais mentiras Mas ele está provavelmente no seu forte e se te apressares podes pelo menos mudar o *top* Vestir uma saia Umás cuecas decentes Se vais fazer isto mais vale fazê-lo como deve ser Por isso ligas o pisca

embora não haja ninguém na estrada e mudas de direção Só uma paragem breve Depois não vais pensar em mais nada disto no teu pai em Frank em Dickie nada disso

Esta noite vais pensar no futuro Sinceramente já tiveste passado que te chegue para a vida inteira

## CASS

Está calor dentro do autocarro e o teu assento está mesmo por cima do motor e estás constantemente a cair no sono, a dormirar, mas sempre que fechas os olhos fazes de imediato um esforço para despertar, aterrorizada com a possibilidade de ele ter desaparecido, e tens de te refrear para não estenderes o braço e o agarrares a fim de te certificares de que está mesmo ao teu lado. Ser-se pai deve ser assim, a reचार o tempo todo que os filhos sejam aniquilados assim que se desvia o olhar. Deve ser por isso que os pais são todos doidos varridos.

Correste até à estação rodoviária. O autocarro ainda não tinha chegado, mas não o encontraste na multidão que esperava junto à barreira. De qualquer maneira, sabias que ele não estava lá. Voltaste a correr pela linha de elétrico, mas no sentido contrário, correste pelas ruas, para cima e para baixo, para cima e para baixo, por entre um mar de rostos errados, de rostos que não procuravas, tomada por um pânico que estava em simultâneo a transformar-se em desespero. E por fim paraste, numa encruzilhada; nunca te sentiste tão só na tua vida, mas respiraste fundo, e tentaste pôr-te na pele dele. O que é que ele faria, para onde iria? Foi quando viste a loja de jogos, que surgiu a teus olhos como uma oferenda, um santo graal, no outro lado da rua. Quando te aproximaste dele, quase morreu de susto. Agarraste-o com as duas mãos, como se ele fosse um duende da sorte que pudesse desaparecer naquele mesmo instante.

Não pareceu particularmente satisfeito por te ver, o que te pareceu em boa verdade justo. Gritaste-lhe de novo, sabias que não o devias fazer, mas estavas completamente passada. Acompanhaste-o até à estação rodoviária para te assegurares de que ele entrava no autocarro, e

depois compraste um bilhete também para ti para te assegurares de que ele não voltava a sair.

Desde então, pouco falou. Perguntaste-lhe que história era aquela do vosso pai andar a caçar esquilos, mas ele não quis falar do assunto. Pareceu envergonhado, como se se arrependesse de armar tamanha confusão. Agora, está a olhar pela janela e parece de certo modo outro rapaz — mais velho, mais triste, com faces mais encovadas, a boca descaída, como se alguém lhe tivesse acabado de entregar todas as suas preocupações de adulto para o resto da vida.

Na viagem de regresso à vossa vila, há uma casa com placas cravadas no relvado acerca de códigos de barras e *chemtrails* e um grande letreiro que diz OS ÓVNIS EXISTEM — PROVAS AQUI ENTRADA LIVRE. Quando voltavam a casa vindos de Dublin, viam-na sempre e PJ perguntava ao vosso pai se podiam lá ir, ao que ele respondia sempre: da próxima vez. Agora, olhas com atenção pela janela para ver se a consegues avistar, e quase te sentes tentada a sugerir que deviam sair e darem-lhe uma vista de olhos. Só para o animar um bocadinho? Mas, como está escuro lá fora, podem até já ter passado por ela. De qualquer maneira, se estão no quintal de um sujeito qualquer, as provas provavelmente não valem nada.

O teu telemóvel apita. Elaine publicou outra fotografia da festa. O teu *feed* está cheio de fotos da festa — cheio de Elaine, a rir-se e a sorrir, a sorrir e a rir-se. Na última fotografia, alguém lhe deu uma tiara. Fá-la parecer a vencedora de um daqueles concursos de beleza que vocês costumavam ver juntas no quarto dela, quando seguiam atentamente as raparigas que tinham ultrapassado as adversidades para se tornarem embaixadoras de marcas, rainhas do universo. Não te enviou nenhuma mensagem a perguntar-te onde estás. O que diria ela se soubesse que estás a caminho de casa? Confirmaria tudo o que pensa sobre ti. Talvez

tenhas sido tu a adversidade durante todo este tempo, talvez te tenha agora superado.

A fotografia da tiara já tem cinquenta gostos. Silencias as notificações. Depois, gentilmente, sem rancor ou arrependimento, deixas de a seguir.

Ao teu lado, mas sem olhar para ti, PJ pergunta: Vais contar à mãe?

Contar-lhe o quê?

Que vim a Dublin.

É isso que achas? Que estou a voltar a casa para fazer queixa de ti?

Não responde a isto.

Bem, seja como for, não lhe vou dizer nada, dizes.

Então porque é que estás a voltar para casa?

Bem, porque apareceste do nada na minha festa e depois te perdeste na cidade?

Não é isso, o que eu quero dizer é: o que é que vais dizer à mãe?

Oh. Não tinhas pensado nisso. Vou dizer-lhe que tive de ir buscar um livro ou uma coisa qualquer, respondes. Ela não vai perguntar nada. Aposto que nem vai reparar. Já sabes como é que ela é.

Mas tu *não* sabes como é que ela é, diz ele. Está diferente. Estão os dois diferentes. E vês-lhe uma vez mais a boca distorcida e o rosto adulto e exausto.

Não te preocupes, dizes. Vai correr tudo bem.

O teu telemóvel apita outra vez; é uma nova fotografia. Desta vez, não é de Elaine. Na imagem, uma rapariga com cabelo azul sorri como uma doida ao sair de um buraco escuro numa colina baixa com pedras compridas de sentinela.

Quem é essa?, pergunta PJ, espreitando por cima do teu ombro.

Ninguém, respondes, e logo acrescentas: É só uma rapariga da universidade.

Isso é naquela mamoa?

Sim, foi visitá-la hoje. A Merle.

O quê?

É assim que ela se chama.

Juntamente com muitas fotografias tiradas no interior e no exterior da mamoa, Merle publicou um texto muito longo sobre os conhecimentos astronómicos do povo pré-histórico que construiu esta sepultura de maneira a que no dia mais escuro do ano os raios de sol entrassem por uma abertura no teto e iluminassem o seu centro. É uma metáfora muito poderosa do renascer, diz ela.

Ela devia ir à outra, diz PJ, àquela a que não vão turistas.

Pois, dizes.

A sério, diz ele. Essa é muito melhor.

Ele tem razão, e ocorre-te que a podias levar até lá amanhã, se quisesses. Podias encontrar-te com ela e mostrar-lhe as vistas, e até convidá-la a ir a tua casa. Imagina-la à mesa de jantar, e pensas em como é que os teus pais lidariam com as suas camisolas de malha cor de papa de aveia, com a sua candura germânica. Começas a escrever-lhe uma mensagem, Olá adivinha só! Fazes uma pausa e olhas pela janela, para o campo escuro que passa tão misteriosamente por ti.

A questão é esta: sentes-te estranhamente feliz desde que entraste no autocarro.

Sabes que as coisas vão correr mal assim que chegares a casa. Vais lembrar-te de como a relação entre os teus pais está completamente fodida, para não falar do modo como te tratam. A tua mãe vai falar e falar e falar, e tu vais sentir-te cercada e ensombrada e diminuída. O teu pai vai julgar-te e ao mesmo tempo inspirar-te compaixão, e não vais saber qual das duas coisas é pior. Vais lembrar-te de imediato por que razão começaste a odiá-lo: porque te ensinou a seres justa e correta e

boa pessoa e descobriste que não podias ser nenhuma dessas coisas; porque ele quer e precisa que continues a ser a sua menina, quando na verdade te tornaste asquerosa, repulsiva, feia e perversa. Porque sabes que ele te amaria mesmo que soubesse a verdade e isso é-te de algum modo insuportável.

Sim: quando pensas nisso, consegues entrever o pesadelo que esta viagem se tornará. No entanto o autocarro continua a avançar e o crepúsculo prolonga-se e sentes-te cada vez mais feliz.

Sentes de novo as pálpebras pesadas. O calor envolve-te com palavras que te atraem com um aceno de mão, *memorioso vagina merle...* dás uma vista de olhos ao telemóvel antes de adormeceres. Estão a andar bem.

Chegamos a casa pelas dez, dizes.

### III

*Dickie*

Mantém-te calmo, diz ele. Não dispares até veres bem que é ele. Não dispares até saberes.

Faz sentido. Mas a arma *quer* disparar. Sente-la a forçar-te os dedos, como um cão que puxasse pela trela. Sentem o momento a aproximar-se.

Ao teu lado, Victor está de pé, imóvel, com a espingarda apoiada no ombro — dedo no gatilho, olho encostado à mira de visão noturna. Está assim, imóvel, quase mudo, há uma hora, e tu mexes-te e estremeces ao seu lado. A humidade cola-se-te ao corpo tão espessa quanto musgo. Acima de ti, à tua volta, a escuridão cai por entre as árvores, ergue-se do chão. É o único som que ouves: o silêncio da noite que se adensa.

E então um galho estala. Victor puxa o cão da espingarda por instinto. Nervoso, sobressaltas-te, o pânico apodera-se da tua mente...

Trava de novo a espingarda. Não é nada, diz ele.

Arfas, o coração martela-te a cabeça.

Estás há tanto tempo aterrorizado que até te aborreces. O terror tornou-se indistinguível do tédio, e formam os dois uma espécie de apatia tumultuosa. Se ao menos acontecesse agora uma desgraça. Se ao menos houvesse um tsunâmi, um incêndio incontrollável, um qualquer Ragnarok que destruísse o mundo! Sofrer, morrer em massa, em inocência — isso parece-te de algum modo melhor do que matar uma só pessoa. Melhor para toda a gente.

Consultas o telemóvel. São quase dez horas. E se ele não vier?

Vem, vem, diz Victor, sem nunca desviar um dos olhos da mira.

Mas e se não vier hoje à noite? Ele disse-te apenas para deixares o dinheiro no local às dez horas. Isso não significa que estará presente para o recolher. Talvez só apareça amanhã, pensas. Talvez só venha daqui a muitos anos e acabes por envelhecer aqui, na floresta, ajoelhado num buraco cavado na terra.

Este gajo não quer ficar por aqui muito tempo, diz Victor. Vai pegar no dinheiro e pôr-se na alheta o mais depressa que puder.

Pois, dizes, e o minúsculo resquício de esperança que te resta morre de imediato, desaparecendo na escuridão. Victor vê a tua reação, mas interpreta-a mal. Mas não o vamos deixar escapar, Dickie.

Pois não, dizes.

Olha para ti na escuridão cada vez mais cerrada. Não há outra solução, diz, sabes bem que não há outra solução.

Sim, dizes. Tu sabe-lo. Só tens de ser forte, rijo. *Sê forte!* Sussurras a ti mesmo. Imaginas-te rodeado de azáleas, no jardim, com o teu pai a dar-te chapadas na orelha.

Um trovão ribomba no céu com tal intensidade que Victor baixa a espingarda e olha para o alto. Pouco depois, começa o dilúvio, que atinge as folhas com um som semelhante ao de mil metralhadoras a abrirem fogo.

Ficas encharcado em menos de um minuto. A terra em volta dos teus pés começa a ensopar-se de água. Mas será

plausível estarmos aqui com um tempo destes?

Victor olha-te estupefacto. Plausível?, pergunta.

Estamos a caçar esquilos e ele aparece-nos de repente pela frente — a história não é essa? Mas quem andaria a caçar aqui na floresta a meio de uma tempestade?

Não temos de usar a história se não quiseres, diz ele. Não temos sequer de inventar uma história. Podemos simplesmente enterrá-lo aqui.

Esta palavra — *enterrar* — afeta-te sobremaneira. Talvez porque o som e a sensação de cravares a pá na terra se te tenham tornado tão familiares. Imagens aterradoras e perguntas que não podes fazer tomam-te de assalto. E se alguém descobrir? E se isso *não for suficiente*? E se o enterrares e mesmo assim ele voltar? Fecha os olhos, respiras fundo. Depois, dizes calmamente: se fizermos mesmo isto, prometes-me que os meus filhos nunca vão ver aqueles vídeos? Consegues garantir-mo?

Victor pensa um pouco antes de responder. Mal o consegues ver à chuva e na escuridão. Bem, não posso dizer que o *garanta*, diz ele por fim. Dizes que o tal rapazola tem vídeos no telemóvel, por isso, quem caralho sabe a quem os passou. Cem pessoas podem tê-los. Mil pessoas. Estamos no século XXI, tanto quanto sei, o caralho do planeta inteiro já os pode ter visto. Eu cá aposto que acabamos com esta treta esta noite. Mas se quisesses mesmo *garantir* que não viam nada, terias de matar os teus filhos, não o teu amigalhaço.

Olha-lo horrorizado. Depois, tapas a boca com uma mão, saís da trincheira e vais até às árvores.

*Imelda*

Paras no alto da rampa mas continuas sentada no carro em vez de entrares em casa e mudares de roupa Permaneces ao volante

A casa está às escuras Não está cá ninguém Apesar de haver uma tempestade a caminho E embora o quisesses evitar quanto mais olhas para as janelas escuras mais elas te enfurecem Irrita-te ele não estar sequer em casa para teres de lhe mentir Irrita-te que daqui a uma hora vás estar com Big Mike e ele nem sequer o saiba quanto mais tentar impedir-te de ir Está na floresta com o seu duende e tu com o teu pai morto e Rose a morrer e a caminho dos braços de outro homem e ele levou-te a isto e será que se importa sequer?

Bem ele que se lixe E a maquilhagem que se lixe também Para Big Mike tanto lhe faz Giras a chave na ignição Os faróis iluminam a casa O motor ruge Fazes marcha-atrás a alta velocidade mas bates num vaso com uma planta FODA-SE e voltas e desligar o carro e abres a porta com tanta força que ela se fecha de novo e te acerta no joelho e a dor sobe-te pela perna acima e bates com os punhos cerrados no volante e gritas a sós no carro *Não consigo fazer isto!*

Não consegues Não consegues simplesmente estar com outra pessoa e voltar para casa e fingir que não há nada de errado quando está tudo errado

E decides nesse mesmo instante que se o vais trair vais também avisá-lo primeiro Raios te partam se ele não vai ficar a saber Sacas do telemóvel mas a chamada entra diretamente no *voicemail* Melhor assim Vais à floresta Vais confrontá-lo no seu território Dizer-lhe na cara que a vossa relação está a acabar e que a culpa é dele

Entras em casa à procura de uma lanterna mas Dickie deve tê-las levado todas para a floresta E no preciso momento em que abres a porta das traseiras para veres se conseguirás encontrar o caminho no escuro um trovão ribomba no céu mesmo acima de ti como se ali estivesse à tua espera e logo em seguida começa a chover torrencialmente como se fosse o fim do mundo Mas se ele acha que isso te vai impedir de fazer o que queres bem que pode esperar sentado Sais pela porta tal como estás vestida Nem sequer levas um casaco Fechas a porta com um estrondo

Ficas encharcada assim que sais A chuva cai sobre ti em ondas O terreno já está a ficar pantanoso Os teus sapatos estão sempre a afundar-se no lodo e por isso baixas-te arranca-los e atira-los em direção à casa e marchas descalça pelo campo fora em direção à floresta Vais dizer-lhe poucas e boas Sem compaixão

Quando chegas à orla da floresta o teu telemóvel apita com uma mensagem de Big Mike Querida Ainda atrasado Vejo-te daqui a pouco ♥ ♥ ♥ ♥ ♥ ♥ Deixas a mensagem aberta para a mostrar a Dickie Estás a ver isto? Chama-me *querida* Olha para estes corações todos Seis

Sem compaixão Dickie Barnes Meu Deus se soubesses o que está para acontecer

*PJ*

Uau, diz Cass.

Sim, dizes.

A chuva veio do nada e está a cair com tanta força que mal consegues ver alguma coisa pelas janelas. Até mal vês os carros que passam por vocês, distingues-lhes apenas as luzes, pálidas e distorcidas como luas em desintegração.

Vamos ficar encharcados se formos a pé para casa, diz Cass. Vira-se para ti. Ligo à mãe? Achas que ela nos vai buscar?

Acho que ela não está em casa, dizes. Acho que tem reunião da Tidy Towns.

E o pai? Queres ligar ao pai?

Finges que estás a pensar nesta possibilidade e depois dizes: E se pedirmos ao motorista que nos deixe sair mais adiante e depois cortarmos caminho pela floresta? Chegamos lá muito mais depressa.

A chuva martela no tejadilho do autocarro. Cass não parece convencida.

Conheço um atalho, dizes.

*Eu* conheço um atalho, riposta ela. Eu *inventei* o atalho. O problema é que está escuro como breu.

Temos os nossos telemóveis, dizes, e depois, como ainda não a convenceste: Jogamos ao carro vermelho, carro azul?

Ela contrai a boca. Olham ambos para a escuridão lá fora. Um carro passa por vocês, e depois outro, mas não lhes conseguem ver a cor, é simplesmente impossível.

*OK, OK*, diz Cass, levantando as mãos no ar. Vai lá pedir ao motorista.

*Augustina*

O colchão no canto está manchado de bolor preto. Em cima do colchão está um saco onde guardas tudo aquilo que tens. O cheiro a mofo aqui dentro é mais do que incomodativo. Ausentaste-te alguns meses, mas a casa parece estar abandonada há anos, como se fosse uma ruína de há muito tempo. Uma árvore cresceu pelo telhado da casa ao

lado. Como se a floresta se estivesse a apoderar da urbanização, bocadinho por bocadinho.

Para onde estás a olhar?, pergunta Ryszard, que surge atrás de ti.

Para a floresta, respondes, apontando para a janela, embora não haja nada que ver ali.

Como é que ele alguma vez pensou que alguém ia querer viver aqui, dizes.

Hum. Não te está a ouvir. Pousa as mãos nas tuas ancas e depois desliza-as até aos teus seios.

Não, dizes. Ele insiste. Não consigo, dizes. Neste sítio, não.

Fodeste-me aqui, diz ele. E fodeste-o a ele.

Viras-te para o olhar. Os seus olhos, os seus lábios brilham, negros, na penumbra. Diz estas coisas para ver como reages. Na verdade, não quer saber, não é ciumento.

Mike alojou-te aqui depois de a sua mulher descobrir o caso. Na altura, era diferente. O colchão não tinha bolor e havia lençóis de algodão egípcio, segundo ele te disse. Quanto tempo passaste aqui? Semanas? Meses? Perdeste a noção do tempo, os dias eram todos iguais. Trazia-te todo o género de pequenos luxos. Comida já pronta todas as noites, todos os cremes e hidratantes e géis de banho possíveis e imagináveis. Mas a água passava de quente a fria e vice-versa, como uma pessoa com febre, e ele não gostava que saíesses de casa, não fosse alguém ver-te.

Sentias, de qualquer maneira, que alguém te observava durante o dia, quando estavas a sós. Como se alguém te vigiasse das árvores. Nunca lhe contaste isso, ele dizia que

não gostava de malucas. Ia deixar a mulher por ti, disse ele, estava só à espera do momento certo. Depois, com o passar do tempo, ele deixou de aparecer. Passaste dia após dia, noite após noite a sós e a olhar para a floresta. Uma noite, um carro parou diante da casa. Achaste que era alguém que vinha para te matar. Foste espreitar à janela mesmo assim, para afastar o tédio. Viste então um homem bonito a tirar peças de maquinaria da bagageira do carro. Quando ele saiu de vez da cidade, foste com ele. Nunca devias ter voltado.

Odeio este sítio, dizes.

Depois desta noite nunca mais cá voltas, diz ele. Pega no casaco. Fica aqui. Não saias.

*Tal como o Mike costumava dizer*, pensas. Mas dizes apenas: Quanto tempo vais demorar?

Encolhe os ombros. Só tenho de ir buscar o dinheiro, diz ele. Depois, aperta-te as ancas e sussurra-te ao ouvido: *Vamos ficar ricos.*

Por vezes, ele parece-te uma casa que nunca foi habitada. Arranjadinha e atraente, mas não completamente concluída. Uma casa em que árvores aguardam sob o soalho o momento certo para se apoderarem das divisões pintadas de branco-sujo.

Apaga a luz quando sai. Só então vês que deixou a lanterna na mesa. Como é que saiu com esta chuva sem a levar? Está mais nervoso do que quer parecer, pensas. Corres até à porta, perscrutas a floresta, mas não o vês. Reentras em casa e sentas-te no escuro. Uma loucura, todo este plano é uma loucura. E tu também és doida por te teres apaixonado

por ele, por teres engravidado dele. Doida por teres regressado a este sítio.

*Dickie*

Corres por entre as árvores o mais que podes antes de te veres obrigado a parar e a baixar as calças. Vomitas na escuridão ao mesmo tempo que esvazias as tripas. Também choras. Esta noite, está-te a sair tudo de dentro. Limpas-te com um lenço de papel, pensas no que fazer com ele, e por fim atira-lo para o meio das moitas. Depois inspiras nervosamente, com dificuldade, e levantas-te.

Sentes-te mais calmo agora que te esvaziaste. Expeliste o pânico juntamente com tudo o resto. Vês agora que Victor tem razão: esta é a única solução. Sim, é uma loucura. Estar aqui, no escuro, com uma arma, à espera para matar alguém — para o *matar* — a sangue-frio é uma loucura, é absurdo, horripilante. Mas, se pensares bem no assunto, quanto da vida não é uma loucura? A própria civilização é uma loucura, é uma loucura continuar a viver com toda a normalidade quando o mundo está a arder. Por isso, esquece lá isso, esquece as tuas ideias sobre o que é certo e errado, não penses mais no destino, nas Fúrias, em castigos, em expiação. Encara o problema com objetividade. Assim que o fizeres, ele tornar-se-á bastante simples. Uma pessoa está a tentar tirar-te algo, e é assim que a deténs. Serás muito provavelmente bem-sucedido. É muito provável que Ryszard morra e que não haja consequências. Nenhum detetive vai aparecer à tua porta com um cachimbo na boca, nenhum coração pulsará na floresta despertando-te com o seu eco sinistro. A culpa não te vai destruir, os teus filhos não vão sentir qualquer diferença em ti, não serás proscrito, e Livros. A verdade é que as pessoas

fazem coisas terríveis todos os dias e o mundo continua, cometem atrocidades e logo retomam o ramerrame das suas vidinhas. Em termos práticos, uma única morte quase não tem existência palpável. É apenas uma questão de veres as coisas desta maneira, de veres as coisas como elas são.

Com esta clareza inexplicável que se assemelha a uma sensação de leveza, de total ausência de peso, comesças a regressar. Mas onde está o caminho? À luz do telemóvel, consegues ver apenas árvores, esqueletos brancos com olhos negros que te rodeiam tão numerosas quanto gotas de chuva.

*Dickie!*

O *walkie-talkie*, que trazes preso ao casaco, entra em erupção expelindo uma coluna de ruído. *São quase dez horas! Onde é que estás?*

Não sei, dizes. A negritude tornou-se de repente quente, sentes-te transpirado, peganhento, como se estivesses dentro de um edifício, no meio de uma multidão.

*Tens de estar por perto*, argumenta o *walkie-talkie*. *Acende a lanterna para ver se te consigo ver.*

Levantas o telemóvel, descreves um círculo no ar.

Vês alguma coisa?, perguntas.

Então?, dizes. Victor? Mas não obténs resposta.

Cambaleias naquela que te parece ser a direção certa. As árvores, molhadas com a chuva, rodeiam-te como se te guiassem. Entre elas, à luz da lanterna, pareces ver... vês...

Estás aí?, dizes. Estás aí?

Respiras fundo. Não te preocupes com o que estás a ver. Tens apenas de refazer o caminho que seguiste até aqui. Realisticamente, não podes ter ido muito longe. *Realisticamente*. Sim! É nisso que tens de te concentrar.

Levas a mão aos olhos, esforças-te, tentas vê-lo. É real, a arma que tem na mão existe mesmo. A Lua é real. As árvores são reais.

Os fantasmas não são reais. Os rostos não são reais.

*Imelda*

Depois entras na floresta e é como se o mundo desaparecesse de imediato subsistindo apenas a chuva e a escuridão Como é que ele pôde pensar que isto era melhor Como pôde abandonar-te por isto

Será que Geraldine tem razão Chegou simplesmente ao fim do prazo Será que as relações conjugais têm um prazo de validade como tudo o resto

Foi o que ela disse Não há muito tempo mas antes de tudo isto acontecer Vocês estavam todas no Bojangles Meninas ouçam disse ela Se pudessem voltar atrás no tempo sabendo o que sabem hoje fariam tudo de novo Se excluirmos os filhos será que alguma mulher boa da cabeça casaria de novo com o mesmo marido?

Bem isso deixou-vos a todas embasbacadas Incluindo Una Dwan que normalmente oferecia sempre algum ponto de vista oposto

No fim quem falou foi Roisin Lembra-te de como a sua resposta te surpreendeu A mulher que se estava a divertir imenso desde que Martin a deixara Era *Swingle* e tudo Divertia-se à grande No entanto foi ela quem o disse: Mas não podemos voltar atrás no tempo

Como dizes perguntou Geraldine

Não podemos voltar atrás no tempo disse ela Não é esse o intuito da coisa De nos casarmos quero eu dizer É por isso que o fazemos Porque não podemos voltar atrás Só podemos

seguir em frente E juramos que vamos seguir em frente juntos Que vamos continuar juntos embora acabemos por mudar adoecer envelhecer É essa a jura

Uma jura pensas agora Sim E imaginas-te a confrontar Dickie *Fizeste uma jura No dia do nosso casamento Fizeste uma jura!*

Mas não te lembras de qual foi a jura

Também a deveres ter pronunciado Lembras-te de estar à frente do padre Mas estavas completamente fora de ti Mal sabias o que estava a acontecer

É impossível pensar debaixo desta chuva Nem sequer sabes se estás a ir na direção certa Sabes que há um trilho mas não o consegues ver e depois Algo se espeta em cheio no teu olho Deve ser um ramo de uma árvore Cais de costas nas folhas molhadas O olho arde-te como se estivesse em chamas O olho que o teu pai esmurrou Naquele dia no casamento E quando te levantas e cambaleias em frente uma vizinha na tua cabeça ri-se e diz afinal talvez tenhas voltado atrás no tempo Imelda Talvez tenhas concretizado o teu sonho

Ridículo Mas a dor é também a mesma é igual Como se tivesse estado todo este tempo à espera para regressar Lembras-te de semicerrares os olhos incluindo o olho ferido e de tentares da mesa mais elevada avistar Frank como se o pudesses fazer aparecer se te esforçasses o suficiente

E depois seres levada pela mão do homem com que acabaras de te casar Quando a banda começou a tocar para a primeira dança *Wonderwall* Viste-te embrulhada em gaze no espelho do outro lado da sala Um relampejo branco de tristeza Um fantasma Dickie com as mãos nas tuas ancas Os

convidados sorriam-te de todos os lados e os seus sorrisos eram uma parede cada vez mais próxima de ti e os braços de Dickie eram uma parede e a casa nova era uma parede e a montanha de presentes era uma parede e todas essas paredes estavam a cair sobre ti e sentiste-te como que a ser enterrada viva

E no fundo da sala pareceu-te ver o teu pai com um risinho na franha e a levantar um copo no ar como se dissesse Bem minha menina estás satisfeita Estás feliz agora

*Cass*

O autocarro encosta à berma e para com um zunido. Vês no outro lado da estrada o caminho de acesso às casas inacabadas e ao trilho que costumavas seguir para o *Bunker* e sentes-te excitada, *Estou de volta! Estou de volta!* Mas percebes que cometeste um erro assim que desces do autocarro. O vento fustiga-te e a chuva flagela-te com chicotadas gélidas, como se estivesses em alto-mar e ondas gigantes varressem o convés do teu navio. Viras-te para PJ, que está a bater os dentes de frio. É melhor voltarmos para dentro do autocarro — tens de gritar para te fazeres ouvir no temporal. Podemos apanhar um táxi no centro. O quê?, grita ele em resposta. *Vamos voltar para o autocarro!*, insistes. Mas o autocarro já está a arrancar e a desaparecer na chuva.

Já não há nada a fazer. Juntas os braços ao peito e corres até ao outro lado da estrada deserta. No entanto, depois de a atravessar, PJ detém-se. O que se passa?, perguntas.

Não responde. A chuva explode no asfalto. A chuva é tão fria que as gotas de água parecem pequenos cristais de gelo.

Não sei se isto é lá muito boa ideia, diz ele.

De que é que estás a falar? Do atalho?

Olha para trás, triste. É óbvio que algo o preocupa, mas não diz o quê. Olha, com ar inquieto, ora para a floresta, ora para a tua cara. Depois pergunta-te se viste o *Samitério de Animais*.

Que caralho?, dizes. Lança-se então num discurso confuso sobre coisas que regressam quando não é suposto regressarem — algo desse género, pois não consegues acompanhar o que diz. Mal o ouves, e chove tanto que é como se te atirassem continuamente banheiras cheias de água para cima. Mas nunca tivemos animais de estimação, dizes-lhe, tentando ser paciente. Olha, vamos andando. Na floresta pelo menos ficamos um bocado abrigados.

Continuas a avançar pelo caminho. PJ segue-te com relutância. Quando te aproximas da urbanização-fantasma, vêes algo: uma luz acesa numa das casas. Não sabia que morava aqui gente, dizes.

Sim, diz PJ.

Sim, o quê? Mora?

Não te responde e dirige-se ao trilho. Agora és tu quem não quer avançar. Podiam talvez bater à porta? Pedir abrigo até a chuva abrandar? Mas nesse momento a luz apaga-se e tu arrepias-te e segues PJ, que saltita de poça em poça até ao silvado.

*Big Mike*

À tua esquerda, a Cantwell House parece um fantasma cinzento saído das árvores. As Creaghan's Stores estão fechadas. A floresta estende-se, ao longe, como um manto negro. Acima dela ergue-se a colina com a antena telefónica. É cada vez mais difícil ver o que quer que seja com esta chuva.

Tens dois mil euros em numerário no bolso esquerdo e uma pistola de êmbolo retrátil da quinta no assento traseiro. Não a vais magoar. Mas tens de ser firme.

O teu pai costumava dizer que nunca se pode confiar numa mulher: com ele, tratava-se de um... como se chama? Ah, sim, de um artigo de fé. A maior partida que Deus alguma vez pregou foi criar os corpos das mulheres e depois pôr-lhes cérebros de mulher dentro, dizia ele. É como pôr um envenenador a gerir uma loja de doces. Nunca te pareceu ser daquelas que gostam de complicar a vida a um homem. Mas agora vê bem no que deu. Nem sequer te diz que voltou, aparece na puta da rua principal e só sabes que está cá porque o teu capataz te contou. *Vejo que a tua antiga criada está para formar família.* Com um sorrisinho trocista.

Jogos mentais — é assim que agem. Sabia que te haviam de contar que voltou. Planeava aparecer de repente e apanhar-te de cuecas na mão. Quando já estivesses todo borrado de medo. Mas não está à espera que apareças hoje à noite. Vais adiantar-te à sua jogada.

Passaste a casa dos Barnes. Já não falta muito. Atenção à estrada. Aqui vamos nós.

Estacionas a meio do caminho e continuas sentado por um minuto. As luzes da casa estão apagadas, mas sabes que ela está lá dentro. É preciso ter uma lata descomunal para ocupar a puta da tua propriedade quando só voltou à vila para te apertar os tomates e sacar algum. Quando a instalaste aqui, só se queixava da casa. Era demasiado húmida, demasiado fria, nada funcionava. Não gostava da floresta. Porque voltou? Vai dizer que veio por causa do dinheiro, mas és capaz de

apostar seja o que for que ouviu falar que andas metido com Imelda. Nunca suportam imaginar-te com outra mulher. São ciumentas por natureza. Até as bonitas — sobretudo essas. Ao início é tudo muito lindo, mas depois passam o resto da eternidade a sobrevoar-te em círculos, como abutres.

Não vens cá há meses — desde que ela fugiu. Olhar para estas casas deprime-te. Costumavas vir cá todos os dias; visitava-la e trazias-lhe isto e aquilo. Usava uma *t-shirt* verde. A Menina Inocente. Foi quando começaste a reparar nela. A vê-la com olhos de ver. Quando passava a ferro com aquela *t-shirt* vestida. O modo como mexia os braços nus — para a frente e para trás, por entre as nuvens de vapor —, e os seus olhares fugidios, tímidos — e os seus olhos verdes — chamaram-te a atenção. E entranharam-se-te na cabeça até já não conseguires pensar direito.

Disseste-lhe que fugirias com ela. Não queria voltar para o Brasil. *OK*, então vamos para a Tailândia. Para a Patagónia, para a Costa Rica. Estou-me a cagar, desde que seja um sítio quente e ninguém nos encontre. Pura loucura, é claro. Dizes estas coisas no calor do momento. Mas, por outro lado, porque não? Se o mercado não tivesse estagnado, podias ter vendido estas casas. E esvaziado lentamente as contas durante, digamos, seis meses. Um dia, desaparecias de repente. Podias ter passado o resto da vida a jogar golfe e a beber *piñas coladas*. Em vez disso, estás aqui, preso na puta da teia de aranha de Joan. Já chega. Concentra-te. Estás tramado se se souber por aí que ela está grávida, e não interessa quem é o pai da criança. Bem podes dizer adeus a

Imelda, a Joan, e muito provavelmente também ao *stand*. Sim, ela pensou em tudo.

Dás uma olhadela ao telemóvel e envias uma mensagem breve a Imelda. Quase a chegar Querida Mal posso esperar. Depois pegas na pistola de êmbolo retrátil e saís do carro.

A Menina Inocente — que piada. Se um homem soubesse o que vai dentro da cabeça de uma mulher, punha-se logo a milhas, dizia o teu pai.

Que apodreça para todo o sempre, o cabrão.

*Dickie*

Mas os rostos não estão tristes. Riem-se — estão contentes. Corre tudo às mil maravilhas. A banda começou a tocar os primeiros acordes. Olhas em volta em busca de Imelda.

*Dickie!*, solta o *walkie-talkie*. *Onde caralho te meteste? Onde estás?*

No casamento, respondes num fio de voz.

*O quê? Não te consigo ouvir. O que disseste?*

Sorris aos convidados, aos rostos rosados e inexpressivos, aos donos de *stands* que o teu pai achou conveniente convidar, aos Nolans de Banaher, aos Tighes de Rathcoole; acenas-lhes e abres caminho por entre o salão à pinha e chegas à pista de dança para dar início ao baile.

Sim, a boda é um sucesso, pensas. É claro que é uma pena Paddy Joe não ter podido vir. As pessoas decerto se perguntaram porquê. O pai da noiva não veio? Tu próprio te perguntaste o que teria acontecido. *Assim é menos um discurso que têm de grammar!*, disseste-lhes. E foi melhor assim, sem dúvida. Deus sabe que já estavas a arriscar demasiado mesmo sem o teres por lá.

A tua mãe suplicou-te que não organizasses uma boda tão grande. Porque não fazes uma festa mais pequena?, perguntara-te. Para quê todo este espetáculo? Mas tu insistiras. Tinha de ser em grande, tinha de ser uma coisa à Frank. Não querias que parecesse um prémio de consolação. *Vamos ser felizes no meio de toda esta tragédia* — foi o que lhe respondeste. *Devemo-lo ao Frank*.

E tinhas razão, não tinhas? Embora soubesses que durante algum tempo as pessoas tiveram as suas dúvidas. Nas esquinas, nos *pubs*, na estação de serviço — aos gritos, com as bombas de gasolina de entremeio, enquanto abasteciam o depósito —, os teus conterrâneos discutiram se aquela seria a coisa certa a fazer. Mas haviam deixado tudo isso para trás, já nem pensavam nisso, e estavam a torcer por ti, Dickie, como outrora torceram por Frank no campo de futebol. O rapaz dos Barnes saiu-se bem, diziam entre eles. Fez o que tinha de fazer com a mulher, e com o *stand* também; pôs as suas ideias de lado e ajudou a família a enfrentar a tragédia. E agora não se ia casar com a rapariga mais bonita do país?

Não havia quem não gostasse de uma história assim. As pessoas da vila foram em massa à igreja, entoaram hinos religiosos e choraram durante a leitura dos votos. No fim da cerimónia, perfilaram-se junto à porta — ainda em maior número do que no funeral — para te apertarem a mão. Livres do fardo dos pêsames e do embaraço das palavras de circunstância num momento de dor, olharam-te nos olhos como se te vissem pela primeira vez. És boa pessoa, Dickie, disseram. *Maith an fear*. Boa pessoa.

O único senão foi a picada de abelha; ela não tirou o véu. Por outro lado, seria assim tão mau? Dava a entender que abaixo da superfície havia ainda alguma tristeza e calava todas as vozes que poderiam, de outro modo, ter alegado que as celebrações eram inapropriadas, *demasiado* alegres. Qualquer pessoa que assim o desejasse podia, no rosto velado de Imelda, divisar a dor que tinham sentido, o quanto vos custara chegar ali.

Suspiraste de alívio quando a música começou a tocar e conduziste Imelda à pista de dança. Estavas na reta final, tinhas conseguido. Pela primeira vez em muito tempo (pela primeira vez na vida?) sentiste-te a pisar terreno firme. Viraste-te para ela e sorriste. Mas, quando lhe pousaste as mãos nas ancas, ela sobressaltou-se e deu um passo atrás. Perguntaste-lhe, num murmúrio, se se sentia bem. Olhou-te por um instante como se não soubesse quem tu eras. Depois, levantou as pregas do vestido, virou-te costas e largou a correr.

Talvez devesse ter antecipado uma reação destas. Estivera estranha o dia todo e, durante os discursos, tiveras a sensação de que uma certa agitação, um desespero crescente transbordante ia fermentando por baixo do véu. Ela virava a cabeça para um lado e para o outro em busca de alguma coisa, de alguém: do pai dela, concluíste. Naquele momento, quando largou a correr, pensaste se o teria finalmente encontrado entre os convidados. Mas ela transpôs a porta, dirigindo-se à sala de receção, e desapareceu de vista.

Os convidados não conseguiram sequer reagir, tal foi o seu espanto. A música parou, a banda olhou boquiaberta e

incrédula para o sítio de onde ela tinha desaparecido. E tu, com um sorriso estampado no rosto, ficaste embasbacado na pista de dança, a sós sob as luzes cintilantes, sem saberes o que fazer. Por um momento, pareceu-te que tudo poderia colapsar. Pareceu-te ver as fendas propagarem-se pelo chão, pelas paredes, e os convidados começarem a pestanejar e a entreolharem-se, como se a acordarem de um sonho. Depois olhaste para a tua mãe, que impassivelmente observava tudo isto da mesa mais alta, e, num surto de inspiração, foste ter com ela e deste-lhe a mão.

Naquele dia, estava vestida de cinzento, o mais que se conseguia afastar do seu preto de luto: um cinzento de pedra, como uma estátua, e o seu rosto era também o de uma estátua. Não dissera uma palavra, parecera nem sequer se mexer durante todo o dia, como se temesse que o mais pequeno tremor de vida levasse a mágoa a explodir-lhe pelos ossos do rosto a fim de a destruir. No entanto, levantou-se da cadeira como se aquilo tivesse sido o seu plano desde sempre. Sentiste-lhe os dedos solícitos, mas frios, como se fossem feitos de mármore. A banda recomeçou a tocar e vocês os dois dançaram ao som da canção idiota. Os convidados assistiram a este espetáculo com sorrisos de ternura e aplausos e *flashes* de máquinas fotográficas: como se aquela fosse, no fim de contas, a primeira dança, como se pensassem que aquela era de facto Imelda, ou como se não importasse que não fosse Imelda, e no seu lugar estivesse a tua mãe em luto, que dançou sem qualquer expressão na pista. Acreditaram em ti, como concluíste — acreditaram na pessoa com que depararam naquela noite, acreditaram na

transformação que testemunharam e que tornou o rapaz esquisito em alguém semelhante ao seu irmão. Tinham-te aceitado como um dos seus, e recusar-se-iam simplesmente a ver qualquer coisa que pudesse abalar essa sua aceitação. Era isso que significava pertencer à comunidade.

A dança foi uma confirmação do teu sucesso, do sucesso daquela noite e, contudo, sentiste, em pleno momento de triunfo, um calafrio percorrer-te, uma sensação estranhamente parecida com a que tiveras na faculdade quando, ao escreveres uma dissertação, premiras a tecla errada e a apagaras acidentalmente; e, quanto mais pensavas que não podia ter desaparecido de verdade, mais desaparecida ela estava. Mas o que tinha sido eliminado naquela noite? O que tinhas perdido? Quando a canção atingiu o clímax e as vozes dos convidados se juntaram à do refrão, procuraste e procuraste, mas não encontraste nenhuma resposta: deste-te apenas conta daquela sensação gélida e persistente de estares *exposto* de uma maneira que não te lembravas de alguma vez teres sentido, como se certas proteções, feitiços mágicos que te resguardaram toda a tua vida sem que o soubesses tivessem desaparecido de repente e te visses a sós, sem nome, entre desconhecidos.

A canção terminou e a multidão aplaudiu e gritou vivas. A tua mãe soltou-se-te dos braços e disse amargamente: *Vai ter com a tua mulher, Dickie, por amor de Deus.*

Afastaste-te dela, trôpego, e alguém te pôs uma cerveja na mão, mas não a bebeste com medo de que te subisse de imediato à cabeça. No calor do momento, todos te pareciam estranhos e horrendos, o suor escorria-lhes pelo rosto, os seus

corpos pareciam uma floresta noturna, branca-osso e preta-sepultura, uma floresta que avançava, impedia a passagem e retrocedia, como se te encaminhasse para um trilho secreto...

*Dickie, Dickie, comunica,* diz Victor através do *walkie-talkie. Estás aí, Dickie?*

Sim, respondes num fio de voz. Sim, estou aqui.

*Onde? Onde estás?*

Olhas em volta. O vento varre a clareira, as árvores curvam-se perante ti, são feiticeiros numa sessão de magia negra. O salão de festas, os convidados, a cerveja na tua mão — tudo isso desapareceu.

Mas o trilho ainda ali está.

Estou perto, dizes. Estou a caminho.

*Imelda*

Correste Os teus olhos latejavam e ardiam de vergonha Com o vestido colado às costas por causa do calor Correste o mais depressa que as tuas pernas de permitiram para fora da sala de receção com as suas colunas e a sua madeira escura e atravessaste o átrio até à grande escadaria Não sabias para onde ias até chegares ao teu quarto Abriste a porta de supetão Bateste-a com estrondo depois de entrares

A suíte nupcial do hotel Burke's Era o quarto mais luxuoso em que já tinhas estado Todo dourado e com brasão Champanhe num balde numa mesinha Mais presentes empilhados na cómoda Utensílios de cozinha serviços de loiça peças de cristal lençóis O resto da tua vida amontoado numa pirâmide e atado com lacinhos

Foste até à janela levantaste o estore Olhaste pela janela não havia nada que ver Os últimos resquícios da tua esperança desapareceram suavemente quase sem se fazerem

notar E nesse momento perguntaste-te como podias ter acreditado Tinha vivido só para aquilo O sonho de uma criança um conto de fadas

A verdade é que mesmo na melhor época Frank nunca fora homem de aparecer quando devia Quando estava vivo Saudável Deixava os desgraçados dos miúdos da equipa de infantis à chuva à espera que ele chegasse para os treinar E quanto a casamentos Não eram a sua cena sem dúvida Mal conseguia falar do seu próprio casamento sem antes emborcar cinco cervejas e mandar abaixo uma linha de coca

Sim ia ser muito improvável de qualquer maneira como te apercebeste nesse momento

Do andar de baixo vinha o som distante de música gargalhadas e quando estavas à escuta deste burburinho lembraste-te de uma coisa Uma história que tinhas ouvido certa vez Sobre um viajante que entra numa montanha e depara com um festim mágico Com pessoas bonitas a dançarem e a rirem-se Essas coisas todas Tudo revestido a ouro Junta-te a nós dizem eles contentes por o ver e ele assim faz Diverte-se imenso pensa que o momento de alegria nunca mais terá fim Até que termina de facto e de manhã ele acorda no alto da colina Vai para casa mas passaram-se cem anos e não encontra lá ninguém Desapareceu tudo a sua família a sua vida

O que lhe resta fazer senão desaparecer

Ligas a televisão deitas-te na cama A apresentadora daquele programa está a publicitar extensões de cabelo

No fim de contas talvez vás para Inglaterra Uma mulher desgraçada num abrigo em Cricklewood Uma bruxa

esfarrapada a beber sidra atrás da estação  
Amanhã disseste em voz alta  
Depois a porta abriu-se e lá estava ele

*PJ*

As coisas estão sempre a regressar. As aves. Os cometas.  
As folhas das árvores.

Sim, isso é verdade.

Renascem, diz ela. A natureza é assim mesmo.

Sim, nisso tens razão, dizes. Tinha-me esquecido disso.

Sabes que ela está a tentar animar-te, mas não está a funcionar. Tens uma sensação estranha, como quando num filme alguém desce as escadas, às escuras, até uma cave e estás a ver aquilo e a pensar que ninguém faria tal coisa, mas agora esse alguém és tu e continuas simplesmente a descê-las. À tua volta, a floresta boceja como uma boca com um milhão de dentes, e a forma como as folhas negras e molhadas brilham e gotejam à luz da lanterna faz-te pensar de novo em vísceras de esquilo, como se toda a floresta estivesse coberta delas. Quem te dera poder simplesmente voltar para trás! Mas sabes que Cass se riria de ti se o pedisses, e além disso está alguém (quem?) na casa do sexo, por isso, não podes voltar e continuas a caminhar.

Já me tinha esquecido de que aqui não há merda de rede nenhuma, diz Cass, quando olha para o telemóvel. Apanha rede por um segundo, e depois perde logo o sinal.

O pai diz que são os espíritos.

Os espíritos?

Sim, ele diz que os espíritos controlam a rede.

Ela não tece qualquer comentário a esta revelação. Olha para cima e à volta e vê a noite tenebrosa. Onde estamos?

Acho que estamos a ir bem, dizes.

Achas?, diz Cass. O que é que aconteceu ao caminho?

Estamos no caminho, dizes. As ervas devem ter crescido demasiado. Embora te comeces de verdade a perguntar se estão mesmo no caminho ou sequer *num* caminho, porque neste preciso momento não reconheces nada à tua volta. É como se a floresta se tivesse reorganizado ou fosse uma floresta completamente diferente, ainda que isso seja impossível, como é óbvio.

Não estamos perdidos, pois não?

É só por causa da tempestade, dizes-lhe.

Um novo trovão ribomba no céu, a chuva cai torrencialmente TTTCCCCCHHHHHH. Perguntas-te se serias sequer capaz de encontrar o caminho de volta à estrada se desses meia-volta — se é que há ainda sequer uma estrada para encontrar.

Depois, no meio de todo este barulho, ouve-se um *ping* com toda a nitidez. Pouco depois: Oh, meu Deus, diz Cass.

O que foi?

Nada é só que... vão publicar o meu poema.

O quê?

Acabei de receber um *e-mail*. Ri-se. Numa floresta a meio da noite — que aleatório.

Escreveste um poema?, perguntas.

É só para uma revistinha da universidade, diz ela. Nada de especial.

Vai sair numa revista?, perguntas. Numa revista a sério? Feita de papel?

Sim, mas ninguém a lê, diz ela.

Uau, dizes. Se calhar vais ser famosa!

Ela ri-se outra vez e diz-te que quando for uma poetisa milionária e morar numa grande mansão podes ficar em casa dela sempre que quiseres. Depois, levanta a mão. Espera, diz ela. Ouviste alguma coisa?

Não, dizes, mas depois põe-te a pensar. Tipo o quê?

Não sei, diz ela. Tipo alguma coisa a restolhar, diz ela. Como se alguém estivesse a caminhar no meio das árvores.

Não é só o som da chuva?, perguntas.

Ela não responde.

E vocês os dois olham fixamente para a escuridão, e ficam à escuta.

*Augustina*

Com as luzes apagadas, a casa parece mais pequena, uma coisa minúscula no meio da tempestade. As paredes abanam, o vento é como uma grande mão que bate com a palma no telhado — não, espera, alguém está mesmo a bater à porta. Corres até ao átrio, vês uma forma através do vidro.

Augustina! Abre a porta!

Mas os contornos da forma não correspondem aos de Ryszard. E também não é a sua voz.

Estou a ver-te! Abre a puta da porta!

Apagas de novo a luz e corres de volta à cozinha. Como é que ele veio cá parar? Porquê?

Bate de novo à porta. Segue-se o som de algo a tilintar e uma sucção metálica e intestinal quando experimenta uma chave na fechadura.

Deixa-me em paz!, gritas do fundo do átrio.

Já entrou na casa. Está ao fundo das escadas. Acende a luz. Deixo-te em paz? Estás na puta da minha casa! Dá um

passo na tua direção, em seguida outro. Recuas até à cozinha. Desculpa, gaguejas. Não vou ficar aqui.

Ninguém te mandou voltar para cá!, grita Mike.

Não vou ficar aqui, insistes. Vou já embora. Só tinha de cá vir buscar uma coisa. Nem sequer sabes se te está a ouvir. Tem os olhos negros, mortíferos. Por favor, choramingas. Estou grávida.

Mas isso só o deixa ainda mais colérico. Grávida?, repete ele. Grávida? E começa a gritar palavras que não fazem qualquer sentido, dinheiro, rua principal, tanchagem — aproxima-se ameaçador de ti, grunhe como um urso, tu choras, pões as mãos em volta da barriga. Depois, recua inesperadamente quando um braço surge em volta do seu pescoço. Ryszard, encharcado em chuva, agarra-o por trás e dá-lhe murros na cabeça. Mike estende o braço sobre o ombro para atacar os olhos de Ryszard, lança-se para trás para o esmagar contra o lintel da porta. A luz acende-se de novo, apaga-se outra vez.

*Imelda*

Dickie aproximou-se de ti Ajoelhou-se ao teu lado Posso ver? Perguntou E afastou o véu As cores as luzes queimaram-te o olho como ferros em brasa Viste-te ao espelho vermelha como se em carne viva e inchada

Isto não é de uma picada de abelha pois não perguntou ele Quem é que te fez isto Foi ele

Não respondeste O que interessava saber quem tinha feito o quê Viraste-te para a parede

Ele afastou-se foi até junto do balde com champanhe Pegou num cubo de gelo embrulhou-o num lenço de pano e

encostou-to ao olho Tocou-te com gentileza Segura-o aí disse  
ele e assim fizeste Sentiste o frio morder-te a pele

Dickie sentou-se na cama ao teu lado Pousou os cotovelos  
nos joelhos a cabeça nas mãos Os ombros começaram-lhe a  
tremem O que é que eu fiz disse ele

Sem o véu conseguiste vê-lo nitidamente pela primeira  
vez Na verdade ele era a primeira coisa que vias nitidamente  
desde há muito tempo Ao vê-lo ali sentado percebeste que  
também ele era um fantasma Que Frank tinha partido e o  
deixara cá como a ti Com a vida terminada mas ainda a  
vaguear pela terra

Percebeste que ele achava que aquela noite mudaria as  
coisas Que ele esperava que acontecesse alguma coisa  
Alguma transformação ou algum salto para outra realidade  
Tal como tu Mas ali estavam vocês os dois a sós num quarto

Gostarias de o confortar Ele estava muito triste Mas o que  
lhe podias dizer Que consolo pode dar um fantasma a outro  
fantasma Por isso viste-o chorar e recordaste-te da tua mãe te  
dizer quando eras pequena que havia segredos entre uma  
mulher e um homem que só descobririas na tua noite de  
núpcias E perguntavas-te se ela queria dizer que não havia  
nada simplesmente nada Se o segredo seria precisamente esse  
Que não havia feitiços Não havia magia Que na noite de  
núpcias duas pessoas se juntavam num quarto e viam pela  
primeira vez a vida a estender-se infindavelmente diante delas  
E recostaste-te na cama fechaste os olhos e pediste a Deus  
para morreres ali mesmo

Foi então que o sentiste

*Cass*

A floresta é um mar de gnomos que te esbofeteia, que te empurra, que te soqueia, que te agarra pelos braços e tornozelos. Corres até não poderes mais. Depois, paras, ofegante, e levantas o telemóvel no ar. Vês o rosto de PJ — pálido, a escorrer água. Viras a luz do telemóvel para as árvores em redor. Deparas com a mesma massa indistinta em todas as direções. Bem, agora estamos mesmo perdidos, dizes. Apontas de novo a luz para PJ. Porque começaste a correr?

E tu, porque é que começaste a correr?, riposta.

Estava a seguir-te!

Pareceu-me ver uma coisa, confessa ele.

Um gato?, perguntas. Um gato *zombie* ressuscitado?

Ele baixa o olhar, franze os lábios.

Então, onde estamos?

Pensa um pouco e depois estala os dedos. Acho que podemos saber para onde fica o norte se virmos de que lado das árvores cresce o musgo.

Achas? Ou tens a certeza?

Tenho a certeza, diz ele, o musgo indica o norte.

Olham os dois para as árvores mais próximas mas ou não têm musgo ou estão cobertas de musgo por todos os lados.

Que se foda esta floresta, dizes. PJ admite que na verdade também não importa, porque, seja como for, não sabe em que direção fica a casa.

*Dickie*

Caminhas na escuridão. Os caminhos desdobram-se em dois uma e outra vez. Escolhes sem pensar, todos eles conduzem ao mesmo sítio.

*Dickie, diz o walkie-talkie. Dickie, acho que temos companhia.*

Levas a mira da arma ao olho. À mira de visão térmica, tudo surge duplamente escuro, como se toda a vida tivesse sido erradicada do planeta. No futuro, é assim que o mundo vai parecer o tempo todo. Será uma escuridão iluminada apenas por inimigos.

*Augustina* A casa está de novo em silêncio. Deixa-la para trás. Mike deixou a chave na ignição. Fazes inversão de marcha, conduzes até à estrada. Tens todas as tuas posses no saco no assento traseiro e dois mil euros em numerário no teu bolso esquerdo.

*Imelda* Na primeira vez pensaste que tinha sido apenas imaginação tua  
Depois sentiste-o de novo como quem bate a uma porta  
Dickie! disseste  
Ele levantou a cabeça e parou de se lamuriar Pegaste-lhe nas mãos e pousas-te-lhas na tua barriga  
Sente disseste  
E ele de joelhos ao lado da cama olhou para ti boquiaberto  
Cá está ela disseste É ela  
E ela Tu sabias que era uma ela Ela pontapeou e continuou a pontapear como se tivesse acabado de perceber como o podia fazer Olá Olá Cá estou eu Olá

*PJ* Isto é ridículo, diz ela, e abre o teclado no telemóvel.  
O que estás a fazer?, perguntas.

Vou ligar ao pai, diz ela.

Sentes o sangue gelar-te. Não podes!, exclamas.

Este sítio está a dar comigo em doida!, grita-te ela em resposta. Atiras-te ao telemóvel, mas ela esquiva-se e afasta-te com um empurrão. Mas que caralho?!, grita. Deixa de ser uma criancinha! Acercas-te de novo, mas ela empurra-te como quando eram pequenos. Continua a ser mais alta e mais forte. Por isso podes apenas observá-la à distância, odiá-la, enquanto se agacha defensivamente com o telemóvel ao ouvido.

*Imelda*

Ficaram assim por muito tempo ele ajoelhado à tua frente as tuas mãos nas mãos dele na tua barriga como se a barriga fosse o mundo inteiro o que na verdade era no que a ela dizia respeito

E ao mesmo tempo sentiste o mundo reagrupar-se à tua volta ou tu a reagrupares-te nele porque percebeste que a partir de então as coisas teriam de ser diferentes Acabara-se o tempo dos lamentos Já não podiam continuar a ser fantasmas tristes Teriam de ser feitos de carne e sangue e de existir aqui Os dois juntos E percebeste que ele também o tinha percebido Agora estamos juntos nisto disseste Presumo que sim que estejamos disse ele Não há volta a dar Riste-te Ele riu-se juntamente contigo encostou o ouvido à tua barriga o festim dentro da montanha

E apercebes-te que foi essa a jura Naquele momento Ali Naquele longo momento *Estamos juntos nisto* Duas pessoas que deviam estar mortas e enterradas Agora estavam ali num quarto numa vila juntas vivas Foi isso que a bebé vos disse quando começou a dar-te pontapés na barriga Estão vivos

dizia ela Isto é um milagre Vou continuar a dar pontapés até perceberem

*Dickie*

De repente, ouves um som por entre a chuva, um som familiar que, no entanto, demoras alguns segundos a reconhecer. Jesus! Esqueceste-te de pôr o telemóvel em silêncio! Enfiás uma mão no bolso e saca-lo e vês «CASS».

E ficas petrificado por um algum tempo. Vês o telemóvel brilhar na tua palma, a luz acende e apaga: lembras-te então vagamente, em resposta à chamada, de quando ela era tão pequena que te cabia na mão e sentias o seu coração bater na tua palma.

*Imelda*

E então do nada o teu telemóvel apita com uma mensagem Deve ser Dickie Está a pensar o mesmo que tu Lembras-te daquela vez Sim Fez-me perceber A mim também Achas que podemos Sim Podemos tentar Fica onde estás que eu volto para trás

Mas não Quase a chegar Querida Mal posso esperar

Big Mike Já te tinhas esquecido dele Estacas em plena floresta

*Dickie*

Então, ouves de novo a voz de Victor pelo *walkie-talkie*:  
*Dickie! Estou a vê-lo! Tenho contacto visual!*

Pões o telemóvel em silêncio e guarda-lo no bolso.

*PJ*

Cass afasta o telemóvel do ouvido, embrenha-se nas árvores sem olhar para trás.

*Imelda*

Começas a responder-lhe Mas não sabes o que lhe dizer Seja como for não podes ir ter com ele com o olho todo

inchado Esquece isso por agora espera até voltares para casa  
Espera até tirares Dickie desta floresta para já isso é o mais  
importante Não é bom pernoitar ao relento com este tempo  
havendo ou não *Bunker*

*Cass*                    Continuas a embrenhar-te na floresta. Está escuro como  
breu, apesar de terem as lanternas do telemóvel acesas: é  
como caminhar em matéria escura.

*Imelda*                Não ele não anda bem há algum tempo Não é a mesma  
pessoa As coisas têm mudado muito Talvez lhe fizesse bem  
falar com alguém Una talvez possa indicar uma pessoa Ligas-  
lhe amanhã Sim pensas e aproveitas e ligas também a Lar  
Vais dizer-lhe para ficar em tua casa Insistes desta vez Não  
vos falta espaço O que é que as tuas amigas acharão dele Das  
tuas verdadeiras origens Roisin talvez goste dele Ele pode ler-  
lhe a sina Vais encontrar um cão preto

                          E nesse instante perdes o sorriso Imobilizas-te no meio da  
floresta

                          Como se o pudesses ver nas sombras Como se existisse de  
verdade e estivesse ali mesmo à tua frente

                          Embora achasses que tinha vindo buscar Rose

                          A olhar para ti com olhos enormes

*Dickie*                Contacto visual, não, não tens. Mas ouves alguma coisa,  
ou pensas que ouves. E quando levantas a mira — não está  
ali? Ainda longe, mas a aproximar-se?

*PJ*                     Está tão escuro que já mal a consegues ver, é uma sombra  
entre as sombras. A sensação estranha de desceres umas  
escadas até uma cave que sentiste antes desapareceu. Já estás

na cave. E ela deve sentir o mesmo, porque a sua voz te chega débil do fundo da escuridão: Conta-me alguma coisa científica.

Científica?

Um dos teus factos, conta-me alguma coisa, preciso que me distraias.

*OK*, dizes. De alguma área científica em especial?

Qualquer coisa.

Pensas por um momento. Sabias que no teu corpo há mais células bacterianas do que células humanas?

A sério?

Muitas mais. Tens quinhentas espécies diferentes de bactérias só no teu intestino. Tens dentro de ti bactérias suficientes para encher uma garrafa de dois litros. Alguns genes humanos tiveram origem em bactérias.

Bem, isso é nojento, diz ela.

Sim, dizes. Mas é interessante. As pessoas preocupam-se muito em serem este tipo de pessoa, ou aquele tipo de pessoa, mas se tens dez vez mais células não humanas do que células humanas, de certa maneira tu nem sequer és *tu*.

Até nos tira alguma pressão de cima, dizes. Acho que resolvíamos muitos problemas se as pessoas soubessem que são sobretudo compostas por bactérias.

Cass ri-se. *Tu* és mesmo tu, não haja dúvida nenhuma, diz ela. Com ou sem bactérias. Tu és tu, cem por cento. Abana a cabeça e, por um momento, és acometido por um surto de felicidade, ali, ao vento e à chuva, como se, de algum modo e apesar de tudo, o futuro fosse ser bom.

Depois, Cass diz: Olha! Aquela não é a árvore esquisita?

*Imelda* E sem saberes porquê começas a correr O mais depressa que consegues Corres até Dickie tal como no casamento fugiste dele a correr Mas o solo é traiçoeiro As raízes e os arbustos prendem-te os pés Os ramos picam-te esbofeteiam-te golpeiam-te esfaqueiam-te A própria escuridão empurra-te para trás como se tentasse impedir-te de chegares até ele como se não quisesse que chegasses lá a tempo Mas a tempo de quê? A tempo de *quê?*

*Cass* Oh, sim, diz ele. Afinal, devíamos ter andado este tempo todo na direção certa.

*Dickie* Sim, lá está ele, um vulto! Vermelho, branco e dourado, quão quente, quão brilhante na escuridão densa como tinta! Prometeico! Que coisa que a vida é!

*Imelda* Tal como no sonho quanto mais depressa corres menos te parece que saís do sítio Mas continuas a correr Sabes que ele está por aqui Que estás perto

*Dickie* Ele está quase aqui! Estás em posição? Sim, estás em posição. Sim, estás pronto. Estás pronto há muito tempo — percebe-lo agora.

*Imelda* Dickie! gritas Mas a chuva abafa-te as palavras

*PJ* Agora vês finalmente o *Bunker* à vossa frente.

Não parece estar aqui ninguém, diz Cass. Acho que nos podemos abrigar por um minuto.

E sentes-te enregelar por dentro como se tomado por um terror dormente.

Cass, sussurras. Mas como poderias descrever o que sentes?

*Dickie* Levantas a espingarda. Respiras fundo. As pessoas têm de fazer diariamente coisas feias ou até mesmo imorais. Por vezes, há que fazer sacrifícios por aqueles que amamos. Por vezes, sacrificamos a melhor parte de nós.

*Imelda* Por isso corres outra vez mais depressa Ainda mais depressa Como se pudesses correr de volta ao passado Tirar o teu véu de novo Enxugar-lhe de novo os olhos Deitarem-se de novo juntos na cama

*Cass* PJ detém-se e volta-se para ti, de braços caídos, olhos arregalados, e sussurra: Desculpa ter-te feito perder a tua festa.

*Dickie* O mundo é como é. A culpa não é tua. Só podes pensar na tua família. Tentar ao máximo protegê-la do pior. E, quando o mundo se abater sobre vocês, resta-te apenas garantir que não sofre.

*Imelda* Pousar as tuas mãos nas mãos dele na tua barriga e dizer-lhe de novo Agora este é o mundo que temos O mundo será o que fizermos dele

*Dickie* São dois! Estás a vê-los? Sim, vêes as suas lanternas brilharem por entre os arbustos. Mas manténs-te calmo, nunca te sentiste tão calmo.

*Cass*                    Sussurras-lhe em resposta: Ainda bem que foste até lá.  
Estou contente por te ter encontrado.

*Dickie*                Ajoelha-te, pousa o cotovelo na coxa, apoia a arma no  
ombro. Lembra-te do porquê de estares a fazer isto.

*PJ*                     Um estalido algures — uma luz na escuridão...

*Imelda*              Não é tarde de mais Podemos recomeçar

*Cass*                    Esquilo-cinzento!, gritas e agarras a mão do teu irmão...

É por amor. Estás a fazer isto por amor.

# **AGRADECIMENTOS**

Obrigado a: Hermione Thompson, Mitzi Angel, Simon Prosser, Natasha Fairweather, Matthew Marland, Milo Walls, Mary Chamberlain, Yasmin McDonald, Sarah Bannan, Ailbhe Reddy, Ciaran O'Neill, Hannah Lennon, Christopher e Kathleen Murray, Christian Dupont e à Biblioteca Burns da Universidade de Boston.

Agradeço ao Arts Council of Ireland o apoio financeiro que me providenciou.

Agradeço a Joe Nugent e Annemarie Lawless a amizade e as histórias.

A Miriam e Parker: amor e gratidão eternos.